Ronaldo Helal, Leda Costa
e Carol Fontenelle (Orgs.)

ESPORTE, MÍDIA, IDENTIDADES LOCAIS E GLOBAIS

Uma produção do
Seminário Copa América

Autoral

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Ronaldo Helal, Leda Costa
e Carol Fontenelle (Orgs.)

ESPORTE, MÍDIA, IDENTIDADES LOCAIS E GLOBAIS

Uma produção do
Seminário Copa América

Autoral

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Copyright © 2021, Ronaldo Helal, Leda Costa e Carol Fontenelle

Editora

Léa Carvalho

Capa

Design: MaLu Santos | Imagem: Adobe Stock

Diagramação

MaLu Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

E79

Esporte, mídia, identidades locais e globais [recurso eletrônico] : uma produção do Seminário Copa América / organização Ronaldo Helal, Leda Costa, Carol Fontenelle. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Autorale : FAPERJ, 2021.

recurso digital; 7mb

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Apêndice

Inclui bibliografia e índice

ISBN 9786599240645 (recurso eletrônico)

1. 1. Copa América (Futebol) - História - Brasil. 2. Jogadores de futebol - América do Sul. 3. Livros eletrônicos. I. Helal, Ronaldo. II. Costa, Leda. III. Fontenelle, Carol. IV. Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

21-71320 CDD: 796.334098

CDU: 796.332(8)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora poderá ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma - nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados.

AUTORALE

Um Selo da Metanoia Editora
www.autoraleedicoes.com.br
Rua Santiago, 319/102 - Penha
Rio de Janeiro - RJ - Cep: 21020-400
21 2018-3656 | 21 96478-5384

Impresso no Brasil

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Este livro é dedicado à memória da professora Simoni Guedes.

Agradecimentos

A presente obra foi publicada com verba da bolsa de Cientista do Nosso Estado (CNE), concedida ao professor Ronaldo George Helal. O CNE é um programa desenvolvido pela FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

Sumário

Agradecimentos

Apresentação

1 | Copa América 100 anos: da confraternização no alto do morro à estridência da mídia e à (quase) indiferença da plateia
Sérgio Montero Souto

2 | Por uma estória da Copa América: a construção narrativa de microcontos sobre o Campeonato Sul-Americano / Copa América (1916-2020)
Rafael Duarte Oliveira Venancio

3 | Uma Copa no meio da obra: a visão do Campeonato Sul-Americano de 1949 pelo Jornal dos Sports e Correio da Manhã
André Alexandre Guimarães Couto
Álvaro Vicente do Cabo

4 | As expressões futebolísticas nas crônicas esportivas: análise dos textos de Tostão durante a Copa do Mundo de 2018
Anna Virginia Nascimento Silva

5 | Atuação da seleção brasileira na Copa 2018: análise televisual da cobertura do Jornal Nacional
Rodrigo Nascimento Reis

6 | Manifestações e Copa do Mundo: engajamento e identificação dos jovens fluminenses com o futebol em 2014
Camila Augusta Pereira

7 | Black, Blanc, Beur: um estudo de caso da representatividade na seleção francesa na Copa do Mundo de 1998
Gabriel Estrella D'Ávila
Marcelo Viana Araujo Filho

8 | Representações das Olimpíadas Rio 2016: sentidos negociados no discurso do jornal The Guardian
Flavi Ferreira Lisboa Filho
Lauren Santos Steffen

9 | Do amor ao esporte ao seu silenciamento: (des)construções narrativas e a marca Rio em documentários internacionais pré-olímpicos
Ana Teresa Gotardo

10 | Megaeventos esportivos e agendamento: os casos de Maradona em 2014 e Ryan Lochte em 2016
Roberto Falcão

11 | Futebol e Social TV: apontamentos sobre práticas de conversação em rede que envolvem transmissões televisivas futebolísticas
Antonio Bastos
Gabriela Borges

12 | A cobertura dos programas esportivos da televisão aberta no Brasil sobre o prêmio de Melhor Jogadora do Mundo recebido pela atleta Marta
Carolina Bortoleto Firmino
Érika Alfaro de Araújo

13 | Modos de narrar e identidade nacional: as transformações da imagem da seleção brasileira através do rádio
Luiz Felipe Melo Eduardo

14 | A imprensa esportiva e o voo modernizador: o caso do Jornal dos Sports e da revista Placar em um contexto de mudanças no futebol brasileiro (1990-1993)
Fellipe Castanheira Soares
Robson Vieira Reinaldo de Almeida Vieira

15 | O futebol nos festejos do centenário da independência do Brasil e do IV centenário de Bogotá, Colômbia: uma análise a partir da imprensa
Eduardo de Souza Gomes

16 | “Pelé de saias”: discursos sobre mulheres jogadoras de futebol na imprensa sob uma perspectiva Sistêmico-Funcional
Izadora Silva Pimenta
Renan Schroter

17 | Do início ao desmanche da Seleção Permanente de Futebol Feminino: uma análise comparativa das imprensas oficiais e alternativas
Débora Miranda de Oliveira

18 | A presença das mulheres negras no esporte – caso Serena Williams
Thulany Dhara

19 | SIM, ELAS PODEM! Criação de um aplicativo, onde as mulheres possam fazer denúncias no caso de assédio ou violência no esporte
Sibele Aparecida da Silva Lopes

20 | Fora do Eixo: o discurso da idolatria nas representações midiáticas de ídolos do futebol nas regiões Sul, Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país
Thalita Neves

21 | A identidade torcedora alagoana no século XXI: CSA, CRB e ASA na tela, no campo e nas pesquisas
Anderson David Gomes dos Santos

22 | A experiência do cliente em arenas esportivas
Bruno Laurindo Rodrigues Coelho

23 | Estádio Nacional de Brasília, o elefante branco: uma análise histórica de como passado e presente fomentam a sua subutilização e abandono
Israel Carlos Fernandes de Brito

24 | Cultura torcedora condenada à morte
Vicente Magno Figueiredo Cardoso

25 | Futebol-negócio, pertencimento ao clube e afeto pelo estádio: uma análise de movimentos de torcedores de Os Belenenses (POR) e Sevilla (ESP)
Irlan Simões Santos

26 | O local e o global no futebol espanhol: o caso do Athletic Club e do FC Barcelona (1970 a 2000)
Victor de Leonardo Figols

27 | Maracanã: símbolo das disputas e da complexidade das modernas contradições brasileiras
Felipe Oliveira Santos

28 | Futebol, consumo e busca de identidades entre jovens da Baixada Fluminense
Carol Fontenelle

29 | As contribuições do LEME enquanto núcleo de pesquisa e produção acadêmica sobre esporte
Clara Quintaneira

30 | Jogos Primitivos: a bola chutada
Caio Araujo

31 | Caminhos da popularização do futebol nas ruas do Rio de Janeiro: um caso de polícia (1910-1920)
Isabela Martins Aragão

32 | Futebol e território: particularidades e distinções da origem futebolística no Brasil e na Argentina
Gustavo Siqueira da Silva
Lucas Batista Barcelos

33 | Da etnografia online à entrevista etnográfica: uma proposta metodológica para identificar o gremismo
Hélio Sassen Paz

Sobre os organizadores

Apresentação

Em 1919, a seleção brasileira conquistou o campeonato Sul-Americano de futebol que naquele ano havia sido realizado na cidade do Rio de Janeiro. Já em pleno processo de popularização do futebol no Brasil, aquele Sul-americano pode ser considerado como um momento fundamental em que foram dados contornos mais nítidos de uma identidade coletiva que se construía em torno do futebol. 100 anos se passaram. O Sul-americano se transformou em Copa América e o futebol especialmente a seleção brasileira – se consolidou como um dos mais relevantes pilares identitários do país. Em 2019, o Brasil novamente sediaria o mais importante campeonato de seleções do continente americano.

A realização de um megaevento esportivo costuma ser oportunidade fértil para encontros acadêmicos. O Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte – LEME – estava atento e, desde o final de 2018, começou a planejar a realização de um evento. Assim surgiu a ideia do Seminário Copa América 2019. Esse encontro tinha como propósito promover uma discussão de cunho acadêmico e transdisciplinar, que a partir do fenômeno futebolístico pudesse refletir sobre importantes aspectos relativos à sociedade brasileira. O seminário também objetivava oferecer uma oportunidade de divulgação e circulação de conhecimento que não se restringisse ao futebol em si, mas se voltasse às repercussões e às apropriações feitas dessa prática esportiva que, desde o início do século XX, tem mostrado sua força de popularidade.

O planejamento seguiu o imperativo de realizarmos o encontro no mês abril de 2019. Nesse período, sabíamos que Pablo Alabarces e David Wood, dois importantes pesquisadores de fora do país, estariam no Rio de Janeiro como palestrantes de um outro evento acadêmico. Fazia-se, portanto, necessário aproveitar essa oportunidade. E se o mundo acadêmico constrói conhecimento, ele também ergue uma rede de amizades e parcerias que costumam atender prontamente a pedidos de colaboração. Desse modo, Pablo e David generosamente aceitaram nossos convites e nos restou a tarefa de montar um seminário que *necessariamente* deveria ocorrer na 2ª semana de abril de 2019, entre os dias 08 e 13. A missão não era simples. Era preciso, em grande medida, contar com a sorte de que os outros convidados e convidadas tivessem sua agenda livre, exatamente naquele período.

Quando 2019 chegou, começamos a pensar em possíveis nomes para compor as mesas de debate. O primeiro a nos vir à mente foi o de Simoni Guedes, uma das fundadoras do campo de estudos sobre futebol no Brasil e que nunca havia dado uma palestra na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A ideia era colocá-la lado a lado com seu amigo Pablo Alabarces na mesa de abertura do Seminário, o que seria um presente para os dois e para todos e todas que os assistissem debatendo suas pesquisas e ideias. E tivemos a tal sorte, Simoni tinha disponibilidade para aquela 2ª semana de abril.

O Leme estava inspirado e fez outros convites aceitos de bom grado. Além de Simoni Guedes, conseguimos o aceite de nomes como o de Victor Andrade de Melo, Gilmar Mascarenhas, Lívia Magalhães e Rosana da Câmara. Após essas confirmações, finalmente, os dias 09 e 10 de abril foram definidos como

as datas oficiais do evento. Além das mesas de debate, foram elaborados GTS para apresentação de trabalhos desenvolvidos por estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores e pesquisadoras. Abrimos a chamada pública de envio de resumos e ao final contabilizávamos mais de cinquenta trabalhos inscritos. Nenhuma taxa foi cobrada.

O seminário ficou dividido da seguinte forma, dia 09, mesa de abertura às 14h, formada por David Wood (The University of Sheffield, UK); Pablo Alabarces (Universidad de Buenos Aires), Simoni Guedes (Universidade Federal Fluminense) e Victor Andrade de Melo (Universidade Federal do Rio de Janeiro). No dia 10, às 18h, a mesa de encerramento seria composta por Rosana da Câmara (Universidade Federal Fluminense), Gilmar Mascarenhas (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e Lívia Magalhães (Universidade Federal Fluminense). Os GTs ficariam distribuídos nas manhãs e tardes desses dois dias. Dar conta de tudo isso demandou disposição, trabalho e planejamento. Nada disso faltou à equipe do LEME.

Então foi chegando o dia. O seminário começaria numa terça, dia 09, porém, naquela segunda, dia 08, o Rio de Janeiro enfrentou uma das maiores chuvas de sua história, uma tempestade que se estendeu por 24h e deixou grande parte da cidade debaixo d'água. No dia 09 de abril, quando ocorreria a abertura do Seminário, as aulas foram suspensas na UERJ devido aos estragos provocados pelos alagamentos. O prédio estava ilhado como mostravam as imagens que circulavam na internet e nos principais telejornais do país. Tantos meses de planejamento e o risco de o seminário ser cancelado se agigantava. O primeiro dia já havíamos perdido. A busca por soluções levou a equipe do LEME a realizar reuniões à distância e urgentes. Chegamos a cogitar o cancelamento do Seminário. Mas no fim do dia 09, a chuva deu uma trégua e em nota oficial, a UERJ comunicou que dia 10, quarta-feira, após o meio-dia, suas atividades retornariam.

Chegamos à universidade bem antes desse horário para podermos dar conta das mudanças no Seminário provocadas pelo imprevisto da natureza. E foram muitas mudanças, basicamente centradas na necessidade de realizar todas as atividades planejadas para dois dias, em apenas um. E não foi fácil. Somente a sala do PPGCom estava aberta. As demais unidades da Faculdade de Comunicação ainda se encontravam fechadas e assim continuaram. Embora previstas para reabrirem após o meio-dia, de última hora chegou-nos a decisão de suspensão de todas as atividades no campus da UERJ. A solução foi fazer da sala do PPGCOM nosso cantinho no mundo e ali, de algum modo, acolhermos as duas mesas principais e os três GTS de apresentação de trabalho.

Seria impossível fazer esse seminário sem a colaboração da incansável equipe do LEME e de alunos voluntários da graduação. Do mesmo modo é imensa nossa gratidão às funcionárias do PPGCOM Eliana e Helena que nos deram apoio em um momento tão difícil. Afinal de contas, as ruas do Rio de Janeiro ainda estavam cheias de lama e marcas dos estragos provocados pela tempestade. Deslocar-se pela cidade nessas condições não era algo tão simples, impunha dificuldades variadas. Por isso, foi fundamental a compreensão dos convidados e convidadas que se mostraram solidários, pacientes e perseverantes. E valeu a pena. Foi no Seminário Copa América 2019 que pela última vez tivemos o privilégio de ouvir em um mesmo evento as falas de Simoni Guedes e Gilmar Mascarenhas. Por motivos

diferentes, esses queridos amigos e incríveis pesquisadores faleceram meses após aquele encontro.

Como modo de manter preservada parte de um momento tão especial para nossas vidas acadêmicas e pessoais, o LEME apresenta este e-book composto por 33 artigos derivados das apresentações nos GTS do seminário Copa América 2019. Muitas das pessoas que compunham esses GTS vinham de outros estados do Sul e Sudeste, estavam carregadas de malas, ainda assustadas com tanta chuva e, sobretudo, preocupadas com seu retorno para a casa. Todos e todas, mesmo em condições adversas, persistiram em estar presentes naquela quase aventura na qual havia se convertido o seminário.

Este e-book é um modo de demonstrar nossa gratidão a esses colegas que esperamos rever em outros tantos encontros acadêmicos

Desejamos uma boa leitura.

Ronaldo Helal, Leda Costa e Carol Fontenelle.

1 | Copa América 100 anos: da confraternização no alto do morro à estridência da mídia e à (quase) indiferença da plateia

Sérgio Montero Souto[1]

Um gol que une uma nação

A distância de cem anos que separa aquela edição do torneio, a terceira, da 46ª carrega as muitas, e profundas, mudanças ocorridas no futebol e na sociedade do país. Nesse intervalo, o Brasil, liberto das amarras da República Velha, passou de um país agrário e quase sem indústria à oitava economia do mundo. No futebol, se aquela seleção conquistava apenas o segundo título brasileiro2, um século depois, o Brasil, apesar de revezes recentes, ainda é reconhecido, interna e externamente, como um dos principais players desse esporte, sendo o país que, isoladamente, mais venceu a Copa do Mundo: cinco vezes (1958, 1962, 1970, 1970, 1994 e 2002).

Se é impossível paralisar os efeitos inevitáveis da ação do tempo, a curiosidade pela historiografia do futebol brasileiro nos leva a investigar se alguma razão em particular contribuiu mais fortemente para o crescente afastamento do público em relação a sua seleção, que, no entanto, apesar da perda de potência afetiva, segue sendo um dos principais constituintes identitários do país. Aqui, parte-se da hipótese de que, entre os muitos fatores que contribuíram para esse afastamento, deve-se dedicar atenção especial à adoção de valores "estrangeiros", que provocaram forte estranhamento de setores da imprensa e parcelas relevantes do público, numa época em que os laços dessa relação eram bem mais sólidos do que na contemporaneidade.

Tal abordagem será desbordada na análise dos novos modos de torcer, que inclui o embate "consumidor" x "torcedor", bem como o contraste entre o comportamento mais distante da torcida e um tipo de cobertura que mantém forte apelo emocional, principalmente, na televisão aberta. Tal comportamento levanta questionamentos sobre se estamos diante da relação jornalismo/informação, ainda que com viés de empreendimento, ou de um produto publicitário com roupagem de jornalismo e entretenimento.

"Viva o Brasil!" Assim, irmanados e acompanhados do desfraldar de bandeiras, os brasileiros comemoraram o gol de Friendenreich, que, depois de duas extenuantes prorrogações, garantiu a vitória da seleção sobre o selecionado uruguaio por 1 x 0, na final da terceira edição do Campeonato Sul-Americano[3]. A realização daquele torneio – a primeira competição internacional sediada pelo país – teve o dom de unir os *sportmen* das ligas e os aficionados das elites e os praticantes e torcedores alijados dos certames oficiais num coro cívico em defesa da pátria em chuteiras.

---

1 Doutor em Comunicação Social e Professor-Adjunto da FCS da Uerj.

2 O primeiro título da seleção ocorreu na primeira edição da Copa Roca, em 1914. Batizada em homenagem ao ex-presidente argentino Julio Argentino Roca, a competição foi disputada entre as equipes do Brasil e da Argentina até 1976.

3 Nome do torneio até 1975, quando, após oito anos de ausência, foi rebatizado de Conmebol Copa América

A realização da competição no Brasil inseria-se no crescente prestígio que o futebol adquiria no país e no papel que ganhava na constituição da identidade nacional. Essa relação dialética definia, ao longo daquele período, a lógica da construção do sentimento nacional forjado nos campos (PEREIRA, 2000). A realização do torneio no Brasil enfrentou obstáculos fora dos gramados. Inicialmente previsto para o fim de 1918, teve de ser adiado devido ao surto da gripe espanhola que atingiu a então capital brasileira, tendo vitimado, inclusive, o presidente eleito, Rodrigues Alves, que morreu antes de tomar posse, obrigando à realização de novas eleições, que levariam Epitácio Pessoa à Presidência da República.

Para sediar a primeira competição internacional no país, o Fluminense construiu um novo estádio, o Estádio das Laranjeiras. Descrito pela imprensa carioca como "o mais belo monumento congênere da América Latina", capaz de abrigar 25 mil pessoas, num Rio com cerca de 1,1 milhão de habitantes. Com capacidade equivalente a cerca de 2,2% da população da capital do país, o estádio permitia a presença de um público quatro vezes maior do que aquele que assistira às partidas da seleção em 1908, período em que o crescimento populacional do Rio ficou em 42% (PEREIRA, 2000, p. 137).

Em mais uma demonstração da dobradinha futebol-nação, o governo federal determinou a redução, em 50%, do preço das passagens dos trens e dos navios a serem usados pelas delegações estrangeiras, que, como é possível ver pelas fotos da época, lotaram a tribuna destinada a elas no clube das Laranjeiras. Entusiasta da realização da competição no país – como a maioria dos seus confrades da imprensa – Oscar Lopes escreveu em sua coluna, de 11 de maio de 1919, em *O Paiz*, que o Sul-Americano era uma demonstração da grande transformação que estaria ocorrendo "nos atributos componentes da nossa alma", atribuindo esse processo à elevação do futebol ao "*sport* nacional".

Reforçando a percepção de que o novo "*sport* nacional" era capaz de pairar acima das divisões sociais, o colunista decretava que, "hoje em dia", o público estaria dividido "entre as duas grandes classes (que) constituem a quase totalidade do povo brasileiro: os torcedores e as torcedoras" (*O Paiz*, 18/5/1919). No futebol da época, também, era comum a presença de mulheres na plateia. Se os homens iam aos estádios de paletó, gravata, chapéu e sapato social, elas vestiam-se com a elegância com que costumavam frequentar os concertos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, inaugurado dez anos antes.

O Brasil sagrou-se campeão após vencer o Uruguai, em 29 de maio de 1919. Com apenas quatro participantes – Argentina e Chile completavam a lista – o torneio era jogado num único turno, em que todos se enfrentavam, sendo campeão o que somasse a maior pontuação. Brasileiros e uruguaios terminaram empatados, com cinco pontos, e, sem critério de desempate por saldo de gols – o que favoreceria à seleção nacional, com saldo positivo de oito, cinco a mais do que o adversário – foi necessário jogar uma partida extra e decisiva.

Tal circunstância deu caráter ainda mais dramático ao confronto, tornando-o um marco na história do futebol brasileiro. Para estimular o apoio à seleção, o governo decretou ponto facultativo nas repartições públicas, decisão acompanhada por largos setores da iniciativa privada, com os bancos e as principais casas

comerciais fechando as portas, para liberar seus empregados para acompanharem a grande final.

Embora o início da partida estivesse marcado para as 14h, cinco horas antes já havia multidões chegando ao novo estádio do Fluminense. No entanto, o preço dos ingressos de 5$000 (5 mil-Réis), arquibancada, e 3$000 (3 mil-Réis), a geral – equivalentes a duas entradas para o cinematógrafo, um quilo de bacalhau ou a uma assinatura mensal de *O Paiz* (*O Paiz*, 26/4/1919) – impediram que muitos torcedores comparecessem ao estádio.

A própria Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em crônica de 2015 sobre "jogos inesquecíveis", levanta a hipótese de que, "talvez, ali tivesse começado o câmbio negro na venda de ingressos no futebol brasileiro". Com as entradas esgotadas, acrescenta o texto, "o que se via, segundo relatos da época, eram torcedores dispostos a pagar qualquer quantia para assistir à decisão"[4]. A renda totalizou 316 contos, o que, a acreditar nos cálculos dos adeptos da numismática, equivaleria a fantásticos R$ 38,868 milhões. Independentemente da precisão dessa atualização monetária, era consenso na época, que o número equivalia a uma fortuna.

Para contornar a impossibilidade de acesso ao local do jogo, seja pela ausência de espaço, seja de poder aquisitivo, os contemporâneos recorreram a todos os lugares ao redor do novo estádio, principalmente aos morros, para poderem acompanhar a final e torcer pela seleção nacional. Os espaços que esses sujeitos tiveram de ocupar e o desconforto que enfrentaram para ver o Brasil ser campeão, após 90 minutos de tempo regulamentar, mais duas prorrogações de 30 minutos, mostram que a proclamação do colunista que reduzira as classes sociais do país a "torcedores e torcedoras" era fruto de um lugar de fala bem distinto daquele público.

Apinhados nas partes menos nobres do estádio ou – em sua esmagadora maioria – nos morros e nas cercanias do campo das Laranjeiras, os variados grupos de trabalhadores brancos, negros e mulatos iam fazendo do sentimento de pertencimento a uma mesma nação um meio de afirmação do seu próprio valor. Esse compartilhar coletivo, evidentemente, não autorizava o ufanismo da previsão do colunista, nem anulava as tensões latentes nos diferentes sentidos que aqueles heterogêneos espectadores iam construindo para a fruição que experimentavam durante a competição.

As tensões e as construções diferenciadas e, mesmo antagônicas, porém, também não nublavam o sentimento de participarem de uma mesma e ampla comunidade nacional (SOUTO, 2002). De alguma forma, a união em torno da seleção podia não anular as fortes assimetrias sociais, mas, talvez, pudesse suspendê-las ou nuançá-las durante a partida e as comemorações que se seguiram à conquista do título. Tal fervor nacionalista, longe de restringir-se ao futebol, guardava larga e poderosa consonância com outros movimentos em desenvolvimento e/ou em gestação em todo o país e que teriam nas insurreições tenentistas uma das suas mais poderosas condensações.

A força com que se materializava no futebol nutria-se, porém, justamente dos sentidos diferenciados que os diversos atores sociais lhe atribuíam. A sensação

4 https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogos-inesqueciveis/a-primeira-copa-america acesso em 20 ago. 2019

de pertencimento dos brasileiros em relação a sua seleção, vitaminada pelos sucessivos títulos conquistados, ganharia potência ao longo das décadas seguintes, principalmente a partir da Era Vargas, inaugurada nos anos 1930. Tal relação atingiu seu auge durante a chamada era de ouro do futebol brasileiro, entre 1958 e 1970, quando o país venceu três (1958, 1962 e 1970) das quatro Copas realizadas no período (SOUTO, 2002).

Torcida & seleção fazem DR

Embora a equipe nacional fosse a indiscutível protagonista desse processo, os principais clubes brasileiros – particularmente, aqueles que mais cediam jogadores à seleção, como Botafogo e Santos – também eram valorizados e reconhecidos como os melhores do mundo, sendo seguidamente convidados para os principais torneios internacionais. Até mesmo times que não somavam entre os mais importantes do Brasil beneficiavam-se da admiração internacional pelo nosso futebol, recebendo convites, com pagamento em dólares, para excursões para os mais diferentes recantos do mundo.

Para além da comemoração pelas vitórias, havia o orgulho dos torcedores com o reconhecimento à "escola brasileira", apontada, interna e externamente, como a melhor do mundo. O reconhecimento estrangeiro trazia, ainda, um lustre extra: era o aval internacional (quase) sempre valorizado num país periférico, carente de reconhecimento internacional ou prenhe de vira-latismo, como vaticinava Nelson Rodrigues. No entanto, em algum momento, essa relação começou a deslizar, com a seleção, num processo que não foi linear nem homogêneo, deixando de ser uma unanimidade nacional.

Alguns autores, como (Helal, Mostaro e Brinati, 2017) apontam razões relevantes para nos ajudar a entender o distanciamento da seleção do povo brasileiro, como a globalização, a desterritorialização dos nossos principais craques e até uma "maior maturidade" do país, que explicariam uma menor dependência do futuro do Brasil dos resultados do selecionado. A essas, poderíamos acrescentar outras motivações, também pertinentes, como a desnecessidade de afirmação do futebol brasileiro, existente antes de o país conquistar seus primeiros títulos mundiais, ou a profusão de novas opções de lazer, principalmente, para setores de classe média dos grandes centros urbanos, que disputariam espaço e interesse pelo futebol, em geral, e pela seleção em particular.

Sem desconsiderar nenhuma dessas hipóteses – todas, insistimos, relevantes – podemos nos perguntar, porém, se seria possível replicá-las para explicarmos o êxtase com que povos de outros países receberam seleções vitoriosas em Copas do Mundo, como os franceses e os alemães, respectivamente, em 2014 e 2018. Ou, ainda, para compreender a forma pungente ou dramática com que outros acusaram o golpe de verem seus selecionados eliminados precocemente, como os argentinos, em 2018, ou batidos na final, como a Croácia, na mesma Copa.

Se as transformações da relação das equipes nacionais com suas torcidas, talvez, ainda careçam de uma explicação capaz de ser generalizada, optamos por nos concentrar em uma que, a partir da sua singularidade, contribua para entendermos

o processo de esfriamento dessa proximidade, no caso brasileiro, a partir de outro ponto de vista, que, repetimos, não é contraditório, mas complementar às explicações já apontadas.

Embora a história constitua-se sempre como processo, talvez, seja possível identificar, por volta dos anos 1990, um ponto de inflexão em que a relação torcida/seleção começa a viver um deslizamento. Como todo processo histórico, cultural e simbólico, tal afastamento alterna momentos de maior ou menor investimento afetivo. No entanto, a adoção, por parte dos treinadores e de setores do jornalismo esportivo, de valores considerados "não brasileiros", como a prioridade ao preparo físico em lugar da técnica; ou da marcação em vez do ataque, provocou estranhamentos em setores expressivos do público e da própria imprensa especializada (SOUTO, 2009).

Para esses, não se tratava de mera atualização de valores – fenômeno inevitável em todas as manifestações culturais – com a apropriação, por exemplo, pela técnica, do melhor condicionamento físico dos jogadores, como ocorrera com a seleção brasileira na Copa de 1970. Na visão desse setor da torcida e da crítica, estava-se diante da adoção de novos valores em detrimento de outros mais identificados ou identificáveis com a "escola brasileira".

Tal percepção não se limitava a meras preferências sobre formas de jogar – o que já causaria tensões entre os dois lados – mas de uma questão cultural mais ampla. Deveria o Brasil – considerado, inclusive, por seus principais adversários, como a escola de futebol mais vitoriosa do mundo – capitular diante de valores associados, centralmente, ao que se convencionou batizar de "escola europeia", embora essa também fosse portadora de nuanças importantes?

Tal embate recebeu diferentes nomeações, como "futebol bonito" x "futebol de resultados" ou, ainda, "românticos" x "modernos". Optamos, no entanto, por nomear os contedores como defensores das "tradições" x defensores do "mercado", por considerar que tais conceitos exprimem uma visão cultural que se projeta além do campo do futebol (SOUTO, 2009). O recurso ao uso de aspas que cerca as nomeações não implica qualquer tentativa de desqualificação ou juízo de valor sobre as posições em confronto. Ele deve ser lido como uma observação de que os sentidos reivindicados pelos dois campos não são aqui naturalizados, mas entendidos como processos socialmente construídos e que, como dito, guardam interseções com movimentos externos ao universo pesquisado.

A agudização desse processo acabou por produzir fissuras na, até então, granítica fusão entre nação e seleção, sempre observada, ao menos, nos períodos de Mundiais. Com isso, aos poucos, a partir da Copa de 1990, na Itália, o país e os brasileiros foram modificando a forma como encaravam as derrotas e, até, as vitórias nos Mundiais. Na Copa da Itália, se a derrota passou longe do sentimento de luto fechado experimentado em 1950 – apontado pela grande maioria dos críticos como "a maior tragédia" da história do futebol brasileiro até o 7 x 1, na Copa de 2014 – a decepção era visível nas ruas. Tal sensação era agravada pela derrota ocorrer diante da Argentina, rival histórico que a narrativa da principal detentora dos direitos de transmissão elevava à categoria de principal algoz.

Mesmo quatro anos depois, quando o Brasil tornou-se o primeiro tetracampeão mundial, ao vencer a Copa dos Estados Unidos, tal conquista, embora comemorada no momento em que ocorreu, seguiu contestada por muitos anos, pela forma como se dera, como ilustra diálogo dos jornalistas Armando Nogueira e Fernando Calazans, reproduzido na coluna do primeiro, publicada no *Jornal do Commercio*, de Pernambuco, em 3 de maio de 1998:

"Perguntei ao meu querido Calazans com qual das quatro Copas do Brasil ele gostaria de passar um fim de semana, no paraíso. 'Com qualquer uma das três – respondeu", relatou Nogueira, que, diante da resposta, lembrou ao amigo: "Mas, são quatro Copas!". Foi a deixa para o outro recordar que, para os "tradicionalistas", mais importante do que vencer é como vencer: "A quarta – responde Calazans, de alma lavada – a de 94 não vale. Seria barrada na porta do paraíso!", assim, Nogueira encerra o relato do diálogo.

Ainda que de forma mais compreensiva e se detendo em aspectos táticos, Tostão segue raciocínio parecido, ao explicar por que aquela seleção, mesmo tendo ganhado uma Copa após 24 anos de jejum, foi criticada: "A razão principal é que o time jogou, pela primeira vez na história do futebol brasileiro, da maneira como jogavam os europeus." E explicita: "Com duas linhas de quatro e dois atacantes. Era um time que não dava show, mas extremamente eficiente" (TOSTÃO, 2016, p. 106 e 107).

Não se pretende aqui cobrir toda a historiografia da participação do Brasil nas Copas nem cotejar, Mundial a Mundial, a reação da torcida às decepções e às alegrias proporcionadas pela seleção nesse longo intervalo. Pretendemos apenas analisar mais um episódio para demonstrar que o "cancelamento" de Calazans à conquista comandada por Carlos Alberto Parreira, nos Estados Unidos, estava longe de ser ato isolado e nem representar o ápice do antagonismo nas percepções de mundo e sensações de pertença de "tradicionalistas" e "mercantilistas.

Calazans, durante cerca de 30 anos o principal colunista de *O Globo*, revelaria quatro anos depois do diálogo registrado por Nogueira, que as conquistas da era dos "mercantilistas", longe de fechar as fendas entre largos setores da torcida e os pregadores da nova gramática do futebol, poderia, até mesmo agravá-la. Em coluna publicada poucos meses antes do início da Copa do Mundo de 2002, contou que torcedores escreviam ao jornal avisando que, pela primeira vez, não torceriam pelo Brasil num Mundial.

Mesmo sendo crítico declarado do estilo de Felipão – o treinador daquela equipe – Calazans recordou serem recorrentes críticas de leitores à seleção em Copas anteriores. Mas anotou seu próprio estranhamento com a mudança de patamar nessa relação, ao salientar ser "a primeira vez que, em muitos anos, como colunista, recebo um número crescente de mensagens de leitores informando que torcerão contra a seleção brasileira" (*O Globo*, 4/5/2002). O colunista atribuiu tal comportamento ao desconforto de largos setores do público com o novo modelo, prático e teórico, defendido por Luiz Felipe Scolari, o Felipão, nas eliminatórias para a Copa de 2002, no Japão e na Coreia do Sul,

A miríade de sensações despertadas pela seleção mistura manifestações contraditórias, que combinam a aglomeração de torcedores para acompanhar o

selecionado nos Mundiais, as comemorações nas ruas das conquistas, o esfriamento da noção de pertencimento, a indiferença e, até, o antagonismo aberto. Tudo isso apontando que, se a seleção continua a constituir parte importante da constituição da identidade nacional, tal papel também encontra-se borrado. As reações distintas – e até antagônicas de setores do jornalismo esportivo e da torcida – aos êxitos e aos fracassos da equipe nacional sinalizam, ainda, a existência de outro fenômeno sociocultural relevante.

'Raízes' x 'nutelas'

Elas indicam que, no longo intervalo decorrido desde a edição do Campeonato Sul-Americano de Seleções, em 1919, também houve crescente transformação no modo de torcer, muito além das inevitáveis atualizações geracionais. Diferentes gramáticas e simbolismos sinalizam que, distintamente do congraçamento registrado em 1919, que uniu torcedores dentro e fora do estádio na euforia pela vitória do Brasil, as mudanças nas formas de torcer revelam tensões importantes no público. É o que indicam as novas nomeações, como "torcedor de futebol" e "consumidor de futebol" ou, na sua forma mais popular, "raiz" x "nutela".

Embora a polarização tenda a obliterar as nuanças, tais antinomias não devem nos impedir de identificar a existência de pontos de interseção entre os dois tipos de torcer, sem que isso anule a crescente tensão expressa, inclusive, na invasão de estádios e de seus espaços internos nobres por torcedores que veem seu acesso interditado a tais territórios pelos preços cobrados pelos clubes na sua caça a "torcedores/consumidores premium". Não nos sentimos, ainda, seguros para prever por quanto tempo deve durar a convivência entre "raízes" e "nutelas" nem desbordarmos os efeitos dessa fricção na relação torcida/seleção. No entanto, ainda que, mais em forma de perguntas do que afirmações, o estágio atual do processo parece nos autorizar a levantar, ao menos, cinco questões relevantes:

1. O distanciamento torcida/seleção será inversamente proporcional ao aumento do clubismo?;

2. Uma trajetória de descenso na performance do selecionado afastaria, mesmo nos Mundiais, os torcedores bissextos da seleção?

3. Caso isso se confirme, significaria que o ato de acompanhar o selecionado apenas na Copa do Mundo representaria mais uma busca de identificação com o "Brasil vencedor" do que um "neopatriotismo" de chuteira?;

4. No médio prazo, os efeitos do 7 x 1 implicariam um rebaixamento das expectativas do público em lugar do "somos os maiores do mundo"?;

5. O predomínio do "consumidor de futebol" sobre o "torcedor de futebol" nas arenas representaria, como regra, uma transfiguração do perfil do torcedor brasileiro em plateia, aproximando-o, nesse sentido, do comportamento visto em alguns estádios europeus?

Como registrado, nos sentimos mais autorizados, neste momento, a indagar do que afirmar sobre aquelas questões. Mas, mesmo cautelosamente, podemos arriscar duas afirmações: 1)Todo o processo de mudança no modo de torcer representará o

acréscimo de novas camadas que se sedimentarão, ou não, sobre o estranhamento, acima registrado, de importantes parcelas do público e da imprensa com a adoção de valores "mercantilistas"; 2)Um ator deve ter papel relevante na forma como se desenvolverá esse processo: a mídia esportiva, em particular, a TV Globo, detentora exclusiva dos direitos de transmissão na TV aberta.

É a essa relação que dedicaremos breve, e, ainda, não conclusiva, análise na parte final desta comunicação. Ressalvamos antecipadamente que, apesar do seu papel, ainda, avassalador no agendamento dos modos de torcer, a Globo é cada vez mais permeável às manifestações da audiência, particularmente às que viralizam nas redes sociais.

Enquanto o público convive com novas formas de torcer e com o deslizamento na relação com a seleção, pelo menos um ator social continua a considerar que a equipe nacional simboliza a pátria de chuteiras. A mídia, ou mais bem dito, uma parcela dela continua a tratar a equipe nacional com doses de ufanismo, visão acrítica e uma cobertura que apela, com frequência, à forte emocionalização do púbico. Tal comportamento, registre-se, não é unânime no conjunto da imprensa – como fora ou chegara muito próximo disso em períodos da chamada era de ouro do futebol brasileiro, entre 1958 e 1970, quando o país conquistou três das quatro Copas do Mundo disputadas nesse intervalo.

Tal gramática é mais encontrável na cobertura da TV Globo, detentora exclusiva dos direitos de transmissão das partidas do selecionado em TV aberta e fechada e no *pay-per-view* (PPV)[5] – condição que perdera por apenas cerca de quatro meses em 2017, durante queda de braço com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no rastro do escândalo sobre a corrupção no futebol, incluindo a acusação, pelo FBI, de pagamento de propinas pelos direitos de transmissão.

Ainda que, com contradições difíceis de serem racionalizadas, a imprensa, particularmente a que transmite, via as diferentes plataformas televisas, as partidas da seleção, e o público têm exibido reações distintas e, mesmo antagônicas, a eventuais insucessos do selecionado. Assim, no mesmo dia da eliminação do Brasil pela Bélgica, por 2 x 0, na Copa do Mundo de 2018, enquanto o noticiário dos veículos da Globo adotava um ar compungido com o resultado, simultaneamente – ou, até antes mesmo de a partida terminar – a internet era inundada por memes de brasileiros ironizando a derrota (SOUTO, 2019).

Esse aparente antagonismo, porém, não impede que os brasileiros também celebrem as vitórias do selecionado no Mundial, como reafirmam as multidões espraiadas pelo país, não apenas pelos grandes centros, bem como para assistir aos jogos. Num futebol em que, cada vez mais, o entretenimento e a paixão misturam-se com os negócios, a narrativa da Globo levanta questionamentos sobre se estamos diante de um produto jornalístico e/ou de um apelo publicitário.

A dualidade, também, leva outros veículos a apontarem dúvidas na relação seleção/torcida. A versão brasileira do site espanhol El País, por exemplo, anota em manchete: "Seleção da CBF: um produto valorizado no exterior, mas em xeque no

---

5 O contrato de exclusividade tem prazo até dezembro de 2022. Durante a Copa de 2018, a Globo cedeu à Fox os direitos de também televisionar as 64 partidas em TV fechada.

Brasil[6]. Para acrescentar no sutiã: "Enquanto turbina as finanças da confederação, amistoso contra a Argentina passa despercebido em meio ao furor das eleições."

Conclusão

Vê-se que, a exemplo da heterogeneidade dos modos de torcer, o jornalismo esportivo também tem olhares distintos sobre a cobertura da seleção. Do mesmo modo, não existem alinhamentos automáticos entre torcedores "raiz" a um discurso mais crítico sobre o selecionado e/ou dos "nutelas" a uma gramática mais ufanista. Na verdade, por tratar-se de um processo ainda em desenvolvimento, não nos sentimos autorizados a antecipar se a Globo replicará a gramática adotada na Copa América 2019, que combinou a torcida explícita pela equipe nacional com um comportamento mais crítico, ainda que pontual – este um padrão pouco usual na emissora. Difícil antecipar se, para além dessa competição, irá predominar o fático ou se os interesses comerciais falarão mais alto. Também é interessante saber como o tribunal da internet pode sancionar – ou não – futuras coberturas descoladas da reação da plateia, seja no sucesso, ou no insucesso do selecionado.

Outros fatores, ainda em desenvolvimento, também podem embaralhar esse processo, como o crescente distanciamento do público em relação à TV – e não apenas nas transmissões esportivas – principalmente das novas gerações, ao mesmo tempo em que essas consolidam as redes sociais como seus territórios prioritários de sociabilidade. Tal deslocamento, capaz de provocar mudanças tectônicas no simbolismo do futebol e no imaginário dos brasileiros, porém, ainda, está engatinhando.

Iniciativas como a compra da transmissão, exclusiva, da Copa Sul-Americana de clubes pela britânica DAZN, considerado o maior serviço de *streaming* esportivo do planeta, devem ser observadas mais de perto. Com atuação em países como Estados Unidos, Canadá, Alemanha e Japão, a DAZN já tem em seu portfólio os direitos para exibir no Brasil a Ligue 1 francesa e o Campeonato Italiano, oferecendo conteúdo apto a ser acessado pela maioria dos dispositivos existentes – TVs, smartphones, tablets, consoles de videogames e PCs.

No entanto, embora represente uma espécie de 2.0 em relação ao mundo analógico da TV, com a oferta de transmissão das partidas pelo Facebook – plataforma que se apresenta como detentora de 1,5 bilhão de usuários ativos diariamente no mundo – ela viu-se obrigada, na largada, a firmar parcerias com setores da "mídia tradicional", sublicenciando, gratuitamente, num primeiro momento, os direitos de transmissão para a Rede TV, para que esta funcionasse como uma espécie de hospedeira.

A empresa também enfrentou críticas à qualidade das transmissões, o que a levou a repassar as queixas à Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), responsável pela geração das imagens. E foi obrigada a adiar, por alguns meses, a cobrança do serviço por *streaming* – inicialmente de R$ 37,90, mas com redução de 48%, para R$ 19,80, a partir do primeiro trimestre de 2020 - antes de torná-lo a única forma de acesso às partidas – apenas alguns jogos são exibidos gratuitamente no canal da empresa no Youtube e na página no Facebook.

---

6 https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/16/deportes/1539648981_638833.html, acesso em 16 out. 2018

Por todas essas complexas contradições, a realização da Copa América de 2019 no Brasil, ainda, que possa ter promovido uma mobilização e uma comoção do público, proporcionalmente inferiores às registradas, em 1919, certamente, ajudou a agitar questões que se estendem muito além do campo de futebol. Em jogo, além do título obtido pelo Brasil, questões identitárias sobre a representação da seleção; a reafirmação da maior identificação, por parte dos torcedores mais engajados, com os clubes do que com o selecionado; a dúvida sobre o comportamento futuro dos torcedores bissextos – os que só costumam acompanhar o futebol durante as Copas do Mundo – e o crescimento de possíveis reações divergentes da mídia detentora dos direitos de transmissão e da torcida diante de eventuais resultados negativos nas próximas competições.

Tudo isso, num país que tende a continuar extremamente polarizado, o que introduz um forte componente político durante o governo de Jair Bolsonaro; e com as redes sociais, como Facebook e Youtube, ocupando um papel – por enquanto ainda tímido – nas plataformas pelas quais a torcida costuma acompanhar os jogos.

Ainda que a passagem do tempo e a mudança de contexto da relação torcida/seleção imponham outros ritmos e outros slogans, foi visível que as comemorações pelo título de 2019 foram bem mais contidas em relação às que uniram o país no "Viva o Brasil" de 1919. A ressalva, que já traz em si uma questão a ser aprofundada, não deve, no entanto, nos impedir de analisar a rica produção de novos sentidos e materiais de pesquisa acessíveis aos que se interessam em escrutinar a relação seleção/torcida como um dos principais traços constituintes da identidade brasileira.

Referências bibliográficas

HALBAWCHS, Maurice. *A memória social*. São Paulo: Vértice, 1990.

Helal, Ronaldo; Mostaro, Filipe Fernandes Ribeiro e Brinati, Francisco Ângelo. *Nova pátria de chuteiras? Copa de 2014, imprensa e as mudanças sobre o "país do futebol"* In HELAL, Ronaldo e GASTALO, Édison (Orgs.) – *Copa do Mundo de 2014 – Futebol, mídia e identidades nacionais* – 2017. Rio de Janeiro: Lamparina, Leme. 2017.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2000.

POLLAK, Karl. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Estudos históricos, 5 (10), 1992

SOUTO. Sérgio Montero. Imprensa *e memória da Copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa*. Niterói: Dissertação de Mestrado da UFF, 2002.

_____. *Mercado e tradição: os colunistas esportivos e a construção da identidade da seleção brasileiras de futebol na Copa de 2002*. Niterói: Tese de Doutorado da UFF, 2009.

TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhado e perdidos – Um olhar sobre o futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Jornais e Sites:

El País

O Globo

O Paiz

Jornal do Commercio

Site da CBF

UOL

2 | Por uma estória da Copa América: a construção narrativa de microcontos sobre o Campeonato Sul-Americano / Copa América (1916-2020)

Rafael Duarte Oliveira Venancio[1]

Apresentação

A ficção de futebol é um exercício difícil, especialmente porque a realidade do esporte parece mais interessante do que qualquer história inventada. Um baú gigantesco de histórias fantásticas de futebol pode ser encontrado pelos séculos. Ainda mais em uma competição centenária tal como a Copa América, iniciada enquanto Campeonato Sul-Americano em 1916.

Nisso, há uma possibilidade de apresentar essas histórias enquanto estórias, utilizando recursos ficcionais próprios da literatura para tornar atrativa a transmissão do conhecimento histórico. O recurso proposto pelo presente trabalho é do microconto.

Esses microcontos são um misto de conto e crônica, muito populares na imprensa brasileira com autores tais como Carlos Drummond de Andrade, Moacyr Scliar, Nelson Rodrigues, entre outros. Drummond os chamava de historinhas ou cronicontos. Moacyr Scliar pegava uma manchete de jornal e fazia uma ficção em cima dela. Nelson Rodrigues articulava tais textos no guarda-chuva da "A vida como ela é".

Assim, as fronteiras entre fato e ficção não são postas por uma condição de Realismo Fantástico tal como o resto da América Latina, mas sim por uma escolha mais brasileira. Escolha essa que é bem representada pelas atitudes de Chicó, bravo coadjuvante de O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, ou, até mesmo, pelo dito popular de que "quem conta um conto, aumenta um ponto".

Para fins formais no presente trabalho, os microcontos possuem exatas 100 palavras. Esse gênero textual, em língua inglesa, é conhecido como *drabble*. Isso reforça o exercício criativo posto pelo presente autor para (re)contar uma estória por jogo de todas as edições dos Campeonatos Sul-Americanos e Copa América, somando 835 jogos e suas respectivas estórias, desde a sua primeira edição em 1916 até a Copa América realizada conjuntamente entre Argentina e Colômbia em 2020.

Serão trinta e três livros nesta série sobre o Campeonato Sul-Americano e a Copa América de futebol, todos seguindo o mesmo preceito da nossa série anterior sobre a Copa do Mundo de futebol publicado enquanto livros independentes, no formato *ebook* e impresso, através da Amazon.com e sua plataforma KDP (Kindle Direct Publication).

1 Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Pós-doutorando no Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP. E-mail: rdovenancio@gmail.com

É um esforço – no sentido do jornalismo esportivo cronista do Brasil de outrora – de mostrar, através da Copa América, o caleidoscópio daquilo que o futebol tem de melhor: suas pequenas histórias sendo apresentadas em um esforço imaginativo narrativo que chamamos de estória.

O PROCESSO ESTÓRICO

Os microcontos que compõem os livros da coleção são escritos utilizando uma articulação entre fato histórico e fato estórico. Isso é uma marca que está desde os primeiros livros da coleção, que versavam sobre Copa do Mundo. Vejamos um exemplo do primeiro livro da coleção de Microcontos de Futebol, que era sobre a Copa do Mundo de 1930 no Uruguai:

A certeza

_ Pai? Vamos ganhar essa Copa?

_ Com certeza, filho!

_ Como você pode ter certeza?

_ Vamos pensar. Onde a Copa está sendo jogada?

_ Aqui no Uruguai.

_ Quem possui o melhor estádio da América?

_ A gente.

_ Então, está tudo do nosso lado. Até na estreia do nosso time hoje, deu tudo certo.

_ Foi porque vencemos?

_ Mais do que isso? Os peruanos fizeram de tudo, mas quem fez o gol?

_ O Manco?

_ Sim. Aquele que todos não ligam por só ter um braço. Venceremos porque temos tudo do nosso lado, inclusive o desprezo dos nossos adversários (VENANCIO, 2018, p. 31-32).

O fato histórico é que Uruguai encontrou, em sua estreia na Copa onde foi anfitrião, um retrancado Peru e venceu com um gol de Hector Castro, conhecido como "Manco" pela forma popular de se referenciar em língua espanhola aquele que possui apenas um braço. O fato estórico é a construção do comentário entre torcedores sobre os principais fatores do jogo e da Copa de 1930.

A este procedimento, damos o nome de "processo estórico". O processo estórico é uma técnica de *storytelling*, concebida pelo presente autor, onde verificamos uma valorização da forma ficcional para contar os fatos históricos. Uma das grandes influências epistemológicas desta ideia reside nos estudos historiográficos de E. H. Carr.

É com Carr que compreendemos melhor o papel da subjetividade envolvida na escritura da história:

> As opiniões de Collingwood podem ser reunidas como se segue. A filosofia da história não é relacionada com "o passado em si" nem com "o pensamento do historiador sobre o passado em si mesmo", mas com "as duas coisas em suas relações mútuas". (Esta opinião reflete os dois significados correntes da palavra "história" - a pesquisa conduzida pelo historiador e as séries de acontecimentos passados em que ele investiga.) "O passado que o historiador estuda não é um passado morto, mas um passo que, em algum sentido, está ainda vivo no presente." Mas um ato passado está morto, isto é, sem significado para o historiador, a menos que ele possa apreender o pensamento que está por trás deste passado, desde que "toda história é a história do pensamento" e "a história é a revalidação da mente do historiador do pensamento cuja história ele está estudando". A reconstituição do passado na mente do historiador está na dependência da evidência empírica. Mas não é em si mesmo um processo empírico e não pode consistir de uma mera narração de fatos. Ao contrário, o processo de reconstituição governa a seleção e interpretação dos fatos: isto, aliás, é o que faz deles fatos históricos. "História", diz o professor Oakeshott, que neste ponto se aproxima de Collingwood, "é a experiência do historiador. Ela não é 'feita' por ninguém exceto pelo historiador: escrever história é a única maneira de fazê-la" (CARR, 1996, p.47).

Assim, há uma relação da escrita historiográfica com o "personagem" da história tal como ressalta Carr: "Pois como diz Collingwood, o historiador deve reviver no pensamento o que se passou na mente de seus *dramatis personae*, a fim de que o leitor, por sua vez, possa reviver o que se passa na mente do historiador" (CARR, 1996, p. 48).

Desta forma, o processo estórico coloca *dramatis personae* - ou seja, personagens - que são ficcionais (amálgamas de pessoas reais ou arquétipos humanos) para ajudar no processo de escrita da ficção histórica, relatando os fatos do passado com o auxílio da ficção, ecoando "as palavras do dramaturgo Jean Anouilh [que] 'a ficção dá à vida a sua forma'" (MCKEE, 2006, p. 25).

Além dos livros dos microcontos de futebol, o presente autor utilizou o processo estórico para a construção de dois romances de ficção histórica onde o futebol e o esporte são grandes temáticas.

Em 2016, *Aposte no Mossoró* foi uma primeira empreitada experimental neste processo:

> Ao encontrar uma garrafa velha na garagem do seu avô, Raul entra em uma aventura pelos fatos esportivos que ocorreram no Rio de Janeiro de 1933. Seguindo as histórias dos moradores do bairro de Bangu, ele vive os feitos do cavalo Mossoró, da criação do futebol profissional e do envolvimento do Bangu Atlético Clube nesse processo, bem como as primeiras corridas internacionais de automobilismo realizadas no Brasil.
>
> O livro Aposte no Mossoró: Uma estória esportiva no Rio de Janeiro dos anos 1930 é um romance histórico escrito para jovens que vivem em uma

> geração de linguagem rápida, direta e concisa. Favorecendo o diálogo, a ficção construída por Rafael Duarte Oliveira Venancio demonstra que é possível fazer contar a história através de estórias que demarcam mais o conteúdo vivido por pessoas do que a descrição dura.
>
> Além disso, o livro demonstra uma importante iniciativa na recuperação da memória esportiva do Brasil onde o imediatismo parece vencer. Ao falar de turfe, de futebol e de automobilismo, Aposte no Mossoró acaba contando um pouco sobre como era viver nos anos 1930 e entender as paixões compartilhadas por quem viveu naquele tempo (VENANCIO, 2016, p.170).

Já em 2019, antecedendo a publicação dos livros sobre o Campeonato Sul-Americano, mas após a experiência com as duas séries de microcontos do futebol - sobre a Copa do Mundo e o Abecedário de Craques - foi lançado *O Dançarino e o Húngaro*:

> Últimos dias de dezembro de 1957, um jovem jornalista encontra uma crônica incompleta na máquina de escrever de seu mentor sobre o São Paulo Futebol Clube, campeão paulista daquele ano. Para entender o que o cronista queria dizer em sua derradeira mensagem, que fazia menção a um certo "Dançarino", o jovem percorre caminhos do futebol paulista na véspera da Copa de 1958.
>
> Com isso, não só conhece mais sobre o vitorioso time composto por Poy; De Sordi e Mauro. Dino Sani, Vitor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro, além do reserva Sarará. É uma viagem em busca da imaginação e das condições históricas que levaram o técnico húngaro Bela Guttmann a mudar a cara do futebol brasileiro.
>
> "O Dançarino e o Húngaro" é o segundo romance de Rafael Duarte Oliveira Venancio, escritor conhecido por sua série microcontos de futebol. Utilizando um estilo inspirado no estadunidense de ascendência madeirense John dos Passos, bem como nos cronistas esportivos brasileiros, o resultado aqui é um livro envolvente para quem ama ou desconhece o futebol, para quem é fanático ou rival do clube são-paulino e, até mesmo, para quem ama uma boa contação de história – atualmente chamada de *storytelling* – inspirada em fatos reais (VENANCIO, 2019, p. 282).

A ideia é que o processo estórico seja tanto uma maneira estilística do presente autor em seu exercício ficcional, bem como uma práxis que permita a formação de novos olhares para o lugar da história e da memória no jornalismo esportivo.

Os livros da coleção

Serão, no total, 33 livros publicados. Em 2019, foram 14 livros publicados, abordando os tempos do Campeonato Sul-Americano, a saber:

1.*Pioneiros da Sul-América: O Campeonato Sul-americano em 1916, 1917, 1919, 1920 e 1921 em 31 microcontos de futebol*, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[2]

2. Tupis e Charruas: O Campeonato Sul-americano em 1922, 1923 e 1924 em 23 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[3]

3. Celeste Olímpica contra os Albicelestes: O Campeonato Sul-americano em 1925, 1926, 1927 e 1929 em 28 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[4]

4. Alvirrubro Inca e os Platenses: O Campeonato Sul-americano em 1935, 1937 e 1939 em 32 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[5]

5. E a Guerra não parou o Futebol: O Campeonato Sul-americano em 1941, 1942 e 1945 em 52 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[6]

6. Argentina Insuperável: O Campeonato Sul-americano em 1946 e 1947 em 43 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[7]

7. Esperança Auriverde: O Campeonato Sul-americano de 1949 em 29 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[8]

8. Triunfo dos Guaranis Alvirrubros: O Campeonato Sul-americano de 1953 em 22 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[9]

9. Cone Sul: O Campeonato Sul-americano em 1955 e 1956 em 30 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[10]

10. Júbilo dos Carasucias: O Campeonato Sul-americano de 1957 em 21 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[11]

11. Xadrez Platense: O Campeonato Sul-americano duplo em 1959 em 31 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[12]

12. Viva a Verde!: O Campeonato Sul-americano de 1963 em 21 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[13]

13. Crepúsculo da Sul-América: O Campeonato Sul-americano de 1967 em 15 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio[14]

---

2 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07MY6RZ1B
3 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07N2SXWZ5
4 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07N5LK6XG
5 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07N8J9W7P
6 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07P8JJZG6
7 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07Q9YBN1S
8 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07QQK6PR8
9 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07QPVKPZM
10 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07R5FK4L4
11 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07R8W7ZF3
12 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07R4PLSPF
13 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07R8WQ1CG
14 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07R6P35QX

14. Nos Campos da Sul-América: O Campeonato Sul-Americano entre 1916 e 1967 em 378 microcontos de futebol, coletânea de textos escritos por Rafael Duarte Oliveira Venancio[15]

O último livro lançado em 2019, *Nos Campos da Sul-América*, foi indicado à categoria de melhor e-book de contos no Prêmio Book Brasil de 2020.

Já para 2020, há o planejamento da publicação de 19 livros, entre maio e agosto, abordando os tempos quando o Campeonato Sul-Americano passa a se chamar Copa América, a saber:

1. Boleiros Incas e a Nova Era: A Copa América de 1975 em 25 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

2. América Alvirrubra: A Copa América de 1979 em 25 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

3. Uruguai Ressurge: A Copa América de 1983 em 24 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

4. Supremacia Celeste: A Copa América de 1987 em 13 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

5. Quarenta Anos Depois: A Copa América de 1989 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

6. Retorno da Albiceleste: A Copa América de 1991 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

7. Zênite Argentino: A Copa América de 1993 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

8. Uruguaios Invictos: A Copa América de 1995 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

9. Canarinho na Altitude: A Copa América de 1997 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

10. 100% Verde-amarelo: A Copa América de 1999 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

11. Café no Gramado: A Copa América de 2001 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

12. Acréscimos brasileiros: A Copa América de 2004 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

13. Octa-amarelinha: A Copa América de 2007 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

14. Quinze Tons de Celeste: A Copa América de 2011 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

15 Link para o ebook na Amazon brasileira: https://www.amazon.com.br/dp/B07TYT5XLW

15. A Vermelha: A Copa América de 2015 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

16. Condor em Terras Gringas: A Copa América Centenário de 2016 em 32 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

17. Um Novo Século: A Copa América de 2019 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

18. Norte e Sul: A Copa América de 2020 em 26 microcontos de futebol, por Rafael Duarte Oliveira Venancio

19. Viva Sul-América!: O Campeonato Sul-Americano e a Copa América entre 1916 e 2020 em 835 microcontos de futebol, coletânea de textos escritos por Rafael Duarte Oliveira Venancio

Considerações finais

O presente artigo, tal como em trabalhos anteriores nossos, mostra de maneira breve um assunto que demanda novas produções científicas, inclusive do presente autor: a literatura esportiva enquanto forma de jornalismo e sua tradição na imprensa brasileira de futebol. Além disso, compreender como isso pode ser uma maneira diferente da atual de falar sobre o esporte.

Assim, retomamos a ideia de Octavio Paz (1972, p. 9) de que o mundo não se apresenta mais como uma realidade que devemos nomear, mas como palavra que devemos decifrar. A palavra que o jornalismo esportivo busca decifrar – ou seja, sua realidade -, é a prática esportiva.

Só que isso não se resume em 22 humanos correndo atrás de uma bola ou outros humanos em carros correndo em círculos em uma via asfaltada com arquibancadas. O esporte é um dos elementos mais fortes do nosso imaginário, seja com seus objetos (competições, jogos, o esporte em si) e/ou com seus sujeitos (atletas, técnicos, torcedores).

Assim, relembrando a ideia posta por Vogt (1989, p. 73) de que "a história do homem é a história das transformações sociais, e o seu móvel, um princípio dinâmico de contradições" (VOGT, 1989, p. 73), é chegada a hora de reconhecermos que o esporte faz parte dessa história, dessa realidade transmutada em linguagem e que o jornalismo esportivo é o principal ator desse processo de reconhecimento, compreensão e mudança.

Nisso, é hora de um retorno da valorização da crônica, do conto e de seus híbridos no jornalismo esportivo, bem como um exercício de uma produção ficcional que se baseia na realidade para incentivar não só o futebol e seu imaginário, mas o esporte como um todo.

Referências bibliográficas

CARR, E. H. *Que é história?*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MCKEE, R. *Story*. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

PAZ, O. “La máscara y la transparencia”. In: FUENTES, C. *Cuerpos y ofrendas*. Madrid: Alianza, 1972.

VENANCIO, R. D. O. *Aposte no Mossoró: Uma estória esportiva no Rio de Janeiro dos anos 1930*. Amazon.com, 2016.

VENANCIO, R. D. O. *Estreia no Uruguai: A Copa de 1930 em 18 microcontos de futebol*. Amazon.com, 2018.

VENANCIO, R. D. O. *O Dançarino e o Húngaro: Uma estória são-paulina do futebol dos anos 1950*. Amazon.com, 2019.

VOGT, C. “Os dois labirintos”. In: *Linguagem, pragmática e ideologia*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

3 | Uma Copa no meio da obra: a visão do Campeonato Sul-Americano de 1949 pelo Jornal dos Sports e Correio da Manhã[1]

André Alexandre Guimarães Couto[2]
Álvaro Vicente do Cabo[3]

A Copa tem que ficar no Brasil

Depois de 27 anos, finalmente o Brasil sediava novamente o Campeonato Sul-Americano de Futebol, evento organizado pela CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) e pela CBD (Confederação Brasileira de Desportos). Desta vez, além do peso de tentar ganhar mais uma vez o título continental, o Brasil vivia uma expectativa em torno da organização da Copa do Mundo FIFA, que ocorreria no ano seguinte.

Outro elemento significativo para pensarmos nesta análise era de que o país vivia uma conjuntura de aceleração do capitalismo industrial e de superação parcial das práticas políticas autoritárias do período Vargas e, portanto, era mais do que importante organizar um evento esportivo que pudesse chamar a atenção para o lugar de destaque que o país tentava se colocar no cenário mundial.

Desta forma, os discursos em torno deste torneio, desde a divulgação da tabela dos jogos, a preparação para a recepção das seleções e de suas respectivas comitivas, a festa de abertura do torneio e a cobertura dos jogos disputados nas cidades de Rio de Janeiro, São Paulo, Santos e Belo Horizonte (nestes dois casos, apenas um jogo em cada cidade), demonstravam de forma preliminar um apoio incondicional dos jornais cariocas para este evento esportivo.

Todavia, o entusiasmo e a euforia em torno da participação brasileira no torneio não se consolidaram como uma adesão por parte de todos os jornais desta cidade. Desta forma, procuramos neste trabalho, apresentar os olhares de dois jornais na então capital federal: o *Jornal dos Sports* (*JS*), especializado na cobertura esportiva, e o *Correio da Manhã*, considerado um periódico generalista e que cobria assuntos variados, dando ênfase, sobretudo, aos temas internacionais e nacionais, relegando as notícias locais para segundo plano.

O torneio em si era uma das edições mais aguardadas pelas federações dos países envolvidos, tendo em vista que marcava alguns pontos importantes na história

---

1 Trabalho apresentado no Seminário Internacional Copa América 2019 - Esporte, Mídia e Identidades Locais e Globais, organizado pelo Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte/UERJ.

2 Doutor em História (UFPR), Professor e Pesquisador do CEFET/RJ e Pesquisador do SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), do NEFS – Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da Universidade Federal Fluminense (UFF), e-mail: guimaraescouto@yahoo.com.br.

3 Doutor em História Comparada (PPGHC- UFRJ), Mestre em Comunicação Social (PPGCOM-UERJ) Professor da UCAM e Pesquisador do SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do LEME – Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e-mail: alvarodocabo@yahoo.com.br.

deste campeonato: há 27 anos o Brasil não sediava o torneio; o país retornava à competição depois de não ter participado da edição anterior realizada no Equador (em 1947) e, finalmente, era um momento de preparação para a Copa do Mundo da FIFA que se realizaria no ano seguinte, justamente em território nacional. Uma quarta e relevante questão também se apresentava nesta conjuntura: a necessidade de reconquistar a Copa América, troféu que o Brasil não obtivera desde 1922, justamente quando sediara o torneio pela última vez[4].

Uma característica importante desta competição era a de que pela segunda vez consecutiva, oito seleções participavam do torneio e poderia ter atingido a marca inédita de nove seleções, não fosse a ausência da seleção da Argentina em 1949[5]. A falta dos argentinos no torneio se constituiu como um dos principais temas dos cronistas esportivos, em especial do *JS*, geralmente tratando o fato como uma traição ou mau comportamento da federação vizinha, ou ainda desrespeito com o Brasil e com seu povo[6].

Ao longo da primeira metade do século XX, o campeonato sul-americano era disputado com uma periodicidade irregular, com edições anuais, bianuais ou ainda em espaços temporais maiores, sem falar que o torneio contava com poucas seleções até a década de 1940. As federações aos poucos vão aderindo ao projeto da CONMEBOL, ou seja, de tentar uma adesão de um maior número possível de seleções e de integrar o futebol continental por meio desta competição. Na edição de 1949, a CONMEBOL esbarrava com a greve generalizada entre os atletas de futebol na Argentina e no Uruguai que se iniciara no final do ano de 1948 e que seguia até o primeiro semestre do ano seguinte.

A Asociación Uruguaya de Fútbol (AUF), diferentemente da correspondente argentina, resolvera apoiar o evento no Brasil, enviando uma equipe de jogadores jovens, sem experiência, para representar sua respectiva seleção (SOTER, 2002, p. 76). Assim como a cobertura jornalística esportiva criticava de forma veemente os jogadores e a federação argentina pela ausência no Brasil, além dos organizadores do movimento grevista, o selecionado uruguaio era tratado de forma gentil e carinhosa pela participação em 1949. Alguns cronistas, inclusive, conclamavam a torcida brasileira a também ter uma segunda seleção de predileção para além da nacional (VARGAS NETTO, 05/04/1949, p. 6). Os uruguaios eram reconhecidos como os "verdadeiros" irmãos na América do Sul, uma clara alusão ao mal-estar causado pela situação dos argentinos, criticados de forma direta ou indireta (neste caso, pelo excesso de elogios destinados ao selecionado uruguaio).

Do ponto de vista da organização, a CBD concentrou o torneio em duas grandes cidades: Rio de Janeiro (Estádio de São Januário) e São Paulo (Estádio Pacaembu). Outras cidades/estádios também participaram da competição, a saber: Rio de Janeiro (General Severiano), Santos (Vila Belmiro) e Belo Horizonte (Independência)[7].

---

4 Cabe lembrar que a expressão "Copa América" era utilizada para designar a taça ou troféu do torneio, que até 1975, chamava-se Campeonato Sul-Americano de Futebol.

5 Em 1949, os países participantes eram, além do Brasil: Chile, Uruguai, Paraguai, Peru, Equador, Bolívia e Colômbia.

6 Como na crônica de Manoel Vargas Netto, intitulada "Afeto e Orgulho", publicada em 07/04/1949.

7 Apesar das 4 cidades e 5 estádios distintos, cabe informar que o torneio se concentrou em São Januário e no Pacaembu, pois os demais receberam poucos jogos: Vila Belmiro (1), Independência (1) e General Severiano

Desta forma, a despeito de compreendermos a visão dos jornais das demais cidades sedes do torneio, selecionamos, para este trabalho, dois jornais importantes para entendermos parte significativa da cobertura especializada na cidade do Rio de Janeiro: *Jornal dos Sports* e *Correio da Manhã*. Nosso método comparativo leva em conta as dificuldades de tratarmos periódicos de natureza distinta; enquanto um era um diário especializado em esportes (apesar da ênfase no futebol) com menos de vinte anos de sua criação, mas ainda assim consolidado em seu objetivo central e no mercado como empresa; o outro era um jornal mais antigo, tendo sido fundado no início do século XX e que adotara um discurso liberal, anticomunista e antigetulista (LEAL)[8].

Todavia, tratamos as fontes como narrativas específicas e, para tanto, utilizamos a metodologia de análise do discurso como norteadora desta pesquisa. Para tanto, a obra de Maingueneau (1989) e o conceito de "cena" nos permite aproximar os dois conjuntos de fontes selecionadas a partir do momento em que compreendermos a lógica discursiva de cada periódico/empresa na missão de cobrir jornalisticamente o evento esportivo. Para este autor, a linguagem está associada a um cenário enunciativo, a uma posição específica e é, a partir daí, que analisaremos os jornais em questão. Enfim, devemos analisar as fontes levando-se em conta o sujeito/autor de seu próprio discurso, em um processo simultâneo de assujeitamento do discurso, assim como o de atribuição de uma autoridade legitimada e institucionalizada (MAINGUENEAU, 1989, p. 73).

Desta forma, poderemos a seguir tentar compreender como cada um destes periódicos cobriu a competição e quais foram as principais representações criadas pelos seus jornalistas/cronistas.

Jornal dos Sports: vibrando com a Copa América

Periódico fundado em 1931 pelo jornalista Argemiro Bulcão em parceria com Ozéas Motta, proprietário de uma gráfica, logo em sua primeira edição tinha o objetivo e o propósito de se tornar o primeiro jornal especializado em esportes, e tentando defender um projeto modernizador de sociedade por meio das práticas corporais (COUTO, 2011).

De forma geral, o Campeonato Sul-Americano de 1949 fora explorado como pauta pelo *JS* sob alguns aspectos importantes: 1) a valorização da nacionalidade brasileira diante de selecionados vizinhos da América do Sul; 2) o enaltecimento de uma memória das vitórias brasileiras no passado recente, em especial na própria competição sul-americana de futebol; 3) a expectativa de organizar um evento esportivo internacional às vésperas de outro torneio ainda mais relevante – a Copa do Mundo FIFA; 4) a possibilidade de confraternização com outros povos da América do Sul; 5) a condenação da não participação da Argentina nos campos brasileiros e 6) a crítica à torcida paulista por não apoiar "adequadamente" a seleção brasileira.

Importante perceber que o *JS* tinha uma visão efusiva e valorativa da competição sul-americana organizada no Brasil. Era um momento oportuno não

8 Ver verbete "Correio da Manhã", disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha. Acesso em 31/07/2019.

apenas para conquistar novamente a hegemonia do futebol no continente (o que não ocorria há quase três décadas), mas também de mostrar para os países vizinhos as qualidades de nosso povo, representado principalmente pela torcida presente nos estádios. Desta forma, mostrávamos para todos que estávamos aptos para receber todas as seleções da América do Sul e dos demais continentes no ano seguinte, no torneio mundial da FIFA.

Apesar de existir uma autonomia criativa dos cronistas que atuavam no jornal ao longo de suas respectivas trajetórias, estimulada inclusive pelo editor/proprietário a partir de 1936 - o jornalista Mário Rodrigues Filho - percebemos um interesse coletivo comum na maior parte destes autores em momentos de competição como esse de 1949. Nestes casos, até para que pudessem re(afirmar) suas identidades discursivas em relação a sua respectiva categoria de cronista, a diferença girava em torno de seus estilos narrativos (COUTO, 2016).

Os cronistas do *JS* colocavam-se na defesa do torneio e demonstravam uma preocupação com a presença do público nas partidas, principalmente nas que não envolviam diretamente o selecionado brasileiro. Sobre isso, Mário Polo apontava que:

> [...] Cooperando para o sucesso, e correspondendo aos sacrifícios de nossa Confederação, é mister que a população assista aos jogos, sem levar em conta se, no dia, jogam ou não os brasileiros. O football brasileiro tem que dar uma demonstração mundial da sua capacidade financeira e do seu espírito esportivo. Precisamos conhecer de perto a técnica, o sistema e o estilo de cada participante [...] (POLO, 02/04/1949, p. 5).

A imagem do Brasil como organizador do evento esportivo, para o autor, estava sob a observação internacional. Há um elemento discursivo no trecho acima com o objetivo de associar este torneio com a possibilidade de reencontrar determinadas equipes na Copa do Mundo de 1950, mas o que mais chama a atenção é o temor de uma desorganização da logística do evento ou desarticulação da competição com a torcida brasileira. A crônica de Mário Polo é quase uma "chamada pública" para a presença organizada e disciplinada da assistência nos estádios[9].

Em uma reportagem de primeira página do jornal, nos momentos de preparação para a abertura do campeonato, uma manchete garrafal conclamava a todos para o início do que seria um grande evento esportivo e alertava para a necessidade de um triunfo simbólico do povo brasileiro, para além das linhas do campo de futebol, como podemos observar logo abaixo:

9 Cabe lembrar ainda que a preocupação da presença do público tinha a ver também com o período de chuvas torrenciais em que se encontrava a cidade do Rio de Janeiro no mês de abril daquele ano. Sobre isso escrevera João Lira Filho na crônica Con...Clave. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 3/04/1949, p. 9.

OS DOIS QUADROS PARA ESTA TARDE

FESTA MÁXIMA DO FOOTBALL CONTINENTAL

JORNAL DOS SPORTS

INAUGURA-SE ESTA TARDE O SUL-AMERICANO DE FOOTBALL

BRASIL X EQUADOR

Venda De Ingressos

Auxiliares Neutros

NÚMERO AVULSO 50 CTS.

Figura 1: O dia da estreia para o *Jornal dos Sports* | Fonte: *Jornal dos Sports*, nº. 6015, 03/04/1949.

O texto exaltava a rivalidade futebolística entre os países da América do Sul e colocava o Brasil em um patamar de grande favorito, não apenas pela ausência dos argentinos, mas porque o selecionado nacional atingira um nível técnico bem elevado, com reais e enormes chances de conquistar a taça denominada "Copa América". De acordo com o *JS* (matéria sem assinatura),

> [...] Quer como portadores de credenciais de praticantes dum football que figura na primeira linha do melhor entre os melhores da América do Sul, e quiçá do mundo, quer como promotores do próximo Campeonato Mundial e principalmente, como hospedeiros dos irmãos continentais que aqui se acham e dos que aportarão em nossas placas, vindos de todos os cantos do orbe em 1950, é que avultam as nossas responsabilidades de brasileiros – público e jogadores – para podermos levar a bom termo tremenda tarefa com que ora nos defrontamos e a que teremos no ano vindouro. Não será por demais, pois, focalizarmos o que de urgente temos a cumprir quanto ao significado diplomático e internacional das partidas que influirão – imediatas ou remotas – de vez que o êxito das atribuições que nos cometeram os que em nós confiaram como anfitriões, não estará na conquista dos títulos que porventura obtivermos, mas sobretudo no tratamento que devemos ministrar aos povos irmãos que temos e que teremos a honra de hospedar [...] (JORNAL DOS SPORTS, 03/04/1949, p. 6).

Durante todo o período do evento esportivo o *JS* valorizava a nacionalidade brasileira, não apenas pela leitura de um povo disciplinado, cordial e hospitaleiro, mas da capacidade técnica de organizar um torneio internacional (na verdade, dois, o de 1949 e o mais importante, o de 1950).[10] Neste contexto, havia a compreensão

10 Sobre o papel da torcida brasileira na abertura do torneio, ver a crônica "Nossas Duas Equipes... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 05/04/2019, p. 6. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

de que nossos atletas alcançaram uma qualificação esportiva compatível com a elite do futebol sul-americano e mundial.

Corroborando com a celebração da seleção brasileira pelo *JS* neste evento, várias matérias seriam publicadas, em especial pelo jornalista Geraldo Romualdo da Silva, sobre uma memória da participação do Brasil em outras campanhas vitoriosas com o intuito nítido de criar um contexto jornalístico de exaltação do futebol de nosso país (SILVA, 08/04/1949, p. 5)[11]. Desta forma, 1919 e 1922 são momentos de vitória em casa, exaltados em exagero pelas matérias memorialistas do *JS*. Para Mário Polo, que integrava a redação do *JS*, a vitória de 1919 poderia ser considerada como uma das maiores da história do futebol brasileiro quando "[...] a população esportiva do Brasil inteiro, após os festejos grandiosos, dormia um dos seus melhores sonos de glória para o alvorecer da conquista, que mais parecia um sonho" (POLO, 08/04/1949, p. 5).

Passado e presente estavam alinhados em um momento eufórico, na expectativa de valorizar a nacionalidade brasileira, numa oportunidade de mostrar ao mundo a capacidade de organização do torneio de 1950 e de praticar uma visão moderna de país. Portanto, a relação entre os torneios anteriores sediados no Brasil e o tempo presente da edição de 1949 projetava um futuro também bem-sucedido, seja na conquista do Mundial, seja no alcance de um degrau a mais na busca pelo reconhecimento de um país mais urbanizado, industrializado e desenvolvido.

Desta forma, ao longo da cobertura do torneio, matérias específicas do *JS* chamavam a atenção justamente para o futuro: ou seja, de como deveríamos estar atentos a todos os detalhes do "laboratório sul-americano". O Brasil deveria se preocupar, dentre outras informações, da capacidade de venda dos ingressos, da disciplina do público (exaltada pela visão de povo brasileiro, por cronistas como Manoel Vargas Netto, por exemplo), do conforto do novo Estádio Municipal (o Maracanã), da boa recepção dos selecionados estrangeiros, do apoio à nossa seleção e de vários outros pontos de destaque com a proximidade do torneio mundial da FIFA.

Entretanto nem tudo era euforia e tratado como tal. O jornalista Ricardo Serran, por exemplo, ao tratar do planejamento futuro da Copa do Mundo, criticava a CBD por causa de dois principais fatores, o primeiro pelo fato de não ter havido um planejamento correto entre despesas e receitas do torneio sul-americano, causando um déficit na entidade; e o segundo, a incapacidade de negociar a oportunidade de ter pela primeira vez na América do Sul as nove equipes filiadas da CONMEBOL (SERRAN, 09/04/49, p. 5)[12]. Neste episódio, como mencionaremos adiante, a Argentina tornava-se uma grande vilã por ter se recusado a participar do torneio no Brasil, a despeito da crítica de Serran. Em outra oportunidade, Serran reclamava da desorganização do calendário do futebol nacional, como na ocasião em que se aguardava, tanto na disputa da Copa Rio Branco (em 1948) como na então preparação para a disputa do Sul-Americano de 1949, os atletas do Vasco da Gama, já que estes disputavam torneios e amistosos, desfalcando assim o selecionado brasileiro (SERRAN, 10/09/04, p. 9).

---

11 Geraldo Romualdo da Silva era jornalista esportivo de *O Globo* e assim como vários outros nomes, entre repórteres e cronistas, também atuava no *JS.* Outra crônica com este mesmo objetivo pode ser visto em POLO, Mário. Recordando o Campeonato Sul-Americano de 1919. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 08/04/1949, p. 5.

12 Cabe lembrar que a Venezuela só se filiaria à CONMEBOL e à FIFA em 1952, apesar de sua federação de futebol ter sido criada em 1926. Porém, só disputaria o torneio sul-americano em 1967.

As críticas de Serran conviviam com a valorização de cada vitória do Brasil no torneio, muitas com um placar bem elástico[13]. A formação da equipe era um dos trunfos tendo em vista as boas atuações do torneio de 1949, gerando expectativas de sucesso para o ano seguinte. Outro ponto de celebração eufórica era a campanha quase diária pela valorização da construção do Estádio Municipal, que poderia ser vislumbrada nas páginas do *JS* (MOURA, 1998). O novo estádio, para o jornal, seria um símbolo da modernidade brasileira, inclusive para além do próprio campo esportivo, pois tratava-se de uma grande obra de engenharia, uma "pérola" tecnológica voltada para o lazer e para o futebol. As imagens do estádio em construção representavam uma espécie de "contagem regressiva" não apenas para o torneio mundial da FIFA, mas também uma passagem de ingresso para um mundo mais desenvolvido e moderno, mesmo que os índices sociais e econômicos brasileiros não representassem grandes avanços no final da década de 1940 e os inícios dos anos 1950.

O Estádio Municipal seria o local ideal na cidade do Rio de Janeiro para alcançar um dos objetivos da CBD, ressaltados também pelo *JS*: a capacidade de confraternização entre as seleções e seus respectivos torcedores, ainda que o otimismo sobre a possível vinda destes últimos tornava-se um assunto quase inexistente entre os cronistas que tratavam do tema.

Um dos indícios deste discurso em prol da cordialidade e da boa vizinhança com as equipes sul-americanas é a série de crônicas e matérias do jornal com um tom de elogios para quase todas as seleções participantes no torneio, mesmo diante de atuações pífias do ponto de vista técnico. É o caso, por exemplo, da crônica de José Lins do Rego, sobre a vitória do Brasil diante da frágil equipe do Equador (o jogo de abertura terminaria em 9x1 para os brasileiros). Neste texto, o autor escrevia que os equatorianos "(...) mostraram extraordinária fibra, do começo ao fim da partida. (...) Bateram-se com sangue, com entusiasmo, com a galhardia de homens que não só competem para vencer" (REGO, 03/04/1949, p. 7).

Em outra crônica, Rego apresentava um duplo objetivo, o de valorizar as seleções participantes e a de atacar de forma direta e aberta a federação argentina, que havia se recusado a viajar para o Brasil, em decorrência de uma greve generalizada dos jogadores de futebol[14].

> (...) Lá estiveram os nossos amigos da América, aplaudidos, os chilenos amigos do peito, os uruguaios, primos carnais, recebidos com os maiores aplausos. As bandeiras que a ventania enfunava falavam de terras que amamos.
>
> Não apareceu, aquele que não nos quer, que não nos preza, que nos ofendeu com a sua ausência.
>
> Mais tarde, quando a consciência doer o irmão ausente há de sentir que foram conduzidos por péssimos pastores (REGO, 06/04/1949, p. 5).

---

13 A campanha do Brasil foi cercada por vitórias (algumas goleadas) sobre Equador (9x1); Bolívia (10x1); Chile (2x1); Colômbia (5x0); Peru (7x1); Uruguai (5x1). O último jogo, em que só bastava o empate, foi perdido para o Paraguai (1x2), o que gerou um jogo extra, quando o Brasil ganhara por uma nova goleada, agora sobre o Paraguai (7x0).

14 Importante lembrar que o movimento grevista também ocorria no Uruguai, que enviara uma equipe mais jovem para disputar o torneio sul-americano no Brasil.

Desta forma, a grande vilã do torneio já tinha sido eleita em seus momentos iniciais, por conta da "desfeita" causada pela não participação argentina. Outro autor, Manoel Vargas Netto, conhecido por seus textos com discursos de cunho lúdico e com referências eruditas culturais e artísticas, também encorpava a ideia de que os argentinos traíam o Brasil, por motivos nada confiáveis: a greve inclusive teria influência da conjuntura política daquele país em prol do corporativismo sindical.[15] Além disso, apostava na defesa de valores nacionalistas e de uma sociedade disciplinada, de onde o esporte teria uma grande responsabilidade como representação de um povo cordial, pacífico e organizado.

Justamente neste contexto, podemos analisar a crítica do *JS* contra a imprensa e a torcida paulista. Isso se deu muito em razão da opção do treinador Flávio Costa em escalar jogadores dos clubes da capital paulista para que os torcedores desta localidade pudessem apoiar incondicionalmente a seleção brasileira[16]. Várias crônicas e reportagens do *JS* ao longo do torneio, principalmente durante a cobertura dos jogos disputados pelo Brasil no estádio Pacaembu, fariam uma crítica feroz sobre esta decisão do treinador[17]. Uma análise que variava entre a necessidade de ter uma equipe mais coesa e homogênea, sem grandes trocas de atletas, a de que o campeonato deveria unir a seleção em torno de um objetivo e não ficar a mercê de interesses regionais.

Vargas Netto se tornava, ao longo de sua trajetória no *JS,* um forte defensor da nacionalidade brasileira e neste episódio, alertava que, no limite, a seleção não mais deveria atuar em campos paulistas:

> [...] Poder-se-ia falar em nome dos direitos de uma torcida?!... Mas, quais seriam os direitos de uma torcida, que se deixa insuflar, facilmente, por "maus elementos", e que numa competição internacional vaiou os representantes do Brasil?!
>
> [...] Se Pacaembú [sic] não der uma renda compensadora, nem proporcionar um ambiente moral propício às grandes "performances" da seleção brasileira, por que insistir em competições lá?! Não se jogue mais lá e estará tudo solucionado!
>
> Não haverá o trabalho das soluções psicológicas, não será necessário escalar team especial para lá, não haverá aborrecimento de ninguém!
>
> Cuidaremos apenas do selecionado brasileiro, das conveniências nacionais, sem coação de ninguém, num ambiente liberal e fraterno, como é o carioca, onde todos são benvidos, porque aqui é a foz de todas de todas as origens e de todos os sentimentos brasileiros, onde todos

15 De acordo com Vargas Netto, "(...) Começaram os cracks platinos, habitualmente insuflados por Eva Perón, por fundar uma entidade de classe que os abrigasse a todos, e que exigisse largueza das entidades e dos clubes" (VARGAS NETTO, 07/04/1949, p. 4 e 5). O mais interessante é perceber a crítica vindo justamente do sobrinho de Getúlio Vargas, líder do movimento trabalhista brasileiro implantado no Brasil há poucos anos antes.

16 De acordo com Soter, Flávio Costa tinha este problema desde que a seleção brasileira fora vaiada em um jogo na Copa Roca contra Argentina disputado em 1946 no estádio do Pacaembu. Todavia, o próprio autor apresenta nos anexos de sua obra que tal jogo ocorrera em dezembro de 1945. Vargas Netto cita em outra crônica uma atuação ruim do Brasil pela Copa Rio Branco, em março de 1947. Jogo que terminara 0 x 0, e que a torcida paulista no Pacaembu tinha vaiado o selecionado nacional contra o Uruguai. De acordo com o autor os protestos foram muito mais pelo mau desempenho da equipe do que a exigência de mais jogadores paulistas no time. Ver em: VARGAS NETTO, Manoel. Quem a torcida queria... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 09/04/1949, p. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

17 Como, por exemplo, a crônica de Mário Filho: RODRIGUES FILHO, Mário. A única coisa que se pede do selecionador é a escalação de um verdadeiro scratch brasileiro. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 8/04/1949, p. 5.

> provincianismos deságuam e somem, como os rios somem no mar (VARGAS NETTO, 08/04/1949, p. 4 e 5).

O tom severo e por vezes pouco diplomático do autor neste texto demonstra um apreço por uma defesa inconteste da nação, do Brasil; e traz uma própria contradição ao valorizar a importância do Rio de Janeiro (capital federal) justamente em um argumento antiprovinciano.

Para cobrir o Sul-Americano de 1949, Vargas Netto atacava os adversários internos e externos em seus textos, defendendo o que acreditava ser uma positiva organização do campeonato, que resultaria inclusive no orgulho da nação brasileira. As ideias e debates, apesar de nem sempre fazerem referência direta à Copa do Mundo FIFA no ano seguinte, são fundamentais para compreendermos as preocupações do *JS* e de seus cronistas: a formação de um selecionado sem regionalismos ou bairrismos, a necessidade de público assistente aos jogos e a participação e apoio das confederações e associações de futebol dos países aptos a disputarem o torneio. Sem falar na campanha cotidiana de acompanhar as obras do estádio Maracanã, sempre com imagens e manchetes garrafais no alto das páginas do jornal.

Correio da Manhã: um contraponto de um periódico histórico e generalista

O *Correio da Manhã* foi um periódico fundado pelo jornalista e advogado gaúcho Edmundo Bittencourt em 15 de julho de 1901 que ao longo da sua extensa trajetória, até 8 de julho de 1974, se envolveu em importantes debates políticos na sociedade brasileira. Segundo verbete da Fundação Getúlio Vargas o jornal "foi durante grande parte de sua existência um dos principais órgãos da imprensa brasileira, tendo-se sempre destacado como um "jornal de opinião"[18].

No período pós Estado Novo e segunda guerra mundial, o periódico que era dirigido desde 1929 por Paulo Bittencourt, filho do fundador, importante jurista e articulista político, era caracterizado por ser liberal, antigetulista, anticomunista e teria apoiado tanto nas eleições de 1945, após a deposição de Getúlio Vargas, quanto em 1950, o Brigadeiro da UDN Eduardo Gomes.

No que concerne à cobertura esportiva sobre o evento estudado neste periódico generalista, obviamente ela era menos especializada e com um espaço restrito dedicado à temática esportiva. Outro problema é que as reportagens não eram assinadas o que dificulta um mapeamento do perfil dos jornalistas responsáveis. Em alguns aspectos ela se assemelhava com o discurso elaborado pelos cronistas mais conhecidos do *JS*, mas é possível identificar algumas diferenças também oriundas do próprio perfil político do *Correio da Manhã*.

Neste sentido, como instrumento metodológico comparativo neste artigo, vamos procurar estabelecer um contraponto com o *JS* a partir dos aspectos mais importantes que pautaram o periódico especializado na cobertura esportiva, com foco nas semelhanças e diferenças entre ambos os periódicos.

---

18 Para maiores informações sobre a importância política desse periódico, como seu posicionamento em diversas conjunturas políticas da História republicana, acessar o referido verbete Fundação Getúlio Vargas em http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha, bem como o artigo da hemeroteca digital https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/.

Com relação à questão da valorização do nacionalismo que é possível identificar em cronistas do *JS* como por exemplo Vargas Netto e o próprio Mário Filho, não percebemos no *Correio da Manhã* um discurso excessivamente patriótico, em alguns pontos nem mesmo ufanista. Pelo contrário, o torneio é representado como uma importante competição esportiva, mas cuja organização deveria ser adiada em função dos diversos problemas e da proximidade da realização do campeonato mundial no Brasil.

O trecho extraído da reportagem abaixo foi veiculado na capa da segunda seção da edição dominical, no dia que seria realizada a última partida do turno entre Brasil e Paraguai e que tudo indicava que o Brasil seria consagrado campeão. Entretanto, com a derrota de 2x1 para a equipe paraguaia a decisão do torneio foi postergada para uma partida extra onde o Brasil goleou a mesma seleção do Paraguai também em São Januário.

> Hoje todos são acordes em que valeria esperar mais um pouco, abrir mão da data para posteriormente realizar um certame "extra" com a força máxima do futebol sul-americano presente. Entretanto por orgulho ou muito boa vontade contentamo-nos com a sorte e aqui reunimos convidados pouco possibilitados para disputar conosco o título de 49. Os argentinos seriam substituídos pelos paraguaios e os uruguaios por si mesmos, a tradicional camisa olímpica incentivaria os jovens representantes "orientais" a tentar um feito transcendental.
>
> Foi com essas perspectivas esperançosas e talvez românticas que o campeonato sul-americano teve início e um pleno sucesso foi vaticinado. A verdade, no entanto é outra. Desde a realização da terceira rodada as rendas começariam a decair para atingir 10 mil cruzeiros, o público logo enfastiou-se do pobre futebol e deixou a C.B.D entregue a própria sorte. As imprensas bandeirante e metropolitana se já não bastasse o fracasso trocaram de lado a lado expressões não muito simpáticas e falou-se até que o torneio continental terminaria com um prélio entre paulistas e cariocas "a valer de verdade mesmo" (CORREIO DA MANHÃ, 08/05/1949, CAPA – 2.A SECÇÃO).

É possível identificar neste breve trecho diversos assuntos que estiveram em pauta durante a realização do torneio e que apareceram tanto no *Correio da Manhã*, quanto no *JS*.

Primeiramente, diferentemente da posição dos cronistas do *JS* que visivelmente exaltavam a realização do evento ao longo de toda a sua duração, construindo uma imagem de sucesso e de prévia para o mundial de 1950, é possível perceber no discurso do *Correio da Manhã* críticas a sua realização em função da ausência da Argentina e a presença do Uruguai com uma equipe de jovens, as baixas rendas nas partidas, e ao próprio futebol apresentado durante o torneio.

No que concerne a não participação da Argentina e a formação de uma delegação uruguaia com jovens em função de um movimento grevista dos jogadores em ambos os países da Bacia do Prata, o posicionamento do jornal também é extremamente crítico aos jogadores e sindicatos e à inércia da nova Federação Argentina em não formar um selecionado para participar do torneio:

> É uma pena que os argentinos não tenham comparecido ao campeonato que organizamos depois de vinte e sete anos como esperavam todos os esportistas brasileiros habituados a receber dos mentores do futebol argentino provas de amizade sempre retribuídas a altura e nesse particular o "Correio da Manhã" despendeu um ponto de vista que está longe de apreciar a ausência da Argentina com " amargura ou ressentimento". Críticas aos novos dirigentes e grevistas.(CORREIO DA MANHÃ, 03/04/49, CAPA – 2.A SECÇÃO).

Corroborando com a sua retórica liberal o jornal é extremamente veemente ao criticar o fato de jogadores de futebol estarem em greve. Neste sentido, o posicionamento do *Correio da Manhã* é bem próximo da maior parte dos articulistas do *JS*, que ao condenar o fato da seleção argentina não participar do evento em função de demandas trabalhistas, estaria indo contra os supostos princípios esportivos e patrióticos e deixando uma mácula na própria relação entre ambos os países.

Com relação à participação uruguaia o discurso também é similar ao periódico especializado com a exaltação do esforço solidário que a Federação Uruguaia teria realizado para estar representada no evento.

> Um agradecimento especial e caloroso merece o esporte do Uruguai que de braços com uma situação anormal, soube honrar a palavra empenhada e vir participar da nossa festa não trazendo uma equipe tecnicamente possante, mas se fazendo representar pela sua juventude amadorista, entusiasta e vibrante. Os uruguaios já nos habituaram aos seus gestos de nobreza e fraternidade. Jamais esqueceremos os gestos de fidalguia com que nossos vizinhos acorreram pressurosos ao convite que lhe fizemos em 1945 para jogarem duas partidas de futebol para os soldados que partiam para a Itália (CORREIO DA MANHÃ, 03/04/49, CAPA – 2.A SECÇÃO).

Enquanto a Argentina é crucificada por não estar presente, a "celeste olímpica" que enviou uma equipe amadora e que paradoxalmente seria o grande algoz brasileiro no mundial de 1950 é hipervalorizada pela sua cordialidade, empenho e participação independentemente da greve que também envolvia os principais jogadores do país.

O agradecimento remetia até para partidas disputadas diante dos "pracinhas" do Exército brasileiro ainda no período da segunda guerra mundial e a organização de um time de jovens amadores chegara a ser representado com a qualificação de "entusiasta" e "vibrante".

No que diz respeito à disputa entre "cariocas e paulistas" em diversas esferas (imprensa, escalação, público presente, incentivo à seleção, dentre outros elementos discursivos) desde o início do torneio é possível perceber que o *Correio da Manhã* buscava uma postura neutra, elogiando a divisão das partidas e a realização de duas cerimônias de inauguração no Rio e em São Paulo:

> Antecedendo os jogos da segunda rodada do XVI Campeonato Sul-Americano de Futebol, tivemos na noite de ontem, em São Paulo uma reprodução da solenidade de domingo último, nesta capital. Estando a realidade do certame dividida entre os dois maiores centros esportivos do país, a Confederação Brasileira de Desportos compreendendo a

> repercussão de uma "reprise" do desfile tradicional das delegações determinou fosse também efetuado no Pacaembú, em idênticas condições da abertura do campeonato. Embora como em São Januário - contasse com um público pequeno, a cerimônia alcançou sua finalidade. Agradou à assistência que não poupou aplausos, principalmente, é claro à representação nacional (CORREIO DA MANHÃ, 07/04/49, p. 5).

O fato atípico de duas cerimônias de inauguração demonstra a rivalidade futebolística e institucional no futebol brasileiro que existia entre as duas cidades e que no caso do *Correio da Manhã* não era estimulada. Além de destacar a importância da nova cerimônia no Pacaembu, diferentemente do que ocorria no *JS*, as reportagens do periódico parecem compreender a existência de escalações diferentes em cada praça e criticavam as notórias pendências de jornalistas de ambas as cidades. Um exemplo de crítica explícita deste Jornal está no seguinte trecho da reportagem intitulada "Contra a Ética e contra o leitor":

> Não faz muitos dias aqui mesmo dois excelentes cronistas, talvez os mais combatentes e operosos, encheram espaços preciosos dos jornais onde trabalham para atirar ironias mútuas. Já não basta a ressureição dos bate-barbas entre certos cronistas cariocas e paulistas, ranço do tempo em que perdiam tempo em saber onde estava a hegemonia do futebol brasileiro, e o que é mais lamentável é não aparecer, tanto aqui como em São Paulo quem se lembre de chamar atenção desses rapazes que se dizendo jornalistas procedem como se fossem verdadeiros meninos da escola primária (CORREIO DA MANHÃ, 26/04/40, p. 12).

A crítica feita na reportagem era direcionada para jornalistas de ambas as cidades e espelhava uma situação fática de confronto explícito entre articulistas cariocas e paulistas que podemos observar em algumas crônicas do *JS*.

Entretanto, no *Correio da Manhã* esta rivalidade da imprensa do Rio x São Paulo, que é uma característica que remonta o período do amadorismo e da organização dos primeiros selecionados nacionais, era veemente rechaçada. Segundo o título da matéria, seria uma afronta à própria ética jornalística e aos leitores que prestigiam a cobertura dos periódicos. A metáfora utilizada de "meninos na escola primária" buscava conferir um caráter simbólico de maior respeitabilidade para o discurso do próprio periódico.

Ademais, é importante destacar que a busca de um enquadramento de memória futebolística vitoriosa brasileira, sobretudo na própria competição sul-americana de futebol é uma característica presente em ambos os periódicos com diversas reportagens exaltando as conquistas dos sul-americanos de 1919 e 1922, além dos principais jogadores brasileiros nestes torneios.

Considerações possíveis

O principal objetivo do presente artigo foi estabelecer uma comparação entre a cobertura do torneio sul-americano de seleções no ano de 1949 a partir de dois periódicos da cidade do Rio de Janeiro: um jornal generalista, histórico e influente na política da capital federal e um veículo especializado no tema. Em função da

diferença no número quantitativo de reportagens e também da perspectiva que cada um dos jornais adotou com relação à realização do evento, foi possível apresentar um contraponto do *Correio da Manhã* à cobertura mais detalhada e efusiva dos articulistas do *JS*.

Foi possível identificar como principais diferenças uma abordagem mais empolgada, praticamente ufanista com relação à realização do torneio e as apresentações do selecionado nacional, além de uma postura de intensa rivalidade com a imprensa paulista no *JS*. O *Correio da Manhã* foi mais crítico e não defendia a organização do torneio às vésperas da realização da Copa do Mundo de 1950, além de condenar o que chamou de "bate-barbas" entre cronistas do Rio e São Paulo.

No que diz respeito às semelhanças, em ambos os periódicos houve uma condenação à ausência da Argentina, inclusive com uma abordagem ideológica contra o movimento grevista dos jogadores e uma exaltação da participação uruguaia, louvando o esforço da Federação do país em organizar uma equipe, mesmo que formada por jovens.

Outro ponto de convergência é a admiração com as obras que estavam em curso para a construção do Estádio Municipal no antigo terreno do Derby Club que ficou popularmente conhecido como o Maracanã e a defesa das autoridades que estavam engajadas na realização do torneio mundial de 1950, principalmente o prefeito Ângelo Mendes de Morais.

Assim sendo, no caminho da primeira Copa do Mundo de futebol realizada no Brasil aconteceu uma Copa América pouco estudada academicamente, mas que traz muitas questões e polêmicas importantes para se compreender tanto a história dos campeonatos sul-americanos, como também o primeiro torneio mundial de seleções realizado no país um ano depois.

Referências bibliográficas

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1949. Várias Edições.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes:* a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

_____. *Cronistas Esportivos em Campo*: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958). Curitiba: UFRJ, 2016. Tese de Doutoramento em História.

GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.) e NOVAIS, Fernando A. (Coord.). *História da Vida Privada no Brasil.* V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 1949. Várias edições.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Einaldi.* V. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha. Acesso em 31/07/2019.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso.* Campinas: Pontes Editores, 1989.

MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio Corre para o Maracanã.* Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

POLO, Mário. *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 02/04/1949, p. 5.

_____. Recordando o Campeonato Sul-Americano de 1919. In: *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 08/04/1949, p. 5.

REGO, José Lins do. Os Equatorianos. In: *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 03/04/1949, p. 7.

_____. Os Presentes e o Ausente. In: *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 06/04/1949, p. 5.

RODRIGUES FILHO, Mário. A única coisa que se pede do selecionador é a escalação de um verdadeiro scratch brasileiro. In: *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 8/04/1949, p. 5.

SERRAN, Ricardo. Se Nostradamus estiver enganado... "Test" para a Copa do Mundo. In: *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 09/04/1949, p. 5.

_____. Em 1950 será melhor... In: *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 10/04/1949, p. 9.

SILVA, Geraldo Romualdo da. O Formidável Ataque de 19. In: *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 08/04/1949, p. 5.

SILVA, Paulo Renato da. Memória e História de Eva Perón. In: *Revista de História* (São Paulo). Nº 170, São Paulo, Jan./Jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00348309201400010143>.

SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção:* As Seleções Brasileiras de Futebol - 1914-2002. Rio de Janeiro, Folha Seca, 2002.

VARGAS NETTO, Manoel. Nossas Duas Equipes... In: *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 05/04/1949, p. 6. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Afeto e Orgulho. In: *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 07/04/1949, p. 4 e 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Quem a torcida queria... In: *Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, 09/04/1949, p. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

4 | As expressões futebolísticas nas crônicas esportivas: análise dos textos de Tostão durante a Copa do Mundo de 2018

Anna Virginia Nascimento Silva[1]

Introdução

O futebol, como aponta Rangel (2008), é incorporado ao crescimento do brasileiro, já que "desde pequenos recebemos um nome, uma religião e quase sempre um time para torcer" (RANGEL, 2008, p. 18). Diante da relevância da modalidade para as relações sociais no Brasil, o futebol é um segmento que possui expressões específicas, que quando aplicadas no contexto da prática do esporte normalmente são entendidas apenas por quem é apaixonado e acompanha o futebol. Oliveira (2016) reflete sobre a atividade enquanto elemento cultural na sociedade brasileira. De acordo com a autora, o futebol possui "elementos externos e ainda signos próprios e códigos específicos voltados para aqueles que o praticam" (OLIVEIRA, 2016, p.1).

> Se, de um lado, este esporte em seu processo histórico internalizou discursos e contextos de classes, clubes, localidades, empresas, regiões e/ou nações, de outro ele possui uma linguagem própria que tem a capacidade de dar um dinamismo diferenciado a prática e ainda consegue superar determinadas limitações e diferenciações a partir de uma forma própria de interação social, criando a partir da linguagem da bola uma nova forma de pensar as sociedades que praticam este jogo (OLIVEIRA, 2016, p. 3-4).

O objetivo do artigo é entender como os profissionais que se dedicam a analisar o esporte na imprensa utilizam a linguagem em seus textos. Como as expressões típicas do futebol são utilizadas nas crônicas esportivas? E ainda, como se dá essa relação quando o cronista foi, anteriormente, um personagem no meio do futebol - um jogador, treinador ou dirigente? Para responder às questões, o artigo analisará como estudo de caso as crônicas do ex-jogador de futebol, Tostão, publicadas na *Folha de São Paulo* após os jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2018, realizada na Rússia.

A escolha de analisar as crônicas referentes aos jogos do Brasil no Mundial deve-se à relevância da competição, que é o evento mais lucrativo e mais acompanhado no mundo, como mostra Rangel (2008). Para a autora, o Mundial envolve o imaginário do torcedor da seleção brasileira e desperta o sentimento de nacionalismo.

> Na Copa do Mundo, uma espécie de "alma brasileira" une o país todo em torno de uma atividade, o futebol. Esta alma brasileira instiga a maioria a driblar os problemas da vida numa busca incessante por vitória. O nivelamento das pessoas de classes sociais, sexo, etnia,

1 Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora.

> religião, e regiões distintas, fazem com que haja uma integração contra um "inimigo comum". Já não há a separação do que é do povo e o que é da elite. É a democracia do futebol vencendo os adversários sociais, a exposição nítida do verdeamarelismo (RANGEL, 2008, p. 25).

A Copa do Mundo é um torneio do qual Tostão participou como jogador - nas edições de 1966 e 1970. Assim, é válido questionar o que prevalecerá nessa situação: os termos técnicos do esporte? Ou as expressões que abordam o lado emocional do futebol?

Na atuação dos especialistas na crônica esportiva especializada, de acordo com Toledo (2000), identificam-se três perspectivas que não necessariamente se excluem: a primeira enxerga o futebol como atividade lúdica, a segunda o vê como esporte e a terceira foca no aspecto institucional.

A primeira perspectiva é a que mais se aproxima do discurso proferido entre os torcedores, já que destaca conceitos como imponderabilidade e emoção, além de priorizar as representações culturalistas do futebol.

Já na segunda perspectiva prevalecem as análises técnicas sobre o que ocorre dentro de campo e, como aponta o autor, há um caráter internalista sobre o esporte. Como mostra Toledo (2000), dedica-se às análises e às polêmicas técnicas e é mais usada por ex-atletas que atuam como comentaristas esportivos e consolida "um discurso cujo tom prima por uma análise desapaixonada e distanciada, mais tecnicista, portanto" (TOLEDO, 2000, p. 173).

Na terceira perspectiva, há destaque para a crítica esportiva, na qual se aborda mudanças institucionais e a dimensão política do futebol profissional, estabelecendo diálogo direto com dirigentes da modalidade.

Tostão, por ter sido jogador de futebol, provavelmente apresentará em suas crônicas um discurso que exalta os aspectos técnicos do esporte, ressaltando a atuação de jogadores e as estratégias táticas. Portanto, o artigo apresenta como objetivo específico descobrir qual perspectiva usada pelo ex-jogador em seus textos e se há a utilização de jargões do futebol nas crônicas esportivas escritas após as cinco partidas realizadas pelo Brasil no Mundial de 2018: Suíça, Costa Rica e Sérvia na fase de grupos, México pelas oitavas de final e Bélgica, nas quartas de final, quando o Brasil foi eliminado.

Linguagem do futebol

Segundo Oliveira (2016), o futebol é capaz de construir novas dinâmicas e impor reflexões para a política, a economia e a sociedade, através dos códigos específicos do mundo da bola. Para a autora, o futebol – seja visto como lazer ou como esporte – possui codificações que ultrapassam os usos da modalidade por dirigentes, jornalistas e jogadores, atuando como uma maneira de desenvolver amizades, novas relações sociais e enaltecer a identidade nacional.

Como aponta Rodrigues (2008), o cotidiano do brasileiro incorpora expressões típicas do futebol – normalmente palavras e termos utilizados por jogadores, comentaristas esportivos e locutores – e estas são utilizadas com uma conotação

diferente da original em diversos contextos e situações e, inclusive, por pessoas que não acompanham o futebol em sua rotina. Como exemplo, a autora cita as expressões *pisou na bola*, usada para se referir a uma situação em que alguém cometeu um grande erro; *está fazendo firula*, que remete a alguém que age sem objetivo prático; *deixou para escanteio*, usada para quando algo foi colocado em segundo plano; *está driblando*, quando a pessoa está escapando de alguma situação; joga nas onze, para quando a pessoa é capaz de desempenhar um bom papel em várias funções. Como mostra Rodrigues (2008), as expressões do futebol sofrem alterações ao longo do tempo.

> Aproveitando a riqueza desse vocabulário, "nessa altura do campeonato", vale lembrar que muitos termos já deixaram de ser mencionados, muitos ainda são e outros ainda serão, pois essas mudanças contínuas precisam acontecer para que não se tornem repetitivos e cansativos demais na linguagem do futebol. Isso se dá devido ao acompanhamento que se faz da dinamicidade da língua e dos falantes, que também são torcedores (RODRIGUES, 2008, p. 9).

A autora mostra também que há termos que são utilizados em um contexto no cotidiano e que, quando aplicados no mundo do futebol, adquirem outro significado. Rodrigues (2008) cita as palavras *chaleira* e *chapéu* como exemplos. Enquanto no dia a dia chaleira é utilizada para denominar um utensílio doméstico responsável por aquecer água, nos campos de futebol a palavra passa a se referir a uma tática usada quando um jogador bate na bola com a parte externa e lateral do pé. Já a palavra chapéu, que no cotidiano é um acessório, quando aplicada no futebol adquire o significado de um lance no qual a bola passa sobre a cabeça do adversário.

Rodrigues (2008) explica que só é possível essa transformação dos significados quando há utilização em grande escala dos termos, gerando a aceitabilidade do público. Além disso, as expressões podem sofrer alterações de uma região para outra e de um país para outro. O autor explica que por isso há o aportuguesamento de estrangeirismo, para adaptar a realidade de cada local, já que "transformações possuem uma relação de dependência com a cultura de cada região ou país, pois uma determinada expressão pode não ser significativa aos membros de uma comunidade linguística, mas sim, para outra" (RODRIGUES, 2008, p. 11).

Como é destacado por Rangel (2008), as expressões do futebol sofreram adaptação ao chegar em solo brasileiro, adaptando-se à fonologia da Língua Portuguesa. A autora defende, ainda, que a criação dos termos usados durante uma partida de futebol ocorreu naturalmente, diante da necessidade de expressar situações para as quais ainda não havia expressões definidas.

> Muitos termos foram tomados do inglês, já que o futebol veio da Inglaterra. Alguns sofreram adaptação à fonologia do português e se consolidaram no uso; outros foram sendo substituídos gradativamente por termos equivalentes já existentes no português ou criados a partir de processos morfológicos da língua portuguesa. Termos como: *back, penalti, goal, team, shoots, forwards, keeper, derby* (RANGEL, 2008, p. 28)

Como aponta Rangel (2008), a linguagem, que anteriormente era usada apenas por jogadores, técnicos, locutores e torcedores de futebol, hoje já não é de exclusividade dos amantes do esporte e dos profissionais que trabalham com a modalidade. De acordo com a autora, "o 'futebolês' foi pouco a pouco se incorporando na nossa linguagem coloquial" (RANGEL, 2008, p.28).

As crônicas esportivas

A crônica, conforme constata Costa (2009), é um gênero literário cuja temática é livre e aborda fatos e reflexões sobre o cotidiano com caráter opinativo. Para o autor, o estilo da crônica é caracterizado pela construção do texto levando em conta três aspectos: a escolha do tema, o uso linguístico e o objetivo do texto. Nesse sentido, para ser caracterizada como crônica o texto deve apresentar fatos do cotidiano - mesmo que com o uso de personagens, incorpore aspectos ficcionais; utilize linguagem coloquial, estabelecendo cumplicidade com quem lê; e a pessoalidade na escrita. Logo, o estilo da crônica varia tomando como base as referências sociais e literárias de quem escreve.

> A escolha linguística usada para compor a crônica está intimamente vinculada com a relação pessoal do autor com o mundo. [...] Tostão faz análise tática, técnica, montando seus textos estimulados por sua visão de mundo que passa pela experiência de jogador, por sua formação em medicina e por sua leitura psicanalítica do mundo (COSTA, 2009, p. 23).

A crônica é um subgênero do gênero narrativo, com características específicas e que também comporta subgêneros, como, por exemplo, a crônica esportiva. Segundo Toledo (2000), as crônicas esportivas fazem parte do imaginário coletivo sobre o futebol. Mais do que ocupar páginas dos jornais, elas conquistaram o coração do torcedor de tal maneira que é comum que se crie uma relação de intimidade entre cronista e torcedor. Prova disso é que, até hoje, alguns cronistas são lembrados quando falamos sobre a história do esporte. É o caso, por exemplo, de nomes como Nelson Rodrigues, Armando Nogueira, Mário Filho e João Saldanha. Ainda segundo Toledo (2000), o fato da crônica esportiva comportar representantes das dimensões torcedores, especialistas e profissionais permite que os pontos de vistas apresentados no segmento não sejam homogêneos e, portanto, abrange diversas maneiras de entender e enxergar o futebol.

Como mostra Costa (2009), no jornalismo brasileiro há diversos tipos de crônicas, dentre as quais se destacam as ficcionais, poéticas, informativas e opinativas. Para Lima (2016), há nas crônicas esportivas contemporâneas a busca pela precisão científica, que é impossível de ser alcançada em textos de opinião. Segundo o autor, a crônica que valoriza a informação muitas vezes retira o aspecto emocional e passional do cronista, que seriam características capazes de gerar aproximação com o leitor. No Brasil, como observa Costa (2009), a crônica esportiva é mais voltada para o aspecto jornalístico, preocupando-se com a análise dos fatos sem perder a liberdade típica do cronista para adicionar elementos ficcionais ou poéticos.

Tostão: craque da bola e das palavras

O mineiro Eduardo Gonçalves de Andrade, mais conhecido como Tostão, nasceu em 25 de janeiro de 1947 na capital Belo Horizonte. Ex-jogador de futebol, Tostão teve carreira curta - 1962 a 1973 - mas com grande destaque no esporte mais popular do Brasil e do mundo. Ídolo e maior artilheiro da história do Cruzeiro, o atacante jogou duas Copas do Mundo pela seleção brasileira. Foi campeão na segunda delas, aos 23 anos de idade, em 1970, no México.

Um descolamento de retina no ano de 1969, fez com que o craque deixasse o esporte por recomendação médica quatro anos depois, em 1973, para que o problema não se agravasse, o que poderia levá-lo a perder a visão do olho esquerdo. A recomendação veio de um profissional da área que pouco tempo depois ele ingressaria. Tostão estudou Medicina e por anos trabalhou como médico e como professor. Ex-jogador, médico professor de medicina, desde 1996 ele também é colunista, além de se aventurar como escritor.

No caminho entre os dribles, passes precisos e gols marcados nos gramados até chegar às análises profundas nas colunas de alguns dos principais jornais do país, ele estudou Medicina Psicossomática, Psicanálise, Filosofia. Um ponto fora da curva entre os jogadores e ex-jogadores, Tostão sempre buscou se aprofundar no que lhe interessava. Provavelmente essa diversidade no campo intelectual faça com que a sua análise sobre o jogo e o que o cerca seja tão única. Depois de quase 20 anos longe de uma ligação mais direta com futebol - da sua aposentadoria, em 1973, ao convite da *TV Bandeirantes* para participar da cobertura da Copa dos Estados Unidos, em 1994 - Tostão havia acrescentado à genialidade e vasto conhecimento que tinha dentro das quatro linhas, a sapiência vinda de diversas outras áreas do conhecimento.

Em 1997, Tostão deixaria de vez a atuação como médico e professor da Faculdade de Ciências Médicas, para se dedicar novamente ao futebol, desta vez como analista, comentarista e colunista em canais de TV, jornais e revistas. Desde 1999, Tostão é colunista do jornal *Folha de São Paulo*. Apesar das mais de duas décadas atuando na imprensa, Tostão (2016) aponta em seu livro *Tempos Vividos, Sonhados e Perdidos: um olhar sobre o futebol* que se sente como um convidado na crônica esportiva. Ele destaca o fato de ser um dos poucos ex-atletas que escrevem semanalmente para um grande jornal, já que a maioria dos ex-jogadores atua como comentaristas em emissoras de televisão e de rádio, além da internet. O craque, no entanto, ressalta que busca separar a carreira anterior da função que desempenha na imprensa e se define como um colunista que já foi jogador. Como colunista, Tostão (2016) afirma que busca em seus textos separar a vida de atleta e ser um crítico.

Em seu livro *A perfeição não existe: paixão do futebol por um craque da crônica*, publicado em 2012, Tostão (2012) revela que se preocupa em ser conciso nos seus textos, que abusa das orações adversativas e que foi através do gosto pela leitura que aprimorou a escrita, absorvendo o estilo de diversos colunistas. Além disso, o craque confessa o prazer em fazer análises técnicas, o que é facilitado pela experiência dentro de campo.

De acordo com Lima (2016), o destaque das crônicas de Tostão está, sobretudo, no princípio ético que perpassa todo o texto. Lima (2016) aponta que embora nas crônicas de Tostão haja predomínio de análises técnicas, também há espaço para a literalidade em alguns de seus textos. O autor aponta seis pontos que considera fundamentais nos textos de Tostão:

> (1) Tostão escreve crônicas, que recuperam muitas das mais importantes características desse gênero híbrido; (2) em suas crônicas, tenta criar uma rede constante de assuntos; (3) o cronista Tostão é um ex-jogador que, parece-nos, escreve como jogava; (4) suas opiniões sobre os jogos refletem o cronista de opinião, que o cronista-colunista tem a função de realizar, porém sua necessidade de opinar submete-se à sua arte de explicar o futebol como um analista; (5) o analista Tostão ensaia teses que sua vida intelectual reconheceu importantes (duas delas se manifestam mais constantemente: a do futebol arte e a do futebol como metáfora da vida); (6) sem escrever exatamente ensaios de futebol, Tostão divulga ensaios que procuram interpretar o futebol, a literatura e a vida social, pela via argumentativa, autonomeando-se colunista esportivo, para fugir da designação ―cronista, mas sempre produzindo reflexões sobre eles (LIMA, 2016, p. 124).

As crônicas escritas por Tostão, como mostra Lima (2016), apresentam características específicas que as diferencia dos textos escritos por outros cronistas esportivos - o autor apresenta essa diferenciação como 'desvios ínfimos', que devem ser estudados e reconhecidos. Segundo Lima (2016), Tostão tem como característica o cuidado com a escrita e a busca constante pelo melhor texto.

> Tostão é um legítimo escritor 'boi de cambão', desses que modela seu texto, que procura a melhor frase, que só publica depois que reescreve suas certezas momentâneas, que medita a respeito do que é preciso ser dito naquele texto, nesse que deve ser escrito porque será publicado (LIMA, 2016, p. 117).

Como constata Costa (2009), os textos de Tostão ultrapassam o aspecto poético e, ao apresentar as opiniões a respeito do cotidiano do esporte, abordam também impressões a respeito da política e da saúde, por exemplo. Quanto à linguagem, o autor observa que Tostão mescla o coloquial com o literário e, assim, consegue gerar identificação com o leitor.

Tostão apresenta como característica, segundo Lima (2016), a seriedade e a responsabilidade com as quais discute futebol. Como formador de opinião, o craque adota a coerência, a ética e utiliza por vezes um tom pedagógico. Como mostra Lima (2016), é possível notar nos textos de Tostão a torcida pelo futebol bem jogado e atribui isso ao fato de que o ex-jogador enxerga mais o futebol como expressão artística, e "menos com os olhos de um torcedor apaixonado por seu clube de coração" (LIMA, 2016, p.129).

A presença de expressões futebolísticas nas crônicas de Tostão

Tostão é cronista esportivo do jornal *Folha de São Paulo*, veículo para o qual escreve às quartas e domingos. Durante o período de um mês no qual ocorreu a Copa do Mundo, Tostão escreveu mais para o jornal. Foram 21 crônicas publicadas do dia 14 de junho (data do primeiro jogo da competição) ao dia 15 de julho (data da final da competição). O artigo analisou cinco crônicas escritas por Tostão durante esse período. As crônicas analisadas foram as escritas após os jogos disputados pela seleção brasileira no Mundial.

Sob o título *Empate foi ruim, mas muita água vai rolar*, Tostão assinou a crônica posterior à estreia do Brasil na Copa do Mundo de 2018, no dia 18 de junho de 2018. Diante da Suíça, a seleção brasileira não conseguiu alcançar a vitória. Em seu texto, o colunista relatou brevemente a vontade de estar presente para acompanhar o espetáculo como parte da torcida, e enfatiza os fatos considerados principais que aconteceram no decorrer da partida. Ele descreve o primeiro gol, marcado pelo jogador Philippe Coutinho, como d*e seu jeito, chutando de fora da área, forte e de curva e realiza*, ainda, análise da disposição dos jogadores em campo utilizando as expressões *dois quartetos e dois trios*. No primeiro caso, pessoas que não acompanham regularmente o futebol são capazes de entender facilmente as expressões utilizadas, porém, no segundo caso, há a necessidade de um conhecimento prévio a respeito de disposições táticas para compreender que Tostão se refere aos quatro jogadores que atuaram no ataque brasileiro: Coutinho, Willian, Neymar e Gabriel Jesus, e aos quatro de defesa: Willian, Paulinho e Casemiro, responsáveis pela marcação do meio-campo. Já os trios são referentes aos três jogadores que atuam no meio-campo: Casemiro, Paulinho e Willian, e aos três jogadores que jogam pelo lado esquerdo do ataque: Marcelo, Coutinho e Neymar. Tostão ainda discorre sobre a atuação brasileira, ressaltando as qualidades e os defeitos técnicos do time de forma direta. Apesar de lamentar o empate, o cronista utiliza uma expressão popular - também presente no título - para encerrar a crônica com um aspecto otimista: É só o começo. Muita água vai rolar.

Já a segunda crônica analisada, intitulada *A dúvida é se Tite fará alguma mudança*, que foi publicada no dia 23 de junho de 2018, o título sugere que o texto irá discorrer sobre as possíveis opções do treinador da seleção brasileira para alterações na equipe principal, o que de fato acontece. No entanto, o conteúdo desta crônica aborda também as memórias do ex-jogador Tostão, relembrando momentos dos Mundiais dos quais participou como atleta, o que desperta o caráter poético no texto.

> Quando chegam ao estádio, começam os rituais, as superstições, também como no passado. Alguns ficam excitados, falam muito, enquanto outros preferem o silêncio. Pelé esticava as canelas e fechava os olhos. Era proibido importunar a fera. Não sabia se ele dormia e se sonhava com o belo gol que faria (Folha de São Paulo, on line, 23/06/2018).

A emoção de disputar uma Copa do Mundo fica evidente no trecho e Tostão utiliza alguns adjetivos para destacar seus sentimentos, como *excitados*, *belo* e *fera*

- nesse sentido, referindo-se à genialidade do ex-jogador Pelé. O cronista poderia ter optado por outros adjetivos como craque, gênio ou mesmo utilizado a antonomásia e escrito *Rei do futebol*. O termo fera, no entanto, é significativo, pois durante o período que antecedeu a Copa do Mundo de 1970, a equipe brasileira foi apelidada de *As feras de Saldanha*[2], treinador do Brasil na época.

O aspecto técnico também foi destaque na crônica, na qual Tostão fez breves avaliações sobre as atuações de Willian, Fagner, Neymar, Paulinho, Gabriel Jesus, Firmino, Douglas Costa e Coutinho. Houve, ainda, espaço dedicado para análise dos adversários, com ênfase para a atuação do goleiro Navas e a marcação co*m uma linha de cinco atrás, outra de quatro* - expressão muito usada no futebol ao se discutir tática, referindo-se à quantidade de jogadores atuando na linha de defesa.

Na crônica publicada após o jogo de encerramento da fase de grupos, no dia 28 de junho de 2018 - *Ainda bem que Tite não barrou Paulinho* **-** Tostão discorreu sobre os principais destaques da partida da seleção brasileira, além de ressaltar a perspectiva dos torcedores brasileiros diante da eliminação da Alemanha na fase de grupos: "A torcida brasileira ficou dividida, em querer dar o troco na Alemanha e, ao mesmo tempo, aliviada, traumatizada com os 7 a 1" (Folha de São Paulo, online, 28/06/2018), o que evidencia que os textos de Tostão não se restringem às análises técnicas e táticas, mas também se preocupam com a emoção envolvida no esporte. No que tange o decorrer da partida, Tostão utiliza termos típicos do futebol para relatar o que ocorreu dentro de campo na partida entre Brasil e Sérvia.

> O primeiro tempo foi equilibrado, mas o Brasil fez 1 a 0, graças ao talento de Coutinho, que deu um belo passe para Paulinho, que, de seu jeito, penetrando na área, encobriu o goleiro. Ainda bem que Tite teve bom senso, não barrou Paulinho nem colocou Coutinho pela direita, no lugar de Willian, que também queriam que saísse do time. Willian jogou bem. Atacou com habilidade e velocidade, e voltou, como sempre, para marcar ao lado dos volantes (Folha de São Paulo, on line, 28/06/2018).

Vale destacar, nesse trecho, o uso das expressões *encobriu o goleiro e barrou* que são comumente usadas no cotidiano do futebol, mas que são derivadas de expressões aplicadas em contextos similares por pessoas que não acompanham futebol e, portanto, podem ser facilmente compreendidas. Foram utilizadas, ainda, expressões como *reforçar a marcação, voltou para marcar, simular* e *jogo aéreo.*

Na crônica sobre o jogo Brasil e México, válida pelas oitavas de final, publicada em 3 de julho de 2018, o título faz referência a um antigo cronista esportivo - *Nelson Rodrigues vive* - por conta de uma expressão utilizada por Nelson Rodrigues para se referir aos críticos que defendiam que o futebol-arte havia chegado ao fim - ele os chamava de *idiotas da objetividade*. Na Copa de 2018, com a eliminação de duas seleções vistas como favoritas, Alemanha e Espanha, Tostão utiliza o texto para defender que ainda há espaço para a arte no futebol, por exemplo, no seguinte trecho: "Dizer que não há mais lugar no futebol para jogadores hábeis, fantasistas e para muita troca de passes e que, agora, o jogo é quase somente físico é absurdo" (Folha de São Paulo, on line, 03/07/2018).

---

2 João Saldanha treinou a seleção brasileira nas eliminatórias para o Mundial de 1970. Ao ser chamado para treinar a equipe, logo na primeira coletiva informou quais jogadores seriam convocados - estes ficaram imediatamente conhecidos como as feras de Saldanha. O técnico foi demitido antes da estreia do Brasil na Copa do Mundo de 1970, por motivações políticas, já que era comunista e, no país, vigorava a ditadura militar.

Em relação ao jogo da seleção brasileira, Tostão deixa evidente sua busca por um discurso direto e objetivo em seu texto e, logo na primeira linha, escreve: "O Brasil foi melhor e teve maiores e mais claras chances de gol" (Folha de São Paulo, on line, 03/07/2018), mostrando sua opinião sobre a partida no começo da crônica. Ao relatar suas impressões sobre o jogo, Tostão mantém a simplicidade - o texto é escrito de maneira simples, direta e repleta de expressões futebolísticas, dentre as quais se destacam *craque, marcação, saída* e a sequência *marcou, driblou, cruzou, apoiou e finalizou*. Tostão também é direto ao apontar os jogadores que se destacaram na partida e ao avaliar a atuação dos atletas.

> Neymar, o craque do jogo, e Willian, que marcou, driblou, cruzou, apoiou e finalizou, foram os destaques, seguidos, mais uma vez, pelos zagueiros. Fagner não foi bem no confronto individual, e Paulinho, Coutinho e Gabriel Jesus foram discretos. O Brasil precisa melhorar a marcação no meio-campo contra o forte time da Bélgica, o que não significa a saída de Coutinho. Gabriel Jesus foi solidário, raçudo e ainda marcou pela esquerda, para poupar Neymar. Mas é pouco (Folha de São Paulo, on line, 03/07/2018).

Na crônica escrita após o jogo entre Brasil e Bélgica, publicada em 6 de julho de 2018 - *Faltou um De Bruyne no Brasil -,* Tostão revela logo na primeira frase a tristeza com a derrota, mas o sentimento não fica evidente no decorrer do texto, já que este se dedica a explicar as impressões sobre o esquema tático utilizado pela Bélgica e os erros cometidos taticamente pelo Brasil, além de lembrar erros de marcação por parte da seleção belga. Das cinco crônicas analisadas, esta é a única a utilizar o termo tático ou tática, apesar de todos os outros textos também apresentarem análises táticas das partidas.

> A Bélgica mudou o sistema tático, ao jogar com uma linha de quatro defensores, três no meio-campo e três na frente (De Bruyne, pelo meio, armando as jogadas, e Lukaku de um lado e Hazard de outro). De Bruyne recebia a bola livre e tocava para os endiabrados Lukaku e Hazard. A Bélgica fez dois gols e teve chances de fazer mais. Paulinho e Coutinho não marcavam e deixavam Fernandinho sozinho, que, aliás, também errou demais, quando tinha a bola. Os belgas jogaram no sistema tático idêntico ao do México. A diferença está na enorme qualidade individual dos três jogadores mais adiantados, De Bruyne, Hazard e Lukaku (Folha de São Paulo, on line, 06/07/2018).

O título da crônica F*altou um De Bruyne no Brasil* evidencia, mais uma vez, a objetividade alçada por Tostão e já esclarece o que o cronista considera uma das razões para a eliminação da seleção brasileira. Para explicar os erros técnicos da seleção brasileira, Tostão utilizou expressões como *criou ótimas chances de gol*, *erros bisonhos na finalização*, além de outras que são facilmente compreendidas por quem não vivencia o cotidiano do futebol. Ao final do texto, mais uma vez, prevalece a objetividade de Tostão: "Acabou. Mais uma decepção. Apesar de erros pontuais, o trabalho de Tite foi excelente, e ele deveria continuar, mas sem ser santificado" (Folha de São Paulo, on line, 06/07/2018)

Nas cinco crônicas analisadas, há predomínio da perspectiva que enxerga o futebol como um esporte e que se preocupa em realizar análises técnicas e táticas

das partidas. No entanto, as outras perspectivas definidas por Toledo (2000) - a lúdica e a crítica - também podem ser observadas nos textos de Tostão. A perspectiva do futebol como atividade lúdica pode ser observada nas crônicas analisadas, especialmente nos trechos de abertura dos textos, nos quais Tostão apresenta caráter de pessoalidade no ato de acompanhar a seleção brasileira, inclusive, em certos momentos, citando familiares que estão com ele na hora do jogo.

O próprio cronista escreveu, no texto de abertura do livro *A Perfeição Não Existe: paixão do futebol por um craque da crônica,* que seus textos mesclam os detalhes técnicos e de tática com reflexões e *filosofias de botequim*.

> Não sou jornalista. Sou colunista, cronista esportivo. Por ter sido atleta profissional, médico e professor de medicina, por ter feito cursos de psicanálise e ser um bom observador da vida, gosto de unir os fatos, os detalhes técnicos e táticos do futebol, com divagações e reflexões. Alguns leitores gostam mais de minhas filosofias de botequim. Outros, das explicações técnicas e táticas. Há também os que preferem as duas coisas juntas e os que não e os que não gostam de nenhuma delas (TOSTÃO, 2012, p. 16).

Conclusão

É possível observar que nas crônicas analisadas há predomínio da segunda perspectiva dos especialistas, apontada por Toledo (2000), que prioriza a visão do futebol como uma modalidade esportiva e foca nas análises técnicas e táticas das partidas. Tostão utiliza em seus textos termos do futebol que ressaltam características técnicas dos jogadores e também o desempenho tático das equipes como, por exemplo, *craque, lado de ataque, linha de cinco* e *marcação.*

No entanto, ao analisar as cinco crônicas escritas por Tostão após os jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2018, notou-se que os termos utilizados pelo cronista são na maioria dos casos facilmente interpretáveis por pessoas que não estão ligadas ao cotidiano do futebol - em alguns casos, por serem expressões simples e em outros por serem expressões utilizadas em outros contextos com conotação similar. É o caso, por exemplo, dos termos *encobriu o goleiro* e *barrou o jogador*. Comumente, encobriu refere-se a algo que passou por cima - no caso, a bola que passou por cima do goleiro e resultou em gol; enquanto barrou refere-se à proibição da entrada de alguém - no caso, a não escalação de um determinado jogador.

Tostão também utiliza expressões tradicionais do vocabulário brasileiro de maneira geral, e não apenas as restritas ao futebol, como a frase *muita água vai rolar*, que aparece com destaque na primeira crônica analisada. Essas expressões geram uma aproximação do cronista com os leitores da Folha de São Paulo, já que a identificação com o termo não se encontra restrita apenas aos amantes do esporte.

A utilização de expressões típicas do futebol ocorre, principalmente, no momento em que se dedica às análises do jogo em si, quando ressalta movimentações táticas ou o desempenho técnico dos atletas. Para exemplificar, é válido mencionar as expressões *linha de quatro, linha de cinco, dois quartetos e dois trios.*

Apesar de sua experiência como jogador refletir na predominância das análises técnicas e táticas das partidas, nas crônicas de Tostão é possível identificar o caráter pessoal do cronista, suas opiniões, sentimentos e incertezas - principalmente quando se refere ao seu passado como jogador e às sensações da torcida brasileira.

Referências bibliográficas

COSTA, Felipe Rodrigues da. *Derrotas da seleção brasileira:* futebol e identidade nas crônicas de Tostão. Dissertação - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2009.

LIMA, Leandro Siqueira. *Crônicas de Tostão:* o futebol, a literatura e a vida. Dissertação - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2016.

OLIVEIRA, Elis da Silva. *A Linguagem na/da Bola:* Significados do futebol em Porto Velho na primeira metade do século XX. Revista Sentidos da Cultura UEPA/CSSE/CUMA. Belém, 2016.

RANGEL, Patrícia. *O Futebol Midiático:* Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. Dissertação - Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2008.

RODRIGUES, Gislaine. *A Linguagem do Futebol no Ensino do Português*. Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. São Paulo, 2008.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no Futebol:* Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional. Dissertação - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

TOSTÃO. A dúvida é se Tite fará alguma mudança. Folha de São Paulo online. Edição 23/06/2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2018/06/a-duvida-e-se-tite-fara-alguma-mudanca.shtml. (Último acesso: 06/12/2018).

TOSTÃO. Ainda bem que Tite não barrou Paulinho. Folha de São Paulo online. Edição 28/06/2018. Disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2018/06/ainda-bem-que-tite-nao-barrou-paulinho.shtml. (Último acesso: 06/12/2018).

TOSTÃO. *A perfeição não existe:* paixão do futebol por um craque da crônica. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

TOSTÃO. Empate foi ruim, mas muita água vai rolar. Folha de São Paulo online. Edição 18/06/2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2018/06/empate-foi-ruim-mas-muita-agua-vai-rolar.shtml. (Último acesso: 06/12/2018).

TOSTÃO. Faltou um De Bruyne no Brasil. Folha de São Paulo online. Edição 06/07/2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2018/07/faltou-um-de-bruyne-no-brasil.shtml. (Último acesso: 06/12/2018).

TOSTÃO. Nelson Rodrigues vive. Folha de São Paulo online. Edição 03/07/2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2018/07/nelson-rodrigues-vive.shtml. (Último acesso: 06/12/2018).

TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos:* um olhar sobre o futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

5 | Atuação da seleção brasileira na Copa 2018: análise televisual da cobertura do Jornal Nacional

Rodrigo Nascimento Reis[1]

Introdução

Quando não havia televisão no Brasil, a maior 'tragédia' do futebol nacional foi a derrota da seleção brasileira para o Uruguai no dia 16 de julho de 1950 no estádio do Maracanã. Segundo Bellos (2003), justamente por não ter transmissão televisiva na época, a partida foi uma experiência íntima e exclusiva para os torcedores, pois havia quase dez por cento dos moradores do Rio no estádio do Maracanã, construído especificamente para a Copa e o maior do mundo até então.

Passados 64 anos, com a televisão consolidada no país, os brasileiros também tiveram uma experiência também íntima e intensa com uma partida de futebol. No lugar da presença física nos bancos do estádio do Mineirão, milhares de pessoas no Brasil e no mundo assistiram 'ao vivo' no dia 8 de julho de 2014 a derrota do selecionado nacional por 7 a 1 para Alemanha. A estimativa do Ministério do Turismo é que cerca de 3,6 bilhões de pessoas assistiram aos jogos da Copa de 2014 pela televisão.

Este cenário nos aponta para duas reflexões que vão guiar este trabalho: a televisão possui centralidade na mediação da experiência cotidiana, e tratando-se de futebol, torna-se ainda mais indispensável, tendo em vista que a transmissão de jogos importantes como os de Copa ocorrem de forma 'ao vivo'. E a seleção brasileira, é um importante ativo cultural nacional, consolidado por ter participado de todas as edições dos Mundiais, ter vencido cinco delas e acoplar e exportar dezenas de jogadores talentosos.

Neste contexto, o artigo se propõe a compreender o tratamento dado pelo JN ao tema Copa e avança para compreender a narrativa televisual da seleção brasileira na Copa de 2018, partindo da hipótese de que a derrota há quatro anos poderia 'complicar' o modo de narrar a seleção canarinho na TV. Vários autores concordam, que historicamente, a seleção brasileira passou a ser constituinte da identidade nacional (Freyre, 1938; DaMatta 1982; Barbosa 2004; Helal 2014; Helal e Cabo 2014 e Guedes 2014).

Para efetivar a proposta, escolhemos o principal telejornal brasileiro, Jornal Nacional (JN) para verificar a narrativa televisual da seleção na Copa de 2018. O período de análise consta do início do Mundial até a saída da seleção brasileira do torneio, ou seja, do dia 14 de junho a 06 de julho de 2018. Nesse recorte, examinamos 20 edições do Jornal Nacional disponibilizadas para assinantes da plataforma Globo Play (http://globoplay.globo.com). Por este site é possível acessar toda a programação da Rede Globo, porém não há possibilidade de salvar arquivos. O trajeto metodológico utilizado neste trabalho segue fases de análise propostas por Becker (2012):1) descrição/contextualização 2) Análise Quantitativa – estrutura do

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: rodrigoreisitz@gmail.com

texto, enunciadores, temáticas, visualidades, edição e som. A Análise Qualitativa – fragmentação, dramatização e definição de identidade e valores, que faz parte da terceira etapa da metodologia proposta, não foi aplicada para este artigo.

Contextos da Copa do Mundo de 2018 e Jornal Nacional

A 21ºedição da Copa do Mundo de Futebol, organizada pela Federal Internacional de Futebol (FIFA) ocorreu entre os dias 14 de junho e 15 de julho de 2018 pela primeira vez na Rússia. O megaevento teve a participação de 32 seleções, totalizando 64 jogos disputados em 12 estádios distribuídos por 11 onze cidades russas. A cerimônia de abertura ocorreu na capital Moscou e teve duração curta de aproximadamente 15 minutos. Entre as atrações, a presença do ex-jogador brasileiro, Ronaldinho, conhecido também como Ronaldo Fenômeno, eleito três vezes melhor jogador do mundo pela Fifa, a atuação do cantor britânico Robbie Williams e a apresentação da soprano russa Aida Garifullina. Em seguida o presidente russo Vladimir Putin, acompanhado de lideranças internacionais discursou e abriu oficialmente o torneio. O primeiro jogo do Mundial foi entre os anfitriões russos e o time da Arábia Saudita com vitória russa de 5 a 0.

O encerramento da Copa, também realizado em Moscou, teve antes da partida final a participação de outro jogador brasileiro, Ronaldinho Gaúcho tocando um atabaque e a apresentação do músico latino Nicky Jam e da cantora albanesa Era Istrefi. Logo após houve a final entre França e Croácia, com vitória francesa por 4 a 2. Com a conquista, a França se tornou bicampeã mundial.

A seleção brasileira comandada pelo técnico Adenor Leonardo Bachi, conhecido como Tite, chegou até as quartas de final do campeonato. Os jogadores Philippe Coutinho e Neymar marcaram dois gols cada em todo o torneio, sendo considerados os goleadores do Brasil. Ao total, a seleção jogou cinco vezes no Mundial, sendo importante destacar aqui os times adversários e a data dessas partidas, porque foram os assuntos mais comentados e agendados pela mídia brasileira: 1)17 de junho: Brasil e Suíça; 2) 22 de junho: Brasil e Costa Rica; 3) Brasil e Sérvia; 4) 02 de julho: Brasil e México e 5) 06 de julho: Brasil e Bélgica.

O Jornal Nacional, pertencente ao Grupo Globo, é o principal telejornal brasileiro, exibido desde 1969, “se constituiu como o produto de informação de maior impacto do país e uma referência no telejornalismo brasileiro” (BECKER, 2016, p.36). Atualmente o veículo possui a programação também acessível online por meio da plataforma Globo Play para assinantes. Segundo o editor-chefe do telejornal, William Bonner a proposta do JN é simples e assertiva: “Quando dizemos que o JN deve mostrar o que de mais importante aconteceu num determinado dia, nós estamos deixando bem clara qual é a vocação do Jornal Nacional: os temas factuais” (BONNER, 2009, p.19). De tal modo, o veículo se apresenta como caixa de ressonância dos principais fatos do território nacional. Para este trabalho, a coleta das 20 edições do JN resultou em 15 horas, 57 minutos e 55 segundos de programação jornalística.

Dados sobre a narrativa televisual da Copa no JN

A estrutura do Jornal Nacional foi remodelada para veiculação das notícias da Copa do Mundo 2018. A tradicional escalada, além da inserção das chamadas sobre o evento, era encerrada com as melhores imagens do dia. Desse modo, as imagens de gols, torcedores, estádios, seleções, lances, performances entre outras davam a tônica do que iria ser veiculado durante o telejornal. Ao fim de cada bloco, eram apresentadas as notícias do bloco seguinte. Durante o período analisado, geralmente o primeiro bloco foi dedicado somente as notícias do Mundial, sendo que informações do evento voltavam durante a programação entre outras notícias do dia a dia. Todavia, foi recorrente o encerramento do JN com a agenda de jogos do dia seguinte.

O JN teve entre quatro a cinco blocos com duração variada cada. Em dias de jogos da seleção, tanto o primeiro bloco quanto o segundo eram dedicados a análise do jogo, melhores lances e atuação de jogadores chegando inclusive aos vinte minutos de duração. A tabela 1 mostra quantitativamente a duração de cada programa e o espaço concedido a cobertura da Copa.

Tabela 1: O espaço dado a cobertura da Copa no JN de 14 junho a 06 julho de 2018

Data	Dia da Semana	Total	Copa	Outras Notícias
14/jun	Quinta-feira	46:35	54,12%	45,12%
15/jun	Sexta-feira	41:24	68,06%	31,94%
16/jun	Sábado	43:46	62,77%	37,23%
18/jun	Segunda	45:05	53,54%	46,96%
19/jun	Terça	46:14	48,59%	51,41%
20/jun	Quarta	52:05	42,30%	57,70%
21/jun	Quinta-feira	51:23	52,70%	47,30%
22/jun	Sexta-feira	44:25	68,29%	31,71%
23/jun	Sábado	45:48	60,20%	39,80%
25/jun	Segunda	43:12	61,59%	38,41%
26/jun	Terça	51:53	59,18%	40,82%
27/jun	Quarta	51:36	68,61%	31,39%
28/jun	Quinta-feira	52:42	52%	48%
29/jun	Sexta-feira	44:48	43,66%	56,34%
30/jun	Sábado	47:35	80,73%	19,27%
02/jul	Segunda	44:03	75,53%	24,47%
03/jul	Terça	53:15	56,61%	43,39%
04/jul	Quarta	51:35	49,77%	50,23%
05/jul	Quinta-feira	52:57	48,43%	51,57%
06/jul	Sexta-feira	47:12	68,52%	31,48%
	Tempo Total	**15°57’55’’**		

Elaboração do autor (2018)

Observa-se que das 20 edições veiculadas pela Rede Globo entre 14 de junho a 06 de julho de 2018, o tema Copa ocupou na maioria delas mais da metade do telejornal com ápice de 80,73% no sábado, 30 de junho, edição que além de apresentar a rotina de jogos da Copa trouxe reportagens sobre outros mundiais e aspectos históricos da cultura russa. O tempo médio do telejornal sem comerciais – como consta na plataforma Globo Play – variou de 41 minutos a 53 minutos.

Todas as matérias sobre a Copa foram realizadas em parceria com o SporTV, canal por assinatura do Grupo Globo, como ficava visível nos trajes de repórteres e apresentadores. Quem assistiu a Copa pelo canal fechado claramente percebeu o reaproveitamento editado no JN.

A cobertura futebolística inseriu com mais frequência dois formatos no JN: comentário e a crônica. Essa adição ocorre, porque conforme explica Rechine (2014), os formatos, além de operarem como matrizes organizativas das mensagens televisuais, "rementem a formas reconhecidas e, por funcionarem como balizadores prévios de uma apreciação interpretativa, influenciam claramente nosso modo de consumi-las" (FECHINE, 2014, p. 2001). Assim, com um telespectador consumidor ávido por interpretação das partidas e curioso pelos lances e performances dos jogadores, o JN exibiu quase que diariamente as crônicas do jornalista Tadeu Schmidt e avaliações de comentaristas como Casagrande, Roger Flores, Caio Ribeiro e Ronaldo "Fenômeno".

A estrutura narrativa do JN nesse período passa por transições, se adequando a uma realidade apresentada por Becker (2016):

> A bancada do âncora é menor do que a tradicional e o estúdio é elaborado para facilitar a movimentação dos jornalistas, de maneira mais recorrente do que nos noticiários televisivos de rede do chamado horário nobre. Tanto o apresentador quanto os comentaristas que participam do noticiário deixam de aparecer sempre sentados, e passam também a apresentar as notícias e a emitir as suas opiniões em pé, retomando, de certa maneira, dinâmicas da fértil primeira fase do telejornalismo no Brasil do final da década de 1950 até o golpe militar, em 1964 (BECKER, 2016, p. 49).

Os principais **enunciadores** no período analisado foram o âncora William Bonner, sempre do estúdio da emissora do Rio de Janeiro, com a participação de Renata Vasconcellos e Galvão Bueno em estúdio no centro de Moscou com uma janela transparente para a tradicional Praça Vermelha. William ficava focado nas notícias nacionais e internacionais, interagindo com Renata e Galvão que ficaram responsáveis por noticiar toda a parte esportiva. A sensação é de um programa esportivo comandado pelos jornalistas externos dentro do JN. Nem sempre a passagem de um apresentador para outro foi tranquila como ocorreu no dia 29 de junho. William noticiou no primeiro bloco denúncias contra Temer, arquivamento de denúncias contra Aécio e a negação do pedido para libertar Lula, classificando ao final os informes como 'noticiário pesado', sendo complementado com Renata que disse "é noticiário pesado, mas a gente acompanha tudo daqui com atenção, hoje teve treino do Brasil...".

William Bonner foi substituído duas vezes na programação em dois sábados. No dia 23 de junho por César Tralli e 30 de junho por Chico Pinheiro. Renata Vasconcelos, em ocasiões na qual Galvão Bueno foi narrador das competições brasileiras, apresentou sozinha do estúdio em Moscou. As principais reportagens sobre a seleção brasileira ficaram a cargo de jornalista experientes como Tino Marcos, Mário Naves e Marcos Uchôa. O jornalista Tadeu Schimdt conduziu um quadro de crônicas com assuntos diversos da Copa, geralmente o gancho eram temas e situações inusitadas do campeonato. A previsão do tempo conduzida por

Maria Julia Coutinho contou com interação, às vezes, de Renata que comentava clima na Rússia, diretamente de Moscou, durante as principais partidas do dia.

Além dos principais enunciadores, outros jornalistas, geralmente recentes na emissora, trouxeram reportagens sobre as outras seleções e cotidiano do Mundial. O telejornal no período não entrevistou convidados no estúdio no Brasil e nem na Rússia. A maioria das entrevistas dos jogadores eram concedidas logo após as partidas em local fixo com banner dos patrocinadores ou na coletiva de imprensa. O técnico Tite teve bastante inserção de depoimentos dados durante coletiva de imprensa. O jogador Neymar raramente concedia entrevista, tendo a emissora que recorrer a enunciados do atacante em suas redes sociais. Geralmente ele e outros jogadores registravam, principalmente no *Instagram*, suas impressões dos jogos, desabafos e expectativas, material que se tornou valioso para o telejornal.

Entre as principais **temáticas**, reforça-se o peso dado à cobertura do Mundial, que conforme delineado na tabela 1, mostrou que das 20 edições, 15 tiveram mais de 50% do tempo destinado somente a Copa. Entre os outros conteúdos se destacaram reportagens sobre a política do governo de Donald Trump em separar crianças de seus pais na fronteira do México; etapas da Operação Lava Jato; julgamentos do STF de denúncias de corrupção e história surpreendente do resgaste de 12 meninos e um técnico de futebol presos em uma caverna na Tailândia. O único esporte que conseguiu inserção no JN, além do futebol, foi automobilismo devido ao Grande Prêmio da França 2018.

No que compete a Copa, o principal tema foi a atuação da seleção brasileira, pautado por diversos olhares: treinos, perfil dos jogadores escalados para a partida do dia, esquema tático, performance do time, decisões do técnico e desafios do jogo. As seleções no caminho da seleção canarinho foram pautadas com foco no histórico de confrontos com o Brasil. Em edição antes do jogo contra a Bélgica, o JN exibiu reportagem sobre as vitórias da seleção brasileira sobre os belgas em outras Copas e destacou valores do adversário, mas principalmente fragilidades, uma vez que a Bélgica quase perde para Japão, seleção de pouca tradição futebolística. Este exemplo mostra como a cobertura da seleção brasileira era pautada pelo tom de favoritismo.

O técnico Tite e os jogadores Neymar e Phellipe Coutinho tiveram tratamento diferenciado na programação do JN. Tite, mesmo com a derrota brasileira, ganhou editorial de Galvão Bueno opinando para que a CBF o mantivesse no cargo devido à trajetória do técnico. Muito antes disso, Tite estabeleceu um bom relacionamento com a imprensa ao responder com sobriedade e tranquilidade as perguntas dos repórteres durante as coletivas de imprensa. Sempre disponível, tornou-se referência temática habitual na transmissão do JN.

Neymar, camisa 10 e principal jogador da seleção brasileira, sofreu lesão meses antes do Mundial. A sua recuperação, desempenho em campo, choro durante o primeiro gol dele na Copa, quedas em campo e vários passos do cotidiano do jogador, inclusive do âmbito pessoal, foram rotineiramente noticiados no JN, ora com destaque dentro de reportagens sobre a atuação da seleção, ora com foco apenas no desempenho do jogador. Por sua vez, Phellipe Coutinho ganhou prestígio de craque na cobertura do JN devido aos dois gols que marcou no campeonato e

bons passes de bola. Devido a esta atuação na primeira fase da Copa, o JN passou a citá-lo com mais frequência como aquele jogador que poderia ajudar em momentos decisivos. De modo geral, houve uma rotina de cobertura sobre a performance dos jogadores com destaque para aqueles que sofreram lesões, gerando dúvidas nas escalações como ocorreu com Marcelo, Danilo e Douglas Costa.

Entre as 32 seleções, Alemanha, Argentina e Portugal ganharam tratamento diferenciado na cobertura. Alemanha porque representava uma sombra para os brasileiros devido ao 7 a 1; Argentina porque tinha Lionel Messi, eleito cinco vezes o melhor jogador do mundo e Portugal devido a Cristiano Ronaldo também escolhido pela Fifa cinco vezes como melhor jogador do mundo. A seleção alemã, mais os dois craques conferiram boas narrativas ao JN, mas decepcionaram logo cedo porque não chegaram as quartas de finais. Conforme o avanço da competição, Uruguai, França, Bélgica, Inglaterra, Suécia e Croácia foram exploradas na cobertura. A Rússia é uma exceção, ganhou notoriedade por ser a seleção anfitriã, mas também porque surpreendeu goleando a Arábia Saudita por 5 a 1 na abertura do campeonato, chegando até as quartas de finais.

Novidade na Copa de 2018, a utilização do árbitro de vídeo (VAR, em inglês Vídeo Assistant Referee) foi um dos temas mais recorrentes pelo JN, sendo tópico exclusivo de uma das crônicas de Tadeu Schmidt que abordou a inovação tecnológica como um novo fato de suspense para os torcedores e jogadores, pois de agora em diante lances polêmicos como - situações de gol, marcação de pênaltis, cartões vermelhos e confusão com a identidade jogadores, - o juiz traria mais ansiedade aos torcedores que teriam que aguardar a consulta dele ao replay da jogada. E assim ocorreu na primeira partida do Brasil contra Suíça. O jogador suíço Steven Zuber empurrou o zagueiro brasileiro Miranda durante uma cobrança de escanteio, tirando vantagem e conseguindo finalizar com gol. Segundo a análise dos comentaristas do JN o lance foi falta para o time brasileiro e o gol deveria ser anulado pelo juiz que mesmo consultando o VAR, confirmou o gol suíço. A polêmica perseguiu a programação do JN por várias edições, finalizando quando a FIFA emitiu parecer afirmando que o empurrão suíço foi leve não podendo ser caracterizado como falta.

A presença do VAR é um avanço na competição futebolística porque representa o acesso a vários ângulos de imagens e possibilidade de correção do equívoco 'antes oculto aos olhos do juiz', situação impensável em torneios anteriores. A inovação tecnológica exemplifica as reflexões de Rancière quando discute o destino das imagens:

> Já não se lamenta mais que as imagens escondam segredos que já não mais secretos para ninguém; ao contrário, lamenta-se que as imagens nada mais escondam. Alguns iniciam uma longa deploração da imagem perdida (Rancière, 2012, p. 31).

A **visualidade** do JN foi alterada principalmente com a introdução do cenário externo na qual Renata Vasconcellos e Galvão Bueno traziam as informações da Rússia. Por um telão os apresentadores interagiam com William Bonner no Brasil. O estúdio no país-sede contava com uma janela transparente para a famosa Praça Vermelha. Na quarta-feira (27) ao finalizar o JN, William Bonner mostrou imagens dos bastidores em que Renata Vasconcelos aparecia interagindo com torcedores

da Praça. Na imagem Renata está de costas levantando as mãos de um lado para o outro como quem agita uma torcida. O momento inusitado permitiu ver que, de fato, parte do plano de fundo do cenário era transparente.

William Bonner seguiu toda a cobertura do JN com o figurino tradicional – terno. Renata e Galvão utilizaram ternos de cor azul e com a logomarca da Rede Globo. Outros repórteres utilizaram o uniforme da empresa com a logo do SporTV. Em reportagem de site do próprio Grupo Globo[2] a leveza no visual da equipe de jornalistas foi apresentada aos leitores. A publicação entrevistou os editores de moda da emissora e destacou que, especificamente para Copa 2018, buscou-se um estilo mais descolado dos jornalistas com tons entre o azul marinho e azul hortência com combinações do clássico ao casual. Ressalta-se que a matéria diz respeito a todos os jornalistas da emissora na cobertura do Mundial, no caso específico do JN observou-se mais o estilo clássico para os apresentadores e casual para os repórteres e comentaristas.

O uso de artes gráficas ocorreu principalmente para projetar avatares dos jogadores, apresentar o esquema tático de partidas, tabela de jogos e números sobre cartões amarelos e vermelhos, impedimentos, escanteios, defesas, chutes ao gol e passes de bola.

A **edição** do JN priorizou o enfoque na seleção brasileira em dias de jogos e preparativos para partidas do dia seguinte. A linguagem esportiva permitiu as reportagens do JN uma série de possibilidades de edição que contrastavam com o padrão exibido por Bonner em notícias não relativas à Copa. De tal modo que a edição trabalhou a deixa do texto com a imagem vinculada à emoção. Uma partida de futebol, imprevisível como é, gera imagens inusitadas e magníficas, que quando captadas pela experiência de bons jornalistas gera um material noticioso que, além de informar, consolida o momento como histórico. No dia 19 de junho, o texto de Tadeu Schimdt descrevia, *"dois adversários aguardam o apito final, não combinam nada, nenhum olha para o outro, ajoelham-se juntos e fazem suas orações. Um agradecido pela vitória e outro feliz apesar da derrota. No fim de tudo são iguais, encerram junto a oração e se levantam juntos, juntos embora eles nem tenham percebido"*. Esta narrativa acoplada com a imagem dos jogadores enquadrados juntos pela mesma câmera e com instantes de silêncio revelam uma edição que não esquece o objetivo do futebol como lugar de disputa, mas antes de tudo de civilidade, *fair play*.

Pode-se observar que o que determina a edição da reportagem futebolística são os olhares dos jornalistas para as nuances do jogo, uma vez que o resultado e a partida já são conhecidos pela maioria dos telespectadores que assistiram 'ao vivo'. E não se trata apenas de reprisar os melhores momentos da partida, mas de dar um tom, um gancho único para o jogo, capaz de surpreender o telespectador que já viu a partida durante 90 minutos. Entre as muitas reportagens exibidas no JN nesse estilo, destacamos a realizada por Tino Marcos sobre o jogo entre Brasil e México no dia 2 de julho. Resumidamente, ele fez o comparativo do primeiro e segundo semestre do ano com os dois tempos de uma partida de futebol. *"O primeiro tempo da partida e do ano terminaram com um suspense que um zero a zero em um jogo*

2 https://oglobo.globo.com/ela/moda/visual-mais-descolado-dos-jornalistas-da-globo-na-copa-chama-atencao-22783282

eliminatório é capaz de produzir. Que venha segunda metade de 2018", e com esse fio condutor Tino narra a vitória brasileira no segundo tempo com os melhores lances, detalhando a comemoração dos jogadores brasileiros e o alívio da torcida.

A Copa 2018 permitiu uma maior inserção de **efeitos sonoros** nas reportagens do JN. Trechos da narração dos jogos foram constantemente inseridos durante os *off,* tais inserções conferiram a emoção do 'ao vivo' para a reportagens, por exemplo no dia 6 de julho, a narração da reportagem é de Tino Marcos que diz "*um chute forte, rasante, não deu qualquer chance de defesa para o goleiro Alisson*", após esse trecho a narração passa para um trecho de Galvão Bueno que disse durante a partida "*chute cruzado, não deu chance para o Alisson*", em seguida a locução voltava para Tino Marcos. Esse artifício foi bastante utilizado nas reportagens.

O som ambiente das torcidas e trechos de hinos nacionais adentraram na construção das narrativas. Trilhas sonoras que remetiam a ideia de competição, adrenalina, vitória, derrota, medo e suspense também foram inseridas conforme o ritmo de cada jogo. Trechos de música surgiram em reportagens da abertura e encerramento do Mundial devido às apresentações musicais e em crônicas de Tadeu Schimdt. De modo geral, a Globo produziu uma trilha sonora[3] para a Copa 2018 que surgia em momentos decisivos de partidas. Silêncios, vozes, gritos de gols, empolgação da torcida, hinos, ruídos da bola, suspiros de dor e resistência foram recursos utilizados para dar mais dramaticidade ao conteúdo noticioso.

Considerações

A leitura televisual do Jornal Nacional permitiu reconhecer o futebol da Copa do Mundo como merecedor de espaço considerável no noticiário. Não para menos, o esporte faz o Brasil ser reconhecido internacionalmente, muito embora a seleção tenha passado por um desgaste desde 2014. Assim, em função do torneio, o JN modificou a sua estrutura de texto, blocos e cenários trabalhando de forma integrada com equipes do SporTV. A inovação tecnológica adentrou por meio de artes gráficas, a exemplo das demonstrações de avatares dos jogadores.

A interação com o telespectador, característica marcante da televisão em transição, não ocorreu na cobertura dos jogos, mas somente pelo quadro "O Brasil que eu quero" veiculado pelo JN desde antes da Copa. O público foi situado apenas como torcedor, sem espaço para contribuir ou mesmo contrapor a cobertura do telejornal, constando no espaço previsível de sonoras curtas durante as reportagens sobre os jogos. O espalhamento do JN para outras redes ocorreu direcionado para a plataforma Globo Play, e não para as redes sociais da emissora.

Dentro da programação, a seleção brasileira foi enaltecida como equilibrada e amigável por diversas vezes e o placar de 7 a 1 para Alemanha passou a perder a relevância e referencialidade para o Brasil, mesmo porque os alemães demonstraram dificuldades em vencer as partidas. O JN explorou reportagens sobre os melhores jogadores de cada disputa junto a atuação do Neymar, que independente de ter jogado bem ou mal, ganhava visibilidade como o craque da seleção.

---

3 Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=EguRuwg9dS4. Acesso em janeiro de 2019.

Pesquisa recente sobre a cobertura esportiva do JN a respeito das transmissões 'ao vivo' das Olimpíadas, realizada por Tassinari (2018) assinalou que as competições esportivas funcionam como trunfo para a constituição do protagonismo da rede aberta. Esta mesma realidade se repetiu com a Copa de 2018 devido a Globo ter direitos à transmissão oficial do Mundial.

Com a diversidade de imagens proporcionadas pelas partidas, o JN explorou o valor do afeto da torcida brasileira com a seleção, buscando engajá-los para torcer pelo Brasil. Entretenimento e Jornalismo caminharam juntos nas crônicas de Tadeu Schimdt que deram um tom mais emotivo e singular para o último bloco do JN. Mas no geral, o modo de contar os fatos da Copa por meio das reportagens era repleto de figuras de linguagem interligadas às edições variadas e possíveis graças ao aporte técnico utilizado na cobertura televisiva.

Referências bibliográficas

BECKER, Beatriz. *Televisão e Telejornalismo:* São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

_____Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. *Matrizes*, São Paulo, v. 5 n. 2, 2012. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i2p231-250>. Acessado em: 20 nov. 2019.

_____. *A linguagem do telejornal:* um estudo da cobertura dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

BELLOS, Alex. *Futebol:* o Brasil entra em campo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

DA MATTA, Roberto et al. *Universo do Futebol:* esporte e sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

FECHINE, Yvana. *Televisão, digitalização e produção de conteúdos: a importância dos gêneros.* In SEIXAS, Lia; PINHEIRO, Najara (orgs.). Gêneros, um diálogo entre Comunicação e Linguística. Florianópolis: Insular, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Foot-ball mulato.* Diário de Pernambuco, Recife, 17 jun. 1938.

GUEDES, Simoni Lahud. *A produção das diferenças na produção dos 'estilos de jogo' no futebol: a propósito de um texto fundador.* In BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo. e BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. (Orgs.). Desvendando o jogo – nova luz sobre o futebol. Niterói: Editora da UFF – FAPERJ, 2014.

HELAL, Ronaldo. Futebol, Cultura e Cidade. *Logos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, p. 5-7, 1997.

_____. Pátria de chuteiras? Como os brasileiros pensam a seleção. *Ciência Hoje*. N º 314, v. 53, p. 16, maio de 2014.

HELAL, Ronaldo e CABO, Álvaro. (Orgs.). *Copa do Mundo:* comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge G. ; LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol:* mídia, raça e idolatria. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

RANCIÈRE, J. *O destino das imagens.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TASSINARI, Joana. *Reconfigurações das mediações da TV e o resgate das transmissões ao vivo:* uma análise da cobertura em áudio e vídeo dos Jogos Rio 2016. Rio de Janeiro, 2018, 143 p. Orientadora: Beatriz Becker. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) — Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

6 | Manifestações e Copa do Mundo: engajamento e identificação dos jovens fluminenses com o futebol em 2014[1]

Camila Augusta Pereira[2]

Introdução

O presente artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa de tese de doutorado defendida em 2018, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com o título #NãovaiterCopa: identidade, jovem e manifestações no Rio de Janeiro em 2013 e 2014. A pesquisa aqui demonstrada parte ainda de recorte apresentado no GT de Comunicação e Esportes do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2018. Neste trabalho, discute-se o futebol no Brasil, refletindo o esporte como manifestação relevante da cultura e sociedade contemporâneas capazes de constituir subjetividades que viabilizem a formação, ou consolidação, de identidades por meio do público jovem fluminense.

Os dados aqui apresentados são para verificar se uma suposta nova identidade por meio do futebol durante a Copa do Mundo de 2014 surgiu no contexto das manifestações contrárias à realização do megaevento. O intuito do trabalho é descobrir como o futebol e as manifestações forjaram ou fortaleceram subjetividades dos jovens que se mostraram envolvidos, aparentemente, com as manifestações de 2013, num primeiro momento, e com as práticas discursivas de consumo na Copa de 2014. Interessa para este artigo o jovem universitário fluminense, seguindo o perfil daqueles que lideraram e participaram das manifestações segundo pesquisa do IBOPE[3]. A maioria dos jovens que protestaram era branca, universitária e de classe média.

Ressalta-se que tal perspectiva tem como base um olhar nos perfis de 30 jovens[4] na rede social Facebook, estudantes de Comunicação Social no Rio de Janeiro com idade entre 18 e 29 anos, e suas publicações sobre os eventos em questão. Assim, faz-se a opção de coletar as publicações desses jovens e categorizá-las de acordo com palavras-chave pré-definidas que tenham produção de sentido sobre as temáticas envolvidas no trabalho.

Os protestos de 2013 ocorreram inicialmente liderados por estudantes membros do Movimento Passe Livre com pauta principal contra o aumento da tarifa dos transportes públicos, e se estenderam, em menor proporção, até a Copa do Mundo, mobilizados via rede social por jovens de todo o país.

---

1 O artigo é um recorte de trabalho apresentado no XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em 2018.

2 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ; professora das Faculdades Integradas Hélio Alonso – FACHA, membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Esporte e Cultura, e-mail: camila.augusta@yahoo.com.br.

3 Dados IBOPE disponíveis em: < http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>. Acesso em 31/01/2018.

4 Para acesso aos dados completos da pesquisa e aos perfis dos 30 jovens investigados, além de todo o trabalho da tese, consultar: http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13250

O futebol enquanto manifestação da cultura brasileira é capaz de produzir e construir subjetividades que viabilizam formação de identidades. Que sentido teria esse esporte para o jovem? Ele se reconhece no futebol nacional? Para Giddens (1990), as estruturas sociais passam por divisões e antagonismos que fazem com que os indivíduos assumam posições sociais variadas que impactam no que e com o que se identificam. A identidade se apresenta então com uma estrutura dinâmica no cotidiano de transformações e trocas sociais. Submetidos ao grande fluxo de conteúdo e informações a todo instante, os sujeitos buscam formar suas identidades a partir da interpretação das narrativas que movem e contam a história da sociedade.

Futebol e identidades

A construção social do Brasil enquanto "País do Futebol" se deu durante momento de consolidação do país enquanto estado e nação, fomentada principalmente por jornalistas e intelectuais, como também a partir de formulações acadêmicas sobre o que viria a ser a sociedade brasileira (HELAL, 2011). O esporte seria visto como espaço de encontro de classes e de tradições que acabariam por diferenciar o país de outras nações, sendo apresentado como síntese da cultura nacional do país, compondo a esfera da identidade nacional (ORTIZ, 1994 e GUEDES, 1998).

Nesse sentido, a identidade seria constituída a partir da identificação do sujeito com marcas sociais atribuídas pelo futebol. A questão da subjetividade seria a busca por essas marcas sociais e pelas influências socioculturais internalizadas pelo brasileiro. Estas representariam papel constitutivo do desenvolvimento humano, um processo de formação social por meio da produção de singularidade e influências socioculturais.

Stuart Hall (2005) afirma que a fragmentação da identidade se deve à mudança estrutural que ocorre em sociedades pós-modernas, no que diz respeito à classe, gênero, sexualidade, religião, raça, tudo o que poderia sustentar a estatização dos sujeitos sociais, principalmente do jovem em formação. Para Hall, quando o homem passa a ser um sujeito marcado por fatos históricos em sua formação identitária a partir de seus desenvolvimentos sociais e conhecimentos adquiridos, é proposta a troca da palavra identidade pelo conceito de identificação (HALL, 2005).

A ideia do Brasil enquanto o "País do Futebol" como parte do imaginário popular vem sendo consolidada há tempos. Tal epíteto fora construído a partir de vários acontecimentos que, repletos de sentidos simbólicos, contribuíram para a perpetuação desta representação. Obviamente aqui é preciso relativizar o descrédito das instituições que estão à frente do futebol no Brasil e o que representou a construção simbólica do "7 a 1" na Copa do Mundo de 2014 para entender a contextualização proposta. E apesar disso, cabe questionar essa construção identitária frente ao quadro já apresentado de que as identidades são móveis e descentralizadas.

Nesse sentido, trabalha-se com a concepção de Giddens (1990), por ora perturbadora e inquietante, de que as estruturas sociais são perpassadas por diferentes divisões e antagonismos que produzem variações nas "posições de sujeitos" enquanto atores sociais, ou seja, nas identidades, principalmente quando está se tratando do jovem, público analisado neste artigo.

Jovem conectado e Facebook

De acordo com o último Censo 2010[5] do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem um quarto de sua população formada por jovens. Esse dado significa que mais de 51 milhões de brasileiros têm entre 15 e 29 anos. Embora o IBGE considere a população jovem pessoas entre 15 e 24 anos, neste trabalho prefere-se adotar os critérios estabelecidos no Estatuto da Juventude (2013)[6], uma declaração dos direitos singulares e universais dos jovens, elaborado pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), sendo jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Entende-se que esses jovens seriam os representantes das identidades contemporâneas, flutuantes e, supostamente, influenciadas pela mídia (HALL, 2005).

Numa reflexão com Pierre Bourdieu (1983 e 2007) para se conhecer o jovem nota-se que a divisão entre fases da vida seria objeto de luta, visando demarcar o que é próprio a cada uma dessas fases fazer e, assim, ter determinados poderes. Para o autor a juventude seria apenas uma palavra, quando existem várias ou pelo menos duas juventudes a partir da divisão de classes, a burguesa e a das classes populares, que teriam impactos em diversos setores na vida dos jovens. O autor afirma que não se deveria utilizar o termo de forma genérica para falar de jovens como se constituíssem uma unidade de interesses comuns relacionados a uma idade definida biologicamente, quando suas realidades são diferentes. "As classificações por idade são sempre uma forma de impor limites, de impor uma ordem na qual cada um deve manifestar-se, onde cada um deve ocupar seu lugar" (BOURDIEU, 2007, p.164).

Ao elaborar uma linha histórica para contextualização de juventude, Abramo e Branco (2005) abordam que, em 1950, a ideia predominante era de que o jovem seria aquele sujeito em transição entre a infância e a fase adulta. Ainda segundo os autores (2005), os anos 1980 foram marcados por uma transição democrática no país, de liberdade política, sexual e cultural, apontando novo conceito para pensar a juventude. Como visto, em 1990 entra pela primeira vez na agenda pública, a juventude portadora de direitos.

Na formação do jovem digital, o IBOPE Media[7] traz dados de 2003 a 2013 e aponta que são três os fatores marcantes de sua identidade: consumo, relacionamento e realização. Nesse quadro, 62% dos jovens trabalham e 35% deles conciliam o emprego com os estudos. 53% são estudantes em tempo integral, mas 37% estão em busca da primeira oportunidade. Sobre o consumo, 58% dos jovens possuem cartão de crédito, 48% gostam de se reunir com amigos. Para esses jovens as redes sociais cumprem papel fundamental na interação com os amigos e no acesso a informação de forma geral. Segundo a pesquisa, o consumo de Internet pelos jovens aumentou de 35% para 85%, representando um salto de 50%. A internet é reconhecida por eles como plataforma de interação e engajamento não só com pessoas, mas também com outros meios de comunicação (IBOPE Media, 2013).

---

5 Dados disponíveis em <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12>. Acesso em 25/01/2018.

6 Mais informações: <http://juventude.gov.br/estatuto> e <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em 29/01/2018.

7 Dados disponíveis em: < http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Consumo-da-internet-pelos-jovens-brasileiros-cresce-50-em-dez-anos-aponta-IBOPE-Media.aspx>. Acesso em 31/01/2018.

Para a pesquisa da Rede Brasil Conectado, da UFRGS, jovens relataram que o principal interesse na utilização das redes sociais é para o lazer, seguido do interesse de montar uma rede de contatos. O momento do dia em que Os jovens têm maior conexão na rede é à noite, com a possibilidade de "estar sempre conectado" ou acessar à Internet várias vezes ao dia[8]. 70% dos jovens acessam à Internet de casa, por meio do notebook (38%), computador de mesa (23%) e smartphone (23%). 76% afirmam fazer uso individual do dispositivo mais utilizado para acesso à Internet, para visualizar a rede social (39%), mensageiros instantâneos como *Whatsapp*, *Facebook mensager* e *Skype* (38%), *e-mail* (30%), *Instagram* (25%), *Youtube* (23%) e portais de notícia (18,5%) (REDE BRASIL CONECTADO, 2012-2015).

Sobre o uso da Internet pela juventude fluminense conectada, nota-se que esse público fica na Internet sete dias por semana, principalmente os mais novos, com 16 e 17 anos, com 92%, aqueles entre 18 e 24 anos, com 90%. Para os jovens entre 25 e 34 anos, o consumo de Internet nessa frequência cai para 81%. Esses jovens afirmam permanecer online mais de 300 minutos semanais, e a maioria acessa via celular (SECOM, 2016).

Na pesquisa, os jovens fluminenses afirmam se expressar por meio de Fanpage no *Facebook* (17%), *Tumblr* pessoal (16%), Blog pessoal (11%) e postar vídeos em canais do *Youtube* (10%). As situações que provocam compartilhamentos, postagens e comentários dos jovens são: momentos de lazer (25%), ao assistir programas de TV (24%); ao presenciar algo extraordinário (19%); para relatar alguma atividade cotidiana (18%) ou para fazer *check-in* em locais (11%). Especificamente sobre o Facebook, a juventude fluminense afirma ser a rede social mais utilizada por 13% do público pesquisado; é a rede utilizada para encontrar amigos (11%); ajuda nas atividades de estudo e trabalho (10%); bloqueia atualizações fora do interesse (10%); usa o mesmo perfil em vários aplicativos (9%); tira a atenção do estudo ou do trabalho (7%) (REDE BRASIL CONECTADO, 2012-2015).

Método

O que se apresenta neste artigo sinaliza como os discursos do jovem fluminense representaram sua experiência no megaevento de 2014 e nos protestos de 2013 que se estenderam até a Copa, buscando compreender como esse público se reconheceu participantes da narrativa a partir de elementos que atuariam enquanto constituintes identitários a partir do futebol. Para tal, fez-se a coleta das publicações sobre protestos e Copa do Mundo compartilhadas por 30 jovens fluminenses voluntários no Facebook no período de 11 de junho a 14 de julho de 2014. O anonimato fora garantido aos voluntários da pesquisa.

Com uma discussão fundamentada na Análise Crítica do Discurso, ACD (ORLANDI, 1999 e 2001; e FAIRCLOUGH, 2001 e 2012), a estrutura descritiva das postagens dos jovens apontaria como os sentidos de brasilidade foram mobilizados durante o megaevento no Brasil. A busca pelos processos de produção do sentido e de suas determinações histórico-sociais da ACD inscritas nesses discursos pode comprovar, ou refutar, a ideia de uma "nova" identificação do jovem com o futebol.

8 Idem.

Para Normam Fairclough (2001), o discurso seria a prática social produtora e transformadora de realidades sociais e do sujeito da linguagem, que pode contestar ou reestruturar questões ideológicas sociais, buscando novas ressignificações.

A coleta dos dados se dá de forma exploratória e descritiva, seguindo categorias estruturadas na metodologia da ACD. Os elementos identitários nas postagens dos jovens foram coletados por meio de palavras-chaves com sentido simbólico de brasilidade e nacionalidade no contexto de futebol e manifestações.

Tabela 1 - Análise de dados coletados no Facebook

Categorias	Postagens Ano	Data	Autoral	Propriedade	Imagem	Comentários Interação		Postagem Compartilhada	Curtidas	Hashtags	Palavras-chave	Visão
						à favor	Contra					
Tipo de Análise	Descrição da Postagem com breve comentário sobre se é compartilhamento, comentário sobre uma postagem, apenas uma postagem, se é um compartilhamento de portal de notícia ou se é uma "curtida".	Data	Se é de autoria do perfil ou não, destacando quando for de outra fonte se há comentário sobre o que é compartilhado.	Características daquilo que é exibido na linha do tempo do jovem: blogs, portais, veículos de comunicação, ilustrações e fotografias, autorias principais, referências.	Se a postagem conta com imagem, se é foto autoral e ainda se aparece o jovem.	Se na postagem existe interação, e ainda se é contra ao ao favor ao publicado.		Se a postagem foi compartilhada	Número de seguidores que curtiram a publicação	Se utiliza hashtags	É de interesse da pesquisa a temática dos megaeventos de futebol e as manifestações, todos os eventos que ocorreram em 2013 e 2014. Logo, as mesmas palavras-chave utilizadas para análise dos jornais impressos serão adotadas aqui. "Copa das Manifestações, 2013, Junho, Julho, Copa do Mundo, 2014, Brasil, Jovens, Juventude, Engajamento, Rio de Janeiro, São Paulo, Rua, Esportes, Futebol, Identidade, Identificação, Protesto, Repressão, Polícia, Mídia, *Black Block*, *Anonymous*, Torcer, Torcedor, Festa".	Se apresenta uma identificação com o futebol ou não, como também se é de apoio ou não às manifestações.

Fonte: A autora

Todos os dados coletados foram organizados na Tabela 1, de forma a dar uma noção geral do engajamento e do posicionamento do jovem em relação aos eventos em análise. Assim, a partir das palavras categorizadas, apresentam-se nuvens de expressão que possam dar conta daquilo que representa o engajamento dos jovens com os eventos mencionados. Procura-se identificar os sentidos que os jovens dão àquilo que estão compartilhando na rede, a partir da ação, da conversa e da interação com seus pares (FRAGOSO, 2015). Dessa forma, após a separação e a categorização das postagens dos jovens (Tabela 1), destacam-se aquelas publicações que mais contém interações e conversações no contexto de 2014.

Panorama 2014 e breve análise de postagens

Após 64 anos, o Brasil receberia pela segunda vez uma Copa do Mundo de Futebol FIFA. Durante um mês, 12 cidades brasileiras sediariam os jogos do Mundial de 2014, modificando e alterando totalmente sua rotina. A escolha do Brasil como sede da Copa de 2014 foi anunciada em maio de 2009, gerando comoção popular. Como país sede eleito, a seleção brasileira também estaria automaticamente classificada para a edição da competição. O *slogan* para o Mundial foi anunciado pela FIFA e pelo Comitê Organizador Local, "Juntos num só ritmo", e simbolizava a ideia de união dos povos em torno do futebol, mobilizando a festa que a Copa do Mundo representa para os países, possivelmente nada mais adequado ao país que tem o futebol como parte constitutiva de sua identidade.

O contexto político social desenhado para a realização da Copa do Mundo de 2014 refletia ainda as manifestações de junho e julho de 2013, que tomaram conta das ruas do Brasil fundado na insatisfação com a política e a corrupção. O cenário que se apresentava era de instabilidade nesses setores e uma crítica inesperada à realização do megaevento fora iniciada. Mesmo com a conquista da Copa das Confederações pelo Brasil em casa, as manifestações que explodiram desde 2013 repercutiram no ano seguinte em atos contra a Copa e greve de diversos setores que impactaram diretamente na estrutura e organização do megaevento.

O que se viu foi que os primeiros dez dias do megaevento contaram com grandes protestos por todo o país, alguns deles mais violentos que outros, com confrontos e ação policial truculenta em repressão aos atos. Com o andamento da Copa do Mundo, o sucesso e reconhecimento enquanto megaevento esportivo bem organizado por grande parte da população brasileira e da opinião pública internacional, como já visto e legitimado pelas matérias analisadas adiante e as manifestações foram perdendo força e espaço na cobertura midiática. No final da Copa, as mobilizações não contavam com muita adesão.

FIGURA 1 - PALAVRAS-CHAVE MAIS UTILIZADAS PELOS JOVENS NO FACEBOOK EM 2014

Fonte: A Autora

Fonte: A Aautora

Em 2014, as práticas discursivas dos jovens sobre os protestos esmoreceram e foram silenciadas na maioria dos perfis investigados. A Copa do Mundo se manteve presente na linha do tempo desses jovens em forma de festas e "curtição" em verde e amarelo, e as trocas sociais nos perfis analisados se deram em torno da celebração do Mundial. Poucos foram os jovens que aproveitaram a Copa do Mundo e se mantiveram críticos a sua realização no Brasil.

Os jovens, atores sociais, são a todo tempo interpelados por discursos que acabam por influenciar seus modos de ser sociais, desde a forma de consumo de notícias a como escolher seus pares na rede social.

E ainda que os protestos prometessem atrapalhar a realização da Copa do Mundo no país, o que marcou a realização do evento foi a hospitalidade e a festa dos brasileiros. Por mais que o futebol brasileiro apresentado em campo tenha terminado em um 7 a 1, é aparente pela compilação de palavras-chave e da Figura 1 que os jovens analisados superaram esse jogo e aproveitaram o megaevento até o final. A Copa continuaria então a cumprir o papel de princípio aglutinador do povo pelo futebol (GASTALDO, 2002), já que as manifestações teriam sido silenciadas, principalmente nos perfis desses jovens investigados, que passaram a se aproximar do Mundial também via rede social. O que se confirmou com a observação foi que esses jovens identificam marcas sociais que se movem por conta do futebol.

Considerações finais

A partir da proposta apresentada no escopo desse artigo traçou-se um olhar geral sobre os perfis dos 30 jovens fluminenses e o que ficara mais evidente foi a mudança de postura frente aos temas mobilizados dos protestos de 2013 e 2014.

Em 80% dos perfis observados, chama atenção como muitos desses jovens, possivelmente motivados pelo clima de realização da Copa do Mundo no Brasil, silenciaram suas redes sociais durante os protestos contrários ao megaevento de 2014. Nota-se que, ao menos cinco dos jovens observados mudaram o conteúdo de compartilhamento entre dos protestos de 2013 e a Copa do Mundo de 2014.

Quatro perfis demonstraram em suas páginas acompanhar os megaeventos de futebol, celebrar os jogos, ao mesmo tempo em que apoiaram as manifestações e foram aos protestos em 2014. Para eles, seria possível dar conta dos eventos sem perder o olhar crítico sobre o que envolveu a realização da Copa do Mundo no Brasil.

Pelas palavras-chave mobilizadas e aquilo que se observara nos perfis, é possível ainda inferir que o reconhecimento se deu muito mais pelo futebol e a paixão pelo esporte que promove a festa, a celebração, do que pela seleção brasileira[9]. Ao se afirmar isto, pondera-se que para os jovens investigados a derrota do Brasil

9 Aqui é possível retomar artigo do professor Hugo Lovisolo não refletia sobre a "crise" no futebol brasileiro e da seleção. Para uma discussão mais detalhada sobre o esmaecimento do epíteto Brasil Pais do Futebol ver HELAL, Ronaldo, "As Novas Fronteiras do 'País do Futebol'. *Pesquisa Rio* / Faperj, v. 11, p. 37-40, 2010 e HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge G. "O Declínio da Pátria de Chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002". In: Miguel Pereira; Renato Cordeiro Gomes; Vera Lucia Follain de Figueiredo. (Orgs.). *Comunicação, Representação e Práticas Sociais.* Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2004, v. 1, p. 257-277.

para a Alemanha de 7 a 1 não promovera mudança significativa na percepção que tiveram sobre o megaevento. Talvez estivessem mais ocupados com as festas promovidas pelo Mundial; mas alguns dos jovens se mostraram envergonhados com o desempenho da seleção brasileira no torneio enquanto outros preferiram fazer piada com o ocorrido. Se o resultado daquele jogo fosse diferente, os sentidos produzidos e analisados poderiam ser outros.

Não é possível ainda inferir como o evento futuramente impactará na perpetuação dessa construção identitária histórica. Talvez, para os jovens fluminenses aqui investigados, o futebol, por meio da Copa do Mundo, produziu sentidos de festa, união de pessoas e do encontro para celebrar. Nota-se aqui que o futebol enquanto esporte motor de significação identitária possivelmente foi ressignificado por esses mesmos jovens.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

BOITEMPO. Cidades Rebeldes: *Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.* Boitempo Editorial, 2013. Disponível em < https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/cidades-rebeldes-456>. Acesso em abril de 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento.* São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia.* Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.

CALIARI, Hingridy. *Um ensaio sobre a participação política da juventude brasileira.* Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Política Social do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Política Social. 2009.

DAMATTA, Roberto. *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro.* In DAMATTA, Roberto (Org.); GUEDES, S; NEVES, L. e VOGEL, A. Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FACEBOOK. Disponível em <www.facebook.com.br>. Acesso em 2016, 2017 e 2018.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change.* Oxford and Cambridge: Polity Press and Blackwell, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Análise crítica do discurso.* Linha d'Água, n. 25 (2), p. 307-329, 2012.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de Pesquisa para internet.* Porto Alegre: Sulina, 2015.

GASTALDO, Édison. *Pátria, Chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo.* São Paulo: Annablume, 2002.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade.* Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora da UNESP – Biblioteca Básica, 1990.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 4 ed., 2000.

Hall, Stuart. *Quem precisa da Identidade?* In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES; Antônio Jorge G. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.* Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. *Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. Revista Comunicação Mídia e Consumo.* ISSN 1983 7070. Vol. 8. Nº. 21. ESPM: 2011.

IBOPE. Media**.** *Ad hoc.* Disponível em < http://www.ibope.com.br/pt-br/solucoes/consumodosmeios/Documents/Adhoc%20-%20SAIBA%20MAIS.pdf>. Acesso em 12 de fevereiro de 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010.*

JACKS, Nilda; TOALDO, Mariângela et al. *Jovem brasileiro e consumo midiático em tempos de convergência: panorama preliminar.* In: Pesquisa de Recepção. Relatos da II Jornada Gaúcha. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2015.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos.* Campinas/SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. *Discurso e texto.* Campinas/ SP Pontes, 2001.

ORTIZ, R. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso (AAD- 69).* Trad. Eni P. de Orlandi. Em F. Gadet & T. Hak (orgs.) Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990 (1ª ed. 1969), p. 61-162.

PEREIRA, Camila Augusta. *#NãoVaiTerCopa: identidade, jovem e manifestações no Rio de Janeiro em 2013 e 2014.* Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

REDE BRASIL CONECTADO: *Jovem e consumo midiático em tempos de convergência. 2012 – 2015*. Disponível em < https://redebrasilconectado.wordpress.com/>.

SECOM. Presidência da República do Brasil. Secretaria de Comunicação Social. *Relatório Final Pesquisa Brasileira de Mídia - PBM 2016.* Disponível em < http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view> Acesso em 02 de fevereiro de 2018.

7 | Black, Blanc, Beur: um estudo de caso da representatividade na seleção francesa na Copa do Mundo de 1998

Gabriel Estrella D'Ávila[1]
Marcelo Viana Araujo Filho[2]

Introdução

O futebol hoje é o esporte mais popular do planeta. Consequentemente, a Copa do Mundo torna-se o evento esportivo de maior magnitude que a humanidade conhece, maior até que as Olimpíadas. Isto é um dado empírico, sem necessidade de comprovação de nenhum tipo, seja bibliográfica, seja estatística, entre outros. A Copa do Mundo tornou-se a "competição definitiva para o esporte" [3] (DUBOIS, 2008, p. 5).

A atual dimensão das Copas do Mundo de futebol faz com que estas sejam o maior palco de embates simbólicos entre nações, onde, por muitas vezes, a história do jogo vai muito além de *vinte e dois marmanjos correndo atrás da bola*[4]. Isto porque, durante esse período de cerca de um mês a cada quatro anos, as emoções e os sentimentos nacionais são exacerbados e, tanto rivalidades internacionais, quantos conflitos internos são transpostos para os gramados. Dentro das quatro linhas, a metáfora da nação representada dentro de campo, talvez seja mais bem concretizada no momento em que, perfilados, os jogadores cantam o hino do país que estão representando.

A escolha do selecionado nacional que irá representar o país pode tornar-se, então, um tabu e passar a trazer à tona questões da formação de determinada sociedade, bem como contar muito sobre sua história. Essa questão ficou latente com a conquista da Copa do Mundo de 1998 pela seleção francesa em casa e – por que não? – com o bicampeonato em 2018, vinte anos depois do primeiro. Composta majoritariamente por imigrantes e descendentes dos antigos territórios do Império Colonial Francês, a vitória da equipe da França fez renascer os debates sobre racismo e xenofobia dentro da sociedade francesa.

Os pesquisadores podem elencar inúmeros fatores para o sucesso desta guinada identitária no selecionado francês, mas o debate ainda está em aberto. Com este artigo pretendemos entrar, justamente, nesta discussão, buscando suprir, inclusive, uma lacuna ainda pouco preenchida por historiadores brasileiros acerca do tema. Partindo de estudos africanos e pós-coloniais e valendo-se da interdisciplinaridade permitida pelo estudo social dos esportes, o nosso principal objetivo é poder

---

1 Mestrando de História Contemporânea II no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

2 Mestrando de História Contemporânea II no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

3 Do original "*The World Cup remains the defining competition for the sport*". Tradução livre.

4 Noção do senso comum geralmente usada para definir leigamente uma partida de futebol.

promover uma reflexão acerca da importância trazida pelo time francês campeão do mundo em 1998, formado por atletas multiculturais – negros, magrebinos[5] e seus descendentes.

A Nação antes da Seleção: um debate sobre as questões de identidade nacional

Para compreendermos o processo de construção da identidade no caso específico da França, precisamos, antes, entender a relação do país com a sua História e sua historiografia. É seguindo esse caminho, que o artigo *História, Historiografia e Identidade Nacional: Fernand Braudel e o caso francês*, do geógrafo Guilherme Ribeiro, trata exatamente sobre a associação destes com a identidade francesa e com o nacionalismo francês, a partir da análise do último livro do historiador Fernand Braudel, *L´Identité de la France* (1986). Segundo Ribeiro, a obra apresenta uma teoria política – ainda que com a máscara da História Econômica e Social da Escola dos *Annales* – acerca da formação da identidade francesa, lançando mão da perspectiva da "longa duração" – que teve em Braudel seu fundador –, tendo como resultado, na verdade, uma relativização da História nacional francesa. (RIBEIRO, 2011)

É notório o papel crucial da História enquanto ciência na criação de uma determinada consciência nacional, mas no caso da França, fica ainda mais ressaltado, principalmente por conta da relevância de sua historiografia. Forja-se, a partir daí todo um sentido do "ser francês". Isto quer dizer que, durante esse processo:

> A derrota para a Prússia em 1871, o drama da Comuna de Paris e a tragédia da 1ª Guerra Mundial forneceram os elementos empíricos necessários para que a produção e a massificação de um relato histórico nacionalista se constituísse numa das prioridades da III República (RIBEIRO, 2011, p. 94).

O historiador Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas – Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, edição de 2008, por sua vez, afirma que no mundo ocidental, muitas "nações antigas", tidas como plenamente consolidadas, veem-se desafiadas por um "subnacionalismo" em seu próprio território. Este é o caso da França, onde nacionalidade e nacionalismo são apresentados como "'cruzamento' complexo de diferentes forças históricas" (ANDERSON, 2008, p. 28). Segundo Ribeiro (2011), diante da necessidade constante de reafirmação das identidades nacionais,

> [...] é aqui que a proposta temporal braudeliana [da longa duração] pode servir para tais fins, como um antídoto para os medos de uma parcela da população às voltas com o "perigo" imigrante: assentada na longa duração, a identidade francesa, se por acaso ameaçada e, um dia, batida, ela só o seria no interior de um processo multissecular (RIBEIRO, 2011, p. 99).

5 Referente ao *Magreb*, região do norte da África, composta majoritariamente por povos árabes.

Esta questão é central, não apenas para pensar o selecionado francês, mas para buscar entender a sociedade francesa, pois é onde existe o "*sujeito imaginado*" que está sempre em disputa.

Uma questão pertinente está no fato de que, ao produzir e massificar os relatos históricos, pouco se fez em relação à crítica do que estava sendo produzido no além-mar francês e como a França se relacionava com esses territórios coloniais, que, por sua vez, eram apresentados e incorporados dentro da História oficial – isto é, uma visão eurocêntrica que negligencia o colonialismo[6]. É a partir daí que recentemente enxergamos uma sociedade francesa "híbrida e complexa", no qual um conjunto de jogadores aponta para uma França formada por descendentes das diásporas pós-coloniais. Diante deste cenário, trata-se, portanto, de uma França "multicultural" [7].

As ideias de diáspora e de multiculturalismo estão presentes no trabalho do autor jamaicano Stuart Hall, pontuando que, no que refere ao pensamento de parte das populações europeias[8], há uma visão, até mesmo prática, destes imigrantes como seres subalternos, à margem da sociedade e presos a uma condição de dominado que emergia das "antigas relações de colonização, escravidão e domínio colonial" (HALL, 2009, p. 61).

A tendência diaspórica é confirmada também por Isabel Gil, que atesta para uma grande onda migratória no século XX – principalmente no eixo colônia-metrópole – onde:

> [...] a deslocação populacional das periferias para as grandes metrópoles europeias, propiciada pela descolonização e pela necessidade de mão-de-obra sentida por estas sociedades no período posterior à II Guerra Mundial, aumenta ao longo da segunda metade do século XX, motivada por fenómenos económicos e sociais, pela fome, pela perseguição política e pela guerra, que constituem as chamadas diásporas do terror, mas também pela busca esperançosa do conhecimento – as diásporas da esperança – que cultivam e refazem a imaginação do centro na sua relação com as periferias (GIL, 2008, p. 37).

Desse modo, não é possível ignorar a diáspora nem mesmo para as discussões da própria identidade francesa, que, pelo contrário, só ficaram mais inflamadas. Segundo Ribeiro,

> Se nos anos 70 o patronato precisava do trabalho imigrante e em 1972 foi aprovada por unanimidade a lei que visava reprimir atos racistas e xenófobos, nos anos 80 a imigração e a identidade nacional tornaram a ser temas centrais nas falas da direita e da extrema-direita. Nesse contexto, para alguns, pode ser mera coincidência histórica. Para nós, no entanto, é algo que se assemelha ao que os alemães chamam de Zeitgeist ("espírito do tempo"). Estamos nos referindo ao fato de que exatamente no ano de 1985 vários seminários foram organizados em torno do tema "identidade

---

6 RIBEIRO, Guilherme. História, Historiografia e Identidade Nacional: Fernand Braudel e o caso francês. In: *Projeto História*: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S.I.], v. 41, ago. 2011, p. 111. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/6536>.

7 Conceito presente em: HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p 57.

8 O autor embora estude especificamente a sociedade inglesa, suas análises e descobertas podem ser validadas para a Europa Ocidental.

> da França", chegando ao limite de ser criada a Alliance générale contre le racisme et pour le respect de l'identité française (AGRIF), numa total inversão dos termos da questão! (RIBEIRO, 2011, p. 98).

Por conta disso, o mínimo de alteridade desvendaria um olhar histórico ocidentalizante baseando-se em critérios raciais como um dos pilares de distinção entre o Ocidente – leia-se, a Europa – e o outro para as questões de identidade, conforme denuncia Aníbal Quijano, em sua obra *Colonialidade do poder* (2005). Por outro lado, proclamar a igualdade natural dos homens é negligenciar a diversidade, silenciando uma desigualdade de poder, como se ela não existisse. Por isso, quando tratamos do selecionado francês de 1998, buscamos enxergar naquele time a história das civilizações e a superposição de uma – a europeia – sobre as demais. Existe um movimento ambíguo nesta equipe que vai para além da representatividade, esbarrando, assim, nas complexidades do imaginário racial suscitadas pela seleção de 1998, que, a partir da conquista do campeonato, caminha entre a persistência de uma identidade nacional democrática que acolhe a força simbólica dos jogadores negros e árabes – ora tentando se libertar das representações negativas do passado, ora tentando articular novas significações sociais para o jogo mais popular do mundo – e discursos de xenofobia do conservadorismo francês, reivindicando uma identidade "verdadeiramente" francesa.

A Nação em campo: a seleção francesa e a Copa do Mundo da França de 1998

Um dos pontos centrais de nossos estudos está em como o futebol – e, especificamente, nesse caso a Seleção e a Copa do Mundo da França de 1998 – ajuda a escancarar a face por vezes obscura do "ser francês".

É bem verdade que a Copa do Mundo de 1998, a última do século XX, começa sem grandes entusiasmos por parte da população francesa. Segundo Laurent Dubois em *Soccer Empire: the World Cup and the future of France*, uma pesquisa apontava que 70% da população francesa estava pouco interessada ou nada interessada pelo evento (DUBOIS, 2008, p.108). Assim também mostra o documentário *Les Bleus – Une autre histoire de France (1996-2016)*, que foi utilizado como fonte essencial para a compreensão do futebol enquanto fator social e político diretamente ligado à sociedade francesa[9].

Conforme o selecionado *métissée*[10] ganhava as partidas, entretanto, os franceses ficavam cada vez mais entusiasmados com a campanha do time. Durante a fase de grupo, a França venceu os três confrontos, contra África do Sul, Arábia Saudita e Dinamarca. A chamada fase de mata-mata, no entanto, é que realmente

---

9 O documentário mostra vinte anos do futebol no país e sua relação com a política e a sociedade de uma forma geral. O nosso foco maior para com o documentário está na utilização das falas dos personagens da História do futebol francês. Logo, realizamos um trabalho de fonte orais e suas intersecções com a memória desses atletas compartilhadas no documentário, não descartando as imagens e narrativas apresentadas pelos documentaristas.

10 Segundo o autor Laurent Dubois, "The term métissée means "mixed" and traditionally has been used in France and its empire to describe a person whose ancestry brought together Europeans and Africans, Native Americans, or Asians." (DUBOIS, 2008, p. 163) – Em tradução livre: "O termo *metissée* significa misturado e tradicionalmente vem sendo usado na França e no seu império para descrever pessoa cuja ancestralidade juntou europeus e africanos, 'nativo-americanos' e asiáticos."

se solidifica a seleção "*Black, Blanc, Beur*", em especial nas duas últimas fases, respectivamente semifinal e final, onde os principais representantes desse estudo – o zagueiro Lilian Thuram e o craque Zinédine Zidane – foram, também, os protagonistas.

O adversário da semi foi a surpresa Croácia – que seria novamente a vítima 20 anos depois, dessa vez na final. O time báltico saiu na frente, mas Lilian Thuram virou o jogo, com dois gols – os únicos que ele marcaria em toda a sua carreira com a seleção –, e classificou o time francês. A final, por sua vez, teve como herói Zinédine Zidane, com bela atuação e dois – dos três – gols, no famoso jogo contra a Seleção Brasileira.

Apesar de protagonistas, Thuram e Zidane eram só mais dois jogadores de origem colonial – logo, não europeia – em meio ao resto do elenco. Laurent Dubois, em *Soccer Empire: the World Cup and the future of France*, os toma como norte no seu estudo sobre a Copa de 1998, onde, segundo ele:

> Com a vitória naquele ano, as histórias de jogadores individuais, suas famílias e comunidades, se tornaram a história de uma nação redimida e redespertada. [...] A equipe anunciou poderosamente uma verdade constantemente ignorada sobre a república francesa: que sua história e instituições foram, desde o princípio, profundamente moldadas não somente pelo projeto de império, mas por como os súditos do império responderam, confrontaram e refizeram aquela república. A França republicana sempre foi o que um acadêmico apelidou de um "Estado-nação imperial" (DUBOIS, 2008, p. 9 – tradução nossa).[11]

A complexidade da questão nacional francesa vem à tona mais uma vez com uma nova definição, dessa vez trazida por Dubois, a respeito da França Republicana: um "Estado-nação imperial". Uma vez assim definida, a história nacional francesa passaria a englobar e se confundir com a de seu imperialismo, que o futebol tanto escancara. A própria seleção francesa de 1998 deixava essa perspectiva bem clara.

Podemos afirmar, portanto, que também a história do futebol francês se confunde com a história da imigração. Segundo Dubois (2008), pelo menos desde a década de 1920 os selecionados franceses contavam com a presença de imigrantes, inclusive com grandes referências como Raymond Kopa, Just Fontaine e o próprio Michel Platini. Ainda não tinha havido, contudo, uma seleção como a de 1998, principalmente pela conquista. O impacto da taça foi tamanho, que alguns moradores mais antigos compararam à festa por conta da desocupação de Paris pelas tropas alemãs em 1944 (DUBOIS, 2008, p. 3). Dubois traz inclusive uma sensação de esperança que fora compartilhada por políticos, jornalistas e intelectuais e que retrata bem aquele momento:

> O time, eles declaravam entusiasmados, representou as possibilidades de colaboração entre brancos e negros, imigrantes e nativos. Assinalou o nascimento de uma nova identidade francesa que, como sua bandeira,

11 O original é: "With victory in that year, the stories of individual players, and their families and communities, became the story of a nation redeemed and reawakened. [...] The team powerfully announced an often overlooked truth about the French republic: that its history and institutions have been, from the beginning, deeply shaped not just by the project of empire but by how the subjects of empire responded to, confronted, and remade that republic. Republican France has always been what one scholar dubbed an 'imperial nation-state'".

> juntou três cores: preto, branco e *beur* – o último termo descrevendo os filhos dos imigrantes do Norte da África. Mostrou à França o que ela pode ser: uma nação livre das divisões e dos conflitos raciais, uma nação que ganhou força em sua diversidade (DUBOIS, 2008, p. 3 – tradução nossa) [12]

Os relatos trazidos por Dubois ajudam a ilustrar justamente a complexidade da construção da identidade francesa, que, mais uma vez, o futebol só escancara. Para que se tenha ideia, os dados levantados por Anderson Ribeiro Oliva mostram ainda melhor essa realidade àquela época, pois "Dos vinte e dois jogadores franceses inscritos naquele mundial, pelo menos nove eram de origem antilhana ou africana. Integravam aquela seleção mais seis jogadores de origem basca, armênia, italiana e portuguesa" (OLIVA, 2015, p. 399).

A conquista pelo selecionado francês *metissée* de 1998 foi, contudo, extremamente importante por conta da representatividade. Dubois reconhece especialmente na semifinal contra a Croácia um peso maior nessa questão. Isso se deve à atuação histórica do zagueiro Lilian Thuram e seus dois únicos gols em toda a sua carreira na seleção francesa. Analisando comentários e entrevistas de torcedores com a mesma herança colonial do defensor e chegou à conclusão de que:

> Tais comentários sugerem que o que foi importante sobre a vitória foi que, porque o povo das *cités* [bairros pobres da França] puderam ver a si mesmas refletidas na equipe, elas estavam sendo pressionadas a se sentirem mais patrióticas, a se integrar e a abraçar mais completamente a França. [...] O futebol obviamente não conseguiu reparar os problemas estruturais do desemprego e da marginalização social nas cités, que são a causa básica da violência e da alienação social. Mas se o problema real era a percepção que os moradores das banlieue tinham de seu lugar na França, o futebol poderia criar uma transformação fundamental (DUBOIS, 2008, p. 126). [13]

Para entendermos melhor, Lilian Thuram não foi só um zagueiro nascido em Guadalupe, no Caribe francês, mas, ciente da sua relevância, não se restringiu às quatro linhas. Até hoje é importante ativista das causas negras e dos imigrantes e descendentes das antigas possessões coloniais. Segundo Dubois, um torcedor francês de origem malesa definiu o jogo da semi-final como o momento em que "as pessoas teriam que respeitá-los na França" (DUBOIS, 2008, p. 129), o que dimensiona o tamanho de Thuram.

---

12 O original é: "The team, they declared enthusiastically, represented the possibilities of the collaboration of white and black, immigrant and native born. It signaled the birth of a new French identity that, like the French flag, brought together three colors: black, white, and *beur* — the last a term describing children of North African immigrants. It showed France what it could be: a nation free from racial divisions and conflict, a nation that gained strength from its diversity".

13 O original é: "Such comments suggest that what was important about the victory was that, because people from the *cités* could see themselves reflected in the team, they were being pushed to feel more patriotic, to *integrate* themselves into and more fully embrace France. […] Football obviously couldn't repair the structural problems of unemployment and social marginalization in the *cités* that are the root cause of violence and social alienation there. But if the real problem was the perception that *banlieue* residents had of their place within France, football could create a fundamental transformation"

Conclusão

Não podemos esquecer, contudo, do alerta de Quijano, em que a classificação da sociedade se baseia primeiro no critério da raça, que nos faz retornar ao caráter ambíguo que a conquista trouxe para a França, como mostra boa parte dos estudos sobre o caso. Segundo a internacionalista Helsiane Mahlke (2005), essa ambiguidade é também do próprio governo francês no trato com os imigrantes, que trafega entre a integração e a discriminação. De acordo com Mahlke, essa dificuldade do governo de "se posicionar entre essas duas estratégias políticas, pode ocasionar um agravamento da divisão no seio da sociedade, entre imigrantes e nacionais" (MAHLKE, 2005, p. 48).

Não é absurdo pensar que, após a conquista da Copa do Mundo de 1998, a seleção francesa situa-se nessa mesma ambiguidade. Isso porque, após o entusiasmo e a esperança numa França mais racialmente democrática após a conquista, cerca de oito anos depois já parecia utópica com a ascensão do partido de extrema-direita *Front National*, do ultra-conservador, Jean-Marie Le Pen, pregando discursos de ódios contra os imigrantes e a imigração (DUBOIS, 2008, p.3).

Le Pen, tanto o pai (Jean-Marie), quanto à filha (Marine), só falam da equipe francesa para criticá-los. Jean-Marie atacava a seleção desde a Eurocopa de 1996, alegando que o time tinha "muitos jogadores de cor", cobrando um time "verdadeiramente francês" – mesma desculpa usada para, dois anos mais tarde, não reconhecer o título mundial. A filha, por sua vez, desloca o eixo de preconceito da raça para a religião (VIDAL, 2011 apud. NARCIZO, 2017), tendo sido praticamente personificado no seu embate com o atacante Karim Benzema. No fim, o alvo é sempre o mesmo: o imigrante.

Ao mesmo tempo, como já destacamos, há já uma longa tradição de jogadores imigrantes ou descendentes, que defenderam ou defendem a França em Copas do Mundo. Falando somente daqueles nascidos na África – sem contar os descendentes já nascidos na França –, tem mais de 60 anos[14]. Da Copa de 1954 a de 2018, 12 jogadores nascidos na África defenderam a seleção francesa, dentre eles nomes como Just Fontaine – maior artilheiro de uma única edição de Copa do Mundo, em 54 –, nascido no Marrocos, Marcel Desailly, nascido em Gana, e Patrick Vieira, nascido em Senegal – os dois últimos campeões em 1998 (LACERDA, 2010, p. 55-58).

Se nos perguntarem se o título da Copa do Mundo de 2018 pode ser considerado um novo *black, blanc, beur*, ter um mesmo impacto, a resposta seria não. Mesmo que tenha uma seleção tão ou mais negra – principalmente – que a de 1998, dois fatores primordiais pesam para a primeira conquista. O primeiro era o ineditismo, o fato de a glória máxima do maior esporte do mundo ter sido conquistada logo pela seleção *metissée*. O segundo, mas não menos importante é o fato de tudo ter ocorrido dentro do próprio território francês, gerando uma comoção ainda maior.

Os acontecimentos recentes comprovam Laurente Dubois e mostram que foi apenas uma utopia. O crescimento da extrema-direita no mundo não deixou a

14 Sem contar os nascidos nas Antilhas e na Ásia francesa.

França ilesa, com expressiva votação em Marine Le Pen. Contudo, gostem ou não, a composição do selecionado francês representava a França em sua totalidade. A "nova" França que estava presente no título dentro de campo era a mesma "velha" França que aumentava as comemorações conforme o selecionado ganhava os jogos. Ela estava lá, nas ruas, nas praças, nas escolas, toda presente no limiar do século XX, vibrando pelo sucesso de seu país na maior competição do mundo. Mesmo que muitos não consigam vê-la ou não queiram vê-la o reflexo da diáspora estava em campo e fora dele, vibrando. Porém, a pergunta central que fica é: seria o futebol francês racista? Se formos entender que, assim como afirma Thuram, o futebol é o reflexo da sociedade francesa, então provavelmente sim. O futebol francês, a sociedade francesa, a sociedade europeia, a sociedade e o futebol ocidental convivem ainda com casos de racismo e xenofobia.

Lilian Thuram é preciso ao afirmar que "sonho com um mundo no qual sejamos todos iguais na própria diversidade" (FLORENZANO, 2010, p.172). Bom, pelo menos em sua essência assim era a seleção francesa de 1998. Todos franceses, dentro de sua própria diversidade, em suas trajetórias, em busca do mundo, encontraram algo muito maior: a representatividade.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidade imaginada.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DUBOIS, Laurent. *Soccer Empire*: the World Cup and the future of France. Los Angeles, University of California Press: 2008. 330 p.

FLORENZANO, José Paulo. *A babel do futebol:* Atletas interculturais e torcedores ultras. *Revista de História*, 163, 2010, p. 149-174.

GIL, Isabel Capeloa. As interculturalidades da multiculturalidade. In: LAGES, Maria Ferreira & MATOS, Artur Teodoro de. *Portugal: Percursos de interculturalidade. Desafios à identidade*. Lisboa: Acidi, 2008, p. 30-48.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guarda Resende [et al.]. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 480 p.

LACERDA, André. *A África em Copas do Mundo*. São Paulo: Máquinária, 2010. 112 p.

LES Bleus: une autr histoire de France (1996-2016). Direção de David Dietz e Sonia Dauger. Paris: Netflix, 2016. 104 mins.

MAHLKE, Helisane. *O Estado-nação e a migração internacional de trabalhadores. Uma reflexão sobre a imigração argelina na França*. Tese de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2005

NARCIZO, Makchwell Coimbra. *O Front National, Marine Le Pen e o futebol*. 2017. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/marine-le-pen/>. Acesso em: 19 jun. 2019.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Identidades em campo. Discursos sobre a atuação de jogadores interculturais de origem africana e antilhana na seleção francesa de futebol. *Rev. Hist. (São Paulo)*, São Paulo, n. 173, p. 395-425, Dec. 2015.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina". In: LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. 1. ed. Buenos Aires: ColeccinSurSur, CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Guilherme. História, historiografia e identidade nacional: Fernand Braudel e o caso francês. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S.I.], v. 41, ago. 2011. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/6536>.

VEYSSIÈRE, Laurent. *Le foot: une affaire d'État*. Paris: Archives Nationales, 2016. Disponível em: <http://www.archives-nationales.culture.gouv.fr/visites-virtuelles/le-foot-une-affaire-d-etat/index.html>. Acesso em 01 fev. 2020.

8 | Representações das Olimpíadas Rio 2016: sentidos negociados no discurso do jornal The Guardian

Flavi Ferreira Lisboa Filho[1]
Lauren Santos Steffen[2]

Considerações iniciais

O jornalismo assume, na contemporaneidade, uma função central na mediação dos interesses de diferentes esferas sociais, calcando sua legitimidade social na sua capacidade de ordenar os fatos do mundo, dotando-os de visibilidade pública e legibilidade. Em uma sociedade marcada pela heterogeneidade, o campo tenta assegurar uma ideia de uniformidade, na pretensão de garantir certa estabilidade aos confrontos vividos diariamente no meio social. Nesse sentido, o discurso jornalístico pode ser entendido como um entre-lugar, como um espaço de negociações intensas entre diferentes grupos sociais, que disputam sentidos a fim de que sua visão de mundo prevaleça. Por trás dessa aparente harmonia, visível na superfície do texto verbal, há uma camada invisível, isto é, uma intensa luta de forças ideológicas, as quais tornam o discurso jornalístico um campo marcado por relações de poder.

Os sentidos no interior do discurso jornalístico não são, assim, frutos de um consenso, marcas de conformidade. Eles são, pelo contrário, resultado de negociações permanentes que constroem representações acerca da realidade cultural. As representações construídas no interior do discurso jornalístico são, na maioria das vezes, hegemônicas por reproduzirem os ideais das classes dominantes, produzindo um enquadramento particular e parcial a partir do qual a realidade passa a ser compreendida, provocando inclusões e exclusões, as quais serão vividas não só no plano simbólico, mas no plano concreto da desigualdade social e da marginalidade política. No entanto, tais representações não são únicas nem irreversíveis; podem, justamente por se travarem na arena simbólica do discurso, serem desconstruídas e criticadas através de processos de resistência, que busquem representações alternativas de determinados fatos sociais.

O discurso do jornalismo internacional, por sua vez, impacta de forma ainda mais abrangente nossa percepção sobre os fatos do mundo. Ele constrói representações que podem influenciar a forma como pessoas de diferentes localidades compreendem e avaliam determinadas culturas. No caso da realização de um megaevento esportivo, como as Olimpíadas 2016 no Rio de Janeiro, diversos sentidos foram mobilizados e silenciados para representar o país que iria sediar a competição, em sua primeira vez realizada na América do Sul. Dessa forma, foi construída uma imagem do Brasil e dos brasileiros nos meios de comunicação, os quais colocaram em circulação diversos sentidos culturais mediados a partir

1 Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: flavi@ufsm.br.

2 Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: lauren.ssteffen@gmail.com.

de múltiplas redes de interação comunicativas na sociedade e do acionamento de determinadas estratégias discursivas, todas perpassadas por dinâmicas de poder.

Levando em conta tais aspectos, o objetivo deste artigo é analisar os sentidos negociados na construção de representações das Olimpíadas Rio 2016 no discurso do jornal *The Guardian* em matéria publicada a cem dias da realização do megaevento esportivo no Brasil. Com base em autores relacionados à análise de discurso e aos estudos culturais, discute-se o processo de negociação de sentidos no interior do discurso jornalístico, entendido como uma construção intersubjetiva, histórica e subordinada aos enquadramentos sociais e culturais. Dessa forma, busca-se evidenciar a construção de representações no campo jornalístico como um processo atravessado por tensionamentos de sentidos e disputas pela hegemonia.

A negociação de sentidos no interior do discurso jornalístico

O jornalismo narra a sociedade para a própria sociedade, por meio de um texto construído a partir de elementos exteriores ou anteriores, como a história, o senso comum e a cultura. Todo discurso pressupõe condições para sua existência, alicerçadas no contexto de sua produção. Como afirma Foucault (1999, p. 185), "numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma *epistémê*, que define as condições de possibilidade de todo saber". O autor faz referência ao paradigma geral segundo o qual se estruturam, em uma determinada época, os múltiplos saberes científicos, que por esta razão compartilham, a despeito de suas especificidades e diferentes objetos, determinadas formas ou características gerais. Assim, os fatos sociais ganham existência pública no discurso jornalístico a partir dos valores e conhecimentos presentes na sociedade em um determinado período.

Para Hall (1999), o processo de significação tanto assume quanto ajuda a construir a sociedade como um consenso. Para o autor, a existência de um consenso cultural é a base de toda a comunicação social. Sem as familiares identificações sociais e culturais, o jornalismo não seria capaz de dar sentido aos acontecimentos. Tais narrativas tornam o complexo e desordenado mundo em que vivemos mais coerente, ajudando-nos a compreender os acontecimentos ao nosso redor. Diante do caos, o jornalismo se impõe como referência dominante, como o lugar referencial de construção cognitiva da realidade. "O discurso jornalístico se apresenta, assim, como o poder de dizer e de fazer ver" (MOTTA, 2002, p. 4). No entanto, apesar de ocupar esse lugar central, o jornalismo é uma das diversas interpretações possíveis do mundo, revelando-se como um construto cultural relativo a uma determinada ordem de coisas. O campo produz um relato de nomeação e legitimação, reorganizando o mundo em torno de certos pontos de vista.

Levando em conta que essa construção é feita por meio da linguagem, Foucault (1999) defende que é preciso compreender seu funcionamento: que representações designa, que elementos recorta e recolhe, como analisa e compõe, que jogo de substituições lhe permite assegurar seu papel de mediadora de representações. Trata-se de produzir conhecimento a partir do próprio texto, analisando-o a partir de sua materialidade simbólica, dotado de uma espessura semântica. É preciso compreender como a linguagem cria sentidos, enquanto trabalho simbólico constitutivo do homem e de sua história, exercendo a mediação entre o homem e

a realidade social e influenciando, por consequência, o enquadramento a partir do qual determinados fatos serão compreendidos e vividos. Segundo Orlandi (2009), essa arena de significação que é o discurso torna possível tanto a continuidade quanto o deslocamento do homem e da realidade em que ele vive. Isso significa que o discurso tanto pode funcionar como um prolongamento dos ideais hegemônicos na sociedade, mantendo as hierarquias e difundindo os valores dominantes, como também pode contribuir para romper com o padrão estabelecido, disseminando visões de mundo alternativas.

No campo jornalístico, é preciso entender a linguagem como um instrumento simbólico repleto de possíveis equívocos, uma vez que não há neutralidade nem mesmo no uso aparentemente banal dos signos. O jornalismo busca empregar uma linguagem supostamente objetiva, o que, na perspectiva da análise de discurso, se mostra uma utopia, pois não há garantia de que haja convergência de interpretação entre os interlocutores (BENETTI, 2007). O jornalista pode apenas direcionar o sentido do seu texto, mas não pode controlar a sua compreensão. Nessa negociação, reside o papel ativo dos sujeitos que podem tanto ratificar o que está posto no discurso, como podem contrapor novos sentidos que deem conta de uma visão mais complexa e plural da realidade. Como afirma Williams (1979, p. 115), os valores hegemônicos, presentes no discurso, não são vividos apenas passivamente como forma de dominação. "A hegemonia tem de ser renovada continuamente, recriada, defendida e modificada. Também sofre uma resistência continuada [...], desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões". O discurso jornalístico não corresponde, assim, unicamente a requerimentos institucionais e a demandas comerciais, mas também a exigências que vêm das relações culturais vivenciadas pelos grupos sociais. Tal discurso pressupõe a existência de juízos de valor na escolha dos elementos mais importantes de uma notícia, na seleção dos fatos, na definição das fontes e na ordem de sua apresentação. Embora as notícias sejam percebidas como índice do real, elas registram um enquadramento discursivo específico, moldado pelas características pertinentes ao campo e pelas pressões culturais presentes no cotidiano. Tais esferas estão em constante negociação de sentidos nesse espaço de luta chamado discurso, com o objetivo de estabelecer valores e (des)construir hierarquias.

Desse modo, é preciso compreender que o discurso não existe por si mesmo, uma vez que só existe em um espaço entre sujeitos (BENETTI, 2007). Isso significa que o discurso depende dos sujeitos para existir e que seu sentido é opaco e pleno de possibilidades de interpretação. Assim, o sentido não existe de forma individual, mas é determinado por posições ideológicas, o que faz com que as palavras mudem de sentido de acordo com a posição do sujeito que as emprega. O entendimento do discurso como uma construção intersubjetiva leva a defini-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais. Assim, ele deve ser analisado dentro de seu contexto de produção, pois a relação entre linguagem e exterioridade é constitutiva do discurso, o qual é afetado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário. Como afirma Benetti (2007), os sentidos não estão presos ao texto nem emanam do sujeito que lê; eles são resultado do processo de complexos processos de interação.

Nesse sentido, Pêcheux (1997) argumenta que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos. A ideologia percorre o domínio das representações em geral, fixando as sucessões necessárias, definindo os limites travados e manifestando as leis de composição e de decomposição que podem se constituir. Aloja, assim, todo saber no espaço das representações e, percorrendo esse espaço, formula o saber das leis que o organiza (FOUCAULT, 1999).

Para a análise dos sentidos inscritos no discurso, é fundamental compreender como as regiões de sentido circunscrevem limites interpretativos. Para Orlandi (2009), deve-se partir da noção de formação discursiva, definida como aquilo que em uma formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito. A autora explica que as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações, já que todo discurso se delineia na relação com dizeres presentes e dizeres que se instalam na memória. Dessa forma, os sentidos não estão predeterminados por propriedades da língua, mas dependem de relações constituídas pelas formações discursivas. Estas não são configuradas como blocos homogêneos, funcionando automaticamente, uma vez que são marcadas pela heterogeneidade e pela contradição, com fronteiras fluidas e instáveis. Para definir uma formação discursiva, é preciso definir as condições a que estão submetidos os elementos de uma repartição (FOUCAULT, 1995). Segundo o autor, uma formação discursiva é definida por um certo número de enunciados que apresentam semelhante sistema de dispersão e a que corresponde uma regularidade entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos e as escolhas temáticas. Tais regras definem como um mesmo sentido é construído ao longo de enunciados distintos.

Essas regiões de sentido dominantes constroem representações sobre os fatos sociais, influenciando a forma como são vistos e percebidos no meio cultural, dotando-os de valores e associando-os a determinados sujeitos. Entendendo o discurso como o local em que a representação da realidade é construída culturalmente a partir da negociação de sentidos, na próxima subseção iremos investigar as formações discursivas presentes no discurso do jornal *The Guardian* em matéria publicada a cem dias das Olimpíadas Rio 2016.

Os sentidos negociados nas representações das Olimpíadas Rio 2016 no discurso do jornal The Guardian

O objeto de análise deste artigo trata-se da matéria publicada[3] no portal de notícias online do jornal *The Guardian* no dia 27 de abril de 2016, ou seja, a cem dias da realização do megaevento esportivo no Brasil. A matéria, intitulada "100 dias para o Rio 2016: 'será uma grande festa, com um legado de lixo'", foi publicada na editoria Mundo, seção Américas, e foi escrita por um dos editores do jornal, Jonathan Watts, que na época estava como correspondente no Rio de Janeiro.

3 A matéria analisada está disponível em https://www.theguardian.com/sport/2016/apr/27/rio-2016-olympic-games-100-days-to-go-brazil-controversy-legacy. Acesso em 03/12/2018.

Compõem a matéria também algumas fotos produzidas por agências de notícias internacionais, como a *Reuters* e a *Associated Press*. A matéria foi escolhida por acionar possíveis sentidos presentes na véspera de realização das Olimpíadas no Brasil, período em que a atenção do jornalismo internacional estava voltada não só para questões relacionadas ao esporte, mas também para temas ligados à realidade social do país-sede, como segurança pública, cenário político, desigualdades sociais e situação econômica. Desse interesse midiático internacional, surgem diversas representações, as quais operam por meio de seleções, estereótipos, tipificações e silenciamentos. Torna-se produtivo, assim, analisar, durante tais eventos, que sentidos ganham destaque e quais são silenciados no discurso midiático, o qual opera como um espaço de negociação entre diferentes esferas mediadoras, que disputam pela definição de representações sobre a realidade social.

A partir da análise crítica do discurso do jornal, concentrando-se no texto verbal, foram encontradas três formações discursivas ou regiões de sentido dominantes: a) incerteza; b) calamidade e c) esperança. As formações discursivas serão exemplificadas por sequências discursivas, as quais foram traduzidas para o português. As sequências discursivas serão apresentadas de forma recuada na página, em tamanho de fonte 11. O jornalista e as fontes entrevistadas, responsáveis por cada uma das sequências discursivas descritas, estão identificados pelas iniciais do seu nome, colocadas entre colchetes. Assim, temos a) JW para o correspondente Jonathan Watts, b) SP para Sérgio Praça, acadêmico da Fundação Getúlio Vargas, c) RL para Ricardo Leyser, então ministro do Esporte, d) MA para Mario Andrada, porta-voz do Comitê Organizador Olímpico, e) FD para Fernanda Decnop, iatista, e f) LM para Luiz Martins de Melo, especialista em economia do esporte da Universidade Federal do Rio de Janeiro e integrante da equipe que elaborou a candidatura do Rio para as Olimpíadas em 2004. Já as partes destacadas em negrito são os sentidos dominantes que justificam as formações discursivas encontradas na análise.

Incerteza

O primeiro sentido encontrado na matéria em análise é o de incerteza, o qual já aparece evidenciado no primeiro parágrafo do texto. Tal sentido se refere ao sentimento presente na véspera de realização dos Jogos Olímpicos, que se caracterizava por uma sensação de desconfiança quanto à capacidade do país em sediar um megaevento dessa natureza. Como afirma o jornalista, foram tantas controvérsias enfrentadas pelo Brasil, que não havia mais certeza de que o país estivesse preparado para a competição.

> [JW] O Brasil passou de uma **controvérsia** para a outra, **minando a confiança** de que o Rio está pronto para os Jogos Olímpicos.
>
> [JW] Em vez de celebrar a contagem dos 100 dias para os Jogos Olímpicos, muitas pessoas no Rio de Janeiro estão pensando: **“O que mais poderia dar errado? ”**

O jornalista afirma que os próprios meios de comunicação reforçam essa sensação de descrença na população e elenca ainda diversos aspectos da situação

político-econômica do país que provocaram essa sensação de insegurança quanto à organização do evento.

> [JW] Manchetes recentes apenas colaboram para a **sensação de receio.**
>
> [JW] De turbulência política à recessão econômica, o Rio foi atingido por uma série de calamidades nacionais e locais que ofuscaram os preparativos, **minaram a confiança** e **provocaram dúvidas** sobre quem deve se beneficiar do megaevento.

Diante desse cenário, Jonathan Watts faz uma crítica ao colocar que o Brasil estava perdendo a oportunidade de se mostrar, de fato, uma potência emergente no cenário internacional, capaz de enfrentar desafios e de coordenar eventos de grande porte, transparecendo sua fragilidade enquanto um país marcado pela corrupção e pela desigualdade social.

> [JW] Tudo isso significa que o Rio entra na reta olímpica parecendo mais **uma velha república latino-americana** do que a moderna economia emergente que está prestes a ocupar o seu lugar no cenário global.
>
> [JW] Para outros, é uma **oportunidade perdida**.

A sensação de descrença também está presente na fala de uma das fontes entrevistadas. Sérgio Praça, acadêmico da Fundação Getúlio Vargas, deixa claro que a situação não é propícia para a realização das Olimpíadas no país, tendo em vista a série de dificuldades presentes no cenário brasileiro, marcando um posicionamento claramente negativo a cem dias da realização da competição e mostrando que não há motivos para comemorar.

> [SP] Eu **não acho que haja algum clima** para as Olimpíadas no Brasil, e muito menos no Rio de Janeiro. Tudo o que vimos até agora é **muito ruim, muito negativo**. **Não houve boas notícias** sobre as Olimpíadas.

As últimas sequências discursivas selecionadas para evidenciar o sentimento de incerteza vivido na véspera dos Jogos foram expressadas por uma das fontes entrevistadas. Luiz Martins de Melo, especialista em economia do esporte, demonstra insatisfação quanto à falta de iniciativa do país em resolver seus problemas de forma eficiente, ratificando que o Brasil não tem competência para sediar tal evento. A última sequência destacada, referente a uma fala de Luiz, foi utilizada pelo jornalista tanto no título quanto na última frase da matéria, evidenciando que as Olimpíadas serão uma festa, mas que o que restará para o país, que investiu bilhões de reais[4] para sua realização, não será usufruído pela população; será, na verdade, totalmente inútil após o evento.

> [JW] Ele (Luiz Martins de Melo) está **desapontado** que mais nada foi feito para limpar a Baía de Guanabara.
>
> [LM] A festa será ótima. O **legado** para a cidade **será lixo**.

4 Mais informações em https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/olimpiada/noticia/2017/03/gasto-com-o--rio-2016-ultrapassa-os-r-40-bilhoes-9749566.html. Acesso em 12/12/2018.

Calamidade

A segunda região de sentidos dominante na matéria é a de calamidade, a qual evidencia a situação em que o país se encontrava a cem dias da realização das Olimpíadas 2016. Aqui, o megaevento ganha contornos negativos, uma vez que poderia inclusive contribuir para tornar ainda mais crítico o cenário nacional.

> [JW] A primeira Olimpíada da América do Sul está ameaçando se tornar uma **maldição** para a cidade-sede.

> [JW] De **turbulência política** à **recessão econômica**, o Rio foi atingido por uma **série de calamidades nacionais e locais** que ofuscaram os preparativos (...).

Jonathan Watts descreve uma série de dificuldades que auxiliam a configurar um cenário nacional caótico. Tais adversidades são vividas em diversas esferas sociais, desde a economia e a política até a saúde e o meio ambiente. O contexto catastrófico ainda é marcado por alguns acidentes ocorridos durante a construção das obras olímpicas, os quais transparecem certa negligência e incompetência do país na condução dos preparativos:

> [JW] Entre a ladainha de problemas estavam: um voto de impeachment contra Dilma Rousseff que dividiu a nação; o maior escândalo de corrupção na história do país; o declínio mais profundo do PIB em décadas; a pior crise de saúde da região - o vírus Zika - na memória; e a poluição da água é tão ruim que a Baía de Guanabara, que sediará as competições de navegação, fede a excrementos.

> [JW] Na segunda-feira, um ombudsman informou que 11 trabalhadores morreram até agora trabalhando em projetos olímpicos (...).

Essa região de sentidos é a que permeia mais fortemente a construção da matéria, uma vez que o jornalista aciona diversos exemplos para demonstrar que o Brasil vivia um cenário de caos às vésperas da realização dos Jogos Olímpicos. Jonathan cita o cenário de cortes em investimentos públicos na área da educação, saúde e segurança pública na época, reduções que vão de encontro com o que se espera de um país que irá sediar um megaevento esportivo, o qual demanda uma situação de equilíbrio das contas públicas a fim de dar suporte para a realização da competição de forma segura e eficiente.

> [JW] Enquanto isso, há crescentes preocupações sobre cortes nos gastos públicos, que provocaram greves que paralisaram centenas de escolas, (...) o sistema de saúde está mal preparado para o Zika e forçaram os organizadores da Olimpíada a encontrar financiamento alternativo para o ar condicionado no Centro Internacional de Radiodifusão.

> [JW] Mais preocupante, também levou o orçamento da polícia estadual a ser reduzido em 2 bilhões de reais, apesar dos alertas da inteligência de que os radicais do Estado Islâmico poderiam ver as Olimpíadas como seu próximo alvo.

Certos termos utilizados pelo jornalista também auxiliam a construir o sentido de calamidade relacionado ao cenário brasileiro, acarretando claramente uma conotação negativa para a imagem do país, que pode ser exemplificada pelas expressões "chocante", "deficiente", "piora" e "persistentes desafios". Essa região de sentidos reitera, portanto, a afirmação de que, durante a realização de um megaevento como os Jogos Olímpicos 2016, o país-sede ganha destaque no jornalismo internacional não só por meio de temas esportivos, mas também por questões relacionadas ao cenário político, econômico e social, as quais acabam construindo representações sobre o país para leitores do mundo todo.

> [JW] Acrescente-se a esse congestionamento de tráfego chocante (...), venda deficiente de ingressos (...), aumento do desemprego, piora da inflação, persistentes desafios com a desigualdade de jovens negros e declarações em favor da tortura, misoginia e ditadura militar pelo político mais votado da cidade, Jair Bolsonaro.

Esperança

A última formação discursiva encontrada na matéria do *The Guardian* diz respeito à esperança, ou seja, à possibilidade de os Jogos Olímpicos significarem uma solução para os problemas enfrentados pelo país na época. O jornalista passa a defender que a imagem do país pode sim se transformar, fazendo com que a realização de uma competição dessa magnitude seja motivo de orgulho e não de vergonha. A única atleta entrevistada na matéria, a iatista Fernanda Decnop, mostra-se muito otimista com relação à possibilidade de a situação do país melhorar, independentemente da crise enfrentada nas mais diversas esferas sociais.

> [JW] Os organizadores do Rio 2016 dizem que há muito para se orgulhar.
>
> [JW] Eles veem as Olimpíadas como parte da solução para o Brasil, e não o problema.
>
> [FD] Eu não acho que a crise vai atrapalhar e, se tudo correr bem, as coisas terão melhorado até lá.

Jonathan faz uma comparação com a organização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil para evidenciar que o país se encontra em uma situação bem mais favorável a cem dias da realização das Olimpíadas em 2016. Durante a Copa do Mundo, houve protestos e atraso na construção de alguns estádios, bem diferente, segundo o jornalista, do clima de tranquilidade vivenciado no momento. Ele utiliza esta comparação também para apontar que, mesmo com todos esses problemas, a Copa foi um sucesso. Nesse sentido, com as Olímpiadas, não haveria motivos para ser diferente, uma vez que o cenário aparentava ser bem mais positivo.

> [JW] Comparado com isso, as Olimpíadas parecem estar em uma posição saudável, sem grandes protestos e com a maioria das infraestruturas dentro do prazo e do orçamento.

As Olimpíadas são vistas, assim, como a salvação, como um dos poucos momentos de redenção da população brasileira, que enfrenta diariamente as mazelas de um país em desenvolvimento. A competição traz, assim, a esperança em dias melhores, com a economia reequilibrada e a estabilidade política restaurada. O próprio ministro do Esporte na época, Ricardo Leyser, considera os Jogos um dos poucos acontecimentos passíveis de serem comemorados em um ano tão conturbado. O jornalista parece, assim, mostrar um lado mais otimista sobre a realização do megaevento esportivo, revelando que há sim quem veja as Olimpíadas como uma chance de regeneração para o país.

> [RL] Acho que os Jogos são uma das poucas coisas boas que acontecerão neste ano. Pode reanimar o país e gerar empregos. Neste momento difícil, os jogos nos ajudam a reativar a economia e trazer turistas.
>
> [JW] Muitos participantes são igualmente otimistas. Alguns esperam por mais estabilidade econômica e política até agosto.

Luiz Martins de Melo, especialista em economia do esporte, aciona um estereótipo recorrente vinculado ao jeito de ser do povo carioca, considerado, no senso comum, como um povo divertido, acostumado a demonstrações públicas de alegria, para mostrar que este pode ser um diferencial para o sucesso da competição no Brasil. Tal imagem é trazida à tona baseada em estudos científicos, que corroborariam, então, a ideia de que os cariocas podem ser a garantia de transformação dos Jogos em uma verdadeira festa.

> [JW] Ele (Luiz Martins de Melo) espera que a situação política se estabilize e que os cariocas (...) garantam que os Jogos sejam divertidos, porque os estudos sociológicos mostraram que estão mais predispostos a exibições públicas de alegria do que pessoas de outras cidades.

A esperança reside ainda em uma espécie de magia inerente às Olimpíadas, isto é, como se os Jogos tivessem o poder, por meio de seus rituais, de transformar o cenário nacional e reanimar a população, fazendo com que os problemas do país sejam esquecidos, mesmo que por um breve espaço de tempo. Um dos membros do Comitê Organizador Olímpico, Mario Andrada, constrói sua esperança com base nesse poder mágico, como se o fogo da tocha olímpica e o brilho da medalha de ouro fossem capazes de modificar a realidade social e restaurar o otimismo.

> [JW] Mario Andrada, porta-voz do comitê organizador do Rio 2016, espera que o ânimo apareça após o revezamento da tocha, que começou na semana passada em Atenas, chegar ao Brasil, com o público ficando animado quando o Brasil ganhar seu primeiro ouro.
>
> [MA] Mas assim que acendermos a tocha e tivermos os atletas no Rio, a energia muda.

Considerações finais

Através das formações discursivas evidenciadas na análise da matéria veiculada pelo jornal *The Guardian* a cem dias da realização das Olimpíadas

Rio 2016, foi possível destacar três regiões de sentidos principais no discurso jornalístico. A primeira, denominada de incerteza, refere-se à sensação dominante presente às vésperas da realização dos Jogos, isto é, demonstra a insegurança que existia por parte de vários grupos sociais quanto à capacidade do país em assumir tal responsabilidade. Para construir tal significação, diversos aspectos da realidade social, política e econômica do país foram destacados, corroborando para a construção da imagem de um país frágil, que não tinha motivos para comemorar, apenas para se envergonhar diante da oportunidade perdida de se mostrar uma potência no cenário internacional.

Já a segunda formação discursiva, chamada de calamidade, foi a que perpassou mais fortemente a construção da matéria, evidenciando a situação caótica em que o Brasil se encontrava a cem dias da competição. As Olimpíadas passam a assumir contornos negativos para o país, uma vez que poderiam contribuir para tornar ainda mais crítico o cenário nacional, marcado por casos de corrupção, insegurança pública, desigualdades sociais, poluição ambiental, crise econômica e instabilidade política. Os exemplos de acidentes durante os preparativos para os Jogos citados pelo jornalista acentuam o quadro de catástrofe vivenciado pelo país, o qual se mostrava negligente e ineficiente não só no atendimento das necessidades básicas de seus cidadãos, mas também no cumprimento das demandas olímpicas. Por fim, a formação discursiva de esperança atravessa de forma menos evidente a construção da matéria, mostrando-se como uma brecha de sentido, uma alternativa à sensação dominante presente na época. Essa região de sentidos aponta para um sentimento de que havia sim a possibilidade de os Jogos significarem uma oportunidade de recuperação econômica, política e social para o país. Mesmo com a série de dificuldades enfrentadas, havia a expectativa de que o cenário pudesse melhorar e que tudo desse certo no final.

A partir dessas negociações de sentidos entre o jornalista e as diversas fontes entrevistadas, ambos influenciados pelas condições culturais e sociais de produção, o discurso jornalístico construiu a representação de um Brasil despreparado para realizar um evento desta magnitude diante de uma situação de calamidade nacional em diversas esferas sociais, a qual gerou um clima de incertezas na população e nos organizadores do evento. Contudo, nesta representação dominante, de um Brasil caótico e descrente às vésperas da competição, havia espaço para um sentido alternativo, de otimismo. Pairava, assim, uma esperança de que a população brasileira, vinculada aos estereótipos de um povo alegre, que não desiste facilmente, e de que a magia olímpica, com seus rituais ancestrais, pudessem ser a garantia de que haveria sim uma festa, de que o evento seria um sucesso.

O jornalismo internacional contribuiu, assim, para a construção de enquadramentos discursivos a partir dos quais o Brasil e os Jogos Olímpicos de 2016 foram percebidos e assimilados por leitores do mundo inteiro. Tais representações, que mesmo dominantes, abrem espaço para resistência e interpretação, constituem-se em uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com objetivo prático de guiar condutas e comportamentos, concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Assim, torna-se fundamental avançarmos na compreensão dos meios de comunicação enquanto vetores da transmissão da linguagem e portadores de representações, assumindo sua

centralidade para o estudo dos aspectos estruturais e formais da sociedade e para o entendimento dos processos de interação social, influência, consenso e dissenso culturais.

Referências bibliográficas

BENETTI, Marcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em Jornalismo***.** Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *O jornalismo como gênero discursivo.* Galáxia, n. 15. São Paulo: PUC-SP, 2008.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas:* uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: O mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

_____ . A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Revista Educação e Realidade*, 22 (2), jul./dez. Porto Alegre, 1997.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *O trabalho simbólico da notícia.* XII Compós, Recife, 2002, CD-ROM.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso:* princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso.* 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura.* Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

_____. *Cultura.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *La larga revolución.* Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

9 | Do amor ao esporte ao seu silenciamento: (des)construções narrativas e a marca Rio em documentários internacionais pré-olímpicos

Ana Teresa Gotardo[1]

Introdução

Um dos grandes benefícios de sediar megaeventos é, segundo Burbank et.al. (2001), a grande exposição midiática que eles geram, que contribui para a (re)construção e/ou (re)posicionamento da imagem de uma cidade. Com o Rio de Janeiro não foi diferente: a cidade esteve sob os olhos do mundo após se tornar cidade-sede dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo; técnicas de *city branding*[2] foram aplicadas para a reconfiguração da imagem da cidade e o número de documentários televisivos multiplicou-se. Esses produtos audiovisuais buscavam não apenas "desvelar-nos" enquanto outro, mas, em consonância com o discurso de reconstrução da marca-cidade, contribuíam também para a construção de uma sensação de segurança para a chegada de turistas, o consumo da cidade e dos megaeventos.

Em minha pesquisa de mestrado (GOTARDO, 2016), defendi que documentários internacionais de TV sobre turismo (*travel shows* ou *travel documentary television series*) passaram por mudanças nas representações sobre a cidade do Rio de Janeiro entre 2007 e 2012[3]. De narrativas que excluíam as favelas ou as tratavam como selvas urbanas, eles passaram, dentre outras questões, a civilizar a favela (aqui no singular porque, nas representações da mídia internacional, elas são todas iguais, diferenciando-se apenas entre "pacificadas" e "não-pacificadas", sendo a pacificação uma parte do processo civilizador) para que ela também se tornasse produto a ser consumido, em uma nova geografia do consumo turístico da cidade (GOTARDO, 2016). Apresentavam as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) como solução para a violência e para o medo na cidade e as atividades esportivas como a salvação possível para os moradores da favela, expostos ao crime e à miséria. Pobreza e medo produziam a narrativa da cidade partida (e a "verdade" dos cariocas da "praia", do "asfalto", *versus* os "não-cariocas", moradores da favela), enquanto o governo do estado tentava, com seu programa de pacificação, "unir" novamente a cidade, levando polícia ("segurança") e serviços públicos para as áreas mais pobres. Em 2012, os documentários de TV estrangeiros pareceram se unir em torno deste mesmo eixo, defendendo-o como a melhor alternativa para o Rio de Janeiro.

Essas narrativas de amor e de salvação por meio do esporte, no entanto, parecem ser deslocadas quando a produção audiovisual estrangeira começa a questionar essa

---

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Comunicação pelo PPGCOM / UERJ. Relações Públicas na Universidade Federal Fluminense. E-mail: aninhate@gmail.com

2 Trata-se de uma vertente mercadológica que objetiva a construção de uma reputação mercadológica dos territórios, ou seja, transformá-los em marca e em mercadoria a ser consumida, considerando que há competição entre territórios e, portanto, é necessário buscar ativos intangíveis para se posicionar com diferenciação e preferência frente a potenciais decisores.

3 A análise empreendida englobava quatro produções, sendo uma de 2007, uma de 2008 e duas de 2012, visando comparar as narrativas antes e após o projeto de construção da marca Rio.

marca-cidade. Neste trabalho, trago um panorama de quatro produtos audiovisuais estrangeiros: dois exibidos em 2012 e outros dois exibidos em 2014 e 2016 (um durante a Copa do Mundo e outro antes dos Jogos Olímpicos). Desta forma, busco realizar uma análise crítica comparativa do material em dois momentos distintos: 2012, um período "áureo" da marca Rio, de uma "cidade impossível de não se amar" (citação de Anthony Bourdain durante um dos programas aqui em análise), para deslocamentos dos sentidos dessa marca a partir de 2013, especialmente devido aos questionamentos internacionais sobre o programa de pacificação e a implantação das UPPs, mas também pelo papel exercido pelas Jornadas de Junho de 2013, com seu discurso anti-copa. Observa-se uma mudança importante nas narrativas: em 2012, o esporte é o eixo central de uma das narrativas e ocupa grande espaço de outra; já nas produções feitas a partir de 2014, há um silenciamento do suposto "amor ao esporte" (ou ao futebol), pregado nas narrativas anteriores. Esse silenciamento produz tantos sentidos quanto sua presença nos produtos audiovisuais mais antigos, especialmente se considerarmos todo contexto de produção dessas narrativas – o dos megaeventos esportivos.

Considero, tal como Rose (2002, p. 343), que "os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais"; e, tal como Aumont e Marie (2004, p.39), que "não existe um método universal para analisar filmes" e que "a análise de um filme é interminável". Assim, busco realizar uma análise de forma a construir um panorama das narrativas, visando desconstruí-las sob a luz da perspectiva teórica com o objetivo de identificar os "modos como imagens, figuras e discursos da mídia funcionam dentro da cultura em geral" (KELLNER, 2001, p.77), sob a perspectiva do consumo desta cidade-mercadoria cuja marca foi reconstruída por meio do *city branding*. Desta forma, ainda de acordo com Aumont e Marie (2004), procuro realizar a análise do filme como uma maneira de explicar de forma racionalizada os fenômenos observados nos filmes, com vistas à produção do conhecimento e à interpretação.

Do amor ao esporte e do amor à marca Rio

Diversos estudos na Sociologia do Esporte vêm buscando demonstrar que imaginários difundidos mundo afora acerca do Brasil como país do futebol (e do futebol-arte), de um jogo de estilo único, são produtos de construções feitas por jornalistas e intelectuais, datadas dos anos de 1930, em um contexto de consolidação do estado-nação, de construção de uma identidade nacional (HELAL, 2011) e, posteriormente, já na ditadura militar, de imagens ideais ("modelos") da sociedade (RODRIGUES, 1982).

> Neste sentido, o "país do futebol" não é uma realidade natural, mas sim uma construção realizada por agentes – da imprensa, do meio acadêmico e da política – em um determinado momento histórico. Dissemos que somos o "país do futebol" como uma forma de nos sentirmos distintos, únicos, singulares. O futebol – com suas conquistas e o suposto "estilo dionisíaco" – seria um representante exemplar do Brasil para o mundo (HELAL, 2011, p. 2).

O autor argumentava que, já em 2011, havia um processo de desterritorialização do ídolo e do futebol, com sua transformação em produto a ser consumido, somado à pulverização das identidades pós-modernas, que tornaria possível perguntar se o Brasil estava deixando de ser "o país do futebol" (HELAL, 2011, p.3). No entanto, esse não parece ser exatamente um questionamento dos programas *No reservations*, de Anthony Bourdain, e *Brazil with Michael Palin*, exibidos pela televisão estrangeira em 2012, no que diz respeito à construção do Rio de Janeiro enquanto cidade-mercadoria a ser consumida nos megaeventos esportivos.

O 15º episódio da oitava temporada de *No Reservations* aborda a visita de Anthony Bourdain ao Rio de Janeiro por ocasião de uma luta de jiu-jitsu que Otavia, sua esposa, participará em uma escola dos Gracie contra Valkiria, uma descendente da família. Com cerca de 40min de duração, foi produzido pelo canal *TLC – Travel and Living Channel*, parte da *Discovery Communications,* a qual totaliza 13 redes via cabo e satélite nos Estados Unidos. A série foi ganhadora do prêmio Emmy.

Toda estrutura narrativa do episódio é construída em torno da luta, com contagens regressivas e diversas menções sobre a batalha, o nervosismo de Anthony, a preparação e os perfis das lutadoras. Expectativa e ansiedade da estrangeira em lutar contra um membro da família que criou o esporte o qual mudou sua vida *versus* a responsabilidade de uma Gracie em representar a tradição do esporte. Além do foco no jiu-jitsu, menções a outros esportes são feitas, como é o caso do futevôlei: segundo o apresentador, apenas cariocas são capazes de jogar vôlei com os pés. A apresentação do "verdadeiro carioca" está sempre relacionada às práticas esportivas[4] na praia (corrida, bicicleta e musculação, sempre ao ar livre / à beira-mar são outros exemplos de esportes exibidos), construindo narrativas sobre uma identidade local que também está muito ligada ao culto ao corpo, à perfeição física, ao esporte como lazer e à ideia de paraíso idílico (Anthony diz, por exemplo, que as pessoas na praia parecem não precisar trabalhar, todas são bonitas demais para isso).

No segundo bloco do programa, durante a visita de Bourdain à Rocinha, o apresentador conhece *Instituto Kapacidade*, organização criada pela família Gracie para ensinar a "orgulhosa tradição do Jiu-Jitsu brasileiro" a crianças em situação de vulnerabilidade social. Tony diz que, assim como o futebol, o Jiu-Jitsu é o "esporte nacional". Ele afirma que não se trata de uma luta de rua, algo agressivo em si, mas sim, de usar a força do oponente contra ele. Bourdain apresenta ao telespectador a história do Jiu-Jitsu:

> [...] em 1914, Mitsuyu Maeda, um mestre japonês de Jiu-Jitsu, emigrou para o Brasil, onde se tornou amigo de Gastão Gracie, um empresário que o ajudou a se estabelecer. Para mostrar sua gratidão, o mestre se ofereceu para ensinar Jiu-Jitsu ao filho de Gastão. Em suas mãos, a arte foi modificada, tornando-se o que é hoje: uma disciplina que enfatiza

4 Apesar de Helal (1990, p.24) ter feito uma clara distinção deste tipo de prática, definindo-a como "brincadeira" ("qualquer atividade espontânea, voluntária, sem regras fixas, que proporciona prazer e diversão e que não tem finalidade ou sentido fora de si"), diferenciando-a do jogo e do esporte (segundo o autor, esporte é "qualquer competição que inclua uma medida importante de habilidade física e que esteja subordinada a uma organização mais ampla que espace ao controle daqueles que participam ativamente [...] da ação"), optei aqui por usar o termo "práticas esportivas" para evitar quaisquer outros entendimentos relacionados a sentidos cristalizados dos outros vocábulos e por guardar um sentido, uma relação, na análise mais ampla, dessa construção do Brasil como país "habilitado" para receber os megaeventos esportivos, por um suposto inerente "amor ao esporte".

> a técnica e o tempo. Os Gracie formam a primeira família do Jiu-Jitsu brasileiro.

É interessante observar o imaginário estadunidense no que diz respeito ao paralelo traçado entre o jiu-jitsu brasileiro e o futebol como esportes nacionais. Awi (2012) diz que a família Gracie levou o Jiu-Jitsu para os Estados Unidos e o divulgou por meio de uma marca de roupas, programas de ensino do esporte a distância, vídeos de defesa pessoal dirigidos a mulheres e crianças, dietas e, por fim, por meio de aulas para o exército, a SWAT e os principais órgãos de segurança do país. No Brasil, no entanto, o jiu-jitsu está longe de ter a popularidade do futebol, especialmente se considerarmos todo processo de construção da identidade nacional mencionado anteriormente, além da cobertura midiática dada a este em comparação àquele.

Em meio a crianças fazendo exercícios e a demonstrações de golpes por professores a alunos, Tony apresenta Igor, sobrinho-neto de Gastão e treinador de Otavia. Ele representa o Instituto, criado pela prima de Igor, Kyra – campeã mundial e uma das primeiras mulheres faixa preta no esporte –, que decidiu fazer algo pelas crianças das favelas do Rio. O brasileiro diz:

> eles [as pessoas da equipe do instituto] os alimentam, as crianças ganham café da manhã e almoço antes de irem à escola. Eles têm tutoria, têm que ter boas notas. Eles têm que se comportar na escola. Nós não queremos ensinar uma arte marcial. Nós queremos ensinar a eles como respeitar o outro. Um estilo de vida. Uma nova criança entra e os mais velhos o ajudam. Eles não praticam *bullying*. De onde eles vêm, eles sofrem muito *bullying*. Esses garotos já viram coisas que você jamais imaginaria.

O apresentador fala, em tom feliz, que "é ótimo ver as crianças, tipo, quando as crianças fazem um movimento, e depois saem, eles têm um grande sorriso no rosto". Igor salienta que, devido à falta de fundos, não pode atender mais crianças (na ocasião da gravação, atendia de 100 a 150 crianças) e que há uma lista de espera de mais de 200 pessoas. Tony parece chocado com isso – e assim termina o bloco, com o que seria a alternativa a uma vida de miséria e violência que não pode ser levada adiante devido à falta de dinheiro.

Nessa parte do episódio podemos inferir que há uma ideia do esporte como "processo civilizador", no sentido proposto por Elias (1994), com um desejo, por parte de uma classe mais abastada, de assimilação, por parte das classes mais baixas, do que seria considerado um "bom modo de vida". Esse "bom modo de vida" é construído desde a apresentação do Jiu-Jitsu em sua história, com seu desenvolvimento na família Gracie por ajuda ao próximo e gratidão, passando pela questão da arte como técnica, tempo e uso da força do oponente contra ele mesmo, até chegar no objetivo do *Instituto Kapacidade*, de ensinar respeito ao outro como estilo de vida. As imagens também mostram as relações entre mestres e alunos, em uma ideia de "escola" como instituição constituidora de cidadãos aptos para o trabalho e a mudança de vida que devem almejar, segundo o programa.

O último bloco do episódio apresenta a tão esperada luta e Tony se declara nervoso, apreensivo, reconhecendo que a oponente de Otavia, Valquiria, é muito mais experiente, é parte da família Gracie, está em seu próprio país, frente a diversos

estudantes e, portanto, tem mais chances de ganhar. O programa atinge seu clímax. Otavia ganha a luta e, enquanto comemora, sua oponente chora, e o apresentador encerra o bloco aliviado. É interessante observar a exploração das emoções que fazem parte da competição esportiva, agregando uma "estratégia de reencantamento secular" (GUMBRECHT, 2007) com a exploração das emoções característica das práticas jornalísticas e do documentário. Segundo Gumbrecht,

> Descrever a experiência do esporte como a de "perder-se numa intensidade focada" sugere que o esporte pode se tornar, tanto para os atletas quanto para os espectadores, uma estratégia de reencantamento secular, uma vez que "perder-se" converge com a definição do sagrado como um domínio cujo fascínio reside no fato de ele estar separado do mundo cotidiano; [...] a intensidade caracteriza um nível da nossa relação com o mundo e com nós mesmos que normalmente está destinado a desaparecer na trajetória para o desencantamento (que se tornou estranhamente tão normativo para nós) – e que, ao mesmo tempo, se transforma numa condição para que o reencantamento aconteça. Ainda mais do que em outros casos de reencantamento secular, parece evidente que praticar esportes e assistir a eventos esportivos podem ser considerados "estratégias" sociais (GUMBRECHT, 2007, p. 12).

Já o episódio *The road to Rio*, da série *Brazil with Michael Palin*, de origem britânica, produzido por ocasião da realização da Copa do Mundo no Brasil e exibido em 2012 pelo canal BBC, dedica 40min dos 58min de duração do programa ao Rio de Janeiro. O apresentador associa o Rio aos clichês do futebol, hospitalidade e sexo, mas dedica bastante tempo de seu programa para falar sobre as favelas e sobre o programa de pacificação do governo do estado.

A segunda parada turística do apresentador é o futebol, introduzida de forma inusitada: Palin diz em *off* que "os brasileiros quase sempre tiveram um talento para design e decoração, o qual não esperava encontrar exemplo em um campo de futebol". Assim apresenta a sede do Fluminense Football Club, "um dos mais famosos clubes do Rio". Neste momento, Palin convida Tim Vickery, jornalista esportivo inglês que vive no Brasil desde 1994, para acompanhá-lo. Com uma sede de mais de 100 anos e uma bela vista da Floresta da Tijuca ao fundo, o clube é apresentado de uma forma nobre, como parte da história do futebol brasileiro ("o primeiro jogo do Brasil aconteceu aqui") e seus salões de "tirar o fôlego".

Apesar da introdução inusitada, Palin apresenta, em sua fala, o futebol brasileiro como um dom. Ao falar sobre o primeiro jogo do Brasil, pergunta se havia uma superioridade técnica em relação aos jogadores do time visitante, o Exeter City. Tim menciona que, no Brasil, o futebol é um "processo" que transforma um menino pobre em um rei. Já o jogo brasileiro, em si, é apresentado como "mágico" (uma mágica individual do jogador), que cria reis pela humilhação em campo. As "habilidades individuais" dos jogadores são comparadas às "habilidades necessárias à sobrevivência dos garotos pobres". A entrada do Maracanã é exibida nas imagens, porém, não é identificada. O apresentador ainda visita um narrador de futebol, promovendo uma brincadeira de quem consegue gritar "gol" por mais tempo.

Nessa parte do programa, todas as "verdades" cristalizadas do Brasil como país do futebol e do estilo de jogo único são exploradas, bem como a ideia de que

os “reis” surgem da pobreza (já que eles possuem as habilidades “necessárias” para a humilhação). É possível observar nesse diálogo todo contexto de produção das identidades nacionais baseadas na miscigenação e de construção de mitos. Helal (2011) considera que a ideia de estilo único de jogo também é uma construção que remonta à década de 1930, mais especificamente a partir da obra *Foot-ball Mulato*, de Gilberto Freyre (1938), crença essa baseada no fato de que o drible teria sido uma invenção de atletas negros e mestiços, o que nos coloca como únicos, singulares.

> A crença de que somos os inventores do drible está intrinsecamente relacionada a outra – também recorrência importante do que denominamos “matriz romântica” nas narrativas sobre o futebol brasileiro - que é a ênfase posta na origem popular e pobre, de baixo para cima, de nossos ídolos futebolísticos. [...] Porém, a dimensão dada à pobreza inicial é, muitas vezes, usada como um fator importante para a “criação” de grandes craques do futebol brasileiro. [...] A narrativa induz ao raciocínio de que o fato destes jogadores terem praticado futebol em terrenos baldios, com pedras ou árvores no “campo”, ou em esquinas de rua, com paralelepípedos e calçadas como obstáculos, e ainda terem jogado descalços e, muitas vezes, com bolas de meia, os habilitou ao drible desconcertante, à agilidade com as pernas, ao famoso “jogo de cintura” etc. (HELAL, 2011, p. 5).

Nesse contexto, observamos narrativas que constroem um futuro melhor possível por meio do futebol (ou do jiu-jitsu, como no caso de *No Reservations*). Helal (2011) aponta que esse tipo de discurso pode levar a uma possível “apologia à pobreza”, já que ela e tão somente ela produz os craques de estilo único, mas também é possível pensar, nesse mesmo sentido, em duas outras questões: uma “aceitação” do outro (a alteridade, o morador da favela e potencial craque), em relação à mídia estrangeira e ao “carioca do asfalto”; e o deslocamento da função do estado na erradicação da pobreza, a qual passa a ser tão somente função do indivíduo, em uma perspectiva neoliberal de um ideal meritocrático – as visitas aos centros esportivos nas favelas também produzem esses sentidos.

Assim como Bourdain, Palin também visita um projeto esportivo em uma favela. Para ressaltar os benefícios da pacificação, Michael visita o Complexo da Maré, não pacificado à época da gravação do episódio. “É perigoso andar por uma favela não pacificada, a menos que você conheça alguém do lugar” – e é então que apresenta Luke Dowdney, inglês “pioneiro que desenvolveu sua própria receita para lidar com o efeito das drogas, pobreza e violência”: projeto social ligado ao esporte (boxe).

Das cenas de violência, um corte seco do perigo para a solução: Palin visita o projeto de Dowdney, chamado “Luta pela paz”, que, além de estimular o esporte, também atua na educação, com aulas de reforço e creche. Luke aparece sobre o ringue com um estudante e uma bandeira do Reino Unido decora o teto. Ele explica sua história com o esporte, sua motivação para iniciar o projeto na Maré e como um clube de boxe poderia ajudar as pessoas. O lutador destaca a disciplina, a autodisciplina, a canalização da agressão. “Você aprende que trabalho duro paga seus dividendos e seus resultados e essas são lições para a vida”.

Mais uma vez, encontramos a ideia de uma Instituição, de um poder centralizado, somado à monopolização da força e violência física (polícia, BOPE e UPPs), como parte de um processo civilizador moderno (ELIAS, 1994). Há a busca de uma conduta voltada para regulação, para a "civilidade", de forma a diminuir o abismo entre os costumes para a criação de um "turismo útil", sob a lógica moderna. Assim como em *No Reservations*, podemos inferir que há uma ideia do esporte como "processo civilizador", ainda no sentido proposto por Elias. Temos a ênfase na disciplina, no trabalho duro, nas lições de vida que o esporte pode dar, como uma "determinação" do que seria considerado um "bom modo de vida". Além disso, tal como enfatizam Gruneau e Horne (2016), há, no final do século XX, um "novo foco no empreendedorismo" como forma de solução orientada para o mercado para problemas globais e, com isso, um "crescente interesse no uso do esporte como uma estratégia para o desenvolvimento social, impulsionado em grande parte por um espírito de intervenção humanitária" (p.5-6). Desta forma, ainda segundo os autores, a presença de organizações esportivas internacionais, como o COI ou a FIFA, contribui com a "ideia de que os megaeventos esportivos podem promover resultados socialmente progressistas e positivos, [...] defender os direitos humanos e usar o esporte como ferramenta no desenvolvimento econômico internacional" (idem, p.6).

A função do esporte na mudança desejada para o país, nos termos dos episódios analisados, vai ao encontro do que se espera do "espírito olímpico" e das promessas / garantias dadas pela teoria do *city branding*, quando da aplicação de suas técnicas. Mas, apesar dos esforços na construção da marca-cidade nas narrativas desses documentários, há também a produção de questionamentos, especialmente a partir de 2014, quando é possível observar um deslocamento nas narrativas de amor e de salvação por meio do esporte, conforme demonstrarei a seguir.

Do silenciamento do esporte como crítica à cidade

Os dois documentários compõem a segunda parte desta análise: o primeiro é uma série documental da *BBC* intitulada *Welcome to Rio*, exibida na última quinzena de junho e primeira semana de julho de 2014 (exatamente no período em que acontecia a Copa do Mundo no Brasil), composta por três episódios intitulados *Peace*, *War* e *Ingenuity*. O segundo é o episódio *Brazil* da série *Gaycation*, produzida e exibida pelo canal estadunidense *Vice* no ano de 2016, poucos meses antes da realização dos Jogos Olímpicos no Rio.

Para empreender uma análise dos silenciamentos, início pelo episódio mais antigo, no qual há ainda menções claras ao futebol – embora estas já sejam de ordem distinta daquelas apresentadas nos documentários de 2012. O programa *Welcome to Rio* deixa ainda mais evidente o deslocamento devido ao fato de a narrativa ter como objetivo explorar "as favelas do Rio e a campanha militar do governo para arrancar os traficantes de drogas do controle"[5] e revelar "a verdade sobre a vida dentro das famosas favelas do Rio, por meio das vidas das pessoas que moram lá", mas não abordar o esporte como a "salvação possível", em uma perspectiva otimista. Há,

5 Descrição extraída do site da série: <http://www.bbc.co.uk/programmes/b045h9nn>. Acesso em 01 ago. 2017. As traduções aqui contidas são de responsabilidade da autora.

na realidade, exatamente o oposto: o menino pobre que se envolve com o tráfico e abandona o treinamento / formação do time, para o desespero do pai.

Rocky é um dos personagens em torno do qual gira a narrativa. Seu amor pelo futebol é explicitado desde o início: ele usa uma camisa do Clube de Regatas Vasco da Gama durante as gravações. Aos 28min do episódio, esse amor ao futebol é explorado: seu aluguel custa menos que seu gasto com o futebol. As gravações o acompanham em um encontro com um grupo de torcedores que entoam gritos de guerra na rua e depois segue até o estádio, em um jogo ao qual ele leva seu neto. Muitos palavrões são proferidos na torcida empolgada e a narração diz:

> esse é apenas um jogo de campeonato. Imagine como será na Copa do Mundo. Vamos encarar: ninguém joga um jogo tão bonito quanto o Brasil e nós sabemos como demonstrar nossa paixão. O filho de Rocky, Felipe, treinava na escola do Vasco, mas Felipe começou a se envolver com traficantes e desistiu do treinamento. Rocky o chama de "ovelha negra" desde então.

O personagem fala de como seu filho costumava acompanhá-lo nos jogos e que sonhava em vê-lo em campo – esta seria a maior alegria de sua vida. Há, na passagem da narradora, assim como no outro documentário produzido pela inglesa *BBC*, a menção ao "estilo de jogo brasileiro", assim como o sonho de ver o menino pobre vencer na vida por meio do futebol. O caso demonstrado, no entanto, parece ser mais condizente com a realidade dos milhares de meninos pobres que tentam ganhar a vida com o esporte e acabam "desistindo" por inúmeras questões – os casos "vencedores" são exceções, tratados, no imaginário, como regra para o fim da pobreza por meio do talento inato ou, em casos mais raros, pelo esforço e mérito.

A menção ao amor ao futebol, apesar de tratar de imaginários cristalizados do "jogo único", é curta (dura cerca de quatro minutos de um total de 58min de episódio) e tem abordagem distinta dos documentários produzidos em 2012. É possível observar, portanto, o primeiro deslocamento nesta que seria a primeira produção de um conjunto de produtos audiovisuais televisivos que deslocam os sentidos até então produzidos sobre a marca Rio. Nos 58min de duração do episódio, a palavra *sport* é citada apenas uma vez para dizer que todas as modificações executadas na cidade são em nome do esporte internacional; palavra "*football*" é citada três vezes, uma para falar de um campo (de futebol) onde eram executadas sentenças do tráfico, uma para identificar o time (de futebol) do Vasco e apenas uma para identificar a paixão do personagem pelo esporte. Se considerarmos que a série foi produzida e veiculada por ocasião da realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos no Brasil (a primeira frase da abertura é "*With the World Cup and Olympics on the way, the planet is looking to one city. Welcome to Rio*"), é de causar estranheza, para dizer o mínimo, que o esporte tenha pouca ou nenhuma importância na narrativa. Os outros dois episódios que compõem a série não falam de esporte.

Nesse mesmo sentido, temos o episódio *Brazil* do programa *Gaycation*, série (*travel show* ou *travel documentary TV series*) que visa explorar a cultura LGBT ao redor do mundo. O programa, que possui duas temporadas (a primeira com quatro episódios e a segunda com seis), foi indicado ao prêmio *Emmy* de melhor *reality show* sem roteiro (*Unstructured Reality Program*) em 2016 e 2017. Ao contrário

de outros *travel shows* que costumam apenas ratificar os mais sólidos clichês e estereótipos sobre a cidade, a violência contra LGBTs é amplamente denunciada e explorada, desconstruindo imaginários amplamente difundidos internacionalmente de que o Rio de Janeiro é um destino turístico *gay friendly. Gaycation* não faz questão nenhuma de "mascarar" a violência física e simbólica a que são submetidas as pessoas LGBTs no país da "liberação sexual". A série faz um interessante trabalho jornalístico no que diz respeito à seleção de fontes: de Jean Willis a Bolsonaro, de uma musicista renome internacional ao morador da favela, passando por pessoas comuns das mais diversas orientações sexuais. Apesar disso, vemos ainda o uso constante de alguns clichês e estereótipos, talvez no intuito de simplificar para garantir a compreensão, a organização e antecipação da experiência, além da simpatia do público: nesse sentido, uma das imagens mostradas de apresentação da cidade é de uma pelada em um campo de várzea de uma favela.

Considerando novamente a proximidade da produção do episódio da realização dos Jogos Olímpicos, é importante notar como não há menção a esportes. Dentro da temática à qual se propõe o episódio (voltada para a cultura LGBT), seria possível abordar diversas questões como homofobia no futebol, nas torcidas, liga de futebol gay, dentre outras que poderiam estabelecer conexões e problematizações entre esportes, orientação sexual e identidade de gênero.

Os motivos para esse silenciamento ou deslocamento dos supostos "amor do brasileiro ao esporte" e da "salvação da pobreza por meio do esporte" poderiam ser inúmeros. Para empreender esta análise, é necessário, no entanto, considerar o contexto das produções por ocasião da realização dos megaeventos e os sentidos produzidos por eles como um todo. É possível observar, por exemplo, em *Welcome to Rio*, diversas cenas das manifestações anti-copa, a crítica aos gastos, à gentrificação, à violência, à invasão das favelas pela polícia, às UPPs e ao programa de segurança pública como um todo – "tudo em nome do esporte internacional", tal como nos diz a narração. Em *Gaycation*, um programa sobre turismo (um dos grandes atributos da promoção dos megaeventos, de acordo com as teorias de *city branding*), há muito mais sobre a violência contra LGBTs que sobre clichês os quais vendem a cidade em um momento de "aumento de demanda", para usar um dos termos que norteiam a implantação das técnicas de *city branding* na cidade.

Essas narrativas dizem respeito muito mais à desconstrução da marca dessa cidade-mercadoria que se propõe global (e que, portanto, precisaria da diferenciação dos imaginários do futebol para se posicionar, tal como feito nas produções de 2012, e poderia também se aproveitar mercadologicamente da ideia de "amor ao esporte" no contexto dos megaeventos esportivos como um dos atributos da marca) que à ratificação dos clichês sobre a cidade. A crítica aos megaeventos é feita de forma clara, mas de forma a entendê-los como entidades autônomas e desvinculá-los do que há de sagrado no futebol e no "espírito olímpico". Os problemas estão relacionados às decisões estratégicas tomadas "pela cidade" para receber os eventos, decisões essas que seguem os preceitos do *city branding* (GOTARDO, 2016) e dissociar esses problemas do "espírito olímpico" é necessário para manter sua sacralização.

Helal (1990) menciona que os Jogos Olímpicos, em sua origem, eram considerados festivais sagrados cujas competições serviam aos deuses. Apesar de o esporte moderno nascer desvinculado da religião, sempre houve, segundo o

autor, a possibilidade de construção de "seres sagrados" dentro da arena esportiva, como se atletas talentosos tivessem dons místicos, de forma a serem idolatrados como grandes mitos e heróis do esporte. Desta forma, o autor especula "sobre a possibilidade de o esporte ser, por si só, um terreno propício ao surgimento de mitos, imagens e heróis, fundamentos primordiais para o desenvolvimento de manifestações sagradas" (HELAL, 1990, p.36) – o que coloca o universo do esporte numa relação quase inerente com o domínio do sagrado. E essa relação não pode ser profanada pelos problemas sociais e políticos gerados "em nome do esporte internacional", não apenas em nome do espírito esportivo, olímpico, ou dos milhares de atletas que dedicam suas vidas às competições: manter a popularização e a consequente / crescente sacralização do esporte também é importante para garantir seu consumo, já que a secularização, segundo o autor, "se manifesta em um sentimento generalizado de desencanto, levando os torcedores a se afastar dos estádios esportivos" (HELAL, 1990, p.43).

A partir desta perspectiva, é possível ter algumas pistas sobre a função desses silenciamentos e deslocamentos identificados nas produções audiovisuais de TV mais recentes. É necessário pensar criticamente nessas narrativas que constroem imaginários sobre o Brasil e, mais especificamente, sobre o Rio de Janeiro ao redor do mundo, de forma a compreender o processo de construção dessa marca-cidade que tanto classifica e exclui.

Considerações finais

O processo de construção da marca-cidade não é novo e entendê-lo ao longo do tempo é necessário para desvelá-lo no que há de mais complexo: a exclusão física e simbólica de diversas subjetividades que compõem o cotidiano urbano. O uso dos clichés e estereótipos cristalizados no imaginário internacional e que nos produzem como "diferentes" é uma constante não só nas narrativas midiáticas, mas é também uma necessidade dentro da perspectiva mercadológica e diretrizes do *city branding*.

Nesse contexto, ideias (e ideais) como "país do futebol", "celeiro de craques", "estilo de jogo único", "luta contra (ou vencer) a pobreza e a violência por meio do esporte", dentre outros, compõem um leque de sentidos para a construção dessa "cidade global-ideal". Imaginários tidos como verdadeiros, apesar de serem construções, e que contribuem para a narrativa de consumo almejado. E que, acima de qualquer coisa, criam ideais muitas vezes inalcançáveis para a maioria da população, gerando exclusões e naturalizando a ausência do poder público por meio da necessidade de "vencer" pelo talento inato, associado ao mérito.

Desconstruir essas verdades tão ratificadas nos produtos audiovisuais de 2012 trazidos para esse debate é, então, tarefa mais que necessária. Ao deslocar os sentidos do esporte, no entanto, os documentários mais recentes analisados preferem silenciar essas questões, ao invés de debatê-las, ratificando outras verdades naturalizadas. O silenciamento observado parece, então, servir também aos ideais de consumo por contribuir para a sacralização do esporte – já que as críticas são feitas especialmente às decisões tomadas pelo poder público para viabilizar a realização

dos megaeventos (como entidades dissociadas do esporte) na cidade e problemas relacionados aos esportes em si não são explicitados.

Apesar disso, ainda é interessante observar que há um processo de desconstrução, mesmo que incipiente. Não há mais adesão total da mídia internacional ao projeto de construção da marca-cidade por ocasião dos megaeventos esportivos, o que já é um passo em busca de um debate sobre os processos e efeitos das intervenções realizadas na cidade "em nome do esporte internacional".

Referências bibliográficas

AUMONT, J.; MARIE, M. *A análise do filme*. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2004.

AWI, Fellipe. Filho teu não foge à luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012. Resenha de LINCK, Bruno et. al. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 333-352, out/dez de 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/39879/27492>. Acesso em 20 jan. 2016.

BURBANK, Matthew J.; ANDRANOVICH, Gregory D.; HEYING, Charles H. *Olympic Dreams*: the impact of mega-events on local politics. London: Lynne Rienner Publishers, 2001.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GOTARDO, Ana Teresa. *Rio para gringo*: a construção de sentidos sobre o carioca e a cidade para consumo turístico. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GRUNEAU, Richard; HORNE, John (Eds.) *Mega-Events and Globalization*: Capital and spectacle in a changing world order. London: Routledge, 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. "Perdidos numa intensidade focada": esportes e estratégias de reencantamento. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura,* [S.l.], v. 15, p. 11-19, jun. 2007.

HELAL, R. Futebol: *Mitos e Verdades (que nos ajudam a entender quem somos)*, 2011. Extraído de: <https://comunicacaoeesporte.files.wordpress.com/2010/10/futebol-mitos-e-verdades.pdf> em 16 nov. 2017.

_____. *O que* é *sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELAL, R.; GORDON, C.. Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999, p.147-166.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: EDUSC, 2001.

RODRIGUES, José Carlos. O rei e o rito. *Revista Comum*, Jan/Mar 1982.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. IN: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som***.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.343-364.

Filmografia

BRAZIL WITH MICHAEL PALIN: The Road to Rio. Episódio 03. Apresentado por Michael Palin. Londres: BBC, 2012.

GAYCATION: Brazil. Temporada 01, episódio 02. Apresentado por Ellen Page e Ian Daniel. Estados Unidos: Viceland, 2016.

NO RESERVATIONS: Rio. Temporada 08, episódio 15. Apresentado por Anthony Bourdain. Estados Unidos: TLC, 2012.

WELCOME TO RIO. 03 episódios. Editor: Sunshine Jackson; Diretor: Edward Watts; Narração: Cleo Roccos. Londres: BBC, 2014.

10 | Megaeventos esportivos e agendamento: os casos de Maradona em 2014 e Ryan Lochte em 2016[1]

Roberto Falcão[2]

Introdução

Para afetarem todo o planeta, os megaeventos esportivos dependem de sua potencialização pela mídia, que realiza uma cobertura jornalística maciça e massiva. Maciça por se propor a cobrir tudo, ou o máximo possível: tudo que envolve a competição é pauta, e nada deixa de ser potencialmente pauta. A cobertura é igualmente massiva, levando-se em conta a abrangência, pois todos os públicos devem ser atingidos.

Em coberturas desta natureza, os assuntos dominantes seguem a lógica do *agendamento*, em que a imprensa exerce forte poder de influência nos temas discutidos pelo público em geral. Mas a imprensa também se pauta pela própria imprensa, criando retroalimentação, sendo ao mesmo tempo geradora do agendamento e influenciada por ele. Em *A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública* (2009), Maxwell McCombs identifica o conjunto de interações de vários veículos de comunicação entre si como "agendamento intermídia" (p. 155).

Este agendamento intermídia pôde ser verificado logo após a final da Copa do Mundo de 2014, no dia 13 de julho. O ex-jogador argentino Diego Armando Maradona considerou injusta a escolha pela Fifa do compatriota Lionel Messi como o melhor jogador da competição. No programa de TV *De zurda,* produzido pela Telesur[3], o ex-jogador argentino declarou que preferia que o premiado fosse o colombiano James Rodriguez. O assunto foi publicado pelo site do jornal argentino *Olé* e a partir daí ganhou espaço na imprensa de todo o mundo.

Outro episódio marcante ocorreu dois anos depois com os nadadores norte-americanos Ryan Lochte, Gunnar Bentz, Jack Conger e Jymmy Feigen, que inventaram uma história de roubo para encobrir uma noitada durante os Jogos Olímpicos Rio 2016 (na madrugada de 13 para 14 de agosto). Na segunda-feira, dia 15, Lochte deu entrevista ao repórter Billy Bush, da NBC, a principal rede de televisão na cobertura olímpica, e denunciou o alegado assalto pela primeira vez.

---

1 Trabalho apresentado no **GT 2 – Mídia, esporte e representação, durante o "Seminário Internacional Copa América de 2019: Esporte, Mídia, Identidades locais e globais", realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no dia 9 de abril de 2019.** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

2 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio. Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (2017). E-mail: robertofalcao.professor@gmail.com.

3 Telesur é uma emissora sediada em Caracas, com financiamento majoritário do governo da Venezuela, mas com participação de outros países latino-americanos (Uruguai, Bolívia, Nicarágua e Cuba), todos identificados como regimes de esquerda. A Argentina participava do *pool* à época da Copa do Mundo de 2014, mas em 2016 anunciou sua saída (em 2018, o Equador também deixou a Telesur). A TV Pública argentina reproduzia programas da Telesur – em maio de 2019, programas da Telesur, entre eles *De zurda*, ainda estavam disponíveis no site da TV Pública Argentina e no seu canal oficial no Youtube.

Toda a imprensa internacional destacou o episódio, que também ganhou espaço na mídia brasileira. A versão fantasiosa rodou o mundo por três dias, pois somente em 18 de agosto, o *RJTV1*, telejornal da TV Globo, trouxe a público a elucidação do caso.

Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: eventos globais e agendamento

A Copa do Mundo de futebol é um evento de dimensões globais, com a participação inicial dos 211 países[4] filiados à Federação Internacional de Futebol (Fifa), que promove a competição desde 1930. Embora apenas 32 países joguem a fase final,[5] usualmente organizada por um país anfitrião,[6] estas vagas são disputadas pelos filiados[7] nas chamadas Eliminatórias continentais,[8] que começam dois anos antes.

A competição desperta interesse em todo o planeta, atraindo a atenção inclusive daqueles que não se ligam de maneira alguma ao esporte, particularmente ao futebol. A Copa do Mundo de 2018, promovida pela Rússia, teve audiência total de 3,5 bilhões de espectadores em 210 países, incluindo 3,2 bilhões que viram de forma tradicional, pela TV, somados a 300 milhões que assistiram por canais digitais, considerando todos os 64 jogos.[9]

Somente a decisão (França 4 x 2 Croácia), em 15 de julho de 2018, teve audiência de 1,1 bilhão de pessoas, levemente superior à partida final da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, com Alemanha 1 x 0 Argentina, em 13 de julho de 2014, registrando 1,01 bilhão de espectadores. A Copa do Mundo de 2014 teve transmissão para 207 países e uma audiência televisiva total de 3,2 bilhões de espectadores, em seus 64 jogos.

Em 2018, foram emitidos 3.031.768 ingressos na Copa da Rússia, com uma ocupação de 98,2% dos assentos disponíveis e média de 47.371 espectadores por jogo (total de 64 partidas em 12 estádios de 11 cidades). Os números foram levemente inferiores aos obtidos quatro anos antes nos 12 estádios brasileiros em 12 cidades: na Copa de 2014, foram 3.429.873 espectadores, com média de 53.593 pessoas por partida.[10] No Brasil, as 12 *fan fests*, áreas de celebração em cada cidade-sede onde eram transmitidos os jogos em telões, registraram público de 5,2 milhões. Na Rússia, o comparecimento foi bem mais significativo: 7,7 milhões de fãs.

---

4 Estes 211 integrantes da Fifa superam em cinco os 206 países que formam o Comitê Olímpico Internacional e em 22 os 193 que participam da Organização das Nações Unidas.

5 A disputa com 32 seleções iniciou-se na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos. Em 10 de janeiro de 2017, a Fifa anunciou oficialmente a disputa da Copa de 2026, por 48 seleções.

6 Exceção à edição de 2002, organizada conjuntamente por Japão e Coreia do Sul. Em 2026, a organização será novamente dividida, desta vez por três países: México, Estados Unidos e Canadá, escolhidos como sedes em 13 de junho de 2018.

7 A exceção é o país-anfitrião, que em 2018 foi a Rússia. Das Eliminatórias para a edição de 2018 também não participou o Zimbábue, em função de punição imposta pela Fifa em 12 de março de 2015.

8 São feitos acertos por necessidade política ou para melhor equilíbrio da disputa nas Eliminatórias. Nas Eliminatórias para a Copa do Mundo da Fifa Rússia 2018, Israel disputou na Europa (necessidade política) e Austrália, na Ásia (para aumentar a chance de participação de outro país da Oceania).

9 Os números de audiência referem-se à permanência de pelo menos um minuto do telespectador.

10 Números somente superados pela Copa do Mundo dos Estados Unidos, em 1994, com público total de 3.587.538 e média de 68.991 por partida.

Também os Jogos Olímpicos carregam estatísticas planetárias: na mais recente edição, disputada em 2016 no Rio de Janeiro, todos os 206 países filiados ao Comitê Olímpico Internacional participaram, totalizando mais de 11 mil atletas[11]. De acordo com a organização, foram geradas mais de 350 mil horas de programação ao vivo em vídeo[12] e mais da metade da população mundial assistiu a algo dos Jogos – no Brasil, a relação de audiência é de nove para cada dez pessoas. As redes sociais oficiais contabilizaram mais de 7 bilhões de visualizações de vídeos. A norte-americana NBC, a emissora líder na cobertura olímpica, totalizou 3,4 bilhões de minutos demandados em suas plataformas de *streaming*.

É justamente este enorme impacto na mídia uma característica essencial dos megaeventos na atualidade destacada por Ricardo Freitas, Flávio Lins e Maria Helena Carmo, que também identificam como típico sua extensão no tempo por um longo período que vai muito além daquele da efetiva competição. Por exemplo, para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2024 o processo começou em setembro de 2015, com a apresentação das cidades postulantes: Paris, Budapeste, Roma, Hamburgo e Los Angeles.[13] A escolha se deu apenas 13 de setembro de 2017[14], com a vitória de Paris, e todo este processo teve farta cobertura midiática, com as cidades se apresentando para o mundo, usando a mídia como veículo para a mensagem de aperfeiçoamento do espaço urbano a partir do megaevento.

> O *city branding* torna-se a ferramenta para as cidades disputarem a atenção de turistas, investidores, artistas e eventos. Além disso, a cidade precisa candidatar-se e apresentar um projeto detalhado da estrutura que pretende oferecer, bem como dos impactos positivos que serão gerados a curto e longo prazos (FREITAS; LINS; CARMO, 2016, p. 21).

O mesmo se passa com a Copa do Mundo, sendo que os anfitriões são países e não cidades. Em 13 de junho de 2018 foram escolhidos Estados Unidos, Canadá e México como anfitriões da edição de 2026 da Copa do Mundo, um evento global, que reúne desde suas eliminatórias quase todos os países de cinco continentes, mas que depende de potencialização pela mídia para ser percebida globalmente. Para o mundo poder acompanhar a última edição, de 2018, na Rússia, pela TV, pelo rádio, por jornal e por website, 17.572 profissionais de imprensa de todo o mundo receberam credencial na Copa do Mundo de 2018 – quatro anos antes, no Brasil, foram 16.749. Nos Jogos Rio 2016, mais de 25 mil jornalistas se credenciaram para cobrir o evento, sendo que só a NBC trabalhou com uma equipe de mais de 2 mil pessoas alocadas no Rio de Janeiro.

A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos estão entre os principais assuntos mundiais, notadamente durante o período de sua realização, sendo por isso um dos principais temas pautados pela mídia e que geram o interesse do público[15]. Pela hipótese de *agenda setting*, formulada nos anos 1960 e 1970 pelos professores

---

11 Pela primeira vez, competiram esportistas refugiados (10 atletas), reunidos como "Refugee Olympic Team".

12 Transmissão de 113.455 horas por TV e 243.469 horas por canais digitais.

13 Roma, Budapeste e Hamburgo retiraram posteriormente suas candidaturas.

14 Escolha durante 131ª sessão do Comitê Olímpico Internacional, em Lima, Peru. Na ocasião, Los Angeles também foi escolhida como sede dos Jogos de 2028.

15 Para esta pesquisa, interessa particularmente o agendamento do debate público a partir dos assuntos eleitos pela mídia, mas é importante ressaltar que McCombs e outros autores observam que também se dá o contrário, e com igual importância: o agendamento da mídia a partir do debate público.

Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw[16] e mais bem desenvolvida posteriormente por McCombs em *A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública*, a questão central é o agendamento, pela mídia, de determinados assuntos.

> Os públicos usam estas saliências[17] da mídia para organizar suas próprias agendas e decidirem quais assuntos são os mais importantes. Ao longo do tempo, os tópicos enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados os mais importantes pelo público. A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público. Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública[18] (McCOMBS, 2009, p. 18).

Segundo McCombs, a própria mídia se retroalimenta, gerando um efeito circular. A este conjunto de interações e influências de vários veículos de comunicação entre si o autor trata como um "fenômeno agora usualmente referido como agendamento intermídia" (2009, p. 155), conferindo uma maior importância para as organizações que ele classifica como "mídia noticiosa de elite".

> O papel da mídia noticiosa de elite ao iniciar a ampla cobertura de novos tópicos e a influência de jornalistas-chave em enquadrar as notícias são exemplos dramáticos de agendamento intermídia. Mas versões prosaicas ocorrem todos os dias à medida que organizações noticiosas constroem suas agendas diárias a partir de um volume de notícias que lhe é enviado pelas agências (McCOMBS, 2009, p. 177).

McCombs afirma que os jornalistas validam suas seleções de notícias com base no trabalho de seus colegas, revelando a preocupação de não deixar de noticiar os fatos publicados pela concorrência, principalmente a mídia noticiosa que ele classifica como "de elite".

> Os jornais locais e as estações de televisão observam todos os dias as agendas noticiosas de seus competidores diretos que disputam a atenção local. Veículos locais também observam as agendas propostas por organizações de *status* superior.[19] Nos Estados Unidos são os casos de principais jornais regionais, a Associated Press, as redes nacionais de televisão, e os jornais de elite de Nova York e Washington. Naturalmente, estes meios de comunicação de maior *status* também se observam (McCOMBS, 2009, p. 179).

O foco da retroalimentação midiática normalmente é uma organização noticiosa de referência, mas não somente os veículos locais reproduzem suas notícias, como também parte significativa da "mídia de elite", conforme se poderá verificar na análise de casos do ex-jogador de futebol argentino Diego Maradona, em 2014, e dos nadadores americanos liderados por Ryan Lochte, em 2016.

---

16 McCombs e Shaw publicaram, em 1972, na revista *Public Opinion Quarterly*, o artigo *The Agenda-Setting Function of Mass Media*, que consolidava e comunicava os resultados de suas primeiras pesquisas sobre agendamento.

17 A palavra "saliência" aqui deve ser entendida como sinônimo para relevância.

18 Embora para McCombs o agendamento do público pela mídia seja mais importante, ele também observa a possibilidade do que chama de "agendamento reverso, uma situação na qual a preocupação da opinião pública estabelece a agenda da mídia" (McCOMBS, 2009, p. 35).

19 O autor do artigo não concorda com a denominação de organizações jornalísticas como de "*status* superior", o que implica classificar, por oposição, outras como de "*status* inferior". Na perspectiva de MacCombs, por organizações de *status* superior devemos entender organizações de mais prestígio e principalmente maior abrangência, também designadas como "veículos de imprensa de referência".

O caso Maradona

Caso exemplar de agendamento intermídia, ou retroalimentação da mídia pela mídia, aconteceu logo após a final da Copa do Mundo de 2014, quando Diego Armando Maradona criticou a escolha do compatriota Lionel Messi como o melhor jogador da competição. No programa de TV *De zurda,*[20] produzido e veiculado pela Telesur, o ex-jogador argentino comenta com o apresentador Víctor Hugo Morales a respeito do prêmio conferido pela Fifa a Messi, em sua opinião injustamente.

> A Lio[21] eu daria o céu, mas, quando não é justo e quando querem os marqueteiros fazê-lo ganhar algo que não ganhou, é injusto. Porque hoje mesmo Müller na partida da Argentina fez um sacrifício enorme. Não? (...) James Rodríguez[22] é o melhor jogador do Mundial (MARADONA, Programa *De Zurda*, Telesur, Venezuela, veiculado originalmente em 13.07.2014, tradução livre nossa[23]).

O assunto ganhou destaque mundial, e o exame de sua publicação em diferentes sites noticiosos, inclusive o da Agência Reuters, permite reconstruir sua trajetória. Como fonte qualificada,[24] Maradona é alvo de atenção constante da mídia, principalmente a de seu país, a Argentina. Por isso, foi o site do jornal portenho *Olé*, especializado em esporte, que registrou ainda em 13 de julho o comentário, mas não como principal tema da notícia intitulada "Bien plantada la bandera". A matéria destaca a percepção de que a Argentina, mesmo perdendo por 1 a 0 para a Alemanha, tinha jogado bem (daí a menção à bandeira nacional). _

A questão do prêmio de Messi estava no subtítulo, mas ainda assim como segundo assunto, após destaque de mais um comentário de Maradona, de que os "11 jogadores argentinos deixaram a vida em campo".[25] No corpo da matéria, somente no terceiro e último parágrafo encontramos o comentário a respeito de Messi:

> Maradona também dedicou um parágrafo à escolha de Messi como o melhor do Mundial, decisão que não compartilhou. 'A Lio eu daria o céu, mas, quando os marqueteiros querem fazê-lo ganhar algo que não ganhou, é injusto. Vi como ele não queria ir recebê-lo'. E opinou que o

---

20 "De canhota" é a tradução imediata para o nome do programa, uma vez que é uma expressão comum ao futebol e também é uma referência a Maradona, considerado o melhor jogador canhoto de todos os tempos (aqui vale a observação de que Pelé é considerado ambidestro). Mas o nome "De Zurda" admite uma segunda interpretação, uma referência a posições políticas à esquerda.

21 Maradona refere-se a Messi como Lio, apelido normalmente conferido nos países de língua espanhola aos que se chamam Lionel.

22 Jogador da Colômbia.

23 Transcrição do comentário: "A Lio le regalaría el cielo, pero cuando no es justo y cuando quieren los marketineros hacerle ganar algo que no ganó, es injusto. Porque hoy mismo Müller en el partido de Argentina hice un sacrificio increíble. ¿No? (...) James Rodríguez es el mejor jugador del Mundial." Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Vm0nw2raag>. Acesso em: 13 mai. 2019.

24 Qualificação aqui não deve ser entendida como juízo de valor, mas sim uma qualidade atribuída em função da importância da fonte.

25 Subtítulo no original: Maradona quedó conforme con la imagen de la Selección y elogió a "11 jugadores que dejaron la vida". Además, opinó que Messi no merecía el premio al mejor: "Los marketineros quieren hacerle ganar algo que no ganó y es injusto". Em tradução livre nossa: Maradona demonstrou satisfação com a imagem da seleção e elogiou os "11 jogadores que deram a vida". E opinou que Messi não merecia o prêmio de melhor jogador: "Os marqueteiros querem fazê-lo ganhar algo que não ganhou e é injusto".

> melhor foi James Rodríguez" (OLE.COM.AR, Bien plantada la bandera, publicado em 13 julho de 2014, tradução livre nossa[26]).

No dia seguinte, o assunto foi fartamente publicado, já que Maradona e Messi estão entre os melhores jogadores de futebol de todos os tempos e são os dois maiores ídolos vivos do esporte na Argentina. O portal da agência de notícias Reuters (que tem escala global) trouxe como título da matéria: "Messi não mereceu a Bola de Ouro, diz Maradona"[27]. O jornal *Bild*, da Alemanha campeã, trouxe em seu site matéria intitulada "Até Maradona tem outra escolha",[28] e no texto destaca o segundo lugar obtido pelo alemão Thomas Müller na votação para melhor jogador da Copa.

Outras publicações a respeito, no dia 14 de julho de 2017, em portais de notícias:

EL ESPECTADOR (Colômbia): "Messi não merecia a Bola de Ouro, o melhor jogador foi James Rodríguez: Maradona".[29]

UOL (Brasil): Maradona diz que Messi não mereceu prêmio de melhor da Copa do mundo

VEJA.COM (Brasil): Maradona critica prêmio de melhor da Copa dado a Messi

EXTRA (Brasil): Maradona critica prêmio de melhor da Copa do Mundo entregue a Messi: "Injusto"

SAPO (Portugal): "Atribuição da Bola de Ouro a Messi é injusta"

THE GUARDIAN (Inglaterra[30]): Diego Maradona: Lionel Messi ganhar a Bola de Ouro é um 'plano de marketing'[31]

FOUR FOUR TWO MAGAZINE (Inglaterra[32]): Maradona critica Bola de Ouro recebida por Messi[33]

METRO (Porto Rico): Maradona assegura que Messi não merecia a Bola de Ouro[34]

---

26 Os veículos de imprensa usualmente editam as falas para adequar ao espaço. Daí a fala de Maradona não corresponder à literalidade de seu comentário na TV. No original: Maradona también le dedico um parráfo a la designación de Messi como el mejor del Mundial, decisión que no compartió. "A Lio lo regalaria el cielo, pero cuando los marketineros quieren hacerle ganhar algo que no ganó, es injusto. Lo vi como que no quería ir a agarrarlo." Y opinó que el mejor fue James Rodríguez.

27 Tradução livre nossa. No original: "Messi did not deserve Golden Ball, says Maradona".

28 Tradução livre nossa. No original: "Sogar Maradona motzt über Messis Wahl".

29 Tradução livre nossa. No original: "Messi não merecia el Balón de Oro, el mejor jugador fue James Rodríguez: Maradona".

30 Aqui a referência ao país acompanha a filiação à Fifa, em que Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales se apresentam separadamente.

31 Tradução livre nossa. No original: Diego Maradona: Lionel Messi winning Golden Ball is a 'marketing plan'.

32 Revista com edição em mais de um país, mas aqui respeitado o local de sua sede.

33 Tradução livre nossa. No original: Maradona critical of Messi Golden Ball award.

34 Tradução livre nossa. No original: Maradona asegura que Messi no merecía el Balón de Oro.

O caso Ryan Lotche

Outro caso digno de destaque se deu durante os Jogos Olímpicos Rio 2016 e foi protagonizado pelos nadadores norte-americanos Ryan Lochte, Gunnar Bentz, Jack Conger e Jymmy Feigen,[35]. Os atletas inventaram uma história de roubo para encobrir uma noitada na cidade, na madrugada de 13 para 14 de agosto, passagem de sábado para domingo, quando foram à Casa França, espaço de hospitalidade e relacionamento do Comitê Olímpico da França na Sociedade Hípica Brasileira, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Os nadadores só saíram pouco antes das 6h e chegaram à Vila Olímpica, na Barra da Tijuca, já de manhã, às 6h56min. Liderados por Ryan Lochte, os atletas inventaram uma história de roubo à mão armada para justificarem a noite fora da Vila dos Atletas.

Ainda no domingo, dia 14, Lochte e seus companheiros Gunnar Bentz, Jack Conger e Jymmy Feigen começaram a espalhar na Vila Olímpica a notícia de que tinham sido assaltados. Na segunda-feira, dia 15, Lochte deu sua primeira entrevista à imprensa denunciando o alegado roubo, ao repórter Billy Bush, da NBC, dos Estados Unidos, e na sequência a imprensa internacional e a brasileira deram espaço à história.

Em 16 de agosto, terça-feira, o tabloide inglês *Daily Mail* publicou em seu site, e pela primeira vez na mídia, o vídeo da câmera de segurança do *check point* de entrada da Vila Olímpica, registrando a chegada dos nadadores já na manhã do dia 14. A matéria tinha um apelativo título: "EXCLUSIVO: Abalado, Ryan Lochte em novas tomadas de câmeras de segurança no momento em que ele chega ao ponto de checagem de segurança da Vila dos Atletas após sofrer roubo à mão armada por falsos policiais".[36]

Sem que o jornal indicasse em seu texto, o vídeo mostrava uma evidência de que a história dos nadadores poderia ser uma farsa: o fato de eles chegarem à Vila dos Atletas com objetos pessoais, entre eles telefones celulares, mesmo após sofrerem um suposto roubo e à mão armada. No corpo da matéria, já na sua metade final, uma frase trata do assunto, sem o cuidado merecido. "Fontes informam que os bandidos devem ter chegado à conclusão de que os telefones estavam bloqueados e que os nadadores, atordoados, não saberiam qual o número do telefone de emergência no Brasil".[37] A falta de identificação das fontes, nem que seja pela sua área da atuação (policiais, integrantes da organização etc.), deixa aberta a interpretação de que não merecem credibilidade.

Dois dias depois, em 18 de agosto, o *RJTV 1ª Edição*, da TV Globo, mostra a elucidação do caso, dedicando ao assunto 23 minutos e 11 segundos. A partir de informações iniciais levantadas pelo produtor Tyndaro Meneses com a Polícia Civil,

---

35 Os quatro nadadores ganharam medalhas de ouro nos Jogos Rio 2016, sendo que Lochte é o de carreira esportiva mais significativa entre todos, e também tido pela mídia como dono de um comportamento extravagante.

36 Tradução livre nossa. No original: "EXCLUSIVE: Shaken Ryan Lochte seen in new security footage as he reached safety of athletes' village after gunpoint robbery by fake cops".

37 Tradução livre nossa. No original: "Sources say the gang may have assumed the phones would be locked and that the dazed swimmers wouldn't know the Brazilian equivalent of 911". Importante saber que 911 é o número de emergência para todo o território dos Estados Unidos.

outros produtores e repórteres produziram uma cobertura extensa e completa, com a exibição de um vídeo tomado por câmeras de segurança do posto de abastecimento em que os nadadores promovem uma arruaça em vez de serem assaltados.

No mesmo dia, o *Jornal Nacional*, também da TV Globo, apresenta material de quase 7 minutos em que o repórter André Luiz Azevedo entrevista uma testemunha que serviu de intérprete entre os nadadores e os seguranças do posto. Ela confirma que os atletas não sofreram agressão, muito menos roubo.

Considerações finais

Megaeventos esportivos, cujos mais destacados exemplos são a Copa do Mundo de futebol e os Jogos Olímpicos, trabalham com a lógica de atenção máxima, gerando um interesse global, com audiências superlativas: a Copa do Mundo de futebol de 2018, na Rússia, teve 3,5 bilhões de espectadores em TV tradicional e plataformas digitais, cerca de 10% a mais do que os 3,2 bilhões registrados na edição realizada quatro anos antes, no Brasil. Os Jogos Olímpicos Rio 2016 foram vistos em algum momento por mais da metade da população mundial (e por nove entre 10 brasileiros).

Com tamanha audiência, estes megaeventos ganham uma enorme cobertura midiática em TV, rádio, jornais, revistas e plataformas digitais. Na Copa do Mundo de futebol de 2014, foram credenciados 16,7 mil profissionais de imprensa e o número cresceu para 17,5 mil na edição de 2018. Nos Jogos Rio 2016, o total foi de 25 mil. Em coberturas desta natureza, é intenso o agendamento intermídia, uma prática já comum no dia-a-dia, em que a imprensa se pauta pela própria imprensa.

Dois casos em eventos promovidos recentemente no Brasil podem ser elencados para demonstrar este agendamento intermídia: a declaração do argentino Diego Armando Maradona, logo após a final da Copa do Mundo de 2014, de que seu compatriota Leonel Messi não foi merecedor do prêmio conferido pela Fifa de melhor jogador da competição, e a denúncia de um falso roubo feita pelos nadadores norte-americanos para encobrir uma noitada fora da Vila Olímpica, durante os Jogos Rio 2016.

Os dois episódios e a verificação de seu alcance e repercussão após sua primeira publicação, em ambos os casos originalmente apenas por um veículo de imprensa, demonstra como a imprensa lê, ouve e vê sua concorrência atentamente. A reprodução em série de uma notícia pela mídia em geral, a partir de um primeiro veículo de imprensa que a originou, é que vai gerar, portanto, o fluxo do agendamento intermídia.

Referências bibliográficas

ASHFORD, Ben; STYLES, Ruth. *EXCLUSIVE: Shaken Ryan Lochte seen in new security footage as he reached safety of athletes' village after gunpoint robbery by fake cops*. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3743679/Ryan-Lochte-seen-rushing-Olympic-village-new-security-footage-just-robbed-gunpoint-5am-nightclub-party.html>. Acesso em: 27 mai. 2019.

BRITANNICA. *Maxwell McCombs*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Maxwell-McCombs>. Acesso em: 14 mai. 2019.

BOSTON GLOBE. *Olympic press center is a journalist's home away from home*. Disponível em: <https://www.bostonglobe.com/sports/olympics2016/2016/08/20/olympic-press-center-journalist-home-away-from-home/eERZKApl09O8nH4VQfn9WK/story.html>. Acesso em: 25 mai. 2019.

COI. *Election procedure*. Disponível em: <https://www.olympic.org/paris-2024/?section=ajax-area-e3e9a0fa11c14d3fba83127e343e9546&id=box-f16b8ff0480d4db18316c7a4b6540920>. Acesso em: 27 mai. 2019.

___. *Global broadcast and audience report*. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/doc/SYRACUSE/166292/global-broadcast-and-audience-report-olympic-games-rio-2016-international-olympic-committee?_lg=en-GB>. Acesso em: 27 mai. 2019.

___. *How do we know that rio 2016 was a success*. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/how-do-we-know-that-rio-2016-was-a-success>. Acesso em: 27 mai. 2019.

___. *National Olympic Committees*. Disponível em: <https://www.olympic.org/national-olympic-committees >. Acesso em: 14 mai. 2019.

EL ESPECTADOR. *Messi não merecia el Balón de Oro, el mejor jugador fue James Rodríguez: Maradona*. Disponível em: <http://www.elespectador.com/deportes/futbolinternacional/messi-no-merecia-el-balon-de-oro-el-mejor-jugador-fue-j-articulo-504191>. Acesso em: 27 mai. 2019.

EXTRA. *Maradona critica prêmio de melhor da Copa do Mundo entregue a Messi: 'Injusto'*. Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/copa-2014/maradona-critica-premio-de-melhor-da-copa-do-mundo-entregue-messi-injusto-13248397.html>. Acesso em: 27 mai. 2019

FIFA. *2018 FIFA World Cup Russia: Global broadcast and audience summary*. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/2018-fifa-world-cup-russia-global-broadcast-and-audience-executive-summary.pdf?cloudid=njqsntrvdvqv8ho1dag5>. Acesso em: 14 mai. 2019.

___. *Activity report 2018*. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-activity-report-2018.pdf?cloudid=yjibhdqzfwwz5onqszo0>. Acesso em: 14 mai. 2019.

____. *Canada, Mexico and USA selected as hosts of the 2026 FIFA World Cup.* Disponível em: <https://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/news/canada-

mexico-and-usa-selected-as-hosts-of-the-2026-fifa-world-cuptm> . Acesso em: 27 mai. 2019

____. *The 2018 Fifa Word Cup in numbers*. Disponível em: <https://img.fifa.com/image/upload/veij99mubas9idvf47rl.pdf >. Acesso em: 14mai. 2019

____. *Unanimous decision expands FIFA World Cup to 48 teams from 2026.* Disponível em: <https://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/news/fifa-council-unanimously-decides-on-expansion-of-the-fifa-world-cuptm--2863100 >. Acesso em: 14 mai. 2019.

____. *Zimbabwe expelled from the preliminary competition of the 2018 FIFA World Cup Russia*. Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/news/zimbabwe-expelled-from-the-preliminary-competition-of-the-2018-fifa-wo-2557911>. Acesso em: 14 mai. 2019.

FOUR FOUR TWO. *Maradona critical of Messi Golden Ball award*. Disponível em: <http://www.fourfourtwo.com/news/maradona-critical-messi-golden-ball-award>. Acesso em: 27 mai. 2019.

FREITAS, Ricardo; LINS, Flávio; CARMO, Maria Helena. Megaevento: uma lógica de transformação social. In: ___ (org.). Megaeventos, Comunicação e Cidade. Curitiba: CVR, 2016.

KNIGHT CENTER. *Governo do Equador não está financiando Telesur, canal internacional venezuelano de notícias.* Disponível em: <https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-19407-governo-do-equador-nao-esta-financiando-telesur-canal-internacional-venezuelano-de-not>. Acesso em 27 de mai. 2019.

McCOMBS, Maxwell. *A teoria da agenda:* a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

NBC. *Olympian Ryan Lochte Recounts Being Robbed at Gunpoint In Rio*. Disponível em: < https://www.nbcnews.com/video/olympian-ryan-lochte-recounts-being-robbed-at-gunpoint-in-rio-744130115726 >. Acesso em 14 mai. 2019.

OLÉ. *Bien plantada la bandera*. Disponível em: <http://www.ole.com.ar/mundial/argentina/Bien-plantada-bandera_0_1174082945.html>. Acesso em: 27 mai. 2019.

RODRÍGUEZ, Harry. *Maradona asegura que Messi no merecía el Balón de Oro*. Disponível em: <https://www.metro.pr/pr/deportes/2014/07/14/maradona-asegura-que-messi-no-merecia-balon-oro.html>. Acesso em: 27 mai. 2019.

SAPO. *"Atribuição da Bola de Ouro a Messi é injusta"*. Disponível em: <http://desporto.sapo.pt/futebol/mundial/brasil_2014/artigo/2014/07/14/atribui-o-da-bola-de-ouro-a-messi-injusta>. Acesso em: 27 mai. 2019

THE GUARDIAN. *Diego Maradona: Lionel Messi winning Golden Ball is a 'marketing plan'*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2014/jul/14/diego-maradona-lionel-messi-golden-ball>. Acesso em: 27 mai. 2019.

TV GLOBO. *Nadadores americanos são vaiados ao deixarem delegacia no Rio.* Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5246004/>. Acesso em: 27 mai. 2019.

____. *Polícia diz que houve 'confusão' e não assalto envolvendo nadadores.* Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5244347/programa/>. Acesso em: 14 mai. 2019.

____. *Veja imagens da confusão com nadadores americanos em posto de gasolina da Barra da Tijuca.* Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5244385/programa/>. Acesso em: 14 mai. 2019.

TELESUR. História. Disponível em <http://www.telesurtv.net/pages/sobrenosotros.html>. Acesso em: 19 nov. 2016.

TVTECHNOLOGY.COM. NBC 2016 *Rio Olympics Coverage By The Numbers.* Disponível em: < https://www.tvtechnology.com/news/nbc-2016-rio-olympics-coverage-by-the-numbers >. Acesso em: 27 mai. 2019.

UNITED NATIONS. *Overview*. Disponível em: <https://www.un.org/en/sections/about-un/overview/index.html>. Acesso em: 14 mai. 2019.

UOL. *Maradona diz que Messi não mereceu prêmio de melhor da Copa do Mundo.* Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/14/maradona-diz-que-messi-nao-mereceu-premio-de-melhor-da-copa-do-mundo.htm>. Acesso em: 27 mai. 2019.

VEJA. *Maradona critica prêmio de melhor da Copa dado a Messi.* Disponível em: <http://veja.abril.com.br/esporte/maradona-critica-premio-de-melhor-da-copa-dado-a-messi/>. Acesso em: 27 mai. 2019.

11 | Futebol e Social TV: apontamentos sobre práticas de conversação em rede que envolvem transmissões televisivas futebolísticas

Antonio Bastos[1]
Gabriela Borges[2]

Introdução

No contexto sociocultural brasileiro, dois elementos possuem grande destaque na formação de comunidades e hábitos relacionais: o futebol e a televisão. A articulação histórica desses elementos contribuiu profundamente para as suas respectivas popularizações.

Uma análise do cenário atual dessa relação nos mostra muito dos hábitos culturais ligados ao consumo midiático. Esses hábitos, permeados pelo advento de novas ferramentas e avanços tecnológicos, (re)constroem estratégias das emissoras de televisão na proposição de formas de participação do público em transmissões esportivas ao vivo, além das maneiras pelas quais o público se apropria dessas estratégias.

É nesse espaço que práticas como a Social TV têm se consolidado. Emissoras de TV fechada têm proposto já há algum tempo o uso de redes sociais na internet para promover a participação do público em paralelo à sua programação, sobretudo as que produzem conteúdo esportivo. Segundo dados da ESPN Brasil, o grupo de interesses dentro da TV por assinatura que mais acessa outras mídias, além da televisiva, para buscar informações e comentar os programas é o público interessado em esportes (SILVA, 2014). No caso do Brasil, as principais emissoras que trabalham exclusivamente com conteúdo esportivo são: SporTV, ESPN, Fox Sports e Esporte Interativo, que atualmente transmite seu conteúdo na TV fechada por intermédio dos canais Space e TNT (pertencentes ao mesmo grupo) e pela plataforma de transmissão do Facebook.

Em seus programas e transmissões esportivas ao vivo, essas emissoras constantemente propõem o uso de *hashtags* nas redes sociais para convidar os espectadores a darem as suas opiniões e fazerem comentários sobre o próprio conteúdo exibido de forma síncrona à programação. Em trabalhos anteriores, analisamos as participações via Twitter e as inserções das mesmas no programa Bate-Bola, da ESPN Brasil. Para isso, propusemos uma metodologia de análise que integrava os dados construídos no monitoramento do programa de TV com as interações mapeadas via Twitter, verificando que esses polos de conteúdo formavam dois fluxos que por vezes convergiam e por outras divergiam.

1 Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: bastosantonio33@gmail.com.

2 Mestre e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, com estágios nas Universidades Autônoma de Barcelona, Dublin Trinity College e Algarve. Pós-doutora pela Universidade do Algarve em Portugal. Professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: gabriela.borges@ufjf.edu.br.

Consideramos que a observação sistemática desse cenário (no qual estratégias de conversação em rede são reconfiguradas frequentemente) é bastante importante para reconhecer os caminhos que estão sendo trilhados pela TV e pelo futebol. O presente artigo se propõe então a desenvolver um panorama teórico inicial sobre o assunto, debatendo a importância dos dois elementos na nossa cultura e dando conta das reconfigurações pelas quais ambos passaram. Este é um movimento contextualizado em meio a esforços mais gerais de investigação desse cenário, embasado nos trabalhos já realizados e norteador dos que ainda serão executados.

Futebol e televisão

Como destacado, reconhecer e compreender a articulação entre os dois se mostrou um exercício necessário e que, ao ser desenvolvido, indicou o quanto ambos estão integrados.

Ao falar de televisão, é inevitável que se recorra a Wolton (1990) e à sua noção de laço social. Para o autor, a partir da exibição de seus conteúdos, a TV agrupa entre os seus espectadores pessoas com diferentes repertórios, condições socioeconômicas, visões de mundo, etc., que possivelmente não teriam qualquer outra ligação que não o interesse por determinados produtos midiáticos.

Contextualizando-a nos dias atuais, Silva (2014) considera que foram várias as mudanças desde a sua implementação no Brasil, incluindo o recente processo de digitalização da TV aberta. A autora ainda considera que "a persistência dessa prática social e cultural é relevante com o surgimento de técnicas ou evolução tecnológica, tendo em vista que estas podem intensificar o caráter social da TV" (SILVA, 2014, p. 47), situando o referido processo de reconfiguração desse cenário como algo propício para a expansão de seu laço social.

Em paralelo, também tendo passado por processos de reconfiguração, o futebol segue sendo observado por diversos autores como elemento que suscita práticas de socialização. A criação de laços sociais, de maneira semelhante aos da televisão, é observada por Moragas (2012) ao considerar a existência de "gratificações" a serem obtidas por meio do esporte.

> Entre os motivos mais importantes podemos destacar a satisfação das necessidades afetivas e emocionais (prazeres, sentimentos), das necessidades pessoais de integração (autoestima, autoprojeção), das necessidades de participação na vida coletiva (discussões, análises dos acontecimentos, festas) ou da necessidade de liberar tensões (relaxar, se entreter, superar o tédio, etc.) (MORAGAS, 2012, p. 35-36, tradução nossa).[3]

Desde a sua prática, que por regra conta com um grupo relativamente alto de pessoas, até a apropriação de valores e o estabelecimento de vínculos e identidades, se pensarmos nas torcidas numerosas que seguem os clubes, podemos considerar

3 Citação original: "Entre los motivos más importantes podemos destacar la satisfacción de las necesidades afectivas y emocionales (placeres, sentimientos), las necesidades personales de integración (autoestima, autoprojección), las necesidades de participación en la vida colectiva (discusiones, análisis de los acontecimientos, fiesta compartida) o la necesidad de liberar tensiones (evadirse, entretenerse, superar el aburrimiento, etc.)".

que a vivência do futebol é fundamentalmente coletiva, com uma profunda dimensão relacional. Dessa forma, as gratificações obtidas por meio do esporte levam ao que Moragas (2012) chama de uma relação de "identificación-comunidad", processo que se estabelece entre o sujeito e o seu meio social.

Com tamanha popularidade, esses dois elementos são também espaços de grande investimento no qual se consolidaram instituições que monopolizam (pelo menos no contexto brasileiro) a prática profissional do esporte e sua transmissão em larga escala, articulando-se em parceiras economicamente profícuas como as observadas entre as federações e algumas emissoras.

Esse investimento, especialmente no que concerne à produção de conteúdos televisivos, se tornou uma das principais fontes de renda dos mais destacados clubes da América Latina. No caso da Série A do Campeonato Brasileiro, por exemplo, as cotas de transmissão chegaram a alcançar o valor de R$179,6 milhões para Flamengo e Corinthians[4], os dois clubes mais populares do país e que possuem mais partidas transmitidas em escala nacional.

Essa articulação preenche também grande parte da grade televisiva geral. Telles (2013) aponta que quase mil partidas da primeira e segunda divisão do Campeonato Brasileiro são transmitidas pela televisão por ano, distribuídas pelas emissoras de circuito aberto, por assinatura e pelo *pay-per-view*. Ainda segundo o autor, somando-se a isso as competições internacionais que envolvem clubes e seleções, o número total de horas dedicadas ao futebol na televisão brasileira ultrapassa os dez mil por ano.

Para Guedes (2009, p. 454), a relevância do futebol no Brasil é tamanha que, se pensarmos no esporte como elemento fundante de uma identidade nacional, podemos considerar que ele "transformou-se, ao cabo de pouco mais do que um século, no principal veículo de produção da brasilidade". E essa "brasilidade" está diretamente relacionada ao espaço que o esporte possui no cenário midiático, entendendo que esse processo é também fundamental para a formação da identidade cultural no país.

Em trabalho que apresenta um histórico do futebol como objeto de estudo da Comunicação no Brasil, Helal (2011) se refere ao início dessa trajetória acadêmica, composta por produções que abordavam o esporte como "ópio do povo", reforçando uma perspectiva apocalíptica que perdurou durante certo tempo (perspectiva que, vale lembrar, também perdurou por muito tempo ao se pensar a televisão). Ao falar dos primeiros trabalhos que relativizaram essa condição, o autor cita a importante contribuição de Arno Vogel em sua obra "O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional", em que dois momentos futebolísticos vividos pela Seleção Brasileira foram considerados fundamentais para a construção da identidade nacional: a traumática derrota para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950, no Maracanã; e o festejado título da Copa do Mundo de 1970, no México.

Em sentido semelhante, mas se referindo ao contexto midiático latino-americano, Martín-Barbero e Rey (2001) reforçam o papel ativo das mídias na construção de representações sociais. Partindo de uma discussão sobre modernidade

4 Disponível em: http://chuteirafc.cartacapital.com.br/como-fica-distribuicao-do-dinheiro-no-futebol-brasileiro-2019/. Acesso: 21/04/2020.

na região, ao tratar do contexto da primeira metade do século XX, os autores consideram que "as mídias de massa foram decisivas para a formação e difusão da identidade e do sentimento nacionais" (MARTÍN-BARBERO; REY, 2001, p. 42).

Mesmo se referindo a primeira metade do século XX, portanto ainda sem o advento da televisão na região, podemos considerar que, tal qual o futebol, a TV e os outros meios de comunicação de massa, ao se difundirem e alcançarem grande parcela da população, acabaram por contribuir para a construção de processos de identificação. É possível, por exemplo, se aproximar e projetar perspectivas inspiradas em personagens da televisão e do futebol, criar aspirações de vida que resultam em desejos populares e manifestar esse processo de cunho identitário de diversas formas.

Telles (2013) ainda destaca que a televisão influencia diretamente o esporte, mudando regras e horários das partidas e dando visibilidade aos clubes, o que abre espaço para que patrocinadores também invistam nas equipes. Isso quer dizer que, além de investir diretamente nos clubes comprando os direitos de transmissão, a TV, ao dar visibilidade semanal para várias equipes, também dá condições para que os patrocinadores e outras marcas invistam cifras consideráveis para estamparem os uniformes, as placas de publicidade ao redor do gramado, os nomes dos estádios, etc. Direta ou indiretamente, do ponto de vista financeiro, a televisão talvez seja a principal apoiadora do futebol, e se pensarmos na popularidade do esporte e na grande audiência de certas partidas, a recíproca também pode ser verdadeira.

Do ponto de vista técnico e estético, Telles (2013) ainda considera que a TV, ao transmitir um jogo, cria um "futebol televisivo", outro em relação ao que é jogado dentro de campo e ao assistido no estádio. Por meio do recorte de imagens e do uso de diferentes enquadramentos, ela monta um esporte que é construído a partir de uma "cooptação televisiva" da partida jogada dentro de campo.

A relação aqui observada ultrapassa os espaços institucionais e se faz presente em práticas cotidianas de quem vivencia o esporte nos próprios estádios. Basta pensarmos no uso de dispositivos que retransmitem informações feito por pessoas que estão acompanhando o jogo *in loco*. Ainda é comum pessoas assistirem aos jogos nos estádios e, paralelamente, utilizarem *smartphones* para acompanhar transmissões de TV e informações de perfis em sites de redes sociais, promovendo práticas que complementam a experiência localizada.

Pensando nesse e em outros tipos de experiência de consumo do futebol, Moragas (2012) destaca que, para os que assistem a uma partida no estádio, as gratificações envolvendo o contato físico e os sentidos despertados nos cantos, nos odores, nos barulhos, entre outros, são mais latentes se comparadas a outros tipos de assistência. No entanto, ainda que em menor medida, podemos considerar que o esporte televisivo também é marcado por elementos de natureza semelhante, pois ele

> (...) também tem seu ritual específico, um ritual de identificação no entorno doméstico, que se compartilha com os meios, com os seus comentários, com a sua seleção de imagens e sequências, com as suas interrupções publicitárias (MORAGAS, 2012, p. 35, tradução nossa).[5]

5 Citação original: "(...) también tiene su ritual específico, un ritual de identificación en el entorno doméstico, que se comparte con los medios, con sus comentarios, con su selección de imágenes y secuencias, con sus interrupciones publicitarias".

Para Orozco (2014, p. 98), esse ritual de reunião em volta de um aparelho televisivo nos permite não só ocupar a posição de espectadores tradicionais, como também "fazer parte de evento sociocultural, procurado e, cada vez mais, popular em áreas urbanas". A reunião em torno da TV e os processos comunicacionais estabelecidos não se mostram presos ao aparelho, mas ligados às relações tecidas a partir desse meio de comunicação, onde constrói-se um real espaço de integração. No mesmo sentido, Martín-Barbero e Rey (2001) consideram que o fluxo televisivo introduz uma mediação estratégica que gera outras maneiras de se manter integrados, e que se refere:

> (...) aos novos "modos de estar juntos" na cidade, às sociabilidades cotidianas que o caos urbano suscita, uma vez que, ao mesmo tempo que desagrega a experiência coletiva, impossibilitando o encontro e dissolvendo o indivíduo no mais opaco dos anonimatos, introduz uma nova continuidade: a das redes e dos circuitos a dos *conectados* (MARTÍN-BARBERO; REY, 2001, p. 36).

Essa "ampliação" do público de cada partida propiciada pela televisão configura o próprio modo de torcer e as escolhas afetivas. Podemos citar o quanto é comum encontrar torcedores de clubes europeus em diversas regiões do Brasil e do mundo. Torcedores que nunca acompanharam um jogo do clube pelo qual torcem no ambiente do estádio, mas que construíram sua admiração pela instituição esportiva por conta, principalmente, de transmissões televisivas que priorizam as equipes europeias e mostram frequentemente os principais jogadores do mundo, concentrados nesse continente.

Em uma escala nacional, também é comum observar movimento semelhante ao pensarmos em várias regiões do país nas quais se torce predominantemente para clubes do eixo Sul-Sudeste (os que têm mais jogos televisionados), mesmo que nelas também existam clubes de tradição local e regional.

Em pesquisa exploratória desenvolvida no projeto "Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência"[6], tivemos acesso a dados relativos ao uso do Facebook feito por jovens de todos os estados do país. Nesse levantamento, ficou evidente que os jovens nortistas observados têm preferências afetivas por clubes da Região Sudeste, sendo os paulistas Corinthians e Palmeiras, e o carioca Flamengo, os três mais citados. Dentre as equipes regionais, o Clube do Remo (popular time paraense) foi o mais citado, embora com menor frequência se comparado aos gigantes nacionais.

Novas formas de se relacionar com a TV

Acreditamos que o processo de reconfiguração da produção, transmissão e consumo da TV suscita novas formas de se relacionar com o meio e com os seus conteúdos, agora presentes em outras plataformas. Tal condição possibilita novos

---

6 Financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD/ Edital 07/2013), o projeto conta com equipes de pesquisa alocadas em três universidades federais. Além da coordenação geral da Profa. Nilda Jacks, na UFRGS, integram pesquisa a equipe da Universidade Federal do Pará (UFPA), coordenada pela Profa. Maria Ataíde Malcher, e da Universidade Federal do Sergipe (UFS), coordenada pelo Prof. Matheus Pereira Mattos Felizola.

hábitos culturais e comunicacionais que alteram a experiência ligada ao futebol televisivo.

Fechine (2013) destaca que nesse cenário é cada vez mais comum o uso de mais de uma tela na fruição televisiva e que processos como esse geram uma intensificação nas semelhanças entre TV e computadores. Para ela, essa multiplicação de telas pode, por um lado, representar um declínio da televisão, antes soberana no processo, mas por outro lado, também representa uma extensão do seu poder, principalmente se pensarmos no uso articulado de um dispositivo móvel com o conteúdo televisivo.

Nesse cenário, figura o debate sobre um suposto "fim da televisão". Carlón e Fechine (2014, p. 8) caracterizam a discussão a esse respeito e partem de duas possíveis situações: (i) a TV *não está morta nem morrendo*; (ii) *uma certa televisão está morrendo*. Se aproximando da segunda situação, Carlón (2014) considera que o debate específico sobre o fim da TV pode ser estendido para os outros meios de comunicação de massa, e que essas mudanças são pautadas principalmente pelo processo de digitalização ao qual esses meios têm sido submetidos. Leva-se em conta, portanto, que o que está "morrendo" (ou se transformando) seriam formas mais tradicionais de se fazer TV, e não o meio propriamente dito.

Miller (2012) é outro autor que se debruça sobre esse cenário. Ele chama a atenção para o fato de que a televisão permanece sendo um grande negócio mesmo que sofra as mudanças citadas.

> Conto a história tanto para registrar a irracionalidade do capitalismo como para mostrar que há pessoas enterrando a televisão e comprando-a ao mesmo tempo. Isso está muito claro: estamos no meio de uma transformação importante na televisão (MILLER, 2012, p. 23, tradução nossa).[7]

Ainda sobre a suposta "crise" da televisão (ou do modelo televisivo tradicional), Carlón (2014, p. 17) considera que ela "deve-se as mudanças nos dispositivos midiáticos, discursivos e nas práticas sociais de produção e recepção discursiva". Mais do que observar as mudanças técnicas pelas quais a televisão passa, o enfoque se dá nas práticas que perpassam essas mudanças. Trata-se de observar como essas transformações são condicionadas e condicionantes quando as relacionamos com práticas comunicacionais delineadas na fruição televisiva.

Martín-Barbero e Rey (2001), falando de um contexto no qual vários dos avanços tecnológicos já despontados ainda estavam em processo de gestação, já pensavam em uma renovação vivida pela TV com o advento da TV a cabo, da Internet, das televisões comunitárias, dos canais locais e da televisão por satélite. Os autores afirmam que:

> Essa renovação não se restringe somente às mudanças tecnológicas, mas pressiona os ordenamentos jurídicos, as relações das audiências com os produtos televisivos, as variações dos gostos e as transformações dos gêneros. Se os espectadores de televisão recebem atualmente

7 Citação original: "Cuento la historia tanto para dejar registro de la irracionalidad del capitalismo como para mostrar cuánto ha estado la gente enterrando la televisión y comprándola al mismo tiempo. Esto está muy claro: estamos en medio de una transformación importante en la televisión".

> mais mensagens televisivas, também variam as formas pelas quais se relacionam com elas, desde as maneiras como as selecionam até os modos como compõem autonomamente suas próprias fichas de programação ou desenham seus ritmos pessoais de recepção televisiva (MARTÍN-BARBERO; REY 2001, p. 67).

Avançando no tempo e dando continuidade à essa reflexão, faz-se importante observar os novos aspectos técnicos e habituais ligados a esse cenário, dentre os quais os conceitos de conversação em rede e social TV se sobressaem.

A conversação em rede e a Social TV

Desde a sua larga popularização, o consumo de futebol é chave desencadeadora de processos de socialização que se consolidaram na cultura latino-americana e brasileira, assim como o da televisão. A dimensão social dos dois elementos tem no "falar sobre" a sua prática mais essencial.

Encarando a centralidade de tal dimensão, passa a ser relevante pensarmos nas reconfigurações pelas quais a mesma passa com o advento do espaço digital e das suas redes sociais na internet. Para Recuero (2014), que encara a conversação como o gênero mais básico e primário da interação humana, os sites de redes sociais "acabam gerando uma nova 'forma' conversacional, mais pública, mais coletiva, (...)" (p.17) a qual a autora denomina conversação em rede.

O "falar sobre" o futebol, sempre presente no seu acompanhamento, passa a ter novas formas de ser colocado como prática, principalmente quando a conversação gira em torno de transmissões televisivas futebolísticas (partindo do pressuposto de que, no acompanhamento dos jogos no estádio, a participação do público na conversação em rede é menos frequente).

Percebendo que o público vai naturalmente comentar sobre a sua programação, sobretudo quando ela envolve um produto de socialização relevante como o futebol, as emissoras televisivas buscam crias espaços "oficiais" para a ocorrência da conversação em rede. No caso das que trabalham com a editoria de esportes no Brasil, a construção do espaço oficial se dá majoritariamente pela proposta de *hashtags* no *Twitter*.

Essa forma de indexação é destacada por Recuero (2014) como fundamental para que haja espaços de negociação de sentido na internet. Tanto para a própria ocorrência da conversação quanto para a viabilidade de sua investigação, as *hashtags* tornam-se chaves importantíssimas ao passo em que fixam temáticas debatidas em espaços acessíveis por uma busca simples.

> Através do uso da hashtag, que provê o contexto, é possível acompanhar centenas de pessoas falando umas com as outras, em uma conversação que parece caótica e complexa. A conversação em rede, assim, é passível de ser contextualizada e recuperada e, por isso, consegue espalhar-se e amplificar-se dentro das redes sociais (RECUERO, 2014, p. 126).

Outra maneira de observar o fenômeno da conversação em rede articulado ao consumo de conteúdos televisivos se dá pela reflexão que gira em torno do conceito

de Social TV. Como mais um dos aspectos presentes no cenário de reconfiguração de práticas culturais advindo do digital, a Social TV seria um aprofundamento e uma nova forma de vivenciar algo que sempre esteve presente na fruição televisiva, dado o caráter social do meio. O já citado laço social da televisão (WOLTON, 1990) e seus desdobramentos invade os fóruns de debate das redes sociais na internet. Almeida (2018), que se refere ao fenômeno enquanto TV Social, o conceitua como:

> (...) uma experiência que abrange práticas de conversação, necessariamente on-line e em rede, experimentadas por audiências que desejam participar e interagir com o conteúdo televisivo, motivadas por estratégias desenvolvidas pela indústria televisiva ou pela iniciativa e interesse dos próprios telespectadores. Essa interação tende a se concentrar durante a exibição dos programas, portanto, em **tempo real**, instaurando uma audiência coletiva compartilhada, ou seja, a experiência de assistir à televisão juntos, sendo menor antes e após a sua veiculação (ALMEIDA, 2018, p. 57, grifo nosso).

Compreendendo a necessidade de socialização em tempo real, o público articula a temporalidade do esporte, da televisão, e das práticas de Social TV que envolvem o consumo de ambos. Voltando também ao papel indexador da *hashtag* nesse contexto, Sigiliano e Borges (2015, p. 55) consideram que no espaço de redes sociais na internet fala-se com pessoas desconhecidas, mas com interesses em comum, sendo " a partir da *hashtag* que se forma as comunidades de ocasião. Segundo Bauman (2003), essas comunidades são 'autoconstruídas em torno de eventos, ídolos, pânicos ou modas'".

As comunidades de ocasião apontadas pelas autoras são formadas no consumo do futebol televisivo pela repercussão das transmissões ao vivo, permitindo também o "retorno" da conversação do público ao debate dos jornalistas nelas envolvidos. Como grande parte do envolvimento emocional com o futebol se dá pela imprevisibilidade do esporte, é indispensável que o seu consumo seja feito em tempo real, sendo também em tempo real que se dá a instauração de uma audiência coletiva compartilhada, como apontado por Almeida (2018).

Pensando no que chama de atualidade jornalística, Franciscato (2018) sistematiza cinco categorias que descrevem tipos específicos de fenômenos temporais operados pelo jornalismo, algumas das quais nos parecem ter relação direta com a experiência do jornalismo esportivo e de suas transmissões televisivas. As categorias apontadas pelo autor são: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. A instantaneidade refere-se:

> (...) a uma possibilidade material de ausência do intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento e seu registro, transmissão e recepção por um público, assim como uma referência simbólica que vincula fenômenos socioculturais a experiências do presente (FRANCISCATO, 2018, p.8)

A ausência de intervalo de tempo entre o jogo de futebol, a sua transmissão televisiva ao vivo, a recepção do público que a assiste e a conversação que o mesmo estabelece nas redes sociais de internet sobre o que está sendo transmitido é condição fundamental para que o fenômeno da Social TV ocorra. Tudo isso

configura maneiras de se assistir à televisão e ao futebol em conjunto, repercutindo acontecimentos, compartilhando impressões, conflitando opiniões e vivenciando, a partir do digital, os processos de socialização que envolvem esses dois elementos.

A experiência conjunta que a instantaneidade das transmissões ao vivo cria compreende também os jornalistas envolvidos na transmissão e a emissora por ela responsável. Como já destacado, a conversação do público é incentivada por essas instituições com a criação de espaços oficiais materializados nas *hashtags*. Dessa forma, para além do debate entre o público, as publicações feitas com os indexadores propostos retornam para a transmissão ao vivo sendo repercutida pelos que a conduzem.

É natural que o retorno da conversação ao polo transmissor não contemple a sua totalidade, ficando "de fora" desse diálogo com os jornalistas a maior parte dos comentários publicados. No entanto, como destacado por D'Andrea (2014), por mais que haja um filtro das transmissões no momento da repercussão dos comentários, espaços como esse suscitam respostas ilimitadas que fogem do controle da emissora, sendo muitas delas dissidentes em relação ao discurso veiculado no canal oficial.

Se apropriando então da conversação do público sobre a transmissão, as emissoras retroalimentam o "falar sobre" o futebol e a televisão de maneira a gerar várias camadas discursivas que se sobrepõem.

Considerações finais

Essas novas experiências só têm sido possíveis graças ao estabelecimento de uma lógica comum aos canais esportivos nesse contexto digital: o ao vivo como sustento da programação diária. Com exceção do Esporte Interativo que, como destacado, já não possui um canal próprio de transmissão, as outras emissoras citadas possuem, cada uma, um canal principal com programação ao vivo se estendendo em média entre às 9h e às 00h, durante todos os dias da semana. Essa grade de programação estabelece a possibilidade de participação simultânea dos espectadores na maioria dos programas de debate e transmissões de partidas.

A participação desse público, mesmo que naturalmente pautada pelas temáticas e ocorrências transmitidas pelos canais, acaba por criar um outro fluxo de conteúdo que por vezes amplia totalmente as propostas temáticas das emissoras.

Considerando, portanto, que se formam dois fluxos paralelos, a observação desse cenário deve levar em conta as práticas discursivas presentes nas duas instâncias. É interessante entender como os canais convidam o público a integrar o debate e abrem os espaços de participação, verificando os formatos de inserção das mesmas no conteúdo veiculado e, de maneira integrada, também observar as possibilidades de participação, nem sempre inseridas na lógica "institucional" da emissora, mas criadoras desse fluxo concomitante permitido pela lógica do ao vivo.

A relevância cotidiana dos dois elementos articulados ao longo do artigo nos parece unir forças quando se promove a participação do público em transmissões futebolísticas televisivas. É o "falar sobre" a televisão se integrando ao "falar sobre" o futebol, reconfigurando práticas que tem se consolidado nos espaços digitais.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Melissa Ribeiro de. *O comportamento multitela na tv social*: um estudo das práticas midiáticas em torno de The Voice Brasil e MasterChef Brasil. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFF, 2018.

BASTOS, Antonio. *Futebol e Televisão*: Análise do programa Bate-Bola da ESPN Brasil e das participações dos espectadores via Twitter. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação, UFPA, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CARLÓN, Mario. Repensando os debates anglo-saxões e latino-americanos sobre o "fim da televisão". In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana. *O fim da televisão*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014. p. 11-33.

CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana. O fim da televisão, diálogos. In: CARLÓN, Mario.; FECHINE, Yvana. *O fim da televisão*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014. p. 7-10.

D'ANDRÉA, Carlos. Conexões intermidiáticas entre transmissões audiovisuais e redes sociais online: possibilidades e tensionamentos. XXIII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Belém. *Anais...*, 2014.

FECHINE, Yvana. Televisão transmídia: conceituações em torno de em torno de novas estratégias e práticas interacionais da TV. XXII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Salvador. *Anais...*, 2013.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *Temporalidade, mediação e tecnologia no jornalismo em ambientes digitais*. 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo, 2018.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 453-480.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. *Comunicação, Mídia e Consumo*. Ano 8, vol.8, n.21, 2011. p. 11-37.

MALCHER, Maria Ataide; FLORÊNCIO, Felipe Jailson Sousa Oliveira; BASTOS, Antonio Edson Alcântara. Futebol como ambiente interacional de experiências estéticas na América Latina. XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Os exercícios do ver*: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes Davi; SILVA, Elissa Schpallir. Segunda tela e a reconfiguração das práticas comunicacionais no processo de fruição de televisão. *Revista Famecos*. Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 145-164, jan.-mar. 2015.

MILLER, Toby. El ahora y el futuro de la televisión. In: OROZCO GÓMEZ, Guillermo (coord.) *Tvmorfosis*: la televisión abierta hacia la sociedad de redes. México: Productora de Contenidos Culturales Sagahón Repoll, 2012, p. 21-40.

MIRANDA, Fernanda Chocron; BASTOS, Antonio. Não basta assistir, é preciso debater futebol: As interações do público do programa Bate-Bola no Twitter. XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. São Paulo. *Anais*... São Paulo: Intercom, 2016.

MORAGAS, Miquel de. Deporte, Medios de Comunicación e Identidades em La Sociedad Global. In: MARQUES, José Carlos e MORAIS, Osvando J. de (Orgs.). *Esportes na Idade Mídia*: diversão, informação e educação. São Paulo: Intercom, 2012, p. 17-48.

OROZCO GOMÉZ, Guillermo. Televisão: causa e efeito em si mesma. In: CARLÓN, Mario.; FECHINE, Yvana. *O fim da televisão*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014. p. 96-113.

RECUERO, Raquel. A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2º edição, 2014.

SILVA, Elissa Schpallir. *Segunda Tela*: interatividade, conteúdo extra e socialização. 2014. 113 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2014.

SIGILIANO, Daiana; BORGES, Gabriela (b). The Voice: novas formas de participação e interação na segunda tela. *Rumores*. v.9, n.18 – jul-dez 2015. p. 52-71.

TELLES, Marcio. *A recriação dos tempos mortos do futebol pela televisão*: molduras, molduraçõe s e figuras televisivas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Comunicação e Informação, UFRGS, 2013.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público*: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1990.

12 | A cobertura dos programas esportivos da televisão aberta no Brasil sobre o prêmio de Melhor Jogadora do Mundo recebido pela atleta Marta

Carolina Bortoleto Firmino[1]
Érika Alfaro de Araújo[2]

Introdução

Muitos problemas – simbólicos e práticos – colocam homens e mulheres em lugares distintos dentro do campo esportivo. No futebol, a modalidade mais popular no Brasil, essas diferenças ficam mais evidentes. A primeira dificuldade diz respeito à representatividade e, para compreendê-la, experimentemos pedir que uma garota elenque onze grandes jogadoras brasileiras para formar seu time dos sonhos. Seja pela ausência de espaço que essas atletas possuem na mídia esportiva ou pela assimetria com que se motiva meninos e meninas a praticar ou entender sobre o esporte, essa será uma tarefa desafiadora.

Pfister (2010) aponta que, desde os primórdios da prática esportiva como conhecemos hoje, as mulheres eram consideradas o outro sexo, *outsiders* que, se lhes fosse permitido, poderiam fazer parte desse cenário atuando em modalidades mais suaves ou apropriadas. A teórica indica que "desde a década de 1950, atletas do sexo feminino têm acesso a mais e mais esportes que eram dominados por homens anteriormente", mas questiona se isso mudou a situação das mulheres como atletas e a maneira como são representadas. Essa questão também norteou este artigo a partir do seguinte contexto: a jogadora Marta da Silva Vieira é um dos nomes mais importantes do futebol feminino, com seis prêmios de melhor do mundo recebidos em sua carreira, superando nomes como Cristiano Ronaldo e Lionel Messi. No entanto, seu salário é 325 vezes menor que o do atacante do Barcelona, conforme divulgou uma pesquisa da revista *France Football*[3]. Afinal, qual espaço a mídia brasileira oferece para a discussão sobre essas diferenças? Como os programas de esporte da televisão aberta noticiaram tal feito de Marta, premiada a sexta vez pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e dona de recordes entre homens e mulheres? O futebol feminino recebeu a devida repercussão na abordagem desse fato?

Para encontrar algumas respostas, selecionamos reportagens dos programas Globo Esporte São Paulo, Jogo Aberto, Esporte Espetacular e Cartão Verde, sendo que todos aparecem entre as opções de maior tradição em suas emissoras, sustentando-se no ar há mais de uma década. Definidos os objetos e feita uma leitura flutuante, nos apoiamos na análise de conteúdo de Bardin (2011) para criar as seguintes categorias: construção da imagem, direcionamento, tempo dedicado,

---

1 Doutoranda e mestre em Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

2 Mestranda em Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

3Disponível em: www.francefootball.fr/diaporama/Salaires-des-stars/7433/#1

comparação e menção e contextualização, as quais explicamos no tópico que aborda nossos objetivos e a metodologia utilizada.

Dessa maneira, o presente artigo trouxe breves reflexões a partir de bibliografia sobre o futebol e a relação das mulheres com a modalidade, o que contribuiu para analisar e interpretar as reportagens escolhidas. Além disso, resgatamos aspectos sobre o papel e a trajetória de Marta como principal representante do futebol feminino no Brasil. Importante destacar que não tivemos o intuito de esgotar as discussões a respeito do tema, mas atribuir nossas impressões dentro do recorte proposto.

Gênero e futebol: uma história de privações

Segundo Goellner (2012), já na infância, ao determinar a ocupação de espaços diferentes por eles e elas, coloca-se mais garotos em contato com atividades esportivas, selecionando o que intervém ou não na feminilidade estética concebida como ideal. Explosão, agilidade, agressividade, força, confiança, habilidade e outros atributos semelhantes aparecem atrelados às atividades corporais como um todo. Dessa forma, quando nos voltamos a observar limitações sugeridas na educação de meninas – não correr, ser delicada, manter-se quieta – encontramos, possivelmente, a origem desse distanciamento.

No futebol, que é um esporte de contato, discute-se ainda a masculinização das mulheres, como se, ao praticá-lo, elas perdessem as características necessárias para se adequarem a um padrão feminino, conforme detalha o trecho a seguir:

> A espetacularização do corpo feminino é aceita e incentivada em determinados locais sociais, em especial, aqueles que valorizam uma representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação, por exemplo, da beleza e da sensualidade. Noutros, como o campo de futebol ou as arenas de lutas, essa espetacularização direciona-se para o estranhamento a estes corpos femininos performantes, fundamentalmente, porque às mulheres, cuja aparência corporal é excessivamente transformada pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo, são atribuídas características viris que não apenas questionam sua feminilidade mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo (GOELLNER, p. 6, 2012).

Não só dos preconceitos sobre questões físicas consistem as barreiras relacionadas ao futebol feminino: a sexualidade das atletas costuma ser colocada em pauta de maneira recorrente e a falta de investimento na modalidade faz com que a representatividade do futebol feminino não seja a mesma do masculino. Esse cenário está vivendo algumas mudanças positivas ao acompanhar demandas sociais que apontam na direção do protagonismo de mulheres. Por outro lado, muitos desses avanços estão acontecendo no Brasil apenas nos últimos dois anos, quando já se tem Marta Vieira da Silva eleita a melhor jogadora de futebol do mundo pela sexta vez, a mesma Marta que precisou buscar incentivo e espaço fora do país, já que o investimento na modalidade feminina tem começado a sofrer algumas transformações positivas apenas nos últimos 10 anos.

Objetos

Para discutirmos e analisarmos esse cenário que relaciona questões de gênero, esporte e futebol, trouxemos o recorte da televisão aberta brasileira – por conta de sua grande presença nos lares brasileiros[4] e consequente facilidade de acesso do público –, por meio de quatro programas que estão no ar em suas emissoras há mais de dez anos.

O Globo Esporte São Paulo é exibido pela Rede Globo desde 1978, de segunda a sábado, de 12:45 às 13:20. Trata-se de uma atração de tempo reduzido, quando comparada às demais, com um viés informativo e pouco analítico, que apresenta ao seu público notícias como gols da rodada de campeonatos regionais, nacionais e internacionais, dentre outras novidades do mundo esportivo. Por sua vez, o Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes, surgiu na emissora em 2007 e engloba duas horas da programação de segunda a sexta (das 11:00 às 13:00). O formato em duas etapas inclui um primeiro momento mais informativo, com a exibição de reportagens e novidades do mundo esportivo, e uma segunda parte em que comentaristas surgem para discutir os fatos. Já o Esporte Espetacular, também da Rede Globo, no ar desde 1973, é exibido todos os domingos, aproximadamente, das 10:00 ao 12:00. As reportagens com maior tempo de duração, entrevistas especiais, conteúdos históricos e com menos compromisso com as "novidades" permitem um aprofundamento maior nos temas apresentados. Por último, o Cartão Verde, da TV Cultura, exibido a partir de 1993, vai ao ar atualmente às quintas-feiras, ao vivo, às 22h30, com uma hora de duração. Nesse caso, o formato mesa-redonda supõe um maior aprofundamento dos temas por conta da possibilidade de discussão e análise dos assuntos levantados.

Objetivos e metodologia

O objetivo do trabalho foi discutir a forma como a televisão aberta brasileira conduziu a cobertura de tal conquista sem precedentes de Marta por meio da análise das reportagens dos quatro programas descritos. A escolha dos objetos levou em conta a data do prêmio: selecionamos a primeira edição de cada atração logo após o evento da FIFA. No que diz respeito ao Globo Esporte São Paulo, determinamos a análise do dia 25/9 – o mesmo se aplica ao Jogo Aberto, ambos exibido diariamente. Já o Cartão Verde e o Esporte Espetacular, que vão ao ar uma vez por semana, foram os dias 27 e 30/9.

Para analisar se houve ou não reportagens sobre a premiação e identificar alguns aspectos, como os tipos de características atribuídas à jogadora, a presença ou não de estereótipos e diferentes abordagens, partimos de uma observação geral com posterior determinação de categorias semelhantes de análise, baseadas na metodologia de Bardin (2008). No quadro abaixo, explicamos cada uma delas e, em seguida, aplicamos seus critérios nos objetos selecionados:

---

4 Dados de 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): 96,8% dos domicílios no Brasil têm televisão. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama

Categoria	Critérios para análise
Construção da imagem	Identificar a forma como o material descreveu a jogadora por meio do processo de adjetivação, do emprego de termos carregados de sentido e por meio das escolhas narrativas.
Direcionamento	Identificar o encaminhamento do conteúdo: a vida da atleta, a vitória da brasileira ou o evento de premiação.
Tempo dedicado	Identificar o tempo total da notícia, tempo dedicado a Marta e aos desdobramentos do evento.
Comparação e menção	Identificar se houve comparações, menções ou analogias ao futebol masculino e seus jogadores.
Contextualização	Identificar presença ou ausência de discussão sobre o cenário do futebol feminino e suas barreiras no país.

Quadro ‘1: Elaborado pelas autoras, 2019.

Análise quantitativa

a) Globo Esporte São Paulo

Categorias	Dados coletados
Construção da imagem	“Vestida de princesa” “Rainha da noite”
Direcionamento	Evento de premiação
Tempo dedicado	Total: 2’21’’ Marta: 1’28’’ Desdobramentos: 53’’
Comparação e menção	A reportagem compara o número de prêmios conquistados pela jogadora e pelo português Cristiano Ronaldo.
Contextualização	Ausência de discussão sobre o cenário do futebol feminino e suas barreiras no país.

b) Jogo Aberto

Categorias	Dados coletados
Construção da imagem	“Rainha” “Orgulho para o Brasil”
Direcionamento	Vitória da atleta
Tempo dedicado	Escalada – Marta: 12” Desdobramentos evento: 10” Notícia: 7”
Comparação e menção	A notícia sobre a vitória de Marta foi acompanhada pelo fato de, com a vitória, a brasileira superou a marca do argentino Messi e do português Cristiano Ronaldo.
Contextualização	Ausência de discussão sobre o cenário do futebol feminino e suas barreiras no país.

c) Esporte Espetacular – reportagem 1

Categorias	Dados coletados
Construção da imagem	Mulher que representa “algo muito maior”; atleta que ultrapassou barreiras, venceu preconceitos, percorreu um longo caminho; “brasileira que veio do sertão de Alagoas e sabia que, ao contrário das europeias, teria que driblar uma quantidade de dificuldades maior para chegar até ali”; habilidosa, técnica, alegre, simpática e humildade; possuidora de uma “humildade de um ídolo que sabe dar exemplo”; “nossa estrela”; “dona da festa”; “do alto do salto alto”.
Direcionamento	Matéria voltada à Marta, ao seu feito e, brevemente, à sua trajetória de conquistas até aquele ponto da carreira.
Tempo dedicado	Total: 4’ 47”
Comparação e menção	Imagens de Ronaldo, Cafu e Ronaldinho Gaúcho; comparação com os feitos de Messi e Cristiano e com o fato de ter comparecido ao evento mesmo sem ser considerada favorita; “a melhor das e dos melhores”; comparação com Pelé.
Contextualização	Ausência de discussão sobre o cenário do futebol feminino e suas barreiras no país.

c) Esporte Espetacular – reportagem 2 (entrevista)

Categorias	Dados coletados
Construção da imagem	Mulher, vencedora, exemplo; referência para o futebol brasileiro, não só feminino.
Direcionamento	Entrevista com Marta. Trouxe temas variados envolvendo sua carreira, desde o início de sua trajetória até os prêmios e uma possível aposentadoria.
Tempo dedicado	Total: 10’ 14”
Comparação e menção	Comparação com Messi e Cristiano Ronaldo e questionamento sobre competição com tais jogadores; pergunta sobre o prêmio de Luka Modrić e cenário masculino; depoimentos de Mário Jorge Lobo Zagallo (ex-jogador e técnico brasileiro); Rivaldo, Roberto Carlos, Kaká e Ronaldinho Gaúcho (todos ex-jogadores de futebol) para Marta.
Contextualização	Exibição de declaração antiga de Marta sobre o futebol feminino; Marta relembrando sua juventude quando jogava com meninos; pergunta do entrevistador sobre o sofrimento da mãe por ver a filha sofrendo preconceito; resposta de Marta sobre o início de sua carreira como profissional; menção a respeito do cargo de Marta enquanto embaixadora da Organização das Nações Unidas (ONU) representando as mulheres.

d) Cartão Verde

Categorias	Dados coletados
Construção da imagem	"A/nossa rainha" "Subestimada" "Um símbolo".
Direcionamento	Vitória da brasileira e conteúdo histórico sobre futebol feminino.
Tempo dedicado	Escalada: 20" Discussão: 5' e 43"
Comparação e menção	Destaque para o fato de que o título a coloca na frente entre homens e mulheres; menção à quantidade de títulos do convidado Júnior (ex-jogador de futebol) em comparação com Marta.
Contextualização	Exibição de imagens históricas de pioneiras do futebol feminino no Brasil; leitura do comentário de um telespectador enviado pelas redes sociais sobre a relação da população com o futebol praticado por mulheres; opinião sobre como o talento da jogadora mostra como o Brasil não oferece estrutura para mulheres; análise sobre como Marta ainda é subestimada.

Análise qualitativa

a) Globo Esporte São Paulo

Na categoria construção da imagem foram utilizados termos como "vestida de princesa" e "rainha da noite". Após a exibição do discurso de Marta, no qual a atleta ressalta a emoção de receber o prêmio, a repórter a questiona sobre como ela se sente naquele momento. Por meio de tais informações, pode-se fazer uma leitura acerca dos elementos ressaltados: em um primeiro momento, a roupa de Marta; depois, o componente emocional. Ambos aspectos podem se encaixar em estereótipos a respeito de figuras femininas.

Tendo em vista que o tempo na televisão é uma métrica que permite avaliar a importância dada a um fato, a reportagem que teve dois minutos e 21 segundos no total, dedicou um minuto e 28 segundos a Marta – sendo os 53 segundos restantes direcionados aos outros vencedores presentes no evento. Dessa forma, uma conquista sem precedentes da jogadora brasileira recebeu um pequeno espaço no programa diário. Outro fator a ser levado em conta é que, na matéria, a repórter, ao entrevistar Marta, constata que a brasileira ultrapassou o número de prêmios do português Cristiano Ronaldo, trazendo à tona a temática do futebol masculino.

Na última categoria de análise, observou-se que a reportagem ressalta como foi o ano de Marta, justificando sua indicação ao prêmio, além de exibir um trecho de sua entrevista em que a jogadora afirma que decidiu "com sete ou oito" anos que queria jogar futebol, mas sem contextualização a respeito das dificuldades que enfrentou ou sobre o futebol feminino brasileiro.

Sendo assim, podemos concluir que a reportagem do Globo Esporte São Paulo buscou noticiar o evento da FIFA como um todo, dando maior ênfase à brasileira Marta, sem se aprofundar em sua carreira, nem na temática do futebol feminino.

b) Jogo Aberto

Sob o viés da construção da imagem de Marta, há o reforço da alcunha de "rainha" e a afirmação de que o prêmio da atleta é um "orgulho para o Brasil". Mas o conteúdo apresentado no Jogo Aberto se restringe à notícia na escalada do programa, oportunidade na qual a apresentadora Renata Fan cita a realização de Marta junto do fato de que o jogador português Cristiano Ronaldo e o argentino Messi não compareceram à cerimônia e a vitória do croata Luka Modrić. Em seguida, em um segundo momento, Fan cita o prêmio de Marta como algo positivo para o país.

Para noticiar o prêmio da jogadora brasileira, foram 12 segundos; a ausência dos atletas na disputa masculina e o prêmio do croata, 10 segundos. Na segunda vez em que o tema é citado, em 7 segundos, há a repetição do fato. A breve notícia sobre a vitória de Marta foi acompanhada pelo fato de que o feito da brasileira superou o de Messi e Cristiano.

Diante da ausência de uma reportagem, da não utilização do espaço de discussão presente no programa para a exploração do assunto e do tempo dedicado à notícia, concluímos que o programa da Bandeirantes não considerou a pauta válida para ser trabalhada na atração.

c) Esporte Espetacular

O primeiro conteúdo analisado do Esporte Espetacular é uma reportagem voltada à Marta, ao seu feito e, brevemente, à sua trajetória de conquistas até aquele ponto de sua carreira, em um material que totaliza quatro minutos e 47 segundos.

Tendo em vista a primeira categoria de avaliação, a jogadora brasileira é descrita como: uma mulher que representa "algo muito maior" por "ultrapassar barreiras, vencer preconceitos, percorrer um longo caminho"; "brasileira que veio do sertão de Alagoas e sabia que, ao contrário das europeias, teve que driblar uma quantidade de dificuldades maior para chegar até ali". Embora tais considerações façam parte da reportagem, não houve nenhuma menção a quais seriam esses preconceitos, essas barreiras ou dificuldades, caracterizando uma narrativa que pretende exaltar uma história de superação individual – prevalecendo o fator emoção –, sem compromisso com uma espécie de denúncia da realidade do futebol feminino no Brasil por meio da história de Marta, que poderia ser ilustrativa, uma vez que a brasileira deixou o país ainda jovem em busca de uma oportunidade para sua carreira.

Na mesma categoria, constatamos que a construção da imagem da jogadora foi feita a partir de termos como: habilidosa, técnica, alegre, simpática e humildade – possuidora de uma "humildade de um ídolo que sabe dar exemplo"; "nossa estrela". No momento em que foi exibida a cena em que Marta recebeu o troféu, uma das construções utilizadas foi "do alto do salto alto". Esse conjunto de características expressa alguns estereótipos relacionados ao universo feminino, como a questão referente ao salto alto, mas também reforça a concepção de uma mulher vencedora, digna de idolatria e motivadora de orgulho para o país.

Levando em conta a menção ou comparação com jogadores ou o futebol masculino, podemos perceber que, na abertura da reportagem, foi exibida a imagem de ex-atletas brasileiros presentes no evento, como Ronaldo, Cafu e Ronaldinho Gaúcho, aplaudindo o anúncio da vitória de Marta, com o repórter afirmando que se tratavam de "olhares de pura admiração". Assim, o início da narrativa já apresenta um olhar masculino sobre o fato.

Além disso, afirma-se que Marta já havia sido eleita a melhor jogadora do mundo cinco vezes consecutivas (de 2006 a 2010), dessa forma, há oito anos não vencia a disputa, e a reportagem afirmou que, com isso, Lionel Messi e Cristiano Ronaldo haviam igualado sua marca de cinco títulos. Diante disso, o repórter narrou: "Mas, só por estar ali, Marta já os ultrapassava (os dois homens citados). Primeiro, pela educação: ela participava de uma festa onde não sabia se ia ou não ganhar – o que mostrou um espírito esportivo que nem o argentino, nem o português tiveram. No esporte, tem que se saber perder – como fundo, exibição das imagens de Luka Modrić ganhando o troféu – e ganhar" – logo em seguida, o anúncio do prêmio de Marta. Dessa forma, é possível identificar, junto da comparação, o estabelecimento de uma espécie de disputa entre Marta e os jogadores. Nessa mesma instância de análise, a brasileira foi colocada pela matéria como "a melhor das e dos melhores". Por fim, a reportagem ressaltou que "o Brasil tem Pelé e tem Marta, o rei e a rainha". Podemos interpretar que, ao colocá-la em posições de competição e comparação com futebolistas homens, há a ideia de que, por si só, Marta não seria parâmetro para dimensionar seu sucesso; sua vitória como mulher, entre mulheres, não seria suficiente para expressar a grandiosidade de seu feito.

Por fim, na categoria contextualização, verificamos que existe a composição da narrativa envolvendo a trajetória da carreira vencedora da jogadora. O conteúdo cita que Marta teve que enfrentar dificuldades, mas não indicou quais, nem o que motivou o surgimento de barreiras em sua vida. Portanto, não houve contextualização envolvendo o futebol feminino.

Na mesma edição, o Esporte Espetacular exibiu um segundo conteúdo envolvendo Marta: uma entrevista com a jogadora. Conduzida pelo comentarista Walter Casagrande, trouxe temas variados envolvendo sua carreira, desde o início de sua trajetória até os prêmios e uma possível aposentadoria. Foram 10'14" no total.

Para analisar a categoria construção de imagem, logo no início, aparecem, por escrito, as palavras "mulher", "vencedora" e "exemplo". O entrevistador afirma ser fã de Marta e ter muito orgulho da jogadora que, em suas palavras, "é uma referência para o futebol brasileiro, não só feminino". Por meio de tais informações, entendemos que um dos objetivos é exaltar a entrevistada e ressaltar sua figura enquanto uma brasileira vencedora.

Além de enaltecer Marta em uma instância que ultrapassa o futebol feminino, nos primeiros minutos da entrevista, Casagrande afirma que ela é a jogadora que tem mais bola de ouro do que Lionel Messi e Cristiano Ronaldo. Posteriormente, Casagrande lembra que a atleta participou de grandes competições, como as Olimpíadas, e já tinha sido eleita cinco vezes a melhor do mundo. Dessa forma, elabora: "O Messi tem cinco bolas de outro, o Cristiano Ronaldo também. E o mundo

todo sempre fala, quem vai ganhar mais, Cristiano Ronaldo ou Messi? Qual vai ser o jogador que vai quebrar essa hegemonia dos dois? E aí surgiu uma competição entre eles, uma disputa. Você, na sua cabeça, também entrou nessa competição. 'Eu vou competir com esses caras também, já que eu tenho cinco, igual eles, por que eu não posso ganhar deles?' (representando o pensamento de Marta). Passou isso pela sua cabeça?". Marta responde: "Não, eu não pensei assim. Eu nunca pensei dessa maneira, porque eu sempre deixo as coisas acontecerem", diz a jogadora. Em seguida, Casagrande pergunta como Marta avalia o prêmio entregue ao croata Luka Modrić. Se foi surpreendente para ela e quem ela achou que ia ganhar. Marta afirma ter ficado surpresa, pois achava que Cristiano Ronaldo pudesse vencer; mas afirma que Modrić teve momentos importantes e que sua atuação na Copa do Mundo de 2018 foi definitiva. No entanto, a atleta avalia que ainda considerava o português superior em aspectos individuais.

Todo esse cenário proposto pela reportagem indica que, mesmo quando o tema principal do conteúdo é uma mulher, a discussão ainda é o futebol masculino, as métricas para dimensionar o feito de Marta são atletas homens, além de supor uma competição entre tais jogadores (Marta e os homens).

Na fase final da entrevista, Casagrande chama mensagens que alguns atletas deixaram para Marta. São eles: Formiga (companheira de Marta na seleção), Mário Jorge Lobo Zagallo (ex-jogador e técnico brasileiro); Rivaldo, Roberto Carlos, Kaká e Ronaldinho Gaúcho (todos ex-jogadores de futebol). Com a maioria de homens, ressalta-se a questão do masculino em sua relação com o futebol. Ademais, vale ressaltar a colocação de Marta: ao assistir o depoimento de Rivaldo, afirma que, quando era criança, ele era sua inspiração. Revela-se, portanto, que a referência para a garota era o futebol masculino pela falta de representatividade no universo esportivo envolvendo mulheres.

Em termos de contextualização, logo após a palavra "mulher" na abertura da entrevista, é exibida uma declaração antiga de Marta, na qual, com lágrimas nos olhos, a atleta diz: "Peço aqui, ao povo brasileiro, não deixe de apoiar o futebol feminino. A gente precisa muito de vocês". Quando Casagrande pede que Marta relembre sua história desde a primeira medalha até a sexta bola de outro, a atleta afirma que sua primeira conquista aconteceu quando jogava futsal com os meninos. O entrevistador questiona como sua família, sua mãe, se sentia vendo a menina nessa situação, sofrendo preconceito; se ela sofria vendo a filha sofrer. Marta admite que sim, mas não a impedia de jogar. Emocionada, a atleta narra um episódio da época: um treinador de outra equipe falou que se deixassem a menina (Marta) jogar, ele tiraria seu time de quadra. A jogadora, então, conta: "Aquilo me doeu tanto. Eu falei: poxa, eu estou fazendo algo errado? Então, por que Deus me deu esse talento?". A entrevistada é questionada sobre em que momento se deu conta que estava se tornando jogadora de futebol profissional. Marta conta que foi quando percebeu que existia futebol feminino nas grandes cidades. Dessa forma, a brasileira lembra que, na época, o Vasco da Gama (RJ), tinha um time principal e um sub-19, no qual ela começou a treinar para depois ir para o adulto.

Em outro momento da entrevista, o comentarista afirma que um prêmio da jogadora é ser embaixadora da Organização das Nações Unidas (ONU). Recurso na tela explica que, na ONU Mulheres, Marta é embaixadora para apoiar a igualdade de

gêneros. Pergunta do entrevistador: "O que você faz com isso, como você trabalha com isso?". Marta pontua que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres não estão restritas ao futebol e ao esporte, ressaltando que, nesse trabalho, o propósito é inspirar as mulheres a acreditarem nelas mesmas, lutarem pelos seus objetivos para, assim, quebrar cada vez mais o preconceito e a desigualdade. Dessa forma, podemos perceber que, da maneira como a entrevista foi conduzida, foram as respostas da brasileira que trouxeram à tona a realidade do futebol feminino no país.

d) Cartão Verde

No programa da Cultura, usa-se a Marta como gancho para uma discussão sobre futebol feminino, na qual a jogadora é citada em algumas oportunidades. "A/ nossa rainha", "subestimada" e "um símbolo" foram alguns dos termos utilizados para se referir à Marta, demonstrando que o Cartão Verde exalta sua figura, reforçando a alcunha de rainha, ao mesmo tempo que ressalta a pouca relevância atribuída à Marta diante de suas conquistas. No debate que envolveu o apresentador e os outros membros da bancada, foram cinco minutos e 43 segundos destinados ao assunto.

Na categoria menção ou comparação, identificamos que, na escalada, o anúncio sobre a vitória da atleta é feito citando o âmbito masculino: "A brasileira Marta é eleita pela sexta vez a melhor jogadora de futebol do mundo e se torna a maior vencedora da história da premiação entre homens e mulheres". Em outro momento, o apresentador Vladir Lemos faz referência ao convidado Júnior, afirmando que o ex-jogador tem uma quantidade enorme de títulos, já a Marta não é a jogadora que mais tem canecos. No entanto, fazer o contraponto de que o que ela representa é "uma coisa muito mais grandiosa do que ter 25 títulos". Vladir Lemos ainda analisa: "Até pela estrutura que ela encontrou no Brasil, ela chegou em certo ponto em que não conseguiu muito avanço". O apresentador cita jogadoras estrangeiras que conseguiram títulos de expressão mundial, destacando que foi algo que faltou para Marta.

Em termos de contextualização, o apresentador chama o conteúdo trazido pelo jornalista Celso Unzelte, afirmando se tratar de um material que fará justiça a memória de mulheres que foram pioneiras no futebol brasileiro, mas que estão praticamente esquecidas. Lemos ressalta que é um tema muito pertinente, já que a Marta havia se tornado a atleta mais vezes eleita a melhor do mundo, entre homens e mulheres. Passa uma vinheta do quadro "Curiosidades por Celso Unzelte". O jornalista traz imagens históricas de pioneiras do futebol feminino, atletas do Araguari, que fizeram, com as camisas dos clubes, a preliminar de um jogo entre América-MG e Atlético-MG, em 1959. Unzelte escala os dois times e afirma que a partida pode ser considerada a primeira "séria" do futebol feminino organizado, porque antes eram jogos de exibição, de vedetes. Apesar de as mulheres utilizarem a camisa dos dois clubes citados, era apenas uma ação para fazer a promoção do jogo – logo em seguida teria a peleja dos homens. Todas elas, na verdade, eram do Araguari, primeiro time feminino do Brasil. Após as imagens de arquivo, o programa traz a informação de que os "conservadores inimigos do futebol feminino" baixaram a lei de proibição do esporte pelas mulheres. O jornalista Vitor Birner afirma que a palavra "conservadores" foi bem colocada porque, segundo ele, as mulheres esquecem que eram os conservadores que não deixavam que elas votassem, que

tivessem condições legais iguais, que dificultam que elas tenham salários iguais. “É bom pensar nisso quando você gosta dos conservadores. Às vezes os conservadores podem ter razão, mas, nessas questões ligadas ao feminismo, é um absurdo”. Celso lê um comentário de um telespectador enviado pelas redes sociais: “A única coisa que falta é a sociedade abrir um pouco a mente e deixar de ser machista, egoísta e racista; e de parar com esse pensamento de que o futebol foi feito só para os homens”. Em seguida, Vladir Lemos opina que o talento da Marta “faz a gente perceber a nossa incompetência para lidar” com esse assunto, já que o país tem esse símbolo que é a atleta. O ex-jogador e comentarista Roberto Rivellino entra no diálogo e conta que dirigia uma escolinha de futebol, na qual existiam muitas meninas. Os membros da mesa falam brevemente sobre times mistos na várzea. Em seguida, Vitor Birner comenta que a Marta ainda é subestimada: “Seis vezes eleita a melhor do mundo. Ela não é uma das principais atletas do futebol, nem do Brasil. Ela é uma das principais atletas do planeta. Dimensiona isso”. Portanto, há uma extensa contextualização sobre o futebol feminino.

Considerações finais

Depois de detalhar qualitativamente as impressões de cada programa, a partir dos quadros que resumiam aspectos importantes das coberturas realizadas, consideramos que programas diários, que trazem em sua grade pautas sobre campeonatos masculinos e outros assuntos mais quentes do dia, oferecem espaço mínimo à discussão sobre a modalidades femininas em geral. Mesmo com o prêmio inédito recebido por Marta, não houve mudança expressiva nesse quesito. Percebemos que os programas que conseguem se aprofundar mais – levando em conta os tipos de reportagens realizadas, a periodicidade e a audiência, oferecem oportunidade ao tema. No Esporte Espetacular, por exemplo, exibido aos fins de semana – o que pode considerar a família toda como espectadora – e com mais tempo de programa, trouxe um conteúdo que trata tanto do masculino quanto do feminino, destacando-se na categoria comparação. No entanto, isso levanta alguns questionamentos: se o foco fosse falar apenas do futebol feminino, o destaque seria o mesmo? É realmente necessário ter a seleção masculina como parâmetro? No caso do Cartão Verde, a categoria contextualização se destaca, o que é positivo, pois confere mais credibilidade à informação, se aprofunda em discussões necessárias ausentes em programas diários e dá visibilidade ao tema.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo.* São Paulo: Edições 70, *2011*, 229p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios.* Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, Ano II, número 4, Brasília 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ceme/arquivos/prodPublicacoes/1367187862-observatorio,%20Mulheres%20e%20esporte.pdf. Acesso em: 13. mai. 2019.

_____. Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática, 8*(1), 85-100, 2005. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/106/101. Acesso em: 13 mai. 2019.

PFISTER, Gertrud. *Women in sport:* gender relations and future perspectives. Sport in Society, 13:2, 234-248, 2010.

Programas consultados

Cartão Verde | Júnior | 27/09/2018. Disponível em: <https://tvcultura.com.br/playlists/115_cartao-verde-programas-completos_TTwm56Hwm-o.html>. Acesso em 29 de março de 2019.

Esporte Espetacular, Edição de Domingo, 30/09/2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7054658/programa/>. Acesso em 29 de março de 2019.

Globo Esporte SP – 25/9 – Íntegra. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7043197/programa/>. Acesso em: 29 de março de 2019.

Jogo Aberto - 25/09/2018 - Parte 1. Disponível em: <https://esporte.band.uol.com.br/jogoaberto/videos/16547685/jogo-aberto---25-09-2018---parte-1.html>. Acesso em 29 de março de 2019.

Jogo Aberto - 25/09/2018 - Parte 2. Disponível em: <https://esporte.band.uol.com.br/jogoaberto/videos/16547690/jogo-aberto---25-09-2018---parte-2.html>. Acesso em 29 de março de 2019.

Marta emociona ao receber o prêmio de melhor jogadora do mundo pela sexta vez - Esporte Espetacular. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7054591/>. Acesso em 29 de março de 2019.

13 | Modos de narrar e identidade nacional: as transformações da imagem da seleção brasileira através do rádio

Luiz Felipe Melo Eduardo[1]

Considerações iniciais

No presente artigo, objetiva-se proceder a uma análise das transformações da relação entre torcedor e seleção brasileira de futebol, a partir dos processos de produção de sentido das narrações radiofônicas de duas derrotas do Brasil em Copas do Mundo (1950 e 2014), ambas em casa. Neste trabalho, a partir da imagem dessas derrotas, busca-se, enfim, realizar uma análise mais apurada do discurso radiofônico, que, por sua vez, evidencie a maneira como um veículo de comunicação tão importante na história do esporte brasileiro precisou se readequar ao contexto hipermidiático com a disseminação da internet no mundo.

Em primeiro lugar, vale destacar que o rádio é um dos veículos mais importantes da história dos meios de comunicação no Brasil. Desde sua chegada com Roquete-Pinto, se popularizou no país e as transmissões esportivas foram essenciais na construção do imaginário social da seleção brasileira, assim como no crescimento da popularidade deste veículo como fonte de informação e entretenimento. Com isso, esse meio de comunicação teve sua era de ouro na década de 50 com o radiojornalismo, radionovelas e transmissões esportivas.

Assim, o rádio se tornou o jornal impresso de quem não sabia ler, o divertimento da população e o primeiro meio de comunicação individual que alcançava um coletivo através das ondas sonoras e da emoção da voz. Para isso, cada indivíduo era envolvido de maneira particular pelas mensagens do tempo presente recebidas simultaneamente por milhões de pessoas. Por meio do rádio, as pessoas se identificavam com determinada voz ou com as narrativas que circulavam neste veículo de comunicação, unificando o país através da construção de símbolos e mitos no imaginário social do brasileiro.

No entanto, com a chegada da televisão e da internet, o rádio teve que passar por diversas transformações e foi perdendo espaço como principal meio de comunicação de massa no cenário nacional. Esta questão serve como ponto de partida para a discussão presente neste artigo. Dessa forma, como *corpus* foram escolhidas três transmissões esportivas de eliminações do Brasil em Copas do Mundo (50 e 2014). Um evento que mexe com o sentimento nacionalista da população, a cada quatro anos, através da identificação com a seleção brasileira, do futebol, e dos modos de narrar as partidas.

---

1 O autor do artigo é Mestre em Linguística, graduado em Letras/Literatura, graduando em Comunicação Social, com habitação em Jornalismo e pós-graduando em Jornalismo Esportivo, ambos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Atua como Professor de Língua Portuguesa, Produção de Texto e Literatura Brasileira na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, e repórter do diário Lance!. Contato: luizfelipemeloo@gmail.com.

O *corpus* de análise selecionado foi obtido a partir de áudios no *Youtube* e de páginas esportivas acerca das duas derrotas da seleção brasileira. Em 1950, no Maracanã, a derrota na final contra o Uruguai, foi narrada pela rádio Nacional, por Antônio Cordeiro e Jorge Curi, e pela rádio Globo, com Luís Mendes. Já sobre a goleada de 2014, no Mineirão, o áudio selecionado foi da Transamérica FM, transmitida pelo principal narrador esportivo de rádio da atualidade: José Carlos Araújo.

Em 1950, o rádio era o principal veículo de comunicação do país e a seleção brasileira era considerada uma das figuras de identificação nacional com a miscigenação e a pluralidade étnica e cultural da população retratadas por Freyre (1998). O Brasil era o grande favorito e tinha craques como Zizinho, Nilton Santos e Friaça. No entanto, diante de um Maracanã lotado, a seleção canarinho foi derrotada pela celeste olímpica, o Uruguai, por 2 a 1, em 16 de julho. Uma derrota que causou comoção nacional (Maracanazo), por ser em terras brasileiras, e foi relembrada durante anos, mesmo com a seleção se tornando pentacampeã e a maior vencedora da competição anos mais tarde.

Já em 2014, o Brasil também era um dos favoritos, porém ocorreu um evidente desgaste na relação e identificação de parte da população com a seleção brasileira, por diversos fatores. Havia um questionamento sobre o fato do país não ter estrutura para sediar a competição, em virtude da corrupção e do superfaturamento nas obras. Além disso, a lavagem de dinheiro predomina na CBF, com o envolvimento dos ex-presidentes Ricardo Teixeira e José Maria Marin, e existe a falta de jogadores de clubes brasileiros nas convocações, o que afasta cada vez mais o povo de sua seleção. Com todos estes fatores, no Mineirão, o maior vexame da história do futebol brasileiro: 7 a 1 para a Alemanha, em uma semifinal de Copa do Mundo, diante da torcida, em 8 de julho.

Esta análise mostra-se extremamente importante, pois o rádio é um meio de comunicação pouco estudado na atualidade e passou por diversas transformações que necessitam ser compreendidas para o futuro desse veículo, tanto na área esportiva, quanto no imaginário social do brasileiro por meio das próximas gerações. Além disso, este artigo procura trabalhar com aparatos teóricos ligados à sociologia do esporte, buscando evidenciar que esta atividade é muito mais que um jogo. Algo que será debatido na próxima seção, que abordará os pilares teóricos que sustentam todo o projeto: sociologia do esporte, modos de narração e análise do discurso.

Os planos constitutivos da Semântica Global e o Esporte como bem cultural

Neste item, busca-se apresentar a fundamentação teórica da discussão que se pretende encaminhar nas análises, em especial no modo como a análise do discurso pode contribuir com pesquisas que se orientam pela compreensão dos modos de narrar. Além disso, na relação do discurso radiofônico com os diferentes contextos socioeconômicos, culturais, esportivos e comunicacionais. É importante salientar também que a discussão aqui proposta se articula com a ideia da atividade esportiva como algo muito maior que apenas um jogo. Neste sentido, por meio das

ciências sociais, este trabalho procura interpretar, ler e ver o esporte como algo ligado diretamente à sociedade, criando identidades e grupos sociais, observando a realidade como algo construído.

Em primeiro lugar, vale destacar, que o futebol é uma construção muito mais complexa que apenas um jogo de lazer. Ele é uma atividade que busca a aptidão física e mental, a interação social, a elevação da autoestima, a competição e a superação de desempenhos físicos, estéticos e intelectuais. Cabe a sociologia do esporte compreender os reflexos dessa atividade na sociedade e nos contextos em que ela está inserida, produzindo ídolos, heróis, atrelada à política, economia, e a diversos outros aspectos da sociedade mundial. "O futebol e outros tipos de práticas esportivas não são 'dependentes' da sociedade mais ampla; são influenciados pelo contexto social mais amplo e ao mesmo tempo o influenciam" (GIULIANOTTI, 2010, p. 2).

Desse modo, o esporte é tratado neste trabalho não como o ópio do povo, mas sim como um objeto de estudo rico e que pode dialogar com diversas áreas do conhecimento. Ou seja, como um fato social, que influencia e é influenciado pelo contexto em que é praticado. Algo que será observado na posição do rádio nas Copas de 50 e 2014 e como a situação de comunicação influencia nos modos de narrar e nos sentidos da seleção brasileira como figura importante na construção da identidade nacional.

Em segundo lugar, além do esporte como bem cultural, este artigo pretende realizar uma análise do discurso de base enunciativa e compreender os enunciados concretos relacionados ao contexto comunicacional, com a linguagem sendo social. De acordo com Bakhtin (2003), aprender a falar é aprender a estruturar enunciados, ou seja, o falante da língua produz e se comunica através de enunciados e não de palavras ou orações isoladas como é colocado pela gramática tradicional da língua. A fala é moldada pela relação com o outro, pelo diálogo e pelos gêneros do discurso.

Neste sentido, ao contrário de outros autores dos estudos de linguagem, o pesquisador estabelece, que por meio deste diálogo, sempre haverá uma resposta ativa do interlocutor, ou seja, ele sempre vai concordar, discordar, responder, entre outras atitudes. A partir da atitude responsiva ativa, em que qualquer atividade discursiva pressupõe um diálogo, o autor também expõe que a compreensão pode ter um lapso de tempo em determinados gêneros.

Esse lapso é chamado de compreensão responsiva de ação retardada, pois mais tarde o que foi ouvido será ecoado nos discursos seguintes do ouvinte. Na produção de enunciados, o locutor também seria um respondente, já que seu texto pressupõe a existência de um sistema de língua e de outros gêneros anteriores, previamente conhecidos. Neste caso, o ouvinte não apresenta uma resposta aparente, mas é afetado de alguma maneira pelos enunciados que lhe são transmitidos. Além das respostas efetivas, como aquelas evidenciadas pelas cartas dos leitores ou pelos índices de audiência, a mídia radiofônica afeta diretamente a subjetividade do ouvinte.

Seguindo esta lógica, os receptores podem concordar, discordar, demonstrar afeições, ser influenciados em suas opiniões, ser persuadidos a comprar determinado produto, entre outras reações a partir da interpretação, compreensão e apreensão dos enunciados proferidos pelos gêneros midiáticos. Dessa forma, o autor rejeita o modelo de comunicação em que o ouvinte primeiro receberia passivamente um

enunciado, e somente após sua decodificação é que poderia assumir a posição ativa de locutor e emitir enunciados. Considerando o enunciado como uma unidade real de comunicação, a troca verbal passa a ser, portanto, delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, isto é, pautada no diálogo entre os sujeitos e na transferência da palavra do locutor para o ouvinte.

Outro aparato teórico-metodológico importante para este artigo é a análise do discurso. Esta metodologia trabalha com os sentidos produzidos através de discursos por meio das condições de produção do seu contexto sócio-histórico e não com uma simples interpretação do que está velado no texto. Portanto, este aparato teórico-metodológico retoma a relação entre o texto e seu contexto, através da noção de discurso, dos modos de dizer e dos embates entre as forças que estão em jogo em determinado contexto e nas diversas práticas linguageiras.

Primeiramente, vale ressaltar que, neste artigo privilegia-se a análise do discurso de base enunciativa, pois através dela pode-se realizar uma apreciação não só da materialidade linguística (o dito), como de suas marcas sócio-históricas, de seu contexto. Neste sentido, por meio deste aparato, buscam-se aprofundar este estudo em diversos aspectos como nos modos de dizer e nas forças e sentidos que estão em jogo em determinados discursos.

No que concerne à noção de discurso, através da perspectiva apontada pela escola francesa, entende-se esta noção como qualquer manifestação comunicativa, seja ela escrita ou oral, verbal ou não verbal, que ganha significação a partir do papel que assume em determinada situação de comunicação. Assim, o autor privilegiou a materialidade linguística e estabeleceu uma semântica discursiva, isto é, um aparato teórico-metodológico em que apreende a construção de sentido dos discursos, de uma maneira global, através de todas as suas dimensões, tanto na materialidade linguística, como nos contextos enunciativos.

A partir da semântica global, o analista do discurso pode transitar em diversos planos que não devem ser estudados isoladamente. Com isso, eles devem ser analisados e entendidos como um todo e o discurso deve ser apreendido na relação entre esses planos. Desse modo, os planos constitutivos seriam: a intertextualidade, o vocabulário, o tema, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, os modos de enunciação e os modos de coesão. A ordem de estudo desses planos é apresentada de maneira arbitrária pelo autor ao longo de sua obra, pois não haveria uma ordem hierárquica entre eles.

Em relação ao plano da intertextualidade, Maingueneau (2008) relata que existe um intertexto do discurso, que seria o conjunto de fragmentos que o discurso cita efetivamente. Além desse intertexto, o autor divide o plano da intertextualidade em dois tipos de relações que a competência discursiva define como legítimas: relações internas e externas. Assim, pode-se compreender que a intertextualidade interna seria o duplo trabalho da memória discursiva no interior de um contexto. Já a intertextualidade externa se refere à relação que um discurso exerce com outras áreas do conhecimento, sendo citáveis ou não.

Ao longo desse estudo, Maingueneau (2008) também cita a noção de interdiscursividade, que seria a relação entre os diversos discursos, com a presença de um discurso em vários outros. Em seguida, ao refletir sobre o plano do vocabulário,

percebe-se que ele procura compreender o modo como os semas se comportam nos discursos nos quais são inseridos. Dessa forma, o autor retrata a palavra como um signo de pertencimento, determinando as formações discursivas e ideológicas presentes nos contextos.

Sendo assim, a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise, ela precisa estar inserida em um campo discursivo. Logo, as restrições do universo lexical devem ser estudadas inseparadamente da situação de comunicação, constituindo um território de convivência. Uma mesma unidade lexical pode apresentar explorações semânticas diferentes em diversos discursos.

Sobre o tema como plano constitutivo da semântica global, o autor propõe que esse plano se refere a "aquilo de que um discurso trata, em qualquer nível que seja" (MAINGUENEAU, 2008, p. 85). Assim como a palavra no vocabulário do segundo plano, o tema em si não é importante, mas sim o seu tratamento semântico, a sua função em determinado contexto discursivo. O autor também elucida que existem temas específicos de cada discurso, que explicam as relações semânticas que são privilegiadas com o seu sistema de coerções.

Além desses três aspectos, o autor também propõe o estatuto do enunciador e do destinatário como um plano da semântica global. Esse estatuto legitimaria os dizeres dos interlocutores em determinados discursos. Ele pode apresentar uma dimensão institucional, que relaciona as falas do enunciador e do destinatário com diversas fontes de saber, levando assim à dimensão intertextual.

Desse modo, esse plano abarca outros conceitos importantes para se compreender toda teoria de Maingueneau (2008). Noções como a relação de alteridade com o Outro e o *ethos*, que seriam as imagens constituídas pelo enunciador nas diversas situações de comunicação, tornam-se essenciais para compreender um discurso. Os *ethos* discursivos legitimam o dizer dos interlocutores em uma enunciação, e estabelecem os papéis que cada um deles exerce em uma interação verbal. Para o linguista, este conceito é natural de toda enunciação, e está presente em todos os enunciados, até nos mais banais.

O autor também elucida o plano da dêixis enunciativa. Na linguística, esse conceito se refere ao conjunto de coordenadas espaço-temporais, que um ato discursivo pode apresentar. Desse plano, as noções de cena enunciativa, cronografia e topografia são essenciais para apreender a noção de dêixis nos estudos discursivos do autor. "O ato de enunciação supõe a instauração de uma "dêixis" espaciotemporal que cada discurso constrói em função de seu próprio universo." (MAINGUENEAU, 2008b, p.93)

Além desses planos, o pesquisador também apresenta o modo de enunciação, que seria o sexto plano apresentado por ele ao longo de sua obra. Essa noção se refere aos modos como os discursos são proferidos. Assim como essa noção, também pode-se observar o tom, a voz, a oralidade, o ritmo, o caráter, a incorporação e o próprio corpo, como modos de construir e proferir uma enunciação. Já o modo de coesão seria a maneira pela qual um discurso se constrói nas redes de suas remissões internas, e dos modos de encadeamento do discurso. Ela se aproxima da noção de coesão da linguística textual, por meio das noções de anáfora e catáfora.

Torna-se adequada a uma análise deste perfil, já que vai além do dito e contempla aspectos que condicionam o sujeito linguístico e sua fala, predeterminando o que ele pode ou não dizer em uma determinada conjuntura histórico-social. Portanto, a partir da concepção de linguagem deste aparato teórico-metodológico, cabe salientar que este artigo não procura retratar a linguagem como representação, mas sim através de uma relação íntima com o mundo, ou seja, produzindo sentidos por meio da sua relação com as condições de produção e o contexto sócio-histórico, nos quais estes discursos estão inseridos.

Copa de 50: a era de ouro do rádio e a forte identidade com a seleção brasileira

Nesse momento, o rádio ganha destaque no cenário nacional e após a segunda guerra mundial adquire ainda mais popularidade com a propaganda. Segundo Teixeira Heizer, as condições de trabalho para as rádios no Maracanã recém-construído para a Copa de 50 eram precárias, com cabines pequenas e fios espalhados ao lado do campo, dificultando o trabalho do repórter e a transmissão de uma partida de futebol. Contudo, com o mundial de 50, ocorreu um refinamento para uma programação esportiva, apesar dos problemas estruturais do estádio, conforme explicitado pela autora Patrícia Rangel.

> Emissoras que até então praticamente não davam atenção ao esporte, passaram a cobri-lo e naquelas emissoras que já faziam esse tipo de transmissão, houve, a partir da Copa, uma melhor qualificação para as coberturas de jogos e mesmo certo refinamento para a programação esportiva (RANGEL, Patrícia, 2012, p. 3).

No entanto, a partir dos Mundiais seguintes, as cabines de rádios foram melhoradas e as transmissões adquiriram contornos sociológicos mexendo ainda mais com o imaginário do torcedor. Mesmo com o surgimento da televisão, o rádio apresentava sua importância no cenário dos meios de comunicação no país. Nomes como Luís Mendes, Jorge Curi, Waldir Amaral, Nelson Rodrigues, Mário Filho e José Carlos Araújo, foram essenciais para a manutenção desse meio de comunicação na vida do povo brasileiro.

Além da parte estrutural do rádio, a identificação da seleção de 50 era pautada na noção de miscigenação. Na época, Freyre ressaltava a importância da miscigenação, um termo que contribuiu para os estudos historiográficos, etnográficos e sociológicos do país. Para isso, o autor busca a valorização das culturas negras e indígenas, se opondo a ideia eurocentrista, que imperava na historiografia europeia. Sendo assim, os craques brasileiros reafirmavam a noção de miscigenação e provavam que a sociedade foi construída a partir da mistura de raças, e que todas as etnias tinham plenas condições de se destacar em qualquer área, sobretudo no esporte.

De acordo com Freyre, se formava um estilo único de se jogar futebol, por meio da mulatice. A partir dessa ideia, surgiu o ideal de país do futebol e pátria de chuteiras, e jogadores como Leônidas da Silva e Domingos da Guia mostravam ao mundo o quanto o negro tinha condições de disputar partidas de futebol, assim

como os brancos, se destacando com um *football* genuinamente brasileiro, atrelado à arte, ao drible e ao improviso.

Dessa forma, com a profissionalização do futebol, a seleção brasileira criou uma representatividade na sociedade, que teve reflexos na política, publicidade, economia e cultura do país. Assim, com a inserção dos negros no futebol, este esporte passou a criar uma identidade com o brasileiro, no sentido de pertencer a algo, de se identificar com o outro, ou seja, com os jogadores e os negros que faziam parte dessa construção popular e a ideia da seleção como representação da nação como um todo. Neste sentido, ao definirmos o futebol brasileiro como arte, encurtarmos as diferenças entre os grandes jogadores e os medianos, no sentido de homogeneizar e atribuir uma característica a determinado grupos.

No que concerne à análise do *corpus* selecionado, a narração do gol decisivo do Uruguai em 1950 por Luís Mendes, na rádio Globo, demonstrou toda a emoção desse contexto, de um país que acreditava em sua seleção e atrelava àqueles jogadores como representantes de uma nação. A repetição do enunciado: "Gol do Uruguai, não é possível", evidencia a maneira incrédula (tom e ritmo), que todos os brasileiros assistiam ao gol, buscando identificar um culpado para tal ato. Ao longo dos anos, o goleiro Barbosa ficou marcado como o culpado pela eliminação da seleção e carregou este fardo durante sua vida.

O enunciado (vocabulário) "Não é possível", reforça o contexto de que a derrota era algo inesperado devido à confiança do país em sua seleção. Além disso, o tema é retratado de maneira emocional e subjetiva. Quanto ao estatuto do enunciador, o áudio mostra a força, que o narrador esportivo tinha na época quanto formador de opinião. A emoção de Luís Mendes refletia o momento da relação entre seleção e povo brasileiro e a forte crença no título. O tom de tristeza e decepção com a cena do segundo gol, algo que foi possível de identificar por sua voz embargada.

Já na narração de Jorge Curi e Antônio Cordeiro, na Rádio Nacional, percebe-se também o tom incrédulo e emocionado, porém cabe ressaltar que a narração seguia um modelo mais descritivo, tentando apresentar todo o lance em um momento em que o rádio era o principal meio de comunicação de massa do Brasil. "Corre Ghiggia, aproxima-se do gol do Brasil e atira. Gol!!! Gol do Uruguai!!! Ghiggia – segundo gol do Uruguai!!! Dois a um, ganha o Uruguai." (Jorge Curi – Rádio Nacional). Um estilo de narrar descritivo e direto, com detalhamento da cena.

Com isso, pode-se perceber que o rádio apresenta uma linguagem mais dinâmica, descrevendo fielmente o jogo mesmo sem o auxílio das imagens. Por meio deste veículo, o narrador necessita contar minuciosamente detalhes como: cor dos uniformes, disposição tática das equipes, locais onde as faltas acontecem, assim como despertar a emoção do ouvinte que acompanha atentamente a partida. Assim, as narrações mexiam com o imaginário social do brasileiro e traziam a emoção necessária para o ouvinte.

Tudo era favorável à vitória brasileira. O país foi o único a disputar a sede de 1950, já que as grandes potências europeias estavam destruídas por causa da segunda guerra mundial. O elenco era composto apenas por jogadores de times brasileiros e o famoso complexo de vira-lata exposto por Nelson Rodrigues ainda

não prevalecia. Perder a Copa em que o "já ganhou" era disseminado por políticos e torcedores, foi a maior derrota da história da seleção até 2014.

Contudo, ambas têm diferenças significativas no tratamento, nos desdobramentos e reflexos na sociedade e na relação com a própria seleção brasileira. Nas duas narrações do jogo de 50, pode-se observar uma paixão pela seleção e os reflexos de tristeza e trauma com o gol do Ghiggia. Como o rádio foi o único meio de comunicação a transmitir ao vivo a final, a produção de sentidos ganha contornos ainda mais evidentes. A dêixis espaço-temporal salienta a força da derrota e da emoção na narração. Um Maracanã com quase 200 mil pessoas, um país que nunca havia ganho a competição, e a primeira vez em que sediava o grande torneio de futebol.

A seleção pertencia e representava o povo e era diferente das demais adversárias, com um estilo próprio, que ressaltava a alegria do brasileiro e o seu modo de ser. A narração apresentava a interdiscursividade com esses enunciados, que tratavam o modo de jogar do brasileiro como único desde a Copa do Mundo de 1938, na França. Com isso, o futebol tornava-se uma religião, algo que transcendia as quatro linhas de maneira mítica, com a presença de ídolos, vilões e heróis.

> O futebol é considerado uma religião. Seu aspecto mítico contribuí para que na nossa sociedade profana, ele seja o "altar" onde o indivíduo vai realizar sua vontade de transcendência como em uma sociedade sagrada. É como uma válvula de escape, suas tristezas do dia a dia são esquecidas quando seu time do coração ou a seleção de seu país entra em campo. Através do jogo, países subdesenvolvidos e pobres se igualam aos desenvolvidos e ricos (MOSTARO, 2012, p. 21).

Diante de todo o contexto, a derrota foi um fardo mesmo com o tricampeonato, vinte anos depois. A seleção traria o sentido de pertencer a algo, de refletir a identidade de uma nação. O discurso da identidade nacional se fortalece com a noção de miscigenação de Freyre e o negro no futebol brasileiro com Mário Filho. A seleção tinha essas características, unindo todas as raças do povo e evidenciando que esse discurso era benéfico para compreender a formação da identidade nacional.

Segundo Bruck (2012), a Copa de 50 foi responsável pela midiatização eletrônica do futebol no Brasil, transformando um evento essencialmente social em midiático, alcançando o país e o mundo. Com o fim da segunda guerra o rádio cresceu de maneira acelerada com a Nacional, Tupi, Record, operando em Ondas Curtas e pelo Brasil. "O rádio fazia parte da realidade cotidiana do brasileiro. Aliás, afirmando-se de outro modo, o rádio influenciava, em muito, na constituição de sua realidade" (BRUCK, 2012, p. 2).

Assim, o futebol se transformou em acontecimento midiático por ser transmitido ao vivo, sendo organizado e promovido como evento, carregado de drama e ritual que mobilizam uma comunidade e com a presença do herói nacional, que transcende o ídolo, apresentando características únicas e uma construção de renascimento perante as dificuldades apresentadas.

> Pode-se afirmar que o futebol, no Brasil, a partir da Copa de 1950, transformou-se de evento essencialmente social em evento midiático.

> Teria sido, assim, a Copa do Mundo um marco importante da midiatização eletrônica e massiva do futebol. Afinal, pela primeira vez um evento em terras brasileiras agendava a atenção nacional e internacional (BRUCK, 2012, p. 3).

Com isso, as emissoras de rádio já decretavam o Brasil como campeão na véspera da final, clamando os jogadores como heróis nacionais. Era a busca pelo primeiro título, e a derrota abriu uma ferida que jamais cicatrizou. O país sediava a Copa e o mundo estava com as atenções voltadas ao que acontecia por aqui. A seleção traria o sentido de pertencer a algo, de ser a identidade de uma nação.

Copa de 2014: os novos desafios do rádio na hipermídia e a crise na relação entre torcedor e seleção

Com o fim do século XX, o mundo sofreu diversas modificações como a globalização, a vitória do capitalismo como base da economia dos principais países e o advento da internet. Estas alterações trouxeram para o rádio a necessidade de se adequar a esse momento. Para Lopez, esse processo seria facilitado com o aumento na velocidade do fazer jornalístico e das ferramentas de apuração. Além disso, revisaria e reestruturaria o modo de trabalhar no rádio, com a hipermídia.

Com o advento da internet, o rádio enfrentou novos desafios para se colocar como meio de comunicação popular no país. No século XXI, a concorrência mudou e a produção de informação se descentralizou, abrindo caminho para novos mecanismos na internet como: web rádio, rádios comunitárias, mídias alternativas e *streamings* de músicas. Sendo assim, o rádio apresenta com o surgimento da internet uma atitude responsiva, que era discutida por Bakhtin (2003), em seus estudos discursivos de base enunciativa.

Por meio do grande evento (Copa 2014), sediado pelo Brasil, pode-se comparar com o Mundial de 50, já que apresentou diversas rádios comunitárias e webrádios, além da mídia hegemônica, estabelecendo uma maior democracia nas transmissões e nas narrativas apresentadas. O rádio hipermidiático ganhava o contexto do mundial de 2014 e trazia novas formas de se fazer jornalismo e de interação entre ouvinte e comunicador, com as redes sociais. A era em que o ouvinte não é mais passivo, mas sim interativo, participativo e extremamente opinativo.

> Desta forma, o ouvinte, que antes glorificava, idealizava e mitificava o comunicador, tem a oportunidade de passar a vê-lo de maneira mais próxima, já que se lhe permite o diálogo, a interação. Orkut, Facebook, Flickr, Twitter, entre outros, se estabelecem como ambientes de troca, em que o espaço de fala é permitido a ambos, aproximando-os, de certa maneira (LOPEZ, 2012, p. 115).

Por fim, Lopez define rádio hipermidiático como aquele que fala em diversas linguagens, distintos suportes, mas mantém o áudio como seu foco principal. Seguindo a ideia de multiplataforma, com uma nova estrutura de narrativa, ampliando o conteúdo por dispositivos móveis. Essa nova configuração apresenta como ferramenta central de transmissão de informações, mas se permite compor

uma narrativa própria por meio de novas ferramentas, modificando assim, a forma de narrar determinado conteúdo.

O áudio do *corpus* aqui analisado é de uma mídia hegemônica, a rádio Transamérica, com o narrador mais conceituado e popular do país: José Carlos Araújo. Com 'Garotinho', as transmissões esportivas ganhavam contornos de entretenimento com a participação do ouvinte como atuante, o equilíbrio das vozes, assim como uma linguagem mais popular e moderna. Os efeitos da derrota brasileira foram bem diferentes, e os modos de narrar também. Como se viu na seção anterior, a derrota para o Uruguai em 50 foi narrada de maneira emocionada, algo que foi simples de identificar pelo tom de voz do narrador e pela voz embargada.

Em 2014, o tom emocionado ganhou um teor sarcástico e irônico tanto do narrador como dos comentaristas. Enunciados como: "Está muito fácil, fácil demais" e "Um atrás do outro, uma chinelada... agora sim, é hora de chorar" podem produzir sentidos de ironia com a fraca atuação da seleção brasileira, apática, diante de uma Alemanha bem superior. Neste aspecto, pode-se identificar diferenças entre as duas narrações tanto no tom, quanto no contexto.

A mudança no vocabulário também é destaque na narração de 14, sobretudo dos comentaristas: Gérson e Gilson Ricardo. "Não adianta, estamos levando um chocolate. O maior mico em Copas do Mundo. Está 5 a 0." (Gilson Ricardo) e Gerson: " Oh Felipão... Desgraçado! " (Após o sétimo gol da Alemanha). Termos como chocolate e chinelada reforçam o descrédito com a seleção e a mudança na produção de sentidos da relação dela com a população brasileira. Um estilo de narrar mais conotativo, com metáforas, metonímias e hipérboles.

Com isso, sobre a dêixis espaço-temporal, era um Mineirão, já em formato arena, com o público mais distante do jogo e uma interdiscursividade com enunciados, que reforçam todos os problemas e mazelas sociais, que o país enfrenta perante aos milhões gastos e superfaturados nas obras e nas construções das arenas. Após o sarcasmo de narrador e comentaristas, as críticas ganharam o som do microfone e o teor político-social apareceu com força. Grandes nomes do jornalismo esportivo nacional tecendo críticas ao governo e corroborando o *ethos* discursivo de formadores de opinião.

Já em relação ao estatuto e *ethos* discursivo da seleção, a atual relação da população com o time é totalmente diferente da Copa de 50. Existe um afastamento evidente da pátria de chuteiras e da seleção canarinho, por diversos motivos como a lavagem de dinheiro recorrente na CBF, a falta de jogadores de clubes brasileiros nas convocações, a grande oferta de jogos do futebol internacional nas tvs por assinatura, falta de ídolos carismáticos e que demonstrem paixão pela seleção, entre outros fatores.

Com a globalização, o futebol europeu se consolidou no universo do torcedor brasileiro e mundial. Nas Tvs por assinatura, os principais campeonatos do Velho Continente são transmitidos ao vivo, com ligas mais organizadas e um futebol mais atraente. Além disso, pode-se perceber uma grande diferença também na relação do torcedor brasileiro com seus ídolos, de Zizinho, em 50, a Neymar, em 2014, aspectos contextuais, que contribuem para compreender tais mudanças apontadas neste artigo.

Neste sentido, o tema da narração (derrota em casa em uma Copa do Mundo) ganha novos contornos semânticos, totalmente diferentes de 50. Algo que também pôde ser notado nas ruas, e na preparação para a maior competição de futebol do mundo. Assim, as derrotas são verbalizadas de maneiras distintas, e não houve qualquer comoção com a grande goleada, que o Brasil sofreu perante os olhos de seu torcedor, o maior vexame da história da seleção.

Sobre a questão estrutural, percebe-se uma enorme diferença para o Mundial de 50. O Mineirão, palco da eliminação vexatória da seleção para a Alemanha, apresentava cabines de rádio para a mídia hegemônica e espaço para a mídias digitais e rádios hipermidiáticas. No Maracanã, estádio da final entre Alemanha x Argentina, as cabines também eram mais espaçosas que em 50. Contudo, mais distantes do gramado, algo comum nas novas Arenas do século XXI, construídas para a Copa de 2014 e Olimpíadas de 2016.

Conforme foi exposto acima, os modos de narrar foram se modificando ao longo do tempo e com o advento da internet, novas formas de se produzir rádio foram conquistando espaço na rede. Sendo assim, apesar da crise, o rádio está se reinventando e passou por transformações. Para Kischinhevsky, o rádio é hoje um meio de comunicação expandido. Dessa forma, um dos desafios foi se colocar na hipermídia, algo que aconteceu através das webrádios, streaming de músicas, podcasts e outros aplicativos com sonoras.

Além disso, os modos de narrar evidenciaram contextos diferentes em relação à seleção brasileira e a sua identificação como representação da nação em uma situação de Copa do Mundo. Um afastamento notório e preocupante, já que em outras épocas, o país parava e pintava as ruas durante o evento Copa do Mundo, algo pouco observado na configuração do futebol da atualidade. De maneira geral, é possível notar um torcedor mais ávido e empolgado com seus times do coração, com clubes globalizados (europeus) e competições como a Champions League do que com a própria seleção brasileira.

Por fim, esse artigo pode gerar novos estudos sobre rádio, um meio de comunicação pouco estudado na academia, devido ao surgimento da internet e as diversas possibilidades que esse novo aparato midiático oferece à população como um todo. Além de poder suscitar outros desdobramentos sobre um tema rico, necessário e apaixonante.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, *2003*

BRUCK, Mozahir Salomão. Copa de 50: e o futebol se torna um acontecimento midiático eletrônico. *Intercom*, Fortaleza, 2012

CAGIGAL, J. M. *Desporte, pedagogia y humanismo.* Madrid. 1966.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad Editora. 1964.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Editora Record. Rio de Janeiro, 1998.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.* São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Editora Da Universidade Federal Fluminense, 1998.

GUERRA, Márcio de Oliveira. Rádio x TV: O jogo da narração – A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GUTERMAN, Marcos. *O Futebol explica o Brasil.* São Paulo: Contexto, 2009.

HEIZER, Teixeira. *Maracanazo*: *Tragédias e Epopeias de um estádio com alma.* Mauad X. 2012

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.* Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto (Orgs.). *Esporte e mídia: novas perspectivas – a influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HELAL, Ronaldo. *Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. 2011.*

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Compartilhar, etiquetar: Interações no rádio social. *Comunicação, Midia e Consumo (Online)*, v. II, p. 143-162, 2014.

_____. Rádio social – Uma proposta de categorização das modalidades radiofônicas. In: DEL BIANCO, Nélia (org.). O Rádio Brasileiro na Era da Convergência, v. 5, p. 38-67. São Paulo: Intercom, 2012.

KISCHINHEVSKY, Marcelo & MADUREIRA, Paulo. Cartografando a narração esportiva radiofônica – Um panorama preliminar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 2014

LOPEZ, Débora. *Radiojornalismo Hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all News brasileiro em um contexto de convergência tecnológica*. LabCom Books, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Gênese do discurso. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

_____. *Novas tendências da análise do discurso;* Tradução FredaIndursky; revisão de textos originais da tradução: Solange Maria LeddaGallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, São Paulo: Pontes, 3ª Ed, 1997.

MOSTARO, Filipe. *Garrincha x Pelé – A influência da mídia na carreira de um jogador*. Juizforana, Juiz de Fora. 2012

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota – 16 de julho de 1950 – Brasil x Uruguai*, Editora L&PM, 2000 (2ª edição)

RANGEL, Patrícia. *O Rádio e as Copas do Mundo – De 1938 a 2010. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.* Fortaleza. 2012

SCHINNER, Carlos Fernando. *Manual dos Locutores Esportivos - Como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão*. Panda Books, 2004

14 | A imprensa esportiva e o voo modernizador: o caso do Jornal dos Sports e da revista Placar em um contexto de mudanças no futebol brasileiro (1990-1993)

Fellipe Castanheira Soares[1]
Robson Vieira Reinaldo de Almeida Vieira[2]

Construindo o contexto

Conforme aponta Richard Giulianotti, os aspectos do futebol se tornam significativos quando colocados em seu contexto histórico e cultural. Assim, o futebol não é dependente nem sequer isolado das influências do meio mais amplo, existe, na verdade, uma relativa autonomia na relação entre os dois (GIULIANOTTI, 2002, p.12). Desta maneira o esporte, assim como outros aspectos da sociedade, deve ser pensado dialeticamente, a partir de sua relação com o cenário mais amplo em que está inserido, levando em conta questões políticas, sociais, culturais e econômicas. Nesta perspectiva, para começarmos nosso trabalho, é importante compreender todo o contexto da época.

Quando o assunto é futebol no Brasil nas décadas dos anos 70 e 80, duas palavras são capazes de resumir a articulação entre Estado, federações e clubes: amadorismo e autoritarismo. O Conselho Nacional de Desportos (CND) atuava de maneira centralizadora e burocrática controlando as federações que atuavam junto dos clubes, impedindo manobras orçamentárias e estatutárias modernizantes. O futebol era usado constantemente nas prerrogativas de integração nacional da ditadura militar, como por exemplo, o campeonato brasileiro de 1979, com a absurda quantidade de 94 clubes, ou a preparação para a Copa do Mundo de 1966, onde a seleção brasileira dividiu-se em três diferentes certames e realizou amistosos por todo o país. Esforços futuros podem revelar como a ditadura usou o futebol em seu processo de interiorização, no entanto, por ora, nos interessa a compreensão de que o futebol estava atrelado à figura de um Estado autoritário, que possuía o CND como um de seus tentáculos.

De acordo com Sallum Jr. e Kugelmas (1991), a crise econômica dos anos 80, para além de seus índices (talvez aqui coubesse melhor outra palavra no lugar de índices), representou o questionamento a um modelo de gestão da economia através de um Estado desenvolvimentista. Juros galopantes, hiperinflação e a desvalorização da moeda faziam parte de uma conjuntura que colocava em xeque a capacidade de condução econômica por parte do Estado. Era, portanto, uma crise da percepção sobre o papel estatal na construção do desenvolvimento do país.

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UERJ (PPGH-UERJ). Email: fellipesec@yahoo.com.br

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UERJ (PPGH-UERJ).Email: robsonreinaldovieira2@gmail.com

Junto com a recessão econômica que dilacerou famílias, os clubes de futebol foram levados por essa correnteza e, muitos, obrigados a abrir mão de suas principais riquezas: o passe de seus melhores jogadores. Com a saída dos principais ídolos durante o início da década de 80, os estádios ficaram mais vazios e os poucos produtos licenciados dos clubes foram cada vez sendo menos consumidos (PRONI, 2000, p.150-151).

Nas análises de Helal e Gordon (2002), essa crise pode ser explicada a partir de quatro ordens distintas: I- do ponto de vista econômico, devido à recessão, campeonatos deficitários, arcaísmo dos clubes e sua gestão; II- da parte técnica, graças ao êxodo dos grandes ídolos e a carência de uma referência técnica tal como Pelé e Garrincha; III- do ponto da questão social, com a intensificação da violência nos estádios, sobretudo a partir da formação das torcidas jovens, e; IV- do ponto de vista político administrativo, a dualidade entre o amadorismo dos dirigentes e a demanda cada vez mais profissional exigida pela atividade futebolística.

Nesse contexto de crise do futebol brasileiro, dois eventos são marcantes. O primeiro, diz respeito ao campeonato nacional de 1987 (Copa União), realizado pelo Clube dos 13[3], em parceria com a Rede Globo, devido à declaração da própria Confederação Brasileira de Futebol (CBF) sobre a incapacidade em organizar o maior torneio do país por causa da crise financeira que assolava a instituição. Segundo Proni (2000, p.161), a Copa União representou um marco, pois "a partir daquele momento a gestão do futebol começaria a ser cada vez mais direcionada para a profissionalização e a modernização dos departamentos que dão apoio à atividade esportiva". O segundo momento que podemos destacar, foi a eliminação precoce da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1990, que aguçou ainda mais o sentimento de que o futebol brasileiro se encontrava ultrapassado, e necessitava se modernizar.

O início dos anos 90 representou um momento novo na história do país, com a emergência do ideário neoliberal a partir da eleição de Fernando Collor. Fazendo um balanço desse período, Tarcísio Costa (2000) aponta que esta década ficou marcada pela "sacralização do mercado", ignorando o papel da política e das instâncias de participação, tendo os preceitos mercadológicos da iniciativa privada como fio condutor da agenda econômica. Em outras palavras, é o momento em que a hegemonia do neoliberalismo começa a se consolidar, reconfigurando conceitos fundamentais da esfera pública. Nesse direcionamento, palavras como "eficiência", "empresa" e "profissionalização" ganharam destaque no cotidiano político brasileiro.

Assim, em um momento que o Estado reajustava suas funções, deixando de intervir na economia e de prover direitos sociais, seu papel no esporte também passaria a ser revisto, a partir da formulação de uma legislação que buscasse criar as condições necessárias para que o futebol brasileiro se desenvolvesse a partir da lógica do mercado. Desburocratizar e tornar o esporte mais lucrativo através da ação da iniciativa privada estavam elencadas como as duas principais propostas do governo Collor. Para encampar essa missão, Arthur Antunes Coimbra, o Zico, foi o escolhido para dirigir a Secretaria de Esportes.

3Associação dos treze clubes de maior torcida do país, fundada em 1987, com o intuito de conquistar maior autonomia em relação a CBF.

No campo esportivo, identificamos a gestão de Zico como a primeira tentativa de consolidar uma perspectiva de mercado no futebol brasileiro, a partir da ação da Secretaria de Esportes, que passou a confrontar a estabilidade do poder das federações, da CBF e dos tradicionais cartolas ligados a uma perspectiva amadora. Sofrendo boicote de clubes e federações desde o anúncio da construção do um projeto de lei para modernizar o futebol, Zico sinalizou à mídia na tentativa de construir tanto uma proposta quanto instaurar uma crise no campo futebolístico brasileiro.

Neste cenário, setores da imprensa esportiva entraram de vez na campanha para modernizar o futebol, se aproximando do projeto do governo, na tentativa de construir uma proposta em comum para o futebol brasileiro. Lançando mão da metodologia da análise do discurso formulada por Bakthin (apud BRANDÃO, 1991, p. 9), que compreende o campo discursivo como uma arena onde é possível perceber a manifestação de perspectivas e ideologias sobre determinado assunto, retratando formas de significar a realidade, nosso estudo examinará dois periódicos esportivos preocupados em construir uma ideia de modernização para o futebol nacional: a revista Placar e o Jornal dos Sports.

O *Jornal dos Sports* e o Ciclo de Debates João Saldanha

Nosso atual estudo sobre o Jornal dos Sports tem indicado a hipótese de que o periódico assume, a partir do início da década de 90, um esforço pela modernização do futebol brasileiro através de debates e reportagens estampadas em suas páginas. Neste espaço, optamos por falar de uma iniciativa pouco conhecida pela historiografia do esporte: o Ciclo de debates Jornalista João Saldanha. Promovido pelo Jornal dos Sports e pela Rede Manchete de Televisão, tendo o apoio financeiro e logístico da Varig, a importante iniciativa contou com nomes renomados do campo futebolístico brasileiro e objetivava condensar as mais diversas ideias em um documento a ser entregue para o então secretário de esportes, Zico.

A divulgação do Ciclo de Debates Jornalista João Saldanha (CDJJS) começou a ser realizada nas páginas do jornal no dia 30 de agosto, quinta-feira, chamando todos "os inconformados com a situação atual do futebol brasileiro" (Jornal dos Sports, 30/08/1990, p.3), principalmente após a precoce eliminação na Itália.

A peça publicitária veiculada nos dias 31/08, 01/09 e 02/09 aprofunda ainda mais as intenções e críticas desenvolvidas pela equipe do Jornal dos Sports. De início, cinco palavras dão o tom: "Violência. Defensivismo. Televisão. Teorização. Europeização". E, de fato, eram problemas ao futebol brasileiro. A violência estava crescente no futebol, acusada de ser a causa primária do esvaziamento dos estádios, principalmente, com o acirramento das tensões envolvendo torcidas organizadas (TO's) e a adesão de membros de facções criminosas ao cotidiano das mesmas. O defensivismo foi a forma que a imprensa especializada encontrou para conceitualizar a forma de jogo de Sebastião Lazaroni, pautada em um 3-5-2 rígido e com pouca infiltração ofensiva. A televisão, aqui mencionada como grupo social e não como aparelho eletrônico, principalmente após a Copa União de 1987, passou a ter uma relação cada vez mais intrínseca com o futebol, representando uma grande parcela orçamentária dos principais clubes do Brasil. Teorização representava o esforço

da imprensa esportiva em desenvolver canais de formação teórica que afetassem o futebol brasileiro. Por fim, europeização foi o processo, dentro do campo futebolístico, de buscar referenciais, tanto de ordem técnica quanto econômica, modernizantes nos principais países da Europa – talvez, a opção por Sebastião Lazaroni, um estudioso do futebol italiano, com um estilo defensivo e estética normativa, seja um dos principais exemplos desse fenômeno.

Se as derrotas traumáticas em 1982 e 1986 colocaram em questionamento o futebol-arte, uma forma tipicamente brasileira de jogar, e sedimentaram caminho para a europeização, a derrota ainda mais vexatória em 1990 faz explodir críticas ao "defensivismo" e traz à tona uma série de reflexões sobre o legado brasileiro e o futebol-arte. Por exemplo, "Onde foi parar a arte e malemolência do futebol mais alegre do mundo?", foi a sentença de abertura da peça publicitária nas edições mencionadas acima.

No dia 02 de setembro, Zico, presidente de honra do evento, concede uma entrevista (JORNAL DOS SPORTS, 02/09/1990, p.3) divulgando o encontro, ressaltando sua importância e deixando claro como será fundamental para a formulação de propostas que considerem o marketing e reformas na legislação esportiva. Nessa mesma entrevista, o periódico informa que as sugestões discutidas serão sintetizadas em um dossiê a ser encaminhado para a Secretaria de Esportes. No dia seguinte, primeira data do evento, um último chamado foi lançado, anunciando os temas e participantes de cada mesa (JORNAL DOS SPORTS, 03/09/1990, p.6), conforme exposto abaixo:

- 03/09/1990 - Manhã.Tema: Legislação desportiva – pacto ou imposição? Expositores: Márcio Braga e Zico
- 03/09/1990 - Tarde. Tema: Organização desportiva – mercado ou corporativismo. Expositor: Josef Berenznstejn
- 04/09/1990 - Manhã. Tema: Copa do Mundo de 1994 – mudança de nomes ou de ideias? Expositor: Telê Santana
- 04/09/1990 - Tarde. Tema: Identidade do Futebol Brasileiro – cultura ou treinamento? Expositor: Washington Rodrigues

Uma breve análise dos temas já consegue nos indicar as principais preocupações e visões do corpo editorial do Jornal dos Sports. Em primeiro lugar, a discussão sobre legislação desportiva traz uma visão sobre a necessidade de que as modernizações sejam feitas através do diálogo com os principais representantes dos clubes. O próprio título temático já é capaz de emanar a preocupação. Não à toa, o expositor do tema foi Márcio Braga, deputado federal e presidente do conselho deliberativo do Flamengo.

A segunda mesa do primeiro dia também trouxe uma discussão recorrente no campo futebolístico: o futebol deve ter interesses atrelados ao mercado ou ao corporativismo, no caso, ao amadorismo e aos interesses dos cartolas? Para falar nessa mesa, o vice-presidente geral e presidente de finanças do Flamengo, Josef Berensztejn. Sua fala apontou na necessidade de uma reforma jurídica no futebol brasileiro e a valorização de valores profissionais e de mercado (JORNAL DOS SPORTS, 04/09/1990, p.6).

Se no primeiro dia o foco foi majoritariamente na área econômica e jurídica, o segundo dia apresentou discussões importantes a nível cultural. Pela manhã, o tema girou em torno da necessidade de reaver ideias dominantes que levaram o Brasil a uma das piores participações em Copa de sua história recente. Ainda que Telê Santana não tenha comparecido, a sua escolha apontava a necessidade de um contraponto ao futebol defensivista implementado por Sebastião Lazaroni. Já no turno da tarde, o tema foi a identidade do futebol brasileiro e contou com a exposição de Washington Rodrigues.

Para continuar a detalhar nossa análise, a tabela (ANEXO I) contendo o nome e o principal ponto abordado na fala dos debatedores também nos ajuda.

Desse primeiro dia, algumas conclusões podem ser pensadas a respeito das propostas de modernização do futebol. A primeira delas é a percepção de que o futebol brasileiro precisa passar por uma profissionalização, entendida como elemento de modernidade e de mercado. Essa opção por uma orientação de mercado é colocada em oposição ao corporativismo das principais federações e da CBF, tidas como entrave para o desenvolvimento neoliberal do futebol. Dentro dessa perspectiva de mudança, pragmaticamente, a reformulação do sistema eleitoral das entidades esportivas, dando mais peso e autonomia aos clubes era algo costumeiramente mencionado. Dentro desse processo almejado de modernização, podemos perceber o lugar de destaque ocupado pelo marketing, muito fortalecido com o maior interesse da televisão no futebol. Assim, a partir de uma oposição entre profissionalização/mercado e corporativismo/atraso estava sendo construída pelo Jornal dos Sports a percepção de mudanças necessárias ao futebol e a tentativa de construir o consenso em torno da necessidade de reformulação, colocando frente a frente empresários e cartolas.

Se o debate do primeiro dia girou em torno de pressupostos ligados à estrutura administrativa e jurídica do futebol brasileiro, no dia seguinte (ANEXO II), o debate ocupou mais as linhas do campo. Talvez, os encaminhamentos desse primeiro momento de debates tenham contribuído para que Paulo Angioni e Eurico Miranda não tenham comparecido. Ou não. Talvez ambos jamais tivessem cogitado efetivamente. Jamais saberemos. No entanto, é muito representativa a ausência de dois dirigentes ligados ao Vasco e as articulações da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FFERJ). No debate da manhã, voltado para os técnicos, Telê Santana não compareceu e foi substituído por Valdir Espinosa, um dos técnicos mais recomendados para assumir a Seleção Brasileira por parte da imprensa esportiva. Em sua fala, fez uma crítica contundente aos dirigentes das federações e clubes. Dessa primeira conversa algumas questões foram observadas: a primeira delas é, mais uma vez, os ataques às estruturas de poder do futebol brasileiro. Tidas como atrasadas, teriam responsabilidade direta pelo pífio resultado. A segunda é a quase consensual crítica a Sebastião Lazaroni. E, a mais interessante, relacionada à anterior, trata-se da crítica à descaracterização do jeito brasileiro de jogar. A europeização encontrava um limite: as quatro linhas. Para Carlos Alberto Torres e Junior, era mais do que necessário assimilar o que vinha de fora de forma que não descaracterizasse a brasilidade. Interessante como elementos fundantes do pensamento social brasileiro se fazem presentes no futebol.

No debate da tarde, novamente surgiu a temática da identidade. E é um pouco óbvio surgir; a construção da identidade nacional brasileira e o futebol se confundem, ao menos, desde Vargas. Novamente, o europeu encontra os limites das quatro linhas. Era a "seriedade" deles que interessava, e apenas isso. E que essa seriedade seja apenas tática e não limite a irreverência e malandragem do brasileiro. Que a Itália seja um modelo para os clubes, mas não mais para o futebol. A manchete publicada sobre o encontro terminava com um convite para o seminário S.O.S futebol idealizado pela Federação Paulista de Futebol e pela Prefeitura de Piracicaba. O evento discutiria temas como "Legislação esportiva", "Seleção Brasileira" e "Marketing".

A revista *Placar* e os clubes da modernidade

A Placar é uma revista especializada na temática do futebol, publicada pela editora Abril desde 1970 até os dias atuais. Ao longo de sua existência, além da cobertura dos fatos e acontecimentos referentes ao que ocorre dentro de campo, a revista também se notabilizou por trazer ao público questões referentes à estrutura e à organização do futebol brasileiro, defendendo ideias e propondo mudanças. Durante a década de 1990, momento em que se intensifica o debate sobre a modernização do futebol nacional, não foi diferente, tendo o periódico relevante participação nas discussões sobre as transformações que estavam em curso.

No ano de 1993, em meio ao acalorado debate suscitado durante a aprovação da "Lei Zico", a revista Placar produziu uma edição especial no mês de junho, onde pretendia demonstrar um panorama do futebol mundial, buscando através de diversos exemplos, tanto do futebol brasileiro, como do exterior, consolidar algumas ideias do que seria a modernidade no futebol. A capa é extremamente categórica em sugerir que os modelos ali mencionados fazem parte do caminho a ser trilhado pelo futebol no futuro, ou melhor, como o título exposto diz, do "Futebol do ano 2000". Nas palavras da revista:

> Profetas e escritores de ficção transformaram o ano 2000 em uma espécie de baliza que marca o futuro do homem. Não o futuro banal, estabelecido por dias, meses ou anos, mas o Futuro - o tempo das grandes mudanças, de uma nova visão sobre as coisas. Este número de PLACAR busca justamente tratar deste segundo futuro, procurando vislumbrar as modificações que deverão ocorrer no futebol quando o calendário marcar, afinal, o início do terceiro milênio (PLACAR, 1993, p.3).

Antes de adentrar na parte relacionada ao futebol brasileiro, que é o foco de nossa análise, é importante mencionar que além do caso nacional, a Placar traz em suas páginas reportagens que tratam das transformações empreendidas no futebol pelo mundo. Destaca-se o caso exemplar do Milan da Itália, apontado como "modelo de clube vitorioso", através de seu sucesso esportivo e administrativo. O elogio a gestão que o empresário italiano Silvio Berlusconi realizava no clube é um emblema do discurso modernizante da época:

> Um laboratório onde se prepara a evolução do futebol mundial [...]. A definição do que o Milan representa hoje foi formulada por seu próprio

> presidente, Silvio Berlusconi. Ele é o mesmo homem que, em fevereiro de 1986, pagou 3,75 milhões de dólares por 51% das ações do clube à beira da falência e o transformou, em seguida, em um exemplo de administração.[...] é inegável que a chegada do empresário veio lhe dar estrutura suficiente para nunca mais cair em perigosas armadilhas a que qualquer clube administrado de forma amadora sempre estará sujeito (PLACAR, 1993, p.38).

E como o futebol brasileiro era situado neste processo? Já em seu índice, a revista chamava atenção para a matéria relacionada ao Brasil, que apontaria os "primeiros passos" dados por alguns clubes, mais precisamente, "os caminhos pioneiros que Palmeiras, São Paulo e Fluminense escolheram para a modernidade". Estas agremiações são apresentadas logo no início da reportagem como "clubes da modernidade", onde a "competência entra em campo" (PLACAR, 1993, p.44), um exemplo significativo para compreendermos o ideal neoliberal presente no discurso da modernização que estava em voga, onde não era raro encontrar palavras oriundas do vocabulário empresarial, como é o caso de "competência", que aqui não se vinculava aos critérios esportivos, mas sim administrativos e mercadológicos.

O texto de apresentação da matéria sobre o futebol brasileiro inicia com uma referência a aprovação da Lei Zico, que, embora modificada por força da atuação dos cartolas no Congresso Nacional, havia, ainda sim, aberto a possibilidade para que os clubes brasileiros introduzissem um modelo de gestão profissional e rentável, através da opção de se transformarem em empresas, de forma semelhante aos clubes italianos. A partir de uma retórica maniqueísta, a revista afirmava que a nova legislação iria representar um desafio para o futebol nacional, opondo diferentes setores no processo de modernização:

> A iminente aprovação do Projeto Zico (embora bastante modificado) deixou os clubes brasileiros em uma encruzilhada. De um lado, há os que insistem em se manter fiéis aos tempos românticos e afundam-se em dívidas diariamente. De outro, um grupo mais próspero, que busca soluções rentáveis e sonha encontrar os melhores caminhos para introduzir o futebol brasileiro na era do profissionalismo total (PLACAR,1993, p.45).

Assim, a Placar buscava influenciar no debate nacional em torno da modernização do futebol brasileiro, apresentando três exemplos de times que "já tentam ingressar na era da competência": Palmeiras, São Paulo e Fluminense. Cada qual com sua receita, buscavam, segundo a revista, "se tornarem potências futebolísticas, ensinando aos rivais que existem possibilidades de entrar no terceiro milênio com uma estrutura digna do Primeiro Mundo" (PLACAR, 1993, p.45).

O primeiro caso exposto é o do Palmeiras, que através da parceria firmada com a empresa de laticínios italiana Parmalat, criava um "novo rumo para o futebol" (PLACAR, 1993, p.46), nas palavras da revista. A cogestão entre o clube paulista e a empresa é extremamente elogiada nas páginas da Placar, mesmo com pouco mais de um ano de existência e ainda não tendo apresentado os sucessos esportivos que viria a ter na década. As vantagens apontadas são inúmeras, como por exemplo, o fato do Palmeiras montar um elenco milionário gastando pouquíssimo, pois o investimento nas contratações dos atletas era majoritariamente feito pela empresa.

Mas não sem razão, é claro, pois o periódico destaca o objetivo da Parmalat em lucrar com a parceria, devido à exposição dos jogadores na televisão, aumentando seus valores de venda, e da publicidade através da marca da multinacional estampada no uniforme do clube. Este aspecto reforça uma característica dessa modernização do futebol nos anos 90, apontada por Proni (2000), onde a lógica do mercado afetava a própria finalidade dos clubes, pois estes passavam a ser também "ativos financeiros" de investidores, que injetavam dinheiro à espera de um retorno lucrativo.

O segundo exemplo de clube moderno apresentado pela Placar é o do São Paulo, que seria o "grande exemplo de eficiência". A revista afirma que:

> [...] transformar o futebol brasileiro em um bom negócio é mais fácil do que a maioria dos dirigentes imagina. Há mais de dez anos, o São Paulo é um modelo de eficiência, que gera dinheiro, vitórias constantes e muitas alegrias para a torcida.[...]e apesar de sua administração ainda ser amadora, aproxima-se do padrão profissional dos clubes europeus (PLACAR, 1993,p.48).

O elogio a gestão do tricolor paulista era, em grande parte, devido ao padrão de administração introduzido no clube, que buscava superar o amadorismo na forma de conduzir o futebol, se espelhando no modelo europeu de gestão. Desta forma, dividiam-se responsabilidades entre vários diretores, que de forma profissional, cuidavam de áreas específicas consideradas estratégicas para a modernização e o sucesso do clube. Entre essas áreas destacavam-se o Departamento de Marketing, responsável por criar dezenas de lojas autorizadas a vender produtos licenciados do clube, ampliando as receitas, e também o setor fisiológico, que investia pesado na preparação física dos atletas.

Por fim, o último clube apresentado pela Placar é o Fluminense. A proposta da transformação do Departamento de Futebol do tricolor carioca em uma Sociedade Anônima (S.A), levada a cabo pela nova diretoria que acabara de assumir a instituição, era representada como o caminho para a superação dos problemas financeiros que o clube vivia.

> Preocupado com os sete anos de jejum e com as dificuldades financeiras que acompanham o clube há mais de cinco anos, o recém-empossado presidente tornou-se porta-voz de uma revolução no tricolor. Sem perder tempo, convocou o Conselho Deliberativo para modificar os estatutos, viabilizando a transformação do Departamento de Futebol em uma Sociedade Anônima (PLACAR, 1993, p.51).

A principal inspiração vinha do modelo de clube-empresa do futebol japonês, após uma excursão ao país em que os dirigentes conheceram a estrutura do Kashima Antlers, a equipe de Zico. No entanto, para transformar o futebol do clube em um S.A, ainda dependia da sanção a Lei Zico e da aprovação interna no conselho do clube. Porém, a primeira medida concreta da nova diretoria apresentada era o investimento nas categorias de base com a construção do CT de Xerém, que segundo a Placar seria de onde o clube conseguiria a "matéria-prima para a nova empresa", deixando clara a visão mercadológica, como se os futuros atletas fossem *commodities* no mercado futebolístico. Assim, segue a revista, "a tendência seria a valorização das ações na bolsa, muito dinheiro nos cofres e, consequentemente, a

volta dos títulos" (PLACAR, 1993, p.51). Este talvez seja o caso mais emblemático da naturalização positiva da modernização em curso que é feita pelo periódico. Pois a transformação do clube em empresa, que ainda não passava de um projeto, é explicitamente apresentada como benéfica e solucionadora dos problemas.

Considerações finais

Segundo Luiz Carlos Ribeiro, o conceito de modernidade precisa ser problematizado no campo futebolístico. O autor afirma que não foram poucas vezes ao longo da história do futebol brasileiro, que expressões como modernização e seus derivados apareceram como sinônimo de progresso ou melhorias para o esporte, sem efetivamente maiores discussões sobre os possíveis impactos a serem gerados no cotidiano da modalidade. Uma naturalização positiva, em que o termo modernizar foi sempre tomado como uma essência, com valor em si mesmo e que dispensaria explicações, apresentando-se como um devir inexorável, apagando tensões e sendo posto como a receita para superação da crise (RIBEIRO, 2016, p.11-13).

Neste sentido, concluímos que ambos os periódicos estudados construíram de forma similar a ideia de modernização para o futebol brasileiro, tendo na aproximação com o mercado, a solução para a crise. Assim, uma nova legislação que superasse o atraso estrutural do esporte e impusesse uma gestão empresarial era vista como necessária. Temas como clube-empresa, marketing e parcerias comerciais são encontrados recorrentemente como receitas para o sucesso de um clube que deseja ser "moderno", tendo sempre como modelo de inspiração, o futebol europeu. No entanto, o discurso modernizante não fazia referência aos possíveis problemas e tensões derivados das mudanças propostas. Não mencionava, por exemplo, como os clubes brasileiros poderiam ficar dependentes de empresas e investidores, e de que forma isso poderia impactar na participação política dos associados. Também ignoravam o fato de que, com a modernização pela lógica do mercado, tenderia a aumentar ainda mais as diferenças entre os principais clubes do eixo sul-sudeste em relação aos do restante do país. Além disso, a exportação de jogadores era vista apenas por um viés positivo, de aumento de receitas, e não se questionava a perda de nossos craques. Por fim, o papel dos torcedores em todo esse processo é bastante minimizado, reduzido a uma participação passiva, seguindo as receitas modernizantes postas pelos especialistas.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Helena Brandão. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1991

COSTA, Tarcísio. *Os anos 90: o ocaso do político e a sacralização do mercado*. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000). São Paulo: Edit. SENAC, 2000.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HELAL, Ronaldo & GORDON, Cesar. *A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI*. Revista Eco-Pós. v.5, nº1, 2002, p.37-55. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1155/1096 . Acessado em 24/05/2019.

PRONI, Marcelo. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 2000.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *A modernidade do futebol na História*. Vozes, Pretérito&Devir, Dossiê Temático: História dos Esportes, Revista de História da UESPI, ano IV, vol.5, Nº1, 2016, p. 10-30. Disponível em: http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/90/103. Acessado em 24/05/2019.

SALLUM JR., Brasilio & KUGELMAS, Eduardo. *O Leviathan declinante: a crise brasileira dos anos 80*. Estudos Avançados, vol.5, nº13, 1991, p.145-159. Disponível em:http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n13/v5n13a09.pdf. Acessado em 24/05/2019.

Periódicos

JORNAL DOS SPORTS, nº 19140. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1990.

JORNAL DOS SPORTS, nº 19141. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1990.

JORNAL DOS SPORTS, nº 19142. Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1990.

JORNAL DOS SPORTS, nº 19143. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1990.

JORNAL DOS SPORTS, nº 19144. Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1990.

JORNAL DOS SPORTS, nº 19145. Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1990.

JORNAL DOS SPORTS, nº 19146. Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1990.

PLACAR. nº 1084. São Paulo: Editora Abril, junho, 1993.

ANEXOS

ANEXO I

Dia 03/09/1990

Tema	Expositores e debatedores	Ponto principal
Legislação desportiva – pacto ou imposição?	André Richer – presidente do COB e membro do CND.	Necessidade de modernizar a política esportiva.
Legislação desportiva – pacto ou imposição?	Juca Kfouri – editor da Revista Placar.	Defende reformas na legislação esportiva, dando mais autonomia aos clubes frente ao conservadorismo das federações.
Legislação desportiva – pacto ou imposição?	Armando Marques – ex-árbitro e comentarista de TV.	Necessidade de disciplina e punições rígidas antes de falar em reformas.
Legislação desportiva – pacto ou imposição?	Antonio Pithon – ex-presidente da Federação Baiana e membro do CND.	Profissionalismo como símbolo da modernidade, em oposição aos “cartolas” que usam do clube para benefício próprio.
Legislação desportiva – pacto ou imposição?	Francisco Horta – vice-presidente de futebol do Flamengo.	Eleições para CBF com participação dos clubes e não apenas das federações e reformulação no peso dos votos para clubes da Séries A e B.
Legislação desportiva – pacto ou imposição?	Alberto Léo – Editor de esportes da TV Manchete.	Necessidade de combater o êxodo de jogadores do país.
Legislação desportiva – pacto ou imposição?	Márcio Braga – Presidente do conselho do Flamengo.	Necessidade de romper com as práticas conservadoras que permanecem na direção das entidades esportivas.
Legislação desportiva – pacto ou imposição?	Zico – Secretário de Esportes de Collor.	Ausência de colaboração da CBF com as reformas da secretaria. Apontou o marketing como caminho a ser percorrido pelos clubes.
Legislação desportiva – pacto ou imposição?	João Henrique Areias – ex- diretor de marketing do Clube dos 13 e do Flamengo.	Necessidade de profissionalizar os clubes, os fazendo seguir um modelo europeu de sociedade anônima.
Legislação desportiva – pacto ou imposição?	Sergio Velloso – Diretor executivo do Jornal dos Sports.	Necessidade de reformulação da eleição para a CBF.
Organização desportiva - mercado ou corporativismo?	Kleber Leite – Jornalista e empresário de marketing esportivo.	Importância do televisionamento para os jogos. Emissoras de TV como aliada dos clubes.
Organização desportiva - mercado ou corporativismo?	João Henrique Areias – ex- diretor de marketing do Clube dos 13 e do Flamengo.	Necessidade de um marketing sério, que entenda o clube como um produto capaz de atrair o torcedor, como faz uma agência de publicidade.
Organização desportiva - mercado ou corporativismo?	Antonio Pithon - ex-presidente da Federação Baiana e membro do CND.	TV não tira público dos estádios. Necessidade de um marketing sério.
Organização desportiva - mercado ou corporativismo?	Celso Grellet – executivo de marketing do São Paulo.	Apresenta o modelo italiano de clube-empresa como ideal. Ressalta que o futebol é um produto mal explorado, pois o marketing não é aplicado corretamente.
Organização desportiva - mercado ou corporativismo?	Josef Brensztejn – Presidente de finanças do Flamengo.	Ressaltou que o futebol precisa passar por um processo de profissionalização nos departamentos internos dos clubes e propõe voto qualitativo com os clubes elegendo Federações e Confederações.

(JORNAL DOS SPORTS, 04/09/1990, p.6)

ANEXO II

Dia 04/09/1990

Tema	Expositores e debatedores	Ponto principal
Copa do Mundo de 1994. Mudança de nome ou de ideias?	Carlos Alberto Torres – treinador.	Aponta a necessidade do Brasil recuperar sua identidade, sem copiar ideias que vem de fora, mas sim assimilando sem descaracterizar o futebol brasileiro. Aponta para os erros cometidos por Lazaroni.
Copa do Mundo de 1994. Mudança de nome ou de ideias?	Valdir Espinoza – treinador.	O interesse pessoal dos dirigentes impede a desenvolvimento do futebol brasileiro. Propõe que a CBF organize debates e seminários junto a jornalistas e jogadores para pensar melhorias para o esporte.
Copa do Mundo de 1994. Mudança de nome ou de ideias?	Júnior – meio campo do Flamengo.	Apontou que o Brasil vive nos louros de 1970, mas que isso precisa mudar. Fez crítica a forma de jogar da seleção de 90, comparando com as de 82 e 86.
Copa do Mundo de 1994. Mudança de nome ou de ideias?	Oldemário Touguinho – presidente da Associação de Cronistas Esportivos do RJ.	Aponta que a maior parte dos problemas do futebol brasileiro passa pela incompetência dos dirigentes dos clubes.
Copa do Mundo de 1994. Mudança de nome ou de ideias?	Pavão – vice-presidente da Associação Brasileira de Treinadores.	Apontou o não reconhecimento da CBF a categoria.
Copa do Mundo de 1994. Mudança de nome ou de ideias?	Valter Miraglia - presidente Associação de Treinadores de futebol do RJ.	Apontou o não reconhecimento da CBF a categoria.
Identidade do futebol brasileiro. Cultura ou treinamento?	Márcio Guedes – comentarista da TV Manchete.	Relaciona a situação do futebol brasileiro com o contexto geral do país, apontando três fatores para o esvaziamento dos estádios: político-esportivo, tático e social. Levantou a falta de amor à camisa como um problema.
Identidade do futebol brasileiro. Cultura ou treinamento?	Ernesto Paulo – Treinador da Seleção Brasileira de Juniores.	Defende a utilização de esquemas táticos modernos, mas preservando a característica natural de nossos jogadores em seu processo de formação, como a irreverência dos brasileiros, tomando cuidado para que não fiquem robotizados.
Identidade do futebol brasileiro. Cultura ou treinamento?	Sérgio Cabral – vereador e jornalista.	Culpa a ocupação desordenada das grandes cidades e a extinção dos campos de pelada pela perda da identidade do futebol brasileiro, principalmente no subúrbio.
Identidade do futebol brasileiro. Cultura ou treinamento?	Washington Rodrigues, Apolinho – Jornalista e colunista do Jornal dos Sports.	Um dos principais problemas do futebol está na formação do jogador. Do futebol europeu só devemos importar a seriedade. Crítica a escolha de Falcão para treinador da seleção brasileira.
Identidade do futebol brasileiro. Cultura ou treinamento?	Antônio Lopes – treinador de futebol.	Clubes brasileiros deveriam ser dirigidos como empresas. Afastamento de dirigentes que trabalham por paixão ou por interesses próprios. Tem no Norte de seu argumento a experiência italiana.

(JORNAL DOS SPORTS, 05/09/1990, p.6)

15 | O futebol nos festejos do centenário da independência do Brasil e do IV centenário de Bogotá, Colômbia: uma análise a partir da imprensa

Eduardo de Souza Gomes[1]

Introdução

Este trabalho busca analisar, comparativamente, a presença do futebol na agenda esportiva de dois eventos: os Jogos do Centenário de 1922 no Rio de Janeiro (onde, o futebol, ocorreu de forma específica no VI Sul-Americano de seleções), realizado no âmbito dos festejos do centenário da independência do Brasil; e os Jogos Bolivarianos de 1938, consolidados no cenário de comemorações do IV centenário de Bogotá. Pretende-se, tendo como base o arcabouço teórico e metodológico da História Comparada, analisar como foram pensados esses eventos em ambos os países, tal como problematizar os relatos da imprensa acerca dos eventos de futebol realizados no Rio de Janeiro e em Bogotá.

A História Comparada, aqui entendida como uma modalidade de se fazer histórica que, nos permite cruzar e entender um objeto com o referencial do outro. Mesmo ainda sendo um campo historiográfico marcado por disputas no cenário acadêmico internacional, este trabalho possui como base uma definição clara acerca desse campo metodológico que, como infere José D'Assunção Barros, é entendido como

> [...] uma modalidade historiográfica fortemente marcada pela complexidade, já que se refere tanto a um "modo específico de observar a história" como à escolha de um "campo de observação" específico – mais propriamente falando, o já mencionado "duplo campo de observação", ou mesmo um "múltiplo campo de observação". Situa-se, portanto, entre aqueles campos históricos que são definidos por uma "abordagem" específica – por um modo próprio de fazer a história, de observar os fatos ou de analisar as fontes. Resumindo em duas indagações que a tornam possível, a História Comparada pergunta simultaneamente: "O que observar?" e "Como observar?" E dá respostas efetivamente originais a estas duas indagações (BARROS, 2014, p. 15).

Como fontes, nesta pesquisa, são analisados alguns jornais, oriundos das cidades do Rio de Janeiro e de Bogotá nos contextos aqui estudados, que destacaram a presença do futebol nos eventos problematizados.

No caso do objeto acerca do Brasil, para este artigo, são analisados dois periódicos de forma mais específica: *Correio da Manhã* e *O Imparcial*. *O Imparcial*, periódico que rodou entre as décadas de 1910 e 1920 e que tinha como seu dono o deputado federal fluminense José Eduardo de Macedo Soares, esteve em muitos

1 Doutorando e mestre em História Comparada pela UFRJ, com bolsa Capes; Graduado em História pela UERJ, com período sanduíche na Universidad de Antioquia, Medellín – Colômbia; Pesquisador do Laboratório de História do Esporte e do Lazer (Sport/UFRJ); Contato: eduardogomes.historia@gmail.com

momentos ligado ao movimento da Reação Republicana[2] (DRUMOND, 2012, p. 27), o que influenciou diretamente no posicionamento editorial desse veículo. Já o *Correio da Manhã*, periódico que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1901 e 1974, foi escolhido pelo engajamento marcante na maior parte de seus jornalistas e cronistas, baseados no olhar oposicionista ao governo do período, tendo possuído ligações diretas com políticos contrários ao sistema dominante na Primeira República. Com publicações diárias, o referido jornal ficou marcado por seus posicionamentos políticos diversos e por realizar críticas e oposição a quase todos os presidentes do Brasil no período de sua existência.

Acerca dos Jogos Bolivarianos na Colômbia, foram aqui analisados três jornais da cidade de Bogotá, onde em todos se fez possível identificar a presença da temática dos jogos. São esses: *El Tiempo*, *El Nuevo Siglo* e *El Espectador*. Originários da capital Bogotá, todos tiveram uma grande circulação em nível nacional durante o período estudado, sendo assim importantes veículos para pensarmos o objeto aqui proposto. Com um recorte temporal inserido no governo de um presidente do Partido Liberal,[3] Alfonso Lopez Pumarejo, foram então escolhidos dois jornais que assumidamente possuíam uma linha liberal, que são o *El Tiempo* e o *El Espectador*, tal como um periódico assumidamente conservador, que é o *El Nuevo Siglo*, de forma que se fez possível problematizar as visões (distintas ou não) apresentadas sobre o futebol.

Como destaca Tania de Luca (2008), o uso de periódicos como fontes históricas é parte de um avanço da historiografia das últimas décadas, tendo essa modalidade de análise enriquecido o campo como um todo. Infere a autora, ao destacar a utilização de diferentes tipos de jornais como fontes de pesquisa para importantes intelectuais brasileiros na história, que os periódicos nos permitem "[...] obter dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços) ou demográfica, seja para analisar múltiplos aspectos da vida social e política, sempre com resultados originais e postura muito distante da tão temida ingenuidade" (LUCA, 2008, p. 117).

Tal ingenuidade, ainda de acordo com a autora, se caracteriza pela falta de um olhar crítico ao analisar os periódicos escolhidos para a pesquisa histórica. A autora afirma ser de fundamental importância que o historiador tenha em vista que:

> [...] o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas. [...] Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. [...] Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí

2 Mais informações acerca da "Reação Republicana", ver DRUMOND, 2012; e GOMES, 2017.

3 Nesse período, as disputas políticas na Colômbia eram, em grande parte, divididas pela rivalidade e tensões pelo poder ocasionadas pelo Partido Liberal e o Partido Conservador.

> incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas dos impressos (LUCA, 2008, p. 139-140).

Levando em conta os cuidados apontados acima, na sequência do artigo serão aqui analisados os dois eventos em questão, entendendo como as imprensas elegidas de Rio de Janeiro e Bogotá, destacaram, por distintas vias, a presença do futebol em eventos maiores na agenda nacionalista e diplomática de Brasil e Colômbia.

O futebol nos Jogos do Centenário (1922) e nos Jogos Bolivarianos (1938)

O VI Sul-Americano de seleções foi a competição de futebol inserida na agenda esportiva dos Jogos do Centenário de 1922. Atuando em casa, o Brasil acabou se tornando campeão, tendo os jogos e as fases do evento proporcionados diversos olhares na mídia aqui analisada. Porém, a campanha realizada foi marcada por altos e baixos, tendo o selecionado empatado os três primeiros jogos (1x1 com o Chile; 1x1 Paraguai; e 0x0 Uruguai) e ganho os dois últimos (2x0 Argentina e 3x0 Paraguai, sendo esse último um jogo desempate).

Já nos Jogos Bolivarianos de 1938, o futebol foi utilizado de diferentes maneiras pelos organizadores que idealizavam construir, pelo esporte, uma nova ideia de nação acerca da Colômbia. Com um campo ainda muito mais incipiente nesse esporte, se compararmos com o caso do Brasil em 1922, a participação colombiana no torneio de futebol em 1938 se propiciou mais como um espaço de representações na mídia, do que exatamente de esperança pela conquista do certame pelo selecionado nacional.

Iniciando a análise pelo caso brasileiro, é possível destacar que já na primeira partida, podemos perceber que o olhar da imprensa não era o mais positivo acerca das atuações que o selecionado viria a ter na competição. O empate contra o Chile foi destacado como um frustração,[4] considerando que o selecionado chileno não havia alcançado, em competições anteriores, mais do que "evitar o último lugar da tabela".[5] *O Imparcial,*[6] explicitou esse empate em suas páginas como um resultado que descaracterizava a nação, não expressando assim a cultura nacional brasileira.[7]

A análise da imprensa acerca do segundo jogo do Brasil manteve um olhar pessimista sobre a seleção nacional. Um novo empate, dessa vez por 1x1 com o Paraguai, foi entendido como um resultado que descaracterizava o que de fato seria o futebol e a cultura brasileira. Esse olhar de decepção, tendo em vista o número grande de críticas, era repercutido pelos próprios atletas. Uma entrevista com Friedenreich, então grande nome da equipe, criticava a posição e organização da CBD, em especial para com os atletas paulistas, no que se diz respeito à falta de incentivos para esses. Nas palavras do atleta, publicadas em entrevista ao *O Imparcial*:

4 *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1922.

5 *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1922.

6 *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1922.

7 *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1922, p. 5.

> Não é possível. Cada um de nós tem suas preocupações e as suas famílias em São Paulo. A nossa estadia aqui, durante tanto tempo, afastados dos nossos afazeres e dos nossos lares, representa sacrifícios que muita gente não ignora. Ora, se nós estamos nos esforçando, fazendo, mesmo, alguns de nós, verdadeiros sacrifícios, é claro que tenho o direito, quando mais não seja de merecer, de parte das autoridades esportivas, pelo menos algo que nos compense tantos aborrecimentos.[8]

No terceiro jogo do Brasil, novo empate: 0x0 com o Uruguai. Nessa altura do campeonato, a seleção brasileira somava três pontos em três jogos. Nesse jogo, no entanto, se fez possível perceber um tom diferente por parte dos discursos adotados pelos jornais aqui analisados. Entendido como uma das potências do futebol sul-americano, os jornais enxergaram o empate com os uruguaios de forma positiva. Nas páginas de *O Imparcial*, podemos perceber o entusiasmo destacado com o empate brasileiro frente ao Uruguai, bem diferente dos jogos anteriores:

> A tarde de ontem, no estádio da rua Guanabara, foi, sob todos os aspectos por que se a queira encarar, admirável e empolgante. [...] o jogo desenvolvido em campo pelas duas esquadras que [...] buscavam o gol da vitória, foi o mais lindo e o mais cavalheiresco que se pode imaginar. Não houve um senão se quer a empanar-lhe o brilho, desde a honesta e imparcial atuação do juiz, até a excelente técnica e apreciável lealdade de conduta demonstradas pelos valorosos *players* que melhor se empenharam.

> Enfim, de todos os encontros até hoje realizados em disputa do 5ª Campeonato Sul-Americano de Football, manda a verdade que se diga, sem ambages, que esse foi o único em que as regras da "Association" foram escrupulosamente observadas, rigorosamente cumpridas[9].

Todavia, mesmo com o otimismo da partida, após mais um empate, a situação da seleção brasileira na competição ficou preocupante. Isso porque no jogo que se seguiu a própria seleção uruguaia venceu a rival Argentina por 1x0 e alcançou cinco pontos em três jogos. Com uma vitória simples frente ao Paraguai, os uruguaios garantiriam o título sul-americano.

O Brasil, para continuar vivo no certame, necessitava de uma improvável combinação de resultados que, para espanto de todos, veio a ocorrer: o Paraguai venceu o Uruguai por 1x0; o Brasil fez 2x0 na Argentina; e por último os argentinos ganharam também por 2x0 do Paraguai. Todavia, uma forte confusão no jogo entre Paraguai x Uruguai marcou a retirada desses últimos da competição e teria, de acordo com a imprensa, abalado naquele momento as relações diplomáticas entre uruguaios e brasileiros.

A imprensa retratou a existência de possíveis erros de arbitragem durante o Sul-Americano de 1922. Um juiz chileno, por exemplo, que fora chamado *Ladrón de Guevara* pelos jornalistas de *O Imparcial*, desistiu de apitar partidas da competição, provavelmente após ser acusado de erros[10]. No caso da partida entre paraguaios e

---

8 *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1922, p. 3.

9 *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 02de outubro de 1922, p.1.

10 *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1922.

uruguaios, esses últimos alegaram terem sido prejudicados pela arbitragem do juiz brasileiro Carlos Santos[11], que teria supostamente beneficiado os paraguaios para que assim o Brasil continuasse com chances de ser campeão sul-americano. Nas páginas do *Correio da Manhã*, podemos perceber como o erro foi visto por parte da imprensa:

> O Sr. Carlos Santos errou e com seus erros alterou o *score* da partida. Não queremos entrar em análise das suas intenções, por isso que, não temos o direito de discuti-las. Sempre respeitamos a honestidade dos países estrangeiros, e não há de ser, desta vez, que vamos pôr em dúvida a de um juiz brasileiro.
>
> [...] os uruguaios que tantas provas de correção tem dado em campo e fora dele, não deviam jamais ter pretendido abandonar o campo, mesmo que tivessem razão.[12]

Confirmados os erros acima, o fato é que a delegação uruguaia se sentiu prejudicada a tal ponto que abdicou do direito de continuar disputando o Sul-Americano, fato esse que foi extremamente criticado pelos jornais, entendendo essa como uma ação "interpestiva e indelicada [...] retirando-se de uma competição entre amigos de uma forma tão violenta".[13]

Após vencer o Uruguai, restava ao Paraguai uma vitória contra a já eliminada Argentina, para assim se sagrar campeão do torneio. Todavia, em mais um jogo marcado por dúvidas e acusações de erros de arbitragem, os argentinos venceram por 2x0. Por entenderem que o primeiro gol argentino teria sido marcado em posição de impedimento,[14] tal como não concordarem com a marcação de um pênalti pelo árbitro brasileiro Henrique Vidgnal, que resultou no segundo gol portenho,[15] os atletas paraguaios se retiraram do campo. Esse ato culminou na oficialização da vitória argentina. Nesse momento, ampliou-se a confusão se ampliou, tendo a delegação paraguaia optado por abandonar o torneio, tal como havia feito anteriormente os uruguaios.

Após algumas negociações, e tendo em vista que o Brasil e o Paraguai estavam empatados na tabela com cinco pontos, foi definido um jogo extra entre esses selecionados para que o vencedor fosse consagrado campeão sul-americano de 1922 (o Uruguai, também com cinco pontos, havia abandonado a competição, como já explicitado).

No jogo desempate, o Brasil se sagrou campeão ao derrotar os paraguaios por 3x0, com gols de Neco e Formiga (duas vezes). O *Correio da Manhã* escreveu em suas páginas uma celebração da conquista, elogiando a posição dos atletas brasileiros e criticando a dos outros selecionados que insistiram em reclamar dos erros de arbitragem, tendo o periódico recordado que o Brasil teria sido supostamente prejudicado em outras ocasiões, mas que nem por isso perdeu o "espírito esportivo".[16]

---

11 *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1922.

12 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1922, p. 5.

13 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1922.

14 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1922.

15 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1922.

16 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1922.

A vitória do Brasil serviu não só para festejar uma conquista no âmbito desportivo, como também para estimular discursos diplomáticos acerca do modelo de nação que buscavam implantar naquele cenário. Ainda distante das ideias de "América Latina (BETHELL, 2009), pensar diplomaticamente como essa conquista referendou discursos que explicitassem o padrão nacional para seus vizinhos, foi algo não ignorado pela imprensa que tratou o esporte no período. Mas, será que no caso colombiano em 1938 se deu da mesma maneira?

No caso da Colômbia, historicamente, o país só formou um selecionado nacional de futebol no início de 1938. Sua primeira partida ocorreu em fevereiro desse ano, no âmbito dos Jogos Centro-Americanos e do Caribe, onde foram derrotados pelo México.

A presença do futebol nos assuntos da imprensa esportiva colombiana sobre os Jogos Bolivarianos, antes, durante e imediatamente após o evento, explicitam como o olhar perante essa modalidade ainda, nesse contexto, não se diferenciava muito daquele destinado as outras modalidades no país. Todavia, mesmo não sendo colocado no mesmo patamar de importância que tem hoje, é notório como, já nos anos 1930, os colombianos possuíam um grande interesse pela prática do futebol em suas terras, sendo uma das modalidades esportivas mais difundidas.

Já no final de julho de 1938, é possível encontrar algumas referências à competição de futebol que viria a ocorrer no mês seguinte dentro dos Jogos Bolivarianos, sendo destacado, inclusive, o sorteio que formariam posteriormente os confrontos do certame:

> Com a assistência de todos os capitães das equipes de futebol que participarão dos Jogos Bolivarianos, se celebrará na segunda-feira às três da tarde uma importante reunião, durante a qual se farão os sorteios para a ordem dos eventos em questão.
>
> A essa reunião assistirão, ademais, o árbitro mexicano contratado pelo governo nacional, senhor Esteban Tejada, o presidente da *Liga de Fútbol de Cundinamarca* e o presidente do Comitê Olímpico Nacional.
>
> Este sorteio tem grande importância, pois dele sairá o programa definitivo dos encontros de futebol com a ordem em que haverão de participar as diversas equipes.[17]

A partida, que inaugurou o evento de futebol no âmbito dos jogos, foi um jogo realizado entre Colômbia e Peru. Entretanto, algumas confusões marcaram a realização dessa partida. Marcado inicialmente para ocorrer em 08 de agosto de 1938, o jogo inaugural do torneio de futebol movimentou opiniões na imprensa e na sociedade como um todo. Em *El Espectador*, foi destacado que "todos os amantes do futebol *bogotano* estão hoje pendentes do encontro entre Colombia x Peru, que terá lugar [...] no campo da *Ciudad Unviersitaria*, e com o qual se iniciará o torneio desse esporte nos Jogos Bolivarianos."[18]

As apostas para a partida eram que o Peru saísse vencedor. Até mesmo entre os dirigentes colombianos, o Peru era apontado não só como favorito desse jogo,

17 *El Espectador*, 30 de julho de 1938, p. 6, tradução nossa.

18 *El Espectador*, 02 de agosto de 1938, p. 5, tradução nossa.

mas de todo o torneio de futebol, por ser a seleção mais antiga e desenvolvida dentre todas as que estavam nesse evento. Todavia, o que é importante notar, para além dos comentários acerca dos possíveis placares, são os discursos diplomáticos, presentes nas falas de alguns dos dirigentes mais importantes na organização dos Jogos Bolivarianos. O Coronel Leopoldo Piedrahita, organizador dos jogos, e Alfredo Gómez Vanegas, subdiretor de todo o evento, abordaram a partida desta maneira, respectivamente:

> Coronel Leopoldo Piedrahita, diretor dos Jogos Bolivarianos:
>
> Vamos ver jogar um bom futebol. Serão adversários nobres, e a satisfação do triunfo se repartirá entre vencedores e vencidos. Como colombiano e como diretor geral dos Jogos Bolivarianos, tenho plena segurança de que nossos compatriotas aclamarão constantemente aos próprios e a nossos galhardos irmãos.
>
> Alfredo Gómez Vanegas, subdiretor dos Jogos Bolivarianos:
>
> Ao menos podem abrir os jogos com um "prato forte" – falando em um jargão futebolístico -, que saberá despertar a afeição pelos jogos. O triunfo se repartirá por igual. O comitê organizador dos jogos espera ver demonstrada a tradicional cultural *bogotana*, nessa partida da próxima segunda-feira.[19]

Os olhares acerca desse jogo foram muitos. A questão diplomática, que cercava o âmbito do jogo e do evento como um todo, fez com que os jornais também destacassem os palpites de alguns dos principais dirigentes e nomes peruanos relacionados ao esporte e à nação. Como exemplo, destaca-se abaixo a fala de Alfredo Hohaguen Díez Canseco, presidente da embaixada peruana nos jogos. Mesmo sendo de conhecimento de todos que a seleção peruana era entendida como superior à colombiana, Díez Canseco não deixou de adotar um tom diplomático em seu discurso e aposta sobre a partida:

> Pelas referências que tenho, sei que os colombianos estão em magníficas condições. Os jogadores de meu país não puderam se adaptar, todavia, a altura de Bogotá, porém considero daqui até segunda-feira há tempo suficiente. É natural que os jogadores do Peru sejam superiores aos colombianos, e podem ganhar, porém asseguro que de nenhuma maneira será um triunfo por um *score* muito alto.[20]

O olhar do mercado na construção do espetáculo dos Jogos Bolivarianos se fez notado quando foi debatida a possibilidade de modificar a data da partida entre Colômbia e Peru. Inicialmente marcada para o dia 08 de julho de 1938, às 10 horas da manhã, uma petição feita por "várias empresas bancárias e particulares"[21] solicitou sua alteração para um dia antes, o domingo, sugerindo que o jogo fosse realizado ao meio-dia e, assim, pudesse abarcar um número maior de espectadores e, também, consumidores.

---

19 *El Espectador*, 02 de agosto de 1938, p. 5, tradução nossa.

20 *El Espectador*, 02 de agosto de 1938, p. 5, tradução nossa.

21 *El Espectador*, 03 de agosto de 1938, p. 3, tradução nossa.

O resultado final da partida foi o esperado: vitória do Peru, com placar final de 4x2.[22] Todavia, como forma de destacar o emocionante confronto, algumas confusões ocorreram na partida e geraram não só a expulsão de atletas em campo como a invasão do mesmo por torcedores, quebrando um pouco do "olhar diplomático" proposto por todos antes do certame:

> Quando <*El Sapo*> Mejía avançava com a bola, até a porteira peruana, Jorge Alcalde o interrompeu e agarrou o colombiano pela blusa, o fazendo rodar. Mejía se levantou e ambos trocaram alguns golpes, que provocaram que grande quantidade de público invadisse o campo, fazendo notórios protestos. O campo foi desocupado e os jogadores expulsos, e quando, todavia, se debatia o incidente, se abriu de novo o jogo. Instantes depois os espectadores lançaram estrondosos gritos.[23]

A imprensa colombiana, mesmo mantendo uma perspectiva diplomática, buscou destacar a luta de seus compatriotas, deixando o mérito peruano da vitória em segundo plano. Aproveitando-se do favoritismo peruano, o fato do jogo não ter sido vencido por uma diferença muito elástica ("apenas" dois gols separaram a equipe vencedora da derrotada), fez com discursos exaltando a equipe nacional colombiana aparecessem nas páginas de *El Espectador*:

> Em resumo, a equipe peruana não teve a magnífica atuação que se esperava. Venceu como devia e tinha que vencer. Os colombianos resistiram bastante, porém neles não se apareceu uma técnica de jogo favorável. Foi, sem dúvidas, uma partida muito brigada...
>
> Em poucas ocasiões se havia apreciado a cultura do público *bogotano*. Com muitas raras exceções, a grande multidão que encheu hoje o estádio da *Ciudad Universitaria* apreciou as boas atuações e depreciou as ruins. Viveu por igual a uma e outra equipe e....se resignou perante as péssimas vias de acesso ao estádio e a falta de veículos.[24]

Após a partida inaugural contra o Peru, curiosamente, os jogos de futebol passaram a ser menos noticiados no âmbito da imprensa. A primeira vitória colombiana no torneio, em uma vitória por 2x0 sobre a seleção da Venezuela em 12 de agosto de 1938, foi muito comemorada e festejada.[25] Todavia, o futebol "se perdeu" no meio de diferentes notícias que davam o tom e falavam sobre o esporte como um todo no âmbito dos jogos. Isso destaca, como já abordado, a incipiência do campo esportivo dessa modalidade no país, tal como a ausência de uma imprensa esportiva mais especializada, algo que já era mais possível de se notar no Brasil dos anos 1920 e 1930.

---

22 *El Espectador*, 08 de agosto de 1938, p. 3.

23 *El Espectador*, 08 de agosto de 1938, p. 3, tradução nossa.

24 *El Espectador*, 08 de agosto de 1938, p. 3, tradução nossa.

25 *El Espectador*, 13 de agosto de 1938, p. 1 e 6.

À guisa de conclusão

Ao buscar compreender, comparativamente, a presença do futebol nos dois referidos eventos aqui estudados, que foram os Jogos do Centenário de 1922 e os Jogos Bolivarianos de 1938, este artigo teve como objetivo, também, analisar as representações criadas pela imprensa em momentos específicos da construção de uma ideia de nação para Brasil e Colômbia.

A escolha do futebol se deu, principalmente, pela notoriedade que tal modalidade possui historicamente em ambos os países, sendo até os dias atuais o esporte mais popular e difundido para brasileiros e colombianos. Mesmo ainda incipiente nos cenários aqui pesquisados, se comparado com a atualidade, compreender como as relações do futebol com outras questões de natureza social e política ocorreram antes mesmo desse esporte ser entendido como uma identidade nacional nessas duas nações, se transforma em um fértil caminho para o entendimento das representações construídas posteriormente.

No caso dos jogos de 1922 e 1938, lanço como hipótese que, em ambos, como foi possível analisar nas fontes, ocorreram tensões e questões nas partidas realizadas que se sobrepõem ao jogo em si. Mesmo tendo a Colômbia, ainda como uma seleção recém-criada na competição de 1938, saído sem o título; e o Brasil, levantado o caneco em 1922; são as questões diplomáticas que foram destacadas nos jornais (como a insatisfação ou aproximação de outros países a partir dos resultados; descontentamento com a arbitragem ou organização; entre outras problemáticas), que explicitam a hipótese que aqui encerro esse artigo: enquanto o Brasil em 1922 se colocava, tal como destaca Leslie Bethell (2009), em uma posição de diferenciação e distanciamento aos outros países entendidos como "latino-americanos" e que estiveram no sul-americano, a Colômbia de 1938 buscava aglomerar identidades e culturas que pudessem extrapolar sua ideia de nação, aproximando-se, assim, da identidade histórica "bolivariana" comungada com os outros países que estiveram nos festejos do IV centenário de Bogotá.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Andrés. Elementos sociohistóricos intervinientes en la construcción de los estadios Alfonso López e El Campín para los primeros Juegos Bolivarianos: Bogotá, 1938. *Revista Colombiana de Sociologia,* Bogotá, v. 36, n. 01, p. 43-62, jan-jun 2013.

_____. Los primeros Juegos Deportivos Bolivarianos de Bogotá en 1938 y la Integración regional por medio del deporte. *Revista de Investigación: Cuerpo, Cultura y Movimiento.* Bogotá. Vol. 5, N.o 1, enero-junio de 2015, pp. 99-113

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas:* reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, José D´Assunção. *História Comparada.* Petropólis: Vozes, 2014.

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de "América Latina" em perspectiva histórica. *Estudos Históricos*, v. 22, n. 44, p. 289-321, jul.-dez. 2009.

BUSHNELL, David. *Colombia: una nación a pesar de si misma* – nuestra historia desde los tempos pré-colombianos hasta hoy. Bogotá: Planeta, 2012.

BOOTH, Douglas. From allusion to causal explanation: the comparative method in sports history. *International Sports Studies,* v. 22, n. 2, p. 5-20, 2000.

BORJA GÓMEZ, Jaime; RODRÍGUEZ JÍMENEZ, Pablo (orgs.). *Historia de la vida privada en Colombia:* Los signos de la intimidad (siglo XX). Bogotá: Taurus, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: _____. *Questões de sociologia.* Lisboa: Fim do século, 2003, p. 181-204.

CANCELLA, Karina. *O esporte e as forças armadas na Primeira República:* das atividades gymnasticas às participações em eventos esportivos internacionais. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014.

CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas:* estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo:Edusp, 2015.

CERVO, Amado Luiz. *Relações Internacionais na América Latina:* de 1930 aos nossos dias. 3 ed. São Paulo: Saraiva: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2008.

Correio da Manhã. Edição 18/09/1922. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Correio da Manhã. Edição 13/10/1922. p. 5. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Correio da Manhã. Edição 16/10/1922. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Correio da Manhã. Edição 19/10/1922. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Correio da Manhã. Edição 23/10/1922. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

DRUMOND, Maurício. Os jogos esportivos do centenário: o ponto de vista da política. In: MALAIA, João Manuel; MELO, Victor (orgs.). *1922:* celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 15-36.

El Espectador. 30/07/1938. p. 6. Disponível no acervo da Biblioteca Nacional de Colombia em Bogotá.

El Espectador.02/08/1938. p. 5. Disponível no acervo da Biblioteca Nacional de Colombia em Bogotá.

El Espectador. 03/08/1938. p. 3. Disponível no acervo da Biblioteca Nacional de Colombia em Bogotá.

El Espectador. 08/08/1938. p. 3. Disponível no acervo da Biblioteca Nacional de Colombia em Bogotá.

El Espectador. 13/08/1938. p. 1 e 6. Disponível no acervo da Biblioteca Nacional de Colombia em Bogotá.

GOMES, Eduardo de Souza. *A invenção do profissionalismo no futebol:* tensões e efeitos no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954). Curitiba: Appris, no prelo.

_____. A Reação Republicana e a imprensa carioca no VI Sul-Americano de futebol em 1922: uma análise nas páginas de *O Imparcial* e *Correio da Manhã*. ***Âncora:*** *Revista Latino-americana de Jornalismo,* João Pessoa, Ano 4, Vol. 4, n. 1, Jan./Jun. 2017, p. 147-171.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas.* 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

MALAIA, João. A história econômica entra em campo: o Rio de Janeiro e as competições esportivas internacionais de 1919 e 1922**.** *Revista de Econômica Política e História Econômica,* Ano 9, n. 27, 2011a.

_____. Jogos Olympicos do Rio de Janeiro no Centenário de 1922: olhares sobre a política de um projeto de unificação e celebração da nação através do esporte. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH.* São Paulo: ANPUH, P. 1-16, 2011b.

_____. Diplomacia do pé. O Brasil e as competições esportivas sul-americanas de 1919 e 1922. *Tempo e argumento.* v. 3, p. 43-76, 2011c.

_____. O Rio de Janeiro e os jogos de 1922: economia de um projeto esportivo. In: MALAIA, João; MELO, Victor (orgs.). *1922:* celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 58-80.

MALAIA, João; MELO, Victor (orgs.). *1922:* celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MELO, Victor Andrade de. *Esporte e lazer:* conceitos – uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. O esporte e sua história: desafios para uma compreensão ibero-americana. In: MELO, Victor (org.). *O esporte no cenário ibero-americano.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2015, p. 15-24.

MELO, Victor; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; MALAIA, João. *Pesquisa histórica e história do esporte.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

MOTTA, Marly. *A nação faz cem anos:* a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992.

O Imparcial. Edição 18/09/1922. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

O Imparcial. Edição 18/09/1922. p. 5. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

O Imparcial. Edição 20/09/1922. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

O Imparcial, Edição 28/09/1922. p. 3. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

O Imparcial. Edição 02/10/1922. p. 1. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

O Imparcial. Edição 14/10/1922. p. 1. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento. In: STEINBERG, Charles (org.). *Meios de comunicação de massa.* São Paulo: Cultrix, 1976, p. 168-185.

PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. *História da América Latina.* São Paulo: Contexto, 2014.

QUITIÁN ROLDÁN, David Leonardo. Del invento inglés al criollismo patrio: el desarrollo del fútbol en Colombia. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (orgs.). *Olhares para a profissionalização do futebol:* análises plurais. Rio de Janeiro: Multifoco,2015b, p. 295-316.

RUIZ PATIÑO, Jorge Humberto**.** *La política del sport:* elites y deporte en la construcción de la nación colombiana, 1903-1925. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Políticos) – Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2009.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo:* uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

TORRES, César. *Jogos Olímpicos Latino-Americanos – Rio de Janeiro, 1922.* São Paulo: CBAT, 2012.

16 | "Pelé de saias": discursos sobre mulheres jogadoras de futebol na imprensa sob uma perspectiva Sistêmico-Funcional

Izadora Silva Pimenta[1]
Renan Schroter[2]

Introdução

O objetivo deste trabalho é desvelar, por meio de uma investigação linguística, histórica e social, como a mulher jogadora de futebol está posicionada na imprensa brasileira e como os pressupostos colocados sobre essa mulher em questão estão enraizados na linguagem utilizada para o tratamento em questão.

Para construir essa base, trabalhamos em cima de uma notícia comparativa entre Marta e Neymar, os camisas 10 da seleção feminina e masculina de futebol brasileiro, respectivamente, publicada pelo Globoesporte.com em 02 de agosto de 2016, no âmbito dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro naquele ano, intitulada "Neymar e Marta: ouro inédito passa pelos pés dos herdeiros de Pelé" (LOZETTI, BARLEM, 2016). Essa notícia traz os atributos de ambos os jogadores em diversos aspectos, que são colocados lado a lado, tais como "Momentos decisivos", "Momentos de fraqueza", "Títulos" e "Reconhecimento internacional", procurando destacar o porquê de ambos estarem qualificados a conquistar um ouro olímpico com a seleção que lideravam, na ocasião.

De orientação sistêmico-funcional, a pesquisa pretende identificar como a escolha das palavras colocadas em xeque nos textos relacionados ao assunto ajuda a construir estes elementos midiaticamente. Colocando a linguagem sob uma perspectiva sociossemiótica (HALLIDAY; HASAN, 1989), entendemos que é necessário considerar que o sistema de significados formado por ela se intercepta com a estrutura social. Desta forma, partimos do pressuposto de que é possível identificar alguns aspectos sociológicos do futebol por meio de seu discurso midiático, como trabalhado anteriormente em Lima-Lopes e Pimenta (2017) e Pimenta (2019).

Nesta análise, consideramos ainda a separação social e pedagógica que existe entre a mulher e o futebol no Brasil, que também é reproduzida pelo contexto midiático (GOELLNER, 2005; ALTMANN, 1998; DAOLIO, 1995; SOUZA JÚNIOR; REIS, 2012, entre outros). Nossos resultados corroboram que, mesmo Marta tendo suas habilidades, enquanto jogadora de futebol, ressaltadas, ela é colocada diretamente em comparação com Neymar que, na própria notícia, tem muito mais de sua personalidade e trajetória fora do comum ressaltada do que suas habilidades dentro de campo. Desta forma, identificamos que, para Marta, em sua condição de mulher jogadora de futebol, é necessário que as credenciais estejam

1 Doutoranda em Digital Linguistics na Technische Universität Darmstadt. Doutoranda e mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Bacharela em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. izadora.pimenta@gmail.com

2 Bacharel e Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. renanschroter@hotmail.com

explícitas para que ela seja apresentada enquanto candidata a um título, ao mesmo tempo em que a apresentação de Neymar se basta pelo discurso que já é conhecido pelo público sobre o mesmo.

Mulher, corpo e prática esportiva

O corpo sempre se mostrou como uma barreira nas discussões a respeito do jogo de futebol praticado por mulheres. Goellner (2005) nos lembra que, como o corpo feminino era visto "como um bem social a alojar a esperança de uma prole sadia" (GOELLNER, 2005, p. 146) nos primórdios da popularização do esporte, tornaria-se natural que fossem encontrados argumentos para afastar as mulheres dessa prática. Eram forjadas "novas formas de cuidar de si" para a mulher, que eram induzidas a acreditar que "a exibição pública de seu corpo estava associada ao universo pagão das impurezas e obscenidades" (GOELLNER, 2005, p. 145).

Essa perpetuação de estereótipos se mantém, mesmo em uma sociedade que possui discussões mais avançadas a respeito dos papéis de gênero, muito por conta do caráter pedagógico que está relacionado à prática esportiva pelas mulheres. A escola, por exemplo, é um desses espaços, já que ela é fundamental para a socialização das crianças e dos adolescentes, como relata Borsa:

> A escola não só intervém na transmissão do saber científico organizado culturalmente como influi em todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individuação da criança, como são o desenvolvimento das relações afetivas, a habilidade de participar em situações sociais, a aquisição de destrezas relacionadas com a competência comunicativa, o desenvolvimento da identidade sexual, das condutas pró-sociais e da própria identidade pessoal (BORSA, 2007, p. 4).

Furlan e Santos (2008, p. 33) lembram que, "no momento de introdução dos esportes na educação física escolar brasileira, as meninas foram tidas como seres frágeis e dóceis, e os meninos dotados de força, dominação e poder, marcas que reiteram a diferença de gênero". O professor que, por sua vez, ocupa um papel de grande destaque, além de grande influência, já que está em contato com os alunos e está sendo constantemente observado por estes, pode acabar sendo responsável por disseminar estes lugares demarcados socialmente. Como ressalta Altmann (1998), "a postura docente é uma referência que define como meninas e meninos agem e se relacionam entre si" (ALTMANN, 1998, p. 101). Pode-se então entender que o professor tem um peso na perpetuação e reprodução ou na transformação e quebra de padrões e preconceitos.

Em concordância com essa ideia, Daolio (1995) coloca um maior destaque ainda para a construção da relação dos alunos com o próprio corpo, e por consequência com os esportes e atividades físicas, evidenciando também uma naturalização, por uma parcela dos professores de educação física, da concepção biológica do corpo, em detrimento da concepção de uma cultura corporal de movimento. Essa concepção biológica é determinística, em que o corpo é observado a partir de questões físicas, como força, velocidade, etc., ignorando outras grandes influências na construção do corpo e das técnicas corporais, principalmente a cultura em que tal corpo se encontra.

No entanto, podemos afirmar que esse processo pedagógico construído dentro do ambiente escolar reflete estereótipos de gênero e crenças do que é ser mulher ou homem que estão enraizados na sociedade (SOUSA; ALTMANN, 1999). Falar de uma masculinização das mulheres a partir do futebol - um dos principais argumentos para se afastar meninas dessa prática desde cedo - é algo que só pode ser compreendido "a partir de uma representação essencialista dos gêneros que não permite visualizar as multiplicidades que cada um dos dois polos contém" (GOELLNER, 2005, p. 148).

O que se percebe então é uma construção de um não pertencimento das mulheres no meio esportivo, sendo a ocupação desse espaço por elas não reconhecida pela sociedade. Essas construções, portanto, acabam sendo implicitamente impostas.

O FEMININO NO FUTEBOL E A MÍDIA

Na imprensa do Brasil, um país "onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional" (GOELLNER, 2005, p 150), o feminino ainda está inserido à margem da prática do futebol, como se não fosse seu lugar de direito ou de pertencimento natural.

Enquanto fenômeno social de grande expressão, o futebol é comumente relacionado ao masculino, o que também guia os interesses mercadológicos dos meios de comunicação e dos patrocinadores e compromete o reconhecimento do futebol feminino no país (LIMA; MELLO, 2015). Neste processo, Mendonça (2018a) comenta que a falta de visibilidade por parte da imprensa brasileira retarda o processo de investimento e de desenvolvimento do futebol feminino, bem como há uma falta de pressão por mudanças no cenário. Para tal, Souza Júnior e Reis (2012) salientam:

> Este misto de desinteresse, negligência, despreparo e/ou incompetência dos meios de comunicação em relação ao futebol feminino, podem ser interpretados de diferentes maneiras, mas não podemos desprezar que tais circunstâncias revelam um mecanismo, ainda que não proposital em alguns casos, para sustentar o ideário do futebol como reserva masculina (SOUZA JÚNIOR; REIS, 2012, p.22).

Lima e Mello (2015) lembram que o futebol feminino se difundiu na imprensa brasileira apenas em 1982, quando as atletas vinham obtendo várias vitórias seguidas. Contudo, as manchetes relacionadas ao tema eram carregadas de teor machista, sempre ressaltando outras funções sociais esperadas para o sexo feminino ou, então, questionando a orientação sexual das jogadoras em questão.

Entretanto, quando as mensagens não vêm carregadas desse teor, elas ainda lembram da presença do masculino enquanto sombra do feminino. Ao discutir sobre o caso da jogadora Marta Vieira da Silva, cinco vezes consecutivas eleita melhor do mundo pela Fifa, Mendonça (2018b) salienta que a comparação de Marta com o masculino sempre está presente quando se trata de questões associadas ao esporte, sendo tratada midiaticamente como "o Pelé de saias" ou "o Neymar do futebol feminino".

Desta forma, destaca-se que, a partir da lógica de uma representação de gênero binária, o feminino fica em segundo lugar dentro do futebol, de forma que mulheres ocasionalmente têm sua capacidade contestada ou comparada com a capacidade de homens. Como ressaltam Altmann e Reis (2013), "jogar futebol na América do Sul significa driblar o estereótipo de jogadora homossexual, construindo novas possibilidades de ser mulher na sociedade contemporânea" (ALTMANN; REIS, 2013, p. 228).

Esporte, Linguagem e Sociedade

Reis e Escher (2006) atentam para o fato de que os estudos acadêmicos sobre futebol devem levar em conta que este esporte deve ser lido a partir da sociedade na qual ele está inserido, bem como se preocupar em mostrar as alterações que ele vem sofrendo em seus mais diversos âmbitos. Desta forma, a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) pode nos ajudar a identificar como a linguagem que está intrínseca a este esporte também pode revelar alguns de seus aspectos sociais. Halliday e Hasan (1989) nos mostram que é possível colocar a linguagem em uma perspectiva sociossemiótica - a comunicação é "um sistema social e cultural de significados" e a linguagem "se intercepta com a estrutura social, que também faz parte desse sistema" (LIMA-LOPES; PIMENTA, 2017, p.128). Para Caldwell et al (2016), descrever e analisar o uso da linguagem e seus aspectos no esporte "nos informa sobre o esporte como uma atividade comunicativa, como um mundo social significante que constitui problemas do mundo real"[3] (CALDWELL et al, 2016, p.4, tradução nossa).

Para realizar uma análise que dê conta da relação da linguagem do discurso midiático sobre futebol e suas funções no caráter sociológico que está intrínseco a ele, nos baseamos em um dos sistemas da LSF, o Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), bem como no Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), que é um aparato teórico desenvolvido a partir da LSF. Em conjunto, esses dois sistemas nos permitem identificar como alguns sistemas de valores, pressupostos e diferentes modos de contar histórias influenciam no discurso midiático (WHITE, 2003), bem como na interpretação daqueles que consomem o conteúdo produzido a partir desses discursos.

O Sistema de Transitividade está diretamente ligado à metafunção ideacional da linguagem. De acordo com a classificação de Halliday e Matthiessen (2014), essa metafunção dá conta da experiência de mundo impressa no texto a partir dos processos verbais que estão relacionados a eles. Uma análise a partir deste sistema também leva em consideração os grupos nominais (participantes da ação) e adverbiais, que são responsáveis por ampliar a informação que é trazida no processo verbal (LIMA-LOPES, 2005). No quadro abaixo, podemos ver os seis tipos de processos contemplados pelo sistema:

3 "We describe and analyse language use and its features in sport because this invariably informs us about sport as a communicative activity, as a meaningful social world that constitutes real-world issues" (CALDWELL et al, 2016 p. 4).

Processos	Significados	Participantes da ação	Exemplos de processos verbais
Materiais	processos que dão conta das ações do indivíduo que afetam o mundo exterior, podendo ser transformativos ou criativos	Ator Meta Escopo Recebedor Cliente	criar, aumentar, abrir, decolar
Mentais	processos do mundo interior, experienciados por quem os executa	Experienciador Fenômeno	fantasiar, gostar, amar, ouvir
Relacionais	processos da identificação ou atribuição de um indivíduo com algo ou a algo	Portador Atributo Identificado Identificador Possuidor Possuído	ser, ter, estar
Verbais	processos, entre os mentais e os relacionais, que realizam significados referentes ao dizer	Dizente Receptor Alvo Verbiagem	falar, dizer, contar, relatar
Comportamentais	processos nos quais as ações do mundo interior são expostas no mundo exterior; entre materiais e mentais	Comportante Comportamento	dançar, espirrar, dormir
Existenciais	processos do existir	Existente	haver, existir, ter

Quadro 1 - Processos descritos pelo Sistema de Transitividade, significados, participantes e exemplosAdaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; FUZER; CABRAL, 2014

Por sua vez, o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) é um recurso para a análise de discurso desenvolvido a partir da LSF. Ele se ocupa da questão semântica da linguagem, ou seja, aquela que está no nível de abstração dos significados. De acordo com Martin e Rose (2003), este sistema pode ser utilizado para "negociar nossas relações e dizer aos nossos ouvintes ou leitores como nos sentimos em relação a coisas e pessoas" (MARTIN; ROSE, 2003, p.26).

White (2003) ressalta que esse sistema tem como objetivo analisar aqueles significados que "variam ou modificam os termos de compromisso do falante com suas emissões" (WHITE, 2003, p.1), ou seja, aqueles que são capazes de influenciar a opinião de quem recebe a mensagem. São três seus subsistemas, cada um com suas próprias categorias semânticas: **Atitude**, que traz as avaliações que são feitas; **Engajamento**, que mostra as outras vozes que estão presentes no texto; e **Gradação**, que determina a intensidade da avaliação.

Para este trabalho, nos ocuparemos do subsistema Atitude, que possui três categorias semânticas: **Afeto, Julgamento e Apreciação**. Mais especificamente, nosso objetivo é detalhar o Julgamento, que destaca atitudes referentes ao comportamento - seja de cunho ético ou moral (MARTIN; WHITE, 2005; ALMEIDA, 2010). O Afeto dá conta de sentimentos positivos ou negativos sobre algo ou alguém, enquanto a Apreciação diz respeito a avaliações de cunho estético.

Martin e White (2005) compreendem que tudo aquilo que está sujeito a receber críticas, ser ovacionado ou receber algum tipo de reprovação pode ser inserido

dentro do Julgamento, que possui as seguintes categorias: normalidade, capacidade, tenacidade, veracidade e propriedade, sendo elas positivas ou negativas e de cunho moral (estima social) ou ético (sanção social). No quadro abaixo, podemos verificar as categorias de Julgamento e seus principais exemplos:

Estima Social	**Julgamento Positivo**	**Julgamento Negativo**
Normalidade	inovador, audacioso	esquisito, antiquado
Capacidade	esperto, sagaz	idiota, sem-noção
Tenacidade	fiel, corajoso	covarde, inibido
Sanção Social	**Julgamento Positivo**	**Julgamento Negativo**
Veracidade	honesto, franco	mentiroso, manipulador
Propriedade	justo, generoso	corrupto, imoral

Quadro 2 - categorias de Julgamento e seus principais exemplos
Fonte: adaptado de MARTIN; WHITE, 2005; ALMEIDA, 2010; PIMENTA, 2019

A análise do discurso relacionado aos esportes com o aparato da LSF conta com poucos trabalhos publicados até o momento. Em língua inglesa, alguns destes estudos podem ser encontrados em Caldwell et al (2016), um dos primeiros esforços para compreender a relação entre discurso, linguística, esporte e o contexto acadêmico. No Brasil, essa metodologia vem sendo seguida em alguns trabalhos como Lima-Lopes e Pimenta (2017), que analisam um corpus construído por postagens de Twitter que contêm a *hashtag* #MulheresNoFutebol e Pimenta (2019), que analisa a abordagem da imprensa a respeito do caso de racismo sofrido por Daniel Alves em Abril de 2014, com enfoque nas ações que configuraram o ato racista em si. Também é importante salientar a atuação da rede de pesquisa *Applied Linguistics in Sport*[4], liderada pelos professores David Caldwell (Universidade da Austrália Meridional, Austrália) e Antje Wilton (Universidade de Siegen, Alemanha) e vinculada à AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada).

Metodologia

Analisamos uma notícia comparativa entre Marta e Neymar publicada pelo Globoesporte.com em 02 de agosto de 2016, no âmbito dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro naquele ano, intitulada "Neymar e Marta: ouro inédito passa pelos pés dos herdeiros de Pelé"[5]. Por conta do espaço reservado a este artigo, nos atemos somente a alguns trechos da matéria, que traz as credenciais de ambos os jogadores em vários âmbitos, como "Momentos decisivos", "Momentos de fraqueza", "Títulos" e "Reconhecimento internacional".

Os trechos selecionados foram analisados a partir do aparato teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), levando também em consideração os aspectos sociológicos, culturais e midiáticos da representação da mulher no esporte destacados neste trabalho.

4 https://aila.info/research/list-of-rens/overview-of-rens/applied-linguistics-in-sport/

5 http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/futebol/noticia/2016/08/neymar-e-marta-ouro-inedito-passa-pelos-pes-dos-herdeiros-de-pele.html. Último acesso em 03 Jun 2019

Em uma análise com essa orientação, devemos destacar que o uso da identificação de processos com o auxílio do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) nos leva a encontrar alguns julgamentos que não são diretamente realizados por meio de palavras adjetivadas. Como nos lembram Nunes e Cabral (2013), esse fator depende também da percepção do leitor em relação ao material que está sendo consumido, ou seja, é preciso levar em consideração o sistema de significação que está implícito no texto em questão.

Quando levamos em consideração a linguagem em uma perspectiva sociossemiótica, também temos que compreender que o contexto de situação conta com três variáveis de registro (HALLIDAY; HASAN, 1989): o modo, que, no caso analisado, é escrito e publicado de forma online e gratuita, o que permite com que a mensagem seja facilmente acessada pelo público, o campo, que é a comparação entre Marta e Neymar e as qualidades de ambos que os levariam a uma conquista olímpica e as relações que, no caso, ocorreriam em uma negociação entre os autores da matéria e o leitor que está consumindo-a.

Também precisamos considerar que o Sistema de Avaliatividade possui características próprias no português brasileiro, como descrevem Vian Jr, Souza e Almeida (2010) e Lima-Lopes e Vian Jr (2007), sendo necessário atentar para as aplicabilidades desta teoria neste contexto em específico.

Análise dos dados

A partir dos excertos selecionados a seguir, analisamos cada um deles a fim de identificar quais são os julgamentos implícitos e explícitos que estão relacionados aos jogadores citados e a relação de comparabilidade que existe entre eles no texto. Nesta análise, compreendemos como a identificação dos processos presentes nas sentenças, bem como de avaliações diretas feitas a cada um deles, ajudam a construir a imagem que nos é passada sobre ambos os personagens.

> (1) Neymar, lapidado no mesmo Santos do Rei; (2) e Marta, a Rainha, considerada por muitos como o "Pelé de saias". (3) Dois craques, mas duas carreiras bem distintas (LOZETTI, BARLEM, 2016).

O excerto 1 traz o processo material "lapidar" tendo Neymar como Meta e "no mesmo Santos do Rei" como circunstância de lugar. Ao salientar isso, o trecho dá a entender que a transformação que o jogador teve neste local o fez se tornar capaz, ou seja, um julgamento positivo no campo da capacidade, para praticar o esporte no mesmo nível de Pelé, aqui trazido como "Rei".

Por sua vez, o excerto 2 traz Marta diretamente como "a Rainha", a "versão feminina" do Rei, uma apreciação que também lhe coloca no campo positivo da normalidade, já que essa é uma característica que a jogadora detém que lhe tira do lugar comum, que lhe faz ser especial. Entretanto, a comparação com Pelé vem logo depois, já que o processo "considerar" continua lhe equiparando a uma versão feminina de Pelé, tendo o jogador como base de suas capacidades e utilizando a saia, um vestuário socializado enquanto feminino, para demarcar este lugar.

No excerto 3, Neymar e Marta recebem a mesma apreciação, "craques", que os coloca no mesmo campo positivo da capacidade quando o assunto é vencer o ouro olímpico.

> (4) Neymar, de 24 anos, vive a realidade dos salários milionários das estrelas internacionais. (5) Marta, agora trintona, tem cinco prêmios da Fifa de melhor do mundo (...) (LOZETTI, BARLEM, 2016).

No excerto 4, "viver" pode ser considerado um processo mental, pois vem no sentido de uma experiência vivida por um Experienciador, que é Neymar. Nessa experiência, o Fenômeno percebido pelo jogador é "a realidade dos salários milionários das estrelas internacionais" - ou seja, traz o sentido de que ele está em um meio privilegiado para se desenvolver enquanto jogador. A idade ressaltada antes do processo (24 anos), também dá a entender que ele tem certo tempo para alcançar o patamar dos demais.

Já o excerto 5, que trata de Marta, a coloca com um atributo, "trintona". Em uma pesquisa no corpus Portuguese Web 2011 (ptTenTen11)[6] (KILGARRIFF et al, 2014), pudemos identificar que a grande parte das concordâncias relacionadas com "trintona" na imprensa em língua portuguesa salientam a idade avançada de uma mulher em um sentido negativo, de forma que a idade da jogadora é trazida, portanto, como um ponto que joga contra seu favor na disputa.

Posteriormente, o trecho salienta um processo relacional de posse, "tem", no qual Marta é a Possuidora de "cinco prêmios da Fifa de melhor do mundo", ou seja, é julgada como capaz de estar na disputa por um ouro olímpico a partir de sua própria experiência de mundo.

> (6) O atacante é a principal referência do futebol no país há pelo menos seis anos (...) (7) Enquanto o país lamenta o fim do encanto, do futebol-arte, Neymar é uma resistência do encantamento, do drible, da molecagem (...) (8) Neymar é hoje, dentro de campo, o principal símbolo do que se espera do futebol brasileiro (LOZETTI, BARLEM, 2016).

No excerto 6, destaca-se a notoriedade de Neymar, um julgamento positivo no campo da normalidade. Esse destaque vem a partir de um processo relacional, "é", que o identifica com o Identificador "a principal referência do futebol no país". Para completar essa ideia, utiliza-se da circunstância de tempo "há pelo menos seis anos", como forma de reforçar essa afirmação.

Em seu turno, o excerto 7 traz a impressão de que Neymar viria para alimentar os anseios dos torcedores brasileiros. Isso ocorre por conta da utilização do processo mental "lamentar" tendo como fenômeno "o fim do encanto, do futebol-arte". Logo após, o excerto 7 traz novamente o mesmo processo relacional para salientar que Neymar poderia atender a esses anseios e reforçando o argumento da notoriedade. Essa mesma linha de pensamento se estende pelo excerto 8, mas há uma circunstância de lugar: "dentro de campo", ressaltando que seria este o local no qual ele poderia ser tomado como exemplo.

---

6 O Portuguese Web 2011 (ptTenTen11) é pertencente à família de corpus TenTen, que é um conjunto de corpus construídos a partir de textos coletados da Internet, usando o mesmo método para atingir uma meta de 10 bilhões de palavras. Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/pttenten-portuguese-corpus/> Acesso em 03 Jun 2019

> (9) Embaixadora da ONU - algo que CR7 tentou e não conseguiu -, leva ainda um exemplo de luta às mulheres e faz com que meninas sonhem ter sucesso em um esporte que até pouco era visto como "tabu" por ser classificado como masculinizado. (10) A número 10 não sente o peso de sua camisa. (11) É líder durante os jogos. (12) Sabe que seu papel é servir de exemplo e assim o faz. (13) Uma campeã com cinco títulos de melhor do mundo (LOZETTI; BARLEM, 2016).

O excerto 9 também ressalta Marta com um julgamento positivo no campo da normalidade. Lembrando que Marta é Portadora do Atributo "Embaixadora da ONU", ele ressalta que a jogadora seria responsável por alguns processos materiais ("leva", "faz") que estimulariam um processo mental por parte de meninas que gostariam de jogar futebol, mas que foram socializadas com o pensamento de que este seria um esporte ligado ao masculino. Contudo, no próprio excerto, ressalta-se que o Atributo de Marta é "algo que CR7 [Cristiano Ronaldo, atacante português que atua pelo Juventus, cinco vezes melhor do mundo] tentou e não conseguiu".

Os excertos 10, 11 e 12 também ressaltam a capacidade de Marta enquanto jogadora de futebol, com dois processos mentais impressos a ela ("sente", "sabe") e um processo relacional ("é") que salientam sua capacidade de estabilidade e liderança em campo e também fora dele, por servir de exemplo. Sua capacidade é novamente destacada no excerto 13, quando relembram outro de seus atributos ("cinco títulos de melhor do mundo"[7]).

Considerações finais

Na análise realizada com os trechos selecionados da notícia, compreendemos que ambas as linhas de argumentação, a partir da escolha de palavras, tendem a apontar que tanto Marta quanto Neymar teriam credenciais para disputar o ouro olímpico no ano em questão - esse que, posteriormente, veio a ser vencido pela seleção Sub-20 liderada por Neymar, mas perdido pela seleção feminina liderada por Marta.

Contudo, entendemos que Neymar é destacado por ser fora do comum. Sua característica midiática, suas formações e o meio no qual ele está inserido são os principais aspectos utilizados para provar a argumentação de que ele seria um forte candidato para liderar a conquista do título. Alguns trabalhos já deram conta da construção midiática de Neymar, como Rangel (2013) e Silva e Rodrigues (2015). Neymar é um fenômeno que possui caráter de celebridade e sua construção ocorre para fomentar a necessidade de um grande ídolo para a sociedade brasileira. Seus atos são colocados na imprensa de forma espetacularizada, de forma que o tratamento do jogador como alguém fora do comum não seria exclusivo a esta análise.

7 Em 2018, Marta viria a receber seu sexto prêmio de melhor do mundo, superando Lionel Messi e Cristiano Ronaldo, que possuem cinco Bolas de Ouro cada.

Por sua vez, Marta possui a sua capacidade mais salientada em relação aos seus aspectos no campo positivo da normalidade. Suas principais credenciais enquanto jogadora são apresentadas para que o leitor compreenda o porquê ela também seria uma forte candidata a liderar a conquista de um ouro olímpico - ou seja, há a necessidade de se provar que ela pode entrar em campo da mesma forma que um jogador de futebol masculino.

Mourão e Morel (2005), ao comentar a comparação do futebol feminino com o masculino na imprensa, lembram que a introdução das mulheres enquanto praticantes deste esporte ainda é lenta nos discursos e que há uma certa exacerbação quando se trata da dicotomia entre masculino e feminino para demonstrar a capacidade das mulheres. Na matéria analisada, Marta e Neymar são colocados em equidade, quando a primeira é detentora de prêmios de melhor jogadora do mundo, enquanto o segundo é apenas "citado" nestes prêmios, como é ressaltado em um trecho.

A partir de White (2009), também podemos compreender que os discursos da imprensa nunca são neutros, ao mesmo tempo que estes também não são isolados, sendo passíveis de sofrer influência da visão jornalística do autor e de suas opiniões e perspectivas. Alguns autores que estudam a Linguística Sistêmico-Funcional, como Eggins (2004) e Martin e Rose (2003) consideram ainda que a linguagem também está sujeita à esfera do contexto de cultura. Logo, sabendo que a educação a respeito do futebol feminino traz a diferença de gênero marcada como um impedimento para a prática do esporte em equidade, bem como contamos com um discurso vigente que coloca o futebol feminino à margem, entendemos que o discurso analisado reflete os padrões de representação já conhecidos a respeito deste tema no esporte.

Consideramos, entretanto, que este estudo, que demonstra uma metodologia em desenvolvimento, possui algumas limitações que, por conta do espaço reservado a ele, não puderam ser explicitadas adequadamente. Em contribuições futuras, uma das possibilidades seria expandir a análise realizada a partir dos trechos, que ainda incluem outras categorias do Sistema de Avaliatividade a serem analisadas mais a fundo, bem como o corpus utilizado para a análise também poderia ser mais extenso.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Fabíola S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D.P. *A linguagem da avaliação em Língua Portuguesa:* estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

ALTMANN, Helena. *Rompendo fronteiras de gênero:* Marias (e) homens na educação física. 1998.

BORSA, Juliane Callegaro. O papel da escola no processo de socialização infantil. *Psicoglobal-Psicologia*. com. pt, v. 142, p. 1-5, 2007.

CALDWELL, David et at. Discourse, Linguistics, Sport and the Academy. In: CALDWELL, David et al. (Ed.). *The discourse of sport: Analyses from social linguistics*. Taylor & Francis, 2016.

CALDWELL, David et al. (Ed.). *The discourse of sport: Analyses from social linguistics*. Taylor & Francis, 2016.

DAOLIO, Jocimar. *A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em "antas"*. Corpo, mulher e sociedade. Campinas: Papirus, v. 1, p. 99-108, 1995.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. *Motrivivência*, 2008, 30: 28-43.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.* Mercado de Letras, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 2005, 19.2: 143-151.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text:* Aspects of language in a social-semiotic perspective. 1989.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian MIM; MATTHIESSEN, Christian. *An introduction to functional grammar.* Routledge, 2014.

KILGARRIFF, Adam et al. PtTenTen: a corpus for Portuguese lexicography. *Working with Portuguese Corpora*, p. 111-30, 2014.

LIMA, Marcelo Fernando de; MELLO, Andressa Yamashita. Representações do futebol feminino: análise de recepção de notícias do portal Globo.com sobre as Olimpíadas de Londres 2012. *Temática*, v. 11, n. 1, 2015.

LIMA-LOPES, Rodrigo E. de. Levantamento de Processos em Cartas de Mala Direta. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 44, n. 1, p. 133-160, 2005.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; VIAN JR, Orlando. The language of evaluation: appraisal in English. DELTA: *Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 23, n. 2, p. 371-381, 2007.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; PIMENTA, Izadora Silva. #MulheresNoFutebol: Transitividade e Avaliatividade na Identificação de Padrões Sexistas. *Humanidades & Inovação*, v. 4, n. 6, p. 116-131, 2017.

LOZETTI, Alexandre; BARLEM, Cintia. *Neymar e Marta: ouro inédito passa pelos pés dos herdeiros de Pelé.* Globoesporte.com.br. Publicado em 02.08.2016 Disponível em: http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/futebol/noticia/2016/08/neymar-e-marta-ouro-inedito-passa-pelos-pes-dos-herdeiros-de-pele.html. Acesso em 15 fev 2019.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. *Working with discourse:* Meaning beyond the clause. Bloomsbury Publishing, 2003.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter R. *The language of evaluation:* appraisal in english. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

MENDONÇA, Renata. *O futebol feminino 'é chato'?*. Dibradoras. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/08/14/por-que-o-futebol-feminino-e-chato/. 2018. Acesso em: 31 de agosto de 2018

MENDONÇA, Renata. *Para além de Neymar, precisamos falar mais sobre Marta.* Dibradoras. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/07/25/para-alem-de-neymar-precisamos-falar-mais-sobre-marta/. 2018. Acesso em: 31 de agosto de 2018

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n. 2, 2008.

NUNES, Glivia Guimarães; CABRAL, Sara Regina Scotta. JULGAMENTO COMO CATEGORIA AVALIATIVA: O DESEMPENHO DE DILMA ROUSSEFF EM FOCO. *Revista (Con) textos Linguísticos*, v. 7, n. 9, p. 81-96, 2013.

PIMENTA, Izadora Silva. *O discurso midiático e o racismo no futebol:* uma abordagem sistêmico-funcional para a análise dos padrões de Julgamento. TESE DIGITAL P649d. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

RANGEL, Patrícia. *A Mídia e a Construção do Herói Esportivo:* Análise da Revista Placar com Neymar Crucificado. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTRCOM). 2013.

SILVA, Francisca Islandia Cardoso da; RODRIGUES, Janete de Páscoa. A construção de celebridades midiáticas: o caso Neymar. *Diálogo*, n. 29, p. 153-168, 2015.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Discursos Hegemônicos e Representações Sociais do Futebol Feminino no Brasil. *36º Encontro Anual da ANPOCS.* 2012.

WHITE, P. R. *Un recorrido por la teoría de la valoración (Teoría de la valoración)*. Traduzido por Elsa Ghio. Appraisal Theory Homepage. 2003.

WHITE, Peter RR. Media power and the rhetorical potential of the "hard news" report–attitudinal mechanisms in journalistic discourse. Käännösteoria, ammattikielet ja monikielisyys. *VAKKI: n julkaisut*, v. 36, p. 30-49, 2009.

VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D.P. *A linguagem da avaliação em Língua Portuguesa:* estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

17 | Do início ao desmanche da Seleção Permanente de Futebol Feminino: uma análise comparativa das imprensas oficiais e alternativas

Débora Miranda de Oliveira[1]

Introdução

Os preparativos para a oitava edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino, na França em 2019, traz reflexões acerca de como o Brasil vem encarando a categoria desta modalidade em nossa história recente. Há quatro anos, o grupo de atletas que representaria o país na competição mais importante do futebol se preparava para a viagem ao Canadá sob tutela da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em Itu (São Paulo), no projeto que foi chamado de Seleção Permanente de Futebol Feminino. No começo de 2015, a CBF se preparava para uma Copa do Mundo de Futebol Feminino, para os jogos Pan-Americanos e no ano seguinte para as Olimpíadas em casa, enquanto Joseph Blatter ainda era presidente da Federação Internacional do Futebol (FIFA). Cartola considerado por muitos um grande apoiador da modalidade feminina no futebol, ao longo dos seus cinco mandatos como primeiro nome da FIFA, exigia das Confederações que desenvolvessem suas Seleções de Futebol Feminino. Pressionada, (também considerando o vexame da modalidade masculina no ano anterior) a CBF buscou estratégias que compensassem a curtíssimo prazo o descaso de décadas para com os esportes femininos no Brasil[2].

Em janeiro de 2015, as primeiras publicações a respeito da Seleção Permanente de Futebol Feminino apareceram, tanto na imprensa oficial, quanto na imprensa alternativa. Em junho, com a Copa do Mundo para começar, o Podcast Dibradoras[3] já denunciava a inexistência de cobertura do evento por parte da imprensa tradicional do país. Depois da estreia do Brasil na competição, as apresentadoras e as convidadas do programa semanal tensionaram ainda mais a grande imprensa brasileira, em especial a Folha de S. Paulo. Principalmente depois da publicação do artigo de Mariliz Pereira Jorge, chamado de *Futebol, Sangue, Suor e Machismo*. Colunista da Folha, dentro do próprio jornal provocou a redação e disse que o veículo vinha "ignorando solenemente a competição"[4].

A mídia exerce o papel de mediadora entre o público e o esporte, contribuindo exponencialmente para a formação da opinião da população a respeito do que é reproduzido por ela. A sua existência tem sido uma das variáveis que mais influencia a estrutura da sociedade de maneira mais definitiva (PAIVA, 2001). Neste sentido, é possível entender que a mídia tradicional tem interesse de preservar uma realidade que pode beneficiá-la, não visa mudanças no *status quo* e não pretende promover transformações sociais (GÓES, 2008). Tem a tendência de privilegiar o poder, enquanto a mídia alternativa "privilegia o fraco e o marginal, oferece a perspectiva

---

1 Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

2 O Brasil é um país que teve seu desenvolvimento atrelado a valores conservadores e à cultura patriarcal, o que contribuiu para a exclusão histórica de todo sujeito que desviasse do padrão de normalidade entendido pela sociedade, principalmente no que diz respeito ao gênero (FERNANDES; OLIVEIRA, 2018 apud MORAES; DIAS, 2009).

3 Disponível em: <http://www.central3.com.br/category/podcasts/dibradoras-podcast/>. Acesso em maio de 2019.

4 Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/futebol-sangue-suor-e-machismo-por-mariliz-pereira-jorge/>. Acesso em maio de 2019.

de baixo e fala o não-falado. A pauta desprezada ou esquecida dos grandes meios de comunicação (...)" (GÓES, 2008 apud HARCUP, 2007).

O futebol feminino é pautado na mídia tradicional há décadas, no entanto o discurso acerca da modalidade "tem sido frequentemente adornado por adjetivos e intenções não encontrados no tratamento do futebol masculino e de forma a não garantir uma existência autônoma (...)" (MORAES; MARTINS, 2007 apud MOURÃO; MOREL, 2005).

A mídia alternativa que pauta o futebol feminino no Brasil manifesta-se em um cenário de questionamento da hegemonia da mídia tradicional. Os meios disponíveis na internet são instrumentos de ação dos movimentos sociais que lutam por transformações na sociedade e tem profunda relação com o objetivo de comunicação crítica da mídia contra hegemônica (GÓES, 2008). O Podcast Dibradoras é um dos principais canais alternativos que diz sobre esportes femininos, de maneira que rejeita a tradicional organização de redação dos programas esportivos, majoritariamente masculinos. É feito por mulheres e direcionado ao público feminino, divulgando o que a mídia tradicional prefere ignorar e alcançando pessoas cujas demandas não são correspondidas pelos valores que a mídia dominante escolhe preservar.

Durante todo o período de existência da Seleção Permanente de Futebol Feminino, do início ao desmanche, o debate feito acerca de sua viabilidade e organização se deu nos canais de mídia alternativa à imprensa oficial, já que a última servia como porta voz da cúpula da CBF. No Podcast Dibradoras, a Seleção Permanente foi pauta frequente, uma vez que este projeto de confinamento das atletas da Seleção Feminina principal foi o que configurou a pré-temporada da equipe para a maratona de grandes eventos de futebol em 2015 (Copa do Mundo) e 2016 (Olimpíadas).

Em junho de 2015, no Podcast em que as Dibradoras receberam Aline Pellegrino, ex-jogadora e capitã da seleção brasileira e representante do movimento Bom Senso FC[5], e a jornalista Mariliz Pereira Jorge, da Folha de S. Paulo, a pauta era sobre a cobertura da Copa do Mundo aqui no Brasil pela imprensa oficial, ou melhor, a falta de cobertura do principal evento de futebol do mundo por parte da mídia brasileira[6]. Pelo relato de cada participante no Podcast, as informações a respeito da Copa do Mundo de Futebol Feminino na mídia eram praticamente inexistentes e o levantamento de dados no site do Globo Esporte feito nesta pesquisa torna a afirmação das Dibradoras ainda mais verdadeira.

Principal nome esportivo da mídia tradicional brasileira, o Globo Esporte é - também - uma plataforma digital de jornalismo no ritmo das redes sociais. Nos anos de 2015 e 2016 foram publicadas apenas 185 matérias sobre a Seleção Feminina Brasileira principal e, nestas, 38 menções à Seleção Permanente. Em junho de 2015, no mês da Copa do Mundo no Canadá, apenas 15 publicações foram voltadas para a Seleção Brasileira que participava do torneio.

De acordo ainda com as Dibradoras, o jornalismo esportivo é dominado por homens então as matérias vão dizer sobre o que a eles interessa. É necessário transformar a redação, responsabilizar-se, principalmente quando se trata de futebol, que não é uma modalidade desconhecida. Sidney Garambone em 2015 era chefe de

---

5 Descrição oferecida pelo próprio episódio do Podcast no ano de 2015.

6 DIBRADORAS #03. Entrevistadoras: Júlia Vergueiro, Roberta Cardoso e Renata Mendonça. Entrevistadas: Aline Pellegrino e Mariliz Pereira Jorge. 15 de junho de 2015. Podcast. Disponível em: http://www.central3.com.br/dibradoras-03/. Acesso em maio de 2019.

reportagem esportiva da rede Globo e deu uma declaração dizendo que o Futebol Feminino não despertava paixão, e que a própria modalidade é culpada pela falta de visibilidade; o mesmo homem que repetia sempre que "futebol é cultura" [7].

O futebol faz parte de um universo cujas representações são veementemente masculinas, portanto é importante fazer uma análise para além de entendê-lo apenas enquanto esporte. Como um espaço também sociocultural, produz e reproduz valores que objetivam a manutenção de ordem - que também espera ser observada no jogo. As mulheres dentro de campo subvertem a ordem imposta e evidenciam a desigualdade de gênero (FRANZINI, 2005).

A Seleção Permanente que durou dois anos

A Seleção Permanente foi um projeto de curto prazo. Oswaldo Fumeiro Alvarez, o Vadão, técnico da Seleção Feminina, já dizia à época que o objetivo do projeto era construir uma equipe competitiva que se dedicaria exclusivamente à Seleção Nacional. A Seleção Permanente então teve início em janeiro de 2015, ano da Copa do Mundo no Canadá, e foi uma resposta da CBF à expectativa de uma equipe qualificada que disputaria no ano seguinte as Olimpíadas em casa.

Vadão assumiu o comando da seleção feminina no começo de 2015 e esteve à frente da equipe durante toda a existência da Seleção Permanente. Nos primeiros jogos do projeto, o Globo Esporte fez uma matéria no interior de São Paulo com a equipe do São José sobre o amistoso contra a Seleção[8]. Quem estava à frente da equipe paulista era Emily Lima (que futuramente seria - por pouco tempo - a primeira mulher a comandar a Seleção feminina). Ela foi uma das vozes que criticou a Seleção Permanente, principalmente porque cinco atletas principais do São José foram colocadas à disposição da CBF e descaracterizaram profundamente o time que era o atual campeão da Copa Libertadores na época. Vadão sempre assumiu em falas à imprensa tradicional que a Seleção Permanente estava prejudicando os clubes brasileiros, mas nunca apontou outra solução para os problemas da modalidade feminina. Assim como a imprensa tradicional também não fez questão de procurar especialistas no assunto para fazer um debate mais qualificado. Esse papel quem desempenha é a mídia alternativa, como as Dibradoras.

O Dibradoras é um site esportivo que tem como objetivo subverter a lógica hegemônica da mídia tradicional na medida em que oferece a perspectiva das mulheres em relação ao esporte, sejam elas atletas ou demais profissionais da área. Destaca-se no meio alternativo da mídia por ser "um site esportivo que faz contraponto ao preconceito machista no esporte e todo o estranhamento que a sociedade ainda tem referente a mulher no âmbito esportivo (VIEIRA, 2018, p. 11)".

Por outro lado, o Globo Esporte é o principal veículo de comunicação esportiva do Brasil. Entendido enquanto imprensa tradicional, a plataforma obedece a ordem de manutenção de privilégios e de poder econômico. O site foi utilizado na análise

---

7 Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/sidney-garambone/trajetoria.htm>. Acesso em maio de 2019.

8 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/04/criacao-de-selecao-permanente-divide-opinioes-no-futebol-feminino.html>. Acesso em maio de 2019.

de publicações sobre a Seleção Feminina de Futebol devido à sua perceptível influência na sociedade brasileira no que diz respeito ao viés digital.

No site é disponibilizada a possibilidade de acessar o acervo de publicações da plataforma de anos anteriores. Através do filtro de datas foram localizadas publicações do dia 01 de janeiro de 2015 até 31 de dezembro de 2016 que abordaram ou mencionaram de alguma maneira a Seleção Feminina principal e as suas jogadoras, através da busca pelas palavras chave *Seleção Feminina*. Todas as publicações foram lidas na íntegra e os seus dados posteriormente foram dispostos em tabela contendo data e título do texto a fim de sistematizar quantitativamente o que foi dito sobre a Seleção Feminina de futebol no período dos grandes eventos.

Ao objetivar a análise comparativa com as Dibradoras, 64 Podcasts foram ouvidos na íntegra no site Central 3, que hospeda o conteúdo[9], do dia 01 de junho de 2015 até 16 de janeiro de 2017[10]. Foram produzidos relatórios sobre todos os programas a fim de levantar – qualitativamente – as principais informações apontadas pelas apresentadoras e convidadas do Podcast[11]. Os relatórios foram organizados em ordem cronológica e os dados apontados foram cruzados com as matérias do Globo Esporte.

Através destas duas ações efetivou-se os tratamentos dos resultados, houve a interpretação de todos os dados e derivou-se conclusões acerca do conteúdo levantado na pesquisa. Foram elaboradas duas tabelas referentes aos anos de 2015 e 2016 com o intuito de ilustrar a cobertura do Globo Esporte sobre a maratona de grandes eventos que a Seleção Brasileira Feminina participou. Ainda neste sentido, as tabelas trazem também o número de menções à Seleção Permanente, visto que o projeto em muito determinava o rendimento da equipe nas competições que participava e refletia a realidade do cenário da modalidade no país.

Considera-se pela quantidade de matérias observadas no site do Globo Esporte a pouca atenção dada à Seleção Brasileira Feminina. Entre 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2016, foram efetivadas 185 publicações. (TABELAS 1 e 2).

---

9 "(...) é um canal de podcasts com programação independente e gratuita entre o conteúdo autoral e as parcerias com sites, coletivos e iniciativas jornalísticas espalhadas pelo Brasil. A nossa busca enquanto produtora de conteúdo é unir precisão informativa, bom-humor na condução dos debates, senso crítico presente e liberdade para transitar entre as mídias, formatos e redes". Disponível em: <http://www.central3.com.br/sobre-nos-2/>. Acesso em maio de 2019.

10 Optei por ouvir mais um programa das Dibradoras depois do fim do ano de 2016 visto que foi uma entrevista com a Emily Lima, na época recém-chegada treinadora da Seleção feminina, primeira mulher a ocupar o cargo.

11 Entrei em contato com a produção do Blog e Podcast a fim de ter acesso às suas publicações do site na época, no entanto, por terem migrado para o portal UOL, os textos de 2015 e 2016 não estavam disponíveis na íntegra. Sugeriram que eu utilizasse como fonte os programas do Podcast que estão todos disponíveis no site da Central 3, já que não seria possível eu ter acesso aos textos referentes ao período que este trabalho aborda. As Dibradoras estavam se preparando para irem à França cobrir a Copa do Mundo e não poderiam me enviar o material por escrito no momento.

Tabela 1

Meses de 2015	Número de publicações sobre a Seleção Brasileira Feminina de Futebol principal	Número de publicações sobre a Seleção Permanente de Futebol Feminino
Janeiro	3	1
Fevereiro	5	3
Março	7	0
Abril	5	1
Maio	5	1
Junho	15	5
Julho	6	1
Agosto	4	1
Setembro	3	1
Outubro	4	0
Novembro	4	0
Dezembro	11	3
Total	**72**	**17**

Tabela 2

Meses de 2016	Número de publicações sobre a Seleção Brasileira Feminina de Futebol principal	Número de publicações sobre a Seleção Permanente de Futebol Feminino
Janeiro	4	2
Fevereiro	5	4
Março	4	0
Abril	3	1
Maio	5	2
Junho	8	0
Julho	24	5
Agosto	34	6
Setembro	3	1
Outubro	2	0
Novembro	6	0
Dezembro	15	0
Total	**113**	**21**

De acordo com Miguel Archanjo de Freitas Jr. e Bruno José Gabriel, que analisaram o futebol feminino na Folha de S. Paulo em 2015:

> [...] a baixa periodicidade/visibilidade proporcionada à seleção/futebol feminino nos diversos veículos jornalísticos está relacionada à inserção das mulheres em um campo que ao longo da história brasileira vem sendo considerado como próprio e propício ao gênero masculino. Por isso, nem os ótimos resultados alcançados pela equipe nas competições outrora disputadas, têm conseguido alterar essa condição (FREITAS JR; GABRIEL apud[12] KINIJNIK; VASCONCELLOS, 2016, p. 9).

Durante os anos de 2015 e 2016, demarcando o início de um e o final do outro como iniciativa e desmanche da Seleção Permanente, a Seleção Brasileira de Futebol Feminino teve compromissos importantes para a modalidade. Em março de 2015, disputou a Copa Algarve em Portugal, primeira convocação oficial depois da iniciativa do projeto da CBF, perdendo para a Seleção Alemã de goleada, e só voltou a se encontrar meses depois para amistosos.

Na Copa do Mundo, entre junho e julho de 2015, a atuação da Seleção Brasileira foi discreta e acabou não passando das oitavas de final da competição, quando caiu para a Austrália. Neste momento, o Podcast Dibradoras já se atentava para os problemas táticos da equipe de Vadão, que por mais que estivessem em excelente forma física devido à estrutura da Seleção Permanente[13], careciam de ritmo de jogo, que o isolamento do projeto impedia de desenvolver. As atletas da Seleção Permanente que participaram da Copa do Mundo não estavam jogando campeonatos regularmente, diferentemente das seleções adversárias no Mundial. Logo em seguida, aconteceu o PAN, também no Canadá, no entanto não era um compromisso FIFA e muitas das atletas principais das seleções ficaram de fora, o que deu oportunidade para novas atletas representarem seus países, e foi visto como competição preparatória para as Olimpíadas do ano seguinte[14].

Repetindo evento de setembro de 2015, em 2016 também aconteceu o Draft[15] com as atletas da Seleção Permanente a fim de fortalecer o Campeonato Brasileiro. A distribuição das atletas entre os clubes desvela também que a Seleção Permanente prejudicou a competição, confinando as atletas fundamentais em seus clubes em Itu, secundarizando a liga nacional e a formação de base para o futebol feminino brasileiro.

Constata-se a maior ocorrência de publicações sobre a Seleção Brasileira Feminina no período das maiores competições destes dois anos. Em junho de 2015, o Globo Esporte noticiou 15 vezes a Seleção, quando estava acontecendo a Copa do Mundo no Canadá. Nos meses de julho e agosto de 2016, durante as Olimpíadas no Brasil, o número de publicações comparadas ao ano anterior mais que dobrou.

---

12 KNIJNIK, J. D.; VASCONCELLOS, E. G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J. R. L. (org.). Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte. São Paulo: Annablume, 2003, p. 75-89.

13 O discurso da CBF que foi reproduzido pela grande mídia tradicional utilizava deste argumento, principalmente, para sustentar a ideia da necessidade da Seleção Permanente. Era dito que os homens não precisavam deste tipo de projeto porque já treinavam ao longo do ano todo com suas equipes e que a estrutura dos times femininos era muito inferior à ideal para as atletas disputarem Copa do Mundo e Olimpíadas.

14 Em 2019, a Seleção Brasileira Feminina não participará do PAN em Lima.

15 Draft foi a alocação/distribuição das atletas da Seleção Permanente nos clubes brasileiros durante um período de tempo para que a competição fosse fortalecida. As jogadoras estavam filiadas na CBF, no entanto não estavam associadas a nenhum clube.

A imprensa tradicional correspondeu ao entusiasmo popular para com a Seleção Feminina, tendo um pico de publicações a respeito. Porém, no que precede e procede a Copa do Mundo e as Olimpíadas o que se diz sobre a Seleção é mínimo. Infere-se também que os números sobre a Seleção Permanente são muito pequenos, em média apenas 22% destas matérias assinadas pelo Globo Esporte mencionaram o projeto. Finalizando a competição, mais uma vez sem medalha, a imprensa já divulgava que a Seleção Permanente não era tão rentável e que não alcançou o seu objetivo.

O caráter informativo que foi adotado pela mídia tradicional durante estes dois anos livrou a CBF da responsabilidade que tinha sobre o Campeonato Brasileiro Feminino e sobre a Seleção. Os nomes de Marco Aurélio Cunha, coordenador de futebol feminino, e de Vadão, técnico da Seleção são preservados e a falta de títulos é atribuída à não renovação da base do futebol feminino.

Sempre houve resistência para legitimar o esporte feminino como um todo na sociedade brasileira, não apenas quando se trata de futebol – legitimação que passa pelo crivo da mídia. Mas no que diz respeito à modalidade, as mudanças de discurso são muito lentas e se transformam com dificuldade (SANTOS; MEDEIROS, 2012).

Salvo às exceções em que fora publicado pelo Globo Esporte que com a Seleção Permanente, a Ferroviária perdeu sete atletas titulares, que Emily Lima teceu críticas ao projeto depois do amistoso contra o São José antes da Copa e que a iniciativa dividiu opiniões nos bastidores do futebol feminino no Brasil, o portal serviu como porta voz da cúpula da CBF no que diz respeito à modalidade no país.

É de se partir do pressuposto de que a Seleção Permanente tinha data de validade desde a sua criação, e a imprensa alternativa, como foi o caso das Dibradoras, já vinha chamando a atenção para esse ponto desde o início do projeto. É evidente que a iniciativa de remediar os efeitos do descaso com a modalidade feminina não iria funcionar e que finalizando o trabalho, as Olimpíadas seriam o último bode expiatório para concretizar o desmanche da Seleção Permanente.

O Globo Esporte noticiou que

> [...] o desempenho do futebol feminino no torneio Olímpico pode ter um impacto ainda maior para o esporte no país do que ter terminado sem medalha. Há gente muito influente na entidade (CBF) defendendo uma revisão, após a Rio 2016, do custeio de uma Seleção Permanente, com a CBF pagando mensalmente as jogadoras. Um dos figurões da entidade, em conversa informal com o blog, não viu vantagens para a confederação em manter o modelo e fez a seguinte leitura: o resultado não veio, elogios pela iniciativa também não, e sobrou apenas a conta para pagar (GLOBO ESPORTE, 21 de agosto de 2016).

Com o fim das Olimpíadas, a Seleção Permanente deixou de existir. Para quem acompanhava o futebol feminino, o fim da Seleção Permanente já era esperado, uma vez que o projeto era tratado com improvisação e seus objetivos eram de curto prazo, “porém não é uma unanimidade e divide a opinião de torcedores, jogadores e jornalistas esportivos” (GLOBO ESPORTE, 22 de agosto de 2016).

O que foi noticiado na mídia tradicional a respeito do desmanche da Seleção Permanente passou pelo crivo da cúpula da CBF. A perspectiva divulgada pelo Globo Esporte era de que a Seleção Permanente estava ficando muito cara para a instituição e não dava resultado (e nem elogios). Em matéria de agosto de 2016 do mesmo portal, o que prevaleceu foi a opinião de que:

> [...] a seleção permanente é uma forma de manter um grupo de mulheres treinando e jogando. Os homens não precisam disso porque jogam praticamente o ano inteiro em seus respectivos times. Acabar com a seleção feminina é desprestigiar o futebol feminino que luta a duras penas, em um país que enxerga e prega a ideologia do futebol como coisa de homem (GLOBO ESPORTE, 24 de agosto de 2016).

Entende-se, portanto, que no comparativo das modalidades masculinas e femininas na matéria, houve a responsabilização das próprias atletas por não contarem com o subsídio da entidade esportiva brasileira para fortalecer os seus times e campeonatos. Por detrás da ideia de valorização da modalidade, a imprensa oficial reproduz os valores culturais patriarcais que não debate e nem procura romper as estruturas de subjugação feminina. O que, afinal de contas, por definição é o papel da imprensa tradicional.

Moraes e Dias levantam questionamentos pertinentes acerca do futebol feminino atual no Brasil:

> [...] por que, até os dias de hoje, não há reconhecimento do futebol feminino num país que considera como elemento de sua cultura essa modalidade esportiva? Em outras palavras: por que há tanta glória e fortuna ligada ao futebol masculino e tanto esquecimento e desmerecimento quando se trata dessa modalidade esportiva quando praticada por mulheres? (MORAES; DIAS, 2009, p. 185).

Eventuais soluções para os problemas que o futebol feminino enfrenta no Brasil foram colocadas em pauta pelas matérias da grande mídia esportiva, mas o que foi apontado enquanto caminho não altera as estruturas históricas de descaso com a modalidade nem contam com elaboração programática de especialistas no assunto.

Considerações finais

Em 2015, nos primeiros passos da Seleção Permanente, houve uma declaração do presidente da CBF na época destacando a média salarial das atletas funcionárias da Seleção. O valor que – dizia-se – alcançava nove mil reais nunca foi esclarecido. As Dibradoras, jornalistas, buscaram checar a informação e divulgaram em Podcast que não foram respondidas pela CBF.

Existem muitas pessoas que querem acompanhar mais o futebol feminino, mas a imprensa oficial não corresponde à demanda. Desta maneira, a imprensa alternativa cresce – o número de Podcasts cuja temática é o esporte feminino vem aumentando muito, por exemplo.

É comprobatória a afirmação de Aline Pellegrino no Podcast Dibradoras de que existe uma estrutura de boicote ao futebol feminino no Brasil, que mantém a modalidade exatamente no lugar de desqualificação. A mídia tradicional associada às instituições de centralização do esporte detém o poder de alocar as modalidades nos seus lugares de maior interesse a fim de preservar os privilégios e estruturas de dominação.

Diante da análise dos resultados, concluiu-se que a cobertura da mídia tradicional nos anos de 2015 e 2016 sobre a Seleção Brasileira Feminina foi caracterizada pelo baixo número de publicações e pela construção de disposições preconceituosas. Foram observadas, por exemplo, reportagens inteiras escritas acerca da vaidade das atletas da Seleção. Neste sentido, de acordo com Maíra Lemos, apesar da crescente participação feminina nos esportes, as mulheres ainda encontram muitas dificuldades para se inserirem no universo esportivo:

> Os estereótipos do que é masculino e feminino são reforçados diariamente na cobertura esportiva, que trata os homens atletas como mitos e heróis e, por outro lado, constrói um retrato sexualizado das mulheres atletas. O raro destaque dedicado às mulheres em manchetes esportivas (geralmente em estreias e eliminações), frequentemente tem abordagem nos atributos como beleza física e estilo de vida, ao invés do talento e técnica das atletas (LEMOS apud[16] FIRMINO; VENTURA, 2017, p. 10).

Após a Copa do Mundo em 2015, mesmo a pouca visibilidade proporcionada à Seleção Brasileira na mídia tradicional foi encerrada. Infere-se também que durante as competições a modalidade adquire maior significância cultural, dado o fenômeno Marta. No entanto, é abruptamente esquecido logo depois da participação da Seleção na competição.

A justificativa comumente encontrada de que o grande público não se interessa pelo futebol feminino e, portanto, a cobertura da mídia corresponde à expectativa, não se sustenta na medida em que se percebe o crescimento do Dibradoras e outros canais alternativos voltados para demais modalidades esportivas femininas.

Ao mesmo tempo em que a preparação da Seleção Brasileira Feminina estava sendo fortalecida na Seleção Permanente diante da infraestrutura, instalações e serviços oferecidos pela CBF, as equipes e os campeonatos nacionais – cujo calendário é completamente diferente das competições entre equipes masculinas – se enfraqueceram com a ausência de suas principais atletas.

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres brasileiras atletas de futebol atualmente são fruto de um processo histórico institucionalizado. As leis que impediam a prática de esporte por mulheres só caíram há quarenta anos atrás. As permanências na mentalidade da sociedade brasileira é um dos fatores que ainda fazem com que o futebol feminino hoje, no Brasil, seja marginalizado e as atletas estigmatizadas.

---

16 Firmino, C., Ventura, M. (2012) Sou atleta, sou mulher: a representação da seleção brasileira de futebol feminino na cobertura dos Jogos Olímpicos em Londres. Unesp.

Não há investimentos em escala suficiente como há no futebol masculino, isso reflete nas crises que a modalidade vem enfrentando, especialmente depois das Olimpíadas em 2016 no Brasil. As atletas têm que sair do país para se profissionalizar, têm baixíssimas remunerações e não são reconhecidas até mesmo em competições oficiais representando o Brasil. As heranças do passado moralista e conservador, associado ao machismo que envolve a sociedade patriarcal, o processo histórico que deixou os esportes das mulheres na ilegalidade ainda colhe seus frutos.

Estes arranjos estigmatizados acabam reforçando a visão preconceituosa que a mídia – e por consequência a sociedade – enxerga a modalidade feminina do futebol. Como a primeira exerce o papel de mediadora entre o público e o esporte, contribui veementemente para a formação da opinião da população a respeito do que são os esportes femininos, neste caso.

Toda a análise de dados feita nessa pesquisa demonstra que a mídia tradicional, aqui o Globo Esporte enquanto objeto, negligenciou e silenciou nos anos de 2015 e 2016 em suas matérias os bastidores do descaso da CBF para com a Seleção Feminina. A Seleção Permanente não foi problematizada em seu início. Durante a sua existência, mesmo colhendo maus resultados, a responsabilidade era atribuída exclusivamente às atletas (e ao futebol feminino no geral). Seu fim, profundamente atrelado ao final das Olimpíadas (e não ao desempenho da Seleção na competição), teve como justificativa o alto gasto que a CBF tinha com o projeto.

Coube muito às Dibradoras (e demais canais alternativos) exercer o papel de contra-ataque e pautar em seus Podcast e Blog como era a realidade do futebol feminino no Brasil e como a Seleção Permanente era inviável ao desenvolvimento e valorização da modalidade do esporte no Brasil em longo prazo. Ainda hoje é possível visualizar as consequências desta falta de planejamento da CBF com as mulheres.

Referências bibliográficas

ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. *Movimento*, vol. 12, núm. 1, enero-abril, 2006, pp. 11-29. Escola de Educação Física. Rio Grande do Sul, Brasil.

ALMEIDA, R. S. *Futebol feminino no Brasil*: memória e discursos da mídia impressa. In: FAZENDO GÊNERO, IX. Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-8.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A.; BORDO, S. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

BOURDIEU, P. *Algumas propriedades dos campos*. In. _____. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 89-94.

_____. A *economia das trocas lingüísticas*: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996.

COSTA, Carlos Eduardo e TOLEDO, Luiz Henrique. Visão de Jogo: Antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica. Universidade Estadual Paulista, 2002.

GÓES, Laércio Torres de. Contra-hegemonia e Internet: Gramsci e a Mídia Alternativa dos Movimentos Sociais na Web. *IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste*. UFBA, 2007.

FERNANDES, Ana Karolina Amorim e OLIVERA, Débora Miranda de. As representações femininas no país do futebol: a proibição das mulheres nos esportes pelo decreto-lei de nº 3.199, de 14 de abril de 1941. In: PEDRO, Joana Maria; ZANDONÁ, Jair. *Anais da III Jornadas do LEGH: feminismo e democracia*. UFSC, 2018.

FIRMINO, Carolina Bortoleto e VENTURA, Mauro de Souza. Sou atleta, sou mulher: a representação da seleção brasileira de futebol feminino na cobertura dos Jogos Olímpicos em Londres (2012). UNESP, 2013.

FIRMINO, Carolina. Empoderamento e relações de poder: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto "Dibradoras". *FuLiA/UFMG*, v. 4, n. 1, p. 23-38, 2019.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. FFLCH, USP. 2005.

FREITAS JUNIOR, M. A. de. *No meio do caminho*: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950. 2009, 320 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

FREITAS JÚNIOR, Miguel Archanjo; GABRIEL, Bruno José; PEREIRA, Marcela Caroline. "Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90." Caderno Espaço Feminino 29.2, 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e Esporte em Perspectiva. Centro de Memória do Esporte. ESEF, UFRGS. 2004.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e Esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem História. ESEF, UFRGS. 2004.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, mulheres e esportes. Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199-210, janeiro/abril de 2006.

JOSÉ GABRIEL, Bruno et al. Quantas vezes, o que e como a Seleção Brasileira de Futebol Feminino foi noticiada? Analisando a cobertura esportiva da Folha de S. Paulo em 2015. *Recorde: revista de história do esporte*, v. 11, n. 1, 2018.

KNIJNIK, J. D.; VASCONCELLOS, E. G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J. R. L. (org.). Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte. São Paulo: Annablume, p. 75-89, 2003.

LEMOS, Maíra. Futebol feminino: ignorado pela mídia de massa e pautado no jornalismo alternativo. Monografia. PUC Minas, 2017.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. UNASP, 2006.

MORAES, Enny Vieira; DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Diferentes corpos se apresentam: fragmentos da história do futebol feminino no Brasil. *Caderno Espaço Feminino* | v. 22 | n. 2 | Ago./Dez. 2009.

MORAES, Enny Vieira. Uma história parcial do futebol; ou: não existe futebol feminino no Brasil? Recorde: *Revista de História do Esporte*. Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer e Programa de Pós-Graduação em História Comparada/IFCS/UFRJ. v. 2, n. 1, jun. 2009. Disponível em: www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde.

MOURÃO, L.; MOREL, M. *As narrativas sobre o futebol feminino*: o discurso da mídia impressa em campo. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

NORONHA, Marcelo Pizarro. Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o "lugar" feminino no futebol clubístico. UNISINOS. São Leopoldo, 2010.

PAIVA, Raquel. Minorias flutuantes – novos aspectos da contra-hegemonia. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação XXIV. Campo Grande, 2001

SANTOS, Doiara Silva e MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. O futebol feminino no discurso televisivo. UFES, Vitória. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 185-196, jan./mar. 2012.

VIEIRA, Stephanie. "O site "Dibradoras" como mídia de resistência ao preconceito machista no esporte." São Borja, 2018.

18 | A presença das mulheres negras no esporte – caso Serena Williams

Thulany Dhara[1]

Introdução

Inúmeros foram os desafios que as mulheres tiveram que enfrentar para conquistar seu espaço no mundo esportivo, que durante muitos anos foi considerado um mundo masculino. No Brasil, as mulheres foram proibidas por lei de jogar futebol, pólo aquático, rugby, baseball, entre outros durante quarenta anos. O decreto-lei 3.199 [2]de 14 de abril de 1941 dizia que "Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país". Esse decreto gerou graves consequências às mulheres atletas. Até hoje o futebol feminino no Brasil tem pouco incentivo e muitos problemas com a falta de patrocínio.

Muitos foram os argumentos usados para tentar convencer de que as mulheres só poderiam jogar certas modalidades esportivas. Silvana Vilodre Goellner, em seu artigo *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*, evidencia alguns deles:

> Havia a concepção de que o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade dos movimentos, a leveza da roupa e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionado à mulher, abrandariam os limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina (GOELLNER, 2005, p. 144).

Apesar de muitos anos terem se passado, esse ideal de ser feminina ainda é recorrente no universo esportivo, principalmente com as mulheres negras. No primeiro capítulo do livro *Mulheres, Raça e Classe*, denominado Legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher, a filósofa Angela Davis (1981) evidencia o estereótipo que a mulher negra herdou da escravidão. Davis discorre sobre como o ideal de feminilidade não se aplicava às negras, pois estas eram vistas apenas como escravas, e não como mães e donas de casa. Resistência à dor e força eram as características das escravas que perdura até os dias atuais nas mulheres negras. Logo, mostrar essa fragilidade e feminilidade que o mundo esportivo idealiza torna-se mais difícil quando o estereótipo herdado destaca o oposto. Essa busca pela fragilidade, pelo corpo belo e esbelto faz com que àquelas com músculos torneados sejam masculinizadas. No caso das mulheres negras há um a mais, pois elas lidam com uma hipersexualização também herdada da escravidão. Jarid Arraes (2014), em seu texto da revista Fórum, *A objetificação*

---

1 Graduanda pela Faculdade de Comunicação da UERJ.

2 Link do decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html

e hipersexualização da mulher negra[3], disserta sobre como o corpo da negra é visto como gostoso, exótico e diferente, e ao mesmo tempo proibido, impensável e pecaminoso, fazendo com que eles possam, ao mesmo tempo, serem masculinizados e erotizados. Mais adiante veremos como a jogadora Serena Williams sofre com essa erotização por ter coxas grandes, quadril largo e músculos saltados.

A INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA

Antes de analisarmos as matérias envolvendo o Caso Serena Williams é importante ressaltar um fato importante que passa despercebido em diversas situações. As mulheres negras sofrem com uma invisibilidade que dificultou, e ainda dificulta, muito o acesso delas ao mundo esportivo. Não podemos esquecer que o ideal da mulher feminina se referia à mulher branca, a mulher negra não era mencionada nem considerada. Grada Kilomba no seu livro *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*, resume o espaço que a mulher negra ocupa, abaixo do homem, mas também abaixo da mulher branca.

> Por serem nem brancas, nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista branca. Nós representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade.
>
> Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. (...)
>
> Mulheres brancas têm um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o "outro" do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes de homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o "outro" do "outro" (KILOMBA, 2012, p. 124).

Outro fato que deve ser lembrado é que a mulher negra carrega uma bagagem vinda da escravidão que nenhuma mulher branca tem. Em seu texto Mulheres e Esporte, Djamila Ribero (2017) deixa claro que as pretas não tinham esse ideal de fragilidade, uma vez que faziam os mesmos serviços braçais que os homens realizavam nas lavouras e plantações na época escravocrata. Outra questão é a financeira. Também relacionada a diversos fatores raciais, a desigualdade econômica dificulta a entrada de mulheres negras em diversos esportes, o tênis é um deles. Com materiais caros e o custo alto para treinar, essas mulheres novamente são excluídas do espaço. O caso das irmãs Williams [4]é uma das exceções e não regra. As irmãs eram pobres e foram treinadas pelo pai em quadras públicas, até que obtiveram destaques e conquistaram bolsas para treinarem em academias de elite.

---

3 Link do texto A objetificação e hipersexualização da mulher negra:

https://revistaforum.com.br/noticias/objetificacao-e-hipersexualizacao-da-mulher-negra/

4 Sisters - Venus & Serena Williams de Jeanette Winter, Sisters And Champions: The True Story Of Venus And Serena Williams de Howard Bryant e Venus & Serena de Hilary Beard com Serena Williams são alguns livros que contam a histórias das irmãs Williams.

Essas são algumas das várias barreiras que a mulher negra enfrenta ao entrar no mundo esportivo. Mais adiante fica evidente como a tenista Serena Williams teve que lutar contra todas elas. Até hoje Serena tem que lidar com o racismo vindo da herança da escravidão e da invisibilidade.

Racismo "velado"

O racismo sempre esteve presente em toda a trajetória de Serena Williams. Em 2017, a empresa de calçados Gianvito Rossi foi acusada de racismo[5] por uma funcionária que relatou que Serena Williams teria sofrido insultos racistas da famosa marca, além de ter um desconto, dado às personalidades brancas, negado. De acordo com o processo, os gerentes da Gianvito deixaram evidente que não queriam mulheres afro-americanas vestindo os calçados.

Um outro caso de racismo contra a atleta foi feito por um cartunista. Durante a final do US Open 2018, Serena Williams foi punida durante a partida por receber orientação indevida do técnico. Em um acesso de raiva, ela quebrou a raquete na quadra e ofendeu o juiz. Sobre esse ocorrido, o cartunista australiano Mark Knight fez uma charge[6] na qual Serena está pulando em cima de uma raquete quebrada, ao lado de uma chupeta de bebê, enquanto o juiz pergunta a sua oponente: "Você não pode simplesmente deixá-la vencer? A charge foi muito criticada no mundo todo por ser sexista e racista. Vale ressaltar que na charge Serena está retratada com enormes lábios parecendo um sambo, personagem do livro infantil *The Story of Little Black Sambo* ("A História do Pequeno Negro Sambo", em tradução livre), publicado em 1899, e é associado às representações raciais depreciativas. Uma das críticas é que se fosse um homem branco nada aconteceria, já que é recorrente os episódios em que atletas masculinos quebram suas raquetes em quadra ou que tenham acessos de raiva.

Esses são exemplos de como a atleta negra carrega uma herança que marca toda sua trajetória. Serena teve que lidar com o racismo decorrente da escravidão e com a erotização e masculinização do seu corpo, justamente por ela não caber no ideal feito para mulheres brancas.

Muitas vezes a força da tenista também foi questionada. Para muitos comentaristas o corpo da Serena oferece inúmeras vantagens a ela, e novamente caímos no estereótipo da mulher negra forte, que aguenta mais a dor e que tem o corpo mais preparado, e esquecemos de contar com sua inteligência e capacidade para ser a melhor.

Caso Serena Williams – A Roupa de Wakanda

Em agosto de 2018, a jogadora Serena Williams foi destaque nos portais de notícias do mundo todo, e não foi pela sua performance em quadra. Disputando seu primeiro Major depois de dar à luz a sua filha, Serena Williams usou um

---

5 Link da matéria sobre o caso de racismo da empresa Gianvito Rossi: https://emais.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,grife-de-sapatos-e-acusada-de-cometer-racismo-contra-serena-williams,70001808656

6 Link da matéria sobre a charge racista feita pelo cartunista Mark Knight, e sua repercussão: https://veja.abril.com.br/esporte/cartunista-australiano-e-criticado-por-charge-de-serena-williams/

traje, intitulado “roupa de Wakanda” fazendo referência ao filme Pantera Negra durante o torneio Roland Garros. Serena adquiriu problemas de saúde depois das complicações no pós-parto com coágulos de sangue. Seu macacão, preto e justo ao corpo, foi usado pela atleta para ajudar com a circulação de sangue, e para inspirar mães no mundo todo que tiveram partos difíceis. No entanto, o dirigente do Grand Slam francês, Bernard Giudicelli, proibiu o uso do traje por considerá-lo ousado demais. Na época, o dirigente declarou:

> É um pouco tarde, porque a coleção já foi confeccionada, mas vamos pedir aos fabricantes que nos digam o que está por vir. Eu acredito que há coisas que vão muito além. O traje de Serena neste ano não será mais aceito. Nós devemos respeitar o jogo e o local (Globo Esporte[7], 24 ago. 2018).

Algumas atletas questionaram a decisão do dirigente e destacaram o poder e a força da mensagem que o traje estava levando ao mundo. Já outras, como a adversária tcheca da atleta Serena Williams no fatídico dia, Krystina Pliskova, questionaram se o uso do traje não era contra as regras.

Em resposta ao ocorrido, Serena Williams foi as quadras do US Open vestindo um traje inspirado no tradicional tutu de bailarina. Ela entrou no jogo com seu traje preto de um ombro só justo, mas com um tutu de bailarina na parte debaixo.

As atitudes da jogadora Serena Williams obtiveram resultados. Três meses depois do ocorrido, a Women’s Tennis Association (WTA) mudou as regras e permitiu o uso de leggings e shorts sem ter que sobrepor essas peças com saias e vestidos. Entretanto, vale lembrar, que os Grand Slams (Roland Garros, US Open, Australian Open e Wimbledon) possuem seus próprios regulamentos.

Globo Esporte x Estadão – A polêmica roupa de Wakanda

Durante o episódio da roupa de Wakanda, diversos portais noticiaram o ocorrido, entre eles o Globo Esporte (24/08/2018) e o Estadão (27/08/2018). Agora será feita uma análise sobre as duas matérias feitas por esses portais, e naquele voltado exclusivamente para conteúdo esportivo, veremos como uma das maiores jogadoras de todos os tempos é retratada, e como isso diz muito sobre o que as mulheres negras passam no mundo esportivo.

Na matéria do Globo Esporte, o traje é mencionado primeiramente como ousado, apesar de ousadia ser algo interpretativo[8], e é falado como ele incomodou o dirigente do Roland Garros. Logo em seguida aparece a proibição do dirigente do uso do traje no torneio. Nos primeiros três parágrafos da matéria, também não é informado que a atleta estava usando o traje devido aos problemas de saúde, eles apenas falam que a peça foi intitulada em homenagem ao filme Pantera Negra e que ela foi utilizada para inspirar mães que tiveram dificuldades depois do parto. Um outro fato que deve-se observar é que, ao se referir a Serena Williams, eles

7 O endereço eletrônico da lista é: https://globoesporte.globo.com/tenis/noticia/roland-garros-bane-roupa-de-serena-inspirada-em-pantera-negra.ghtml

8 Ao se referir a vestimenta da tenista, Serena Williams, como ousada, o Globo Esporte expressa uma opinião particular. O macacão preto justo ao corpo pode ser tão ousado quanto às saias e vestidos curtos usados por outras jogadoras. No entanto só o traje da Serena foi visto dessa forma,

usam a "Ex-número 1 do mundo". Já na matéria produzida pelo Estadão, pode-se observar uma abordagem totalmente diferente. Eles iniciam a matéria dizendo que "Serena Williams, a maior jogadora de tênis de todos os tempos, está no olho de uma polêmica que não envolve sua performance em quadra". No início, o portal já evidencia algo muito importante. Ao invés de estar sendo discutida sua ótima performance em quadra depois dos inúmeros problemas que ela teve no pós-parto. Vale lembrar que esse era o primeiro *Slam* da Serena depois do nascimento da sua filha. Seguindo com a matéria, o portal mostra os comentários do dirigente, mas foca em como a atleta se sentiu em usar o traje, além de explicar como e por que a roupa foi criada.

Nesses dois portais, temos aspectos bem interessantes a serem observados. O primeiro é que o portal esportivo dá mais ênfase na "ousadia" da atleta e em como o dirigente Bernard Giudicelli se sentiu, ao invés de dar voz à atleta sobre o ocorrido. O segundo é que o Estadão, um portal de notícias que não é exclusivamente de esporte, levantou uma questão muito importante. Não estava sendo noticiada a performance da atleta que tinha lutado pela própria vida há menos de um ano e já estava em quadra, e sim seu traje que era justo ao corpo e evidenciava suas curvas. A atleta, que mais possui títulos de *Grand Slams* entre homens e mulheres, estava sendo notícia no mundo devido a sua roupa.

Serena Williams e suas "críticas"

Serena Williams é um marco na história do tênis. Em um esporte elitista e por muitas vezes machista, uma mulher negra se destacou e tornou-se a maior jogadora de todos os tempos. No entanto, apesar de ser reconhecida no mundo inteiro, Serena ainda lida com duras críticas sobre o seu corpo, sua feminilidade e sensualidade. Apesar de estarmos no século XXI, argumentos que eram usados para proibir as mulheres de praticar esportes no início do século XX, ainda são usados para criticar a atleta. Junto a isso ainda temos o componente vindo da época da escravidão, de que negros têm o corpo mais forte e propício para trabalhos braçais. Pode parecer exagero, mas o Dr. Peter Larkins em entrevista ao Herald Sun, em 2006, em uma tentativa de elogiar a jogadora, deu sua opinião médica comparando Serena com outra jogadora.

> "Isso é a raça africana-americana", ele explicou. "Eles simplesmente têm essa enorme força nos glúteos… Jennifer Capriati estava claramente fora de forma e acima do peso. Para Serena, esse é seu físico e genética." (HARRIS, 7 jun. 2015).

Essa é uma das características evidenciada pela mídia quando se trata de Serena Williams. Seu corpo forte e musculoso é um alvo recorrente das críticas. Atletas questionam se seria justo competir contra Serena uma vez que ela parece um homem[9], devido ao seu porte atlético musculoso e sua força física.

Por sofrer essas duras críticas contra seu corpo, Serena também é muito

9 Jenée Desmond-Harris, descreve em seu texto, Every Serena Williams win comes with a side of disgusting racism and sexism, como jornalistas, apresentadores e o público se referem ao corpo da Serena Williams, que é masculinizado e sexualizado. https://www.vox.com/2015/3/11/8189679/serena-williams-indian-wells-racism

sexualizada. Seus trajes sempre estão em discussão na mídia, pois ao usar algo um pouco mais justo, muito comum em outras jogadoras, ela é extremamente criticada por ser vulgar, devido aos seus músculos saltados, principalmente os glúteos e as coxas.

Serena acaba não se enquadrando naquele ideal de feminilidade citado anteriormente, e que ainda perdura atualmente. Por muitas vezes foi vista como uma mulher feia, por não ter traços finos e nem ter o "corpo ideal". No capítulo, "As mulheres e os esportes do artigo Mulheres e futebol no Brasil", de Silvana Vilodre Goellner (2005), podemos observar como no séc. XX essa idealização da mulher pautava a esfera esportiva.

Mulheres Negras no Brasil

Apesar de Serena Williams ser uma atleta americana, os problemas enfrentados por ela também aparecem aqui no Brasil com as mulheres negras. Não podemos esquecer do caso da judoca Rafaela Silva, que após ter sido eliminada na fase prévia por ter aplicado um golpe irregular, sofreu com uma enxurrada de comentários racistas nas redes sociais. As ofensas foram tão intensas que a judoca pensou em desistir, mas nas Olimpíadas do Rio, ela superou as dificuldades e conquistou o seu primeiro ouro olímpico na categoria até 57kg feminino, para o Brasil nos Jogos. A ex-ginasta Daiane dos Santos também foi vítima do racismo[10] no início da sua carreira. Ela declarou que quando entrou em um clube as meninas não queriam ficar perto delas, que não queriam usar o mesmo banheiro que ela e nem lavar as mãos onde ela lavava. Em 2015, a então capitã do time de vôlei do Sesi-SP, Fabiana Claudino, foi atacada por um torcedor [11]depois da derrota por 3 sets a 1. Ela disse, em suas redes sociais, que um "senhor" gritou frases com "macaca quer banana", "macaca joga banana", entre outras. Esses são alguns dos vários casos de racismo contra a atletas brasileiras, mostrando um cenário que se repete não só no Brasil ou nos Estados Unidos, mas no mundo todo.

Fazendo um levantamento sobre as atletas negras brasileiras no futebol, vôlei e basquete, percebemos que a presença delas ainda precisa melhorar. Da seleção feminina de futebol 2019, das 23 jogadoras, apenas oito são negras. No vôlei, das 18 há apenas quatro negras. No basquete temos algo um pouco mais equilibrado, das 15 atletas, sete são negras. Juntando as atletas desses três esportes, a porcentagem das mulheres negras não chega a 34% - um cenário[12] completamente diferente da realidade brasileira.

Saindo do mundo das atletas, as mulheres negras também não possuem cargos de liderança no mundo esportivo. No futebol brasileiro de elite não há nenhuma técnica negra nem dirigente. De acordo com dados de 2019 apenas 3% dos dirigentes e técnicos da elite do futebol brasileiro eram negros, homens negros.

---

10 Link para a matéria que a Daiane conta casos de racismo que sofreu no início da carreira: https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2019/11/20/daiane-santos-relembra-preconceito-racismo.htm

11 Link da matéria do Globo Esporte sobre o ataque racista sofrido pela Fabiana Claudino durante uma partida de vôlei: http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2015/01/capita-da-selecao-sofre-racismo-em-minas-e-desabafa-dificil-de-vivenciar.html

12 Dados retirados de uma coleta feita a partir das escalações de 2019 das seleções brasileiras femininas de futebol, vôlei e basquete, retiradas dos sites oficiais de cada equipe.

Quando vamos para outros esportes o cenário não muda muito. Das oito equipes da Liga de Basquete Feminina, apenas uma é comandada por uma mulher, mulher branca, as outras sete estão sob o comando de homens brancos. Já no vôlei, das 12 equipes da Superliga Feminina de Vôlei, nenhuma é treinada por uma mulher. Dos 12 treinadores apenas dois são negros, o Hylmer Nascimento, do Fluminense, e o Anderson Rodrigues, do Sesi Vôlei Bauru.[13]

Conclusão

Ao observar a presença de mulheres negras no mundo esportivo e o papel da mídia em perpetuar certos comportamentos e costumes antiquados, percebemos que isso só ajuda a manter o mundo esportivo um ambiente racista e sexista. Os exemplos citados anteriormente, da matéria do Globo Esporte comparada com a do Estadão, evidenciam a forma como a mídia retrata as mulheres no esporte. No momento em que um portal esportivo escolhe falar sobre a roupa ao invés da performance da jogadora, ele deixa bem claro que, no caso das mulheres, há mais a ser julgado do que seu desempenho, a roupa, as atitudes também são consideradas.

Desde o início as mulheres lutaram para ter seu espaço garantido em um mundo conhecido por ser masculino, no entanto existe também uma luta que não podemos esquecer, a das mulheres negras. Com diversas críticas e argumentos antiquados, muitas vezes essas mulheres são desestimuladas pela mídia e pela sociedade a entrar no esporte. Seja pelo seu corpo, pelas suas feições, ou pelo racismo institucionalizado. Ser mulher no esporte é uma tarefa árdua, ser mulher e negra é uma batalha diária no qual o debate é necessário.

Referências bibliográficas

GOELLNER, S. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*, Rev. bras. Educ. Fis. Esp., São Paulo, v.19, pág 143-51, 2005.

GLOBO ESPORTE. Roland Garros proíbe traje de Serena inspirado no filme "Pantera Negra". 24 ago. 2018. Disponível em: < https://globoesporte.globo.com/tenis/noticia/roland-garros-bane-roupa-de-serena-inspirada-em-pantera-negra.ghtml> Acesso em: 22/04/2020

ESTADO DE S. PAULO. Serena Williams responde sobre ser proibida de usar macacão de 'pantera negra' em evento. São Paulo: 27 ago. 2018. Disponível em: <https://emais.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,serena-williams-responde-sobre-ser-proibida-de-usar-macacao-de-pantera-negra-em-evento,70002475342> Acesso em: 22/04/2020.

GAUCHAZH. Após polêmica com uniforme, Serena Williams estreia tutu de balé em competição (e o look é arrasador). 29 ago. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2018/08/apos-polemica-com-uniforme-serena-williams-estreia-tutu-de-bale-em-competicao-e-o-look-e-arrasador-cjqxwj8fs008x0qcn0f73k849.html> Acesso em: 23/04/2020.

13 Dados retirados de uma coleta feita a partir da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Liga de Basquete Feminino (LBF) e Superliga Feminina de Vôlei

LEWGOY,Julia. Serena Williams responde à proibição do uniforme com tutu de bailarina, *Revista Exame*, 30 ago. 2018. Disponível em: < https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/serena-williams-responde-a-proibicao-do-uniforme-com-tutu-de-bailarina/> Acesso em: 24/04/2020.

O GLOBO. Em 2012, Rafaela Silva foi vítima de racismo após desclassificação. 8 ago. 2016; Disponível em: < https://oglobo.globo.com/esportes/em-2012-rafaela-silva-foi-vitima-de-racismo-apos-desclassificacao-19877192> Acesso em: 24/04/2020.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe,* 1. ed. Boitempo, 2016.

JARDIM, S. *Sambo (Coon) – Reconhecendo estereótipos racistas internacionais – Parte III*, Medium Corporation, 2016.

GLOBO ESPORTE. Capitã da seleção sofre racismo em Minas e desabafa: "Difícil de vivenciar". Belo Horizonte: 28 jan. 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2015/01/capita-da-selecao-sofre-racismo-em-minas-e-desabafa-dificil-de-vivenciar.html> Acesso em: 03/03/2020.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Daiane dos Santos revela na TV que sofreu racismo no começo de carreira: "Não queriam ficar perto". 23 nov. 2018. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/ex-ginasta-daiane-do-santos-relembre-racismo-as-meninas-nao-queriam-ficar-perto/> Acesso em: 23/04/2020.

RIBEIRO, D. *Mulheres e esporte*. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil, 2017.

LIGA de basquete feminino. Disponível em: <http://lbf.com.br/equipes/lbf/> Acesso em: 06/03/2020.

SUPERLIGA feminina. Disponível em <http://superliga.cbv.com.br/equipes-fem>. Acesso em: 04/03/2020.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 05/03/2020.

ALMEIDA, Isadora. Grife de sapatos é acusada de cometer racismo contra Serena Williams. *Estado de S. Paulo*, 23 maio. 2017. Disponível em: <https://emais.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,grife-de-sapatos-e-acusada-de-cometer-racismo-contra-serena-williams,70001808656> Acesso em: 20/04/2020.

VEJA. Cartunista australiano é criticado por charge de Serena Williams. 11 set. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/cartunista-australiano-e-criticado-por-charge-de-serena-williams/> Acesso em: 04/03/2020.

UOL. Daiane relembra racismo: ‘Não queriam lavar as mãos no mesmo banheiro’. São Paulo: 20 nov. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2019/11/20/daiane-santos-relembra-preconceito-racismo.htm> Acesso em 20/04/2020.

GLOBO ESPORTE. Capitã da seleção sofre racismo em Minas e desabafa: “Difícil de vivenciar”. Belo Horizonte: 28 jan. 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2015/01/capita-da-selecao-sofre-racismo-em-minas-e-desabafa-dificil-de-vivenciar.html> Acesso em 23/04/2020.

KILOMBA, G. *Memórias da Plantação:* Episódios de racismo cotidiano, p. *124,* 2012

DESMOND-HARRIS, J. *Serena Williams is constantly the target of disgusting racist and sexist attacks.* VOX, jun 2015. Disponível em: <https://www.vox.com/2015/3/11/8189679/serena-williams-indian-wells-racism> Acesso em 19/04/2020.

ARRAES, Jarid. A objetificação e hipersexualização da mulher negra. *Revista Fórum*, 4 set. 2014. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/objetificacao-e-hipersexualizacao-da-mulher-negra/> Acesso em: 20/04/2020.

19 | SIM, ELAS PODEM!
Criação de um aplicativo, onde as mulheres possam fazer denúncias no caso de assédio ou violência no esporte

Sibele Aparecida da Silva Lopes[1]

Introdução

O conceito de *empoderamento feminino* usado ao longo deste artigo foi criado pela Organização das Nações Unidas – ONU (ONU Mulheres e Pacto Global), em 2010, a partir da elaboração dos sete princípios do empoderamento das mulheres, que a define da seguinte forma:

> Empoderar mulheres e promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais e da economia são garantias para o efetivo fortalecimento das economias, o impulsionamento dos negócios, a melhoria da qualidade de vida de mulheres, homens e crianças, e para o desenvolvimento sustentável (ONU MULHERES BRASIL, 2010).

Buscamos relacioná-lo aqui especificamente ao fortalecimento da mulher na prática esportiva, seja como atletas, comentaristas ou árbitras de tais eventos, seja como espectadoras de eventos esportivos como Copa Libertadores da América (Conmebol), Copa América ou Copa do Mundo, bem como abordar, a partir dele, a igualdade de direitos, sem assédio e com respeito pelas mulheres que frequentam os estádios.

Ao final apresentamos a possibilidade da criação de um aplicativo para smartphones chamado *Sim, elas podem!*, cuja proposta é permitir às mulheres fazer denúncias em caso de assédio ou violência no esporte e em eventos esportivos, promovendo a denúncia e a diminuição dos casos de assédio e violência contra as mulheres, garantindo que elas possam tornar-se atletas, profissionais da área ou visitar e frequentar os estádios com suas famílias e amigos com tranquilidade.

Metodologia

A metodologia utilizada terá como base pesquisas de campo através de entrevistas com especialistas e pesquisadoras do assunto, uma vez que para melhor entendimento do que acontece com as mulheres no meio esportivo é necessário questionamento junto às pessoas envolvidas neste cenário, além de analisar e apresentar bibliografia comprovadamente científica visando à validação dos métodos aplicados.

Para o levantamento das questões apontadas foi realizada uma pesquisa qualitativa utilizando a técnica de entrevista em profundidade estruturada e impessoal aplicada eletronicamente, através do envio de um roteiro de perguntas respondido via e-mail por mulheres ligadas ao esporte.

1 Graduada em Comunicação Social| Relações Públicas na Universidade de Taubaté. | siblopes@hotmail.com

Para alcançarmos os resultados previstos são necessárias ações dentro e fora do universo esportivo, e isso poderá ser feito através da educação, importante veículo de representação e de grande importância para a tomada de consciência da população em geral, destacando o papel que a mulher assumiu também no mundo dos esportes.

Objetivos

Por meio deste estudo, a meta será a de conscientizar as pessoas (através das instituições educacionais e de informação) quanto à importância das mudanças de parâmetros em relação ao papel da mulher na sociedade. Isso será usado como a mais importante ferramenta nessa tomada de consciência, uma vez que todas as mulheres precisam ser respeitadas, principalmente as que frequentam o meio esportivo.

A visibilidade feminina atual já tem representantes desta conquista: a futebolista alagoana Marta, a atleta Maurren Maggi e diversas outras mulheres inseridas no mundo do esporte.

Por outro lado e além da representatividade, a criação de um aplicativo *mobile* de denúncia e conscientização de assédio no contexto esportivo agilizaria todo esse processo de conscientização para a população em geral. O objetivo é facilitar a comunicação com o público sobre as necessidades que abrangem a visão das usuárias na busca por mais segurança por meio de uma série de recursos disponibilizados no aplicativo mobile, isso feito de uma maneira dinâmica que possa aproximar o público feminino do meio esportivo e ao mesmo tempo incentivá-las a frequentar os eventos esportivos.

O resultado que se pretende e se acredita ser atingido através do aplicativo é que, uma vez que tenha sido ativado o sinal de alerta, ou seja, a necessidade soluções, o aplicativo *Sim, elas podem!* encaminhará denúncias às entidades competentes para que estas, por sua vez, deem início às providências que deverão ser tomadas, registrando o fato para compor um histórico dos casos e ocorrências na cidade.

Desenvolvimento

O empoderamento feminino não é um tema novo: ele já era discutido por escritoras pioneiras do feminismo num tempo em que o empoderamento era quase inexistente. A filósofa, ativista e escritora inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi a primeira a usar o termo que foi eleito pelo dicionário norte-americano Merriam-Webster como a palavra do ano em 2017: *feminismo* (GUIMARÃES, 2017). Num período político e social que antecedia a Revolução Francesa, Mary Wollstonecraft já lutava pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, definitivamente marcados em sua carreira na história da literatura e do movimento feminista com a obra *Uma reivindicação pelos direitos da mulher*, publicada em 1792, um dos primeiros e mais importantes documentos que abordam os direitos básicos das mulheres, levantando questões até então impensadas sobre o lugar da mulher na sociedade.

Wollstonecraft acreditava que a pouca escolaridade oferecida às mulheres naquela época fazia com que elas tivessem pensamentos de inferioridade em relação aos homens. Por ser adepta à linha de ideais racionais do Iluminismo, ela lutava por uma sociedade baseada na razão, na qual as mulheres deveriam ser tratadas como seres racionais.

Como representante do legado iniciado por uma reivindicação pelos direitos da mulher, o mundo veria surgir logo depois, no século XIX, a influência das obras da escritora americana Gertrude Stein. Conhecida por ter sido braço direito de autores consagrados, como T.S. Eliot, Ernest Hemingway e F. Scott Fitzgerald, a autora construiu um legado que vai muito além de sua colaboração com outros autores.

Gertrude Stein era adepta de ideias vanguardistas em relação à arte e à literatura: tendo escrito *A autobiografia de Alice B. Toklas*, veio a ditar o pensamento literário que dominou a geração da década de 1920, 1930 e 1940 nos Estados Unidos. A autobiografia relata a vida da também escritora Alice Toklas, companheira de Stein por mais de 25 anos.

A autora tinha a importante capacidade de falar sobre a banalidade da vida do homem, na narrativa incessante, estabelecendo na sociedade uma analogia no ritmo de vida.

Mary Wollstonecraft e Gertrude Stein foram representantes da chamada Primeira Onda do Feminismo, que, de modo geral, se iniciando século 18 e termina em meados da década de 1930. Nesta primeira fase estão presentes as autoras clássicas no que se refere ao tema, como Virginia Woolf e Simone de Beauvoir.

Em 1929, Woolf abordou em sua obra *Um teto todo seu* o preconceito e as dificuldades que as mulheres encontravam ao dedicar suas vidas à literatura. A um questionamento feito a Woolf em uma universidade inglesa sobre o que uma mulher precisa para ser escritora, a autora respondeu: “Uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo seu se quiser escrever ficção”. Esta frase é a premissa sobre a qual *um teto todo seu* se desenvolve.

Simone de Beauvoir, uma das principais escritoras conhecidas por seus trabalhos nos campos da filosofia e da sociologia, também discutia em suas obras os direitos da mulher e o seu lugar na sociedade. Teórica social francesa, foi ao mesmo tempo influenciada pela filosofia existencialista e sua representante, tendo incorporando significados da teoria no feminismo e na Teoria Feminista. A escritora dedicou sua vida aos estudos acadêmicos e viveu na prática seus ideais: desde seu ativismo político, a busca pelo ensino e principalmente o questionamento de tabus e do status quo na vida das mulheres até sua luta pela igualdade. Suas obras são estudadas no meio acadêmico em todo o mundo. Entre elas, as mais conhecidas são *O segundo sexo* e *A mulher desiludida*.

Podemos ver, dessa forma, que neste momento as mulheres têm conquistado espaço à medida que a informação vai se disseminando entre elas. São nítidos o crescimento e a presença da mulher em todas as modalidades esportivas pelo destaque de grandes conquistas, aumentando sua credibilidade e visibilidade. Conforme o desempenho feminino, as mulheres vêm buscando, através de seu conhecimento e

aperfeiçoamento, mostrar que não medem esforços para que a igualdade de gênero seja reconhecida, como afirma Viviana Santiago (2016).

Depois de tantos direitos adquiridos, como o direito de voto, de competir de trabalhar fora, elas conquistaram seu espaço com muito esforço e conhecimentos que foram atribuídos. Podemos citar como exemplo de informação de conhecimento adquirido pelas mulheres o fato de que, em 2015, a futebolista Marta ultrapassou Pelé e passou a ser considerada a maior artilheira da Seleção Brasileira, com 98 gols, enquanto o Rei havia atingido a marca de 95 gols em 114 jogos da Seleção, segundo artigo da ESPN (2015).

A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 foi realizada na França, e pela 1ª vez e transmitida pela TV aberta no Brasil (2019). Isso significa um avanço da conquista feminina, pois desde 1991 o Brasil participa da Copa do Mundo de Futebol Feminino; e só a partir do ano de 2015 que teve o incentivo das emissoras de televisão brasileira, tanto nos canais abertos quanto nos fechados. O SporTV e a TV Brasil transmitiram os jogos da Seleção Feminina de futebol no último torneio. Em 2019, pela primeira vez a principal emissora de televisão do país, a TV Globo, transmitiu os jogos da Seleção Feminina. Acontecimento importante para as mulheres, e essa visibilidade foi fundamental para fortalecer a modalidade e incentivar os clubes a investir nos times femininos e, com isso, atraiu patrocinadores. Parece ser uma conquista do empoderamento feminino fazer com que a emissora Globo transmitisse pela primeira vez a Copa do Mundo Feminina com objetivo de alavancar audiência e mostrar-se aliada às mulheres na luta pela igualdade de direitos. Mais do que isso, parece que finalmente a TV está vendo o futebol de mulheres como produto rentável.

Nos vários momentos em que as modalidades no esporte vêm evoluindo, ainda sentimos falta da mulher pela sua pequena atuação no meio. A inclusão da mulher na atuação em modalidades ou funções pouco vistas pelo público geral contribuirá para a repercussão e a visibilidade do crescimento feminino no mundo esportivo.

Afirma a ONU (2019) que com o tempo e com a conscientização conseguiremos fazer com que a sociedade mude sua postura e compreenda que o empoderamento feminino na luta pela igualdade poderá contribuir para a redução dos casos de assédio e violência contra a mulher.

A questão que permanece por enquanto é: será que a nossa sociedade já está com a consciência necessária para atuar de uma forma coletiva e, servindo-se deste aplicativo, poderemos chegar a uma das soluções para esse problema?

Karine Alves, apresentadora do Fox Sports, também acredita no poder do posicionamento das mulheres frente à discriminação, tanto em relação às colegas de imprensa quanto com torcedores e jogadores:

> Seria uma hipocrisia dizer que nunca vi ou vivenciei algo nesse sentido. A mulher que trabalha ou frequenta qualquer meio visto como "masculino", infelizmente, ainda se depara com esse tipo de situação. Mas com o número de mulheres interessadas e presentes aumentando a cada dia nos estádios e na imprensa, essa questão ganha mais atenção

> e reflexão. Infelizmente ainda vivemos uma fase de transição, um momento em que a aceitação da mulher neste meio ainda é discutida. Para evitar o assédio – moral ou sexual – é preciso que os homens – e mulheres também – tenham o quanto antes a consciência do que isso significa. A sociedade vem se posicionando sobre o tema, o que ajuda na afirmação de que lugar de mulher é onde ela quiser. (OLIVEIRA apud ALVES 2018, p.XXX)

As mulheres vêm ganhando o espaço no mundo do esporte, mas ainda são atacadas com preconceitos, além da discriminação ainda existente contra as mulheres nos estádios, na mídia e nas redes sociais, e dos casos de assédio sexual, como o caso da seleção americana de ginástica artística, que denunciou o médico Larry Nassar, julgado e condenado em janeiro de 2018 (Revista **ISTOÉ,** São Paulo, v. I, 2018).

Entre outros atletas que passaram pela mesma situação, temos o caso da nadadora Joana Maranhão, que relatou o abuso de seu técnico durante a infância, o que trouxe várias consequências na sua vida íntima e social e em sua saúde psicológica, como o uso de antidepressivos e até mesmo a tentativa de suicídio. Depois de 12 anos a atleta decidiu falar sobre o assunto; por essa denúncia, Joana e sua mãe foram processadas pelo técnico por calúnia e difamação.

Em homenagem à atleta foi criada a Lei 12.650, de 2012, que ganhou o nome de Lei Joana Maranhão e trouxe mudanças no Código Penal brasileiro para modificar as regras relativas à prescrição dos crimes praticados contra crianças e adolescentes.

Na minha opinião tenho a dizer que infelizmente o esporte não proporciona apenas momentos felizes: às vezes revela casos de violência assédio sexual que deixam o mundo esportivo, e também quem está fora dele, extremamente abalados. Neste sentido, o aplicativo será um grito de socorro visando à conscientização de que transformações de mentalidade são necessárias neste meio.

Ao ter como objetivo trabalhar nessa área, ilustrando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que ingressam no meio esportivo, pretendemos de alguma forma despertar o desejo de tornar o aplicativo *Sim, elas podem!* uma fonte segura de denúncia desses crimes e abusos e consequente diminuição da violência. Enquanto a oportunidade de trabalhar no mundo do esporte não chega, a elaboração deste artigo será uma contribuição a essa causa.

Funcionamento e principais ferramentas do aplicativo

O aplicativo deve funcionar de modo intuitivo, sendo um facilitador para as mulheres, e não algo complicado, que impeça a usuária de acessar e interagir com todas as suas funcionalidades. Deve também transmitir a confiança que a usuária precisa ter na hora de realizar a denúncia, com a certeza de que as informações contidas no aplicativo são verdadeiras e confiáveis. Através do armazenamento de dados pessoais das usuárias, o aplicativo será um instrumento que elas poderão utilizar de forma segura, a partir de qualquer lugar e em qualquer momento.

O aplicativo móvel também pode fornecer acesso *offline* ao conteúdo ou executar funções sem a necessidade de conexão com a internet. O aplicativo pode ser instalado em qualquer plataforma mobile *(Android/iOS)* a nível nacional e internacional. Com ação num raio de dez (10) quilômetros, a vítima pode transmitir sua localização assim que ativado o sinal de alerta.

Características do aplicativo

Além de acesso às informações pessoais e à localização da usuária, o aplicativo terá um raio de ação de dez (10) quilômetros, contando com as opções listadas no quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Interface com opções do aplicativo

TELA PRINCIPAL **Relate: o que está acontecendo no momento?**	
Opção 1	Disque 180 para denunciar
Opção 2	Fazer um boletim de ocorrência (BO)
Opção 3	Endereços de delegacias mais próximas
Opção 4	Sugestões (forneça sugestões para melhoria do aplicativo)
Opção 5	Depoimentos de mulheres e experiências nos estádios

Fonte: elaborado pela autora.

Análise das entrevistas

De acordo com a análise de diferentes situações (pontos de vista) dentro do contexto esportivo relatados por duas entrevistadas, podemos afirmar que elas concordam com a necessidade de um aplicativo para denúncias em casos de assédio ou violência no esporte.

Segundo a entrevistada J.P., participante do movimento Vascaínas Contra o Assédio, que conta com aproximadamente 50 membros ativas, ainda não existe uma equipe específica de apoio no estádio às vítimas, além de que, infelizmente, não existe um controle de casos de assédio em dias de jogos do Vasco. Os casos ocorridos foram apenas relatados e não houve medidas judiciais posteriores.

O movimento conta com o trabalho de campanhas de conscientização e proteção para que não ocorra o assédio, porém não conta com nenhum tipo de patrocínio ou incentivo por parte do clube. Segundo a entrevista, desperta o interesse de outras torcidas, que manifestam reivindicações da mesma natureza em seus respectivos clubes (anexo A):

> Sem dúvidas! O que falta hoje em dia é uma rede de acolhimento segura para que mulheres se sintam à vontade em realizar denúncia e, antes disso, uma rede que as façam enxergar que casos de assédio podem acontecer de forma velada e acabarem não sendo considerados como tal. Após termos relatos de diversas mulheres que passaram a frequentar estádios depois do VCA, não tenho dúvidas em dizer que um aplicativo como esse só aumentaria esses números (LOPES, SIBELE. Entrevista concedida, Pindamonhangaba, 09 maio de 2019).

A jornalista entrevistada N.B.O. ressalta a dificuldade de apoio das jornalistas mulheres conseguirem ingressar no jornalismo esportivo, e que passou alguns constrangimentos por causa de piadas de mau gosto feitas por alguns homens. Ela afirma que, por se tratar de um ambiente discriminatório, elas lutam para mudar esse cenário para futuras gerações e que a sociedade precisa aceitar que a mulher está inserida no ambiente futebolístico. Ressalta que deveria não somente existir uma equipe de apoio para acolher as mulheres nos casos de assédio, mas também uma delegacia dentro dos estádios nos dias de jogos. Ela também acredita que as emissoras devem abrir espaços para as mulheres sem usar como parâmetro apenas a beleza, mas sim a capacidade profissional (anexo B):

> Sim, e os movimentos de mulheres dentro dos estádios tende a crescer cada vez mais. As mulheres precisam se unir, e não achar que somos inimigas. Todas lutam por uma causa justa e igual (LOPES, SIBELE. Entrevista concedida, Pindamonhangaba, 09 maio de 2019).

Considerações finais

Sendo assim, este aplicativo nos servirá como ponto de partida para que todas as mulheres se sintam seguras, protegidas, encorajadas para frequentar o ambiente esportivo de uma forma mais natural.

Através de sua utilização dentro do mundo esportivo, o aplicativo poderá fazer com que as denúncias dos casos de assédio e violência contra a mulher no esporte mudem a visão da sociedade, além de encorajá-las a denunciar e mostrar que a igualdade e o respeito são possíveis.

Com os resultados obtidos nas entrevistas, o aplicativo será, assim, uma alternativa diante das situações de assédio contra a mulher nos esportes, pois através dele serão tomadas as devidas diretrizes dentro da legalidade exigida, para o seu reconhecimento e seu uso, em nível nacional e internacional.

Temos que aproveitar da tecnologia que este momento nos proporciona, criando uma rede ao serviço ao conhecimento e proteção das mulheres enquanto se vá educando as futuras gerações.

As mulheres já conseguiram quebrar muitos paradigmas nessa longa estrada social, mas precisamos conscientizar a sociedade dos problemas que ainda existem no mundo esportivo, e que o respeito e a igualdade são formas de tratamento que toda mulher e todos os seres humanos merecem.

O lugar da mulher é onde ela quiser, e queremos o reconhecimento dela por todos também no esporte.

Referências bibliográficas

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

YANNOULAS, Silvia. *Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria.* Temporalis, Brasília (DF), ano 11, n.22, p.271-292, jul./dez. 2011. Disponível em: http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1368>. Acesso em 3 de maio de 2017.

THINK OLGA. *Meu corpo não é seu: desvendando a violência contra a mulher*. São Paulo: Companha das Letras, 2014.

SILVA, Aluska Suyane Marques da. *Assédio Moral e Discriminação de Gênero:* Uma análise a partir das decisões da justiça do trabalho. ORBIS: Revista Científica v. 3, n. 3, p. 136159, 2010.Disponível em: http://www.cesrei.com.br/ojs/index.php/orbis/article/view/86/86>. Acesso em 08 de março de 2019.

HIRIGOYEN, Marie-France. *Assédio moral: a violência perversa do cotidiano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WERBA, G. C. *O Tudo e o Nada: Mulheres e Representações Sociais da Violência contra a Mulher.* Tese de Doutorado não Publicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PUC. Porto Alegre, 2004.

STREY, M. N. Violência de gênero: uma questão complexa e interminável. In: *Violência, gênero e políticas públicas* Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FREITAS, S. G. *Mulher, esporte, sexo, imagem corporal e hipocrisia*. In: Palestra de abertura do I Fórum de debates: Mulher & Esporte -Mitos e Verdades. São Paulo, 20 de junho de 2000.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência Da República. Lei nº 12.650, de 17 de maio de 2012. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, com a finalidade de modificar as regras relativas à prescrição dos crimes praticados contra crianças e adolescentes. Diário Oficial da União: Brasília, DF, p. 3, 15 maio 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2012/Lei/L12650.htm. Acesso em: 5 maio 2019.

REVISTA ISTOÉ, São Paulo, 11 dez. 2018: COPA do Mundo feminina será transmitida pela 1ª vez no Brasil.. Disponível em: https://istoe.com.br/copa-do-mundo-feminina-sera-transmitida-pela-1a-vez-no-brasil/. Acesso em: 7 maio 2019.

FOLHA, De São Paulo, São Paulo, 24 janeiro de 2018 :EX-MÉDICO de equipe de ginástica dos EUA é condenado por abuso sexual. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/01/1952989-ex-medico-de-equipe-de-ginastica-dos-eua-e-condenado-por-assedio-sexual.shtml. Acesso em: 12 abr. 2019.

FRANCO, Rafael. *Entenda a importância de desenvolver um aplicativo para seu negócio*. Alphacode. São Paulo, [201-]. Disponível em: https://site.alphacode.com.br/desenvolver-aplicativo/. Acesso em: 12 abr. 2019.

GUIMARÃES, Kátia. Eleita “palavra do ano” de 2017, o feminismo está no ar. Socialista Morena, [*s.l.*], 14 dez. 2017. Disponível em: http://www.socialistamorena.com.br/eleita-palavra-do-ano-de-2017-o-feminismo-esta-no-ar/. Acesso em: 20 abr. 2019.

INTRODUÇÃO ao Segundo Sexo I: Fatos e Mitos. *In:* BAÊTA, Aurora. Territórios de filosofia. 2015. Disponível em: https://territoriosdefilosofia. wordpress.com/2015/01/07/ introdução ao segundo sexo e fatos e mitos Simone-de-Beauvoir/. Acesso em: 12 abr. 2019.

ESPN, São Paulo, 10 dez de 2015. MARTA supera Pelé e vira a maior artilheira da Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/563554_marta-supera-pele-e-vira-a-maior-artilheira-da-historia-da-selecao. Acesso em: 12 abr. 2019.

BEAUVOIR, Simone *In:* BAÊTA, Aurora. Territórios de filosofia. 2015. Disponível em: https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/ 2015/06/20/o-segundo-sexo-25-anos-depois-entrevista-com-simone-de-beauvoir-simone-de-beauvoir/. Acesso em: 12 abr. 2019.

OLIVEIRA, Clarice. A presença da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro. Monografias Brasil escola, [*s.l.*], [2018]. Disponível em: https://monografias.brasilescola.uol.com.br/comunicacao-marketing/presenca-mulher-telejornalismo-esportivo-brasileiro.htm#capitulo_7. Acesso em: 30 abr. 2019.

ONU MULHERES BRASIL. Princípios de empoderamento das mulheres. 2010. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/. Acesso em: 5 abr. 2019.

SANTIAGO, Viviana. https://educacaointegral.org.br/reportagens/igualdade-de-genero-pressupoe-uma-sociedade-justa-para-meninos-e-meninas/

TOLEDO, Ana. Joanna Maranhão fala abertamente ao VIX sobre abusos**:** “Era um herói para mim”. Vix, [s.l.], 19 out. 2015. Disponível em: https://www.vix.com/pt/bdm/abusos-sexuais/joanna-maranhao-fala-abertamente-ao-bolsa-sobre-abusos-era-um-heroi-para-mim. Acesso em: 15 abr. 2019.

WOOLF , Virginia Um teto todo seu.https://miltonribeiro.sul21.com.br/2016/09/27/o-feminismo-do-grande-imenso-um-teto-todo-seu-de-virginia-woolf/

ANEXO A – ENTREVISTA COM J.P., REPRESENTANTE DO MOVIMENTO VASCAÍNAS CONTRA O ASSÉDIO (VCA)

1) O movimento Vascaínas Contra o Assédio é composto por quantos membros?

J.P.: Hoje em dia temos mais ou menos 50 mulheres ativas e construindo o movimento. O número de mulheres nas redes sociais de contato rápido (WhatsApp e Facebook) é muito maior.

2) No estádio, em dia de jogos, existe alguma equipe de apoio que acolhem as mulheres no caso de assédio?

J.P.: Não temos uma equipe específica, porém sempre estamos atentas a possíveis casos de assédio e/ou agressão, assim como sempre nos colocamos à disposição em nossas redes sociais.

3) O movimento possui alguma campanha com material explicativo sobre a conscientização (cartilha, fôlderes) contra o assédio para distribuição nas arquibancadas?

J.P.: No ano passado realizamos a distribuição do que chamamos de "Machistômetro", uma espécie de termômetro em forma de marcador de livro que exemplifica casos de assédio e agressão. Estamos planejando outras ações físicas futuras.

4) Tem algum controle sobre quanto tempo está sem denúncias de casos de assédio contra as mulheres nos dias de jogos do Vasco no estádio?

J.P.: Infelizmente não temos esse controle. Porém, levando em consideração toda a vivência que temos em estádios, sabemos que não é o caso dos assédios deixarem de existir de uma hora pra outra. Fazemos um trabalho de conscientização e proteção para que um dia isso ocorra.

5) Com o resultado positivo do movimento Vascaínas Contra o Assédio, vocês têm a intenção de estender a proposta para que as torcidas femininas de outros clubes implantem o mesmo sistema do movimento?

J.P.: Desde o início nossa ideia era que mulheres de outros clubes tomassem o VCA como exemplo e fundassem movimentos/coletivos como o nosso em suas torcidas. Isso já vem acontecendo, pois, algumas torcedoras estão em contato conosco para saber como funcionou o nosso processo e manifestando o desejo de que ocorra também em seus respectivos clubes.

6) Os patrocinadores do clube apoiam o movimento? Há alguma probabilidade de que eles façam uma parceria junto à Vascaínas Contra o Assédio?

J.P.: Ainda não temos contato com nenhum patrocinador do Vasco, infelizmente.

7) Há algum relato de alguma vítima de assédio? O que aconteceu? Quais medidas foram tomadas? O caso foi solucionado?

J.P.: Há o caso de uma moça que teve o seu corpo tocado por um homem durante a entrada em um dos jogos em São Januário. A mesma encontrou as nossas redes sociais, entrou em contato conosco e hoje faz parte ativamente do VCA. Na época ela ainda não era uma torcedora que frequentava estádio com frequência, porém depois do movimento criou vínculos de amizades que a fizeram entrar de vez nesse espaço. Infelizmente não houve medidas judiciais sobre o ocorrido.

8) Caso comprovado o caso de assédio contra a mulher por parte de um torcedor da torcida organizada do clube (sócio torcedor), ele poderá ser penalizado ou mesmo banido pelos representantes da torcida organizada?

J.P.: Não temos essa informação. Acreditamos que cada torcida organizada tenha sua regra para casos de assédio e/ou agressão.

9) Na sua opinião, a criação de um aplicativo ***móbile*** chamado ***Sim, elas podem!***, que permitirá às mulheres fazer denúncias no caso de assédio ou violência no esporte,

além de se sentirem seguras por possuir o aplicativo, pode aumentar a participação de mulheres no meio esportivo?

J.P.: Sem dúvidas! O que falta hoje em dia é uma rede de acolhimento segura para que mulheres se sintam à vontade em realizar denúncia e, antes disso, uma rede que as faça enxergar que casos de assédio podem acontecer de forma velada e acabarem não sendo considerados como tal. Após termos relatos de diversas mulheres que passaram a frequentar estádios depois do VCA, não tenho dúvidas em dizer que um aplicativo como esse só aumentaria esses números.

ANEXO B – Entrevista COM N.B.O, Jornalista

1) Qual foi sua maior dificuldade ao ingressar no jornalismo esportivo?

N.B.O.: Hoje eu faço um trabalho voluntário em uma *web rádio* e sou comentarista de um programa que é produzido por mim e cinco colegas, justamente por não encontrar um emprego na área e para não ficar desatualizada. O jornalismo, e principalmente o esportivo, vai muito do quem indica; infelizmente, se não tiver um padrinho bom, não entra.

2) Você já sofreu algum tipo de assédio ou violência na prática esportiva?

N.B.O.: Diretamente não, mas indireta sim. Tem sempre aquele engraçadinho que acha que mulher não entende de futebol e quer tirar uma com a sua cara. Mas sempre me saí bem quando algum desse tipo tenta fazer alguma "piada" de mau gosto.

3) A mulher que atua na cobertura esportiva, além de viver em um ambiente discriminatório, tem que provar suas capacidades de trabalhar nesse meio. Você acredita em uma mudança nesse cenário nas próximas gerações?

N.B.O.: Acredito, sim. Nós estamos lutando hoje para que as futuras gerações (e eu me incluo bastante nisso, pois estou no começo) não sofram tanto quanto as jornalistas sofrem hoje. A sociedade no mundo precisa entender e aceitar que a mulher vai estar, sim, no ambiente futebolístico, eles aceitando ou não.

4) Na sua opinião, a representatividade e a importância da mulher no mundo do esporte com certo espaço dentro da dinâmica de programas e transmissões contribui fortemente para a manutenção da mentalidade excludente por parte do público?

N.B.O.: Sim, e ainda acho que as emissoras têm que dar mais espaço para as mulheres; e outra coisa: não pode haver critério de beleza para se contratar uma jornalista esportiva, e sim pelo currículo e pela capacidade dela.

$) No estádio em dia de jogos deveria existir uma equipe de apoio para acolher as mulheres no caso de assédio?

N.B.O.: É uma questão muito importante essa, porém os homens deveriam respeitar mais as mulheres e se conscientizar de que se fosse sua filha ou mulher ali, eles não iriam gostar dos xingos que elas levam. Talvez deveria existir uma delegacia dentro dos estádios pra reprimir esses homens. Se for uma equipe de apoio pra ouvir e não fazer nada na hora, não faz sentido. Um precisa ser punido para que outros aprendam.

6) Na sua opinião, a criação de um aplicativo mobile chamado ***Sim, elas podem!*** que permitirá às mulheres fazer denúncias no caso de assédio ou violência no esporte, além de se sentirem seguras por possuir o aplicativo, pode aumentar a participação de mulheres no meio esportivo?

N.B.O.: Sim, e os movimentos de mulheres dentro dos estádios tendem a crescer cada vez mais. As mulheres precisam se unir, e não achar que somos inimigas. Todas lutam por uma causa justa e igual.

20 | Fora do Eixo: o discurso da idolatria nas representações midiáticas de ídolos do futebol nas regiões Sul, Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país

Thalita Neves[1]

Introdução

> Embora seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extrema dos parâmetros capitalistas e burgueses, ele não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. A começar pela possibilidade de projetar, no campo e na partida que produz, emoções, mitos e fantasias individuais e coletivas, tirando do espetáculo – como Nelson Rodrigues percebeu melhor do que ninguém – qualquer possibilidade "objetiva" ou unidimensional (DAMATTA, 2006, p. 145).

O trecho extraído do livro *A bola corre mais que os homens*, do antropólogo Roberto DaMatta, justifica o caráter multidimensional de um esporte que, a despeito de sua origem bretã, eleva o Brasil ao patamar de melhor do mundo. O futebol, enquanto cultura de massa, permite estudar diversos aspectos da sociedade brasileira, evidenciando contradições e, ao mesmo tempo, dimensionando singularidades tipicamente associadas ao brasileiro nato: malandro, extrovertido, acolhedor. Nesse contexto, o discurso da idolatria seria apenas uma das facetas que ilustram os modos como o país é representado pelos produtos midiáticos, como o jornalismo esportivo.

Com base nessa perspectiva, o propósito deste artigo é identificar como o discurso da idolatria se transparece no conteúdo noticioso que pauta ídolos que estão distantes do principal eixo econômico do país, a região Sudeste. A intenção é evidenciar, por meio da Análise de Discurso, marcas discursivas relacionadas à concepção de jogadores ídolos, mitos, heróis que, mesmo não sendo destaques com a Seleção, atingiram o patamar de ídolos em seus respectivos clubes de origem, sobretudo por parte da imprensa esportiva, que costumeiramente reforça tal discurso simbólico.

Neste artigo, busca-se propor reflexões sobre o distanciamento das demais regiões brasileiras em relação à região Sudeste em âmbitos futebolísticos, considerando-se que, em termos socioeconômicos, essa é a região mais desenvolvida do país. A quase inexistência de convocações de jogadores de times ditos fora do eixo para a Seleção Brasileira, por exemplo, é um nítido reflexo da distância socioeconômica do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul (embora este em menor

1 Doutoranda em Comunicação (UERJ), mestra em jornalismo (UFSC) e bacharela em jornalismo (UFOP). E-mail: thalitanevesufop@gmail.com.

escala) em relação ao Sudeste brasileiro, considerando-se principalmente os estados de Rio de Janeiro e São Paulo.

Tais elucidações permitem refletir se (e de que maneiras) o discurso da idolatria cultivado pela imprensa esportiva pode estar relacionado aos aspectos identitários e socioculturais típicos de cada região do país, reforçando um viés de pertencimento ao local de origem e o anseio por maior representatividade de algumas regiões para além de meras coadjuvantes no contexto socioeconômico brasileiro. No entanto, para se chegar a proposições concretas a esse respeito, este artigo demandaria um estudo mais minucioso e direcionado, que abrangesse em seu *corpus* empírico produtos jornalísticos originários dessas regiões aqui consideradas periféricas. Assim, a análise discursiva poderia evidenciar, além das marcas mais amplas sobre o discurso da idolatria, também aquelas intrínsecas aos regionalismos singulares que permeiam o Brasil de Norte a Sul.

Por ora, este trabalho se limita a expor as marcas discursivas mais amplas que remetem ao discurso da idolatria presente em matérias jornalísticas publicadas por veículos de abrangência nacional, que tratam de personagens que foram protagonistas em sua região de origem e que acabaram ganhando destaque também no principal eixo socioeconômico do país. Para tanto, o *corpus* empírico analisado é composto de quatro matérias pautando jogadores considerados ídolos do futebol que despontaram fora do eixo Rio-São Paulo, cada qual em uma região brasileira. São eles o meia Iarley (ídolo do Paysandu, equipe do Norte do país), o atacante Bobô (ídolo do Bahia, equipe do Nordeste), Túlio Maravilha (ídolo do Goiás, equipe do Centro-Oeste) e Renato Gaúcho (ídolo do Grêmio, equipe do Sul). O referencial teórico deste artigo se baseia, sobretudo, nos estudos sobre mídia e idolatria de Helal (1999, 2003) e nas premissas da Análise de Discurso, com base em Benetti (2008) e Orlandi (1988).

Mídia, idolatria e representação

"Um fenômeno de massa não se sustenta sem a presença de 'estrelas'. São elas que atraem as pessoas aos eventos e transformam-se em um referencial para os fãs." (HELAL, 1999, p. 1). Em poucas linhas, essa perspectiva ilustra como se dá a relação entre o futebol e a construção midiática de ídolos. O fenômeno é vantajoso para ambos – ídolo e mídia – pois, de um lado, o jogador idolatrado ganha fama e notoriedade também fora dos gramados; e, de outro, a mídia fideliza audiências ao explorar o imaginário do espectador por meio da representação dos ídolos como modelos a serem seguidos. Assim sendo, os personagens passam a representar atributos que vão além de suas habilidades futebolísticas, assumindo também o papel de redentores da sociedade em narrativas que seguem basicamente o mesmo padrão: jogador de origem humilde, que enfrenta uma série de desafios para se firmar na profissão e finalmente passa a ser reconhecido por seu talento, atingindo o patamar de ídolo e herói perante a comunidade.

As narrativas mostram, inclusive, "que não basta o ato heroico em si, de forma isolada – no caso, as vitórias, as realizações e os gols no futebol. O herói tem que preencher outros requisitos – tais como perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo – para se firmar no posto." (HELAL, 2003, p. 23). Esses

requisitos são o que mais aproximam o espectador do personagem em questão, fazendo com que o público se identifique com ele e sua trajetória de vida. Nesse sentido, é interessante salientar a distinção proposta por Helal (1999) entre ídolos e heróis. Os primeiros seriam personagens que viveriam apenas para si, destacando-se exclusivamente por seus atributos e habilidades. Já os heróis são aqueles que dividem seus feitos com a comunidade, tornando-se verdadeiros redentores da sociedade.

Com base nessa perspectiva, o esporte pode ser visto como um terreno em potencial para a construção de ídolos-heróis relevantes para a sociedade, devido ao aspecto da luta/combate intrínseco às competições. Também reconhecidos por seu talento, simpatia e carisma, esses heróis são, ainda segundo Helal (1999), verdadeiros paradigmas de anseios sociais. Isso fica ainda mais evidente ao se considerar, por exemplo, as competições da Seleção Brasileira, sobretudo nas Copas do Mundo, onde o sentimento nacionalista reflete tanto o anseio por vitórias dentro de campo quanto o reconhecimento enquanto nação que atingiu a glória em outros setores da sociedade. Em relação ao objeto desse estudo – ídolos-heróis das quatro regiões menos desenvolvidas economicamente no país – pode-se dizer que a identificação do público perante tais jogadores se dá, primordialmente, no âmbito dos anseios regionais, como se buscasse reconhecimento para além de mero coadjuvante não apenas no cenário futebolístico, mas também no cenário socioeconômico nacional, protagonizado pela região Sudeste do país, mais precisamente pelo eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

Ao construir narrativas que enfatizam o discurso da idolatria, a mídia esportiva estabelece assim um contrato com a cultura popular, legitimando modelos e padrões ideais que, como já apontado, permeiam o imaginário social brasileiro, permitindo a identificação do público diante de trajetórias repletas de adversidades, porém, sempre vitoriosas. Vale salientar que, embora as matérias analisadas neste artigo não sejam provenientes de veículos regionais, é provável que, caso o fossem, o discurso da idolatria construído pela mídia estabeleceria ainda uma espécie de contrato com a cultura regional, explorando questões identitárias também no âmbito dos anseios particulares de cada região do país. Dito isso, partirei para a análise das matérias envolvendo os quatro personagens do *corpus* deste artigo, publicadas pelo portal *globoesporte.com*, pela revista *Placar* e pelo diário esportivo *Lance!*.

Renato Portaluppi ou Renato Gaúcho?

Renato Portaluppi – ou Renato Gaúcho, como a imprensa nacional prefere enfatizar – é natural de Guaporé, interior do Rio Grande do Sul e consagrou-se no Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense tanto como jogador quanto como técnico da equipe, sendo o primeiro brasileiro a conquistar a Libertadores atuando nessas duas funções. A carreira vitoriosa como lateral do Grêmio foi construída em um percurso de altos e baixos, típico da narrativa do herói brasileiro. Ele chegou ao clube no início dos anos 1980, ainda sem a alcunha de "Renato Gaúcho", que o faria reconhecido no país inteiro.

Contrariando o comportamento cristão do atacante tricolor, Baltazar Júnior, Renato Porttaluppi veio para revolucionar – com a mesma desenvoltura – a noite

porto-alegrense e o ambiente sisudo do grupo do então técnico Ênio Andrade. "Chegava desrespeitoso, falando alto, exigindo lugar no time. Ênio, pai da disciplina e da aplicação tática, relutava em colocar entre seus titulares alguém com perfil tão inconfiável" (COIMBRA *et al*., 2009, p. 199). O Grêmio perdeu a decisão do Brasileiro de 1982 para o Flamengo e Ênio deixou o clube. Renato, por sua vez, seria expulso na decisão do Campeonato Gaúcho contra o Inter, amargando o título de vilão daquele ano. Porém, no ano seguinte, e agora incentivado pelo atual técnico e parceiro Valdir Espinosa, Renato aflorou como ídolo tricolor na primeira vez em que um clube gaúcho conquistaria a Copa Libertadores da América. Foi dele o passe para o gol do título contra o Peñarol, marcado pelo atacante César.

> Arrancou pela ponta, parou próximo à linha lateral, e cercado pelos adversários fez o que só ele mesmo conseguia fazer: levantou a bola e num espaço minúsculo enganchou-a mandando-a em direção à pequena área. O centroavante César, com a coragem que se apresenta aos jogadores nas grandes decisões, jogou-se junto à trave direita e cabeceou para dentro. (COIMBRA *et al*., 2009, p. 202).

Cinco meses depois, Renato ainda faria os dois gols da vitória no Mundial Interclubes, sendo um deles na prorrogação, o que tornou ainda mais epopeica a conquista do título. Embora Portaluppi preencha os requisitos do herói clássico – garoto de origem humilde, que desde os doze anos trabalhava como padeiro para ajudar a família e acaba sendo descoberto no futebol por um olheiro – ele assume também outro papel na narrativa do ídolo: aquele que se destaca pelo talento inato, genuíno, que não dependeria de esforço para existir. Essa vertente é, segundo Helal (2003), o que diferencia o discurso da idolatria comum nos heróis nacionais em comparação aos demais heróis em escala mundial, nas qual as habilidades e o talento do ídolo vêm sempre atrelados às noções de treinamento e disciplina. "O diferencial nas narrativas brasileiras centra-se justamente na ênfase da conquista através da 'genialidade', 'irreverência' ou 'malandragem'" (HELAL, 2003, p. 23).

Esses quesitos são facilmente observados no trato noticioso de Renato Portaluppi. Um exemplo é a matéria de análise deste artigo, publicada pela revista Placar em 29 de novembro de 2017 e intitulada "Renato se consolida como ídolo máximo dos gremistas". Além das marcas discursivas que reforçam o discurso da idolatria –"ídolo máximo", "herói dos títulos", "eterno camisa 7", "garra gaúcha", entre outras – a matéria enfatiza o "perfil menos acadêmico" do jogador/técnico, respaldado com a seguinte declaração do personagem: "Quem não sabe vai à Europa estudar. Quem já sabe tudo vai à praia.". Inclusive, entre os títulos conquistados por Portaluppi, existe a taça simbólica de "Rei do Rio", prêmio concedido pela imprensa esportiva devido ao seu carisma e, claro, às boas atuações dele por equipes cariocas.

Antes disso, contudo, o jogador foi cortado da Copa do Mundo de 1986 por motivos disciplinares. Vale salientar ainda que esse fato revigorou um sentimento de marginalidade típico da população gaúcha em relação ao restante do país. Porém, a despeito disso, é interessante ponderar que, de 2006 em diante, a Seleção teve cinco treinadores gaúchos consecutivamente no comando: Dunga, Mano Menezes, Felipão, Dunga (em nova passagem) e Tite, atualmente.

> As mágoas se referem a 'injustiças' cometidas contra outros jogadores, referidas, a priori, ao descaso com atletas e clubes do Rio Grande do Sul, mesmo nos momentos em que o futebol gaúcho se destacava. O caso de Falcão, em 1978, foi emblemático: não relacionado para a seleção, havia sido bicampeão brasileiro pelo Internacional, na grande equipe de 1975-1976. Também o corte de Renato, por discutíveis motivos disciplinares – que não afetaram outros atletas do centro do país –, provocou reações inconformadas no Estado. (GUAZELLI, 2000, p. 47).

Para Guazelli (2000), o futebol gaúcho permite manifestar o sentimento de desprestígio que sentem os rio-grandenses em relação ao conjunto nacional, como se esse esporte reproduzisse os problemas que atingem outros segmentos gaúchos – perspectiva esta que, no trato deste artigo, pode ser expandida para as demais regiões consideradas de fora do eixo. Pode-se dizer ainda que a alcunha de Renato "Gaúcho", que até hoje é utilizada pela imprensa no lugar de "Portaluppi", remete à construção de um ídolo associado ao imaginário do gaúcho típico – povo aguerrido, "raçudo", defensor de fronteiras – e suas correlações com um estilo único de se jogar bola.

"Lá vai Iarley, tocou no Gabiru, vai marcar... é goool!"

Nascido em 1974, no sertão cearense de Quixeramobim, Pedro Iarley Lima Dantas tem história peculiar no futebol brasileiro, tornando-se ídolo em duas equipes situadas em regiões opostas no mapa do país: o Paysandu Sport Club, de Belém do Pará, e o Sport Club Internacional, de Porto Alegre. Começou a carreira em 1993 no pioneiro Ferroviário Atlético Clube, atuando como meia e atacante. Chegou a passar pelo Real Madrid ainda na década de 1990, mas não se firmou na Europa. De volta ao Nordeste em 2001, compôs o trio artilheiro do Ceará Sporting Club ao lado de Mota e Sérgio Alves, naquele que foi o melhor ataque da história do time em campeonatos brasileiros.

Chegou ao Paysandu como reforço para a Copa Libertadores da América de 2003. O clube paraense fez uma campanha surpreendente: liderou sua chave e, nas oitavas de final, chegou a ganhar do tradicional Boca Juniors em plena La Bombonera – façanha que até então apenas o Santos de Pelé (1962) e o Cruzeiro de Ronaldo (1994) haviam conseguido. O gol da vitória foi marcado por Iarley, em atuação que despertou o interesse do próprio Boca Juniors pelo jogador, embora o Paysandu tenha sido eliminado no segundo jogo por 4 x 2 no Estádio Mangueirão. Contratado pelo Boca meses depois desse episódio, Iarley alavancou seu status de mito ao conquistar o Mundial de Clubes pela equipe xeneize (campeã da Libertadores daquele ano) em decisão de pênaltis contra o Milan, então vencedor da Liga dos Campeões da UEFA. Em 2006, Iarley repetiria o feito pelo Internacional, tornando-se o único atleta brasileiro com mundiais de clubes conquistados em um time da Argentina e outro do Brasil.

A edição 2006 do Mundial Interclubes foi decidida contra o Barcelona, que tecnicamente era muito superior ao Inter. Portanto, era improvável que o Barça de Puyol, Deco e Ronaldinho (ex-jogador do rival Grêmio) fosse sucumbir perante

o Internacional de Índio, Iarley e, em especial, o atleta alagoano Carlos Adriano de Souza Vieira, conhecido internamente como Adriano Gabiru e desconhecido mundialmente até fazer o gol que daria o título de campeão do mundo ao Inter. Gabiru saiu do banco de reservas aos 30 minutos do segundo tempo, substituindo o capitão Fernandão, que desabara em uma dividida. Aos 36 minutos da etapa complementar, o meia Iarley – que só não foi o nome do jogo porque o gol foi de Adriano Gabiru – roubou a bola de Puyol na intermediária e, em um contra-ataque fulminante, tocou na medida para Gabiru fazer história ao mesmo tempo no Inter, em Alagoas e no CampNou.

> Ora, o CampNou é tapado de cadeiras de cima a baixo. Cabem quase 100 mil indivíduos civilizadamente alocados, designados. Seus jogadores contam com o melhor centro de treinamento, são cuidados pelos melhores médicos, dirigem os melhores carros, habitam uma cidade melhor num país melhor. Folhas salariais lado a lado? Os vermelhos são flechas contra a pólvora, quilombos contra o latifúndio, bolcheviques contra o tzar, Zapata contra Porfirio Díaz, ribeirinhos contra a nata da Europa. [...] É sobretudo por coerência política que o Internacional não poderia colher entre as suas patentes altas o tiro definitivo da sua insurreição. Será preciso um herói a quem não caiba estátua, um deus temporário, que não se possa divino, alguém que dos gols marque o menos europeu, um gol sem fetiche, nascido em Alagoas e criado em banco de reservas, ribeirinho entre ribeirinhos, de nome Adriano Gabiru (PEREIRA, 2017, s/p).

Para o gremista autor do depoimento acima – retirado de uma série de crônicas do site *Puntero Izquierdo*, onde torcedores escrevem sobre o time rival –, o gol do título colorado coube ao predestinado Gabiru porque o jogador representava muito bem os traços que extremavam não só o Inter em comparação ao Barça, mas, também, todos os contrastes sociais da relação Brasil x Europa. Quando perguntado pelo repórter João Marcelo Sena (2014), do *globoesporte.com*, se ficou uma frustração por não ter sido eleito o melhor atleta em campo naquele dia, Iarley nega, ressaltando que a frieza para reter a bola nos minutos finais de jogo e atrair a marcação adversária lhe trouxe mais audiência: “Isso me rendeu muito mais mídia do que se tivesse sido eleito. Todo mundo comentou. Gerou a discussão que foi muito legal. Frustração, não. Fui campeão”. (SENA, 2014, s/p).

Além do feito de ter se tornado campeão mundial por duas equipes diferentes, Iarley é lembrado como protagonista da única vez na história em que uma equipe do Norte do país disputou a Libertadores da América. Tal feito, por si só, já carrega um imaginário mítico, sobretudo porque o Paysandu se classificou para as oitavas de final do torneio como primeiro colocado em seu grupo e terceiro colocado geral. O conteúdo do *corpus* empírico deste artigo revela marcas discursivas que reforçam esse imaginário. A matéria em questão, escrita pelo repórter Danilo Monteiro e publicada em 27 de abril de 2018 na revista *Placar* é intitulada “Há 15 anos: o gol na Bombonera que valeu dois títulos mundiais a Iarley” e traz expressões como “façanha”, “mítico estádio”, “noite mágica para o futebol do Pará” e “anos de glória e idolatria”.

A narrativa traz ainda a dificuldade financeira enfrentada pelo Paysandu como mais um componente que reforça o caráter heroico da campanha do grupo

na Libertadores: “Os salários atrasavam, cheguei a ficar sem receber três meses, mas nossa vontade e amor pelo clube eram maiores, isso nunca nos abalou.”. A declaração de Iarley na matéria de Monteiro (2018) aponta para outra questão problemática no futebol, e que, diga-se de passagem, tende a ser mais grave para os times ditos de fora do eixo: os entraves que essas equipes enfrentam para se manter atuando em nível profissional.

Na mesma matéria, o ídolo que tem no currículo dois mundiais, relembra a eliminação do Paysandu naquela Libertadores como o dia mais triste de sua carreira: “Ver aquela multidão saindo do estádio, mais de 60.000 pessoas que foram ao jogo a pé, de bicicleta, a cavalo, foi devastador. Até hoje fico triste quando lembro.”. Entre 2008 e 2012, Iarley ainda passou pelo Corinthians e disputou mais de cem jogos pelo Goiás, fazendo o gol do título da Série B pela equipe esmeraldina em 2012.Retornou ao Paysandu em 2013, onde conquistou o campeonato Paraense, e no ano seguinte ao Ferroviário, anunciando a aposentadoria na equipe cearense que lhe abriu as portas.

A elegância sutil de Bobô

“Quem não amou a elegância sutil de Bobô?”. Homenageado na letra da canção Reconvexo, de Caetano Veloso, Raimundo Nonato Tavares da Silva, o Bobô, nasceu em 1962 no município de Senhor do Bonfim, a 375 km de Salvador. Começou sua carreira em 1981, no Catuense, clube do interior do estado. Em 1985, foi transferido para o Esporte Clube Bahia, sendo destaque da equipe campeã do Brasileirão de 1988. Naquele ano, o tricolor baiano era a sensação do futebol nacional com um estilo de jogo rápido, envolvente e alegre, cadenciado por jogadores como Gil, Charles – que ganharia o apelido de “Anjo 45”em referência à canção de Jorge Ben – e Zé Carlos, sob o comando do capitão Bobô, franzino, porém dotado da mesma ginga e malemolência. À época, o Bahia era tricampeão estadual e se classificou para as quartas de final do Campeonato Brasileiro no segundo turno, onde enfrentou um adversário também nordestino, o Sport Clube do Recife, equipe com a qual disputa o posto de melhor time do Nordeste, em termos de títulos. Classificado com dois empates, o Bahia jogou a semifinal contra o Fluminense, decidindo a vaga em Salvador com mais de 100 mil torcedores nas arquibancadas. O tricolor carioca saiu na frente no placar, mas Bobô e Gil viraram a partida, levando o time baiano à final do torneio.

O adversário foi o Internacional, que havia goleado o Bahia no primeiro turno do campeonato. Pai Lourinho, pai de santo e líder da torcida tricolor, teria “amarrado” o clube gaúcho antes da final, levando para as arquibancadas da Fonte Nova bonecos colorados amarrados e espetados por agulhas. Efeito do “despacho” ou não, o Bahia venceu o primeiro jogo por 2 x 1 de virada, com gols de Bobô. O Inter responderia o “trabalho” no segundo jogo, com os dirigentes do clube autorizando a colocação de galinhas pretas, velas, erva-mate e outras quinquilharias no vestiário do adversário, as quais teriam sido retiradas pelo massagista tricolor antes de o clube chegar, quebrando o “despacho”[2]. Dentro de campo, o 0 x 0 garantiu o título de Campeão Brasileiro ao Bahia, 30 anos após a conquista da Taça Brasil de 1959.

---

2 Detalhes desta história podem ser conferidos em notícia publicada no site oficial do Esporte Clube Bahia. Disponível em: <https://www.esporteclubebahia.com.br/bibrasileiro/>. Acesso em 7 abr. 2019.

Bobô foi transferido para o São Paulo e, em sequência, para o Flamengo, sendo campeão da Copa do Brasil de 1990. Passou também pelo Fluminense, Internacional e Corinthians até encerrar sua carreira em 1997, de volta ao clube que o revelou. O conteúdo que compõe o *corpus* empírico deste artigo, assinado pelo repórter Vinícius Faustini (2019) e publicado pelo diário esportivo *Lance!*, em 19 de fevereiro de 2019, relembra os 30 anos da conquista do Brasileiro de 1988, com o discurso da idolatria evidenciado já em sua manchete: "Um **título de glória**! Há 30 anos, o Bahia chegava ao **topo do país**" (grifo meu). Ao longo da narrativa, outras marcas discursivas evidenciam o trato heroico da conquista do clube, como "saga do Tricolor de Aço", "driblou seus percalços", "forte geração de baianos" e "desbancar favoritos". Algumas marcas sugerem também o imaginário malemolente do povo baiano – que coincidentemente disputou fases decisivas do torneio em época de Carnaval – tais como "contagiante ritmo", "nova malemolência", "à beira de desafinar" e "compasso de espera".

Retomando o título da matéria, pode-se dizer ainda que a expressão "topo do país" eleva a conquista baiana a um patamar também socioeconômico, além do futebolístico. Isso porque, em 18 edições do Campeonato Brasileiro, desde a primeira em 1971 até 1988 (ano em que o Bahia foi campeão), apenas quatro cubes que não eram da região Sudeste – a mais importante do país em termos socioeconômicos – conquistaram a taça: o Internacional, com o tricampeonato de 1975, 1976 e 1979; o Grêmio, em 1981; o Coritiba, em 1985; e o Sport, em 1987 – atualmente reconhecido como único campeão daquela edição, após longos anos de imbróglio com o Flamengo.

Vale destacar ainda o Guarani Futebol Clube, de Campinas, que, apesar de ser uma equipe tradicional de São Paulo, é um time modesto se comparado aos principais clubes paulistas, porém também já foi campeão brasileiro, em 1978. A supremacia do eixo Rio-São Paulo (incluindo-se aí quatro títulos de equipes de Minas Gerais) em relação às demais regiões brasileiras se estende até os dias de hoje: somando-se as 48 edições do Brasileirão, 35 foram conquistadas por equipes cariocas ou paulistas, evidenciando que as diferenças socioeconômicas se refletem nos gramados.

A discrepância também é óbvia ao se considerar que, em 105 anos de Seleção Brasileira, apenas 63 jogadores vestiram a camisa verde-amarela enquanto atuavam por clubes do Nordeste, embora esse número não inclua convocações na lista final para disputar a Copa do Mundo – na qual a contagem é nula – e sim para outros torneios ou jogos amistosos. Interessante ressaltar também que esse total de 63 jogadores representa apenas dois estados nordestinos, sendo 35 deles provenientes de clubes pernambucanos e 28 de clubes baianos. A título de comparação, de 1930 até 2018, foram 287 convocações de atletas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (este em menor escala) para as disputas do Mundial [3].

Bobô chegou a vestir a camisa 10 da Seleção Brasileira em 1989. Charles, seu companheiro no clube tricolor, vestira a 9. No entanto, Charles ficou de fora da lista final de Sebastião Lazaroni para a Copa América daquele ano – sediada no Brasil e vencida pelos donos da casa – causando enorme alvoroço no estado que foi um dos

3 Dados retirados do blog do jornalista Cassio Zirpoli, estudioso do futebol nordestino. Disponível em: <https://bit.ly/2Gl4Gg3>. Acesso em 7 abr. 2019.

palcos do torneio, mas que não se sentiu representado na convocação final[4]: "Eles queriam ver Charles, atacante do Esporte Clube Bahia e campeão brasileiro ainda com tinta fresca, mas o técnico Sebastião Lazaroni o deixou fora dos 20 escolhidos na última hora." (JUNIOR, 2019, s/p.). Importante ressaltar que, à época, Bobô já não mais atuava pelo Bahia, sendo convocado enquanto vestia a camisa do São Paulo. Fora dos gramados e 25 anos depois da conquista tricolor, Bobô foi eleito deputado estadual na Bahia pelo PC do B (Partido Comunista do Brasil), com 25 mil votos, reelegendo-se em 2018 com mais do que o dobro de votos da eleição anterior, o que demonstra certa cadência também nesse segmento. Em matéria do jornal *O Estado de S. Paulo*, assinada pela repórter Clara Rellstab (2018), Bobô relembra o dia em que ouviu pela primeira vez sua cadência imortalizada como "elegância sutil" na letra de Caetano Veloso:

> Eu estava em São Paulo, já jogando no São Paulo, e dando entrevista para a Jovem Pan com Milton Neves. Ele fez uma entrevista muito demorada e no final, em agradecimento, disse que ia me dar um presente, e me mostrou a música. Pra mim foi uma surpresa enorme, eu nunca tinha ouvido, ainda não tinha sido mostrada oficialmente. Foi muito prazeroso, principalmente depois de uma entrevista de uma hora (risos). Uma música falando de mim, ainda mais de Caetano... Fiquei lisonjeado e falei: Pô, agora sim eu estou imortal (*O Estado de S. Paulo*, 11 dez. 2018).

"Túlio Maravilha, nós gostamos de você"

Túlio Humberto Pereira Costa nasceu em Goiânia, em 1969. De origem humilde e compartilhando com a vizinhança o sonho de se tornar jogador de futebol, ingressou nas categorias de base do Goiás Esporte Clube em 1977 como uma jovem promessa. Em 1987 foi artilheiro do campeonato goiano com 22 gols, pela categoria juvenil. No ano seguinte, fez sua estreia profissional no clube, ficando com a artilharia do torneio estadual por dois anos consecutivos, 1988 e 1989, e conquistando o bicampeonato em 1990 e 1991. Em 1990, inclusive, Túlio chegou a ser artilheiro do Brasileirão, com 11 gols, marca superior à de jogadores estrelas à época, como Raí e Bebeto.

Ainda em 1991, transferiu-se para o Sion, da Suíça, onde não obteve o mesmo destaque. Retornaria ao Brasil em 1994, para defender o Botafogo, em passagem tão emblemática que lhe conferiu o sobrenome Maravilha, ecoando da torcida em paráfrase a uma honraria do clube rival: "Túlio Maravilha / Nós gostamos de você / Túlio Maravilha / Faz mais um pra gente ver". O jogador rendeu ao Botafogo a inédita conquista do Campeonato Brasileiro de 1995, sagrando-se artilheiro nacional naquele ano e também no anterior. Nessa época, as declarações polêmicas de Túlio contra as equipes rivais já eram destaque na imprensa esportiva, que o colocava em um mesmo posto junto a Romário (Flamengo), Valdir Bigode (Vasco) e Renato Gaúcho (Fluminense) pela disputa do simbólico título de "Rei do Rio".

No final dos anos 1990 sua carreira começou a declinar, com passagens discretas por outras equipes tradicionais, como Corinthians, Fluminense e Cruzeiro.

---

4 Detalhes dessa história podem ser conferidos no site PunteroIzquierdo, em matéria escrita por Paulo Junior e publicada em 15 de fevereiro de 2019. Disponível em <https://bit.ly/2Z82bVO>. Acesso em:7 abr. 2019.

A partir de então, Túlio peregrinou por mais de 20 clubes brasileiros, de norte a sul do país, além dos estrangeiros Újpest (Hungria), Jorge Wilstermann (Bolívia) e Al-Shabab (Arábia Saudita). Do início de sua atividade profissional até 2014, ano em que anunciou sua aposentadoria aos 44 anos de idade, foram quase três décadas de carreira, marca expressiva em se tratando de um jogador de futebol. Embora não tenha disputado uma Copa do Mundo, de 1990 a 1995 foram 15 convocações para a Seleção e 13 gols marcados, sendo um deles contra a Argentina, ajeitando a bola com o braço – o que invariavelmente reforça seu status de ídolo perante a torcida – em partida que levou o Brasil às semifinais da Copa América em 1995.

Em 2008, quando defendia o Vila Nova Futebol Clube, seu time do coração e principal rival do clube que o revelara, Túlio lançou sua candidatura a vereador de Goiânia, sendo eleito como o terceiro candidato mais votado de seu partido, o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Esse fato, inclusive, motivou a pesquisa de Martins e Veloso (2010), intitulada "A influência do futebol no processo eleitoral: o caso Túlio Maravilha", na qual os autores discutem a influência que a exposição midiática de candidatos ligados ao futebol exerce no processo eleitoral, problematizando se o discurso da idolatria no caderno esportivo pautaria também a editoria política ao reforçar o imaginário de um jogador-político igualmente idolatrado.

> Ser um personagem folclórico pode ser interessante à Editoria de Esportes pela exploração de um jogador que realmente vende jornais por fugir à regra, além de propiciar alegrias ao torcedor. Porém, este tratamento não pode se expandir para outros setores, principalmente quando não integra mais as quatro linhas do futebol. Quem assume um cargo na política, independente da profissão, deve trabalhar em prol da população e não mais a favor do fortalecimento de um mito. Túlio explorou bastante este artifício para ser eleito e ainda utiliza para se blindar de possíveis críticas que recebe na vida política (MARTINS; VELOSO, 2010, p. 71).

As marcas discursivas da matéria que compõe o *corpus* empírico deste artigo também associam Túlio à figura idolatrada. O conteúdo é assinado pelo repórter Felipe Santos (2014) e foi publicado em 8 de fevereiro de 2014, no portal *globoesporte.com*, e pauta aquele que seria o milésimo gol do atacante, marcado em um pênalti a favor da equipe do Araxá contra o Mamoré pelo Módulo II do Campeonato Mineiro daquele ano. Intitulada "Como Pelé e Romário, Túlio marca 'milésimo gol' de pênalti, em Minas", a matéria traz expressões como "famoso e mitológico", "jogando com 44 anos", "verdadeira saga", "tirou a farda" e "toda autoconfiança" para representar o jogador por meio das características que o consagraram quando foi revelado pelo Goiás, mostrando que o discurso da idolatria ainda vigora mesmo o atleta estando em fim de carreira e atuando por um time modesto em um torneio de pouca expressão.

Ainda que haja controvérsias sobre o gol mil de Túlio Maravilha, somando-se as atuações tanto em torneios tradicionais quanto nos menos expressivos, o atleta garante que a contagem está correta: "tem súmula, ambulância, policiamento, torcida e camisa do time, tá valendo[5]", incluindo-se aí seis artilharias em Campeonatos

5 A declaração consta em matéria do jornal Folha de S. Paulo, publicada em 2 de agosto de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2LurbTK>. Acesso em 6 abr 2019.

Brasileiros, em três divisões diferentes. Em 2018, apesar de aposentado, o jogador ainda retornaria aos gramados para uma reestreia pelo clube da quarta divisão do Rio de Janeiro, o Atlético Carioca. Com 49 anos e a intenção de marcar o gol de número 1001, denominado por ele como "gol de superação", o centroavante goiano se tornou o atleta mais velho da história a atuar no futebol do Rio de Janeiro, feito que até então pertencia a Adilsinho, que em 2017 defendeu o Barra da Tijuca aos 47 anos de idade.

Tendo atuado por mais de 30 equipes ao longo de sua carreira, Túlio Maravilha reivindica também o recorde dado pelo *Guinness Book*ao atacante uruguaio Loco Abreu, com passagem por 26 clubes em onze países. Quanto ao "gol de superação", o feito não veio pelo Atlético Carioca, mas viria pelo Taboão da Serra, clube da terceira divisão do Campeonato Paulista com o qual o jogador assinou contrato até maio de 2019. A despeito do ainda remanescente status de ídolo, Túlio Maravilha marcou o gol 1001 na derrota que rebaixou o Taboão da Serra para a quarta divisão do Paulista. Fora dos gramados, o jogador revelado no centro-oeste do Brasil e que já foi um dos vereadores mais votados de seu partido, mantém um perfil ativo no Instagram onde, além de conteúdo pessoal, divulga suas palestras motivacionais, projetos sociais e ações de marketing para grandes marcas no Rio de Janeiro.

Considerações finais

Após esta breve discussão teórica e análise empírica, foi possível evidenciar algumas marcas do discurso da idolatria evidentes em conteúdos noticiosos do jornalismo esportivo. Apesar de se tratar de uma abordagem sobre jogadores-ídolos revelados por clubes ditos de "fora do eixo", o material empírico escolhido para análise é de abrangência nacional, demonstrando que o status de ídolo de tais personagens vigora em grande alcance. Por outro lado, é interessante ponderar que, caso fossem analisados produtos midiáticos de âmbito regional, os resultados poderiam apontar também para marcas discursivas que remetessem a aspectos identitários e socioculturais típicos de cada região do país. Isso porque, em meu ponto de vista, o discurso da idolatria cultivado pela imprensa esportiva tem forte relação com esses aspectos, embasados pela pressuposta sensação do público de pertencimento ao local de origem e o anseio por uma maior representatividade de regiões periféricas no contexto socioeconômico do país, centralizado, sobretudo, no eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

Nesse sentido, analisar conteúdos noticiosos em torno dos ídolos Renato "Gaúcho", Iarley, Bobô e Túlio Maravilha possibilitou perceber que o discurso da idolatria referente a tais personagens independe da posição de seus respectivos clubes no ranking do futebol brasileiro, tampouco do status socioeconômico de suas regiões de origem, e se sustenta mesmo quando o atleta já está em fim de carreira. A opção pela análise do discurso, inclusive, se deu porque o texto jornalístico, na visão de Benetti (2008) é um material fértil para se evidenciar os aspectos ideológicos que há por trás da notícia. Para a autora, essa relação entre o aspecto linguístico e o aspecto ideológico materializada no texto é o que explica seu funcionamento discursivo. Neste artigo, buscou-se identificar como isso se dá por meio de marcas discursivas típicas do trato mítico/heroico da trajetória dos ídolos em questão.

O discurso, segundo (ORLANDI, 1988, p. 17), "é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é linguística". Sendo assim, a enunciação – incluindo-se aí os produtos noticiosos –pode ser vista como "um ato

social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades etc.". São justamente essas implicações que o discurso da idolatria é capaz de evidenciar. No âmbito deste trabalho as questões identitárias emergem quando percebo que o status de jogador ídolo/herói se mantém mesmo quando o atleta atua por clubes de menor expressão no país.

Do mesmo modo, as representações midiáticas em torno da figura do ídolo possibilitam colocá-lo em um patamar que ultrapassa a pauta esportiva, como no caso dos jogadores Bobô e Túlio Maravilha, que obtiveram êxito também em suas carreiras políticas. Por fim, percebe-se ainda que a pauta regional envolvendo o embate entre o principal eixo econômico do país (Região Sudeste) e as demais regiões, consideradas periféricas, também ganha proporções no discurso da imprensa esportiva. Isso é perceptível quando, por exemplo, os conteúdos noticiosos apontam para a presença pouco significativa de jogadores de times ditos "fora do eixo" na Seleção Brasileira, como no caso do ídolo Renato Gaúcho (que em 1986foi cortado do Mundial por motivos discutíveis) e de jogadores de clubes nordestinos, clubes estes que ainda têm pouca ou nenhuma representatividade na Seleção mesmo um século depois da formação do nosso primeiro escrete.

Referências bibliográficas

BENETTI, Márcia. *O jornalismo como gênero discursivo.* Galáxia, São Paulo, n. 15, p.13-28, 2008.

COIMBRA, David *et al*. *A História dos Grenais.* Porto Alegre: L&pm, 2009.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais do que os homens.* Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ESPORTE CLUBE BAHIA, *Há exatos 27 anos, reconquistávamos o Brasil,* Site oficial do Esporte Clube Bahia, Salvador, 19 fev. 2016. Disponível em: <https://www.esporteclubebahia.com.br/bibrasileiro/>. Acesso em 7 abr. 2019.

FAUSTINI, Vinícius. *Um título de glória! Há 30 anos, o Bahia chegava ao topo do país,* Lance!, Salvador, 19 fev. 2019. Disponível em:<https://bit.ly/2ETLS6O>. Acesso em 05 jun. 2019.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *500 Anos de Brasil, 100 Anos de Futebol Gaúcho:* Construção da 'Província de Chuteiras'. IN: Anos 90, n°.13. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 21-50.

HELAL, Ronaldo. *Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol.* Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física, Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 2, p. 32-52, 1999.

HELAL, Ronaldo. *A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro.* ALCEU. Rio de Janeiro, v.4, n.7, p.19-36, 2003.

JUNIOR, Paulo. *Charles, Fonte Nova, Bahia: há 30 anos, o bicho pegou na Copa América no Brasil,* Medium Corporation (online), Puntero Izquierdo, 15 fev. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Z82bVO>. Acesso em 7 abr. 2019.

MARTINS, Fernando; Thiago VELOSO. *A influência do futebol no processo eleitoral:* o caso Túlio Maravilha. 124f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

MONTEIRO, Danilo. *Há 15 anos: o gol na Bombonera que valeu dois títulos mundiais a Iarley,* Revista Placar, São Paulo, 24 abr. 2018. Disponível em:<https://bit.ly/2Kt0H3L>. Acesso em: 05. jun. 2019.

ORLANDI, Eni. *Discurso e Leitura.* São Paulo: Cortez e Editora da UNICAMP, 1988.

PEREIRA, Demétrio Rocha. *Perigo vermelho,* Medium Corporation (online), Puntero Izquierdo, 25 set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2loQ1p3>. Acesso em 7 abr. 2019.

PLACAR, *Renato se consolida como ídolo máximo dos gremistas,* Revista Placar, São Paulo, 29 nov. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2MvvT5f>. Acesso em 05 jun. 2019.

RELLSTAB, Clara. *Bobô relembra título do Brasileirão de 1988: 'Não esperava uma festa tão grande,* Jornal *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2LeljLj>. Acesso em 05 jun. 2019.

SANTOS, Felipe. *Como Pelé e Romário, Túlio marca 'milésimo gol' de pênalti, em Minas,* Globo Esporte, Minas Gerais, 8 fev. 2014. Disponível em:<https://glo.bo/1lf4EE7>. Acesso em 05 jun. 2019.

SENA, João Marcelo. *Dois títulos mundiais, façanhas e dores: Iarley* ***dá adeus aos gramados,*** Globo Esporte, Fortaleza, 22 ago. 2014. Disponível em: https://glo.bo/1AE8jCX. Acesso em 05 jun. 2019.

ZIRPOLI, Cassio. *Todos os jogadores cedidos por clubes do Nordeste à Seleção Brasileira,* Blog de Cassio Zirpoli, 12 mai. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2Gl4Gg3>. Acesso em 7 abr. 2019.

21 | A identidade torcedora alagoana no século XXI: CSA, CRB e ASA na tela, no campo e nas pesquisas

Anderson David Gomes dos Santos[1]

Introdução

Algo comum especialmente nos jogos da Copa do Brasil, em que o sorteio pode colocar algum dos cinco times de maior torcida do país (Flamengo, Corinthians, São Paulo, Vasco e Palmeiras) no Nordeste é ver um público visitante considerável contra a equipe local. Este tipo de torcedor passou a ser chamado de "misto", por normalmente ter um time local e outro de fora, quando não torce apenas para o de outro estado. Alagoas também tem essa caracterização.

No século XXI, o estado passou por algumas mudanças nas principais forças locais. O ASA (Agremiação Esportiva Arapiraquense) chegou a ser a principal equipe, com 6 de seus 7 títulos estaduais sendo de 2000 a 2011, tornando-se ainda representante do estado na Série B do Brasileiro de 2011 a 2013, mesmo ano em que foi vice-campeão da Copa do Nordeste. Ainda que o CRB (Clube de Regatas Brasil) tenha se mantido na Série B até 2010, quando caiu, retornando no ano seguinte e sendo rebaixado novamente, o interior passou a ter um time para torcer.

Os últimos 7 anos mostram uma mudança de cenário, com CRB e CSA (Centro Sportivo Alagoano), centenárias equipes da capital Maceió, voltando a ter protagonistas locais e ganhando destaque nacional, com Alagoas voltando a ter representante na Série A após mais de três décadas. Em paralelo, desde 2005 o Campeonato Alagoano tem ao menos as partidas finais sendo transmitidas em TV aberta.

O objetivo deste artigo é analisar a construção da identidade dos torcedores de futebol em Alagoas e trabalhar a hipótese da mudança da identificação do torcedor local, considerando dois fatores: a transmissão de jogos de times alagoanos na TV aberta e as conquistas dentro de campo.

Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, que utiliza como metodologia revisão de literatura a partir de autores como Raychtok (2015), Souza (2015) e Vasconcelos (2014) sobre o torcedor misto no Nordeste; além de buscarmos cruzar dados de pesquisas quantitativas que tratem dos torcedores no Nordeste e, especialmente, em Alagoas.

O artigo está dividido em três partes: discussão sobre a constituição da bifiliação clubística no Nordeste; apresentação de dados sobre pesquisas de torcedores na região e em Alagoas; e desenvolvimento da hipótese sobre a mudança da identidade do torcedor alagoano.

---

1 Doutorando em Comunicação na Universidade de Brasília (UnB), professor da Unidade Educacional Santana do Ipanema/Campus Sertão da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e presidente da ULEPICC-Brasil (capítulo Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura).

A constituição da bifiliação clubística

O futebol mobiliza uma grande quantidade de aficionados, que movimentam uma quantidade ainda maior de empresas interessadas por alguma das esferas econômicas que marcam a sua prática, seja no âmbito do lazer informal ou de replicação de marcas a partir da prática profissional.

Diversos autores mostram que um aspecto que mantém essa paixão cotidiana é seguir os clubes, considerando que os torneios entre seleções ocorrem por pouco tempo e com um período entre uma edição e outra (caso da Copa do Mundo FIFA) e a diminuição das identidades nacionais após o período neoliberal, de acentuação da individualização e internacionalização de questões culturais.

Damo (1998, p. 11) diz que o ato de torcer se assemelha ao pertencer, isso significa "fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações". Prova disso afinal é que se fala em "nosso clube", ou seja, passa-se da singularidade do indivíduo para uma identidade coletiva em torno de uma paixão comum, representada pelo clube, seu símbolo e suas cores.

Nesse sentido, o que pode justificar que uma paixão desse nível possa ser desenvolvida sem o caráter presencial, apenas mediado pela tecnologia digital de informação e comunicação? Esse questionamento é comum por quem é contrário a se torcer por dois clubes (bifiliação clubística ou "torcedor misto") e/ou apenas para um time de fora da sua localidade. Para entender isso, é necessário tratar de como o futebol se estruturou e se expandiu no Brasil.

Vasconcelos (2014, p. 4) analisa o futebol brasileiro enquanto um *campo* no sentido do termo construído por Bourdieu, entendendo-o como "um espaço composto por agentes e instituições – times, federações, grupos políticos – que constroem relações e disputas específicas ao contexto desse campo". Ainda segundo o autor, há os agentes que se colocam em posição dominante, detentores de distintos capitais; e os dominados, em posição periférica no campo. Este processo seria essencial para entender a maior ou menor quantidade de torcedores das equipes de futebol no país.

Pensando na estruturação deste esporte no país, a história oficial começa em São Paulo, a partir de Charles Müller, ainda no final do século XIX, mas com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) sendo criada no Rio de Janeiro, então sede da República, na década de 1910. Há uma concentração dos primeiros clubes e da estrutura do futebol no Sudeste, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo, com algum reflexo no Rio Grande do Sul, na Bahia e em Pernambuco, cuja história oficial também os colocam em período semelhante ao do marco inicial do futebol brasileiro. Assim:

> Este desenvolvimento embrionário do futebol no Brasil em formato de "arquipélago" – em que as capitais cresciam desportivamente ilhadas umas das outras – foi um dos fatores-chave para o surgimento de potências regionais, cujos reflexos podem ser vistos até os dias de hoje. É esta peculiaridade que faz com que os torneios estaduais, característica quase exclusiva do futebol brasileiro, tenham angariado tanta importância em outras épocas e ainda perdurem com certo prestígio (RAYCHTOK, 2015, p. 4).

Do ponto de vista econômico, esses estados também têm destaque nacional e, principalmente, na sua respectiva região. Mas em termos nacionais, a década de 1920 marca a difusão do café enquanto principal produto de exportação nacional, após a crise do açúcar. Mesmo quando ele decai, na década de 1930, Rio e São Paulo vivem um processo de urbanização e começam a se industrializar, definindo os dois como centros econômicos do país, o que será fundamental ao pensarmos também no desenvolvimento sociopolítico, incluindo neste bojo os principais grupos midiáticos nacionais.

Quanto ao capital econômico, Vasconcelos (2014, p. 10) afirma que a maior capacidade de arrecadação financeira possibilita com que as equipes possam ter melhor estrutura física e, consequentemente, maior capacidade para gerar novos jogadores e contratar os de melhor qualidade no mercado, o que contribui para "formar elencos de melhor qualidade, o que chama atenção tanto da mídia quanto dos fãs do esporte".

Em termos de política, apesar de perder a sede da república para Brasília em 1960, o Rio de Janeiro seguiu tendo a da CBD e da posterior Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Na quantidade de presidentes da entidade, de 1915 até 2019 foram 22 presidentes da entidade, sendo 14 do Rio de Janeiro, incluindo Ricardo Teixeira, que ficou por 23 anos (até 2012). Na década de 2010 foram outros quatro presidentes, dois eleitos (ambos de São Paulo) e dois que assumiram para finalizar mandatos (um do Pará e outro de São Paulo). Ou seja, o centro do poder político do futebol está representado especialmente por Rio e São Paulo, ainda que a CBF tenha vice-presidentes regionais.

Também é nos dois estados que se desenvolvem os principais grupos midiáticos do país, desde o impresso, passando pelo rádio e pela televisão, até às mídias noticiosas em ferramentas da internet. Pegando a história de Mário Filho, considerado uma espécie de pai da cobertura esportiva no Brasil, ele é de família pernambucana, mas sua carreira é no Rio de Janeiro, em que adquire o Jornal dos Sports em 1936 e com outros cronistas delineiam as formas de se cobrir o futebol brasileiro a partir da ode às equipes do Rio.

Souza (2015) lembra que o torneio interestadual com maior visibilidade antes dos nacionais (Taça Brasil) era o Rio-São Paulo, além disso, há o fato de a Rádio Nacional ter transmissão para todo o país, como uma das ferramentas de integração nacional do Governo Vargas, transmitindo os jogos das equipes do Rio de Janeiro.

No caso da TV, cujo alcance nacional começa em 1969, as maiores redes têm sede no Rio de Janeiro e em São Paulo com um modelo de programação produzido na cabeça de rede e apenas algumas horas para o local. No caso do futebol, de cara estrutura para exibição até os anos 1990, quando as transmissões ganham a regularidade que conhecemos hoje, as partidas transmitidas eram com a presença de times de Rio e São Paulo, fossem torneios estaduais, nacionais ou internacionais. Além disso, mais que a transmissão das partidas, os programas esportivos da TV aberta e da TV fechada (esta a partir dos anos 1990) têm como foco os times desses estados. Isso se reproduz nos sites esportivos em seguida.[2] Raychtok (2015) afirma

2 Com a lógica de financiamento via click bait, em que os sites ganham dinheiro com mais clicadas numa matéria, esta realidade é ainda pior, pois acabam usando nomes ou clubes mais populares em matérias. Casos de "time de Rogério Ceni" para matérias sobre o Fortaleza, equipe que treina desde 2018.

que a medição de audiência da TV começou justamente nesses dois estados, pois eles eram os mais atraentes para a publicidade.

Assim, a importância da mídia está especialmente enquanto grande fonte de divulgação das equipes e do jogo. Como afirma Vasconcelos (2014, p. 5):

> É possível inferir que, quanto mais exposição um time tem na mídia, mais sua marca é valorizada e maiores são os valores que envolvem seu marketing. Ao mesmo tempo, essa divulgação também ajuda na criação de afinidades entre times e torcedores (telespectadores, leitores, ouvintes, internautas...), o que interfere em um dos mais populares patrimônios de um time: sua torcida. É possível pensar essa influência da mídia na valorização de um clube como um tipo de capital: um capital midiático.

Os capitais político, econômico e midiático dão vazão ao maior poderio dos clubes de Rio de Janeiro e São Paulo no futebol brasileiro – com a reprodução desse modelo em regiões, com Pernambuco e Bahia tendo maior destaque no Nordeste, e o Rio Grande do Sul no Sul. Isso ajuda na construção do capital simbólico, representado por títulos, melhores jogadores e número de torcedores de um clube.

O capital simbólico se constitui a partir da relação dos outros capitais no campo analisado e interfere na escolha clubística. Ainda que em termos de títulos nacionais haja uma variação de 21 equipes com algum, pegando os torneios reconhecidos pela CBF (considerados "brasileiros" ou a Copa do Brasil), de 93, são 41 títulos de times paulistas e 21 do Rio de Janeiro (66,67%). Em seguida vêm: Minas Gerais e Rio Grande do Sul (12), Paraná, Bahia e Pernambuco (2) e Santa Catarina (1). Sem colocar nesta lista os títulos internacionais (Libertadores e Mundial), que têm hiatos mais constantes.

Decorrente disso deriva outro elemento que compõe o simbolismo de uma equipe e que é nosso objeto de estudo: a torcida. Um elemento que as pesquisas acadêmicas e de opinião também observam é que a quantidade divulgada de torcedores, no estádio ou nas pesquisas, também é considerada na escolha de um time para torcer. A midiatização do Flamengo como maior torcida do país, por exemplo, já era verificado em textos do paraibano José Lins do Rêgo no Jornal dos Sports da década de 1940 (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009).

Esses efeitos do que tratamos aqui começaram a ser percebidos também em Rio de Janeiro e São Paulo nesta década, com a maior transmissão dos campeonatos europeus no Brasil. As crianças do país inteiro passaram a ter times de fora do país, replicando um modelo de bifiliação clubística que estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, especialmente, vivem desde o início da midiatização deste jogo. Tanto para o caso interno brasileiro (e dentro dos estados) quanto para a concorrência com clubes de fora vale o que Souza (2015, p. 7) afirma: "As conquistas dos clubes são expostas pelo torcedor assim como a presença de grandes jogadores". A desigualdade nestas condições gera desigualdade na disputa pelo coração de novos torcedores.

As pesquisas sobre torcedores no Nordeste e em Alagoas

Como já foi colocado anteriormente, as primeiras pesquisas de audiência no Brasil surgem a partir de Rio de Janeiro e São Paulo, partindo depois para as principais regiões metropolitanas do país, que não consideram todas as capitais. Esse é o primeiro ponto importante para se indicar. No caso alagoano, são poucas as pesquisas de institutos antes desta década e, mesmo assim, de empresas locais, o que sempre gera divergência sobre a metodologia aplicada.

Raychtok (2015) afirma que Pernambuco e Bahia se destacam dentro de campo e nas arquibancadas do Nordeste porque foram os primeiros estados a estruturarem a prática do futebol na região. É de lá, por sinal, que saíram os títulos nacionais em nível de primeira divisão: Taça Brasil de 1959 e Campeonato Brasileiro de 1988 pelo Bahia; e Campeonato Brasileiro de 1987 e Copa do Brasil de 2008 pelo Sport – o Vitória foi vice-campeão brasileiro em 1994 e da Copa do Brasil de 2010. Porém, o autor indica ainda as dificuldades de a região mesmo para esses clubes formarem novos torcedores a partir dos anos 1990, pois demoraram para ter transmissão de seus jogos.

Em 1997, o Campeonato Baiano é o primeiro estadual do Nordeste a ser transmitido, ainda assim no canal fechado Sportv (Grupo Globo), que só exibiu naquele ano. O torneio só voltaria a ter transmissão em 2004, pela TVE Bahia, pertencente ao governo estadual, e só depois o torneio teria os direitos comprados pela Rede Bahia, afiliada da Rede Globo no estado, não deixando de ser transmitida desde então, fosse nela ou na TV Itapoan (afiliada da Record que adquiriu os direitos do torneio para transmissão de 2007 a 2010). A partir daí, como afirma Brito (2009, p. 25):

> Os baianos, que tanto se identificam com o futebol, também só tiveram o que comemorar, principalmente aquelas pessoas que moravam no interior do estado, pois puderam acompanhar as grandes partidas do futebol baiano: os clubes adversários na tabela, o Bahia, o Vitória, e não apenas times do eixo Rio-São Paulo, como até então estiveram condicionados por falta de opção. Os soteropolitanos tiveram a oportunidade de ver seus clubes em ação fora da capital, o que também os incentivava a ir aos estádios nos jogos em casa.

Outro estado com títulos nacionais de primeira divisão, Pernambuco teve a primeira transmissão do estadual local em 1999, a partir da produtora de Luciano do Valle, que colocou o torneio na TV Pernambuco, também público-estatal. Com o sucesso, a Globo Nordeste adquiriu os direitos para transmitir o torneio a partir de 2000, fazendo-o de forma intermitente até os dias de hoje. A transmissão televisiva de outros torneios estaduais tem outros dois momentos a partir da segunda metade da primeira década do século XXI, mas, como envolvem Alagoas, iremos tratá-los mais à frente.

Partindo para o levantamento das pesquisas divulgadas. É importante salientar que a descrição vai de 2013 a 2019.

De início, seguindo a trajetória de apontar a situação da região Nordeste, Raychtok (2015) cita duas pesquisas diferentes, realizadas pela Pluri Consultoria e pelo Ibope em 2013. A pesquisa do Ibope, nacional, indicava que a torcida do Bahia era a maior entre as equipes nordestinas, sendo a 12ª do Brasil (quase três milhões e meio torcedores), com a do Sport vindo em 15º logo atrás (RAYCHTOK, 2015).

A investigação da Pluri Consultoria mostrou que 25,8% dos nordestinos não torcem para clube algum, além disso, descreve que o clube nordestino com maior torcida, o Sport, é apenas o quarto na região, com 4,8% de torcedores, estando atrás das torcidas do Flamengo (22,4%), Corinthians (8,6%) e São Paulo (5,7%). Raychtok (2015, p. 18) afirma que "mais da metade da população do Nordeste direciona sua paixão para clubes de Rio de Janeiro e São Paulo – 32,2% torcem para times cariocas, enquanto 19,1% preferem os times paulistas". O único estado em que há mais torcida por equipes locais é Pernambuco, com as regiões metropolitanas de Fortaleza e Salvador também optando pelas respectivas equipes. Houve identificação ainda sobre os torcedores de CRB (111 mil) e CSA (85 mil) (FUTEBOL INTERIOR, 2013).

De março a dezembro de 2016, o Instituto Paraná Pesquisas realizou uma pesquisa nacional. Na região Nordeste, 21,5% das pessoas afirmaram que não torcem, outros 21,5% torcem para o Flamengo, 9,8% para o Corinthians e só então aparece uma equipe nordestina, o Bahia, com 7%, seguidos por São Paulo, Vasco, Palmeiras, Ceará e Sport (PARANÁ PESQUISAS, 2016).

Sobre os times de Alagoas, a primeira pesquisa encontrada foi realizada com 1.000 pessoas de três aglomerados de bairros (mais de 30) de Maceió, capital de Alagoas, nos dias 18 e 19 de agosto de 2013. A empresa responsável foi o Ibrape a partir de encomenda pelo site Cada Minuto. 39,6% dos entrevistados não responderam, enquanto 28,5% se identificaram como torcedores do CRB (então na Série C do Brasileiro e bicampeão alagoano), 28,1% do CSA (vice-campeão alagoano e na Série D), 2,8% para o ASA (na Série B) e 1% se identificando como torcedor do Corinthians-AL, maceioense detentor de um título alagoano na década anterior. A pesquisa também perguntou sobre o time nacional que a pessoa torcia, com o Flamengo tendo 27,3%, seguido por Corinthians (10,5%) e Vasco (8,8) (CRISTINA, 2013).

O Instituto Paraná Pesquisas foi o primeiro a realizar uma pesquisa por mais cidades alagoanas. Com amostra realizada de 6 a 9 de março de 2017, em 46 municípios, entrevistou 1500 pessoas, em que 27,7% informaram que não torcem. Na pergunta espontânea, a maior parte indicou ser torcedora de Flamengo (21,4%) e Corinthians (10,2%). O primeiro time alagoano foi o CRB (6,3%), em 5º, seguido por CSA (4,8%) e ASA (3,8%) (ARAÚJO, 2017).

Ainda em 2017, com amostra de 12 a 16 de abril em 45 municípios alagoanos, o Ibrape, mais uma vez sob encomenda do site Cada Minuto, entrevistou duas mil pessoas, em que 19,4% afirmaram ser torcedoras do CRB; enquanto 18% eram aficionadas pelo CSA e 8,2% pelo ASA (REDAÇÃO, 2017).

Em 2018, uma terceira pesquisa, mas nacional, apresentou dados interessantes para a lógica de "bifiliação clubística" que tratamos no tópico anterior, pois considerou também o time que se simpatizava. A Ibope Repucom (2017) denominou-a de

“DNA Torcedor 2017”, vendendo-a como a “pesquisa definitiva sobre o perfil dos torcedores do futebol brasileiro”, ao considerar três fases: amostragem normal; identificação das preferências de consumo esportivo; e monitoramento das mídias sociais.

Divulgada pela Revista **Época (CAPELO,** 2018) e pelo globoesporte.com (GALLINDO, 2018), a pesquisa indicou o Sport como a maior torcida entre os nordestinos (2%), considerando ser este o primeiro time, em 11º no Brasil e com 1 milhões e 890 mil torcedores. Em seguida, viria o Bahia, em 13º no Brasil, com 1 milhão e 780 mil torcedores. As outras oito equipes nordestinas identificadas foram, em ordem de torcida: Vitória, Ceará, Santa Cruz, Fortaleza, Náutico, Botafogo-PB, ABC e CRB (este com 80 mil torcedores).

A situação muda quando se somam os “simpatizantes”. Em alguns casos, estes representam a maior parte da identificação da torcida. Assim, o Bahia supera o Sport, 3 milhões e 190 mil torcedores contra 2 milhões e 710 mil. Isso pode ser explicado pelo fato de que Pernambuco é o único estado nordestino em que há a preferência por times locais, enquanto no caso da Bahia isso só ocorre na região metropolitana, com o interior tendo mais bifiliação. Quanto às demais posições, elas se mantêm, com o CRB, único clube alagoano na lista, somando 399 mil torcedores (GALLINDO, 2018).

Analisar o perfil do torcedor diferenciando um preferencial, mas contando também o de simpatia é importante porque:

> A bifiliação pode ainda assumir outros contornos, e é importante que não a essencializemos como preferência clubística que administra a paixão igualmente por dois times. A economia dessa paixão é frequentemente relativizada pelos torcedores a produzir alguma hierarquia entre tais preferências, deixando, portanto, de ser uma apreciação reativa e estática a tal adesão. Tal desequilíbrio vai depender de uma série de fatores que colocam os times de preferência dentro de um regime instável (CAMPOS; TOLEDO, 2013, p. 131).

Em 2018, o Inape anunciou uma pesquisa realizada em 48 bairros de Maceió. A coleta foi de 5 a 8 de março, com amostra de 801 pessoas. 42,82% não torcem para clubes de Alagoas. Dos que sobram, 29,72% torciam para o CSA e 27,2% para o CRB, com 0,26% sendo aficionados por outras equipes locais (MEDEIROS, 2018). A primeira amostra com o CSA à frente nesta década pode ser justificada pelos acessos seguidos da Série D à Série B, de 2016 a 2018.

O Inape realizou ainda uma pesquisa nos primeiros dias de 2019, em 6 e 7 de janeiro, após o acesso do CSA à Série A do Brasileiro, algo que não ocorria com um time alagoano há mais de 30 anos. Os que não torcem para equipes alagoanas seguem à frente, com 41%, enquanto o CSA teria 196.519 torcedores (33%), o CRB 148.878 (36,3%), outros do estado fechando cem 1% e os que não torcem para clubes no estado caíram para 14,2% (INAPE, 2019).

Para finalizar este tópico, partamos para três pesquisas realizadas em universidades: Souza (2015) fez pesquisa de campo para a monografia de conclusão do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

sobre o torcer misto em Maceió; André Carneiro, pesquisador de Administração da Universidade Federal Alagoas (Ufal), divulgou no final de 2018 resultados de um estudo sobre o programa sócio-torcedor de equipes alagoanas; e pesquisa de iniciação científica coordenada pelo pesquisador Anderson Moreira Aristides dos Santos, no curso de Economia da Ufal, que tratou sobre a demanda dos torcedores alagoanos para acompanhar no estádio uma partida do estadual local, de 2009 a 2017.

A coleta de Souza (2015) foi realizada a partir de questionário aplicado pela internet de 15 de dezembro de 2013 a 15 de janeiro de 2014, analisando 71 respostas. Dentre os resultados, 39% dos torcedores de equipes de fora de Alagoas definiram o time pela família, enquanto 22% apontaram a influência da mídia.

Os dados confirmam o que discutimos no primeiro tópico, lembrando ainda que as gerações anteriores também já decidiam seus clubes a partir de meios de comunicação, pois "já na década de 50 [...] é possível mapear a existência de torcedores mistos – isto é, nordestinos que dividem sua paixão entre clubes de seu estado e times de regiões economicamente mais fortes" (RAYCHTOK, 2015, p. 14).

A pesquisa de Carneiro apresentou resultados com base em faixa etária, escolaridade, renda familiar e hábitos de mídia dos sócio-torcedores de futebol maceioenses. Ele fez a coleta com 2.099 torcedores de 19 de julho a 17 de agosto de 2018, em que 40,7% se identificaram enquanto torcedor do CSA, 39% do Flamengo, 36,3% do CRB, 14,2% não torcem para nenhum clube em Alagoas, 5,2% não gostam de futebol e 2% para o ASA. Em termos de representatividade local, a pesquisa de Carneiro identificou que 49% se consideram torcedores "mistos", enquanto 31% torcem apenas para uma equipe alagoana (GONZAGA, 2018).

Como a investigação coordenada por Carneiro é voltada para entender o consumo, ele aponta que das pessoas consultadas, apenas 27,2% eram sócio-torcedoras, criticando a falta de uma melhor relação entre torcedor/cliente e o clube e ainda que "nunca foi realizada uma pesquisa de marketing pelos dois principais clubes de Alagoas" (CARNEIRO *apud* GONZAGA, 2018). Quanto aos hábitos de mídia, a maior parte dos torcedores (36%) assiste aos conteúdos esportivos pela TV, ante 16% por rádio.

Por fim, segundo os resultados da pesquisa realizada por Santos na Ufal, que utilizou regressão linear a partir dos públicos e fases do estadual, o maior impacto para levar o torcedor alagoano ao estádio é o clássico entre CRB e CSA: "esse jogo implica em uma elevação de 188% no público pagante em relação aos outros jogos não clássicos do campeonato" (LIMA; SANTOS, 2018, p. 9). Esse dado é importante para apresentarmos a hipótese de que a apresentação de melhores resultados destas duas equipes pode ter um impacto em curto e médio prazo na identidade do torcedor alagoano.

Alagoas bem dentro de campo e na TV

Como discutido até aqui, dentre os campos ligados ao futebol que auxiliam na escolha do clube por um torcedor, destacam-se três: indicação da família; maior transmissão e cobertura pelos meios de comunicação; e momento do clube. Partindo dos dois últimos elementos, traremos aqui da hipótese a ser observada a partir dos próximos anos de aumento da identificação de alagoanos que torcem para times locais, incluindo aí que as futuras gerações se identifiquem mais como torcedores de clubes de Alagoas, mesmo que continue com um ou mais de fora, mas com estes sendo os de simpatia.

Para isso, trataremos de três aspectos: os casos contrários à bifiliação clubística nos estádios alagoanos; dois momentos importantes para transmissão de jogos de futebol no estado; e das campanhas de destaque de CRB e CSA nos torneios disputados na década de 2010, são as equipes que mais levam torcedores aos estádios de futebol no estado.

Começando pela primeira década do século XXI, o Campeonato Alagoano teve seis campeões diferentes: ASA (4), CRB (1), Corinthians (1), Coruripe (2), CSA (1) e Murici (1). Nas divisões nacionais, o CRB se manteve na Série B, enquanto o ASA se manteve na C em 2009 – quando a Série D foi criada – e subiu para disputar a B em 2010. Já as outras equipes disputaram a Série C até 2008 e a D em 2009 e 2010. Destaque ainda para a campanha do ASA na Copa do Brasil de 2002, em que eliminou o Palmeiras na primeira fase e ficou conhecido em todo o país.

Em paralelo a isso, desde 2005 o Campeonato Alagoano tem ao menos as partidas finais sendo transmitidas em TV aberta, começando pela Pajuçara (afiliada da Rede Record). A emissora passou a transmitir ao menos um jogo por rodada em 2007, quando a cabeça de rede encerrou a parceria com a Globo em transmitir futebol e liberou as afiliadas para adquirirem os direitos de transmissão dos estaduais (casos também de Bahia, Sergipe, Paraíba e Santa Catarina). A Record permitia flexibilidade da grade nacional, com os jogos do Alagoano sendo "transmitidos aos sábados à tarde e nas quartas à tarde ou à noite, às 20h30, com os programas nacionais do horário sendo transmitidos após as partidas" (SANTOS; BEAKLINI, 2012, p. 10).

Foi nesse período que apareceu a primeira manifestação contra a bifiliação clubística. Segundo Souza (2015, p. 3), ainda em 2007 alguns torcedores se organizaram pela internet para criar o movimento "CRB Meu único Time", "com o intuito de conscientizar o seu torcedor [...] ao torcer apenas pelo clube da terra".

A década de 2010 trouxe mudanças ainda mais sensíveis tanto dentro de campo quanto na transmissão. Ela começou com mais um título do ASA, que era o alagoano na melhor divisão do Brasileiro (Série B), ao mesmo tempo que o CRB foi vice-campeão da Série C, retornando no ano seguinte para a segunda divisão nacional – em que voltaria a ser rebaixado. 2012 em que o Regatas também voltou a vencer, após 10 anos, um título alagoano, iniciando uma série de oito finais seguidas e cinco títulos na década.

Sobre a crítica à bifiliação clubística, Souza (2015, p. 3) aponta três momentos de protestos em torneios nacionais:

> No Estádio Rei Pelé, em Maceió, as equipes do Murici, em 2011, e do Coruripe, em 2012, mandaram seus jogos pela Copa do Brasil contra Flamengo – RJ e Palmeiras – SP, respectivamente. Por meio de uma faixa com a seguinte frase: "Torça apenas para o time do seu Estado", alguns torcedores apresentaram suas insatisfações pela presença maciça de torcedores maceioenses presentes no espaço destinado para os torcedores visitantes. Ainda em 2012, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão, a torcida do CRB lançou uma nova campanha, por meio de uma faixa com os dizeres: "Jogo do CRB = Camisa do CRB".

2013 é o ano em que a Copa do Nordeste volta – após teste realizado em 2010. A competição tem a organização da Liga de Clubes do Nordeste com o Esporte Interativo (EI), que funcionava em UHF (apenas para quem tinha antena externa) e em poucas distribuidoras da TV fechada – com a Copa tendo ainda retransmissão, até 2017, pelas afiliadas da Globo na região. Naquele ano, o ASA chega à final, perdendo o título para o Campinense, mesmo ano em que seria rebaixado para a Série C do Brasileiro. Apesar de dominar até então o futebol alagoano, pesquisa de campo em diferentes estádios do país, coordenada por Campos e Toledo (2013, p. 131), mostrou que: "Em Alagoas, foi na arquibancada do ASA de Arapiraca que se registraram mais ocorrências de dupla filiação clubística. Além de uniformes de clubes de São Paulo e Rio de Janeiro, camisetas mistas, divididas ao meio, entre o ASA e outras agremiações".

Segundo Santos e Bolaño (2017), o EI acolhe o projeto sob o lema "O coração do Nordeste", transmitindo até sete torneios estaduais da região, incluindo o Campeonato Alagoano, assim como as Série C e D de 2015 a 2018, com jogos de nordestinos. Além disso, em janeiro de 2014, o grupo cria o canal "Esporte Interativo Nordeste" (que duraria até a transmissão da Liga dos Campeões da Europa, em 2016) voltado ao público da região e com narradores, comentaristas e repórteres da região.

Esse fator fez com que a Rede Globo liberasse as afiliadas para transmissão dos times locais. Em Alagoas, em 2015, a TV Gazeta passa a transmitir o campeonato estadual, substituindo os jogos do Campeonato Carioca. Além disso, a partir de 2016 observa-se que:

> *Una mayor apertura a los estados ya era visible en los partidos de la Copa del Brasil y en el Campeonato Brasileño. La lista de partidos para ser difundidos, antes restringidos solamente a los equipos de São Paulo y especialmente de Rio de Janeiro, aumentó, con posibilidades de la transmisión de partidos de Pernambuco, Minas Gerais, Paraná y Rio Grande do Sul. Se presenta, además, una mayor apertura a los estados con menos tradición en el fútbol, con los partidos de la Copa del Brasil contra equipos grandes* (SANTOS; BOLAÑO, 2017, p. 288).

Raychtok (2015, p. 35) indica da seguinte forma a importância desse interesse em transmitir o futebol nordestino:

> A virada para o século XXI foi marcada por um movimento de compra de direitos televisivos de diversos torneios estaduais nordestinos por emissoras da região. Aliado ao discurso regionalista, este movimento pôde ser interpretado como uma espécie de "devolução do futebol nordestino aos nordestinos", depois de décadas de submissão às transmissões esportivas do futebol dos grandes centros.

Dentro de campo, CRB e CSA voltaram a se enfrentar em final do Alagoano em 2013, repetindo o confronto de 2016 a 2019 (o Coruripe venceu o estadual de 2014 e perdeu o do ano seguinte para o CRB). Em 2014, o CRB sobe novamente à Série B do Brasileiro, não saindo de um torneio que tinha cobertura do Sportv e do Premiere FC (sistema sob demanda do Grupo Globo). Enquanto isso, o CSA ascende de forma meteórica no Brasileiro, sendo vice-campeão da Série D em 2016, campeão da C em 2017 e vice da B em 2018. Além disso, a equipe volta a ganhar um Alagoano após 10 anos, sendo o atual bicampeão estadual.

Há 32 anos uma equipe alagoana não disputava a primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Ainda que sobre o futebol mexicano, Estavillo (2008) afirma o seguinte sobre a importância do sucesso de uma equipe de diferentes cidades em torneios nacionais:

> Cuando una ciudad cuenta con la presencia de un equipo con una trayectoria destacada en un deporte con trascendencia económica y social, éste suele desempeñar un papel importante en las vidas de los ciudadanos y ello, aunque la mayor parte de los mismos no asista a los partidos. Un equipo contribuye a mejorar la imagen y reputación externa de la ciudad, fomenta orgullo cívico, además de reforzar el espíritu comunitario y la conciencia de identidad local-regional. La obtención de triunfos deportivos es un medio eficaz de proyección exterior y ello a la vez tiene una indudable repercusión positiva no sólo en términos simbólicos, sino también en el terreno económico (ESTAVILLO, 2008, p. 86).

A hipótese trazida aqui é que, com essa ascensão dos dois clubes tanto quanto aos títulos e à representatividade nacional quanto no capital midiático, maior quantidade de torcedores (e/ou simpatizantes) em Alagoas devem se identificar como aficionado das equipes locais.

Considerações finais

O interesse por tratar da bifiliação clubística, ou do torcedor misto, em Alagoas deu-se porque o autor é um torcedor com esse perfil, mas que se viu mais aficionado de um time alagoano a partir da vivência nas arquibancadas do Trapichão (Estádio Rei Pelé) nos últimos 10 anos.

Neste artigo, pudemos discutir quais são as esferas sociais que mais interferem na escolha por um clube de futebol, em que percebemos que há um conjunto delas que acabam por aumentar o interesse sobre os clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, criando um ciclo de visibilidade e títulos que perpassa especialmente o século XX.

As pesquisas analisadas sobre os clubes nordestinos e, em especial, os de Alagoas, mostram ainda que a presença de torcedores de equipes dos dois estados principais do futebol brasileiro é uma marca presente em boa parte da região Nordeste, em que mesmo o sucesso dentro de campo de CSA e CRB na década de 2010 não faz com que os torcedores, em curto prazo, identifiquem-se mais com a dupla de Maceió.

A importância de estudar casos de estados que estariam, numa visão bourdiana, do lado dos dominados, é interessante para que os estudos de futebol observem realidades fora do campo dominante e, além disso, utilizemos como exemplo a realidade desenhada para as crianças e adolescentes de agora cuja filiação clubística conta com a opção dos clubes europeus.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e Outras Artes*. 4.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

ARAÚJO, Marlon. Pesquisa em Alagoas, aponta Flamengo como clube de maior torcida. *TNH1*, Maceió, 18 abr. 2017. Disponível em: <http://blog.tnh1.com.br/blogdomarlon/2017/04/18/pesquisa-em-alagoas-aponta-flamengo-como-clube-de-maior-torcida/>. Acesso em: 11 jul. 2019.

BRITO, Giltemberg Santos de. *O Baianão e a televisão:* A história das transmissões televisivas do Campeonato Baiano de Futebol. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Produção em Comunicação e Cultura) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

CAMPOS, Flávio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *Revista USP*, n. 99, p. 123-138, set.-nov. 2013.

CAPELO, Rodrigo. Torcedores ou simpatizantes: uma nova pesquisa detalha a composição das torcidas. *Época Esporte Clube*, São Paulo, 08 maio 2018. Disponível em:<https://epoca.globo.com/esporte/epoca-esporte-clube/noticia/2018/05/torcedores-ou-simpatizantes-uma-nova-pesquisa-detalha-composicao-das-torcidas.html>. Acesso em: 12 jul. 2019.

CRISTINA, Tereza. CRB desbanca CSA e aparece como o time de maior torcida em Maceió. *Cada Minuto*, Maceió, 28 ago. 2013. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/224056/2013/08/28/crb-desbanca-csa-e-aparece-como-o-time-de-maior-torcida-em-maceio>. Acesso em: 11 jul. 2019.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier:* o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

ESTAVILLO, María Elena. Futbol y competencia en los medios de comunicación. In: ROEMER; GHERSI (comps.). *¿Por qué amamos el futbol?* Un enfoque de política pública. México: Miguel Ángel Porrúa, 2008.

FUTEBOL INTERIOR com Pluri Consultoria. Ranking de torcidas: Confira qual rival tem a maior torcida em todo Brasil. *Sete Segundos*, Arapiraca, 02 jan. 2014. Disponível em: <https://arapiraca.7segundos.com.br/esportes/2014/01/02/28081/ranking-de-torcidas-confira-qual-rival-tem-a-maior-torcida-em-todo-brasil.html>. Acesso em: 11 jul. 2019.

GALLINDO, André. Pesquisa põe Sport como clube do Nordeste mais popular, seguido pelo Bahia. *Globoesporte.com*, Rio de Janeiro, 09 maio. 2018. Disponível em:<https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/sport-e-o-clube-mais-popular-do-nordeste-seguido-de-perto-pelo-bahia.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2019.

GONZAGA, Thâmara. Estudo indica: times de Maceió não conhecem comportamento de torcedores. *UFAL*, Maceió, 05 nov. 2018. Disponível em: <https://ufal.br/ufal/noticias/2018/11/estudo-indica-times-de-maceio-nao-conhecem-comportamento-de-torcedores>. Acesso em: 12 jul. 2019.

IBOPE REPUCOM. *DNA Torcedor*. Disponível em: <http://www.iboperepucom.com/br/home/solucoes/esportes/dna-torcedor-2017/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

INAPE Pesquisa. *INAPE Pesquisa:* Após o acesso à primeira divisão, CSA aumenta o número de torcedores em Maceió, antes, 30%, agora, 33%. Disponível em: <https://www.inapepesquisa.com.br/inapepesquisa-apos-o-acesso-a-primeira-divisao-csa-aumenta-o-numero-de-torcedores-em-maceio-antes-30-agora-33>. Acesso em: 12 jul. 2019.

LIMA, Brendo Henrique de Lima; SANTOS, Anderson Moreira Aristides dos Santos. *Relatório final:* Estimação dos fatores associados à demanda por jogos de futebol nos estádios de Alagoas: uma análise econométrica com base no Campeonato Alagoano de 2008 a 2017. UFAL, 2018.

MEDEIROS, Fernanda; com assessoria. Torcida do CSA é maior, diz pesquisa. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 21 mar. 2018. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=321546>. Acesso em: 12 jul. 2019.

PARANÁ PESQUISAS. Pesquisa Nacional – Torcidas de Futebol. *Paraná Pesquisas*, Curitiba, 26 dez. 2016. Disponível em: <http://www.paranapesquisas.com.br/wp-content/uploads/2016/12/BrasilDez16_Futebol.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

RAYCHTOK, Andrey. *A mídia e as torcidas mistas no futebol do Nordeste*. 55f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Rio de Janeiro, 2015.

REDAÇÃO CM PRESS. Pesquisa mostra CRB e CSA tecnicamente empatados na luta pela "maior torcida". *Cada Minuto*, Maceió, 21 abr. 2017. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/302606/2017/04/21/pesquisa-mostra-crb-e-csa-tecnicamente-empatados-na-luta-pela-maior-torcida>. Acesso em: 12 jul. 2019.

SANTOS, A. D. G. dos; BEAKLINI, B. L. R. Globo vs. Record: como a disputa pelo Brasileirão acirrou a briga no oligopólio midiático nacional. In: BRITTOS, Valério Cruz; KALIKOSKE, Kalikoske. (Org.). *Economia Política das Indústrias*

Culturais: Comunicação, Audiovisual e Tecnologia. Porto-Portugal: Media XXI, 2012. p. 337-356.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. Las estrategias de mercado de Esporte Interativo: regionalización y capital extranjero en la televisión brasileña. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 133, p. 283-296, dez. 2016-mar. 2017.

SOUZA, Adriano Lopes de. O torcer misto em Maceió. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, V; REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS NORTE E NORDESTE, XIV, 2015, Maceió. *Anais...* Maceió: UFAL, 2015.

VASCONCELOS, Arthur Alves de. "Eu Tenho Dois Amores que em Nada São Iguais": Bifiliação Clubística no Nordeste. *Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, v. 14, 2014.

22 | A EXPERIÊNCIA DO CLIENTE EM ARENAS ESPORTIVAS

Bruno Laurindo Rodrigues Coelho[1]

Introdução

A forma de trabalhar e administrar o Marketing estão em constante mudança, dessa forma McCarthy (2002) dividiu as diversas atividades do Marketing em um mix de Marketing de quatro tipos (produto, preço, praça e promoção), para facilitar o entendimento e desenvolver cada área de uma forma mais assertiva. Após alguns anos os 4 "Ps" mencionados anteriormente, passaram para 7 (pessoas, evidências físicas - physical evidence - e processos), assim com essas novas ferramentas algumas estratégias ou a forma de administrar o Marketing foram repensadas e melhor trabalhadas pelas empresas perante seus consumidores, desenvolvendo uma nova forma de administrar o composto de Marketing (KOTLER, 2012).

Outro conceito que está se desenvolvendo é sobre as arenas esportivas que tem como objetivo o uso do espaço para diversas atividades de entretenimento e cultura (MOTTA, 2012). Dessa forma, no ano de 2014 e 2016, dois grandes eventos esportivos foram realizados no Brasil e ajudaram a entender melhor as arenas esportivas e a reformular o pensamento em relação aos estádios de futebol e instalações esportivas. A FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) e o IOC (*International Olympic Committee*) trouxeram sua *expertise* para o Brasil e disseminaram conhecimento, como a maneira de receber, direcionar e cuidar dos espectadores em uma instalação esportiva. Segundo Blake, "Centros esportivos, teatros, galerias de arte, bibliotecas, museus são meras instalações que contêm produtos tangíveis e intangíveis que não possuem nenhum valor, exceto o que os clientes atribuem" (BLAKE, 1985, p. 14-15).

Dentro desse contexto, as empresas devem estar voltadas para o cliente e dispostas a entender suas necessidades e desejos (KOTLER, 2003), desenvolvendo um produto ou serviço que atenda ou supere suas expectativas. Um serviço consiste em uma série de atividades sugeridas por meio de inúmeras interações entre clientes, estruturas, recursos humanos, bens e sistemas de fornecedores. O conjunto destas áreas tem a finalidade de atender uma necessidade do cliente.

Importante ressaltar Seybold (2002), a criação da marca e a experiência do cliente em torno dela são de fundamental importância para as empresas conquistarem o sucesso com seus produtos ou serviços.

---

1 Realizou MBA em Marketing e Gestão de Pessoas com experiência profissional na FIFA, CONMEBOL, Federação Paulista de Futebol e Comitê Olímpico.

Os conceitos do mix de Marketing

Para chegarmos ao conceito de Marketing que leva em consideração a experiência do consumidor em relação a um produto ou serviço ou propriamente a um local onde é possível a realização de jogos de diversos esportes (futebol, basquete, vôlei, entre outros), shows de diversos tipos (música, dança, carros, entre outros) ou eventos corporativos. Precisamos entender o que é Marketing.

A *American Marketing Association* (2008) propõe a seguinte definição: "o Marketing é a atividade, o conjunto de conhecimentos e os processos de criar, comunicar, entregar e trocar ofertas que tenham valor para consumidores, clientes, parceiros e sociedade como um todo". Esse conceito bem trabalhado nos remete a administração do Marketing, que Kotler conceitua como "[...] arte e a ciência de selecionar mercados-alvo e captar, manter e fidelizar clientes por meio da criação, entrega e comunicação de um valor superior para o cliente" (KOTLER, 2012, p. 3).

Ou seja, a disponibilização ou propriamente a criação de um produto ou serviço no mercado é feita através de uma necessidade encontrada nos consumidores de determinado público-alvo. A venda desse produto ou serviço para seus consumidores é fundamental, mas o Marketing se encontra como ferramenta para tornar essa venda mais fácil. Neste contexto P. Drucker, afirma:

> Pode-se considerar que sempre haverá necessidade de vender. Mas o objetivo do Marketing é tonar supérfluo o esforço da venda. O objetivo do Marketing é conhecer e entender o cliente tão bem que o produto ou serviço possa se adequar a ele e se vender sozinho. De maneira ideal, o Marketing deveria resultar em um cliente disposto a comprar. A única coisa necessária, então, seria tornar o produto disponível (DRUCKER, 1973, p. 64-65).

Portanto, para que seja possível tornar o esforço de venda supérfluo, o Marketing conta com algumas ferramentas para dividir os setores e trabalhar de forma mais assertiva cada um deles. McCarthy (2002) classificou as várias atividades ou setores em um mix de Marketing de quatro tipos, mais conhecido como os "4 Ps do Marketing" (Figura 1).

Figura 1 – Os 4 Ps do Mix de Marketing[2]

O "p" de produto é relacionado ao produto ou serviço que será disponibilizado no mercado. Segundo Kotler,

> As empresas tendem a produzir e oferecer serviços cada vez melhor, esta é a base em meio à concorrência acirrada que nos deparamos nos dias de hoje em todos os setores e todos os cantos do globo. Na inclusão do produto como uma importante ferramenta do mix de Marketing, podemos citar que a variedade dos produtos, a qualidade, o design, a característica, o nome da marca, a embalagem, o tamanho, os serviços, a garantia e as devoluções, é a totalidade que envolve o produto, sendo necessária sua observação e estudo profundo a fim de formular as melhores estratégias de Marketing baseadas nesses critérios para que a empresa prevaleça em primeiro lugar (KOTLER, 1998, p. 85).

Para Kotler (1998) o P - preço refere-se ao valor que o produto ou serviço irá custar no mercado, que significa a soma do dinheiro que os clientes devem pagar para obter o produto. Enquanto que o P - promoção está diretamente ligado à divulgação ou propaganda que será feita do produto ou serviço. Para Kotler (1998) essas são atividades que comunicam os atributos do produto e persuadem os consumidores-alvo a adquiri-lo.

Ainda de acordo com Kotler (1998) a praça é o local onde o produto ou serviço será comercializado, mais conhecido como PDV (ponto de venda), isso envolve as atividades da empresa que tornam o produto disponível para os consumidores-alvo.

Com o passar dos anos o mix de Marketing foi se aprimorando e hoje temos uma evolução desse conceito. Os 4 "Ps", mencionados e explicados anteriormente, passaram para 7, que são pessoas, evidências físicas (*physical evidence*) e processos (Figura 2).

---

2 Registro pessoal realizado em 13/03/2018.

Figura 2 – Os 7 Ps do Mix de Marketing[3]

Com essas novas ferramentas algumas estratégias ou a forma de administrar o Marketing foram repensadas e melhor trabalhadas pelas empresas perante seus consumidores. Vamos compreender melhor cada uma delas para um melhor entendimento dessa nova forma de administrar o composto de Marketing ou mix de Marketing (KOTLER, 2012).

Para Kotler (2012) o "p" de pessoas está relacionado ao modo de ver e entender o ser humano em toda a sua amplitude, onde o Marketing interno (endomarketing) é fundamental para o sucesso do Marketing externo.

Ainda de acordo com Kotler (2012), os processos refletem toda a criatividade e assegura que ideias e conceitos façam o seu devido papel, que somente com a instauração do conjunto certo de processos a orientar atividades e programas uma empresa pode se envolver em um relacionamento de longo prazo, mutuamente benéficos.

E por fim as evidências físicas (*physical evidence*), que estão diretamente ligadas a experiência do cliente com aquele produto ou serviço. Segundo C. Lovelock,

> Physical evidence (Evidência física). Pistas visuais ou outras pistas tangíveis que fornecem evidências da qualidade do serviço. A aparência de edifícios, jardins, veículos, mobília interior, equipamentos, membros do quadro de pessoal, placas, material impresso e outras indicações visíveis fornecem evidência tangível da qualidade do serviço de uma organização. As empresas de serviço precisam administrar cuidadosamente a evidência física porque esta pode exercer um impacto profundo sobre as impressões dos clientes (LOVELOCK, 2001, p. 416).

3 Registro pessoal realizado em 13/03/2018.

Essas novas ferramentas e métodos mostram a complexidade encontrada por um profissional de Marketing para conseguir trabalhá-las e principalmente integrá-las dentro de um produto ou serviço criado e disponibilizá-las para o público-alvo previamente estudado dentro de uma grande pesquisa feita anteriormente ao lançamento do produto ou serviço.

Arenas esportivas no Brasil

De acordo com J. Motta, as arenas esportivas multiuso tem como ideia central o uso do espaço para diversas atividades de entretenimento e cultura.

> [...] Gestão de Arenas Multiuso – centros modernos que agregam atividades e estruturas de esporte, lazer, cultura e serviços diversos – com o propósito de apresentar um modelo de negócio capaz de ser uma alternativa viável na busca por fontes sustentáveis de recursos financeiros e patrimoniais àquelas entidades que tenham como objetivo o superávit de suas contas e obrigações, e que possam afastar a necessidade de recorrer às benevolências do Estado, sejam estas de origem financeira ou tributária (MOTTA, 2012, p. 23).

Neste contexto, pôde-se observar no ano de 2014 e 2016 dois grandes eventos esportivos que ajudaram a entender melhor as arenas esportivas e reformular o pensamento em relação aos estádios de futebol e instalações esportivas. A FIFA e o IOC trouxeram sua *expertise* para o Brasil e disseminaram conhecimento, como a maneira de receber, direcionar e cuidar dos espectadores em uma instalação esportiva. Segundo Blake, "Centros esportivos, teatros, galerias de arte, bibliotecas, museus são meras instalações que contêm produtos tangíveis e intangíveis que não possuem nenhum valor, exceto o que os clientes atribuem" (BLAKE, 1985, p. 14-15).

Hoje, no Brasil, existem algumas instalações esportivas que além de realizarem partidas de futebol, recebem shows de diversos tipos, como de música e dança, eventos corporativos e até jogos de outros esportes, como futsal, basquete, vôlei e tênis. Segundo o *Leisure Industries Research Center* (Centro de Pesquisas da Indústria do Entretenimento)[4], 2008, os gastos com entretenimento representavam mais de 25% de todo o gasto dos consumidores com quaisquer produtos e serviços. O Instituto Nielsen[5] em 2011, divulgou uma pesquisa de "Confiança e Intenções de Gastos do Consumidor" e ela mostrou que quando possuem recursos excedentes, 42% dos brasileiros preferem gastar seu dinheiro com entretenimento. Dessa forma, as duas pesquisas nos mostram que existe um grande mercado a procura de atividades esportivas e culturais próximas a sua localidade.

De acordo com levantamento realizado pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol)[6], "Cadastro Nacional de Estádios de Futebol" em 2014, o Brasil tem 782 estádios de futebol, sendo 60 na região norte do Brasil, 238 na região nordeste, 83 na região centro-oeste, 256 na região sudeste e 145 na região sul. Vale ressaltar

4 Leisure Industries Research Center (Centro de Pesquisas da Indústria do Entretenimento). Gastos com Entretenimento, 2008.

5 Nielsen. Confiança e Intenções de Gastos do Consumidor, 2011.

6 CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Cadastro Nacional de Estádios de Futebol, 2014.

o estado de São Paulo como o local onde temos mais estádios de futebol em todo o Brasil, com impressionantes 123 estádios. O segundo lugar fica com o estado do Rio Grande do Sul com 73 estádios de futebol. Importante lembrar que a capacidade do estádio é um quesito muito importante. E mais uma vez o estado de São Paulo possui o maior número, são quatro estádios com capacidade igual ou superior a 45 mil pessoas, sendo três só na cidade de São Paulo.

Dentre os três estádios da cidade de São Paulo, o Allianz Parque vem se destacando com a boa qualidade no serviço, localização, uma boa visão do espetáculo e um calendário de eventos considerável no ano de 2017 (figura 3).

Figura 3 – Calendário de Eventos 2017[7]

Desses eventos listados, 30 são de jogos de futebol, já que a arena é própria para a prática do mesmo. O restante dos eventos em sua maioria são shows de música, 16 no total. Vale lembrar que os eventos corporativos não foram contabilizados, porém em 2017 ocorreu o maior evento corporativo do Brasil nessa arena esportiva multiuso.

7 Registro pessoal realizado em 04/05/2018.

Para que a experiência do cliente seja totalmente compreendida, é necessário levantar alguns conceitos sobre o tema. Segundo Albrecht:

> O cliente é a pessoa mais importante em qualquer tipo de negócio. O cliente não depende de nós. Nós é que dependemos dele. O cliente não interrompe nosso trabalho. Ele é o propósito do nosso trabalho. O cliente nos faz um favor quando entra. Nós não estamos lhe fazendo nenhum favor esperando por ele. O cliente é uma parte essencial do nosso negócio – não uma parte descartável. O cliente não significa só dinheiro em caixa registradora. É um ser humano com sentimentos, que precisa ser tratado com todo o respeito. O cliente merece toda atenção e cortesia possível. Ele é o sangue de qualquer pessoa. É ele que paga o seu salário. Sem o cliente você fecharia as suas portas. Nunca esqueça disso. (ALBRECHT, 1992, p. 17)

Nesse contexto segundo Kotler:

> Para ser bem-sucedidas no atual mercado competitivo, as empresas devem estar voltadas para o cliente – conquistando-o dos concorrentes e mantendo-o por lhe entregar valor superior. Mas, para poder satisfazer os consumidores, a empresa deve antes entender suas necessidades e desejos. (KOTLER, 2003, p. 45)

Assim compreende-se que os clientes são a base para qualquer empresa e eles estão em busca de um produto ou serviço.

Segundo Levitt (1990) serviço é tudo aquilo que é intangível, a intangibilidade significa que um serviço não é físico e não pode ser fisicamente possuído. Porém, para Téboul (1999) os serviços englobam três grupos:

- Serviços destinados a um intermediário como, por exemplo, transportes, contabilidade, consultoria jurídica, segurança e limpeza;
- Serviços destinados ao consumidor final, como, serviços de banco, de lazer, de saúde e de educação. Estes tipos de serviços têm como característica o envolvimento de relacionamento face a face e não permite economia de escala, pois cada cliente é único;
- Fornecimento do autosserviço, que se apoia no consumo de bens duráveis como forma do cliente prestar um serviço a si mesmo.

Ou seja, um serviço consiste em uma série de atividades sugeridas por meio de inúmeras interações entre clientes, estruturas, recursos humanos, bens e sistemas de fornecedores. O conjunto destas áreas tem a finalidade de atender uma necessidade do cliente.

Neste contexto, após todos os estudos feitos para criar um produto ou serviço que supra as necessidades de um determinado público-alvo, é necessário fidelizar esse público, onde segundo Seybold (2002) mostra que a fidelidade do cliente não está restritamente atrelada à marca, mas sim, nas experiências que os produtos e serviços proporcionaram. Dessa forma, a experiência do cliente é a essência de uma marca.

Para Mckenna (1999) é muito difícil conquistar os clientes com *slogans* ou imagens, já que o mercado tem uma grande variedade e opções de produtos e serviços, que também tentam conquistar a atenção e a fidelidade do cliente. A chave para esta questão está na criação de experiências positivas e no mecanismo de *feedback* com seus consumidores. As experiências positivas ajudam os clientes a confiar na empresa, além de manter e criar relações mais próximas. Lembrando que Seybold (2002) afirma que a criação da marca e a experiência do cliente em torno dela são de fundamental importância para as empresas conquistarem o sucesso com seus produtos ou serviços.

Buscando essa aproximação entre empresa e cliente, a FIFA, na Copa do Mundo em 2014, proporcionou uma nova forma de tratar seus consumidores dentro de uma instalação esportiva (arenas de futebol). Durante a competição, os espectadores de todas as cidades e arenas sedes da Copa do Mundo que foram em algum jogo, presenciaram um serviço[8] considerado novo para os brasileiros. Onde existia uma grande equipe que cuidava dos espectadores dentro e fora das instalações esportivas, esse serviço se chama *spectator services* (serviços ao espectador). Essa equipe direcionava os espectadores para seus portões de acesso, informava os objetos que não poderiam entrar na arena esportiva, apontavam as filas que estavam com menos fluxo de pessoas, ajudavam os clientes na parte interna para que localizassem o seu assento, moldavam as filas das lanchonetes, direcionavam o público e informavam sobre as atrações presentes na arena e outras funções que estavam presentes em sua cartilha de deveres. Tudo para proporcionar uma experiência única para todos os espectadores presentes em uma partida da Copa do Mundo Brasil 2014.

O Instituto Nielsen Sports[9] fez uma pesquisa em 2014, sobre a Copa do Mundo e em uma das perguntas da pesquisa foi sobre o maior legado da Copa. E o principal legado apontado pela pesquisa, foi o legado humano, com 38% dos votos. O legado humano consiste na interação entre os seres humanos e segundo declaração do diretor da Nielsen Sports, Thiago Maia, "O Mundial ficou marcado, principalmente, pela interação humana, que foi o ponto alto do evento. A união entre os torcedores brasileiros e de outras nacionalidades despertou a atenção. Além disso, a receptividade dos brasileiros, a participação dos voluntários e as estruturas das arenas também agradaram, favorecendo a melhora do clima". Outro ponto importante mencionado na pesquisa foi a presença de pessoas treinadas para auxiliar os espectadores dentro e fora do evento, isso foi considerado um fator diferenciado no serviço do evento.

Com a modernização das estruturas das arenas esportivas e um novo tipo de serviço mostrado na Copa do Mundo, o legado foi adquirido e colocado em prática como padrão para todas as outras competições de futebol. Em São Paulo, por exemplo, temos três estádios de futebol que, após a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos Rio 2016, aprimoraram ou implementaram o serviço de *spectator services* (serviços ao espectador).

A Arena Corinthians[7], localizada na região Leste do Munícipio de São Paulo, no bairro de Itaquera, foi sede da Copa do Mundo de 2014 e dos jogos Olímpicos Rio 2016, a mesma teve capacidade para 65.000 espectadores na Copa do Mundo e

8 Informações adquiridas através de pesquisas por observação participante, experiência de trabalho.

9 Nielsen Sports. Pós Copa do Mundo Brasil, 2014.

hoje tem capacidade para 45.000 espectadores, divididos em cinco andares (figura 4). Como a arena foi construída para o Mundial, ela segue todas as especificações e normas da FIFA. Dessa forma, o acesso dos espectadores em jogos de futebol é feito da seguinte forma, portão A e D acesso ao Oeste nível 4, portão B acesso ao Oeste nível 5, 6, 8 e 9, portão E acesso ao Sul nível 4, portão G acesso ao setor da torcida visitante, portão H e N acesso ao Leste nível 4, portão I, J, K, L e M acesso ao Leste nível 6 e portão O acesso ao Norte nível 4. A arena possui um amplo estacionamento destinado aos espectadores.

Figura 4 – Arena Corinthians[10]

O Allianz Parque[7], localizado na região Oeste do município de São Paulo, no bairro da Água Branca, tem capacidade para 45.000 espectadores, divididos em quatro andares (figura 5). A arena segue a divisão de setores implementada pela FIFA. Dessa forma, o acesso dos espectadores em jogos de futebol é feito da seguinte forma: portão A acesso aos setores gol Sul, superior Sul, central Oeste e superior Oeste, portão B acesso aos setores gol Norte, superior Norte e superior Leste, portão C acesso ao setor central Leste, portão C1 acesso aos setores de camarotes e lounges do terceiro e quarto andar e portão D acesso ao setor da torcida visitante. Igual a arena mencionada anteriormente, essa também possui estacionamento para os espectadores.

Figura 5 – Allianz Parque[11]

10 Registro pessoal realizado em 25/04/2016.

11 Registro pessoal realizado em 27/11/2017.

O estádio Cícero Pompeu de Toledo[7], mais conhecido como Estádio do Morumbi, está localizado na região Oeste do Município de São Paulo, no bairro do Morumbi, tem capacidade para 66.795 espectadores, divididos em três anéis, anel superior, intermediário e térreo (figura 6). O anel superior tem acesso pelos portões 6 e 15, o anel intermediário pelos portões 5 e 16 e o anel térreo pelos portões 2, 4, 17 e 18. O estádio possui estacionamento, porém não é aberto ao público.

Figura 6 – Estádio Cícero Pompeu de Toledo[12]

Importante lembrar que as configurações de acesso das arenas variam dependendo do evento que será realizado no local. Dessa forma, existem variações entre jogos de futebol, shows e eventos corporativos. Assim, a equipe de *spectator services* (serviços ao espectador) se adequa a cada tipo de operação.

Uma pesquisa quantitativa realizada via internet para um grupo de contatos de 127 pessoas maiores de 18 anos, entre o mês de abril e maio de 2018, mostra que todos os entrevistados conhecem no mínimo duas das três arenas da cidade de São Paulo e a mais visitada com 105 pessoas é o Estádio do Morumbi (figura 7). O evento mais comum que os entrevistados acompanharam em uma das três arenas foram jogos de futebol, com 89% dos votos, em segundo lugar ficou a categoria shows, com 76% dos votos, importante ressaltar que os entrevistados podem ter ido mais de uma vez em cada Arena. Assim, uma pessoa pode ter visto uma partida de futebol e um show na mesma arena ou cada evento em uma arena diferente.

Na mesma pesquisa, uma das perguntas era referente a qual arena o entrevistado teve uma experiência inesquecível e uma se destaca nesse quesito, em primeiro lugar com 42% dos votos ficou a Arena Corinthians. Ao questionar sobre a existência do serviço de *spectator services* (serviços ao espectador) nas arenas, encontramos o Allianz Parque com 56% dos votos e a Arena Corinthians com 53% dos votos, mostrando que o serviço existe nestes locais. Porém no Estádio Cícero Pompeu de Toledo gerou uma dúvida sobre a existência do mesmo, já que 22% dos entrevistados responderam que esse serviço não existe e 35% responderam que o serviço existe. Essa dúvida provavelmente pode ser explicada pelo fato do Estádio Cícero Pompeu de Toledo ser o mais antigo entre os estádios mencionados e a época que os entrevistados foram ao local, o serviço de *spectator services* (serviços ao espectador) não existia.

12 Registro pessoal realizado em 10/04/2018.

Dentro de uma instalação esportiva temos diversos serviços disponíveis para o espectador e umas das perguntas que os entrevistados responderam foi qual ele acha um diferencial e de ótima qualidade, e em primeiro lugar com 37% dos votos ficou o serviço de *spectator services* (serviços ao espectador), em segundo lugar limpeza com 24% dos votos, seguido pelo serviço de segurança com 17%, alimentação com 15% e transporte com 7%. Importante ressaltar que a última pergunta da pesquisa ocorreu uma unanimidade, 98% dos entrevistados responderam que voltariam a instalação esportiva caso a mesma tivesse o serviço de *spectator services* (serviços ao espectador).

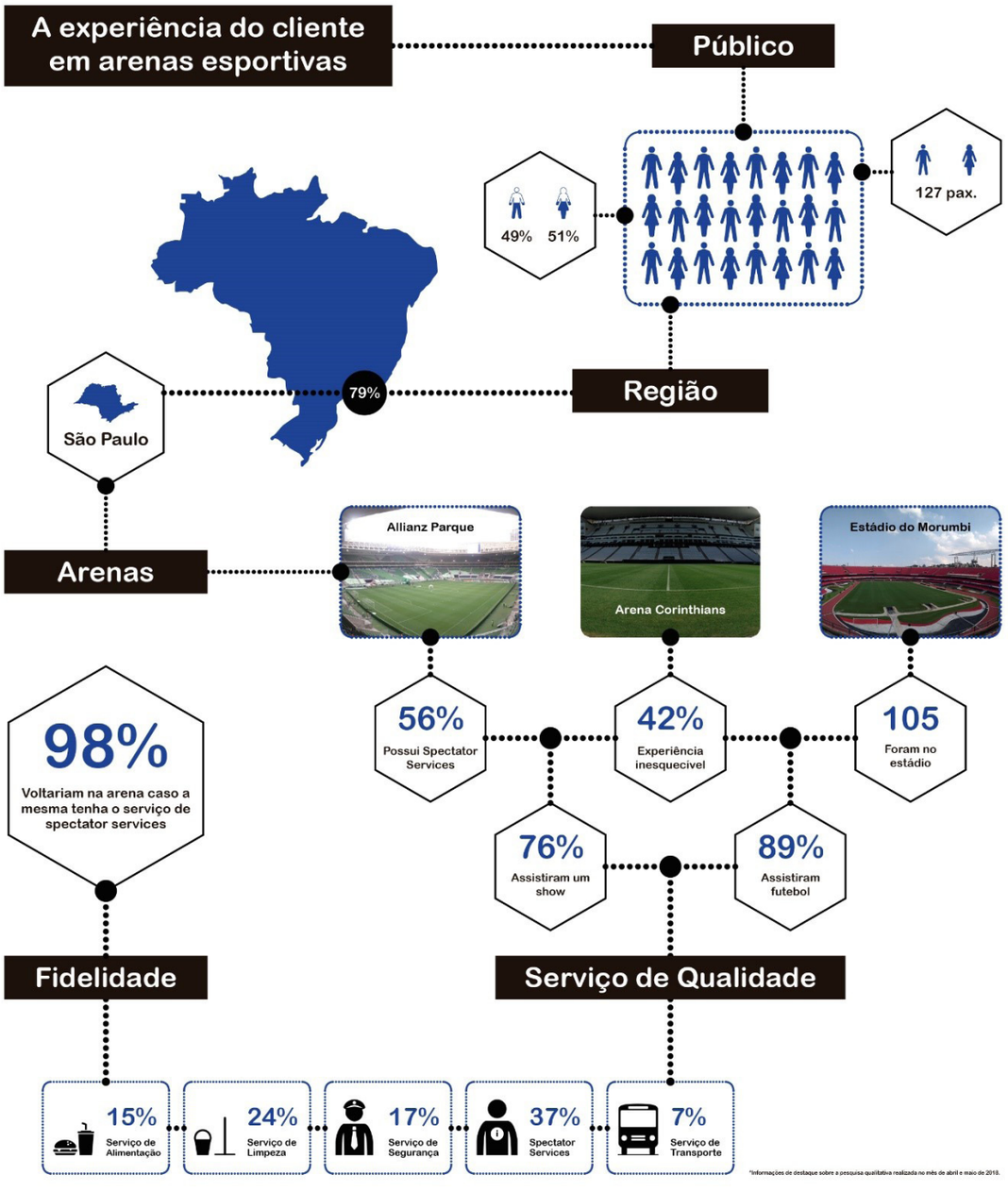

Figura 7 – Infográfico com informações de destaque sobre a pesquisa[13]

Considerações finais

Após uma análise das respostas coletadas na pesquisa quantitativa e diante de todas as informações e citações mencionadas, é importante ressaltar novamente Blake, "Centros esportivos, teatros, galerias de arte, bibliotecas, museus são meras instalações que contêm produtos tangíveis e intangíveis que não possuem nenhum valor, exceto o que os clientes atribuem" (BLAKE, 1985, p. 14-15).

13 Registro pessoal realizado em 12/05/2018.

Através desta citação de Blake percebemos que o nosso esforço deve ser voltado totalmente para o cliente. O mesmo obrigatoriamente após uma visita ou contato com centros esportivos, deve sair do estabelecimento totalmente satisfeito e com uma sensação de "quero mais". O resultado da partida, ou seja, se o seu time de coração ganhou ou perdeu se torna um "bônus" diante de toda a experiência que o espectador obteve no estádio.

Quando é possível atingir essa sensação no cliente, temos que lembrar de Seybold (2002), que a fidelidade do cliente não está restritamente atrelada à marca, mas sim, nas experiências que os produtos e serviços proporcionaram. Dessa forma, a experiência do cliente é a essência de uma marca. O torcedor vai sentir vontade de voltar ao estádio independentemente do resultado obtido pelo clube.

Toda essa experiência exaltada anteriormente está diretamente ligada com todos os tipos de serviços que o cliente teve contato, ou seja, desde a saída de sua casa, a chegada ao estádio, o acesso ao local de seu ingresso, ao início, intervalo e término da partida, a saída do estádio e ao retorno para a residência. Neste trajeto mencionado, o espectador terá contato diretamente com o serviço de transporte da cidade, segurança pública e privada, serviços médicos, de alimentação, de limpeza, de *spectator services* (serviços ao espectador), de tecnologia, entre outros diversos tipos de serviços que estão totalmente atrelados a uma "simples partida de futebol".

Referências bibliográficas

ALBRECHT, K. *Revolução nos Serviços*. São Paulo: Pioneira, 1992.

BLAKE, T. *Image, Leisure Management*, 1985.

DRUCKER, P. *Management: Tasks, Responsibilities, Practices*. New York: Harper and Row, 1973.

KOTLER, P. *Administração de Marketing*. Atlas, 5ª Edição, 1998.

KOTLER, P. E ARMSTRONG, G. *Princípios de Marketing*. São Paulo: Prentice Hall, 9ª Edição, 2003.

KOTLER, P. E KELLER, K. *Administração de Marketing*. Pearson, 14ª Edição, 2012.

LEVITT, T. *A imaginação do Marketing*. São Paulo: Atlas, 2ª Edição, 1990.

LOVELOCK, C. E WRIGHT, L. *Serviços: Marketing e Gestão*. Saraiva, 2001.

MCCARTHY, E. J.; PERREAULT, W. D. Basic Marketing; **A Global-Managerial Approach**. 14. ed. Homewood, IL: McGraw-Hill/Irwin, 2002.

MCKENNA, R. *Marketing de relacionamento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SEYBOLD, P. B. *A revolução do cliente*. São Paulo: Makron, 2002.

TÉBOUL, J. *A era dos serviços: uma nova abordagem de gerenciamento*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

WEBGRÁFICOS

AMERICAN MARKETING ASSOCIATION. Definition of Marketing. Disponível em: <www.healthedpartners.org/ceu/hm/b04amareleasesnewdefinitionmarketingjan2008.pdf>. Acesso em 12 de março de 2018.

MOTTA, J. O Negócio das Arenas: Profissionalismo Esportivo, Cultura e Entretenimento, 2012. Disponível em <www.revistafuture.org/FSRJ/article/download/115/187>. Acesso em 12 de março de 2018.

23 | Estádio Nacional de Brasília, o elefante branco: uma análise histórica de como passado e presente fomentam a sua subutilização e abandono

Israel Carlos Fernandes de Brito[1]

Introdução

O Estádio Nacional de Brasília ou, simplesmente, Mané Garrincha, é o maior estádio do Distrito Federal e uma das construções do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna. Inaugurado, sem estar finalizado, em 1974, o campo foi palco de uma partida válida pelo Campeonato Brasileiro entre Corinthians e a equipe local CEUB, sendo o embate vencido pela equipe paulista por 2x1.

Em meados dos anos 1970, o então Estádio Governador Hélio Prates da Silveira – homenagem ao governador do Distrito Federal à época – era fruto do que Guterman (2014, p. 180) chamou de "formalização da integração pela via do futebol" defendida pela ditadura civil-militar – tendência viabilizada a partir da Era Vargas, onde o Estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, localizado na Rua São Januário, era utilizado para desfiles, paradas e propagandas do presidente populista. Tal fenômeno tem seu apogeu na Copa do Mundo FIFA – *Fédération Internationale de Football Association* 1970, onde o esporte mais popular do país foi utilizado pelos militares como instrumento de poder. No mesmo ano, após a campanha vitoriosa do tricampeonato mundial no México, a Confederação Brasileira de Desportos – CBD recebeu a missão de organizar um campeonato realmente nacional para o ano seguinte. O resultado foi o aumento paulatino no número de equipes disputando o certame ao longo da década: 20 times, em 1971, e impressionantes 94 times, em 1979.

Não previsto no projeto de transferência da capital brasileira para o interior do país pelo Plano de Metas do governo Juscelino Kubitscheck, o Mané Garrincha, durante muito tempo, foi a casa da maioria dos times do Distrito Federal por ser o único estádio da capital federal. Entretanto, com o passar dos anos, entre o ápice e a decadência dos clubes candangos no cenário futebolístico nacional, com a construção de outros estádios menores, de manutenção mais acessível pelo Governo do Distrito Federal – GDF, em outras Regiões Administrativas – RAs, mais próximos de outros clubes locais e de seus torcedores, além da reformulação moderna das arenas futebolísticas, o Estádio Nacional de Brasília sofreu com a subutilização paralela aos prejuízos ocasionados.

Repleto de memórias, o Mané Garrincha foi: o palco de gala da Sociedade Esportiva do Gama na conquista da Série B na campanha de 1998; o local de despedida do destaque recente do futebol brasileiro, Neymar, para o Barcelona, em 2013; e, uma das sedes brasileiras da Copa do Mundo FIFA 2014. Na atualidade, recebe a alcunha de "elefante branco" devido à sua reconstrução com gastos astronômicos para o evento mundial supramencionado, ao pouco retorno com a baixa utilização do espaço e aos prejuízos anuais para a sua conservação.

---

1 Graduado em História pelo Centro Universitário Projeção, Distrito Federal. Graduando em Serviço Social pela Universidade de Brasília – UnB.

Diante do exposto, demonstrar a importância do futebol para a sociedade brasileira, sendo objeto de estudos das ciências humanas é um caminho fértil e percorrido por diversos estudiosos oriundos das Unidades da Federação – UFs com maior tradição futebolística no país: Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul. Contudo, escassos ainda são estudos e estudiosos da área no Distrito Federal, não por falta de interessados ou de fontes, mas pela dificuldade de fomentar grupos para alguma continuidade aos estudos do futebol na capital federal.

Isto posto, o presente estudo teve por objetivo compreender como o Estádio Nacional de Brasília sucumbe nos dias atuais sob a luz de dois conceitos, a saber: 1) O "cunho sócio-espacial" da organização do território do Plano Piloto fomentado durante a transferência da capital do Brasil pelo governo Juscelino Kubitscheck na compreensão do geógrafo Aldo Paviani; e, 2) A "pós-modernização" dos estádios de futebol em escala global e sua elitização na percepção do sociólogo Richard Giulianotti.

A transferência da capital para o Planalto Central: uma breve análise histórica e seus impactos sobre o Estádio Nacional de Brasília

Em caráter introdutório, a questão da transferência da capital brasileira para o interior do país é anterior ao projeto que encabeçava o Plano de Metas do governo Juscelino Kubitscheck.

Durante o período colonial brasileiro, o então primeiro-ministro de Portugal, Marquês de Pombal, propôs o deslocamento da capital da colônia para o interior. Ideia também defendida pelos Inconfidentes Mineiros e que, por capricho do destino, teve seu projeto consolidado por um conterrâneo. O sonho da transferência da capital transcende a monarquia e consta na primeira Constituição republicana do Brasil de 1891.

Discutido e procrastinado por quase 70 anos entre os séculos XIX e XX, julgado por ser utópico e demasiado caro, a discussão da transferência da capital brasileira seguia em pauta. Mesmo antes do governo Juscelino Kubitscheck, Getúlio Vargas tinha planos para a região central do Brasil e sua necessidade de desenvolvimento. Na visão de Paviani (2003, p. 63), "havia um ideário para o Centro-Oeste no bojo da "Marcha para o Oeste" do governo Vargas".

Eleito em 1956, sobre a promessa de fazer o Brasil crescer "50 anos em 5", o presidente Juscelino Kubitscheck leva o projeto da construção de Brasília para o Congresso Nacional – CN em forma de votação direta, que foi aprovado quase que prontamente. Era a hora de erguer a cereja do bolo no seu programa nacional desenvolvimentista[2].

Além do simbolismo, a transferência da capital para o Planalto Central possuía *de per si* desdobramentos do Plano de Metas de Juscelino Kubitscheck com o intuito estimular o interior do Brasil. Sobre a questão, Paviani (2003) atenta que:

---

2 Para mais informações, consultar SKIDMORE, T. Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

> [...] diversos projetos dinamizaram a região, possibilitando a efetiva implantação da Capital. Entre estes projetos citam-se: ampliação da malha rodoviária, implantação de hidrelétricas, novos aeroportos, indústria naval e, logicamente, construção e transferência da Capital em pouco mais de três anos (PAVIANI, 2003, p.64).

Por outro lado, na perspectiva do brasilianista Skidmore (1982), a construção de Brasília também possuía "outros" objetivos, como, por exemplo, o de camuflar problemas sociais e econômicos (reforma agrária e precarização das universidades). Aquele autor defende que na visão dos partidários de Kubitscheck, a simples construção da nova capital *de per si* somente resolveria todos os problemas das áreas supramencionadas.

> No setor agrário, por exemplo, diziam que a construção de novas estradas demandando Brasília abriria terras anteriormente incultas e facilitaria o escoamento do ineficiente sistema de distribuição de alimentos. Na esfera educacional, os entusiastas de Brasília apontavam a universidade radicalmente nova que lá se instalaria como modelo para a reforma do ensino através de todo país (SKIDMORE, 1982, p. 209).

O real projeto era a construção de uma cidade voltada estritamente para a vida política e seus envolvidos. Com o término das obras, os migrantes contratados pela construção civil deveriam retornar para suas respectivas localidades de origem. Porém, nada foi acordado com os mesmos e, graças às novas ondas migratórias e o crescimento vegetativo, dados fornecidos por Paviani (2007) sobre a dimensão da população do Distrito Federal no artigo intitulado *Geografia Urbana do Distrito Federal*: *evolução e tendências* apontam que:

> O censo do IBGE de 1970 encontrou 516.896 habitantes; em 1980, superou a casa do milhão de habitantes: 1.138.835. No Censo de 1991, a população urbana era de 1.515.889 e, em 2.000, Brasília havia ultrapassado a casa dos dois milhões, tendo o censo registrado 2.051.146 habitantes, distribuídos em 19 Regiões Administrativas (PAVIANI, 2007, p.8).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população do Distrito Federal, em 2010, era de 2.570.160 habitantes, e a população estimada para 2018 é de 2.974.703 habitantes, distribuídos em 31 Regiões Administrativas – RAs.

Nesse ínterim, vale questionar: qual o impacto geográfico de uma população que cresce seis vezes em um espaço menor que meio século? Primeiro, a ausência de planejamento urbano, pois grande parte dos migrantes foram puramente assentados em localidades periféricas sem infraestrutura e com limites que respeitam somente as vias de circulação que delimitam as áreas residenciais, comerciais e industriais. Assim, com exceção das RAs de Taguatinga e Núcleo Bandeirante, as áreas periféricas do Distrito Federal são cidades-dormitório, ou seja, o local de trabalho, estudo e lazer normalmente tem sua localização no Plano Piloto.

Um exemplo para elucidar tal afirmação é o metrô do Distrito Federal, com linhas que passam pelas cidades periféricas de maior contingente populacional

(Ceilândia, Samambaia e Taguatinga), que tem como horários de pico o início da manhã e o final da tarde por ocasião do deslocamento de trabalhadores para as zonas mais abastadas. Aqui, grande parte dos melhores postos de trabalho e equipamentos, bem como das melhores atividades de lazer, encontra-se no Plano Piloto.

Por último, mais preocupante e o que interessa para dissertar sobre seu impacto no Estádio Nacional de Brasília, o Mané Garrincha, é o desdobramento intitulado por Paviani (2003) como de "cunho sócio-espacial".

> A organização do território, de forma concentrada, vai consolidar um modelo de povoamento com exclusão e apartação espacial e social: o centro, bem equipado e concentrando os melhores postos de trabalho, está consolidando um modelo de metrópole com a elite ocupando os espaços mais nobres do Plano e os assalariados e trabalhadores residindo nas cidades da periferia. [...] Essa grande cidade seria em tudo assemelhada às demais grandes cidades brasileiras como Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e outras: bem equipados núcleos centrais e periferias detentoras de bairros pobres, favelas, desequipados e depositórios de violência e criminalidade com crescentes tensões sociais (PAVIANI, 2003, p. 71).

Apesar do Estádio Nacional de Brasília começar a ser erguido somente uma década após a fundação da nova capital idealizada por Kubitscheck, o mesmo, ao situar-se no Plano Piloto, possui a segregação sócio-espacial introjetada em sua arquibancada. A gentrificação[3], com a tendência elitista presente na gênese de Brasília como um centro político-administrativo apartado do povo de forma proposital, afeta o Mané Garrincha, pois, ele é afastado, em demasia, de grande parte dos torcedores do Distrito Federal. Isto posto, é dificultado o seu acesso pela mobilidade urbana pública ou privada das localidades de residência da maior parte da população brasiliense; ou seja, o centro permanece como uma bolha, com as melhores opções de lazer e entretenimento.

A título de comparação, o Rio de Janeiro, enquanto capital do Brasil nos anos 1950, sendo uma das sedes da Copa do Mundo FIFA em 1950, ordenou a construção do Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã. Apesar das discordâncias iniciais do local onde aquele Estádio deveria ser construído, a Prefeitura do Rio de Janeiro optou pela construção no Centro da cidade, o que é antagônico à perspectiva da construção de Brasília e do seu campo de futebol. Sobre a questão, Hollanda (2014) assevera que:

> [...] o ponto geográfico escolhido era estratégico para a imagem da capital, uma vez que se situava na Zona Norte em uma interseção entre

3 O termo gentrificação de acordo com Alcântara refere-se a processos de mudança das paisagens urbanas, aos usos e significados de zonas antigas e/ou populares das cidades que apresentam sinais de degradação física, passando a atrair moradores de rendas mais elevadas. Os novos moradores mudam-se para os novos locais, atraídos por algumas de suas características - arquitetura das construções, diversidade dos modos de vida, infraestrutura, oferta de equipamentos culturais e históricos, localização central ou privilegiada, baixo custo em relação a outros bairros -, passando pleitear e consumir outros tipos de estabelecimentos e novos serviços. A concentração destes novos moradores possuí a tendência de provocar a valorização econômica da região, elevando os preços do mercado imobiliário e o custo de vida locais, e levando à expulsão dos antigos residentes e comerciantes, comumente associados a populações mais pobres e com menor possibilidade de mobilidade no contexto urbano, tais como classes operárias e comunidades de imigrantes. Estes, impossibilitados de acompanhar a alta dos custos, terminam por se transferir para outras áreas da cidade, o que resulta na redução da diversidade social do bairro.

> a Zona Sul e o subúrbio. Ao primeiro, chegava-se de ônibus ou carro, enquanto do segundo afluía-se à periferia pela linha férrea dos trens da Central do Brasil. Desta forma, o estádio uniria simbolicamente os extremos da capital do país, das localidades mais abastadas às mais carentes (HOLLANDA, 2014, p. 327).

Outra consequência desastrosa é que os clubes locais não logram angariar a maior parte dos torcedores no âmbito do Distrito Federal e colocá-los dentro do estádio a seu favor por dois motivos, quais sejam: 1) Os migrantes de outras Unidades da Federação – UFs que chegaram para construir Brasília já possuíam seus próprios clubes, sendo, por conseguinte, o perfil foi herdado por seus descendentes; e, 2) A péssima fase dos clubes da capital federal na atualidade.

Tais argumentos podem ser elucidados com os estudos da Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN de 2014, que afirmam que as três maiores torcidas do Distrito Federal pertencem a Flamengo, Vasco e Corinthians, respectivamente. Nesse sentido, no Campeonato Brasileiro de 2018, por exemplo, os dois primeiros clubes supramencionados, pela 25ª rodada, disputaram o clássico carioca no Mané Garrincha, com 54.288 torcedores presentes. Na contramão, o último jogo da final do Campeonato Candango do mesmo ano, disputada entre Brasiliense e Sobradinho, reuniu 5.016 torcedores presentes – representantes brasilienses no Campeonato Brasileiro da série D no ano seguinte.

A arquitetura produz discursos: a reformulação dos estádios de futebol na Europa e no Brasil mediante a tendência modernizadora, civilizatória e higienista

Converter tragédias em lucro e exclusão mediante a égide de um "processo civilizatório" é a grande marca das políticas de acesso ao estádio de futebol na contemporaneidade. Assim, em prol da análise de como o esporte mais popular do mundo e seu palco se tornaram uma arena de seletividade e cifrões, é preciso rememorar tragédias e como as mesmas se tornaram justificativas para um modelo ideal de arena a ser copiado em todos os continentes.

Fazendo uso, como recorte, da segunda metade do século XX, é possível perceber a existência de diversas tragédias nos campos de futebol em várias partes do mundo mediante alguns fatores, quais sejam: instalações precárias; superlotação; violência policial; confrontos entre torcedores etc.

Um divisor de águas para o futebol foi o Relatório Taylor, elaborado em pleno governo Margaret Thatcher, no Reino Unido, após a morte de 96 torcedores do Liverpool Football Club no Estádio Hillsborough, em Sheffield, Inglaterra, pela semifinal da Copa da Inglaterra, contra o Nottingham Forest Football Club, em abril de 1989. Tal desastre foi utilizado para elucidar um discurso de poder na arena política, a fim de combater e expulsar o *Hoologanism* dos estádios ingleses e remodelar a estrutura dos campos de futebol.

De acordo com Giulianotti (2002, p. 104), o Relatório Taylor, em 1990, apontou uma série de mudanças estruturais para "humanizar o habitat hostil do futebol", entre as quais, a obrigatoriedade de todos os clubes da primeira e segunda

divisões da Inglaterra e primeira divisão do campeonato escocês, a partir do início da temporada de 1994-1995, realizar a conversão dos estádios em campos com assentos para todos. Com a medida, presenciou-se uma redução drástica da capacidade dos estádios concomitante à sobrevalorização dos ingressos pelos clubes e a redução da possibilidade de compra mediante o cenário de escassez.

Uma das consequências do processo em questão foram a construção ou as reformas de estádios para a realização de grandes eventos com o envolvimento de grandes empresários, mídia e lucros envolvidos no processo. Assim, também se presenciou a exclusão das classes mais pobres em benefício de um público oriundo dos setores abastados da sociedade britânica.

> A Fifa e a UEFA elevaram muito o preço dos ingressos para as Finais da Copa do Mundo e para os Campeonatos Europeus, aumentando o aspecto ilusório desses torneios, permitindo aos patrocinadores (que recebem enorme quantidade de ingressos) divulgarem algumas dessas preciosas mercadorias em campanhas publicitárias altamente competitivas (GIULIANOTTI, 2002, p. 108).

Outro desdobramento da mercantilização exacerbada no âmbito do futebol é que através das reformas supramencionadas, as autoridades do futebol passaram a inserir grandes áreas de compra e lazer no interior dos estádios, a fim de atrair o torcedor para o consumo de mercadorias. Logo, antes, durante o intervalo ou após o jogo, o torcedor não transita pelo estádio apenas para ver os outros torcedores, extravasar seus sentimentos ou ir ao banheiro, mas se torna um potencial consumidor em virtude das vitrines ali existentes, sendo induzido a adquirir produtos da equipe mandante e seus patrocinadores.

Debruçando sobre o contexto brasileiro, é possível perceber um movimento semelhante no Brasil na segunda década do século XXI, quando da Copa das Confederações 2013 e da Copa do Mundo 2014, ambas da FIFA, e dos Jogos Olímpicos 2016, na cidade do Rio de Janeiro. Sobre a questão, nas palavras de Campos (2014, p. 351), no que tange à "tendência modernizadora", graças à intensa e extensa agenda de eventos no Brasil, se "fez deslanchar uma tendência ao aparecimento das chamadas arenas esportivas de uso diversificado. Para a copa de 2014, são doze estádios, cujas obras implicam em demolição, reformulação e/ou nova construção".

Assim como na Europa, a ascensão do novo modelo de arenas futebolísticas em solo brasileiro seguiu o padrão onde todos os torcedores assistem aos jogos sentados em poltronas confortáveis, numeradas, estando à disposição uma praça de alimentação e lojas no interior do estádio. Além disso, tem-se ali a possibilidade da realização de *shows* dos mais diversos tipos de segmentos culturais, a fim de otimizar a utilização do espaço quando da inexistência de partidas de futebol.

Paralelamente, percebe-se a redução da oferta de ingressos, o consequente aumento de seus preços e a segregação dos torcedores mais pobres em benefício daqueles providos de maior poder aquisitivo. Outro desdobramento é a setorização e subdivisão dos torcedores que varia dos assentos nas partes mais elevadas do estádio para aqueles que possuem menor capacidade de consumo. Por fim, até

camarotes são reservados para patrocinadores que adquirem espaços nas placas de publicidade distribuídas pelo campo, convidados do grande escalão da equipe mandante e autoridades em geral.

Segundo Campos (2014), justifica-se esse novo *modus operandi* nos estádios brasileiros com base em duas premissas, quais sejam: 1) Civilizatória; e, 2) Combate à violência das torcidas e tragédias envolvendo torcedores. A primeira premissa fez uso da Copa do Mundo FIFA 2014 como palco para apresentar ao globo o "amadurecimento civilizatório" ancorado aos indicadores econômicos positivos anteriores a data do evento. Assim, o real intuito era o de apresentar o Brasil como um país capaz de sediar uma Copa do Mundo FIFA com o mesmo grau de organização que os países desenvolvidos que foram sede de eventos do mesmo patamar.

Em relação à segunda premissa, devido ao fato de que o que não segue o padrão estadunidense ou europeu é considerado um desvio, Araújo (2014, p. 15) defende que "a FIFA exigiu que novos estádios fossem construídos, apesar do país já possuir 739 arenas já cadastradas na Confederação Brasileira de Futebol".

De fato, a ideia de que a realidade futebolística brasileira com estádios sucateados, péssimas condições de segurança, preços baixíssimos de ingressos acarretando em terreno fértil para a superlotação e tragédias envolvendo confrontos dentro e fora dos estádios, sendo incapaz de realizar uma Copa do Mundo FIFA, é uma falácia. Nesse ínterim, aquele autor defende que o:

> Cadastro Nacional de Estádios de Futebol da Confederação Brasileira de Futebol – CNEF/CBF, mesmo antes da construção das novas arenas, o Brasil já possuía 11 espaços especializados para a prática deste esporte com capacidade para comportar mais de cinquenta mil torcedores, sendo que três deles são no Nordeste, dois na região Sul, cinco na região Sudeste e um na região Centro-Oeste. Apenas a região Norte não possuía nenhum estádio de futebol de grande porte (ARAÚJO, 2016, p. 17).

De fato, o novo modelo exigido pela FIFA em solo brasileiro para a Copa do Mundo de 2014 é o mesmo ofertado na Europa, voltado para um local seguro, onde os torcedores oriundos das classes econômicas mais abastadas sintam-se tranquilos para consumir em sua condição de torcedor/consumidor. Portanto, conforme bem observa Campos (2014, p. 00), se faz necessária uma "modernização excludente e a vigilância conservadora apoiada em suportes tecnológicos [...] como soluções/punições aos torcedores transgressores/violentos/infratores".

O preconceito de classes é reconhecidamente o pilar desse modelo de marginalização, onde se subentende que o torcedor pobre é o vetor de todas as mazelas no âmbito do estádio. A lógica higienizadora parte do pressuposto de que quando se expulsa o torcedor com menor poder aquisitivo, um ambiente harmonioso e de segurança é criado.

Por fim, para que o Brasil se apresente ao mundo como um país civilizado, é mister a cópia e aplicação do modelo europeu que privilegia o consumo de uma minoria endinheirada que paga para estar lá e faz uso dessa presença como símbolo de poder, em detrimento do futebol e do real apaixonado pelo clube e pelo esporte.

O novo Estádio Nacional de Brasília: o Mané Garrincha é um elefante branco oneroso

A Copa do Mundo FIFA 2014 foi o estopim da explosão de convulsões sociais em diversos pontos do Brasil, que levantaram bandeiras de luta contra a corrupção, gastos excessivos para a realização do evento e realocação dos recursos para áreas de maior necessidade.

Nesse sentido, a opinião pública brasileira percorreu extremos: de otimismo, quando o país foi anunciado como país-sede de um dos maiores eventos esportivos do mundo, para a revolta, perante as cifras bilionárias, os escândalos de corrupção e os desvios de dinheiro público para a realização do mesmo, enquanto áreas historicamente precarizadas (educação e saúde, por exemplo) careciam de investimentos mais robustos.

Uma das marcas da Copa do Mundo FIFA 2014, realizada no Brasil, foi o gasto exacerbado com estádios e logística para a realização do evento, sob a constante preocupação de não se criar uma manada de elefantes brancos subutilizados e inúteis após o apito final em meados de julho no Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã. Nesse sentido, à época, para o então Ministro dos Esportes, Aldo Rabelo, tal fato não ocorreria, pois se tinha a expectativa de que os mesmos se tornassem autossustentáveis e geradores de riqueza com o aluguel e a realização de outros eventos não futebolísticos nos estádios localizados em regiões de menor tradição no esporte bretão.

> A modernização da infraestrutura esportiva dos estádios já aponta seus resultados e eles são visíveis pelo aumento do público e da renda nessas arenas. Em Brasília, cuja arena era apontada como um dos elefantes brancos, um dos jornais da cidade já indica que o elefante é de ouro e a arena pode receber outros eventos que não o futebol, o que não seria possível na capital antes da arena (RABELO *apud* ARAÚJO, 2014, p. 82).

Entretanto, as previsões otimistas do mandatário da pasta de Esportes não se confirmaram. O Estádio Nacional de Brasília, por exemplo, se tornou um elefante branco oneroso para os cofres públicos após a Copa do Mundo FIFA 2014, além de um problema para o GDF. Segundo reportagem de Dantas[4] (2019) para o Jornal Extra, o Mané Garrincha custou R$ 700.000,00 (setecentos mil reais) mensais em manutenção para os cofres públicos, mesmo com a adoção do modelo multiuso e a realização de outros eventos (*shows*, encontros, formaturas etc.).

Sediar jogos da Copa América CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol 2019 poderia ser um alívio em curto prazo para os prejuízos oriundos pela manutenção do Mané Garrincha. Todavia, o estádio, que tem a segunda maior capacidade de público do país, onde, *a priori*, Brasília figurava como uma das anfitriãs do maior campeonato de seleções nacionais da América do Sul, foi retirado

---

4 MADER, H. *Buriti pretende economizar R$ 8,4 mi com privatizações do Mané Garrincha*. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/02/15/interna_cidadesdf,737644/buriti-pretende-economizar-r-8-mi-com-privatizacao-do-mane-garrincha.shtml>. Data de acesso: 7 de março de 2019.

da lista com a redução das cidades-sede de sete para cinco. Os motivos para tal permanecem nebulosos, mas, a expectativa de arrecadação vindoura com o evento e sua não concretização foram duros golpes desferidos contra o já cambaleante elefante branco.

Por último, a única solução aparentemente viável, segundo o GDF, para ao menos transferir o ônus financeiro anual do Estádio Nacional de Brasília é a transferência para a iniciativa privada – medida que oscila entre avanços, retrocessos e várias licitações que, em caso da privatização desta e de outras instalações esportivas localizadas na capital federal, de acordo com a reportagem de Mader (2019), resultaria na economia de mais de R$ 8.000.000,00 (oito milhões de reais) anuais.

Considerações finais

Identificar os fatores pelos quais o Estádio Nacional de Brasília (o Mané Garrincha) sucumbe perante a subutilização e estacionar na ideia de que o mesmo é um dos elefantes brancos originados pela Copa do Mundo FIFA 2014, realizada no Brasil, é direcionar-se ao reducionismo. Aquela arena, construída segundo as diretrizes do "Padrão FIFA", que custou mais de R$ 1.000.000.000,00 (um bilhão de reais) ressurge na paisagem da capital federal para um dos maiores eventos esportivos do mundo como um elefante banhado a ouro que, após o apito final, começa a descascar e mostrar sua real face: a da insustentabilidade, observando o pretendido modelo multiuso que seria posteriormente implementado.

Nesse ínterim, a presente pesquisa teve por norte apontar que o Mané Garrincha era um estádio fadado ao abandono devido à segregação sócio-espacial introjetada no projeto de transferência da capital federal proposto pelo Plano de Metas de Juscelino Kubitschek. Ao retirar a capital do litoral e fixá-la no centro oeste brasileiro, Brasília foi projetada estritamente para fins políticos e abrigar somente o alto escalão da vida política brasileira. Destarte, os "candangos" – migrantes que deixaram suas casas em outras regiões brasileiras para trabalhar na construção civil da nova capital – deveriam retornar para seus locais de origem ao fim das obras – o que não ocorreu.

Paviani (2003) defende que o modelo de segregação sócio-espacial é um elemento determinante para se compreender a geografia do Distrito Federal. O centro foi projetado para concentrar os melhores espaços e as melhores oportunidades, enquanto a região periférica é um local desequipado e maculado pela violência. A insurgência dos candangos resultou na criação de Regiões Administrativas – RAs – planejadas ou não – afastadas da nova capital, a fim de abrigar os migrantes que recusaram retornar para suas regiões de origem. Por conseguinte, Brasília ocupa o papel de centro privilegiado e, grande parte das RAs do Distrito Federal são bolsões de violência e pobreza, com poucas opções de lazer, cultura, trabalho e estudos.

O futebol, enquanto esporte democrático e do povo, possuiu dificuldades geográficas para abraçar o Estádio Nacional de Brasília como sua casa. Geograficamente, Brasília foi construída para ser um local integrador das regiões mais longínquas do Brasil, mas longe dos grandes centros populacionais;

para aproximar regiões historicamente afastadas; mas marginaliza aqueles que não possuem laços diretos com os responsáveis pela vida política do país.

O Estádio Mané Garrincha, construído mais de uma década após a inauguração de Brasília, sofre os rebatimentos da segregação sócio-espacial que norteou o projeto de transferência da capital federal. E situado em uma região central destinada para usufruto de uma minoria abastada de Brasília e distante daqueles acometidos pela carência material e simbólica, convive com a Sociedade Esportiva do Gama e com o Brasiliense Futebol Clube – as maiores forças do futebol no Distrito Federal, com os resultados mais expressivos em âmbito nacional – equipes das regiões historicamente segregadas e abraçadas pelos moradores das mesmas, de escassas opções de lazer acessíveis. Ou seja, o centro bem equipado e excludente jogou fora a água da bacia junto com o bebê ao expulsar não apenas o povo, mas, o torcedor. E um estádio de futebol, sem o torcedor, sem o povo, é uma casca sem alma estática no tempo e espaço.

A questão que se coloca é a seguinte: a entrega para a iniciativa privada do Estádio Nacional de Brasília pode ser a resposta para os prejuízos econômicos e sanar a subutilização; mas, como ficam os setores menos abastados e o futebol do Distrito Federal nesses entraves? Privatizar o Mané Garrincha e transferir a responsabilidade para um grupo de empresários que implementarão o modelo multiuso em busca do lucro é sim uma possibilidade, sendo necessário recordar que lucratividade e acesso democrático são ideais antagônicos, que ofertam um leque de possibilidades para estudos futuros sobre o principal estádio e o futebol do Distrito Federal.

Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, M. F. *Gentrificação. In: Enciclopédia de Antropologia.* São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificação> Acesso em 26 de fev. 2020.

ARAÚJO, S. L. E. *Era para ser apenas um (mega)evento esportivo?: como a Copa do Mundo 2014 evidenciou a crise política brasileira*. 2014: 169 f. Tese (Doutorado em Administração) – Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

CAMPOS, F. *Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o confronto*. In: CAMPOS, F. e ALFONSI, D. (Orgs.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. Cap. 15, p. 349-363.

CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal. *Tamanho das torcidas dos principais clubes do futebol brasileiro no Distrito Federal e sua região metropolitana*. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Tamanho-das-torcidas-no-DF-e-em-sua-PMB.pdf> Acesso em: 16 de jun. 2019.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUTERMAN, M. *O futebol explica o Brasil. Uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2014.

HOLLANDA, B. B. B. *O fim do estádio-nação? Notas sobre a reconstrução e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014*. In: CAMPOS, F. e ALFONSI, D. (Orgs.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. Cap. 14, p. 321-346.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades – Distrito Federal, 2018. [onlin*e]. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=530010> Acesso em: 16 jun. 2019.

MADER, H. *Buriti pretende economizar R$ 8,4 mi com privatizações do Mané Garrincha*. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/02/15/interna_cidadesdf,737644/buriti-pretende-economizar-r-8-mi-com-privatizacao-do-mane-garrincha.shtml>. Data de acesso: 7 de março de 2019.

PAVIANI, A. *Brasília no contexto local e regional: urbanização e crise*. Território (UFRJ), v. VII, p. 63-76, 2003.

_____. *Geografia Urbana do Distrito Federal: evolução e tendências*. Espaço e Geografia (UnB), v. 10, p. 1-22, 2007.

SKIDMORE, T. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

24 | Cultura torcedora condenada à morte

Vicente Magno Figueiredo Cardoso[1]

Introdução

Torcidas organizadas de futebol tornaram-se um tipo de inimigo da paz pública, uma espécie de assombração para clubes e imprensa. Tanto que no Rio de Janeiro, em abril de 2018, por exemplo, o Ministério Público fluminense decidiu "enjaular" esses grupos, para os separarem dos tidos 'torcedores comuns'. No entanto e simultaneamente, os mesmos clubes e imprensa que condenam as torcidas, atribuem a elas beleza e empolgação em partidas de futebol, alçadas há algum tempo a condição de espetáculos. A narrativa entre condenação e valorização faz da situação confusa e dependente de um discurso frouxo que varia de acordo com interesses de quem emite a opinião (TSOUKALA, 2003; 2009).

De uma maneira geral, esses agrupamentos trazem no seu seio elementos de uma cultura popular que se confronta com a padronização proposta e às vezes imposta com objetivos comerciais no processo de arenização pelo qual passaram muitos equipamentos esportivos no Brasil, como o Maracanã, e em demais países onde o esporte é popular.

Episódios como a final da Copa Libertadores da América, que deveria acontecer em 24 de novembro de 2018, mas foi adiada para o dia seguinte após atos violentos da torcida do River Plate, que apedrejou a delegação do rival Boca Juniors, na chegada do estádio onde aconteceria a partida. No dia seguinte, a finalíssima do torneio continental foi cancelada e remarcada para o início de dezembro em Madri, na Espanha.

Antes desse episódio, houve ainda a final da Copa Sul-Americana, em 13 de dezembro de 2017, no Maracanã, entre Flamengo e Independiente, onde enorme confusão antes e depois da partida causada por torcedores flamenguistas, inclusive com invasão do estádio por indivíduos sem ingresso. Ambos os casos servem como vértice para demonização e condenação dos grupos organizados de torcedores. Mesmo antes de qualquer investigação ou comprovação de responsabilidades, vozes vindas de jornalistas, do poder público e dos clubes expõem suas posições condenatórias.

Respeitando as diferenças existentes entre cada caso, a visibilidade e a repercussão negativa de incidentes como os casos do Pacaembu[2] (1995),

---

1 Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/Uerj) - e-mail: vmagno@yahoo.com.br

2 Na final da Supercopa São Paulo de Juniores, em 16 de agosto de 1995, grupos de torcedores organizados de Palmeiras e São Paulo se enfrentaram com paus e pedras, encontrados no estádio que passava por obras. Foram mais de cem feridos e um morto. A briga foi transmitida ao vivo pela televisão que acompanhava a partida.

Hillsborough[3] (1989) e Heysel[4] (1985) são amplamente usadas na construção desse imaginário negativo, o que é muito oportuno para o processo de 'limpeza' colocado em prática nas arquibancadas.

Mas que 'cultura torcedora' é essa?

Tomamos por base o entendimento de Teixeira (2003) que pesquisou torcidas organizadas no Rio de Janeiro e identificou dois planos onde se localizam a identidade desses agrupamentos. O primeiro, valores sobre coisas em comum que carregam: "valores, ideais, história em uma memória coletiva da torcida em termos de conquistas e violências, assim como da filosofia (...) que se refere aos princípios norteadores do grupo (...)" (TEIXEIRA, 2003, p. 37). O seguinte dá conta das "dessemelhanças" internas e, tais quais hierarquia existente, tempo na torcida, origem social, escolaridade, gostos; como as externas, como relacionamento com outras torcidas organizadas (idem).

Sobre violência, o estudo de Teixeira apontou para um lidar que não representa o todo de um agrupamento como esse. Para alguns grupos aparece como um "princípio norteador" enquanto que, para outros, é uma ação secundária, ou seja, uma resposta dada a uma situação de tensão.

A pesquisa de Teixeira fixou-se nas torcidas jovens, agrupamentos que podem ser comparados aos ultras europeus. No que tange à identidade desses grupos, ela observou a consolidação de utilização de símbolos a partir da década de 1980. Teixeira notou a preferência por aqueles de origem no universo militar como tanques, canhões, exército, esquadrão e pelotão; por figuras que significam perigo ou morte como caveiras, caveiras com adagas cravadas, caveiras com ossos cruzados, monstros com armas. Usam também heróis ou mesmo personagens que estejam em evidência no imaginário de bravura e questionamento do sistema tal qual aiatolá Khomeini, Saddam Hussein e Che Guevara.

Ela atenta para o fato de que as escolhas por esses símbolos não são arbitrárias. Teixeira se utiliza do Toledo (1996) para desenvolver esse ponto e aponta a necessidade de levar em conta a lógica do universo relacional e a dimensão do imaginário que existe ligando torcedores, sociedade e o próprio futebol. "Sobre tais símbolos são projetados noções e sentimentos que estão fora deles, mas através dos quais as Torcidas Jovens colocam em foco valores como força, garra, astúcia, coragem, fidelidade" (TEIXEIRA, 2003, p. 84).

No trecho de Toledo no qual Teixeira se apoia, o pesquisador reafirma os símbolos como identitários, mas também como objetos que garantem reconhecimento, visibilidade e ajuda na delimitação dos espaços ocupados pelos grupos, principalmente afirmando a distância para os torcedores comuns (TOLEDO, 1996, p.85).

---

3 O estádio, localizado na cidade de Sheffield, foi lugar da tragédia (em 15 de abril de 1989) quando 96 torcedores do Liverpool morreram após confusão nas arquibancadas. O jogo, contra o Nottinghan Forest era semifinal da Taça da Inglaterra.

4 Dessa vez, o palco foi Bruxelas, na Bélgica. A partida entre Liverpool, da Inglaterra, e a Juventus, da Itália, pelo título da Taça dos Campeões Europeus, em 29 de maio de 1985, teve briga generalizada entre torcedores, o que culminou com 39 mortos.

Toda uma diversidade de discursos está presente na cultura torcedora, entendida aqui como uma manifestação da cultura popular. Nela estão elementos políticos e estéticos (DAMO, 2014), está também uma estética periférica (TOLEDO, 2012 e HOLLANDA, 2012), por vezes tomada de galhofa e provocações, (...) além de um fetiche pela violência e/ ou pelo discurso violento (TEIXEIRA, 2004). São esses últimos fatores os que mais chamam a atenção nas falas de clubes, instituições e imprensa.

Tendo a noção do risco que existe em traçar as torcidas organizadas como um todo, acredito ser possível identificar um paralelo entre esses agrupamentos e uma cultura popular, impregnada por uma estética da periferia contemporânea (TOLEDO, 2012 e HOLLANDA, 2012), o que levaria a uma rejeição por parte do discurso oficial. No entanto, torna-se essencial delimitar que é justamente sobre essa torcida e suas práticas a que essa reflexão se dedica. Mesmo reconhecendo a existência de 'outras culturas torcedoras' presentes nas arquibancadas dos estádios, é a aquela apontada no início do parágrafo, com hábitos dos torcedores organizados de diferentes cidades e países os responsáveis por inspirar a criação do Regulamento de Segurança da confederação de futebol da América do Sul, que será enfocado a seguir.

Cultura torcedora condenada "à morte"

Justo por serem identificados com grupos que oferecem perigo e desconforto aos demais torcedores que estão mais para consumidores, e por não lidarem com a hierarquia social conforme proposta, há uma ação contrária realizada pelo Estado e grupos que administram clubes, estádios e patrocínios. A atuação dos agentes de segurança (estatais ou privados) convergem na determinação de quem merece ou não estar e ter o direito a estar presente, a vivenciar aqueles eventos. Essa "centralidade" seria a "personificação da ideia universal e um símbolo de moralidade" (MBEMBE, 2016).

A busca por essa moralidade e também (por que não?) pela recuperação dessa hierarquização 'perdida', ou colocada em cheque pela cultura torcedora, é a justificativa para colocar em prática a violência oficial. Mbembe, filósofo nascido em Camarões, toma como base políticas colonialistas impostas por países europeus sobre nações africanas para falar dessa "centralidade" e como se entende as 'fronteiras' "habitadas por 'selvagens'.

> No mesmo contexto, as colônias são semelhantes às fronteiras. Elas são habitadas por "selvagens". As colônias não são organizadas de forma estatal e não criaram um mundo humano. Seus exércitos não formam uma entidade distinta, e suas guerras não são guerras entre exércitos regulares. Não implicam a mobilização de sujeitos soberanos (cidadãos) que se respeitam mutuamente, mesmo que inimigos. Não estabelecem distinção entre combatentes e não combatentes ou, novamente, "inimigo" e "criminoso". Assim, é impossível firmar a paz com eles. Em suma, as colônias são zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alternam. Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da "civilização" (MBEMBE, 2016, p.133).

No trecho acima, basta tirar a palavra ‘colônia’ e substituir por ‘torcida’ e a reflexão do camaronês continuará sendo oportuna para pensar esse fenômeno. As ações em busca de uma suposta ordem acontecem exatamente não observando os torcedores como cidadãos ou mesmo considerando como cabíveis atos violentos para civilizar aqueles indivíduos. “Aos olhos do conquistador, “vida selvagem” é apenas outra forma de “vida animal”, uma experiência assustadora, algo alienígena além da imaginação ou compreensão”. (Idem, ibidem).

Baseando-se em seu conceito de ‘Necropolítica’, na qual instituições de poder determinam quem vive e principalmente quem morre, entende-se que a cultura torcedora, com seu referencial popular, violento, questionador e, por isso, indesejável, não é bem-vinda nos estádios. Merece ‘a morte’.

Nota-se então uma tensão constante nas arquibancadas dos dias de hoje: torcedor x torcedor-consumidor. Dentro do contexto do mundo contemporâneo, onde o futebol é uma mola da grande indústria global do entretenimento, clubes federações e empresas optam por aquele que seja financeiramente mais interessante, o indivíduo que frequente os estádios com maior capacidade de consumo e é justo ele o torcedor-consumidor (TOLEDO, 2012).

A opção por esse modelo de torcedor aponta para outro fenômeno, a arenização das praças esportivas. E para isso é preciso expurgar a presença daquele modelo anterior de torcedores ‘perigosos’ e desagradáveis. Sob a justificativa de oferecer mais conforto e segurança aos seus torcedores, a Conmebol põe em prática o seu plano de segurança, privilegiando a presença daqueles que parecem consumidores mais interessantes que os outros cuja presença nas arquibancadas mostra-se não tão bem-vinda quanto antes. A reflexão de Toledo toca com exatidão esse ponto.

> Essa aliança estabelecida entre a visão substancialista que crê no sistema jurídico como um subsistema neutro e à parte da vida social, com a visão formalista de que é necessária, cada vez mais, a onipresença do mercado e sua instrumentalidade na mediação e condução de qualquer ação e atividade humana e, mais ainda, ambas tomadas como discursos de “inclusão social” tende a despolitizar a discussão sobre os inúmeros manejos simbólicos de apropriação do jogo do ponto de vista dos torcedores. (TOLEDO, p. 156, 2012)

Então a Confederação Sul-Americana de Futebol, para materializar essa opção pelo torcedor-consumidor, realiza o que chamamos aqui de “condenação da cultura torcedora à morte”. A Conmebol, baseada em argumentos voltados para garantia e manutenção da segurança da audiência nos estádios, lançou seu Regulamento de Segurança[5]. O documento traz a natureza dos jogos sobre os quais a regulação tem poder: Libertadores da América e Copa Sul-Americana, a regulamentação dos seus processos, as funções, deveres e responsabilidades atribuídos ao que a entidade qualifica, já no primeiro artigo de seu primeiro capítulo como “recurso humano, técnico e logístico” para execução das ações (CONMEBOL, p.11, 2019).

A entidade, antes de traçar sua regulamentação, apresenta uma lista de termos utilizados, onde se encontra o verbete ‘Torcidas Organizadas’. A explicação já dá

5 Veja aqui o Regulamento de Segurança da Conmebol 2019: http://www.conmebol.com/sites/default/files/reglamento-de-seguridad-conmebol-2019-port_0.pdf

o tom do entendimento que a confederação tem a respeito desses agrupamentos: "Grupos de torcedores com características de comportamento diferenciado que podem produzir incidentes, dentro e fora do estádio" (Conmebol, 2019, p. 07). Embora não seja especificado que organizações, como identifica-las, que tipo de 'comportamento diferenciado' seria esse, identifica-se um risco imaginado por ser capazes de "produzir incidentes, dentro e fora do estádio".

Em seu primeiro artigo, o Regulamento de Segurança versa sobre o Objeto da regulamentação e afirma que a meta é "preservar a ordem pública, segurança e bem-estar dos esportistas, oficiais de clubes, autoridades esportivas, patrocinadores, jornalistas, pessoas de apoio e público em geral" (Conmebol, 2019, p. 11). Note-se a utilização de 'ordem pública' já como meta a ser atingida pelas determinações.

Em seu Capítulo VII, a entidade de futebol sul-americana determina as "Proibições e Condições de Entrada e Permanência do Público". Ali, a Conmebol expõe uma extensa lista de 'objetos proibidos' e determina qual deve ser o comportamento do torcedor no interior do estádio para que tenha a permissão de permanecer na arquibancada.

A lista de objetos proibidos para entrar no estádio ou para serem manipulados "antes, durante e depois das partidas" é extensa. São [6]21 itens listados que vão desde armas brancas e armas de fogo, passam por bebidas alcoólicas, garrafas, apitos, guarda-chuvas até mesmo bandeiras e faixas. Notadamente, entre as proibições estão elementos que se tornaram conhecidos pela utilização das celebrações dos torcedores. Seu veto se dá principalmente pela alegação de obstruir a visualização do gramado, como as faixas, bandeiras e mesmo as bombas de fumaça.

---

6 Armas brancas; Armas de fogo; Bebidas alcoólicas; Líquidos e sólidos engarrafados em vidro, lata, plástico e/ou papelão (Aplicado somente às arquibancadas/Não inclui copos plásticos); Jogos Pirotécnicos de qualquer tipo e/ou forma de ativação; Bombas de Fumaça; Bombas de estouro; Extintores de fumaça coloridos; Iluminação a Laser; Apitos; Guarda-chuvas e sombrinhas; Rolos de papel; Tecidos, faixas, bandeiras, banners ou elemento similar em tamanho e quantidade que: (i) Tapem o visual das arquibancadas, (ii) Impeçam o monitoramento e controle do espetáculo esportivo e identificação de pessoas e suas condutas. (iii) Obstruam portas de entrada, de evacuação, bocas das arquibancadas (vomitórios) e saídas de emergências entre outros, (iv) Obstruam elementos publicitários; Tecidos, faixas, bandeiras, banners ou elemento similar não poderão: (i) Ser colocados nas divisões laterais (cercas) que separam as arquibancadas, devendo estas estarem livres de qualquer elemento no desenvolvimento do espetáculo esportivo, (ii) Ser posicionados e amarrados às cercas que separam as arquibancadas, para que sejam estendidos posteriormente ao longo de seu comprimento e largura, (iii) Ser instalados pelo lado exterior das cercas que separam as arquibancadas do campo de jogo; Bandeiras gigantes ou também chamadas tapa arquibancadas; Bandeiras de porte manual que superem a medida de 2m de largura por 1m de comprimento. O EGS se encarregará de instalar nas entradas dos estádios, os elementos de medição pertinentes para o respectivo controle; Objetos acionados com gás, hélio e/ou meios ou substâncias inflamáveis similares que podem tornar-se um elemento de combustão; Mastros para bandeiras de qualquer tipo; Qualquer tipo de objeto que deva ser içado através de sistemas aéreos ou similares; Qualquer elemento físico que, por sua destruição ou vida útil converta-se em elemento contundente ou material cortante; Qualquer elemento que, a critério da equipe de gestão da segurança, seja considerado perigoso (Conmebol, 2019, p. 34 e 35)

Em seguida, a Conmebol diz como é permitido o acesso aos estádios sob sua gestão em mais uma [7]lista de procedimentos a serem cumpridos pelo torcedor. Em sua grande maioria são ações que se propõe a zelar por um ambiente sem quaisquer ações que possam ser violentas. A regulamentação dá ao agente de segurança a autoridade de determinar o que ofereceria risco à coletividade e justamente esse poder conferido aos agentes dá margem para interpretações subjetivas que terminam por culminar em ações de repressão e censura nas arquibancadas dos estádios de futebol (MARTINS; CARDOSO, 2018).

Ineficácia na domesticação

Ainda o que identificamos aqui como 'cultura torcedora', pode-se dizer que embora ela possa conter atos violentos, isso não resume o "comportamento torcedor" e a história está repleta de exemplos que levam a crer que esses atos de força exagerada estão presentes na cultura popular. É importante localizar o início desta reflexão na observação da dinâmica do Carnaval no Rio de Janeiro, estudada para minha dissertação do mestrado e quando foi possível identificar a busca por ensinar maneiras mais 'civilizadas' de se divertir às populações tidas como mais pobres (CARDOSO, 2008). Mais de um século depois, já dentro dos estádios de futebol e do Maracanã, o mesmo esforço para ensinar a se portar ou mesmo civilizar grupos populares segue presente.

O 'torcer' no Rio de Janeiro ganhou espaço justamente como uma ação civilizadora sobre 'classes perigosas'[8] (HOLLANDA, 2012). O modelo de Carnaval desenvolvido também no Rio tem origem com o mesmo propósito: ensinar essas classes populares como se comportar (FERREIRA, 2005; CUNHA, 2001). Os desdobramentos a partir desse ordenamento do Carnaval são conhecidos após décadas de batalhas culturais, que não acabaram e nem vão acabar. Mas e nas arquibancadas? As 'batalhas' seguem. A argumentação na qual se baseiam os discursos ligados ao Carnaval carioca daquele momento e em prol de um ordenamento se repetem hoje em dia, já focados nas torcidas de futebol, em comum estão elementos como 'falta de educação' e sempre a 'violência', tanto faz se é no Rio de Janeiro do Século XIX ou do Século XXI.

---

7 Negar-se às revistas e controles de segurança estabelecidos; Não cumprir as normas de segurança estabelecidas pelas autoridades; Entrar nas instalações do estádio em estado de embriaguez; Entrar no estádio sob efeitos de substâncias psicotrópicas; Encontrar-se impedido de ir a estádios de futebol profissional por proibição judicial, administrativa ou resultado de um direito de admissão; Colocar para dentro do estádio objetos com mensagens ofensivas, racistas e discriminatórias; Entrar e permanecer em zonas do estádio, as quais não correspondam a seu ingresso ou credencial; Gerar e participar de discussões, brigas ou desordens públicas; Proferir palavras ofensivas, racistas e discriminatórias; Adotar atitudes que incitem à violência e vandalismo; Introduzir ou tentar introduzir no recinto extintores, pedras, paus, sinalizadores, artifícios pirotécnicos, morteiros, explosivos, produtos inflamáveis, extintores de fumaça, corrosivos ou outros similares; Invadir o terreno de jogo ou sua área contínua; Não poderá escalar estruturas e instalações não destinadas para seu uso como barreiras, grades, muros, marquises, postes de luz, plataformas de câmeras, árvores, mastros de qualquer tipo e telhados; Arremessar ou lançar objetos no campo de jogo e arquibancadas; Incitar ou provocar incêndios em qualquer zona do estádio; Gerar deterioro ou destruição parcial ou total das instalações e serviços do cenário esportivo; Agredir ou tentar agredir a jogadores ou autoridade esportiva;

8 Louis Chevalier formulou essa teoria em 1978 quando descrevia a vida social, política e literária da Paris do século XIX. Para Chevalier, a classe operária da cidade e suas condições teriam associação indiscutível com a explosão de violência e criminalidade. Isso, por sua vez, seria de interesse folhetinesco na mesma classe trabalhadora mas também motivo de temor, o que se aliaria ao desejo por segurança das classes média e burguesa. As tais classes perigosas seriam parte indissociável da classe operária. A teoria foi muito criticada em seguida, mesmo porque ela não explicaria a violência nos países europeus dos dias de hoje, mesmo porque miséria, como existiu no século XIX, não está presente. Em seu lugar, estaria a exclusão social. (ZALUAR, 2003, p. 28 e 29)

O relato de pesquisadores de como manifestações populares carnavalescas do século XIX e início do XX (como os cordões, por exemplo, agrupamentos carnavalescos anteriores às escolas de samba, mas ligados a culturas afro referenciadas) dialoga com o que se entende por 'classes perigosas'. E esse diálogo remete obrigatoriamente a fenômenos urbanos que surgiram posteriormente: galeras funk do Rio de Janeiro e torcidas organizadas contemporâneas.

Além de mais de cem anos de distância, essas manifestações também são separadas pela natureza dos objetos aos quais se dedicam. Formados por grupos vistos como 'classes perigosas' têm em comum a cidade como palco e a cultura popular de seu tempo como base de sua expressão. Por isso, há o entendimento de fazerem parte da mesma linhagem de manifestações populares.

Exatamente por seguirem nessa mesma linhagem, permite-se imaginar que, da mesma maneira que a domesticação nas ruas da cidade em dias de festa, a ação não encontrará a eficácia imaginada. Nas ruas cariocas, mesmo diante do esforço de autoridades e imprensa, a cultura, a festa encontrou soluções que a mantiveram viva, festiva e fora dos padrões imaginados pelas iniciativas que visavam domesticá-la. A partir desse parâmetro, entende-se que a 'cultura torcedora', mesmo com sua presença e existência condenada, seguirá existindo. Precisa apenas de tempo para se reposicionar ou mesmo vencer a regulamentação que a demoniza.

Conclusão

Há uma frouxidão no discurso inicial sobre torcidas organizadas dentro dos estádios de futebol, as falas de entidades ligadas ao esporte e imprensa funcionam como um pêndulo, em dado momento torcidas têm representação positiva, mas em outros têm representação negativa.

Esse movimento pendular vem do comportamento desses grupos que são responsáveis por realizar festas nas arquibancadas com seus cantos, bandeiras e coreografias. Mas também por seu comportamento apontado muitas vezes como bruto e 'sem educação', o que motivaria tensões entre dois tipos de personagens presentes nos estádios: o torcedor e o torcedor-consumidor.

Dentro do contexto de arenização pelo qual passam diversas praças esportivas pelo mundo, incluindo o Brasil que intensificou esse processo na preparação para a Copa do Mundo da Fifa de 2019, os clubes e instituições que lidam com o esporte optaram pelos torcedores-consumidores. A meta é permitir que indivíduos com maior poder de consumo se façam presentes nas arquibancadas para assistir às partidas, ao mesmo tempo que consumam diferentes produtos no processo chamado hoje em dia de arenização.

Nesse momento, tomamos emprestado o conceito de Achilles Mbembe de 'necropolítica'. A partir dele, reflete-se como o sistema escolhe quem deve viver e, por conseguinte, quem deve morrer, sendo eliminado. Mbembe, a partir da observação da realidade africana em que a centralidade das metrópoles determinava a vida e a morte nas áreas colonizadas, abre um campo para que se pense que o tratamento destinado aos grupos populares que chamamos torcidas organizadas é o mesmo destinado ao mundo colonial. Apontados como selvagens e indesejáveis.

Por sua vez, a Confederação Sul-americana de Futebol (Conmebol), apoiando-se no processo de arenização, que usa como principal argumento a manutenção de padrões de segurança nas arquibancadas, lançou sua Regulamentação de Segurança. O documento visa ditar quais os procedimentos para manutenção da "ordem" dentro das praças esportivas e, ao mesmo tempo, coíbe a utilização de materiais como bandeiras, faixas e bombas e fumaça. Todos artefatos dentro do universo de utilização dos torcedores nas arquibancadas de estádios. Some-se a isso, a padronização de ações que podem ser tomadas pelos torcedores. Tomado por base experiências recentes em estádios de futebol, reconhece-se o risco de que agentes, com o subterfúgio de estabelecer a ordem, possam promover ações de censura, como já identificado em jogos de campeonato do Campeonato Brasileiro de 2018.

No entanto, a reflexão que origina esse trabalho nasce de uma ação reconhecida como similar. Durante a pesquisa para o mestrado, identificou-se uma série de ações oficiais que visavam um ordenamento e domesticação de manifestações populares em celebrações ligadas ao Carnaval na Cidade do Rio de Janeiro. Após décadas e intermináveis ações que 'condenavam aquela cultura popular à morte', cultura essa presente nas ruas e também apontada como 'violenta' e 'sem educação', não se conseguiu extirpa-la.

Logo, acredita-se que a ação de controle pautada pela Conmebol (mesmo visando o ordenamento do público nos espetáculos que gerencia na América do Sul) focando essa cultura popular não compreendida (nesse caso uma cultura torcedora) possa intervir na ocupação e também na estética dos grupos. O documento da entidade mostra que os grupos apontados como "torcidas organizadas" são entendidos como causadores de incidentes que podem vir a ser problemáticos dentro de seu entendimento.

Para controlar essas "classes perigosas", como citado no início desse trabalho, proibições que tocam as manifestações foram determinadas. Algumas que atingem diretamente a identidade e lidar dentro dos estádios como a proibição de bandeiras, faixas, bombas de fumaça, e embora não tenham sido citados na regulamentação, instrumentos musicais.

Mas a exemplo do ocorrido no Carnaval carioca, onde a meta estabelecida de domesticar esses grupos sociais não foi atingida, acredita-se que mesmo com possíveis mudanças no comportamento da audiência que frequente os jogos de futebol, sob gestão da Conmebol (Copa Libertadores da América e Copa Sul-Americana), a famigerada e incompreendida 'cultura torcedora' não encontrará a morte.

Referências bibliográficas

CARDOSO Vicente Magno Figueiredo Cardoso. *"Saudamos a imprensa e pedimos passagem" – um estudo sobre midiatização das escolas de samba do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado apresentado no Programa de Pós-gradução em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

CONMEBOL. *Regulamento de Segurança – Competições de Clube, 2019.* Disponível em: http://www.conmebol.com/sites/default/files/reglamento-de-seguridad-conmebol-2019-port_0.pdf

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia - uma história social do Carnaval Carioca entre 880 e 1920.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DAMO, Arlei. *O Espetáculo das Identidades e Alteridades - As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. IN Futebol Objeto das Ciências Humanas.* Organização Flavio de Campos e Daniela Alfonsi - 1ª edição - São Paulo; Leya, 2014

FERREIRA, Felipe. *O livro de outro do Carnaval brasileiro.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. IN A torcida brasileira. Bernardo Buarque de Hollanda* - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MARTINS, Lorena e CARDOSO, Vicente Magno Figueiredo. *A repressão começa pela arquibancada – Má interpretação das regras censura a manifestação de torcedores em estádios. 2018.* Disponível em https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-repressao-comeca-pela-arquibancada/

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo Futebol.* Rio de Janeiro: EdUerj, 2014.

MBEMBE, Achile. *Necropolítica, IN Arte & Ensaios* – Revista do PPGAV/EBA/UFRRJ. Número 32, dezembro de 2016.

SIMÕES, Irlan. *Clientes versus Rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno.* 1 edição, junho de 2017. Editora Multifoco.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão - visitando jovens torcidas cariocas.* Editora Annablume, 2003.

TOLEDO, LUIZ HENRIQUE DE, *Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010, IN A torcida brasileira. Bernardo Buarque de Hollanda* - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

TSOUKALA, Anastassia. *Les nouvelles politiques de contrôle du hooliganisme en Europe: de la fusion sécuritaire au multipositionnement de la menace.* In Culture & Conflits (51 (automne 2003), Facettes de l'(in)sécurité

_____. *Hooliganisme en Europe – Securité et libertés publiques.* Editora Palgrave Mcmillan, 2009.

ZALUAR, Alba. *"Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência". IN: Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais / HERMANO VIANNA (organizador):* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

25 | Futebol-negócio, pertencimento ao clube e afeto pelo estádio: uma análise de movimentos de torcedores de Os Belenenses (POR) e Sevilla (ESP)

Irlan Simões Santos[1]

Introdução

Há algum tempo que geógrafo Gilmar Mascarenhas (2013) vem sugerindo que as investigações sobre estádios de futebol devem se basear no estudo das transformações históricas das cidades, considerando que esses equipamentos são microcosmos do universo urbano. Complementei em algumas oportunidades que esse exercício poderia também se estender aos estudos dos clubes, percebendo-os como espaços em disputas, cujas complexas composições refletiam dinâmicas sociais mais amplas (SANTOS, 2017).

É evidente que aqui não estamos apenas tratando o "clube" como o mero espaço de lazer e de prática esportiva, mas àquela instituição que abarca distintos estratos sociais e mobiliza grupos e comunidades em eventos esportivos, culturais e outras atividades lúdicas e políticas. O clube visto, portanto, como uma entidade de grandes dimensões, que persiste ao tempo como um lugar de formação de identidades, e um fator de sociabilidade. "Persiste", por ser o clube, assim como estádio para a referência supracitada, um microcosmo das dinâmicas políticas de sociedades complexas, que reproduz seus aspectos de desigualdade e exclusão, mas também de sentimentos de pertença coletiva.

Esse artigo busca abordar clube e estádio por esses vieses, entendendo como eles se transformam ao longo dos anos e como se tornam, nos tempos recentes, motivações para verdadeiros movimentos sociais de torcedores de futebol. Afinal, seguindo a lógica proposta até aqui, atravessamos um novo estágio de desenvolvimento do futebol-negócio, que já assumiu diversas diferentes características desde os anos 1980/90. Esse novo momento, significativo das últimas duas décadas, será abordado nesse artigo a partir da análise do processo de "clientelização" do torcedor de futebol, diante do processo de empresarização mais aguda dos clubes e estádios em todo o mundo. Esse ponto de partida – que inclusive percebe a histórica dificuldade encontrada pelos atores econômicos do futebol na transformação absoluta do público para um perfil mais passivo e mediado por relações mercadológicas –, introduz a discussão sobre os movimentos de torcedores em diversas localidades dessa indústria.

Nesse artigo trabalharemos a partir de dois casos recentes. Partimos de entrevistas com lideranças de grupos organizados que dialogavam com o conjunto dos torcedores, que se engajavam nessas pautas, fazendo dessas experiências mobilizações de grande porte. Essas experiências foram selecionadas por ilustrarem exatamente o *clube* e o *estádio* onde, de acordo com nossa hipótese, se localizam esses movimentos sociais de torcedores de futebol.

---

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro do Laboratório de Estudos de Mídia e Esporte. E-mail: iirlansimoes@gmail.com

Em um primeiro momento, trataremos do caso do Clube de Futebol "Os Belenenses", de Portugal, onde observamos uma mobilização massiva da torcida em um processo muito particular enfrentado pelos torcedores do clube da cidade de Belém. Tal mobilização envolve aquilo que destacamos como "pertencimento ao clube". Como veremos adiante, mesmo o processo de aquisição da propriedade da empresa que controla os ativos do futebol da instituição, não impediu que torcedores contestassem a corporação detentora dessas ações através da reivindicação de seus direitos enquanto legítimos donos do clube. Em um segundo momento, trataremos de um processo ainda mais complexo, relacionado ao Sevilla Fútbol Club, da Espanha. Lá, percebemos o "afeto pelo estádio", uma vez que a mobilização massiva se dava principalmente por conta da ausência de conhecimento sobre o futuro do patrimônio do clube, onde a venda do estádio se tornava autorizada a um possível novo acionista majoritário.

Essas são relações categoricamente políticas, às quais nos interessa promover uma abordagem na escala da vida cotidiana, rejeitando certa ortodoxia da análise social que resume a questão política aos espaços superestruturais ou institucionais. Interessa aqui detectar o "vivido" no processo de produção do espaço social e urbano, dentro dele o clube e o estádio em suas dinâmicas particulares. Entende-se aqui, portanto, o cotidiano como um conceito operacional, ao que sugere Henri Lefebvre (2008, p.22), que permite uma análise crítica da realidade, onde é possível detectar os movimentos menores, mas significativos, do processo de mudança social.

É o próprio Henri Lefebvre (1991, p.31) que percebe o cotidiano como o lugar onde se estabelecem as relações de dominação e apropriação, onde o poder econômico e político é confrontado por distintas formas de subversão. Em se tratando do estudo do futebol, atentamos sobre a importância da investigação desses movimentos de torcedores por percebê-los como atores do processo de disputa dos sentidos do futebol, principalmente ao ponto em que esse vai de encontro aos preceitos promovidos pela lógica do futebol-negócio contemporâneo.

Clientelização do torcedor, fenômeno do século XXI

A empresarização dos clubes (SANTOS, 2017, p.84) remonta a outros períodos de desenvolvimento da indústria do futebol, iniciada ainda em 1981 na Itália, quando da conversão do caráter dos clubes de associação civil sem fins lucrativos para a adoção modelo de sociedade anônima com acionistas. Desse marco para os dias atuais foram diversos os países que adotaram paulatinamente legislações de caráter semelhante – dentre eles Portugal e Espanha, países dos clubes estudados nesse artigo –, tornando esse um modelo quase hegemônico no futebol europeu (PRONI, 1998). Na América do Sul o modelo ainda sofre resistências em alguns países como Brasil, Argentina e Uruguai.

Os estádios, por sua vez, podem ser considerados "empresarizados" à medida em que são adotados padrões internacionais dentro daquele modelo que se convencionou a chamar de "arena multiuso". Essa estrutura que busca flexibilidade para a recepção de eventos diversos para além do futebol, acaba por impor ao público desse esporte um conceito de comportamento, precificação e padrão de consumo distinto daquele conhecido e construído pelo tradicional público dos estádios. O

controle da festa das torcidas, a procura por clientes de maior poder aquisitivo e a domesticação dos corpos são efeitos diretos dessa proposta de transformação do *matchday* como receita de relevância (MASCARENHAS, 2013).

A faceta do processo mais relevante do século XXI tem sido a intensificação do processo de clientelização do torcedor. Uma vez alijados dos círculos decisórios de muitos desses clubes, o torcedor "perde" sua relevância diante da demanda pela formação de um maior público "consumidor" do "espetáculo esportivo", que mirou no alcance de mercados cada vez mais distantes da cidade onde reside um clube e o seu estádio. Aos antigos torcedores, coube ainda a adaptação aos estádios cada vez mais pensados para públicos ocasionais dispostos a pagar altos valores pelos ingressos, de custos insustentáveis para frequentadores mais assíduos. O processo de clientelização, a grosso modo, buscava também a formação de um imenso público consumidor do futebol de forma expansiva, sem amarras sentimentais a uma única agremiação, disposto a consumir todo e qualquer produto relacionado a esse mercado.

Na lógica que buscou fazer o clube virar empresa e torcedor virar cliente, o distanciamento foi desejado, mas não necessariamente se consumou. No jogo duplo da mercantilização do futebol, onde a fidelização do cliente é ao mesmo tempo o apassivamento do torcedor, percebe-se que a relação social mais orgânica de agrupamentos sociais com um clube de futebol ainda é algo muito presente, mesmo na Europa. Diversos autores já levantaram a questão de uma "sensação de posse sobre os clubes", a exemplo de Peter Millward (2011); ou a "posse moral e simbólica" que os torcedores acreditam ter sobre essas instituições, encontrados em textos de Ramon Llopis-Goig (2012) e Peter Kennedy (2012). Ainda que se trate de uma questão mais ilustrativa, inclusive contando com a rejeição dessa abordagem por alguns autores, o que nos interessa aqui é perceber esse elemento a partir da ação concreta dos torcedores, não apenas como um sentimento que se expressa nos cantos ou nas declarações apaixonadas.

Torcedores se mobilizam, há alguns anos, sempre que alguma alteração no clube ou no estádio lhes desagrada. Não apenas protestos contra maus resultados esportivos – até porque nem os bons resultados conseguem conter essas manifestações de desagrado –, mas por diversas questões que para esses tipos específicos de torcedores são inalienáveis. Em "*Collective Action and Football Fandom*" (CLELAND et al, 2018), reflexões sobre as mobilizações são colocadas em uma perspectiva mais ampla, boa parte delas relacionadas às reações quanto ao processo de mercantilização do futebol na atualidade com provocações quanto ao poder de decisão dos torcedores mais ativos.

Subverte-se, de tal modo, o absolutismo da propriedade do acionista ou dono único do clube, diante de uma percepção ou anseio de que os interesses desses voluntários seguidores de uma agremiação sejam atendidos ou colocados em questão. Promove-se uma percepção de que o clube, no fim das contas, não pertence ao seu dono, mas aos seus históricos "produtores", que são os torcedores. Dadas as históricas relações sociais estabelecidas entre clubes e seus seguidores – um torcedor não surge do nada, nem muda de agremiação dentro de uma relação meramente comercial – é perceptível que se formem grupos que reivindicam um papel menos mecânico dentro da sugerida lógica de consumo futebolístico.

Muito tem se discutido nos círculos das ciências sociais sobre o "comum". Dentre muitas possibilidades, vale testar a leitura de Pierre Dardot e Christian Laval (2017) sobre os "princípios do comum", isto é, na percepção de que a ação coletiva deve preservar aquilo que não deve ser privatizado. O "sevillismo", como veremos adiante, serve aos torcedores do Sevilla FC como um símbolo dentro desse exercício dos princípios do comum. Isto é dito porque os próprios Dardot e Laval recomendam perceber essa dinâmica em espaços onde não necessariamente se profere o termo "comum", mas que, ainda assim, se pratica essa ideia de algo (um clube) que não pertence a alguém.

O futebol aparece então como um ambiente especial para esse tipo de abordagem da realidade. Objeto de dominação ao longo de toda sua história, clubes e estádios ainda são socialmente produzidos por uma massa que se autointitula de "torcedores", que muitas vezes pode ser chamada de *sócios* a depender da configuração jurídica dos clubes e do contexto cultural político-econômico em questão (SANTOS; SANTOS, 2018).

A "produção do comum" também deve ser vista como uma abordagem em evidência, visto que altera as percepções mais conservadoras do processo produtivo: como sugere David Harvey (2014), convém observar os comuns culturais – como são os clubes – como produtos de uma coletividade estabelecida em relações comunitárias, sem a qual eles não existiriam. É essa entidade coletiva chamada de torcida, conjunto de agrupamentos que reúnem indivíduos identificados por símbolos, cores e memórias, a responsável pela existência e vitalidade de uma agremiação.

Cabe, portanto, abordar a "sensação de posse sobre os clubes", citada anteriormente, por um viés mais objetivo e concreto, dentro das possibilidades abertas pela adoção do conceito de "comum". Dardot e Laval (2015, p.271) ressaltam como o comum é a expressão do que está indisponível e inapropriável, e como a ação por sua preservação surge como uma oposição a qualquer tipo de apropriação privada, pois seu princípio é o próprio questionamento da propriedade.

A aposta na questão do "comum" como um elemento que está intrínseco na análise dos movimentos de torcedores, como os que são estudados nessa pesquisa, se dá por conta tanto das declarações das lideranças desses movimentos, quanto pela potência dessas mobilizações ao colocar em ação uma massa de torcedores e, principalmente, pela capacidade de difusão dessas pautas, por serem elas tocantes ao pertencimento ao clube e ao afeto pelo estádio.

Vejamos então como se dão essas experiências em um clube de Portugal e um clube da Espanha, capazes de ilustrar as proposições lançadas até aqui: as relações de dominação e apropriação no âmbito do futebol e os princípios do comum enquanto chave para reivindicação e a mobilização dos torcedores por seus direitos políticos sobre seus clubes e estádios.

Clube de Futebol "Os Belenenses" e o pertencimento ao clube

Fundado em 1919, na cidade de Belém, em Portugal, o Clube de Futebol "Os Belenenses", sempre esteve entre os mais tradicionais do país. Sufocado pela proximidade de dois dos três gigantes nacionais na vizinha Lisboa, o clube possui um quadro de torcedores e associados mais modesto, mas não diminuto ou mesmo passivo. A história do Belenenses ganhou as páginas esportivas do país, sendo também contada em outras praças por causa das suas excentricidades.

Antes de mais nada é preciso garantir a contextualização da economia política do futebol português, que desde de 1996 obrigou aos clubes do primeiro e segundo escalão nacional a adotar a figura jurídica de Sociedade Anônima Desportiva (SAD). Diante da dificuldade de muitas dessas agremiações em viabilizar suas SADs, aprovou-se uma nova legislação que criava a figura de Sociedade Anônima Unipessoal por Quotas (SDUQ), que permitia ao clube fundador (a associação) ser o acionista unitário da empresa futebolística. O Clube de Futebol Os Belenenses promove sua transformação ainda em 1999, mas é importante frisar, que a "Os Belenenses SAD" controlava apenas o futebol profissional do clube – ao contrário do que se fazia com outras instituições que envolviam estádios, centro de treinamento e categorias de base nos ativos da empresa.

Em 2012, diante de dificuldades financeiras, o clube passa por discussões sobre a possibilidade de venda de suas ações para capitalização. Um investidor, através da figura jurídica da empresa CodeCity, aparece propondo a aquisição da maioria do capital da Belenenses SAD. O Clube de Futebol "Os Belenenses" (a associação sem fins lucrativos, formada de pessoas jurídicas nomeadas "sócios") ficaria com apenas 10% dessa participação.

Nossa fonte nesse caso é Edgar Macedo, sócio de "Os Belenenses", e uma das lideranças do movimento acompanhado por essa pesquisa, em entrevista concedida no dia 26 de setembro de 2018. Ele explica como se deu essa decisão:

> O que se fez em 2012 foi um acordo em Assembleia Geral, na qual os sócios aceitaram por ceder a maioria do capital a essa empresa, mas com uma ressalva muitíssimo importante. No acordo estava escrito que o Belenenses (clube) teria o direito a recomprar a maioria do capital em três janelas de oportunidade pré-definidas [...] (MACEDO, Edgar. Entrevista concedida a Irlan Simões Santos. Rio de Janeiro, 26 set 2018).

Já em 2016, ou seja, cerca de quatro anos após a venda do capital para a empresa CodeCity, dada a conclusão de que o investimento não era suficiente para suprir os anseios expressos naquela assembleia, o clube decide reivindicar o seu direito de recompra das ações. A solicitação não foi, no entanto, atendida pela CodeCity, o que deu início a uma batalha jurídica entre associados e a acionista majoritária da SAD.

Uma eleição posterior do clube teve essa pauta como tema principal, saindo vitoriosa a chapa que sugeriu uma relação de maior diálogo com a CodeCity, contra a que propunha um enfrentamento maior. Recorrendo à justiça para uma decisão independente, o clube saiu derrotado pela decisão dos três juízes do Tribunal Arbitral que julgou o caso.

> O líder dessa empresa é uma figura bem conhecida em Portugal, cujo nome está comumente associado a escândalos de natureza política. [...] O Tribunal decidiu, numa decisão que deixou todos os sócios boquiabertos, dar razão aos motivos que ele apresentou para ter rasgado o acordo, que são motivos tão ridículos, como a organização de um festival de música infantil, feito no relvado (gramado), sem que se tivesse pedido autorização à empresa. (MACEDO, Edgar. Entrevista concedida a Irlan Simões Santos. Rio de Janeiro, 26 set 2018).

Foi considerado também, na decisão judicial, a proibição pelos sócios da venda de uma carga de ingressos maior que o habitual para o jogo Belenenses x Benfica, como um "descumprimento" por parte da associação, alegado pelos juízes como uma atitude em que faltou *fair play*, dando assim razão à CodeCity para não atender ao direito de recompra das ações do clube. "O Tribunal entendeu que isso era motivo para que basicamente se dissesse ao Belenenses 'olha, vocês nunca mais na vida podem ter o vosso futebol profissional de volta'", aponta Edgar Macedo.

Nas palavras do torcedor, o que se percebeu foi que a lei das SAD de Portugal era "falha e malfeita", que para além desse caso de Os Belenenses, mais midiático e expressivo, por conta da sua força associativa, já havia vitimado outros clubes tradicionais do país. A lei prevê que uma empresa possa adquirir a maioria do capital de um clube, ao passo que obriga que o clube fundador tenha que ter uma participação de ao menos 10% nessa sociedade e ter um representante na sua administração. Não havia, no entanto, normas claras ou ao menos uma entidade reguladora capaz de dar cabo desse assunto.

Para além de questões gravíssimas de envolvimento do clube em transações investigadas como parte de um esquema de corrupção que afetou Portugal (ver sobre a "Operação Marquês"), os torcedores do clube também detectaram o fato de o maior credor da SAD – em outras palavras, pessoa jurídica à qual o clube tomou empréstimos em situações desconhecidas –, é a própria CodeCity.

Os sócios se queixavam, inclusive, da pouca utilização desses jogadores formados pela categoria de base do clube pela SAD, algo altamente prejudicial ao clube, pois não conseguia lançar esses jogadores como ativos. Outro ponto sensível era a utilização do Estádio do Restelo, que também se manteve sob controle do clube, que buscaria auferir receitas, inclusive, em partidas da SAD. No entanto, entre 2012 e 2018 não houve qualquer tipo de restituição financeira pelo uso do estádio dos Belenenses. Segundo Edgar Macedo:

> Nós, no Belenenses, rimos quando se diz "investidor", porque na verdade "investidor" é algo que supostamente "investe dinheiro". O que se passa ali no Belenenses é que entre 2012 e agora, terão passado, estima-se, um total de 100 jogadores, sendo que quase nenhum foi comprado. Ou eram jogadores de custo zero, ou eram jogadores emprestados. (MACEDO, Edgar. Entrevista concedida a Irlan Simões Santos. Rio de Janeiro, 26 set. 2018).

A decisão do Tribunal provocou revolta nos torcedores, que foram consultados pela diretoria do clube, em assembleia, sobre os passos a serem tomados. Em decisão unânime, optou-se pela criação de um novo time: a formação de uma equipe "sénior"

que se inscreveria para jogar no Distrital. Ou seja, uma equipe para jogar na última divisão do país, onde não se exige a profissionalização dos jogadores, tampouco a figura jurídica de sociedade anônima desportiva.

Houve um intenso processo de discussão dentro do clube para a mobilização de "claques" como a Fúria Azul, a maior de "Os Belenenses", e outra organização conhecida como Grupo da Grade, que se pronunciaram de forma veemente sobre o tema, rechaçando a CodeCity e apontando que os torcedores deveriam dirigir seus esforços no apoio ao novo time criado pelo Clube de Futebol "Os Belenenses".

"Só há um Belenenses, que é o que está na primeira divisão distrital de Lisboa. O outro que está na Liga [NOS] é uma empresa que usa abusivamente, e contra a vontade dos sócios, o nome do Belenenses", afirma Edgar Macedo, que também ressaltou como torcedores de diversos outros clubes, dentre eles o espanhol Rayo Vallecano, fizeram manifestações favoráveis à luta dos associados e torcedores do CF Os Belenenses. Eles divulgam os seus jogos contra o time da "CodeCity SAD", aderindo à campanha de deslegitimação.

Ao longo do ano de 2019, a SAD passou a mandar os seus jogos no Estádio Nacional do Jamor, sendo atendida por um número médio de 2 mil assistentes[2] (com a entrada gratuita, o transporte pago pela SAD e o incentivo feito com almoço gratuito e sorteios). O Clube de Futebol "Os Belenenses", mesmo jogando na última divisão nacional, tem mobilizado mais de 6 mil torcedores ao Estádio do Restelo, onde os torcedores entoam o canto "É nosso e há de ser! O Belenenses é dos sócios, lutaremos até morrer".

A situação do CF Os Belenenses ainda está em aberto, já que cada lado aponta uma motivação para continuar reivindicando a figura do emblema. Há uma parte da Lei das SAD que indica que uma empresa, ou investidor, não pode ter duas equipes disputando campeonatos profissionais, que são a primeira e a segunda divisão. A Codecity alega que por conta dos 10% obrigatórios, o novo time de Os Belenenses, caso chegue nos escalões profissionais, não poderá existir. Por sua vez, a associação aponta que é a SAD que deverá deixar de existir ou deixar de se chamar "Belenenses", uma vez que por lei ela não pode existir sem a presença do clube fundador, que alega que a participação de 10% é um direito e não um dever.

O fato é que a associação entrou na justiça para recorrer aos direitos autorais sobre o nome, o escudo e os demais símbolos do Clube de Futebol Os Belenenses, de modo a desvincular completamente a SAD do que se entende pelo clube de Belém, saindo vitoriosa. No que parece óbvio o temor da SAD, já que sem o mínimo que identifique os torcedores ao que ela ainda reivindica ser o time de futebol profissional que carrega a história do clube fundado em 1919, não haveria mais razão de alguém acreditar na legitimidade da empresa comandada pela CodeCity.

É onde a discussão do "comum", lançada anteriormente, ganha solidez. O pertencimento ao clube, como apontado, atua como o motor de engajamento dos torcedores do Clube de Futebol "Os Belenenses", que foram até as últimas

2 Por conta das pequenas dimensões de Portugal, vale considerar que o público visitante tem grandes facilidades de deslocamento. No caso dos três grandes, Porto, Sporting e Benfica, a presença é sempre alta. O número utilizado, portanto, é de jogos contra equipes de menor torcida, onde se vê o peso real da assistência ao Belenenses SAD.

circunstâncias para reivindicar a retomada do futebol profissional da instituição, negado pela justiça. Fosse pela relação promíscua de seu proprietário com o judiciário, fosse pelo pensamento hegemônico do poder absoluto da propriedade, a contestação protagonizada pelos sócios foi capaz de atingir a massa da torcida, animando empreitadas que viabilizam a reconstrução do clube a partir do zero.

Sevilla Fútbol Club e o afeto pelo estádio

O Sevilla Fútbol Club é considerado um dos maiores clubes espanhóis para além da hegemonia de Real Madrid e Barcelona. Fundado em 1890, ganhou muito destaque nas décadas recentes com conquistas relevantes a nível internacional, com cinco taças da Europa League. Os bons resultados não significam apaziguamento das tensões. Pelo contrário, a própria particularidade da configuração dos clubes espanhóis relegou espaço à situação que nos leva a investigar os conflitos entre seus torcedores e os principais acionistas.

Para tanto, o mesmo exercício de análise da economia política do futebol local, feito no caso anterior, se faz necessário. Em 1990, cria-se a lei de sociedades anônimas desportivas (SAD) que, diferente de Portugal, obrigou a transferência de absolutamente todos os ativos da associação para uma empresa (estádios, centro de treinamento, formação, etc). Só estiveram liberados de conversão em SAD aqueles clubes que estivessem com suas contas saneadas desde 1985 – e nesse caso nos referimos apenas a Real Madrid, Barcelona, Athletic Bilbao e Osasuna. Desse modo, o Sevilla Fútbol Club cria a sua SAD já em 1992, dentro de outra característica própria da lei na Espanha: as primeiras ações foram vendidas prioritariamente entre os então *socios* do clube, dado que é importante para compreender muitos casos desse país.

A nossa fonte para entender a questão adiante é Moises Sampedro Contreras, presidente dos "Accionistas Unidos SFC" (AUSFC), agrupamento de acionistas minoritários da SAD do Sevilla, ligados historicamente àquele quadro de sócios que adquiriram ações. A AUSFC se forma da união do grupo Pequeños Accionistas SFC e Voz del Sevillismo, criados através de uma "sindicación" de ações, passo que garantiria o alcance de um mínimo de 5% do capital total, garantindo-lhes participação na Assembleia de Acionistas do Sevilla FC. Estamos tratando, portanto, de uma espécie de associação entre os antigos sócios que ainda preservaram suas pequenas cotas de ações, de modo a, como o nome de um desses grupos sugere, servir como a voz do "sevillismo", ou como representação da torcida junto ao quadro de acionistas da sociedade anônima.

Os Accionistas Unidos SFC surgem no contexto de grande preocupação quanto da movimentação de um novo investidor que passaria a ter direito de participação na assembleia sob a identificação de "Sevillistas Unidos 2020", uma empresa espanhola, mas de propriedade desconhecida. Moises Sampedro Contretas assim explica:

> De repente, compraram muitas ações. Nós começamos a investigar quem está detrás dessa empresa. Investigando, descobrimos que o único sócio, o dono dessa sociedade, é uma empresa americana [...] que está situada

> em Dellaware. [...] Em Dellaware não há obrigação de identificar o dono da empresa. [...] Aconteceu que alguém criou uma empresa nos Estados Unidos, para criar uma empresa na Espanha, que compra muitas ações de Sevilla e o faz para alguém ninguém sabe quem é! (SAMPEDRO CONTRERAS, Moisés. Entrevista concedida a Irlan Simões Santos. Rio de Janeiro, 30 abr. 2019).

O grupo acredita que essa manobra se dá para ocultar a existência de um investidor estrangeiro. Ações têm sido compradas aos montes de pequenos acionistas, os antigos sócios, que até então correspondiam a cerca de 30% do total da sociedade. Além disso, partes consideráveis do capital pertencente às três famílias que dominam o clube – mas que ainda gozavam de certo prestígio por sua relação histórica com o "sevillismo" – estavam sendo adquiridas, no que resultou, inclusive, na aprovação da entrada de um representante desse grupo misterioso no conselho de administração da SAD.

Até aqui o caso se parece bastante com o de "Os Belenenses", mas ganha contornos especiais quando os Accionistas Unidos SFC começam a denunciar a possibilidade de que esse possível novo acionista majoritário passe a controlar mais de 50% das ações. Essa porcentagem, pelas atuais regras da SAD, daria a esse novo "investidor" o controle sobre o patrimônio do clube: tanto o Estádio Ramón Sánchez-Pizjuán, quanto a cidade desportiva José Ramón Cisnero Palacios.

O Nervión, bairro onde se localiza o estádio do clube, é uma das regiões comerciais mais importantes da cidade de Sevilha, o que dá ao seu terreno um altíssimo valor imobiliário. Uma vez que as sociedades anônimas na Espanha se estabeleceram com o capital de todo o patrimônio dos clubes, não seria uma novidade se isso ocorresse ao Sevilla FC. Estádios foram "trocados" por transações que especulavam sobre os valores de seus terrenos, onde empreiteiros – alguns, inclusive, ligados aos clube – promoviam essa venda para a construção de centros comerciais ou condomínios residenciais de alto valor. Algo que se passou no Valencia Club de Fútbol.

Para Moises Sampedro Contreras, esse fato foi fundamental para a mobilização dos torcedores:

> O 'sevillismo' tem muito medo que alguém de fora, que não seja 'sevillista', compre o clube. Entendemos que uma das coisas que vai fazer é vender o Ramón Sánchez-Pizjuán, destruir o estádio que tanto amamos e vender o terreno. [...] Não só nós, os Accionistas Unidos, mas os torcedores do Sevilla acreditam que se chega um investidor estrangeiro, vai vender o estádio para ganhar muito dinheiro. [...] Não queremos que venha um estranho a vender o estádio que tanto nos custou construir e onde vivemos tantas tardes boas. (SAMPEDRO CONTRERAS, Moisés. Entrevista concedida a Irlan Simões Santos. Rio de Janeiro, 30 abr. 2019).

O caso é interessante porque mostra uma faceta muito particular do futebol-negócio espanhol, onde antigos sócios mantiveram suas ações – que, portanto, poderiam ser vistos como investimentos familiares como qualquer outro – intactas, dada a sua relação sentimental com o clube. Esses pequenos acionistas "sevillistas" assumem para si a responsabilidade de representação de torcedores comuns não

acionistas, se responsabilizando inclusive pela proteção de um patrimônio construído ao longo de mais de quase 130 anos de história. Definem-se como "acionistas de base", por preterirem a relação mercadológica dos seus status de detentores de cotas acionárias pelo papel de torcedores. Não à toa, o mote da organização é "Yo No Vendo" (eu não vendo), que simboliza a posição de resistência à iminente perda do controle do clube.

Foi desse modo que os acionistas de base passaram a se empenhar na mobilização da torcida do Sevilla ante a perda do estádio Ramón Sanchez Pizjuán. Ganharam a aderência do principal grupo ultra do clube, a Biris Norte, cuja atuação dentro e fora dos estádios tem sido crucial para essa movimentação, além da "Federación de Peñas", organização que congrega os coletivos de torcedores dentro e fora do país. A torcida, que até então mantinha boa relação com as tradicionais famílias ligadas ao clube, passou a se engajar frente às denúncias de conivência desses grandes acionistas quanto a esse processo.

Foram esses grandes acionistas, detentores de quase 70% do capital da SAD do Sevilla, que se negaram a acolher a proposta de alteração da regra do controle sobre o patrimônio, onde foi sugerido que se aumentasse a participação mínima para 75% do controle acionário. Dessa forma, as famílias Del Nido, Carrión e o grupo "Sevillistas de Nervión", formado por José Castro (então presidente), Roberto Alés e Francisco Guijarro; tornaram-se alvo dos protestos da torcida.

No dia 13 de dezembro de 2018, dentro do Nervión, torcedores entoaram os cânticos "El Sevilla no se vende!"; "Fuera de Sevilla, ya no te quiero!" e "Sevilla Somos Nosotros". Na semana seguinte, fizeram uma grande caminhada ao redor do estádio para demonstrar a insatisfação generalizada com esse processo de venda que, frise-se, sequer teve uma sinalização mais concreta.

Vale ainda ressaltar que essa não seria a primeira vez que a defesa do estádio estaria em pauta dentro do "sevillismo". No início dos anos 2000, a torcida do Sevilla rechaçou a proposta de mudança do clube para o "Estádio de La Cartuja", construído para o Campeonato Mundial de Atletismo em 1999. Além de usar o clube para atender a interesses políticos, dado que o estádio não tem atrações para funcionar, a proposta também envolvia interesses imobiliários sobre o terreno do Nervión. Novamente Moises Sampedro Contreras explica:

> Nós sempre dizemos que o Sevilla é um clube feito de si mesmo. O Sevilla não era uma empresa, mas é certo que os sócios do clube, os torcedores que iam a campo, aportavam dinheiro no clube, sem tirar nada em troca. Em 1975 foi um ano em que se estava construindo o estádio Ramón Sánchez-Pizjuán e faltava dinheiro para terminar a obra. Então os próprios sócios do clube "a fundo perdido", ou seja, sem tirar nada em troca, fizeram algo que se chamou de "fila zero", que era um dinheiro que se dava para que o clube pudesse terminar a obra do estádio. (SAMPEDRO CONTRERAS, Moisés. Entrevista concedida a Irlan Simões Santos. Rio de Janeiro, 30 abr. 2019).

Na altura da pesquisa em que esse artigo estava sendo escrito, o avanço da compra das ações pelo grupo instalado no paraíso fiscal de Dellaware estava travado. Os Accionistas Unidos SFC seguiram sua investigação independente e sua

mobilização junto ao "sevillismo". Em maio de 2019 conseguiram um termo de comprometimento de lideranças de diversos partidos da Andaluzia, da extrema-direita à esquerda mais radical, com a oposição a qualquer tentativa de venda do patrimônio do clube.

As grandes mobilizações protagonizadas por grupos mais organizados, mas engrossadas por torcedores comuns, por conta da possibilidade da perda do seu histórico estádio, é um exemplo de como o afeto pelo estádio deve ser percebido como um motor de mobilização dos torcedores. A reivindicação de um direito político ou a posse sobre o patrimônio de um clube, sobrepondo inclusive as relações afetivas ao poderoso discurso dos benefícios financeiros que poderiam ser envolvidos nesse processo, muito nos servem como observação da presença dos "princípios do comum". Como sugerido antes, esses princípios se expressam sempre em oposição à apropriação daquilo que as pessoas acreditam estar indisponível, pelo peso que lhes corresponde.

Considerações finais

Nesse artigo traçamos apontamentos para o estudo dos movimentos de torcedores de futebol. Sugerimos que essas experiências surgem como reação ao processo mais intenso de mercantilização do futebol que marca o século XXI, dentro do qual está o processo de "clientelização" do torcedor, impulsionado pela empresarização dos clubes e dos estádios. Apontamos que, em que pese a "clientelização" ter se apresentado como uma demanda da indústria do futebol, ela falha exatamente quando é incapaz de conter essas experiências de torcedores que reivindicam poderes decisórios sobre os rumos do futebol, a partir da exigência de um direito de posse sobre o clube, seja ele uma empresa ou não, e sobre o estádio.

Diante do conflito inerente entre a propriedade de uma empresa e o anseio da torcida – que em leituras mais simplórias redundaria na definição de uma mera relação de consumo –, demandou-se a reflexão teórica em dois sentidos. Por um lado, a compreensão da dimensão da política do cotidiano presente nessas movimentações, onde se apresentam os conflitos entre dominação e apropriação no qual os torcedores buscam disputar os sentidos do futebol. Por outro lado, a adoção do conceito de "comum", que permite abordar a ideia de "produção do futebol" por outro viés, e aparece como um princípio norteador desses movimentos de torcedores, pois contesta em seu fundamento a propriedade como direito absoluto, retomando para si um poder e um direito de interferência nos rumos tomados pelo clube e frente às alterações dos estádios.

De modo a provar essas hipóteses, trabalhamos com dois exemplos. O CF "Os Belenenses", de Portugal, como uma experiência de torcedores mobilizados em torno do sentimento de pertencimento ao clube, e do Sevilla Fútbol Club, que mostravam como o afeto pelo estádio é um dos motores das mobilizações dos torcedores em pleno futebol-negócio. Essas ações reiteram, inclusive, que muitas vezes as promessas de supostos benefícios financeiros, que prometem maior competitividade à equipe, dificilmente dobram as relações dos seus torcedores com aqueles elementos históricos.

Esse artigo reforça a importância da análise dos dilemas políticos do futebol a partir das ações dos torcedores, deixando de percebê-los como massa homogênea ou mero público consumidor. Dada a relevância e mesmo a centralidade do futebol na formação da identidade de um sujeito que se reivindica "torcedor", deve-se ter em conta que a constante mercantilização do futebol vai sempre se chocar com o que esse público mais ativo e frequente entende como ideal.

Referências bibliográficas

CLELAND, Jaime; DOIDGE, Mark; MILLWARD, Peter & WIDDOP, Paulo. *Collective Action and Football Fandom:* A Relational Sociological Approach. Palgrave Studies in Relational Sociology. Basingstoke: Palgrave McMillan, 2018.

DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian. Propriedade, apropriação social e instituição do comum. Tempo Social, *Revista de Sociologia da USP*, v. 27, n. 1, 2015, p. 261-273

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum:* ensaio sobre a revolução no século XXI. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2017.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes:* do direito à cidade à revolução urbana. Trad. de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014

KENNEDY, P. Supporters Direct and supporters' governance of football: a model for Europe? *Soccer & Society*, vol. 13, n. 3, 2012, p.409-425.

LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space.* Oxford, RU e Cambridge, EUA: Blackwell, 1991.

LEFEBVRE. Henri. *Critique of Everyday Life, Volume III:* From Modernity to Modernism. Trad. Gregory Elliott. Londres: Verso, 2008.

LLOPIS-GOIG, R. From 'socios' to 'hyper-consumers': an empirical examination of the impact of commodification on Spanish football fans. *Soccer & Society,* vol. 13, n. 3, 2012, p.392-408.

MASCARENHAS, G. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Cidades* (Presidente Prudente), v. 10, p. 142-170, 2013.

MILLWARD, Peter. *The Global Football League:* Transnational Networks, Social Movements in the New Media Age. Londres: Palgrave Macmillan, 2011.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa.* 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. *Clientes versus Rebeldes:* novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz; SANTOS, Anderson David Gomes dos. Democracia torcedora versus Vantagens consumistas: uma análise da associação clubística em tempos de futebol-negócio. *Mosaico.* Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 246-261, 2018.

26 | O local e o global no futebol espanhol: o caso do Athletic Club e do FC Barcelona (1970 a 2000)

Victor de Leonardo Figols[1]

Identidade nacional e o futebol: o Athletic Club e o FC Barcelona

> Fala em catalão o cimento do *Camp Nou*, em Barcelona e em *euskera* conversam as arquibancadas do San Mamés, em Bilbao (GALEANO, 2010, p. 26).

A identificação do Athletic Club com o País Basco e do FC Barcelona com a Catalunha remonta os primórdios dos clubes, ainda no século XIX. O Athletic Club foi fundado em 1898, por britânicos e por parte de uma elite local. A identificação com a cidade se deu logo nos primeiros anos, tanto que o nome popular do clube é Athletic de Bilbao, uma clara diferenciação com o outro Athletic Club, que foi fundado em 1903[2]. Já na Catalunha, em 1899, o FC Barcelona foi fundado pelo o suíço Hans Gramper, um industrial e ex-jogador de futebol, que estava interessado rememorar as partidas de futebol que vivenciara na Suíça. O interesse de Gramper traiu diversos estrangeiros, principalmente britânicos, que também queriam praticar o *football*.

Tanto no caso basco, quanto catalão, os britânicos tiveram um papel importante não só para influenciara práticas esportivas na Espanha, mais também na formação dos clubes de futebol. O desenvolvimento do futebol nessas regiões se deu de formas muito semelhantes, Carles Viñas:

> The Catalans considered the new sport as another example of the modernity, innovation and cultural trends, proper of Europe by the end of the nineteenth century. In fact, this favourable opinion was proof of the Catalan aspiration of becoming a modern European country after being, along with the Basque Country, the only pieces of the Spanish territory to have experienced an Industrial Revolution. In that period, the region lived its own-cultural, economic and political revival characterised by its desire to modernise (DE WAELE, GIBRIL, GLORIOZOVA & SPAAIJ, 2018, p 127).

A abertura para o capital estrangeiro somada à influência de colônias britânicas, suíças e até alemãs, resultou na fundação de diversos clubes de futebol clubes nas duas regiões. Tão logo chegou ao território espanhol, o futebol se popularizou rapidamente, concorrendo com outros esportes que atraía muito público, como por exemplo, as touradas e o ciclismo. As regiões do País Basco e da Catalunha experimentaram o desenvolvimento industrial, e um dos reflexos foi a popularização do futebol.

---

1 Doutorando em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR) na Linha de Pesquisa Espaço e Sociabilidades. Estuda as identidades regionais dos clubes espanhóis e a globalização do futebol entre 1975 a 2000, a pesquisa é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: vctr.lf@gmail.com.

2 Atualmente é conhecido com Club Atlético de Madrid.

O Athletic Club e o FC Barcelona buscaram se consolidar no cenário futebolístico entre as décadas de 1910. Ainda no ano de 1911, o Athletic Club alterou o seu estatuto para aceitar apenas jogadores de origem basca para atuarem no clube. Na Catalunha, o maior rival da FC Barcelona na época, o Català FC, adotava uma postura semelhante, perimido apenas a presença de jogadores catalães no elenco.[3]

Do ponto de vista do desenvolvimento dos nacionalismos basco e catalão, a virada do século XIX, e o começo do século XX, registrou o fortalecimento dos discursos nacionalistas nas duas regiões. Em ambos os casos, havia influência do nacionalismo romântico, típico da Europa do século XIX. Na Catalunha, entre 1833 a 1850, a língua catalã passou ser usada por intelectuais e literatos, como uma forma de exaltação da cultura popular, de um passado romântico e glorioso. O movimento cultural ficou conhecido como *Renaixença*[4]. Ainda que não tivesse conteúdo político, os textos eram escritos em catalão, o que ajudou a promover a língua, e consequentemente, o *catalanismo*.

Já no País Basco, o político e escritor Sabino Arana (1865-1903) foi o responsável por encabeçar o projeto político-nacionalista. Em 1892, Arana publicou o livro *Bizkaya por su independencia*, no qual defendia a unificação dos diversos dialetos da região (criando o *euskera*[5]), a criação de uma bandeira inspirada na bandeira do Reino Unido, a *Ikurriña*. Além disso, Arana defendiam a independência basca, reivindicando a autodeterminação, sendo que a própria definição territorial foi definida por ele, a *Euskal Herria*[6]. Em suma, Arana defendia o retorno da autonomia política da região, que fora perdida em meados do século XIX. Em 1895, Arana ainda fundou o *Partido Nacionalista Vasco* (PNV), com uma postura conservadora e xenófoba com relação aos espanhóis. O PNV deu origem a diversos partidos políticos e movimentos independentistas, com ramificações tanto à direita, quanto à esquerda. Aqui é curioso notar que, enquanto *catalanismo* valorizava elementos como a língua, cultura e história, o nacionalismo basco se baseou fortemente em fatores territoriais e étnicos.

A década de 1920 foi marcada pela profissionalização do futebol e pela estruturação de competições nacionais. A primeira competição que abarcou o território nacional espanhol foi a *Copa del Rey*, em 1902. Já a primeira liga foi estruturada em 1909, todavia, apenas em 1913 ela foi unificada, após a criação da *Real Federación Española de Fútbol*, no mesmo ano. A profissionalização do futebol espanhol ocorreu em 1926, e a primeira liga nacional, o *Campeonato Nacional de Liga*, ocorreu em 1929.

Do ponto de visto político, os nacionalismos regionais, que estavam em pleno desenvolvimento, sofreram uma grave ruptura com a ascensão de Primo de Rivera ao poder (1923-1930). A ditadura intensificou o discurso nacionalista espanhol, e buscou sufocar os regionalismos. Vale lembrar que o nacionalismo basco havia ganhado adeptos em setores da esquerda, com a criação do partido *Acción Nacionalista Vasca* (1921), que defendia o nacionalismo basco, a autodeterminação dos povos,

3 Com o processo de profissionalização do futebol espanhol o Català FC foi extinto em 1920.

4 Renascença. Tradução nossa.

5 Língua basca

6 Termo usado para definir a região espanhola e francesa do País Basco.

assumindo um discurso nacionalista patriótico[7]. Na Catalunha, o *catalanismo* ainda pertencia a certos setores das classes medias e intelectuais, "a classe trabalhadora militante e predominantemente anarquista, tanto catalã como imigrante, guardava certa desconfiança do nacionalismo de base" (HOBSBAWM, 2011. p. 159).

Durante a ditadura de Primo de Rivera, o governo fechou o então estádio do FC Barcelona, o *Les Corts*, durante seis meses, pois a torcida catalã vaiou a Marcha Real Espanhola – hino da Espanha –, um símbolo nacional espanhol. O discurso *catalanista* se intensificou nas dependências do clube catalão, durante a ditadura de Primo de Rivera, mas como demonstra Duncan Shaw, o mesmo não foi registrado no Athletico de Bilbao: "*antes de la guerra civil el fútbol reflejó el regionalismo de manera mucho más explosiva en Cataluña que en el País Vasco*" (SHAW, 1987, p. 22).

Passado a ditadura, foi instaurado a II República Espanhola (1931-1936), um período com algumas conquistas sociais e políticas, como a experiência das Comunidades Autônomas. A República garantiu autonomia política para as regiões do País Basco e Catalunha, com a criação dos estatutos autonômicos e com políticas voltadas para suas regiões. A criação das Comunidades Autônomas, ou a suposta fragmentação do território espanhol, foi um dos motivos que culminaram na Guerra Civil, em 1936.

Durante a Guerra Civil (1936-1939) os clubes tiveram grandes dificuldades econômicas para sobreviverem. O FC Barcelona teve o seu presidente fuzilado às vésperas da guerra, e a sede social do clube foi bombardeada durante um ataque à Barcelona, agravando ainda mais a sua situação econômica do clube. Na temporada 1938-1939, as atividades futebolísticas foram suspensas em toda a Espanha. Diante da crise, tanto o Athletic Club, quando o FC Barcelona, promoveram excursões para os Estados Unidos da América e México, como uma forma de levantar fundos para sanar suas dívidas. Ao final da guerra – e da excursão –, o clube basco havia perdido o seu elenco completamente, já o clube catalão conseguiu manter alguns poucos jogadores. Nos dois casos, a maior parte dos jogadores decidiu seguir carreira na América, outros ficaram na França.

Ao final da Guerra Civil, e com a consolidação do golpe de Francisco Franco, os nacionalismos regionais – assim como o futebol – foram duramente controlados pela ditadura. Franco ficou no poder entre 1936 a 1975, para além da repressão as identidades regionais e a intensificação do discurso nacionalista espanhol, a política esportiva franquista foi extremamente complexa. Havia membros do governo e colaboradores em diversas instâncias e em todas as entidades esportivas: de federações regionais a clubes. O governo tinha o controle do esporte, e principalmente, do futebol, a partir de três entidades: o *Ministério del Deporte*, a *Delegación Nacional de Deportes* (DND) e a *Federación Española de Fútbol* (FEF).

Durante as décadas de 1940 e 1950, a ditadura franquista interferiu em diversos aspectos do futebol espanhol. Devido à política nacionalista, os clubes forma obrigados a castelhanizar os seus nomes[8]; a altear os escudos, retirando

7 Também conhecida como izquierda abertzale. Esse posicionamento político do nacionalismo basco deu origem ao Euskadi Ta Askatasuna (ETA), em 1958.

8 O Athletic Club adotou o nome Club Atletico e o FC Barcelona passou a ser denominado de -se Clube de Fútbol Barcelona

símbolos regionais e adotando símbolos nacionais; e a desfazer de parte de suas estruturas democráticas. A tradicional competição *Copa del Rey*, passou a se chamar *Copa del Generalísimo*, além de ajudar o Real Madrid CF a criar a Copa da Europa. O governo de Franco também ajudou o clube da capital espanhola a construir um estádio para 75 mil pessoas, em 1947. Em campo, são incontáveis as acusações e denúncias dos rivais de que a arbitragem favorecia o Real Madrid. O clube *merengue* se beneficiou do governo franquista em diversas instâncias graças a figura de seu presidente, Santiago Bernábeu, que era amigo pessoal do ditador.

O governo também interferiu diretamente na política de contratações de jogadores. Em 1953, a contração do jogador argentino Alfredo Di Stéfano foi disputada por Real Madrid CF e FC Barcelona, que acabou sendo resolvida após a interversão dos órgãos do governo. O jogador argentino passou a pertencer ao Real Madrid. Ao final do caso Di Stéfano, os clubes foram proibidos de contratar atletas estrangeiros. Com base em uma política de austeridade, mais também baseado no discurso nacionalistas típico do período, os clubes foram proibidos de contar com jogadores que não tivessem uma origem espanhola comprovada. Essa proibição durou de 1953 até 1973.

Franco se aproximou do Real Madrid com uma ideia usar o clube para promover a Espanha, sobretudo no cenário europeu. Assim, se consolidou a ideia de que o clube da capital era o clube do regime. Para Daniel Gómez, a identificação do Real Madrid como sendo o clube do regime, pode ser explicada pela:

> […] falta de una selección nacional española potente, de la que poder presumir ate el mundo, el Real Madrid ocupó ese lugar y hasta se apropió del viejo mito de la 'fúria española'. La identificación entre el régimen y la entidad presidida por Bernabéu era más do que estrecha, total" (GÓMEZ, 2007, p. 53).

Já para Duncan Shaw, o Real Madrid representava a Espanha, e esta, por sua vez, era representada por Franco. Assim, o clube merengue representava não apenas o país, mas também o regime franquista (Ver: SHAW, 1987, p. 59), e uma ideia de Espanha.

Nessa perspectiva, o Athletic Club passou a representar a região basca, e o FC Barcelona, a Catalunha. Isso fica evidente quando observamos as conquistas desses dois clubes da *Copa do Generalíssimo*. O título, para clubes como o Athletic Club e FC Barcelona[9], significava – ainda que simbolicamente – o reconhecimento de suas identidades nacionais, uma vez que próprio general Francisco Franco entregava taça ao time campeão. Outro exemplo da identificação desses dois clubes com as suas respectivas regiões se deu nos estádios. Um dos poucos espaços públicos onde as línguas regionais podiam ser faladas sem ser coibidas eram os estádios de futebol, assim, as arquibancadas se tornaram um lugar não só de sociabilidade, mas também de resistência das identidades basca e catalã. Além disso, desde a fundação dos clubes, até os anos mais duros da ditadura franquistas, Athletic Club e FC Barcelona buscaram se identificar com suas respectivas regiões, se apropriando de elementos da região basca e catalã, ajudando, assim, a consolidar a ideia de que representavam o País Basco e Catalunha.

9 No período entre 1939 a 1975, cada clube conquistou nove vezes o título da Copa do Generalíssimo.

A década de 1960 foi determinante para o crescimento dos nacionalismos nas camadas mais populares, reflexo do enfraquecimento da ditadura. A política franquista, ao tentar conter as manifestações regionais, tiveram efeitos contrários: "*una fuerte reacción cultural en la* década de 1960, que incluso *provocó una radicalización ideológica y política, tanto en el caso vasco como en el catalán*" (RIQUER, 2010, p. 171). De fato, a penetração das ideias democráticas somadas às reivindicações nacionais, paulatinamente passou a ser presente na sociedade civil. No País Basco, o nacionalismo encontrou lugar no *Euskadi Ta Askatasuna*[10] (ETA). A resistência basca ao franquismo se deu com a criação do grupo, que assumiu uma luta independentista para a região. Curiosamente, apesar das ações mais violentas, a região obteve algumas conquistas políticas, principalmente nos últimos anos da ditadura franquista.

A Espanha (e o futebol) rumo à globalização em meio à redemocratização e os nacionalismos

O ano de 1975 foi marcado por crises e incertezas na Espanha. Do ponto de vista do regime de Francisco Franco, a ditadura começava a dar sinais de enfraquecimento com uma crise política que já se arrastava desde 1969. Essa crise política seria agravada com a morte de Franco (em novembro daquele ano), abrindo uma indefinição quanto ao seu sucessor e a continuidade do regime. No País Basco, o grupo nacionalista basco de extrema-esquerda, o ETA, entrou em seu período de maior atuação, com assassinatos e atentados contra políticos espanhóis, a maioria dos alvos eram políticos ligados ao regime franquista.[11] O *catalanismo*, enquanto movimento político, ganhou novos ânimos após a criação da *Assemblea de Catalunya* (1971-1977), impulsionando o nacionalismo catalão, que começava a ressurgir também para além da política.

Do ponto de vista social e cultural, a Espanha sentiu os reflexos dos movimentos de contestação de maio de 1968, na França. Economicamente, a Crise do Petróleo de 1973, que teve impacto global, foi sentida na Espanha, e teve efeitos duradouros no território espanhol. Na política externa, a Espanha viu seus territórios na África serem invadidos, e posteriormente foi obrigada a cedê-los para Marrocos e Mauritânia. Como mostra Santos Julià (VALDEÓN; PÉREZ & JULIÁ, 2014, p. 456): "Na verdade, ninguém, ao finalizar o ano de 1975, augurava um futuro prometedor".

Após a morte de Franco, Juan Carlos de Borbón assumiu o cargo de chefe de Estado, assim como o cargo de Rei da Espanha. O primeiro governo, depois de anos de ditadura, era uma monarquia. E coube a rei conduzir a transição democrática, em conjunto com Carlos Arias Navarro (*Presidente del Gobierno de España* entre 1974 a 1976). Todavia, enquanto figura ligada ao governo franquista, Navarro foi incapaz sustentar o modelo do regime sem Franco, ou conduzir a transição. A falta

10 Euskadi Ta Askatasuna (Pátria Basca e Liberdade). Era um grupo nacionalista de esquerda que lutava pela independência da região do País Basco. No início do ano de 2011, o grupo declarou cessar fogo. Em outubro do mesmo ano, o grupo encerrou as suas atividades. Em 2018, o grupo foi completamente dissolvido.

11 Em 1973, o Presidente del Gobierno (Primeiro Ministro) da ditadura de Franco foi morto em um atentado no centro de Madrid. Esta não foi o primeiro ataque do ETA, mas marcou o crescimento das ações do grupo.

liderança política de Navarro e as convulsões sociais de 1976 foram determinantes para a sua renúncia. Em seu lugar, Adolfo Suárez assumiu com a missão de conduzir a reforma política. Enquanto o governo buscava meios de viabilizar a reforma, que previa um plebiscito para decidir novas eleições, a oposição buscou apoio entre as lideranças regionais, levantando pautas como anistia, legalização dos partidos políticos, elaboração de estatutos autonômicos, e dissolução das instituições franquistas (VALDEÓN; PÉREZ & JULIÁ, 2014, p. 459-460).

As convulsões sociais por eleições presidenciáveis – somadas a comoção social causada pelo fuzilamento de nove pessoas ligadas a *Comisiones Obreras* e ao *Partido Comunista Español* (PCE) em janeiro de 1977 – aceleraram o processo democrático na Espanha. Então, em junho 1977, foram celebradas as primeiras eleições desde 1936. O mesmo Adolfo Suárez – do partido de centro-direita, o *Unión de Centro Democrático* (UCD) – venceu as eleições. Como bem lembra Filipe Vasconcelos Romão (2014, p. 103), "o processo de democratização espanhol [...] fez-se através de uma reforma política desencadeada por quadros oriundos da própria ditadura que visava eliminar". Coube assim, às figuras que tinham alguma ligação com a ditadura – monarquia e franquistas[12] – conduzir a abertura política.

Ainda que a transição democrática tenha sido marcada por mais continuidades do que ruptura, as eleições de 1977 mostraram que houve algum grau de democracia política. O sistema democrático que estava sendo construindo na Espanha significou um período de conquistas de liberdades que não eram vistas nas últimas quatro décadas. Manifestações culturais, sobretudo regionais, que foram submetidas à censura durante o franquismo, e até mesmo o reconhecimento de outras identidades nacionais – para além da espanhola (ROMÃO, 2014, p. 101; VALDEÓN; PÉREZ & JULIÁ, 2014, p. 456) ganharam o espaço público.

A elaboração da Constituição de 1978 foi um período de ampla discussão sobre as identidades nacionais, principalmente do País Basco e da Catalunha. Aos olhos do governo, as iniciativas das regiões históricas de elaborarem estatutos autonômicos significavam um enfraquecimento do nacionalismo espanhol e uma fragmentação do território. Por outro lado, para regiões como o País Basco ou a Catalunha, a conquista de autonomia significava não só uma reparação histórica após anos de perseguição as identidades nacionais basca e catalã, mais também um reconhecimento legal dessas regiões.

Como bem demonstra Juan Pablo Fusi,

> Por razones históricas, pero también por razones políticas – concretamente por la llegada, desde 1980, de los nacionalismos a los gobiernos autonómicos –, ello iba a ser particularmente relevante en Cataluña y en el País Vasco, las regiones, como sabemos, con un mayor grado de auto-conciencia nacionalista. El nacionalismo vasco aspiraba a la recuperación de una supuesta soberanía histórica de los vascos, a reivindicar para el País Vasco amplias facultades de autogobierno y a definir asociación con España en todo caso como un pacto entre pueblos

12 Vale lembrar que Adolfo Suárez foi do partido único da ditadura franquista, a Falange Española Tradicionalista y de las Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista quando assumiu o cargo de Presidente del Gobierno de España entre 1976 a 1977, antes de ganhar as eleições de 1977, já como membro do partido Unión de Centro Democrático, uma fragmentação da Falange.

> soberanos; el nacionalismo catalán concebía por su parte a Cataluña como un país o nación distinta de los otros pueblos de España con una evolución siempre diferenciada (aunque se hubiese movido en el ámbito de lo español), y dotada de lengua y culturas propias, fuerte cohesión social y acusa de conciencia colectiva. (JULIÁ; DELGADO; JIMÉNEZ & FUSI, 2007, p. 695-696).

Em 1978, a nova constituição espanhola foi promulgada que se baseava "nos princípios de igualdade, liberdade e pluralismo político" (VALDEÓN; PÉREZ & JULIÁ, 2014, p. 465), e o Estado se organizando em um sistema de monarquia parlamentar. Ao longo do texto, a constituição definia a Espanha como uma "nação", e o termo "nacionalidades" foi usado com recorrência para designar as identidades regionais que compunham o território espanhol (ROMÃO, 2014, p. 105-106). Em outras palavras, a Constituição de 1978 garantiu o reconhecimento legal das Comunidades Autônomas da Catalunha e do País Basco[13]. O reconhecimento do governo central espanhol das regiões históricas garantiu, entre outras coisas, um mínimo de independência política e cultural daquelas regiões.

Concomitante a esse processo, o governo de Suárez buscou se inserir na política internacional, principalmente dentro do contexto do continente europeu (ROMÃO, 2014, p. 104). Essa postura ficaria mais evidente nos anos 1980, já sob o governo do *Partido Socialista Obrero Español* (PSOE), quando a Espanha passou a ser membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (em 1982) e da Comunidade Econômica Europeia (em 1986). Durante os anos em que o PSOE esteve no poder, a Espanha viveu uma:

> [...] reconversión industrial, la reforma militar, la modernización de las infraestructuras del país, la terminación del Estado autonómico, la recuperación del papel internacional de España y varios años (1985-1991, 1993-1996) de fuerte crecimiento económico. (DELGADO; FUSI & RON, 2008, p. 143).

O crescimento económico promovido pelo governo do PSOE (1982-1996) colocou a Espanha no cenário internacional, em termos políticos e econômicos, mais também esportivo. A Copa do Mundo FIFA de 1982 e os Jogos Olímpicos de 1992 são exemplos de que a Espanha havia se lançado rumo à globalização, também em termos esportivos.

Do ponto de vista futebolístico, a globalização do futebol espanhol pode ser analisada através de três aspectos: midiatização do futebol, circulação de jogadores, e mercantilização dos clubes. Esses três processos acontecem em consonância entre eles, e em alguns momentos, eles se cruzam.

A crescente espetacularização do futebol, que já ganhava forma nos anos 1970, ganhou mais força com os avanços tecnológicos da mídia televisiva. A Espanha, que desde a Transição Democrática, buscou regulamentar as mídias radiofônica e televisiva, se viu obrigada a criar legislações próprias para o crescente interesse da televisão em transmitir partidas de futebol. A Copa do Mundo de 1982

---

13 Vale ressaltar que apenas a Catalunha conseguiu aprovar o Estatuto Autonômico, em uma ampla discussão entre o Parlamento da Catalunha e o Parlamento Espanhol. Já o processo no País Basco foi marcado pela ação do grupo ETA, que intensificou os seus atentados contra políticos do governo e ex-membros da ditadura franquista. Em linhas gerais, enquanto o catalanismo adotou uma via democrática, institucional e legalista, a luta por reconhecimento do País Basco passo também por uma vai mais radical. Em ambos os casos, as duas regiões, assim como a Galícia, foram reconhecidas na Constituição de 1978, entretanto, cada qual com as suas especificidades no governo regional.

e os Olímpicos de 1992 aceleraram esse processo. Deste modo, entre 1980 a 1997, o governo espanhol criou diversas leis e estatutos para regulamentar as redes televisas[14].

Outro aspecto da globalização é a circulação de jogadores. A abertura política e econômica da década de 1970 atrelada ao crescimento econômico dos anos 1980 e 1990 permitiu que os clubes espanhóis contratassem jogadores para além do território nacional. É bem verdade que desde a década de 1960 os clubes e as entidades esportivas já discutiam o fim das restrições aos jogadores estrangeiros[15]. Todavia, foi apenas em 1988 que os clubes passaram a contar com até três jogadores estrangeiros por elenco, escritos em competições espanholas. A entrada da Espanha na Comunidade Econômica Europeia, e principalmente, a resolução do Caso Bosman (1996) modificou toda a política de contração dos clubes, permitindo que jogadores com nacionalidade dos países membros da Comunidade Europeia não fossem considerados estrangeiros dentro do futebol espanhol. Em outras palavras, isso significou uma maior circulação de jogadores comunitários, e por outro lado, abriu novos mercados como o Leste Europeu, América do Sul, África e Ásia.

O terceiro aspecto da globalização do futebol espanhol é a mercantilização. Entende-se mercantilização como a transformação do futebol em uma mercadoria, e em um negócio. Esse processo está diretamente atrelado à midiatização / espetacularização do futebol, pois as televisões foram diretamente responsáveis por colocar grande quantidade de dinheiro nos cofres dos clubes, seja comprando os direitos de transmissão das partidas, os direitos do uso da "marca" do clube, ou o direito de imagem dos jogadores. O dinheiro injetado pelas televisões permitiu que os clubes investissem na transferência de jogadores. Nos anos 1980 e 1990, mesmo com a participação de patrocinadores e das cotas televisivas, o que mais movimentava a economia dos clubes era a transação de jogadores. Essa movimentação financeira dos clubes chamava a atenção do governo espanhol, que buscou criar mecanismos para controlar, e, sobretudo fixar impostos específicos para os clubes[16].

Com o acirramento dos discursos nacionalistas (espanhol, basco e catalão)[17], e com a globalização em curso, os clubes tiveram que buscar mecanismos para sobreviver as mudanças. Assim, os clubes tiveram que enfrentar os dilemas e os conflitos impostos pela globalização, adotando estratégias para enfrenta-la, sem abrir mão de suas identidades locais historicamente enraizadas.

---

14 Estatuto de La Radio y Televisión (1980); Ley del Tercer Canal de Televisión (1983), também conhecida como Lei das Televisões Autônomas; Ley de Televisiones Privadas (1988); Ley Reguladora de las Emisiones y Retransmisiones de Competiciones y Acontecimientos Deportivos (1997), também conhecida como Ley de Televisión Digital ou Ley del Fútbol.

15 Durante a ditadura franquista só eram aceitos jogadores de origem hispânica, de preferência filhos ou netos de espanhóis, falantes da língua espanhola. Além disso, o jogador não poderia ter atuado pela sua seleção nacional. Se um jogador não atendesse todos os critérios não poderia ser contratado, pois era considerado um extranjeros. Caso atendesse, era tratado como um oriundo. Cada clube podia contar com até dois oriundos por elenco. Essa restrição acabou em 1972, depois de uma ampla discussão entre clubes, entidades esportivas e o governo.

16 Plan General de Contabilidad a los Clubes de Fútbol (1986); e Ley del Deporte (1990).

17 Em 1996, o Partido Popular (PP) assumiu o governo. Era uma ramificação do partido franquista, a Falange. O PP ficou no poder entre 1996 a 2000, durante esse período buscou combater o grupo ETA, e o nacionalismo basco de forma geral. Além disso, tentou restringir a atuação política de autoridades das regiões autônomas.

Dentre os três aspectos da globalização do futebol, aquele que mais afetou as particularidades locais dos clubes foi à circulação de jogadores. Durante anos, o mercado de jogadores foi restrito na Espanha, mas desde a flexibilização, em 1972, os principais clubes buscaram meios de poder contar com mais jogadores estrangeiros, ao passo que os clubes de menor porte temiam os feitos da abertura do mercado.

Em 1988, inspirada no modelo italiano, a *Liga*[18] iniciou o movimento para aceitar o terceiro estrangeiro. Entretanto, não havia consenso entre os clubes, jogadores, federação e a Liga:

> […] los clubes tienen una opinión diferente sobre el asunto […]. Unos consideran interesante la posibilidad del tercer extranjero mientras que otros opinan de forma opuesta. Y, en definitiva, es a las entidades con mayores recursos económicos a las que puede parecer mejor la medida, en caso de producirse, pues podrían afrontar las contrataciones oportunas, en tanto que los clubes modestos no podrían llevar cómodamente a efecto tal posibilidad. Únase a eso el hecho de que en el mercado no existen los jugadores precisos por calidad y cantidad y en condiciones económicas factibles. (*ABC*, 6 de março de 1988, p. 99).

Por meio da *Asociación de Futbolistas Españoles* (AFE) os jogadores se posicionaram sobre o assunto, rechaçando a proposta de "*ampliación del cupo de jugadores extranjeros permitido por la reglamentación federativa actual*" (*ABC*, 7 de abril de 1988, p. 69). Os dois principais clubes da Espanha (Real Madrid e FC Barcelona) estavam dispostos a aceitar o terceiro jogador estrangeiro, ao passo que os demais clubes tinham receio quando a proposta. Já a AFE, temia que a invasão de estrangeiros, enfraqueceria o futebol espanhol.

Em agosto de 1988, a *Federación* e *Liga* – sem levar em consideração o posicionamento da AFE – chegaram a um acordo: a partir da temporada 1988-1989, os clubes da primeira e segunda divisão poderiam contar com até três jogadores estrangeiros. Enquanto os presidentes do Real Madrid e do FC Barcelona se posicionaram a favor do terceiro estrangeiro, o presidente do Athletic Club se mostrou contrário à proposta. É curioso notar que durante esse período de adequação, o FC Barcelona contratou diversos jogadores bascos, a maioria era da Real Sociedad de Fútbol, mas alguns eram do Athletic Club.

O debate sobre a circulação de estrangeiros se intensificaria após a resolução do Caso Bosman (1996), que estabeleceu a livre circulação de jogadores com nacionalidade dos países membros da União Europeia, não fossem considerados estrangeiros. Com exceção do Athletic Club, os clubes espanhóis passaram a contratar mais jogadores estrangeiros, principalmente o FC Barcelona.

A opinião pública e diversos órgãos esportivos acreditavam que a livre circulação de atletas geraria receitas para os clubes, melhoraria o espetáculo esportivo – que àquela altura, já estava sob o monopólio das televisões. Entretanto,

18 A Liga Española não era organizada pela Federación Española de Fútbol, e sim pela Liga de Fútbol Profesional (LFP), composta pelos clubes da primeira e segunda divisão.

o que se viu foi uma concentração das receitas dos clubes, acirrando ainda mais o abismo econômico e esportivo entre os clubes grandes e pequenos.

Os clubes bascos – Athletic Club e da Real Sociedad[19] – haviam alertado sobre o risco de abrir o mercado espanhol, já na década de 1970. Naquela época, a preocupação desses clubes era dupla: regionalista e esportiva. Regionalista, porque ao se posicionarem contra a presença de jogadores estrangeiros, eles estavam valorizados os jogadores locais, bascos; e esportiva, pois defendiam que os clubes bascos teriam chances menores de contar com os melhores jogadores, e consequentemente, teriam equipes menos competitivas.

Fato é que, tanto na década de 1970, quando nos anos 1990, o Athletic Club teve que rever suas restrições. Em 1970, passou a permitir jogadores que não nasceram no País Basco, mas que foram criados desde pequenos no território, e com um dos pais de origem basca. Em 1997, após o Caso Bosman, uma nova revisão da restrição ampliou a noção de País Basco para as regiões históricas em território francês. E no final daquela década, o Athletic Club passou a aceitar jogadores que nasceram fora do País Basco, mas que forma trazida para a região, e com pelo menos um dos pais bascos. Além disso, o clube basco passou a valorizar ainda mais a formação de jogadores.

No FC Barcelona, a presença jogadores de várias nacionalidades no clube catalão não foi muito bem assimilada por parte do elenco principal. Os jogadores catalães Óscar Garcia (formado na base) e Sergi Barjuan, denunciaram na imprensa o tratamento desigual que vinham recebendo após a resolução do Caso Bosman:

> (…) los futbolistas catalanes parecen ahora “extranjeros” porque son cada vez más una minoría en la plantilla.
>
> “Esto está cambiando mucho. Parece que los jugadores de la casa somos los extranjeros, en el sentido del número que somos”, manifestó Óscar. Su compañero Sergi Barjuan coincidió en esa valoración: “El fútbol ha cambiado mucho con la sentencia Bosman. Antes tenías cuatro o cinco extranjeros que eran los que marcaban la diferencia y los jugadores de la cantera se sentían más protegidos” (*La Vanguardia*, 22 de janeiro, 1999, p. 29).

Outro jogador do clube catalão também se manifestou. O atacante holandês Kluivert questionou que a grande quantidade de jogadores holandeses no clube poderia criar uma expectativa ainda maior sobre os holandeses do elenco, e em caso de derrota, isso poderia gerar uma crítica muito aos estrangeiros (Ver: *La Vanguardia Española*, 17 de janeiro de 1999, p. 56). Ao passo, que a presença de muitos estrangeiros também poderia criar uma desconfiança na qualidade dos atletas locais (espanhóis e catalães).

Entre 1975 a 2000, o FC Barcelona, contratou diversos jogadores estrangeiros, mas foi na década de 1990, que buscou contar com os melhores atletas da época, como por exemplos, os brasileiros Romário, Ronaldo e Rivaldo. Por outro lado, no mesmo, período revelou jogadores catalães que assumiram protagonismo na equipe

19 Nessa época, a Real Sociedad também só aceitava jogadores de origem basca. Só na segunda metade da década de 1990 que o clube passaria a contratar jogadores estrangeiros.

principal, tanto em campo, quanto defendendo os interesses da Catalunha, são eles: Josep Guardiola (revelado na década de 1990), e na vidada do século XX, Carles Puyol e Xavier Hernández.

Enquanto o FC Barcelona contratava jogadores estrangeiros, e valorizava a formação de jogadores, sobretudo catalães, o Athletic Club se articulou de forma diferente diante da globalização. O clube basco passou a investir em sua base formadora, além de procurar jovens atletas nos clubes de menor expressão da região basca. O Athletic Club passou a revelar, cada vez mais, jogadores talentosos que atraíram o interesse de outros clubes espanhóis. Talvez os mais conhecidos foram Andoni Zubizarreta, Ernesto Valverde e Ion Andoni Goikoetxea, que foram revelados e jogaram nos anos 1980, e posteriormente vendidos para o FC Barcelona.

Ao longo de sua história, o Athletic Club assumiu o papel de representante futebolístico do nacionalismo basco. O apoio do clube em algumas manifestações e campanhas a favor da autonomia basca, da difusão de símbolos bascos e da língua *euskera*, assim como a sua política de contratar apenas jogadores de origem basca, ajudaram o clube estabelecer uma forte relação com a localidade. E ainda assim, o clube basco não foi completamente excluído do processo da globalização do futebol. A formação de jogadores, e consequentemente, a venda de seus melhores atletas para os principais clubes espanhóis garantiu a sobrevivência do clube basco diante da globalização. No período entre 1975 a 2000, o Athletic Club se consolidou como a terceira (ou quarta) força do futebol espanhol, conquistando um título da *Copa del Rey* (1983-1984), uma *Supercopa da España* (1984) e dois títulos da *Liga* (em 1982-1983 e 1983-1984). Além de algumas participações em competições europeias.

Já o FC Barcelona, também assumiu ao longo de sua história um papel de representante da Catalunha. A adoção de símbolos nacionais catalães, a oficialização da língua catalã na vida cotidiana do clube, o alinhamento dos interesses da região em consonância com os interesses do clube – como a ideia de uma Catalunha independente política e financeiramente –, fizeram do FC Barcelona o representante da região. Ao mesmo tempo, o clube soube explorar sua identificação com a Catalunha, para se inserir na lógica global do futebol, buscando compor o elenco da equipe principal com os melhores jogadores do mundo, ao lado de jovens talentos formados na base (fossem catalães ou não) (Ver: FIGOLS, 2016). Entre 1975 a 2000, o FC Barcelona conquistou 21 títulos nacionais[20] e sete títulos internacionais[21], se estabelecendo como o principal clube espanhol (ao lado do Real Madrid), e entrando definitivamente no cenário internacional do futebol.

Apesar do conflito entre o local e global, "as tendências esportivas locais seguem muito poderosas, e obrigam continuamente a reescrever o relato global do futebol" (ALABARCES, 2012, p. 196). Da mesma forma que "o Barcelona não pode, nem deseja, deixar de ser o símbolo de uma identidade local: a representação regional catalã perante o centralismo do estado espanhol" (ALABARCES, 2012, p. 199), o Athletic Club não pode, nem deseja, deixar de ser um símbolo da identidade basca. Nessa perspectiva, o choque entre as dimensões locais dos clubes com a

20 Foram sete títulos da Liga, e sete títulos da Copa del Rey, além de cinco taças da Supercopa da España, e duas Copas da Liga.

21 Foram quatro títulos da Recopa da Europa / Copa dos Campeões da Europa, duas taças da Supercopa da UEFA, e um título da Copa da Europa (atual Liga dos Campeões da UEFA).

globalização do futebol pode ser pensada a partir da ideia de ressignificação, tanto do local, quanto do global. E como vimos, diante do processo globalizante, o Athletic Club intensificou o seu discurso local, valorizando ainda mais jogadores bascos e formados na base, e ainda sim teve certo êxito ao se inserir na lógica global. Já o FC Barcelona, resinificou o seu discurso local, e adotou estratégias para se inserir na globalização, sem abandonar as suas particularidades locais. Em suma, significa dizer que a resposta à globalização partiu das experiências locais dos clubes, e são essas experiências que acabaram por ressignificar também a globalização do futebol.

Referências bibliográficas

ALABARCES, Pablo. *Futebol e globalização: as formas locais das mercadorias globais*. Bauru: revistafaac, v. 1, n. 2, out. 2011/mar. 2012.

DE WAELE, Jean-Michel; GIBRIL, Suzan; GLORIOZOVA, Ekaterina; SPAAIJ, Ramón (Eds.). *The Palgrave International Handbook of Football and Politics*. Palgrave Macmillan, 2018.

DELGADO, José Luis García; FUSI, Juan Pablo & RON, José Manuel Sánchez. *Historia de España: España y Europa*. Barcelona: Crítica-Marcial Pons, 2008.

FIGOLS, Victor de Leonardo. *FC Barcelona: entre o global e o regional (1988-1999)*. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GÓMEZ, Daniel. *La Patria del Gol – Fútbol y Política en el Estado Español*. Irun: Editorial Alberdania-Astiro, 2007.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

JULIÁ, Santo; DELGADO, José Luis García; JIMÉNEZ, Juan Carlos; FUSI, Juan Pablo. *La España del siglo XX*. Marcial Pons Bolsillo: Madrid, 2007.

RIQUER, Borja de. *Historia de España: La Dictadura de Franco*. Barcelona: Crítica-Marcial Pons, 2010.

ROMÃO, Felipe Vasconcelos. *Nacionalismos espanhóis: tensão e conflitualidade*. Lugar da história. Lisboa: Edições 70, 2014.

SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

VALDEÓN, Julio; PÉREZ, Joseph; JULIÁ, Santos. *História de Espanha*. Lisboa: Edições 70, 2014.

27 | Maracanã: símbolo das disputas e da complexidade das modernas contradições brasileiras

Felipe Oliveira Santos[1]

Introdução

Um dos aspectos mais interessantes de se investigar a formação de uma identidade cultural brasileira é observar a sua associação com o futebol, que, por sua vez, é considerado um elemento central das relações sociais no Brasil desde a sua chegada por aqui, ainda no século XIX, especialmente na capital federal, o Rio de Janeiro, que já observava o desenvolvimento de modalidades como o turfe e o remo.

É igualmente importante observar que a sua popularização enquanto prática desportiva se deu através de associativismos, especialmente em clubes. Inicialmente elitista, o futebol foi se popularizando rapidamente, especialmente nos subúrbios cariocas, que se formavam ao longo de uma malha ferroviária e urbana criada durante a expansão da cidade no início do século XX. Nas palavras de Melo e Peres (2017),

> A prática foi mobilizada enquanto símbolo de identidade nacional e expressão por excelência da "originalidade" mestiça — entendida como sinal positivo — da nossa formação social. Mais do que isso, tal representação passou a ser considerada uma metonímia da autoimagem e de uma suposta essência do brasileiro e, em particular, do carioca (MELO; PERES, 2017, p. 472).

Não é um objetivo deste artigo evidenciar as origens do futebol. Mas sim lançar questões que possam permitir o estabelecimento de um olhar sobre como o futebol se insere dentro de uma dinâmica de Estado que é, também, um reflexo de como o Brasil se encaixava no contexto da modernidade e as suas demandas de um país considerado subdesenvolvido. O futebol rapidamente virou um fenômeno de massa, assistido por multidões cada vez maiores.

Sendo assim, era quase que inevitável que as esferas públicas olhassem para o futebol como um ambiente ideal para a difusão de ideias e valores próprios que tivessem como alvo o estabelecimento de uma unidade nacional, ainda que construída. Tal prática não foi exclusiva do nosso país, mas ganhou contornos especiais na América Latina e, claro, no Brasil, onde possivelmente a lógica de desenvolvimento moderna se subverte para atender interesses das classes dominantes, interessadas em manter seus privilégios. E que não se furtaram em usar o Estado como meio para essa manutenção.

Deste modo, um outro objetivo deste estudo é associar o futebol a uma política de Estado, tomado neste caso como agente nomeador da realidade, como defende Bourdieu (2014). Ele projetou sobre dois alvos principais as suas expectativas de criação de uma identidade nacional. O primeiro forjar uma trajetória que tornasse

1 Mestrando em sociologia política pelo Iuperj/UCAM, graduado em Jornalismo pela Puc-Rio. Docente no Centro Universitário Carioca – Unicarioca.

a seleção brasileira um símbolo de uma nação. E o segundo, a construção de um palco grandioso, majestoso, que seria a arena onde essa sensação de pertencimento seria posta à prova: o Maracanã, que, mesmo antes da sua construção, já foi palco de variadas disputas políticas, especialmente graças ao ambiente de organização de uma Copa do Mundo, em 1950.

O estabelecimento de uma rede complexa de codependências entre os indivíduos, nas palavras de Elias e Dunning (1992) não implica necessariamente na geração de um ambiente de ampla participação social. Dentro da égide moderna, o esporte foi concebido como um espetáculo para as massas e não feito por elas. Mesmo assim, a contribuição do estádio para a construção de um imaginário em torno de um projeto de nação pode ser entendida como fundamental, a ponto de o local ter sido, por muito tempo, o grande palco da seleção brasileira.

Brasil e a inversão do papel do estado moderno

As questões que envolvem o papel do Estado no que diz respeito ao desenvolvimento social na América Latina têm tomado boa parte das análises de estudiosos e cientistas, especialmente no processo de formação da sociedade brasileira. Temas como a sociedade patriarcal, a formação católica, a passagem de uma economia escravocrata para uma capitalista periférica e a sua respectiva inserção no quadro internacional, ou mesmo o aspecto de valorização de uma "cultura brasileira" passariam a ser recorrentes nas análises que se seguiriam. As condições de formação da sociedade brasileira se deram em um caráter único, especialmente se forem observados dois pontos: a contrapartida sociedade civil/ Estado e a impossibilidade da formação de um Estado Nação nos moldes clássicos.

O Estado-Nação é a forma pela qual se consegue a pacificação social na modernidade. Ele centraliza a violência que permite a formação do indivíduo autocontrolado e a previsibilidade das ações sociais. Este sujeito se vê em perspectiva ao internalizar um conjunto de disposições, provocando uma situação de estabilidade e sociabilidade. Nas palavras de Giddens (2001), "O poder administrativo penetra agora cada vez mais nas minúcias da vida diária e nas mais íntimas ações pessoais e relações" (GIDDENS, 2001, p.320).

Aprofundando-se ainda mais sobre o tema, podemos analisar que o Estado Moderno estabelece uma rede de codependências. Pierre Bourdieu, por exemplo, vê que a eficácia do Estado reside no seu poder de nomeação da realidade, e que, portanto, está no campo do simbólico. Trata-se de um poder de "fazer crer". Afinal, toda classificação é um princípio de representação da realidade. Ele sincroniza as atividades humanas. Tudo passa a ser organizado pelo calendário, que também se apropria da luta dos grupos e dilui a memória. Os compromissos públicos são mediados pelo tempo fornecido pelo Estado. Ele cria uma classificação universal, pública: "Impor estruturas cognitivas e avaliativas idênticas é fundar um consenso sobre o sentido do mundo" (BOURDIEU, 2014, p. 312).

A sincronização das atividades cria os diferentes espaços públicos que dependem do Estado para existir, mas que não se identificam como persona. Apesar da influência marxista, ele não vê o Estado como agente coercitivo, todavia, não vê

como possível ver o Estado Moderno sem as classes e, mais precisamente, a luta entre elas. As diferenças de classe nascem do simbólico, já que as escolhas são feitas na forma de hábito, são sistemáticas, dizem sobre estilos de vida e implicam formas de pertencimento a uma classe. A luta de classes, para Bourdieu, não se resolve no campo econômico, no mundo produtivo. Mas ela está também na economia das trocas simbólicas, onde o Estado Moderno atua fortemente. Ele passa a ser uma espécie de metapoder, pois afeta a distribuição do poder quando se constitui a burocracia. Permite que campos se tornem invisíveis, se transformando no espaço do universal e do público. Quanto mais o governo se propõe universal e público, mais aumenta a rede de codependências entre o governante e os intermediários.

> A interdependência envolve todos os grupos, todas as ordens e classes, todos os indivíduos, uns em relação aos outros — ora amigos, aliados e parceiros, ora rivais e inimigos. Ao cabo dessa refrega, os recursos centralizados passam às mãos de um número cada vez mais numeroso de agentes interdependentes e detentores de princípios distintos e concorrentes de potência —religioso, burocrático, jurídico, econômico, cultural, militar —, na transição do controle privado de uma família, de uma linhagem, ao monopólio público. Ressalve-se que a interdependência entre desiguais sucede sempre ao abrigo de interesses dominantes (MICELI, Sérgio, *apud* BOURDIEU, 2014, p. 22-23).

A formação da sociedade por aqui teve no Estado um ator importante. Alguns autores defendem que, no caso do Brasil, ele tenha funcionado como um artífice, um agente modelador da sociedade, que estabeleceu esse processo de forma arbitrária, autoritária. O Estado, portanto, tutelaria os interesses da sociedade, que seria pouco organizada para defender seus pontos de vista e que, assim, não atingiria a sua autonomia. Essa sociedade "gelatinosa" acabaria corroborando a visão tutelada de si mesma. Essa visão, especialmente compartilhada pelas elites brasileiras, explicita que o povo precisaria ser guiado, tutelado, num movimento vertical, de cima para baixo. Ianni (2000) aponta que a ideia de um povo, uma das razões deste processo seria porque "a composição índios, negros e brancos, isto é, escravos e livres, ou dominantes e subalternos, pode ser explosiva" (IANNI, 2000, p.4). A composição social de estamentos inferiores pode ser ameaçadora ao domínio dos mais poderosos. Dentro de um ambiente patriarcal, são feitos arranjos conciliatórios, reformas feitas "pelo alto" que agradem a determinados setores e que, como consequência, impedem momentos de ruptura institucional. Deste modo, as estruturas de dominação não são reveladas.

Pode-se considerar a resistência em aceitar as mudanças impostas pela modernidade como uma característica da sociedade brasileira descrita por Sérgio Buarque de Hollanda. A valorização da organização familiar funde-se com a noção de Estado, que passa a ser visto como o "chefe de família", tornando-se senhor, juiz e carrasco. Portanto, se constitui em prolongamento da família. Da mesma forma, a cordialidade pode ser entendida como a supremacia do indivíduo sobre a sociedade, que passa a ser constituída de forma individualista: não sabe partilhar seus ganhos. A cordialidade, desta forma, mascara o conflito. "No Brasil onde imperou, desde os tempos remotos, o tipo primitivo de família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização (...) ia acarretar em um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos até hoje" (HOLANDA, 1995, p.145). Predominam, portanto, as vontades

particulares realizáveis em círculos fechados, pouco acessíveis a uma organização impessoal.

Parece correto afirmar que, no Brasil, houve um casamento entre uma organização mais formal de estado e da vida social com um jeito de ser mais informal de resolver os problemas da modernidade. Na prática, as relações pessoais acabam mantendo privilégios e marcam fronteiras sociais. Mas também criam formas de se opor à excessiva burocratização e impessoalidade estatal. Trata-se de uma dificuldade em mesclar as demandas modernas com características peculiares do país. Então, moderno e arcaico, público e privado se entremeiam em relações sociais extremamente complexas, mas que afirma o hibridismo de normas socialmente compartilhadas.

Futebol no Brasil: um jogo entre moderno e arcaico

O futebol já se estabelecia no Brasil antes mesmo do regime oligárquico. Inicialmente, foi introduzido pelas elites que, durante muito tempo, defenderam um *ethos* amador contra a profissionalização do esporte. Todavia, as fronteiras sociais do esporte acabaram sendo transpostas pelos setores populares, onde a prática consistia em um modo de se representar a vida negada em outros campos sociais.

O crescente processo de urbanização e industrialização do Brasil fez com que surgissem clubes ligados a empresas que recrutavam operários para suas equipes. Os casos mais famosos foram os de Bangu e Vasco, por exemplo. Neste ponto, já se percebe como a inserção da modernidade no Brasil foi, pouco a pouco, sendo adaptada por práticas híbridas, informais, que estabeleceu laços de proximidade entre jogadores e os dirigentes dos clubes. De acordo com Franco Júnior (2007), "Com frequência bons atletas gozavam de privilégios, dedicando-se cada vez menos às atividades para as quais haviam sido contratados e cada vez mais ao clube de sua empresa" (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 64).

No Brasil, o futebol se estabelece pelo seu caráter modernizador, que vai conviver o tempo todo com aspectos arcaicos da formação social brasileira. A rotinização das condutas, da qual Norbert Elias[2] já falava, foi fundamental para a organização de um tecido social que tenha servido de base para a consolidação das nacionalidades. E que, por sua vez, tenha possibilitado uma nova prática governamental, o Estado Moderno. Quando se fala em termos de desporto, Elias e Dunning (1992) lembram mais uma vez da teoria da codependência. Ou seja, jogos são organizados como configurações sociais. Como os autores lembram, eles estão intrinsecamente conectados com a estrutura social. Eles são: "intimamente interligados, muitas vezes de forma complexa, com a estrutura da sociedade em geral e com a maneira como esse tecido e entrelaçados no âmbito da estrutura das interdependências sociais" (ELIAS; DUNNING, p. 302, 1992).

Sendo assim, o esporte não só pode contribuir muito para as análises das dinâmicas de poder dentro do Estado, como também não pode mais ser dissociado da análise deste. A principal contribuição é observar como o esporte trabalha conflito e

2 Sociólogo alemão (Breslávia – 22/6/1897; Amsterdã – 1/8/1990) cuja principal contribuição para os estudos da sociologia foram os dois volumes de "O processo civilizador", que estabelece relações entre as estruturas psíquicas individuais e o seu modelamento pelas atitudes sociais.

consenso não como opostos maniqueísticos, mas sim como forças complementares que vão organizando o todo social.

Os Estados Nacionais se apropriam da prática esportiva. Não só como uma maneira de propagar políticas higienistas, por exemplo, mas também para agradar a um maior número de pessoas possível para assim, angariar a simpatia das pessoas. Sugere-se, portanto, que esse processo que deu ares de "seriedade" ao esporte moderno, passa pela questão da formação dos Estados Nacionais. Pode haver uma ligação entre o processo de civilização e a crescente seriedade nas formas de participação no esporte.

O esporte, portanto, é um fenômeno que se transforma com o advento do Estado Moderno. Mais precisamente, ele se transforma na direção de um espetáculo que se direciona para o espectador e, posteriormente, é apropriado para uma capitalização política que varia de acordo com suas metas específicas, mas que, no geral, tende a ter como objetivo principal a perpetuação de uma série de atores no exercício do poder.

Oliven (2001) destaca que a modernidade no Brasil é vista ora como um processo de adoção de modelos culturais europeus vigentes ora, em certos momentos, de valorização da cultura brasileira pelas elites. Observando esta premissa, pode-se dizer que essas duas tendências polarizavam a prática do futebol no Brasil do início do século XX: a primeira, onde prevalecia uma "pedagogia europeia", de etiqueta, coordenação dos movimentos, de uma prática civilizacional, de controle das pulsões; e a segunda, onde estavam os trabalhadores que misturaram, pouco a pouco, o estilo de jogo europeu com ritos populares, como a dança e a capoeira. Tão logo foi assimilado com velocidade nos centros urbanos, o futebol foi se constituindo em um fenômeno de massas, entrando na agenda política não como elemento de inclusão ou de aproximação de classes, mas sim como um meio de difusão de discursos e doutrinas oficiais, como, por exemplo, a construção de uma identidade popular.

O FUTEBOL COMO PRÁTICA ASSOCIADA AO ESTADO

O estado assume o papel de guiar o processo de modernização, levando com ele uma burguesia emergente e uma série de oligarquias interessadas na expansão industrial e na formação de um mercado consumidor interno. Nas palavras de Santos (2005): "Essa nova base econômica ultrapassa o nível regional, para situar-se na escala do país" (SANTOS, 2005, p.27). Ganha destaque o papel da burguesia nascente no Brasil como grupo capaz de empreender a modernização brasileira de uma forma bem peculiar. De acordo com Fernandes (2006), ela conseguiu se impor no terreno político e estabelecer um pacto tácito de dominação de classe:

> Ao contrário de outras burguesias, que forjaram instituições próprias de poder especificamente social e usaram o Estado para arranjos mais complicados e específicos, a nossa burguesia converge para o Estado a faz sua unificação no plano político, antes de converter a dominação sócioeconômica no que Weber entendia como 'poder político indireto' (FERNANDES, 2006, p. 240).

A lógica burguesa era, portanto, dúbia. Se, no discurso econômico, assumia um caráter progressista, agia de forma conservadora e reacionária do ponto de vista político e, especialmente, no social. Era uma dominação que agregava métodos autocráticos, consolidando um processo conservador de prevalência. Na nova realidade moderna brasileira, mais uma vez se une o aspecto arcaico com traços de progresso (ainda que restritos ao aspecto do desenvolvimento econômico).

O futebol, neste momento, já é uma arena onde se reverberam não só as tensões sociais dos primeiros anos do século XX, num embate entre uma burguesia emergente e uma aristocracia decadente. A partir da Revolução de 1930, e a chegada de Getúlio Vargas ao poder, o futebol vai acompanhar os rumos da modernização iniciada desde a proclamação da República, em 1889.

Os momentos de Copa do Mundo são especialmente importantes para discutir o significado de nacionalidade. O antropólogo Clifford Geertz, em um estudo sobre a briga de galos em Bali[3], disse que a cultura pode ser entendida como um "conjunto de textos". Para o Brasil, a Copa é um texto importantíssimo. Especialmente pelo aspecto da memória social construída em torno dela. Diversos grupos disputam para se transformarem em "proprietários" dessa memória ou mesmo para acionar e/ou esquecer fatos de acordo com critérios que, por vezes, podem até ser obscuros.

Assim, é importante observar a "invenção de tradições"[4], para usar o termo estudado por Hobsbawn e Ranger (1997) e a sua aplicação no campo futebolístico. Tais tradições acabam confirmando identidades nacionais, legitimando-as. Copas do Mundo são potencialmente geradoras de tradição, desde em campos como os sistemas táticos de jogo até o comportamento do torcedor nos estádios e, especialmente tidas como manifestações políticas, de representação e associação com um ideal de nação.

Para Pollak (1992), há uma relação entre a construção de uma memória e a manutenção de identidades. No âmbito dessas representações, há também a formação de uma memória coletiva que, para Helal e Cabo (2014), "reproduza os valores necessários ao fenômeno de identificação comum" (HELAL; CABO, 2014, p. 18).

A tensão entre uma burguesia que defendia o amadorismo no futebol e a profissionalização da modalidade foi desfeita já na década de 1930, com as políticas de integração nacional criadas por Getúlio Vargas. O futebol deveria ser controlado por uma entidade que defendesse os interesses nacionais em detrimento de rivalidades regionais e locais, como Rio e São Paulo. Não que esta rivalidade fosse deixar de existir na prática. Mas precisava ser combatida em nome de uma integração.

Do ponto de vista sociológico, Couto (2014) observa que o Estado Novo tem inspiração positivista, seguindo as ideias de Durkheim: "os preceitos de organicidade social desenvolvidos por Durkheim constituem-se como a base ideológica do projeto de nação engendrado pelo Estado Novo. Nessa ótica, o corpo é instrumentalizado, disciplinado, e até militarizado" (COUTO, 2014, p.25). Era preciso formar uma

3 GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre as brigas de galos balinesas. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora LCT, 1989.

4 Conceito que se caracteriza pela repetição e invariabilidade de um passado real ou forjado.

sociedade disciplinada e voltada para o trabalho. Um exemplo prático disso está na Constituição de 1937[5], que previa a obrigatoriedade do ensino da educação física de forma obrigatória nas escolas brasileiras.

No primeiro período Varguista (1930-1945) foram realizadas duas Copas do Mundo: 1934 e 1938. A primeira foi marcada pela disputa entre a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade máxima do futebol Brasileiro e única reconhecida pela FIFA, e que continuou amadorista, com a Federação Brasileira de Futebol (FBF), que já era profissional. Aqui, percebe-se mais um capítulo da tensão entre o amadorismo e o profissionalismo, fato que marcou o futebol brasileiro na primeira metade do século XX. Naquela Copa, o Brasil caiu ainda na fase eliminatória, perdendo para a Espanha.

Já a Copa de 1938 foi bem diferente para o Brasil. Ela marcou o fim da briga entre cariocas e paulistas vista nas primeiras Copas (1930 e 1934). A seleção encarou 15 dias de viagem de navio até a França e parte das despesas da delegação foi paga através da Campanha do Selo, criada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Uma outra manobra interessante foi o convite feito à filha de Getúlio, Alzira Vargas, para ser madrinha da seleção. A iniciativa foi de José Maria Castello Branco, presidente da FBF. A boa campanha de 1938 encheu os torcedores brasileiros de "orgulho cívico", a ponto de a seleção ter desembarcado no Rio de Janeiro com status de campeã, sendo recebida por milhares de pessoas.

O projeto varguista de associação ao futebol tinha um claro interesse: o de obter o apoio popular ao Estado Novo. E a apropriação da seleção brasileira como símbolo de uma nação que seria forjada, com ênfase em uma sociedade higienizada e civilizada. Nesse sentido, houve intensa propaganda das rotinas da seleção, como os treinos, por exemplo. Em campo, o Brasil chegou às semifinais do torneio, perdendo para a Itália em um jogo onde Leônidas não jogou pois teria sido poupado pelo técnico Ademir Pimenta, o que causou polêmica na época. Interessa, todavia, notar o discurso de Vargas em seu diário após a derrota: "O jogo de *football* monopolizou as atenções. A perda do *team* brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se tratasse de uma desgraça nacional" (VARGAS, 1995, p. 140).

A adoção do futebol como política de Estado contribuiu decisivamente para a popularização da modalidade, especialmente pela preconização do desporto como atividade "moral e cívica". Havia um projeto para a construção de uma identidade brasileira que, segundo Costa (2007), era pautada deste modo:

> A nova raça brasileira idealizada pelos intelectuais estadonovistas era representada por esses jovens sadios. Dessa forma o regime se apresentava como produtor de uma nova estirpe de brasileiros, de uma raça bem constituída, forte e perseverante. Em um período onde a própria idéia (sic) da formação e da identidade do povo brasileiro estava sendo redefinida, acreditava-se que o Estado teria papel fundamental em

5 Art. 131 da Constituição de 1937: "A educação física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência". Disponível em https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-35093-10-novembro-1937-532849-publicacaooriginal-15246-pl.html. Acesso em 08/01/2020.

> moldar a nova geração de brasileiros, transformando-os na base de um país a progredir (COSTA, 2007, p. 89).

Faltava, todavia, a manifestação máxima. Se o Governo Vargas apoiou fortemente o esporte como manifestação cívica, faltava o grande evento esportivo, o que veio em 1948, com a confirmação da candidatura brasileira para a Copa de 1950. Com a confirmação da candidatura, era preciso construir os estádios. O critério que organizou as obras não estava fora da agenda do Estado Novo. Apesar de já ter palcos como São Januário e o Pacaembu, faltava um estádio que pudesse ser ainda mais grandioso, que definisse ao mundo o que eram as pretensões do Brasil como nação.

Maracanã: símbolo de um estado moderno

A missão brasileira em 1950 não era das mais fáceis: marcar o reencontro das seleções num mundo já transformado pela guerra. Para o Brasil, o evento poderia ser encarado como uma busca por novas referências, com o objetivo de entrar de vez no cenário bipolar de uma Guerra fria que já estava em curso. A intenção do Estado brasileiro era mostrar uma transformação após 15 anos de Vargas no poder.

A Copa significava uma chance de mostrar esse prognóstico ao mundo, afinal, o futebol também poderia ser um produto de exportação. Nascia o esporte moderno, intimamente ligado ao crescimento e fortalecimento da sociedade burguesa. Novos códigos de comportamento vão surgindo. E o esporte tem importância fundamental nesse processo. Em termos da busca por construção identitária e a formação de uma memória coletiva específica, também era um momento privilegiado.

Já era do interesse governamental erguer um estádio de maior porte no Rio. A primeira disputa política pela autoria do projeto surgiu em 1941. Titular do Ministério da Educação e Saúde, Gustavo Capanema encomendou um projeto de arena aos arquitetos Pedro Paulo Bastos e Antônio Dias Carneiro. O prefeito do Rio, Henrique Dodsworth, contudo, fez o mesmo, mas com diferentes arquitetos: Rafael Galvão e Orlando Azevedo[6]. A disputa pela posse da obra paralisou o projeto durante um bom tempo. As obras só começaram em 2 de agosto de 1948.

O terreno escolhido foi o do Derby Club, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro. O então vereador Carlos Lacerda, propôs que a construção fosse em Jacarepaguá, onde as obras resolveriam os constantes alagamentos na região. O local da construção virou tema de brigas acaloradas entre vereadores no Rio. O Jornal dos Sports, de Mário Filho, tomou posição declarada a favor do estádio no Derby Club, identificando os opositores da ideia como contrários aos "interesses do povo" (Moura, 1998, p. 30)

Defender a construção do Maracanã significava dar à cidade do Rio um reforço simbólico de sua importância como capital, dentro de um projeto de modernização proposto pelo Estado brasileiro. Segundo Moura (1998), o conceito de cidade-capital "deveria conter em seu espaço monumentos e símbolos indicativos do projeto nacional que pretendia instaurar" (MOURA, 1998, p.40). Vale lembrar, aqui, a

6 FILHO, Mário. Uma campanha tem que prosseguir. Jornal dos Sports, 17/5/1947. In: MOURA, 1998, p. 24.

noção trazida por Le Goff (1978) de que um monumento é capaz de perpetuar uma sociedade e, ao mesmo tempo, de formar uma memória coletiva.

> A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1978, p 9-10).

Essa relação de disputa de forças fica mais clara não só pela questão das esferas municipal e federal, na briga pelo batismo da obra, mas, sobretudo na orientação para a ação pública. Em 1948, quando o estádio já estava sendo construído, o empresário Fausto Matarazzo lançou a proposta para construir um estádio no bairro de Irajá, Zona Norte do Rio, com o objetivo de explorá-lo comercialmente para a iniciativa privada[7]. Um dos críticos, o escritor José Lins do Rego, afirmou que "O que precisa a cidade é de seu próprio estádio, onde não mande o interesse de um clube, o privatismo particularista, onde só prevaleça o interesse do povo"[8].

O estádio foi inaugurado, enfim, no dia 17 de junho de 1950, para um público estimado de 150 mil pessoas e como símbolo, um monumento à capacidade empreendedora do povo brasileiro. Se o Jornal dos Sports, de Mário Filho, dava diversos elogios à obra, a Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda, ferrenho opositor do estádio, não poupava críticas. Estampava em suas capas problemas da cidade, como a favelização e a falta de esgotos, considerando o Maracanã uma obra menor. O periódico também comparou o busto do prefeito ao do ditador italiano Benito Mussolini: "A cabeça do general Mendes de Morais recorda aquele misto de vaidade e ridículo que imortalizou Mussolini[9]".

Considerações finais

A construção do maior palco do futebol brasileiro ocorreu orientada por um viés conservador, com um objetivo de vender uma ideia de nação que, mais tarde, não se confirmaria de uma forma tradicional. Ou seja, através do ato de disciplinar rotinas. Especialmente numa sociedade industrial, onde a sobrevivência dos indivíduos depende do controle das pulsões e de restrições impostas pelo avanço progressivo do capital. Nesse sentido, orientar as ações para um extravasamento equilibrado das emoções conduziria a uma sociedade equilibrada e controlada, inserida na modernidade.

Todavia, o que se percebeu foi a conexão entre a política, através da ideia de construção de nação, e o futebol. Entre a constituição de um Estado Moderno,

---

7 A polêmica se deu, pois, o estádio visaria apenas a obtenção de lucro privado, enquanto que o estádio Municipal seria um anseio e um legado para a população carioca.

8 Jornal dos Sports, 13/5/1948.

9 Tribuna da Imprensa, 2/6/1950.

uno, capaz de projetar uma ideia unívoca de nação, o que se pode dizer é que houve uma dinâmica, que alternou entre manifestações progressistas, como a própria construção do estádio, e regionalistas, como a rixa entre Rio e São Paulo, que, em campo, contribuiu para o fracasso da seleção no Mundial.

Na prática, houve uma tentativa concreta de uso do futebol como um instrumento de democratização do país. Fosse através da criação de um mito de igualdade racial provocado pelo futebol (o que não se comprovaria com a derrota em 1950), ou mesmo da construção de um grande espaço onde todas as classes estivessem representadas na manifestação cultural e social que viria a nos caracterizar, posteriormente, como nação.

O futebol foi tomado pelo Estado e pela sociedade civil como elemento idealizador de uma unidade nacional. Sobre o comportamento da torcida, havia uma grande campanha para que ela se comportasse sem "cometer excessos". Nada de garrafas, foguetes, ou jogar esses ou demais objetos nos adversários em campo. Era a imagem do Brasil no exterior que estava em jogo.

Para que ela fosse positiva, foi lançada quase uma atividade didática, pedagógica: o público passa a portar bandeirolas, bexigas e faixas. Antes da final contra os uruguaios, a rádio Continental falava abertamente sobre como o público deveria se portar, uma espécie de "cartilha: "1. Cantar o hino nacional ao se hastear a bandeira; 2. Aplaudir, torcer, incentivar a nossa seleção em todas as jogadas durante todo o tempo!" (JORNAL DOS SPORTS, 16/7/1950. In.: MOURA, 1998, p.114). O estádio era para ser tido como uma metáfora de país. Unido, com todas as classes representadas no local, todos imbuídos do mesmo espírito para fazer levar o Brasil ao sucesso. Tanto que, após a derrota na decisão, a crônica exalta a "civilidade" do torcedor, que alcançara um enorme grau de disciplina.

Se em campo, a seleção não conquistou a Copa do Mundo, fora dele, o estádio já se convertia na principal praça de esportes do Rio de Janeiro. Entretanto, a meta de fazer do Brasil uma nação de destaque entre as demais do globo não foi concretizada, pode-se dizer. Essencialmente devido a uma ordem social que já estava estabelecida antes mesmo de o torneio acontecer. Após uma breve pausa para um período de congraçamento, a derrota reacendeu temas que comprometiam o projeto de construção de uma identidade nacional.

Na prática, o Brasil atravanca sua inserção na moderna ordem do capital internacional. Ele alterna espaços de modernidade com práticas de arcaísmo que têm como objetivo principal a manutenção de uma ordem social determinada. É como se fosse construído um estádio com o que se tivesse de mais moderno na época em termos de engenharia e arquitetura para colocar dentro dele todos os segmentos sociais de uma população, sem, contudo, fazer, com que ela se integre e se misture nos espaços internos. O futebol, então, pode-se dizer, reproduz a contradição do Brasil na modernidade: progressista nos seus objetivos, e arcaico em suas práticas administrativas.

Se foi possível estabelecer, graças à Copa de 1950, um vínculo entre o futebol e a formação de uma identidade nacional, esse papel se deve à presença do Estado como agente nomeador da realidade, nas palavras de Bourdieu. Esta competição pode ser entendida como um marco para a vida esportiva brasileira, pois pode

ter estabelecido a entrada do esporte brasileiro na sua era moderna, competitiva, capitalista, e criadora de uma rede de codependência entre os integrantes de uma sociedade, conforme o modelo proposto por Elias e Dunning.

Todavia, isso não garante uma participação igualitária ou democrática no futebol. Um caso interessante seria a investigação e o estabelecimento de um paralelo entre os dois mundiais sediados no Brasil (1950 e 2014) para que sejam estudadas e comparadas as formas através das quais esses laços sociais foram estabelecidos nos dois momentos em suas semelhanças e diferenças.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado: cursos no Collège de France (1989-92)*. Editora Companhia das Letras, 2014.

BRASIL. [Constituição (1937)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1937. Brasília, DF: Presidência da República, [1937]. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-35093-10-novembro-1937-532849-publicacaooriginal-15246-pl.html. Acesso em: 08/01/2019.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. *Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955).* Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS. Rio de Janeiro, 2007.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura a ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Rio de Janeiro: EdUff, 2014.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro***.** V. 3. São Paulo: Global, 2001.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Globo Livros, 2006.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GEERTZ, Clifford. *Um jogo absorvente: notas sobre as brigas de galos balinesas*. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora LCT, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. *O Estado-Nação e a Violência: Segundo volume de uma crítica contemporânea ao materialismo histórico*. São Paulo: Edusp, 2001.

HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro. *Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama teórico*. In: Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 13-35, 2014.

_____. *Futebol e identidade nacional: imprensa uruguaia e realização do mundial de 1930*. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación. São Paulo, v. 12, pp. 126-136, 2010.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terrence. *A invenção de tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. *Tendências do pensamento brasileiro.* Tempo Social, v. 12, n. 2, p. 55-74, 2000.

JORNAL DOS SPORTS, Rio de Janeiro: 17 mai.1947b.

_____, Rio de Janeiro: 13 mai.1948.

LE GOFF, Jacques. *Documento/monumento*. G. Einaudi, 1978.

MELO, Vitor Andrade; PERES, Fabio de Faria. *Rio de Janeiro, uma cidade esportiva: um panorama histórico*. In: Revista do Arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro. n.13, 2017, p.465-476.

MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Editora FGV, 1998.

OLIVEN, Ruben George. *Cultura e modernidade no Brasil*. São Paulo: Em Perspectiva, v. 15, n. 2, p. 3-12, 2001.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. Edusp, 2005.

TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro: 2 jun. 1950a.

VARGAS, Getúlio. *Diário.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

28 | Futebol, consumo e busca de identidades entre jovens da Baixada Fluminense

Carol Fontenelle[1]

Introdução

O futebol é o esporte mais popular do país[2]. O Rio de Janeiro tem grande tradição na prática desse esporte e na Baixada Fluminense está parte da "massa" de torcedores que frequenta os estádios. Nesta região está localizada a cidade de Nova Iguaçu, com quase um milhão de habitantes. No Parque Flora, um de seus bairros, a cerca de 20 minutos do centro da cidade, fica localizado o Colégio Estadual Dom Walmor, unidade com cerca de 500 alunos no turno da manhã, matriculados em turmas de Ensino Médio.

Na unidade escolar, os discentes fazem aulas de Educação Física, disciplina obrigatória de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. E é neste contexto que o futebol se destaca. Ele é o esporte mais pedido entre os jovens durante as aulas, e também é comum a solicitação de uso da quadra fora destes horários. No bairro onde está localizada a escola e nos seus arredores não existem praças ou quadras públicas. São comuns os relatos de vizinhos da escola, às segundas-feiras, informando que viram alunos e jovens do bairro pulando o muro da escola, no final de semana. A peripécia juvenil tem um motivo: ficar na quadra jogando futebol. Estas percepções deste universo foram adquiridas pela autora desta pesquisa, professora do Estado do Rio de Janeiro, lotada nesta unidade escolar desde 2011 e iguaçuana.

A pesquisadora observou alguns jogos na quadra e pôde perceber que durante as partidas é muito comum vê-los repetirem gestos de jogadores, mudarem seu nome por alguns minutos, assumindo outra identidade e até consumindo vestuário tal qual seus ídolos – onde há forte presença de marcas consagradas como Adidas e Nike, mas nem sempre em itens originais, haja vista a realidade periférica dos estudantes. Quando não estão jogando, muitas vezes esses procuram informações sobre esse universo e, portanto, dividem suas opiniões com outras pessoas pertencentes a esta mesma comunidade e a interação se estende ao maior convívio com professores, funcionários de apoio, ou seja, pessoas pertencentes a esta mesma comunidade.

Acreditamos que a maioria das informações que chega até estes jovens vem por meio da mídia, pois, em pesquisa preliminar, os alunos informaram que acessam sites, aplicativos de notícias relacionados ao esporte ou ainda assistem à televisão. Dentro do contexto de mundo globalizado, colabora que o volume de notícias seja cada vez mais constante. Assim sendo, o contato mais rápido com as informações deixa também o jovem ciente do que acontece nas mais diversas partes do planeta, praticamente no mesmo instante em que as ações acontecem. Da transmissão ao

---

1 Mestra e doutoranda em Comunicação pelo PPGCOM – UERJ.

2 O professor Victor Andrade de Melo afirma: "Comecemos por uma frase óbvia: o futebol é o esporte mais popular do Brasil. Considerando que o esporte é uma prática cultural tão significativa quanto o teatro, o cinema, as artes plásticas etc., nenhuma dessas manifestações, todavia, consegue como o futebol mobilizar tanta gente ao mesmo tempo, mexendo tão forte e amplamente com paixões, desejos e sentimentos". MELO, Victor Andrade, "Futebol: que história é essa?!", IN "Futebol: paixão e política", CARRANO, Paulo Cesar. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

vivo de um jogo, à nova contratação de um atleta por um clube, até a mais nova aquisição de um bem por um ídolo – a informação está ao alcance de suas mãos, em um clique no próprio aparelho celular.

Sendo assim, os atos que permeiam o futebol vão transformando-o em item de uma grande comunidade de gosto e as pessoas, por sua vez, passam a realizar o consumo relacionado ao esporte. Este consumo pode ser de notícias ou da compra de bens, justamente para se sentirem mais ligadas a esta experiência cultural. Como se trata de uma região onde não há equipamentos de lazer como praças, teatros, cinemas e afins, estes jovens encontram na escola seu local de interação mais aprazível.

Juventude e identidade

Ser jovem é estar em um período de transição entre a vida adulta e a infância e isto não é marcante somente no tocante ao corpo físico. Vista como um rito de passagem, o contato social entre pessoas que têm um gosto comum compartilhado aumenta, em meio a festas, reuniões, encontros e a escola - local de aprendizagem formal, sociabilidades, vivências em comum e histórias que ficam guardadas para sempre na memória.

De acordo com Gilberto Velho (1990), a noção de adolescência aplica-se às transformações psicológicas vividas pelo indivíduo, prevalecendo mesmo à utilização da palavra juventude. Esta última é muitas vezes tida como sinônimo da primeira ou então refere-se à parcela da população que se enquadra em uma dada faixa etária. O próprio Governo Federal, por meio do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013), estabelece que ser jovem é estar compreendido na faixa etária de 15 até os 29 anos.

Trazendo para a realidade periférica onde está localizado o Colégio Estadual Dom Walmor, percebemos que muitos jovens ganham autonomia logo cedo, pois seus pais trabalham ou eles próprios necessitam trabalhar. É comum a fala: “eu sou de menor, mas eu posso me representar na reunião, pois trabalho e moro sozinho.” – geralmente o “morar só” é no mesmo quintal de familiares, mas este jovem realmente já tem autonomia. Mesmo assim, a divisão de poder está instaurada, porque mesmo quando este jovem tem alguma autonomia, conquistada no ambiente familiar, esta relação não é válida na escola – ele deve “obediência” aos professores e demais funcionários da escola. Devemos considerar também que, para o público analisado, ter, em média, mais de 35 anos, já é considerado para eles “velhos” e podem, justamente, representar alguém que está tentando impor regras.

Desta forma, podemos considerar que a fase da juventude não compreende apenas as mudanças biológicas, mas sim o rompimento com a infância e as ações típicas desta fase, para uma nova etapa, com outras responsabilidades e anseios. Eles são protegidos, inclusive, pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que entende que as crianças e adolescentes são sujeitos de direitos e devem ser assistidos por seus responsáveis, lembrando que o estatuto considera adolescente aquele compreendido entre 12 e 18 anos de idade.

Para Freitas (2005), segundo a concepção clássica da sociologia, a juventude apresenta cinco dimensões para a inserção no mundo adulto: terminar os estudos; viver do próprio trabalho; sair da casa dos pais e estabelecer-se numa moradia pela qual se torna responsável ou corresponsável; casar; ter filhos; parece-nos se referir a aspectos sociais da vida adulta. Sabemos que a transição para estas etapas não é igual para todos.

Sendo assim, são dois os critérios mais utilizados para definir o que é juventude: etário e o critério sociocultural. O primeiro está sempre presente. O segundo aponta que o jovem e seu comportamento modificam-se de acordo com diversos fatores como: classe social, gênero, grupo étnico, nacionalidade e até contextos regionais, quando tratamos do mesmo país.

Diante de diversas discussões sobre juventude/adolescência, se levarmos em consideração somente aspectos sociais ou somente aspectos etários, vários entrevistados não poderiam ser considerados jovens. Por exemplo, se considerarmos que jovens são aqueles a partir dos 15 anos (como o Estatuto da Juventude sugere), a maioria dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio não seria entrevistada. Vale ressaltar que são poucos os alunos em idade avançada no referido turno, tendo a média de idade em torno de 18/19 anos e que consideramos como população de pesquisa também aqueles que trabalham, têm filhos ou ainda apresentam obrigações domésticas como cuidar dos irmãos mais novos (se retirássemos estes, poucos responderiam a pesquisa, devido à realidade social no qual se encontram). Sendo assim, usamos como recorte o fato de estarem no Ensino Médio e frequentando a escola no turno da manhã.

A juventude, por toda a complexidade, é um momento de transição vem com outras demandas como: experiência de sexo, relações mais consolidadas com o consumo, afirmações de laços em grupos e refutações em outros e a busca de identidades. Para Freitas (2005), a subjetivação é um processo contínuo, aberto às afetações alteritárias (internas/externas), e, o mais importante, não existe um ponto de "acabamento". Os processos de subjetivação revelam a condição humana pendular que oscila entre o campo do eu e do outro; a permanência no campo do eu parece um sonho pós-moderno. Assim, a saída da juventude e o ingresso no mundo adulto se realizam quando o sujeito percebe sua responsabilidade em relação ao outro, podendo esse outro ser representado pelo filho, mas ultrapassa o campo familiar para revelar a responsabilidade ética em relação à humanidade.

Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo ou intelectual, a juventude caracteriza-se pela aparição de mudanças qualitativas na estrutura do pensamento. Piaget chama esta fase de período das operações formais. Para o autor, a velocidade do desenvolvimento, no entanto, pode variar de um a outro indivíduo e também de um a outro meio social; consequentemente podemos encontrar algumas crianças que avançam rapidamente e outras que avançam lentamente, mas isso não muda a ordem dos estágios pelos quais passam e, ao passar por cada um deles, o indivíduo realiza o processo de assimilação, ou seja, ele interpreta o mundo através dos elementos que lhe são dados. "A assimilação não se reduz (...) a uma simples identificação, mas é construção de estruturas ao mesmo tempo que incorporação de coisas a essas estruturas" (PIAGET,1996, p. 364).

Desta forma, aliado ao desenvolvimento cognitivo, é na juventude que se tem início à configuração de um raciocínio social, sendo importantes os processos identitários individuais, coletivos e sociais, pois o contato com os pais diminui, já que eles ganham autonomia para saírem com amigos e, aos poucos, percebem, inclusive, que eles não eram os super-heróis de antes, pois têm alguma vivência externa para enxergar os pais como eles são. Esta nova fase da vida, devido à alta complexidade em meio às descobertas, pode, inclusive, gerar conflitos internos. Conforme aponta Erikson (1976), esse período é uma etapa de conflitos próprios ao crescimento, que corresponderia à "crise de identidade", expressão criada pelo autor. Essa "crise" terminaria no início da vida adulta, quando a identidade do indivíduo encontraria uma forma mais estável.

Sendo assim, ainda segundo Rocha e Pereira (2009), se considerarmos a premissa de que a juventude é um fenômeno social, que as representações sociais, seja na mídia ou no senso comum, sublimam seu caráter múltiplo e simbólico, e que, sobretudo, ditam os gostos, valores e padrões de cultura de consumo, podemos afirmar que a adolescência é mais que uma palavra que, nesse sentido, precisa ser observada mais de perto.

Sociabilidades, comunidades e emoção

A primeira fase de socialização do indivíduo ocorre ainda na família e depois ele começa a frequentar outros ambientes como a escola, por exemplo. Para tratarmos deste processo, iremos utilizar conceitos de Berger e Luckmann (1985). Para os autores, o indivíduo não nasce membro da sociedade, nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Podemos entender que o indivíduo experimenta na infância a socialização primária e nesta fase não há muitas escolhas, pois os pais e a família se encarregam desta socialização e, assim, este indivíduo se torna membro da sociedade. Após, surge a socialização secundária, que é "qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade" (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 175).

Podemos considerar que a escola faz parte desses novos setores onde ocorre a socialização secundária, pois é o local proposto para a aplicação de conhecimentos, socialização e preparo do aluno para a vida adulta. Aos poucos os indivíduos apreendem, primeiramente, utilizando como base o mundo que lhe é dado, o mundo no qual os outros já vivem. "O mundo, uma vez 'assumido' pode ser modificado de maneira criadora ou (menos provavelmente) até recriado (BERGER E LUCKMANN, 1985, p.174). Ainda de acordo com os autores, os indivíduos escolhem aspectos do mundo de acordo com sua própria localização na estrutura social e também em virtude de idiossincrasias individuais, cujo fundamento se encontra na biografia de cada um. Quando levamos em consideração a população de pesquisa, podemos perceber que eles estão na socialização secundária: já receberam as informações no seio familiar, tornando-se membros da sociedade e agora estão na escola, espaço de novas socializações, onde eles fazem a junção do mundo que já foi dado, com o mundo que os demais jovens, professores e comunidade escolar também apreendeu, mas só vão tomar para si aspectos que realmente acham relevantes de acordo com

suas características individuais. Por exemplo, se um jovem aprendeu a torcer para o clube Vasco da Gama em sua família e isto é uma paixão que vem desde cedo, ele até pode conhecer e conviver com um colega tricolor na escola, dividir com ele as experiências pós-clássico, contratações dos times, ou seja, dividirem o universo do futebol juntos, mas isto não quer dizer que ele, ou o seu colega, necessariamente, troquem de time devido a influência do outro, pois as idiossincrasias individuais podem e provavelmente são mais fortes.

Corroborando com Youngblade et al. (2007), os jovens que têm relações de apoio com os pais, a escola e a comunidade tendem a desenvolver-se de forma positiva e saudável. Ou seja, as condições que são dadas ao indivíduo podem colaborar para a sua formação e, inclusive seus gostos, preferências e ideais de vida. Por isto fala-se tanto da importância para um processo educativo promissor a presença dos pais no espaço escolar. No caso do Colégio Estadual Dom Walmor há cobrança da presença dos pais e plantões da equipe pedagógica em dias e horários que sejam de acordo com a realidade de pais que não possam estar presentes nas reuniões escolares. É a tentativa de fazer com que o aluno tenha um espaço de formação e, assim, contribuir para a tão sonhada ideia de comunidade escolar integrada.

O termo comunidade, inclusive, é muito utilizado na escola e repetido pelas pedagogas e direção. É a tentativa de fazer com que os discentes sintam que existe uma integração entre família, bairro e escola. Segundo Bauman (2003), comunidade produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra carrega: é a segurança em meio à hostilidade.

Corroborando com Lima (2003, p. 50) somos seres relacionais e, desta forma, os jovens têm buscado, de múltiplos modos constituir-se como pessoa a partir dos grupos, pois estes são espaços privilegiados de individuação, sociabilidade e construção da cidadania.” Ou seja, os jovens chegam até a unidade escolar com parte de suas formação e experiências de vida já adquiridas (lembrando que a escola só tem turmas a partir do 1º ano do Ensino Médio) e lá, vivendo em comunidade, têm a experiência de desenvolver novas potencialidades, não somente no que tange às habilidades pedagógicas, mas também emocionais e sociais, onde é perceptível, que muitos laços são construídos de maneira forte, proporcionando relações de afeto como amizades e amorosas que perduram até após o período escolar. Apontando aqui o trabalho realizado por Maffesoli, podemos citar ainda as comunidades emocionais. Partindo do conceito de “comunidade emocional” de Max Weber, Maffesoli afirma que esta “categoria”, como o próprio autor denomina, tem características de atribuição como: o aspecto efêmero, a “composição cambiante”, a inscrição local, “a ausência de uma organização” e a estrutura cotidiana. “A ligação entre a emoção partilhada e a comunalização aberta é que suscita essa multiplicidade de grupos, que chegam a constituir uma forma de laço social, no fim das contas, bem sólido” (MAFFESOLI, 1987, p.18).

Desta forma, podemos dizer que o futebol cria laços entre os jovens do Colégio Estadual Dom Walmor, não somente pela prática esportiva, mas também pelo próprio universo no qual estes jovens estão inseridos: a todo tempo permeados por notícias de jogadores e clubes, anúncios publicitários das marcas patrocinadoras do esporte. É no contato com o outro (seja ele, o colega, o professor, os pais) e com o universo cultural, que o jovem também vai se construindo. Como apontam

Siqueira e Siqueira (2017), o outro é tudo aquilo do qual nos excluímos, afinal, na relação nós e eles (ou nós versus eles), somos o que o outro não é. À medida em que encontram-se semelhanças, o outro passa a ser cada vez mais "nós" e menos "eles". Pensar sobre o outro implica pensar sobre a construção das identidades.

É importante ressaltar que o esporte é permeado, no convívio entre os jovens, pela emoção. Os jovens pesquisados são imbuídos deste sentimento na prática esportiva, no momento que estão comentando sobre o assunto ou ainda durante os próprios jogos dos seus times. É uma emoção vivida que muitas vezes gera discussões não saudáveis (uso de palavras de baixo calão) até no ambiente escolar, onde parece que eles saem do campo da razão por alguns segundos e esquecem que são amigos e, minutos depois, estão brincando como se não tivessem discutido anteriormente.

Como explica Le Breton (2009), o homem não se insere no mundo como um objeto atravessado de sentimentos passageiros. Intrincado em suas ações, suas relações com os outros, com os objetos que os entornam, com o seu meio, ele está permanentemente sob influência dos acontecimentos e sendo por eles tocado. Sendo assim, aplicando o conceito ao nosso tema de pesquisa, podemos dizer que os jovens do Colégio Estadual Dom Walmor, além de terem os seus sentimentos intrínsecos, que não são passageiros, como a paixão pelo seu time, por exemplo, sofrem influência dos acontecimentos diários que envolvem o próprio mundo do futebol e assim vão se envolvendo neste mundo de emoções cambiantes. Ora estão felizes com a vitória de seu time, ora tristes. Ora esperançosos com contratações, ora desanimados com o desempenho dos jogadores.

> A emoção não é um reflexo afetivo originado imediatamente das circunstâncias, ela procede de uma implicação pessoal, frequentemente deliberada por um indivíduo privado de referências para reagir à situação perturbadora em que se encontra. Em certo grau, a própria situação afetiva decorre da precisa percepção da atitude mais conveniente a ser tomada diante do público presente. As emoções ou os sentimentos revelam-se papéis desempenhados socialmente. (LE BRETON, 2009, p.142).

Desta forma, podemos dizer que as pessoas possuem uma dimensão interna, privada e outra externa, na qual deixam transparecer seus sentimentos, a partir das situações vivenciadas. Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho (2010) apontam que a expressão dos sentimentos é vista como um domínio sujeito às regras sociais que regulam quando, como e para quem manifestar emoções. Em contrapartida, de acordo com esta abordagem, o sentimento em si seria uma reação da ordem do natural ou mesmo do biológico que pode ser distinguida das normais sociais. Seria, portanto, um fenômeno ao mesmo tempo individual, no sentido particular a cada um, e comum a todos como seres humanos.

Na prática esportiva na escola, espera-se que comportamentos sociais sejam desempenhados. Ele pode ser por alguns instantes o jogador famoso, nem que seja somente naquela quadra escolar. Ele corre, vibra, grita, comemora gols e vai ao encontro da torcida (que muitas vezes nem existe) neste transbordamento emocional que tem caráter coletivo. Como aponta Mauss (1979), todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e

do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emiti-los, mas é preciso só porque todo o mundo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifestar-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica.

Assim sendo, o futebol não é experimentado como apenas um jogo. É a oportunidade de vencer rivalidades extracampo (é muito comum nesta fase escolar a divergência entre grupos ou turmas), é a necessidade de vencer (pois nem sempre este jovem tem a vitória presente em sua vida[3]), é a oportunidade de "aparecer" para uma garota / garoto que estará interessado (a) ou ainda obter prestígio dentro do próprio grupo. Do outro lado, o medo de "fazer feio" também existe, pois, como apontado pelos entrevistados, "a zueira será infinita". Sendo assim, a emoção se torna um elemento da própria representação social. Ainda corroborando com Le Breton (2009), não se trata de dissimular sua afetividade, mas de imergir, com sinceridade, na representação social, nela encontrando uma verdade provisória de conduta e sentimento, ou ainda, como também aponta o autor, de certa maneira, a emoção é indicada pelo grupo, que dá certo grau de importância a alguns fatos. Ou seja, "fazer feio" ou "fazer bonito", no que tange ao futebol, para os alunos do Colégio Estadual Dom Walmor, na escola, é estar praticando o jogo das emoções dentro da própria unidade escolar, talvez sem sequer eles se darem conta. É o uso do esporte como elemento para inserção de si em um grupo.

Presença dos ídolos

Foi observada também relação direta entre o momento que os jogadores estão vivendo e seu status de ídolo, sendo que jogadores como Zico e Pelé, que já "penduraram as chuteiras" há décadas, também foram citados por eles. Como explica Simmel (2006), o mais antigo é o que foi transmitido a cada indivíduo, externa e internamente, com maior segurança, sendo por isto algo evidentemente mais justo e valioso. Desta forma, podemos concluir que citar Zico e Pelé, além de representar "justiça" pela genialidade dos atletas, é uma maneira de se sentirem seguros, pois o status deles como ídolo já foi consolidado. Obviamente, também devemos considerar que, se tratando de uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro, é bem provável que quem citou Zico seja flamenguista e, percebemos assim, a relação direta da questão do ídolo com o clube, que, neste caso, vai além de ser o clube que ele tenha obtido destaque, foi seu clube de formação também, talvez esteja imbuída aí alguma ideia de "craque feito tem casa".

A relação com os ídolos é construída por meio dos seus clubes ou ainda pela popularidade de algum jogador do momento, jogadores que atuam no exterior também são apontados como ídolos pelos alunos, a exemplo de Messi e Cristiano Ronaldo. Este fenômeno ocorre justamente devido ao dinamismo da sociedade e do contato entre as culturas – as informações relacionadas ao futebol chegam aos jovens, via mídia e, devido à notoriedade dos jogadores e dos esquemas táticos e vitórias dos times, eles vão construindo elo ao que está mesmo em um continente

3 Sabemos que jovens periféricos, muitas vezes, têm uma realidade social precária.

tão distante. Ou seja, um jovem carioca, se diz torcedor do Barcelona como um jovem nascido na Espanha e faz até uso da camisa do clube, como também faz de seu clube no Rio de Janeiro.

Com o processo de globalização, as fronteiras geográficas foram reduzidas e o acesso às informações do que é consumido culturalmente ou socialmente em países até distantes aumentou. Para Garcia Canclini (2006), o que a globalização põe em jogo não é só uma circulação maior de produtos, mas sim, uma rearticulação profunda das relações entre culturas e entre países, mediante uma descentralização que concentra o poder econômico e uma desterritorialização que hibridiza as culturas. Ainda segundo o autor, essa hibridação penetra também o campo dos relatos, pois a maioria deles vive inscrita no ecossistema discursivo da mídia e colonizada pela racionalidade operativa do dispositivo e saber tecnológicos. Sendo assim, não cabe mais ao culto ou ao massivo produzir determinadas culturas, já que, com o processo de globalização e consequente maior circulação de bens simbólicos, a cultura não diferencia mais as classes sociais como antes. Trazendo este conceito para nossa pesquisa, observamos, por exemplo, que os jovens do Colégio Estadual Dom Walmor, em sua maioria, são moradores do bairro onde está localizada a escola, ou dos bairros adjacentes, ou seja, a parte periférica da cidade de Nova Iguaçu. O poder aquisitivo da maioria não é alto, o que faz com que a compra da camisa oficial de seu clube (seja ele nacional ou estrangeiro) não seja uma realidade de todos. Sendo assim, alguns fazem uso da compra de produtos falsificados, que custam cerca de cinco vezes menos que as camisas oficiais. Culturalmente eles estão inseridos no contexto de torcedores do clube, porque foram, via globalização, influenciados pela paixão torcedora, não importando sua classe social para a compra de bens, porque a própria globalização dá conta disso, haja vista que a maioria destes produtos piratas vem da China. Além disso, como apontado na pesquisa preliminar, vários alunos afirmam terem times fora do Rio de Janeiro, ou seja, as informações de outros clubes chegam pela mídia e pelos dispositivos tecnológicos, promovendo esta hibridação cultural.

Conclusão

Diante dos dados observados nesta pesquisa preliminar, podemos concluir que os alunos do Colégio Estadual Dom Walmor têm no futebol não apenas uma possibilidade de lazer ou prática esportiva. Para eles, estar na escola, seja no horário das aulas ou fora dele, jogando futebol é uma experiência cultural e de interação social. A formação de grupos em torno do esporte ajuda aos educandos transformarem a escola em um local não apenas de conhecimentos, mas de uma extensão do seu mundo fora do espaço escolar, bem como contribuinte para a manutenção de seus sonhos.

A escola é, muitas vezes, vista pelos alunos como um local de regras e aprisionamento. A disposição da sala de aula, a presença de grades, o estabelecimento de regras pouco flexíveis contribui para esta imagem da escola ser vista como parte de uma sociedade de disciplinas. Desta forma, o futebol pode ser usado pelos alunos também como um elemento atenuante de tais regras, onde na quadra - apesar do esporte ter também as suas regras, elas podem ser flexíveis para atender aos desejos deles: inserção de mais jogadores nos times, maior número de substituições, partidas com quantidade maior ou menor de minutos.

Alguns destes jovens desejam seguir a carreira de atleta profissional, o que pode retirá-los da realidade periférica na qual são inseridos. Já para outros, a prática deste esporte é uma brincadeira saudável, um momento que eles podem imitar seus ídolos e fingir que são eles por alguns instantes; fazer um gol em um amigo e "zuar" por dias a derrota adversária.

Quando falamos em ídolos, devemos pontuar que a globalização e maior acesso às informações que vêm do exterior possibilita que eles tenham conhecimento da performance de atletas estrangeiros ou ainda de brasileiros que jogam no exterior. As informações vêm, em sua maioria, pela televisão ou internet (alguns educandos não têm acesso constante à internet, devido ainda aos preços praticados no país e a realidade financeira na qual estão inseridos). De posse das informações, eles são influenciados por práticas de consumo: chuteiras como de Neymar e Cristiano Ronaldo, por exemplo.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade:* a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____ *Identidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRASIL. Presidência da República, Secretaria de Governo. ***Índice de vulnerabilidade Juvenil à violência 2017,*** São Paulo, 2017.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade:* tratado de sociologia do conhecimento. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos:* conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____ *Culturas Híbridas.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

ERIKSON, Erik H. *Sociedad y adolescencia.* México: Siglo XXI (14ª edición), 1993.

_____ *Identidade, Juventude e crise.* Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil:* referências conceituais. São Paulo: Ação educativa, 2005.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias* – Antropologia das emoções. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

LIMA, Donizeti José de. *Só Sangue Bom:* construção de saberes e resistência cultural como expressão do protagonismo juvenil. Dissertação de Mestrado Educação Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida* – variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

_____ *A transfiguração do político:* a tribalização do mundo. Porto Alegre, Sulina, 1997.

PIAGET, Jean. *Biologia e conhecimento:* ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. Petrópolis: Vozes, 1996.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das Emoções.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. *Juventude e consumo:* um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

ROCHA, Everardo. Culpa e prazer: imagens do consumo na cultura de massa. *Revista CMC (Comunicação Mídia e Consumo)*, ESPM, 2008.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia:* indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; SIQUEIRA, Euler David de. *Destaque para a garota carioca:* corpo, sociabilidade e comunicação na cidade. Porto Alegre: Sulina, 2017.

_____ As sedutoras da camiseta: mito, conflito e imaginário em jogo. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação,* E-compós, Brasília, v19, nº3, set./dez.2016.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e juventude.* Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.

YOUNGBLADE, L. M., THEOKAS, C., SCHULENBERG, J., CURRY, L., HUANG, I-C., & NOVAK, M. (2007). Risk and promotive factors in families, schools, and communities: A contextual model of positive youth development in adolescence. *Pediatrics*, USA, v. 119, 47-54, fevereiro/ 2007.

Sites consultados

MEC. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32651≥. Acesso em 27/05/2019.

29 | As contribuições do LEME enquanto núcleo de pesquisa e produção acadêmica sobre esporte

Clara Quintaneira[1]

Introdução

Fundado pelos professores Ronaldo George Helal e Hugo Lovisolo, em 1998, o grupo de pesquisa "Esporte e Cultura" buscava naquele momento projetar as pesquisas desenvolvidas na Faculdade de Comunicação Social da UERJ que se debruçavam sobre a análise da relação do esporte, em especial o futebol, com a sociedade. Desde então, inúmeros artigos, monografias, dissertações, teses e livros foram publicados por pesquisadores do grupo na esteira daquele objetivo inicial. Foram explorados temas relacionados às identidades, narrativas, idolatria, cultura popular, mídia, corpo, em seu diálogo com o esporte. O grupo cresceu nesses 21 anos de existência. Em 2013, graças à conquista de um edital universal do CNPq, conseguimos equipar e fundar o Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME), visando a promoção da difusão social do conhecimento produzido por nós do grupo "Esporte e Cultura".

Como forma de viabilizar a concretização desse objetivo, desde 2010, possuímos um blog (www.comunicacaoeesporte.com), atualizado semanalmente com textos e vídeos e que conta com mais de 240 mil visualizações e 1.200 seguidores até o momento; contamos também com um canal no Youtube, onde publicamos entrevistas com pesquisadores da área (82 vídeos já publicados, 281 inscritos e mais de 17 mil visualizações); duas páginas no Facebook, uma do blog (com 539 curtidas) e outra do LEME (com 1.446 curtidas). A equipe do LEME atualmente é composta por um professor titular da FCS, uma professora visitante da FCS, dois doutores, um doutorando, uma mestra, uma bolsista de iniciação científica e uma estagiária voluntária para além dos alunos de graduação que nos ajudam pontualmente em palestras, seminários e na produção e vídeos. Para esse edital PIBIC, apresentamos um plano de trabalho que busca envolver o aluno bolsista em todas as atividades tanto grupo de pesquisa "Esporte e Cultura" quanto do LEME, colocando-o também em contato com os projetos de pesquisa desenvolvidos pelos mestrandos e doutorandos que fazem parte do laboratório.

O artigo pretende analisar a relação entre mídia, idolatria, identidade e cultura popular, investigando a forma como são "construídas" nos meios de comunicação as trajetórias de vida dos ídolos e heróis representativos da comunidade, bem como as narrativas identitárias produzidas pela imprensa em torno de eventos populares e de massa. O foco de análise se concentra primordialmente, mas não exclusivamente, no universo esportivo, principalmente o futebolístico – campo que se consolida cada vez mais nas ciências sociais no Brasil. Os trabalhos desenvolvidos atualmente no LEME englobam temas tão diversos quanto narrativas midiáticas e Jogos Olímpicos; a relação entre os técnicos de futebol e sua representação jornalística; o processo de identificação de um ídolo estrangeiro por um clube nacional; a cultura jovem e

1 Graduanda da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.

sua relação com a Copa do Mundo; a relação das torcidas de futebol com as novas arenas construídas para os megaeventos.

A Teoria da Comunicação, com sua vocação interdisciplinar, pode e deve se apropriar do fenômeno do esporte na nossa cultura, não somente para nos ajudar a compreendê-lo melhor, mas também para enriquecer o campo teórico da própria disciplina. Em geral, os estudos voltados para o tema da comunicação falam de questões que frequentemente se adequam às manifestações ocorridas nos esportes modernos. No cerne deste debate estão polêmicas que envolvem discussões gerais a respeito da trivialização da vida moderna versus maior riqueza cultural ao alcance do "homem comum", alienação do artista versus satisfação pessoal, função narcotizante da mídia *versus* agentes conscientizadores, público passivo versus produção ativa, espaço público *versus* espaço privado etc.

O que importa aqui é perceber como o esporte, de uma forma geral, é também um fenômeno específico da comunicação contemporânea e um produto da indústria do entretenimento global, proporcionando os mesmos debates e sofrendo os mesmos questionamentos suscitados pelo impacto da mídia na modernidade. Mais do que isso, o esporte é rico em imagens e mensagens representativas da comunidade, podendo ser entendido como um poderoso sistema de comunicação capaz de unir diferenças e proporcionar um espetáculo ritual de grande significado para aqueles que dele participam. O objetivo da pesquisa para o bolsista é colocá-lo em contato com os caminhos e procedimentos de uma pesquisa acadêmica, formando um potencial jovem pesquisador e/ou um jornalista/relações públicas melhor preparado para lidar com as questões teórico-práticas que afligem essas carreiras em profissões ligadas ao mundo esportivo.

No LEME, o bolsista entrará em contato com questões mais práticas, como a organização de eventos (palestras, seminários, encontros), a atuação em redes sociais (atualização de nossos canais de comunicação), a roteirização, produção e edição de vídeos (entrevistas, documentários), dentre outras atividades. Nesse plano de trabalho, o bolsista estará mais envolvido nas questões relacionados ao LEME e às investigações desenvolvidas pelos pesquisadores associados ao laboratório.

Objetivos da pesquisa

O projeto pretende analisar a relação entre mídia, idolatria, identidade e cultura popular. Além disso, o projeto visa: a) analisar megaeventos esportivos (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos), em seus diferentes aspectos (esportivo, social, cultural, econômico, político), pelo viés de algum produto midiático (internet, rádio, televisão, jornal); b) difundir, sempre que possível, o conhecimento acadêmico para um público mais amplo, por meio do blog (comunicacaoeesporte.com), do canal no Youtube e das redes sociais do laboratório.

Metodologia

A metodologia pode ser enumerada em quatro partes: a) coleta de dados (em jornais, revistas, sítios eletrônicos, televisão, rádio), b) sistematização

(categorização dos dados coletados); c) análise dos dados empíricos à luz do arcabouço teórico que vem sendo desenvolvido pelo orientador; d) redação de artigos para apresentação em congressos, submissão a revistas científicas e publicação em capítulos de livros.

Resultados

Os resultados obtidos são: a) auxílio na organização e participação ativa nas reuniões do grupo de pesquisa "Esporte e Cultura"; b) participação na criação e nos debates do grupo de pesquisa dos Encontros LEME 2018; c) manutenção do blog do grupo de pesquisa "Esporte e Cultura"; d) participação em três entrevistas com pesquisadores do campo esportivo (Martin Curi, Victor Melo e Sérgio Settani Giglio); e) criação mensal de um texto original para o blog supracitado. Até agora foram publicados três textos de minha autoria, sendo que um deles foi reproduzido no site do Observatório da Discriminação Racial no Futebol.

Conclusão

O projeto me proporcionou uma ampliação do meu arcabouço teórico e uma "familiarização" com a redação de trabalhos acadêmicos. Pude avançar, principalmente, no estudo das teorias da comunicação, da participação e da representatividade feminina no esporte e da história da sociologia do esporte.

Referências bibliográficas

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto; CABO, Alvaro; AUGUSTA, Camila; VIEIRA, João Paulo. *A construção de um ídolo futebolístico na imprensa*: estudo de caso. São Paulo, *Organicom* (USP), v. 8, p. 233-246, 2011.

HELAL, Ronaldo, CABO, Alvaro e SILVA, Carmelo. "Salve a seleção! Mídia, identidade nacional e Copa das Confederações 2013." In: HELAL, Ronaldo e CABO, Alvaro. *Copas do Mundo:* Comunicação e Identidade Cultural no "país do futebol ". Rio de Janeiro. Eduerj/CNPq, 2014. (no prelo).

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações.* Rio de Janeiro, Eduerj, 2011.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge G. e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol:* mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro, Mauad, 2007 (2ª edição,), 2001 (1ª edição).

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge G. e SANTORO, Marco. Futebol, Imprensa e Memória. In *Revista Fronteira*, vol.6, São Leopoldo, Unisinos, 2004.

Anexos

Imagem 1: Textos da Clara Quintaneira no Blog “Comunicação, Esporte e Cultura”

Imagens 2a : Cartaz do Seminário Internacional Copa América – 2019

2 b: Cartaz do Seminário Internacional Copa América – 2019

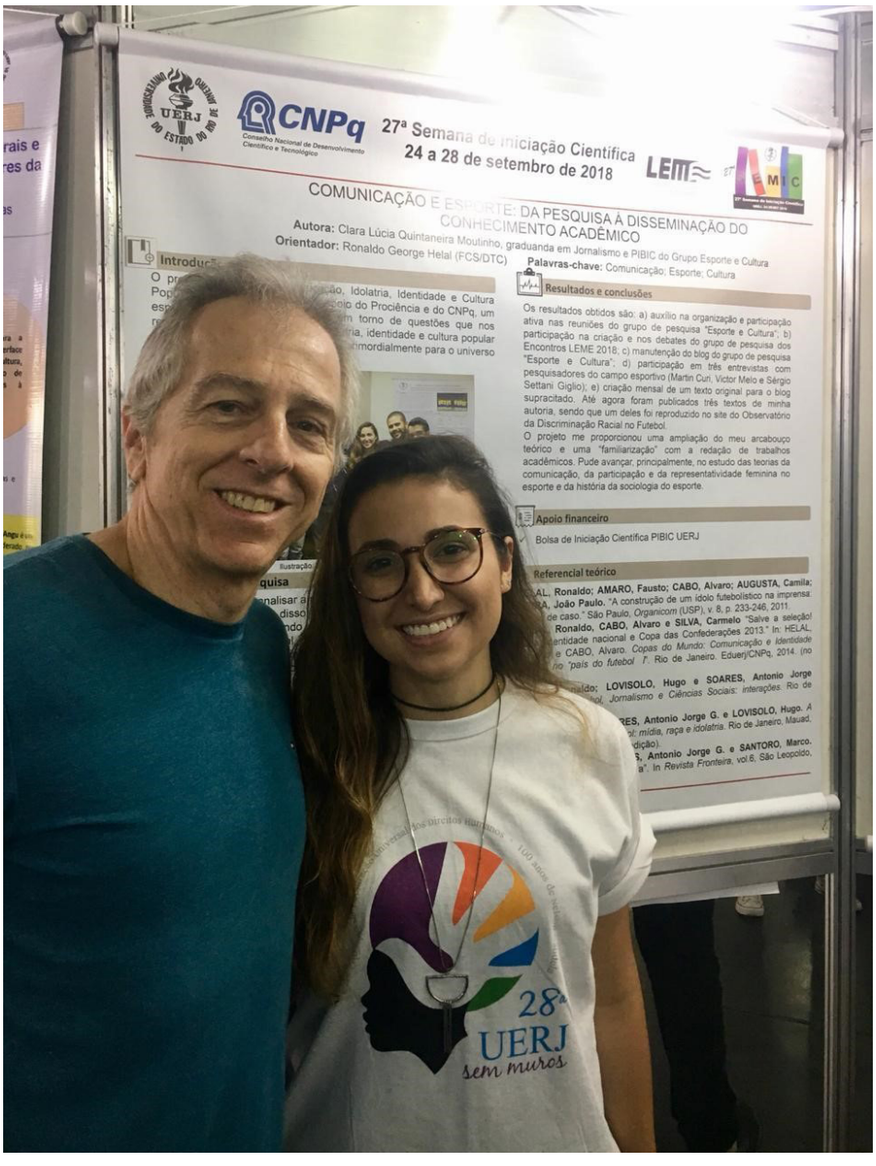

Imagem 3: Clara Quintaneira, ao lado do seu orientador Ronaldo Helal, na 27ª SEMIC UERJ 2018.

Imagem 4: Da esquerda para direita: Fausto Amaro, Ronaldo Helal, Clara Quintaneira, Leda Costa e Marina Mantuano, na 28ª SEMIC UERJ 2019.

30 | Jogos Primitivos: a bola chutada

Caio Araujo[1]

Introdução

É sabido em todo o meio esportivo, e mais ainda entre os amantes do futebol, que as origens desse esporte remetem à Inglaterra, ou, para sermos mais abrangentes, ao Reino Unido, já que se tem como aceita a contribuição escocesa na criação do jogo. No entanto, se esticarmos a imaginação a ponto de considerarmos outros jogos com bola no mínimo similares ao futebol tal qual o conhecemos hoje, veremos que objetos esféricos já eram chutados muito antes dos ingleses, em superfícies diversas, inclusive pelos nativos da Amazônia. Aqui não se trata, claro, de negar a importância dos britânicos na difusão do esporte. Sem dúvida foram eles que o padronizaram com um conjunto de regras que foi sendo aprimorado ao longo do tempo, de modo a tornar o futebol mais homogêneo – e bem menos violento – o que ao certo contribuiu para a sua exportação ou, como alguns preferem, para sua globalização. Nota-se, todavia, que depois de exportá-lo, o futebol se mantém por alguns anos restrito aos ciclos ingleses, notadamente entre ferroviários e eletricistas, e só aos poucos se abre aos habitantes locais. A estes se deve a sua popularização na América do Sul, o continente onde o futebol mais se expandiu, tornando-se um elemento cultural de diversos países.

Um segundo ponto é que não devemos menosprezar as diferenças entre o futebol moderno das suas supostas variantes primitivas. O grau de similaridade há de variar, pois subjetivo. Há quem enxergue semelhança clara e há quem negue qualquer relação. E este artigo não pretende dar razão a um lado. Importa, na perspectiva histórica e antropológica, ter em mente o quão antigo os jogos, na sua concepção ampla, são. Jogos para além do esporte regrado; competitivo, é certo, como é da sua natureza, porém extensivo aos rituais, às místicas e livre de institucionalizações. À medida que pudermos documentar tais jogos, embora essa seja tarefa árdua dada a espontaneidade deles, ampliamos a visão temporal das coisas, criando certo ceticismo aos ineditismos que a modernidade apregoa para si.

Da Amazônia à Inglaterra; antes da elegância, a brutalidade

Há muitas discussões e controvérsias em torno da origem do futebol. Richard Giulianotti aponta para jogos com bola praticados pelos povos nativos da América Central e da Amazônia em 1.500 a.C. (GALEANO apud GIULIANOTTI, 1999, p.15). No período neolítico, os chineses manufaturavam bolas de pedra anos antes da dinastia dos Han (206 a.C.-d.C.220), época em que se jogava o *cuju*, um jogo com regras bastante similares às do futebol.

Ainda na China, há cinco mil anos a dinastia Ming disputava um jogo em que a meta ficava no centro do campo e os jogadores se esforçavam, sem usar as mãos, para impedir que a bola tocasse o chão. (GALEANO, 2004, p.

1 Caio Araujo é jornalista formado na Universidade Presbiteriana Mackenzie. O artigo é um dos capítulos do livro "Várzea Saudosa", apresentado como TCC em 2016.

29). A tradição se manteve de geração em geração, como gravuras em monumentos anteriores a Cristo comprovam.

Sabe-se que egípcios e japoneses também se divertiam com a bola nos pés desde a antiguidade. No mármore de uma tumba grega de cinco séculos antes de Cristo aparece um homem fazendo "embaixadas" com o joelho. Nas comédias de Antífanes há expressões que remetem ao jogo, como "bola longa", "passe curto" e "bola adiantada". (GALEANO, 2004, p. 30). Já os indígenas do Chile jogavam o *pilimatun*, enquanto os da Patagônia brincavam de *tchoekah* muito antes da invasão dos conquistadores. (OLIVER apud GIULIANOTTI, 1999, p.15-16).

Segundo o historiador inglês, os romanos apresentaram o futebol aos povos por eles conquistados, embora o jogo já estivesse difundido entre indígenas do norte que o praticavam como ritual de adoração às divindades, assim como os gauleses do norte da França, que o disputavam em uma cerimônia de honra ao sol.

No País de Gales, ele era conhecido como *knappan*, e podia ser jogado montado no cavalo (ELIAS e DUNNING apud GIULIANOT- TI, 1999, p. 16). Os escoceses e ingleses também o praticaram a partir do século XIII como passatempo das massas nos feriados santos. Os camponeses franceses disputavam o violento jogo de bola de *soule* desde os tempos medievais (BROMBERGER apud GIULIANOTTI, 1999, p.16). Todas essas vertentes lembram alguma forma o futebol praticado nos dias atuais.

As semelhanças, no entanto, não devem mascarar as diferenças, pois, como nos mostra Hilário Franco Júnior (2007), cada uma dessas práticas respondia por condições culturais específicas, não sendo possível, portanto, classificá-las como antepassados do futebol.

O *soule*, por exemplo, opunha duas equipes, mas tinha como vencedor um indivíduo, não o coletivo. "Jogos com bola são manifestações antropológicas, não específicas de um determinado povo e determinada época, enquanto o futebol tal qual o conhecemos hoje resultou de um conjunto de fatores presentes apenas na Inglaterra do século XIX", observa Hilário (2007, pg.179-80)

Que fatores são esses? Como eles influenciaram outras nações a praticarem futebol? Para compreendê-los devemos nos atentar a divisão que Giulianotti propõe em três eras percorridas pelo esporte: "tradicional", "moderno", e "pós-moderno". De acordo com esta di- visão, o "tradicional" compreende a fase pré-moderna, pré-capitalista, pré-industrial – período no qual a aristocracia e a classe média tradicional exerciam sua autoridade através de convenções, e não por meios racionais e democráticos (GIULIANOTTI, 1999)

A "modernidade" relaciona-se ao rápido processo de urbanização e ao crescimento demográfico da classe trabalhadora, e tem como marco a Revolução Industrial, em meados do século XIX. Os meios de comunicação de massa contribuem para o fortalecimento da identidade nacional unitária.

O fordismo é implantado na linha de produção fabril. O taylorismo reduz os custos operacionais, maximiza a eficiência do trabalhador treinado a executar tarefas repetitivas e expande a produção em larga escala. O capital é concentrado pelos detentores dos meios de produção. Burguesia e trabalhadores ocupam espaços

distintos na esfera social. A arquitetura é padronizada. A organização social acentua níveis desiguais de habitação e acesso aos bens públicos. A recreação é dividida entre alta (erudita) e baixa (popular) cultura. É nesta fase que o futebol começa a ser exportado, populariza-se nos dois principais centros urbanos do Brasil e passa a ter maior significância na vida cotidiana da população, ao contrário do jogo antes restrito a um único grupo social, dentro dos clubes recreativos privados.

Já o pós-moderno seria a fase marcada pela suburbanização, pelo surgimento de novos empregos, a fragmentação da classe trabalhadora e a fluidez das identidades sociais e culturais – consequências atreladas ao avanço da globalização. Nele, exige-se do trabalhador comum o desempenho de um número maior de atividades. A competição por uma vaga no mercado de trabalho é acirrada e a rotatividade, ampliada, enquanto os detentores do capital passam a dispor de uma modalidade de investimento independente da produção de bens e da geração de empregos – a especulação. Surgem outras classes sociais separadas pela capacidade de geração de renda associada aos níveis de escolaridade. O proletário não é mais, ou somente, o operário das fábricas, mas o baixo assalariado.

O interessante nessa divisão é a forma como o futebol era concebido em cada uma dessas fases, em particular nas duas primeiras. Os jogos "primitivos" da era pré-moderna não eram aceitos pelas classes dominantes. O futebol foi proibido na China durante a dinastia dos Ming (GIULIANOTTI, 1999, p . 1 6) e na Inglaterra, em 1934, por decisão de Edward II, que o considerava violento demais. Edward era adepto de esportes mais finos, como o arco (STRUTT apud GIULIANOTTI, 1999, p.16).

Na Escócia, durante o século XVI e início do século XVII, os jovens eram acusados de "profanos" por beberem, dançarem e jogarem futebol (MAGOUN apud GIULIANOTTI, 1999, p.16). O autor destaca ainda que a menor influência da monarquia não favorecesse o esporte. "Os parlamentares puritanos o incluíram em uma lista como um dos muitos passatempos proibidos" (apud BRAILSFORD, 1991, p.36). Criticava-se o futebol pela escassa "modernidade" quanto à aplicação das regras. Era permitido o uso das mãos, não existia esquema tático ou posicionamento e não havia uma limitação clara quanto ao número de participantes. Os jogos eram desregrados, com determinações destoantes daquelas que o esporte adquiriria posteriormente. Não havia juiz e os mecanismos de controle organizacional da disputa eram frágeis ou simplesmente inexistiam (WEBER apud GIULIANOTTI, 1999, p.17). O principal objetivo era "atracar-se à bola de couro e conduzi-la até o gol – este de dimensões muito variadas", afirma Signy (apud GIULIANOTTI, 1999, p.17).

Em comparação ao jogo moderno, o futebol primitivo era considerado violento, inculto e não civilizado. Era comum, por exemplo, os jogadores carregarem punhais e distribuírem caneladas e pontapés nos adversários como retaliação a entreveros prévios. (ELIAS e DUNNING apud GIULIANOTTI, 1999, p.17).

A interpretação histórica do desenvolvimento do futebol, desde a fase primitiva à modernidade, é percebida nos estudos de Max Weber, quem observou que o jogo primitivo era praticado geralmente em feriados religiosos, por isso a ideia de secularização acompanha a fase moderna do futebol, embora dogmas,

cultos e superstições continuem vivos na imaginação do torcedor e nos ritos dos jogadores até os diais atuais. A história mostra que fé e jogo têm muito em comum. Witter e Meihy dizem que futebol, catolicismo e samba estão no "sangue do brasileiro".

Os seguidores da sociologia de Durkheim, por sua vez, defendem que o futebol desde a sua fase primitiva integrava os indivíduos e promovia a ordem social. A racionalização e a secularização, portanto, são os principais aspectos que o jogo adquire na sua transição do primitivo para o moderno, como sugere a perspectiva weberiana, enquanto a capacidade de promoção da ordem social (Durkheim) foi desenvolvida apenas na Grã-Bretanha.

Esta seria a importância dos ingleses para o futebol. Se formas similares já eram praticadas por povos de diferentes culturas, foram os ingleses quem uniformizaram e institucionalizaram as regras, em 1848, e deram uma nova dimensão ao esporte. Na medida em que a população rural se deslocava para os centros urbanos, a classe burguesa instituída ditava as novas formas de diversão - afastadas dos moldes primitivos. Uma vez estabelecido o modelo burguês, o número de consumidores cresceu. A padronização começa nos colégios da elite inglesa em meados do século XIX inspirada em um jogo gaélico chamado *hurling over goals* (ANTUNES, 2004, p. 08). Ao se apropriar de uma prática de longa tradição popular, os jovens privilegiados lhe atribuem novos significados que não demoram a se difundir. Já em 1885 surgem os primeiros clubes profissionais na Inglaterra.

O *hurling over goals* era um jogo bastante violento, cujo objetivo era levar a bola até o campo do adversário, derrubando-o se preciso fosse para alcançar êxito. Aspectos brutais da modal- idade fizeram com que autoridades inglesas impusessem certas restrições ao jogo alterado, o que contribuiu com a formação de um código de conduta entre os participantes, do qual se valeram os colégios particulares a fim de permitirem a nova prática. O esporte pode ter sido, por natureza, populista, mas foi também jogado com entusiasmo e com regularidade pelos alunos de graduação de Oxbridge. Os jogos foram introduzidos como estrutura de caráter, ensinando as virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de *mens sana in corpore sano*. Os novos "cavalheiros cristãos" deveriam manter a ordem política e econômica do lar e, mais tarde, dar sustentação à expansão do império no exterior (HARGREAVES, 1986, p.39). A reputação social dos jogos aumentou, sendo elevados ao status mais sério e envolvente de 'esporte' (LOWERSON, apud GIULIANOTTI, 1999, p.18) As regras eram codificadas e os jogos supervisionados pelos professores das escolas públicas.

No entanto, cada instituição as adotava de maneira distinta. Os alunos de Rugby e Eton, por exemplo, eram favoráveis ao uso das mãos e entendiam os pontapés como parte do jogo, enquanto os de Harrow, por não aceitarem tal flexibilidade, criaram a Associação de Futebol (FA) e propuseram um modelo que proibia o uso das mãos, o que o diferenciava daquele adotado pelos seus pares de Rugby, que, em contrapartida, originaria a modalidade coirmã. (GIULIANOTTI, 1999, p.18).

Entre 1830 e 1860 havia mais de setenta equipes inglesas de futebol. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.28). Em 1854, o primeiro clube de futebol, o Sheffield FC, foi

fundado por industriais e comerciantes – a nova classe dos ricos urbanos. Em 1860, foram organizados campeonatos entre faculdades que compartilhavam do mesmo código de conduta. O aburguesamento trouxe ao futebol outros aspectos da modernização capitalista. Em 1891, um indivíduo neutro, o "árbitro", passou a ser o único a deliberar durante os jogos (AGOZINO apud Giulianotti, 1999, p.21).

Da Inglaterra para o mundo: o futebol padrão

Na Europa, onde o futebol se desenvolveu com maior rapidez do que em qualquer outro continente, estudantes ingleses fundaram clubes em escolas particulares na Suíça. Artesãos escoceses levaram-no para a Suécia no final do século XIX e os britânicos à Noruega no início da década de 1880 (GOKSOYR e HOGNESTAD apud GIULIANOTTI, 1999, p.23).

As escolas inglesas influenciaram significativamente a popularização do futebol na Alemanha e na Rússia (MASON, 1986, p.69-70) e o esporte tornou-se conhecido na Espanha após os carvoeiros da Grã-Bretanha chegarem ao País Basco (MACCLANCY, 1996a, p.182). Na Itália, os marinheiros ingleses introduziram o jogo moderno em Milão, Turim, Roma e Nápoles (GUTTMANN, 1994, p.54) e durante a Belle Époque, os times de futebol eram forma- dos por britânicos exilados em Paris (GIULIANOTTI, 1999, p.23).

Na Índia, o futebol era jogado com regularidade entre as tropas inglesas e os adversários locais, estes sempre descalços (MASON apud GIULIANOTTI, 1999, p.22). Na África colonial, soldados da ocupação e colonos brancos influenciaram os nativos a praticarem o esporte. O *mwana-foot* (futebol infantil) era o passatempo mais popular entre os povos indígenas do Congo na década de 20 (GIULIANOTTI, 1999, p.22). Por outro lado, o futebol também era visto como forma de expressão nacionalista em algumas nações africanas. Já era o esporte mais popular do continente porque os africanos o consideravam "cultura neutra", independente dos valores ocidentalizados (MAZRUI apud GIULIANOTTI, 1999, p.23).

Na África do Sul, embora os colonos tenham ajudado a difundi-lo entre os trabalhadores braçais, era a elite africana quem o controlava desde o âmbito local até o nacional (KUPER; JEFFREY apud GIULIANOT- TI, 1999, p.23). Os negros se reuniam em terrenos baldios para jogar. No auge do *apartheid*, quando aqueles espaços lhes foram tomados, centenas de clubes negros competiam para usar um único campo de futebol (KIDD apud GIULIANOTTI, 1999, p . 2 3).

Na América Latina, as relações comerciais ajudaram a expandir o futebol pelo continente. Na Argentina, clubes como o River Plate e o Newell´s Old Boys foram fundados por trabalhadores ferroviários ingleses, assim como o Peñarol no Uruguai. No Chile, o futebol desembarcou com os marinheiros britânicos no porto de Valparaíso.

É importante ponderar, entretanto, que durante décadas os ingleses conceberam o futebol como uma criação exclusivamente britânica, não havendo por parte deles interesse em exportá-lo, ou quando o fizeram, procuraram mantê-lo entre os seus, o que ajuda a entender a relutância da Inglaterra em participar de competições internacionais e a aderir à FIFA. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 29).

De modo geral, os ingleses espalhados pelo mundo praticavam o futebol entre si. A população local passou a copiá-los de forma espontânea, prova de que os valores refletidos pelo futebol não se restringiam à sociedade britânica. Isso não diminui, todavia, a influência política e cultural inglesa, crucial para a difusão e regulamentação internacional do futebol. Esportes mais imperiais, como rúgbi e o críquete, prevaleceram nos domínios, enquanto o novo jogo industrial foi facilmente introduzido por intermédio de redes comerciais e educacionais. A hegemonia cultural britânica em relação ao futebol permaneceu nesses campos estrangeiros. O inglês foi a língua oficial das associações de futebol locais, e os termos *corner, referee, free-kick, penalty* e, recentemente *hooligan* tornaram-se padrão em jogadores e torcedores.

Além disso, o público de futebol na Europa e nas Américas ficava particularmente ansioso para assistir aos times ingleses em ação em suas viagens. Os resultados dos jogos contra esses turistas serviam como critério para avaliar a qualidade do jogo local. Enquanto isso, muitos técnicos de futebol do Reino Unido embarcavam em peregrinações intermináveis para fazer proselitismo de seu jogo. (GIULIANOTTI, 1999, p.25).

Quando Charles William Miller chega ao Brasil, em 1894, o futebol já estava consolidado na Inglaterra. Ele já havia deixado de ser um jogo burguês, praticado exclusivamente nas universidades e internatos, para se democratizar por todo o continente europeu, bem como entre os países com os quais a Inglaterra mantinha relações comerciais. (ANTUNES, 1992, p.12). O futebol adquirira contornos urbanos típicos de sociedades industriais ou em processo de industrialização, como era o caso do Brasil.

Considerações Finais

Longe de pretender delinear o marco zero do futebol, este artigo procurou expor versões diversas sobre jogos com bola muito primitivos – retroagindo à pré-histórica – para levantar suspeitas em torno da origem mais aceita do futebol, atribuída aos ingleses. Vimos defesas às semelhanças e ponderações às diferenças entre o antigo e o moderno, um debate que jamais se esgotará. Parece ser da natureza do homem buscar no tempo explicações para fenômenos atuais – e compreendemos a atualidade aqui como o recorte temporal que vivenciamos, o nosso tempo, sem desprezar as memórias da geração antecedente – memórias essas que, numa linha história mais comprida, também soarão modernas.

Aqui nos cabe defender por que o futebol pode ser visto como um fenômeno social e cultural da era moderna. Reconheçamos que não faz dois séculos que sua prática se massificou, como reflexo da formação das cidades industriais, e ele se tornou uma parte integrante do convívio entre as pessoas onde foi mais aceito – na Europa, de onde se propagou, na América do Sul, que o recriou ao seu modo, e na África, que o recebeu pronto daqueles e também o retocou ao seu modo, com alguma influência nossa. Tal prática se divide em duas: a ativa, em que nós jogamos, que diz respeito ao lazer e à amizade; e a passiva, em que nós assistimos e torcemos, que é o futebol profissional, mais ligado ao entretenimento e com certo culto aos melhores, mas que também foi fundamental para a sua popularização.

Transpondo aspectos socioculturais, a força antropológica do futebol, sobre o qual este artigo tentou discorrer, revela a importância do jogo para além do resultado competitivo, e isso é expressivo em povos que estimam símbolos, ritos e místicas, povos que hão de compreender o jogo como algo divino, transcendental.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com Brasileiro, não há quem possa:* futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. Editora UNESP, São Paulo, 2004.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra.* Editora L&PM Pocket. Porto Alegre, 2004.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol:* Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Editora Nova Alexandria. São Paulo, 1999.

GUTTMANN, Allen. *Games and Empires:* modern sports and cultural imperialism. Ed. Columbia University Press. Nova York, 1994.

HARGREAVES, John. *Sport, Power and Culture.* Ed. Polity. Cambridge, 1986.

HILARIO, Franco Júnior. *A dança dos deuses:* futebol, sociedade, cultura. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2007.

MACCLANCY, Jeremy. Nationalism at Play: the Basques of Vizcaya and Athletic Bilbao. In: *Sport, Identity and Ethnicity.* Ed. Berg. Oxford, 1996a.

MASON, Tony. *Some Englishmen and Scotsmen Abroad:* the spread of world football. Ed. Pluto. Londres, 1986.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio:* o futebol e o Brasil. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2008.

31 | Caminhos da popularização do futebol nas ruas do Rio de Janeiro: um caso de polícia (1910-1920)

Isabela Martins Aragão[1]

Introdução

No início do século XX, o futebol já havia chegado à cidade do Rio Janeiro. A prática do esporte, que atualmente é universal, à época ficava restrita às camadas abastadas da sociedade, mais especificamente entre os clubes formados por estrangeiros ou em colégios requintados. Por nascer e se desenvolver entre a elite, o futebol no Brasil inicialmente é um esporte elitizado que promovia status (CALDAS, 1994, p. 42). Gradualmente o futebol foi aderido pelas fábricas, mas seguindo a lógica da elitização, em um primeiro instante ficou limitado aos altos funcionários das companhias e bancos que possuíam grau de formação educacional. Entretanto, o número raso de funcionários com escolaridade não era suficiente para que algumas fábricas pudessem montar mais de um time para competições, e então, foram de certa forma obrigados a terem que aceitar operários nos grupos, sendo um exemplo o caso da Cia. Progresso e o time Bangu, que recrutou funcionários em sua maioria negros (MALAIA, 2008, p. 1).

O futebol é um esporte emblemático da sociedade industrial e a sua chegada ao território carioca também se configura como um exemplo bastante elucidativo do processo de modernização pelo qual a capital do país vivenciava, um movimento de implementação de ordem capitalista e a formação de uma sociedade urbano-industrial (HERSCHMANN; LERNER, 1993, p. 21). A primeira década do século XX na cidade Rio de Janeiro é marcada por conflitos e tensões trabalhistas, habitacionais, raciais e étnicas concomitante às reformas urbanísticas – inclusive na esfera de valores morais. A jovem república buscava erguer uma cidade 'civilizada' nos moldes europeus, onde os hábitos e costumes da população marginalizada fosse levada a condenação e a consequente expulsão da área central da cidade. Em suma, o projeto de modernização da cidade visava fazer da capital um espaço normatizador e de tipificação de valores da alta sociedade (HERSCHMANN; LERNER, 1993, p. 17)

No entanto, por mais que a elite buscasse discursos que restringissem a prática do futebol apenas para *sportmen* e em locais considerados adequados para tais eventos, a bola acabou cativando o interesse das camadas sociais que não desfrutavam do privilégio econômico de integrar os seletos clubes ou estudavam nas escolas onde estavam a maior parte dos filhos dos "barões do café". Deste modo, a partir de meados de 1910, a prática do futebol nas ruas do Rio de Janeiro vira caso de inúmeros noticiários dos jornais impressos, relatando em tom de denúncia que o ato do jogo nas ruas eram atitudes pejorativas e criminais, das quais caberiam as forças policiais combaterem. Efetivamente, a ideia da popularização do futebol, que se mostrava incontrolável, trazia temor àquela camada da sociedade elitizada que desfrutava do senso de hierarquia e ranço escravocrata (FRANZINI, 2009, p. 122).

1 Graduanda em História pela Universidade de Brasília.

O *FOOTBALL* COMO SINTOMA DE MODERNIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

A cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX passava por um processo de modernização em reformas urbanísticas implementadas pela política de Pereira Passos que mudariam não somente o cenário físico da cidade, bem como as mentalidades. Muito além, o Rio passava não apenas por transformações urbanísticas, mas vivia um intenso momento de transformações culturais, políticas e sociais. Além de ser a capital, a cidade sentia as mudanças culminadas pela abolição da escravatura, a proclamação da República e o fluxo imigratório europeu. Com um inflamado crescimento populacional na capital, as condições de vida foram consecutivamente agravadas, acarretando problemas de habitação e reunindo mão de obra superior às necessidades do setor industrial e de serviços (CHALHOUB, 2001,61).

A ideia de modernização da cidade seguia com a elite da sociedade carioca, que visava impor um projeto social e político que condenava hábitos e costumes divergentes dos seus, negava a cultura popular e excluiria as camadas populares da área central do Rio. E, não menos importante, que se fizesse implantar um modelo de conduta a ser seguido, sobretudo no desejo de ter uma mão de obra treinada e disciplinada, nos moldes da cidade urbano-industrial de ordem capitalista que se desejava erguer na busca pelo cosmopolitismo parisiense. Para acompanhar e estabelecer esses padrões de moradia, alimentação e organização familiar almejados, se disseminava e se fortalecia na primeira década da República, as teorias higiênicas. Até então, as práticas de exercícios ginásticos eram vistas pelas camadas letradas brasileiras como degradantes e indignas, mas com o interesse em seguir os padrões europeus, os defensores da higiene passaram a colocar o desenvolvimento físico como um fator para o equilíbrio orgânico e mental, que contribuiriam positivamente para o futuro da nação, na ideia da: "*mens sana in corpore sano*" (PEREIRA, 1998, p. 36). Dessa forma, vários esportes passaram a ser considerados como uma forma de obter o vigor nacional, e puderam contar com o entusiasmo de educadores, médicos e higienistas para disseminar a ideia do desenvolvimento físico.

O futebol aparecia então na leva dos "novos *sports*" criados pelos ingleses ("Ram-bolk". O Paiz. 1 de setembro de 1905), chegando inclusive a chamar a atenção do prefeito Pereira Passos como um elemento de modernidade que acompanhava as transformações da cidade. Assim, cronistas em 1905 apontavam que o esporte bretão influenciava não somente na coordenação de movimento, mas geraria um desenvolvimento de caráter moral nos praticantes. Atraindo um número cada vez maior de rapazes da juventude aburguesada carioca, o futebol ia trazendo para si uma marca de jogo da higiene, da saúde, da moral e da identidade moderna. E para a prática do jogo foram se estabelecendo exigências de comportamento: era fundamental que o *sportman* tivesse um comportamento honrado de sua tarefa de transformação e legitimidade social, das quais eram exemplificadas dentro das partidas, bem como nos bailes que aconteciam nos clubes cariocas composto por jovens de pele clara e bigodes bem aparados (PEREIRA, 1998, p. 31, 51).

Aos poucos o futebol foi chegando em locais suburbanos, tirando da região central da cidade o monopólio sobre o jogo, dando origem a novos clubes ou agremiações. O fato é que mesmo chegando em lugares às margens da cidade, o

futebol ia se tornando atrativo para as demais classes que não podiam se associar aos grêmios. Na edição da revista O Malho de 28 de outubro de 1905, foi relatado que nos mesmos jogos que aglomeravam endinheirados nas arquibancadas, pelo lado de fora uma "multidão de crianças e negros malvestidos mostravam o interesse pelo futebol", evidenciando o racismo e o preconceito sobre o contato das classes excluídas com o esporte, deixando claro que não seria um evento "pra tal tipo de gente". Entre a manifesta curiosidade de quem ficava do lado de fora do clube e a tentativa de praticá-lo em seus espaços de vivência estariam os negros e os pobres. E essa possível popularização do futebol não seria entendida pela elite como um benefício, mas como um problema. O médico-legista Álvaro dos Reis, por exemplo, defendeu em sua tese[2] que o *football* só seria favorável para a "mocidade mais bem preparada" e com condições materiais de prática pois o futebol carregava a identidade da elegância e refinamento (PEREIRA, 1998, p. 57).

As ruas cariocas: espaço público ou dos fidalgos?

O saneamento projetado para as ruas da capital tinha em mente a livre "circulação" tanto de pessoas, como do próprio ar, remetendo às doenças que apareciam naquele momento. A ideia de ruas livres, e esse reordenamento espacial, oferecia um melhor descolamento da polícia e consequentemente, o impedimento de aglomerações que pudessem causar, ou parecer, uma desordem das áreas públicas. O centro da cidade acumulava uma multidão de pessoas devido à uma maior oferta de emprego e pela proximidade dos locais de trabalho. Essa população, que por hora habitava os espaços centrais da cidade, foram alvo dos esforços governamentais para tirá-los do convívio e da visão da alta sociedade:

> Logo, vieram abaixo as ruelas do centro da cidade bem como foram destruídas ou expulsas as barracas e quiosques varejistas, as carroças, os carroções, carrinhos e os freges (restaurantes populares). A população carente foi removida para os subúrbios ou então se deslocou para os morros da cidade, formando as primeiras favelas (HERSCHMANN; LERNER, 1993, p. 84).

A expulsão da camada pobre do centro da cidade foi apenas um dos atos na tentativa de cercear quem não deveria ter acesso às ruas da capital moderna e abrir os caminhos da ocupação progressiva do espaço público para a camada aristocrática. A repressão continuou aos indivíduos considerados marginais que vagavam pelas ruas, o que nos leva a reflexão do processo de construção dos conceitos de vadiagem, ociosidade e trabalho na época:

> Há, portanto, uma incompatibilidade irredutível entre manutenção da ordem e da ociosidade. [...] o ocioso é um pervertido, um viciado que representa uma ameaça à moral e aos bons costumes. Um indivíduo ocioso é um indivíduo sem educação moral, pois não tem noção de responsabilidade, não tem interesse em produzir o bem comum nem possui respeito pela propriedade (CHALHOUB, 2001, p. 75).

2 Álvaro Borges dos Reis, Educação Física, Bahia: Litografia Reis e cia, 1904, p. 91.

Ao falarmos da questão do espaço público, mais precisamente das ruas, devemos partir da premissa da rua como uma categoria sociológica, fundamental para compreender o funcionamento da sociedade carioca da época. O uso do termo "categoria sociológica" parte do sentido de Durkheim e Mauss, discutido por Roberto da Matta:

> Como um conceito que pretende dar conta daquilo que uma sociedade pensa e assim institui como seu código de valores e de ideias: sua cosmologia e seu sistema classificatório; e também para traduzir aquilo que a sociedade vive e faz concretamente – o seu sistema de ações que é referido e embebido nos seus valores (DA MATTA, 1985, p. 12).

O espaço então, a partir dos apontamentos de Da Matta, se relaciona com a própria ordem social, de modo que devemos considerar as redes de relações sociais para compreender o seu significado. No caso da rua como categoria sociológica, ela não corresponde apenas a um espaço geográfico, mas como demarcações espaciais e sociais repletas de significados que sofre com discursos rígidos:

> Não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais, institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. [...] Leituras pelo ângulo da rua são discursos muito mais rígidos e instauradores de novos processos sociais. É o idioma do decreto, da letra dura da lei, da emoção disciplinada que por isso mesmo, permite a exclusão, a cassação, o banimento, a condenação (DA MATTA, 1985, p. 12, 16).

A partir da reforma de Pereira passos e a remoção forçada da camada pobre do centro da cidade estariam reprimidos os "responsáveis pela desordem e atraso". Era a vez da elite emergir nas ruas:

> Aos poucos, a burguesia carioca se adaptava a seu novo equipamento urbano, abandonando as varandas e os salões coloniais e ocupando as novas avenidas e locais públicos. [...] A então recente iluminação das ruas permitia este acesso contínuo, podendo ser pensada como uma das principais metáforas da vida moderna que se queria instituir, pois trazia luz não apenas aos recantos escondidos e obscuros, mas o controle e o "progresso" (HERSCHMANN; LERNER, 1993, p. 87).

Muito desse projeto modernizador, excludente e autoritário, sobretudo no controle da ocupação do espaço público tiveram resultados. Mas, por outro lado, a utopia de um Rio europeizado não se materializou e pouco a pouco, os agentes responsáveis pela "desordem" estavam novamente ocupando os espaços do centro, o que configurou um movimento de retorno, resistência e de "direito à cidade" (HERSCHMANN; LERNER, 1993, p. 93). E assim, as avenidas, praças e ruas inspiradas na modernização francesa foram se revelando ótimos campos de futebol improvisados.

O FUTEBOL NA RUA: UMA EPIDEMIA QUE PRECISA SER COMBATIDA

A prática do futebol se propaga nas ruas da capital. E para os *sportsmen*, a popularização do futebol não era compreendida como uma dádiva, mas sim como um problema (PEREIRA, 1998, p. 57). Tendo esse esporte adquirido caráter de status social e respaldo moral pelas teorias higiênicas, a sua prática também ficava orientada segundo os médicos, até mesmo sobre o local que viesse a ser jogado. Nas páginas da Gazeta de Notícias um deles defendia que para o esporte ser benéfico "exigia várias condições que nem sempre se achavam reunidas", restringindo aos espaços "solidamente construídos e isentos de qualquer estorvo nas funções nutritivas" (O homem e o sport. Gazeta de Notícias. 25 de julho de 1906). Mas, diferente dos outros esportes da época, como o remo e o turfe, o futebol não precisava de muitos materiais ou ambientes aquáticos. Então a falha da tentativa de restringir o jogo apenas para uma camada era inevitável. Para praticá-lo não há grandes custos, necessitando apenas de instrumentos tais como bola, redes e traves que para a criatividade dos populares, não seria um problema ressignificar com objetos semelhantes. Além de fazerem bolas com pedaços de tecidos, existiam outras ideias que se podem observar na notícia de dezembro de 1913 no jornal O Paiz:

> Não há um canto de rua, que nem sequer precisa ser solitária, em que se não se reúnam dez ou doze pessoas a dar perigosos e inconsequentes pontapés em tudo quanto é, ou tem uma vaga semelhança com bola, desde as *authenticas* destinadas aquele jogo, até as inofensivas abóboras, com escala por limões, laranjas e outros produtos de quitanda (Chronica dos factos. O Paiz. 18 de dezembro de 1913).

Os jogos nas ruas com as bolas improvisadas também foram alvo de outro editorial do jornal A Noite de abril de 1918:

> Esteve ontem nesta redação o Sr. Americo de Lima, residente à rua José Rodrigues, nº 86 no encantado, que nos pedia que chamássemos a atenção do Dr. Chefe de polícia para os *matches* de football que ali se realizam toda hora, com bolas feitas de pano velho. E o Sr. Américo de Lima nos mostrou nada menos que 12 bolas que encontrou anteontem entupindo o condutor da calha de água do seu telhado (O football na rua. Comissário de... borra. A Noite. 12 de abril de 1918.)

Com as facilidades de se ter os elementos fundamentais para o jogo, o futebol se tornou também uma solução mais viável não apenas para a prática do exercício físico, mas também do lazer por essas camadas com menor poder aquisitivo. As ruas e terrenos baldios passaram a ser campos de futebol improvisados, como relatou Synesio Passos na revista Gil-Blas de 1920:

> Em frente à minha casa há um pequeno espaço de terreno sem construção e mais ou menos plano, ao qual as crianças deram o destino que tem hoje, nos perímetros urbanos, qualquer terreno assim baldio – é campo de football. Nele, aparecem bolas de todo tamanho e jeito – de couro, de pano, de papel, grandes, pequenas e até laranjas tenho eu visto espatifarem-se aos pontapés da petizada (Impressões. Gil-Blas. 2 de setembro de 1920.

Assim, com o movimento de retorno das camadas baixas ao centro da cidade, juntamente com a facilidade dos elementos para a prática do futebol e a ocupação de terrenos baldios ou até mesmos das vias públicas para jogarem, a disseminação do futebol já não tinha mais como ser evitada, como mostra a notícia a seguir:

> De muito tempo a esta parte recebemos reclamações sobre o descaso que está entregue a rua Machado de Assis, tendo sido transformada em campo de "football" pelos garotos que habitam as estalagens daquela rua. Várias senhoras já têm sido atingidas pelas bolas; grande número de cavalheiros, por sua vez, tem sido vítimas dos mesmos dissabores. Chamamos a atenção da polícia, para que ponha termo a semelhantes abusos (A praga do football. A Época. 2 de dezembro de 1914).

A partir das análises de diversos periódicos da época, observamos que os discursos, geralmente em tom de denúncia, buscavam frear e criminalizar a prática do jogo nas ruas, passando a aparecer com cada vez mais frequência nos jornais. Em um primeiro instante, podemos identificar o discurso higienizador e civilizador em relação aos costumes das camadas baixas que se mostra presente de forma explícita no editorial de março de 1917 do jornal A Noite:

> A propagação do football entre nós está trazendo e trará para o futuro imensos benefícios à mocidade, pelo grande desenvolvimento de energia física e moral que esse sport proporciona. Mas, como sucede em todos esses movimentos populares, surgem fatalmente excessos que exigem a intervenção da autoridade, a qual não deve poupar esforços a fim de regularizar os costumes que se generalizam (Excessos do football. A Noite. 25 de março de 1917).

Ainda na mesma notícia, sugere-se que o esporte seja proibido em áreas ditas "insuficientes":

> Isto vem a propósito da queixa que recebemos de um morador à rua Santa Luiza [...] em Maracanã. [...] o resultado é que a cada passo a bola é atirada as ruas e casas adjacentes, sem a menor consideração, dificultando, deste modo, o livre trânsito dos moradores daquela zona. Isto, aliás, sucede em vários outros pontos da cidade, e neste caso as autoridades competentes deveriam proibir o football em áreas insuficientes. Há ainda outros abusos que o Sr. Chefe de polícia tem a absoluta necessidade de fazer desaparecer: são os hábitos de alguns mocinhos se exibirem quase nus nos jogos de football e o degradante espetáculo, já comum, de se ver pelas ruas a molecada em algazarra, a amontoar-se atrás de uma bola.

Com a intensificação das manchetes criminalizando a prática na rua, também se verifica o crescimento das pautas solicitando medidas por parte da polícia para impedir os jogos como esta do periódico O Imparcial:

> Decididamente a polícia precisa tomar providências com relação a esses bandos de garotos e de marmanjos que transformam as ruas, no centro da cidade e nos arrabaldes, em verdadeiros campos de football, impedindo a passagem dos transeuntes e atirando-lhe em cima o objeto que faz às vezes de bola que, em alguns casos, é uma trouxa de pano sujo com a

> consistência do granito. Ainda ontem um cavalheiro de avançada idade, que passava à tarde pela rua Moura Britto foi atingido por uma dessas "bolas" de football nas ruas, ficando ferido no rosto e levando ainda por contrapeso formidável vaia da garotada malcriada, atrevida (O football na rua. A polícia precisa acabar com esse abuso. O Imparcial: Diário Illustrado do Rio de Janeiro. 12 de julho de 1919).

Nos respectivos recortes dos periódicos utilizados nesse trabalho, identificamos a questão da semântica como um fator disciplinador, que consequentemente revela uma desqualificação da população pobre, relacionando sua condição econômica com subversão, imoralidade, vadiagem e crime (PATTO,1999. p. 183). Dessa forma, os termos utilizados para falar desses praticantes do futebol nas ruas nos jornais, contribuíam para a disseminação da imagem negativa das pessoas pobres. Além disso, com o uso de termos depreciativos utilizados na imprensa e o aparato repressivo do estado, observamos mais uns dos mecanismos de controle social.

Em outra notícia do jornal a noite de agosto de 1917, podemos verificar pedidos de repressão policial, como também, a repulsa pela ocupação das vias públicas por "essas pessoas", o que nos leva a identificar um conflito social no direito à via pública:

> A paixão por esse jogo chegou a tal exagero que em certos casos precisa de repressão policial. Já meninos, que se apossam das ruas transversais, em calçadas de quase todos os bairros, para os seus exercícios, com prejuízo das propriedades laterais, dos respectivos moradores e dos transeuntes. [...] Estas e outras vítimas do football da rua pedem-nos que solicitemos do Sr. Chefe de polícia recomendação especial aos delegados para ordenarem aos rondantes a proibição de tal abuso. Essa medida é de toda a justiça e de urgência, pois não é possível que a via pública continue a servir de campo *sportivo* a quem quer que seja. (O football nas ruas. A Noite. 22 de agosto de 1917)

Com as pressões solicitadas para que houvesse intervenção da polícia, uma notícia de julho de 1918, exemplifica as ações para coibir a prática do esporte nas ruas, como o disparo a partir de uma arma de fogo por um agente:

> Muito se tem clamado contra o football nas ruas, mas daí não se infere que o modo de coibir tais abusos seja a tiro de revólver. Pois foi a tiros que um comissário do 6º distrito terminou anteontem com o jogo de football da rua Cesário Alvim, nas Laranjeiras. O pior foi que, fugindo os jogadores para dentro da avenida n. 146 daquela rua, foram até ali perseguidos pelo comissário, que levou a disparar a sua arma, como um alucinado, causando com isso grande pânico entre os moradores. (O comissário havia enfurecido. Um match de football acabado a tiros de revólver. A Noite. 25 de julho de 1918)

Além desse tipo de repressão, temos o registro da revista *A Rua: Semanario Illustrado* da prisão de um menor:

> O Dr. Severo Bomfim, delegado do 3º distrito, tem preso há dois dias, na sua delegacia, o menor Antonio Alves da Costa, residente na rua Pedro Américo n. 253, que na rua dos Andradas, em companhia de outro,

> cometia o crime... de jogar futebol. (O football na rua... o "seu" Severo não quer. A Rua: Semanario Illustrado. 07 de outubro de 1919.)

Em suma, processo de propagação e a subsequente popularização do futebol, sobretudo nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, sofreram duramente com ações e discursos repressivos, elitistas e disciplinadores, como podemos perceber a partir da análise desses recortes jornalísticos da época. Contudo, essas tentativas de reprimi-los e de conservar o esporte para uma camada abastada não conseguiria vencer o desejo e necessidade do lazer das massas, tampouco a paixão que o esporte despertou, como assina um redator de nome Antonio na nota *"Football..."* presente no periódico *A Rua: Semanario Illustrado* de maio de 1919: "Antes do campeonato, o football aqui já era doença: agora é uma grande epidemia, a coqueluche da cidade, de que ninguém escapa."

Conclusão

A análise mais prolongada e aprofundada desses recortes de periódicos cariocas da época relativos ao futebol e as suas práticas no espaço público são elucidativos do processo de exclusão social que vivia a cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. O futebol se apresenta como uma das figuras desse mecanismo de exclusão que revela os discursos autoritários e restritivos vindos de uma camada abastada que condenava hábitos e costumes da cultura popular, conduzidos pela ideia de modernização que a capital do país passava.

As fontes jornalísticas apoiadas em uma bibliografia apresentada no final deste artigo, mostram a prática do futebol na rua como um território metalinguístico, onde podemos analisar aspectos da sociedade carioca em questão através de fenômenos complexos como este (MURAD, 2007, p. 16). É possível depreender que a rua não é concebida como mero espaço geográfico, mas se apresenta como uma entidade moral, pela qual identificamos mais uma das violências dentre as inúmeras pelo passar da história que o povo subalternizado sofreu, sobretudo com a falsa liberdade que a jovem República proporcionava.

O esporte não foi inicialmente das massas, e o processo de popularização foi marcado por um longo período de discursos autoritários, repressivos e de preconceito, tanto social e racial. Hoje, observamos que o futebol é o esporte mais popular do país, fazendo parte da identidade nacional. Mas, o fator que fez o esporte ter se tornado o mais popular do país tem um nome e foi sustentado dolorosamente pelas minorias: a luta da resistência, o ato ou efeito de resistir.

Referências bibliográficas

CALDAS, Waldenyr. *Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro*. Revista USP, n. 22, p. 40-49, 30 ago. 1994.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle Époque*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Antropologia do óbvio* - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. Revista USP, n. 22, p. 10-17, 30 ago. 1994.

_____. *A casa e a rua: espaço, cidadania e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FRANZINI, Fábio. *A futura paixão nacional: chega o futebol*. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor. *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009.

FRANZINI, Fábio. *As raízes do país do futebol:* estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. *Lance de Sorte* – O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

MALAIA, João Manuel. *O futebol na cidade do Rio de Janeiro*: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933). In: XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão, 2008, São Paulo: Anais... São Paulo, SP: ANPUH/SP, 2008.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil, 1894-1950*. Edições Leia, 1950.

MURAD, Maurício. *A violência no Futebol:* dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (orgs.). *História da Vida Privada no Brasil* – República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PATTO, Maria Helena Souza. *Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres.* Estud. av**.**, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 167-198, abr. 1999.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. 1998. 380 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

REIS, Álvaro Borges dos Reis. *Educação Física*. Bahia: Litografia Reis e cia, 1904.

SOARES, Priscila Gonçalves; MORORÓ, Anderson. *Futebol e práticas corporais no final do século XIX e início do XX em Juiz de Fora/MG*. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 4, n. 2, 2011.

SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, Raça e Nacionalidade: releitura da história Oficial.* Tese de Doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho, 1998.

Fontes

O Malho (1900-1920)

O Paiz (1900-1920)

A Noite (1910-1920)

A Rua: Semanario Illustrado (1910-1920)

Jornal do Comércio (1910-1920)

O Imparcial: Diario Illustrado do Rio de Janeiro (1910-1920)

A Epoca (1910-1920)

Gil-Blas (1920)

32 | Futebol e território: particularidades e distinções da origem futebolística no Brasil e na Argentina

Gustavo Siqueira da Silva[1]
Lucas Batista Barcelos[2]

Futebol e imperialismo britânico no século XIX

Abordar os primórdios do esporte bretão no território brasileiro e no argentino obedece à correlação deste com a presença inglesa no território nacional pelos idos do final do século XIX, período no qual o Brasil e os países vizinhos mantinham relações econômicas com a Inglaterra, sobretudo no âmbito da atividade ferroviária e industrial.

> Bancos estradas de ferro, companhias de mineração, de transporte urbano, de iluminação a gás, de telégrafo, de cabotagem, de seguros – com estes fios teceu-se a dominação inglesa do mundo, durante cem anos. Da Índia, da Austrália, da Rodésia (atual Zimbabwe), do Canadá, do Brasil – de todos os pontos do globo – foram carregadas para Londres as riquezas que os nativos produziam sob o comando dos gerentes ingleses. A este fenômeno é que chamamos de imperialismo (SANTOS, 1981, p. 13).

A origem do futebol no Brasil e na Argentina se dá no contexto do Imperialismo Britânico, período no qual a Inglaterra se insere hegemonicamente na economia mundial entre o início do século XIX até os primórdios do século XX. E o período que o futebol foi introduzido nos devidos territórios reflete exatamente o tempo dessas expedições, nas quais os bretões se incumbiram de propagar o seu potencial industrial, comercial, financeiro e dos costumes ao redor do mundo, na Ásia, África e nas Américas.

Toda a ação imperialista é parte integrante das expedições inglesas ao longo do planeta, com a intenção de conquistar territórios em várias partes do globo para dar continuidade à expansão do modo de produção capitalista no Ocidente, impulsionado pela ideia do livre comércio e alcance de novos mercados (PASSETTI, 2016).

Basta lembrar que no tal período o qual a Inglaterra lançou seus tentáculos em outras terras, a Revolução Industrial já se encontrava em sua segunda fase: para além da indústria têxtil, nesse pedaço da história novos modelos de capitais estavam em desenvolvimento, como, por exemplo, as indústrias ferroviárias e de gás.

Dessa forma, no século XIX, a Inglaterra se afirmara enquanto potência industrial/comercial dominante, o que permitiu aos britânicos o poder de organizar o sistema internacional e tecer o domínio do comércio ultramarino, fazendo-se assim

1 Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF).

2 Pós-graduando em Relações Internacionais pela Faculdade Internacional Signorelli (FISIG) e licenciado em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF).

também a vantagem de influenciar na política interna dos determinados países os quais foram incorporados ao processo imperialista.

Para além do poderio geopolítico, o imperialismo britânico também ofereceu influências no âmbito das práticas e costume ingleses, para além da questão material e industrial. Mascarenhas (2014, p. 49) diz que não foram apenas os produtos da poderosa indústria inglesa que se aportaram por aqui, "[...] mas também os valores e comportamentos considerados civilizadores, entre os quais a prática esportiva, principalmente a partir de 1850".

Corroborando com Tavares (2015):

> A contribuição inglesa não se restringiu ao campo da infraestrutura. A vida dos brasileiros recebia, dia a dia, interferências que mudariam hábitos e costumes [...] a leitura de publicações traduzidas do inglês, a importação de artigos de uso doméstico (como talheres e louças), itens de vestuário (tecidos e chapéus), itens alimentícios, e até os modelos mais modernos de carruagens são contribuições inglesas. [...] os ingleses como introdutores "do fato branco, do chá, do pão de trigo, da cerveja e depois do whisky, do gim, do rum, do bife com batatas, do rosbife, da costeleta de carneiro, do pijama de dormir" (TAVARES, 2015, p.5).

Interessante notar o termo "civilizadores" de acordo ao período histórico, visto que o Brasil passava por uma fase de transição política, no qual a República ainda dava seus primeiros passos. Quanto ao aspecto econômico, ocorriam os primeiros impulsos de industrialização após longos séculos inseridos no modelo agroexportador.

Origem do futebol no Brasil

Em se tratando da associação entre o imperialismo e da presença inglesa no Brasil, podemos conceber que as duas questões estão umbilicalmente associadas à origem do futebol. E para averiguar sobre o advento do futebol no Brasil, a historiografia aponta Charles William Miller, filho do engenheiro escocês John D'Silva Miller - funcionário da *São Paulo Railway Company* -, enquanto o principal difusor do esporte bretão em terras brasileiras. Charles Miller voltou da Inglaterra, em 1894, trazendo de lá todos os materiais necessários para a prática do *football association*, "dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas, umas bombas de ar, um livro de regras e o desejo quase apostólico de desenvolver o esporte entre seus pares" (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 60). E por seu intermédio, a primeira partida de futebol no Brasil aconteceu em 14 de abril de 1895, entre *The São Paulo Gaz* e *São Paulo Railway Company*[3] – equipes da companhia de gás e ferroviária, respectivamente -, na Várzea do Carmo, em São Paulo. Por esse motivo, a "capital do café" recebeu a primazia da difusão do futebol no país (BARCELOS, 2017).

Contando que o futebol não dependeu somente de um único ponto no território para se difundir, a atividade esportiva surgiu como novidade em várias capitais no

3 Vale notar a influência inglesa na difusão do futebol no Brasil, por meio do imperialismo, em dois quesitos: clubes formados por operários ingleses e no vocabulário futebolístico da época, tanto nos nomes dos times quanto nas regras e posições (central back, half, corner).

Brasil que tinham ligação com o exterior. No Rio de Janeiro, capital federal, Oscar Cox trouxera da Suíça uma bola e as regras do novo esporte para a eventual prática, isso no ano de 1897. No Paraná, Charles Wright, inglês e funcionário da ferrovia é considerado o introdutor do futebol. Já em Fortaleza, é oficialmente reconhecida uma partida entre um grupo local contra a equipe da *The Gaz Company*. Em Salvador, o primeiro clube campeão baiano tinha seu plantel formado por ingleses na totalidade (MASCARENHAS, 2014). Nota-se uma presença maciça de britânicos nos primeiros tempos do futebol no Brasil, a qual Pereira (2000) ressalta que:

> [...] os ingleses transformavam-se, assim, em grandes difusores do novo jogo. Fosse associando-se a clubes da colônia, fosse levando-o para os seus locais de trabalho, participavam de maneira decisiva (embora não solitária) do processo de difusão do futebol no Brasil, constituindo-se um de seus agentes principais (PEREIRA, 2000, p. 27).

Conforme tal difusão não obedeceu a uma lógica comum em várias cidades do território brasileiro, o futebol somente vingara de forma mais veemente nos centros urbanos nos quais eram imbuídos de modernização, nos quais se constavam novos índices de infraestrutura, lampejos de industrialização e, claro, novos costumes no âmbito da vida social, como, por exemplo, na luta política, na economia, na música e nos serviços de lazer (SANTOS, 1981).

Em se tratando destas tais mudanças no fim do século, São Paulo foi o centro no qual o futebol se desenvolveu exponencialmente, de modo simultâneo à sua função de grande produtor cafeeiro nacional. Sendo assim, podemos perceber que a primazia do futebol paulista e o seu êxito são correlatos com os impactos que a cidade sofrera na virada do século XIX, os quais se explicam na questão demográfica e no avanço dos transportes, mais precisamente no aprimoramento do setor ferroviário o qual estava em consonância com a economia cafeeira.

É fato que qualquer instituição social está posta para alguma camada classista da sociedade e não foi diferente com o futebol. Transplantado para o Brasil, o esporte fora difundido por aqui no seio da classe dominante, o que deu a famosa chancela de "prática esportiva elitista", ou como explica Franco Júnior (2007, p. 62), "[...] a formação de equipes no interior dos grupos dominantes, orientada pelos valores do cavalheirismo, do *fairplay* e do amadorismo". De início, o futebol era praticado nas firmas inglesas por parte dos trabalhadores ou em *clubs* aristocráticos, o que fez com que tal esporte fosse praticado nas altas franjas sociais. No Rio de Janeiro, Fluminense (1902) e América (1904) servem como exemplo (MASCARENHAS, 2002). Já em São Paulo, o São Paulo Athletic Club ilustra essa distinção socioeconômica inserida no futebol (PRONI, 1998). E como decorrer desse segregacionismo, ligas eram criadas para distanciar os clubes populares dos clubes "grã-finos", conforme ocorreu em São Paulo, isso no ano de 1902 com criação da Liga Paulista de Football, assim como no Rio de Janeiro, em 1905, com a Liga de Metropolitana de Football (MASCARENHAS, 2002; 2008). Percebe-se que tal iniciativa é reflexo da sociedade dessa época, marcada por profundo índice de segregação sociorracial.

A história não é somente construída de cima para baixo. Com o tempo, o futebol fora se tornando um esporte de cunho popular, pela facilidade de sua prática ou por curiosidade dos mais pobres.

> Como a uma criança que se manda brincar para "queimar energias", os operários foram, então, mandados para jogar futebol: os municípios isentaram os campos de impostos; os industriais se apressaram em construir *grounds*; a polícia parou de reprimir os rachas em terrenos baldios; os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol, suspensos (SANTOS, 1981, p.22).

Além da prática dos cidadãos comuns, clubes foram criados nas camadas populares como forma de afronta às elites, tanto no âmbito social quanto no racial. Franco Júnior (2007) explicita que:

> As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pela urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. E alastrava-se pelos subúrbios proletários. Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades (Internacional, 1909; Corinthians, 1910) (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.63).

Não é menos relevante o papel desempenhado pelos centros educacionais na difusão do novo esporte, tanto as escolas religiosas quanto as universidades. Segundo Mascarenhas (2014), tais instituições também mantinham redes com o exterior através de Colégios cristãos, como, por exemplo, em Nova Friburgo (RJ, Colégio Anchieta), em Itu (SP, Colégio São Luiz) e em Santa Maria (RS) num colégio marista. Quanto às universidades, coube aos bacharéis – pertencentes às classes mais abastadas - que retornavam da Europa com apetrechos destinados à prática do futebol, pois havia certa escassez de estabelecimentos de ensino superior no Brasil, sendo dois no Rio de Janeiro e São Paulo, Recife e Salvador com um (MASCARENHAS, 2014).

Desse modo, entende-se que não havia uma conformação espacial integrada pelo território brasileiro, no qual Rio de Janeiro e São Paulo tomavam o protagonismo e eram as cidades com maior influência de informação e atividade econômica.

De acordo com Mascarenhas (2014):

> Em síntese, quando o futebol inicia sua larga difusão planetária (1880-1900), encontra-se no Brasil um território fragmentado e com uma diminuta base urbana: menos de um décimo da população brasileira vivia em cidades em 1900. [...] a mecanização do território nacional a partir de meados do século XIX aumentou a fluidez interna, mas somente a partir de 1930 o território conheceria o início de sua integração efetiva, com uma urbanização cada vez mais envolvente. A adoção do futebol acompanha, em grande medida, essa lógica territorial em evolução (MASCARENHAS, 2014, p.56).

Não somente o Brasil foi receptor do futebol no bojo das transformações sociais decorrentes do imperialismo britânico, mas também a Argentina e nos outros países vizinhos os quais sofreram uma maior influência inglesa no âmbito cultural por conta dos empreendimentos desenvolvidos na América do Sul. Bethell (1995) denomina o período como o "século inglês na América Latina", pelo fato de o continente ter sofrido uma significativa influência britânica em determinado evento histórico devido a alguns aspectos da conjuntura imperialista.

Podemos contar com o fato de que, naquele período, o próprio imperialismo britânico reluziu no processo de formação de cada Estado-Nação sul-americano, o qual aos poucos ia se convertendo das amarras coloniais ao republicanismo do século XIX. A emancipação política brasileira cabe de exemplo prático, por conta de a abolição da escravatura e a transição da Monarquia para a República sofrerem influência da Inglaterra por incumbência do desenvolvimento do capitalismo e pelo fato de tal modo de produção se encontrar em fase de expansão por novas terras, o que vai de encontro ao movimento expedicionário imperialista pelo continente (COSTA, 1979).

Todo esse cenário vem à tona pelo poderio naval da Grã-Bretanha no referido século enquanto uma nação hegemônica e imbatível, o que faz com que o famoso título de "Rainha dos Mares" não seja algo em vão, pelo motivo de os britânicos lançarem domínio no mundo por conta das atividades marítimas no âmbito econômico, político e territorial (ARRUDA, 2008).

Bethell (1995) também utiliza o termo "a primeira nação industrial, a oficina do mundo", para definir os tentáculos da Inglaterra com a América Latina, enquanto a capital Londres se apresentava na condição de cidade mais importante na hierarquia da incipiente rede urbana mundial:

> [...] a Inglaterra, a primeira nação industrial, a oficina do mundo, fornecia a maior parte dos bens manufaturados e de capital para a América Latina. A cidade de Londres, principal fonte de capital do mundo, era responsável pela maioria dos empréstimos concedidos aos novos governos da América Latina e pela maior parte do capital investido na infra-estrutura (sobretudo estradas de ferro), agricultura e mineração da América Latina. [...] A própria Inglaterra era um dos mais importantes mercados para os artigos alimentícios e matéria-prima latinoamericanos. Em resumo, ao longo de todo o século XIX a Inglaterra era o principal parceiro comercial, o principal investidor e o principal detentor do débito público da América Latina (BETHELL, 1995, p. 271).

Dessa forma, a título de comparação com o surgimento do futebol no Brasil pelas vias britânicas no século XIX, abordaremos o caso da Argentina, país vizinho no qual a cultura futebolística se faz bastante arraigada na vida cotidiana a qual, sobretudo, serviu como "um meio cultural chave para forjar os primeiros sentidos de identidade nacional tradicional e popular" - assim como no Brasil -, além de vigorar a histórica rivalidade entre a *Albiceleste* e a Canarinho (GIULIANOTTI, 2002, p. 50; GUEDES, 2002). E tal caso guarda semelhanças e distinções no que tange o processo de inserção do futebol, as quais merecem ser discorridas nas próximas linhas.

Origem do futebol na Argentina

No contexto da conjuntura internacional da época, havia um comércio bastante movimentado durante o final do século XIX na América do Sul envolvendo os países do Cone Sul com a Inglaterra. Tal fato fez com que Buenos Aires se tornasse a principal cidade envolvida nas transações ocorridas América Ibérica, em meio a esse período de hegemonia britânica no continente (RINKE, 2007).

E nesse emaranhando a Argentina se tornara, em 1890, a principal fonte comercial inglesa, pois dava suporte no ramo da subsistência e produtos naturais, tais como carne, cereais, lã e couro. Em termos de população e infraestrutura, Buenos Aires chegou a abrigar 950 mil pessoas em 1904. Um pouco menos antes, em 1895, o teto populacional era de 600 mil habitantes, entre os quais metade era formada por italianos, fazendo com que o número de estrangeiros somasse ¾ habitantes, e dentro desse contingente existiam 40 mil ingleses. Tratando-se do âmbito infraestrutural, Buenos Aires contava com o seu porto escoador e com uma ampla rede ferroviária que em poucos anos se espraiou para além da Capital Federal alcançando La Plata (1887), Rosário (1889) e Quilmes[4] (1897), (MACARENHAS, 2000; 2014).

Sendo assim, em meio a esse ambiente cosmopolita, multicultural e mecanizado, houve uma simbiose entre os migrantes ingleses na capital argentina e com a estrutura ferroviária do local a qual desencadeou, nada mais nada menos, a origem do futebol na Argentina, essencialmente em Buenos Aires – a segunda capital que concentra a maior quantidade de clubes profissionais (vinte e duas equipes entre as cinco divisões profissionais), ficando atrás somente de Londres e atualmente a metrópole com a maior quantidade de estádios no mundo.

Um dado interessante que ilustra a influência inglesa no processo de adoção do futebol na Argentina e a concentração do futebol na Capital Federal[5] é o fato de que a *Associación del Fútbol Argentino* (AFA), fundada em 1893, era composta por 20 clubes (em sua maioria) originários de escolas da colônia inglesa. Num período um pouco a frente, em 1907, existiam mais de dez ligas independentes de futebol em Buenos Aires as quais reuniam algo em torno de 350 equipes (FRYDENBERG, 1998).

---

4 É fundamental explicitar que as três cidades supracitadas possuem distâncias relativas à Capital Federal: Quilmes se situa 16 km a sul de Buenos Aires; La Plata (capital da Província de Buenos Aires) se encontra 56 km a sudeste da Capital Federal e Rosário (capital da Província de Santa Fé) fica a 300 km a sudeste de Buenos Aires.

5 Durante a temporada 2018/19, as cinco divisões profissionais do futebol argentino reuniram um total de cento e seis clubes. Dentro deste contingente, quarenta e quatro equipes se situam nas cidades localizadas no entorno de Buenos Aires, enquanto vinte e duas estão instaladas na Capital Federal, histórico centro receptor/difusor da inovação esportiva britânica no final do século XIX. Logo, a maioria dos clubes profissionais argentinos estão concentrados no conurbano bonaerense, ao passo que quinze times se encontram localizados pelo interior da província de Buenos Aires; dois em La Plata; dois em Gran La Plata e vinte e um no restante do território argentino, em províncias como Santa Fé, Tucumán, Córdoba, Mendoza entre outras.

> [...] o futebol será o esporte que definitivamente se enraizará entre nós. Inicialmente, o futebol será introduzido de duas formas simultâneas: entre as classes altas por sua relação com os gerentes de empresas e representantes comerciais, e entre as classes média e baixa, que aprenderão o jogo dos marinheiros e dos ferroviários. (GOBIERNO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, 1997, p. 17) (tradução nossa).6

O que chama bastante a atenção é o fato da presença das empresas ferroviárias no processo de adoção do futebol em pleno território argentino, dos marinheiros que chegaram por via das atividades marítimas e dos estabelecimentos educacionais (nos quais estavam matriculados os filhos da aristocracia inglesa, gestores de tais empreendimentos) para a prática inicial do futebol (GIULIANOTTI, 2002).

No entanto, em 1884, fundaram a Buenos Aires High School, instituição de ensino que se transformou em referência na propagação do futebol. Dois anos depois, surge o Buenos Aires Football Club, pioneiro clube *futbolero* na capital argentina, em termos institucionais. Quanto aos clubes oriundos do sistema ferroviário, destacam-se: Rosário Central, fundado em 1889; Ferro Carril Oeste, criado em 1904, o qual carrega a origem em seu próprio nome e Talleres de Córdoba (1913) (GOBIERNO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, 1997; FRYDENBERG, 1998).

Em meio ao surgimento do futebol na Argentina, transplantado enquanto manifestação cultural britânica, há um atributo imaterial determinante: o idioma do país que imprimira força imperialista/econômica em terras argentinas. Segundo Frydenberg (1996), o inglês se encontra presente no vocabulário futebolístico argentino até os dias atuais, na nomenclatura de equipes esportivas devido a tal influência externa na vida social argentina. Racing Club de Avellaneda, River Plate, Boca Juniors, Newells Old Boys, Temperley e Banfield são exemplos claros de como o imperialismo britânico deixou marcas na cultura popular argentina. Franco Júnior (2007) e Giulianotti (2002) ainda ressaltam que até mesmo nas reuniões da AFA - inicialmente denominada *Argentine Association Football League* - *era* proibida a conversação em espanhol, tendo o inglês como obrigatoriedade.

Desse modo, entende-se que a origem futebolística nos dois países vizinhos possui um ponto em comum de convergência, no que tange à presença inglesa e aos empreendimentos ferroviários instalados nos dois territórios devido a um evento histórico ocorrido nas duas nações. Assim como há eloquente dessemelhança: enquanto na Argentina o esporte bretão se inseriu incialmente em Buenos Aires, no Brasil tal prática esportiva se originou em pontos distintos do nosso território nacional. Um outro atributo é a forte presença da língua inglesa entre o futebol argentino, ao contrário do caso brasileiro o qual sofreu tal influência de forma mais branda.

---

6 A versão original do texto é: será el fútbol el deporte que se arraigue definitivamente entre nosotros. En un principio, el fútbol se introducirá por dos vías simultáneas: entre las clases altas por su vinculación con los directivos de empresas y representantes comerciales, y entre las clases medias y bajas, que aprenderán el juego de los marineros y de los empleados del ferrocarril.

Nesse sentido, a análise do processo de origem do futebol no curso do imperialismo britânico no século XIX descreve que as duas questões se encontram umbilicalmente associadas, posto que o esporte bretão se desenvolveu enquanto prática cultural pertencente aos novos modos de vida inerentes à expansão do capitalismo no mundo ocidental.

Considerações finais

Observa-se que há fatores similares na adoção do futebol no Brasil e na Argentina, como a presença inglesa e empreendimentos ferroviários instalados nos dois territórios devido aos processos econômicos firmados pela Inglaterra com os dois países, enquanto forma de inserção no mercado internacional em meio à expansão do capitalismo no final do século XIX, no que diz respeito à mecanização do território desencadeada pelas atividades industriais.

No entanto, há severas distinções: ao passo que na Argentina o esporte bretão se aportou - de modo inicial - num único ponto no território (via Buenos Aires), no Brasil tal prática esportiva surgiu em várias localidades distintas pelo país afora. Este espraiamento da introdução do futebol em nosso país fez com que a influência britânica na terminologia futebolística brasileira se limitasse apenas ao início de sua difusão. Contudo, facilitou o longínquo nascimento de certames em todas as unidades federativas do território nacional, os quais são conhecidos popularmente como estaduais, disputados até os dias atuais.

Diferentemente do caso da Argentina, onde ocorreu forte presença da língua inglesa em seu futebol, perpetuando-se até os dias atuais entre o vocabulário das equipes (majoritariamente metropolitanas), devido ao fato de Buenos Aires ter sido o principal ponto comercial na América Latina durante o período de transações comerciais com os ingleses.

Por intermédio da constatação acima, percebeu-se durante o trabalho a expressiva concentração do futebol argentino na Grande Buenos Aires, pois maioria dos clubes profissionais se encontra situada no *conurbano bonaerense*[7]. E na medida em que as elucubrações se voltaram para o futebol do interior da província e do restante do país, verificou-se a acanhada participação de seus times nas cinco divisões profissionais (exceto a das equipes do interior da província de Buenos Aires), além da influência inglesa atenuada na nomenclatura destes, os quais possuem raízes hispânicas, marca do processo colonial espanhol na Argentina.

Referências bibliográficas

ARRUDA, José Jobson de Andrade. O novo imperialismo britânico e o fenômeno Brasil. *Revista USP* , v. 79, p. 22-33, 2008.

BARCELOS, Lucas Batista. *Futebol e espaço geográfico: a origem do esporte bretão no território brasileiro*. 2017. (Apresentação de Trabalho/Congresso)

7 Designação utilizada pelos argentinos como referência à região metropolitana de Buenos Aires.

BETHELL, Leslie. O Imperialismo Britânico e a Guerra do Paraguai. In: *Estudos Avançados*, 9 (24). 1995.

COSTA, Emília Viotti. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

FRANCO JÚNIOR, H. *A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. 433p.

FRYDENBERG, Julio D. "Los Nombres de los clubes de fútbol: Buenos Aires, 1880-1930. *Lecturas, Educación Física y Deportes* (revista digital), Buenos Aires, set. 1996, ano I, n.2. Disponível em https://www.efdeportes.com/efd2/22jdf11.htm. Acesso em 2019.

_____. "Practicas y valores en el proceso de popularizacion del fútbol, Buenos Aires 1900-1910". *Lecturas, Educación Física y Deportes* (revista digital), Buenos Aires, mai. 1998, n.10, ano III. Disponível em https://www.efdeportes.com/efd10/jdf10.htm Acesso em 2019.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOBIERNO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES. *Nosotros y El Fútbol.* Buenos Aires: 1997.

GUEDES, Simoni Lahud. *Criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional no Brasil e na Argentina*. In: XXVI Encontro Nacional da ANPOCS, 2002, Caxambu - Minas Gerais. Programa e Resumos XXVI Encontro Nacional da ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2002. p. 91-91.

MASCARENHAS, Gilmar. A via platina de introdução do futebol no RS. *LECTURAS:* Educación Física y Deporte - Revista Digital, 2000 - Buenos Aires - Año 5 - N° 26. Disponível em https://www.efdeportes.com/efd26a/platina.htm

_____. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia* (UFF), v.4, p. 32-47, 2002.

_____. Primórdios do futebol na Cidade do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, v. 169, p. 101-112, 2008.

_____. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. 1. ed. Rio de janeiro: EdUERJ, 2014. v. 1. 254p .

MORLIM, Diego Marques. A hegemonia britânica no Brasil do século XIX. *InterAção* , v. 8, p. 39-51, 2015.

PASSETTI, Gabriel. Os britânicos e seu Império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano**.** *HISTÓRIA*. (São Paulo) v. 35, p. 1-24, 2016.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa*. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RINKE, Stefan. ¿La última pasión verdadera? Historia del futbol en América Latina en el contexto global. *Iberoamericana*, VII (27), 2007.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

TAVARES, Davi Kiermes; COLVERO, Ronaldo Bernardino. *Ingleses no Brasil: Estilo de Viver, Estilo de Morrer*. Seminário de História da Arte , v. 5, p. 1-24-24, 2015.

WITTER, José Sebastião. *Futebol:* um fenômeno universal do século XX. Revista USP, São Paulo, n.58, p. 161-168, junho/agosto de 2003.

WITTER, José Sebastião; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Futebol e Cultura:* coletânea de estudos. Futebol: "unidade nacional". Ed.Convênio IMESP/DAESP, São Paulo, 1982.

33 | Da etnografia online à entrevista etnográfica: uma proposta metodológica para identificar o gremismo[1]

Hélio Sassen Paz[2]

A cultura de fãs de futebol

> "Some people believe football is a matter of life and death. I am very disappointed with that attitude. I can assure you it is much, much more important than that[3]" (SHANKLY).

A célebre frase do treinador mais importante da história do Liverpool F.C.[4] introduz o nosso objeto de pesquisa: a análise das relações atreladas à paixão pelo clube Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

Ao estabelecer uma análise que passe pela popularização do futebol, pelo imaginário gremista e pela conversação, discuto três eixos de investigação: o futebol como cultura, a metodologia de inspiração etnográfica e questões para as quais o relato pessoal dos fãs irá proporcionar respostas que ajudem a definir e a identificar o que significa o sentimento do gremismo.

Para fins deste trabalho, haverá um uso predominante do termo "fã de futebol" ao invés de "torcedor". Tal caracterização apresenta diferenças e semelhanças entre os fãs do futebol de alto rendimento[5] e os fãs de outros objetos da cultura pop, a partir da identificação de práticas sociais verificadas nos fãs de atrizes de Hollywood, de bandas de rock, de políticos, de clérigos, etc.

---

1 Trabalho apresentado no "Seminário Internacional Copa América 2019: esporte, mídia, identidades locais e globais" organizado pelo Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME) da Faculdade de Comunicação Social da UERJ em 10/04/2019 no Rio de Janeiro.

2 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) de São Leopoldo/RS. Integrante da linha de pesquisa "Cultura, Identidades e Cidadania" e do grupo de pesquisa Cultpop. Orientadora: profª dra. Adriana da Rosa Amaral.

3 "Some people believe football is a matter of life and death. I am very disappointed with that attitude. I can assure you it is much, much more important than that." (tradução nossa). Segundo matéria do jornal britânico Daily Mall, a veracidade das célebres frases do antigo técnico que iniciou a escalada do Liverpool F.C. rumo ao reconhecimento global está em gravações de antigas entrevistas concedidas pelo treinador escocês obtidas pelo jornal.

4 O Liverpool Football Club é uma agremiação futebolística tradicional da conhecida cidade portuária do noroeste da Inglaterra. Trata-se, hoje, de um dos clubes mais vitoriosos do planeta, com 18 títulos nacionais e cinco títulos europeus. Atingiu um grau de globalização que rivaliza com o de outras potências do esporte, conforme veremos a seguir. Disponível em: <http://www.liverpoolfc.com>. Acesso em: 05/11/2016.

5 Assim como os grandes shows de vários gêneros musicais e teatrais possuem expoentes de alcance global fartamente expostos na mídia para os quais convergem muitos fãs a fim de fruir de suas performances ao vivo, na especificidade do objeto-tema entendida como futebol masculino profissional de alto rendimento, há diferentes graus de importância entre clubes, jogadores, campeonatos, estádios e suas respectivas cidades. Em se tratando de fãs de um clube de alcance global devido ao alcance de suas conquistas, no Brasil e na América do Sul, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense é um clube de primeira linha devido às suas principais conquistas: campeão intercontinental de 1983 (torneio precursor do atual Mundial de Clubes da FIFA), três vezes campeão da Copa Libertadores em 1983, 1995 e 2017 (campeonato sul-americano de clubes), duas vezes campeão da Recopa Sul-Americana (1996 e 2018), duas vezes campeão brasileiro (1981 e 1996) e cinco vezes campeão da Copa do Brasil (1989, 1994, 1997, 2001 e 2016).

Assim como ocorre com outras modalidades de estudos de fãs, o futebol também sofre discriminação. Lacerda et al (2001), mencionam o preconceito profissional e científico contra temas relacionados à cultura de gosto das massas:

> O preconceito contra o jornalismo esportivo, pelo menos fora do meio acadêmico, acaba quando se pensa nos grandes profissionais brasileiros formados por essa área como Armando Nogueira, Mário Filho e tantos outros. Talvez seja a carência de estudos aprofundados e conclusivos sobre esse ramo jornalístico - que lida com a emoção, a informação, a opinião e a mobilização social numa outra perspectiva - que vem alimentando um mal-estar elitista, inexplicável , que permite a sobrevivência desse tipo resistência na academia. A teoria - se vista como ciência - tem pavor àquilo que ela não consegue compreender - e explicar - ainda que dentro das competências que sugere e tenta se autoaplicar.
>
> Dificuldade que extrapola as atividades esportivas. Quase tudo que se aplica ao cotidiano e gosto dessas maiorias - vistas como massa, à direita e à esquerda tem um tratamento amargo na esfera teórica e mesmo da (sic) acadêmica como espaço de formação humana e profissional (LACERDA et al., 2001, p.4).

Diferentes comportamentos e práticas não estão dissociados da vida como um todo. As aprendizagens obtidas em ambientes como os do trabalho, da família, da escola, da profissão e da religião envolvem a aplicação e a reflexão acerca de valores e crenças. Tanto o futebol faz parte de uma cultura social mais abrangente como também percebe-se consumo, performance, construção de narrativas e analogias com política, economia, religião, guerras, etc. para ajudar a explicar o futebol que – por sua vez – também envolve reivindicação política, inclusão, exclusão, economia, solidariedade, compartilhamento, notícias, publicidade, direito, engenharia, educação e medicina. Mais especificamente, toda cultura atravessa e é atravessada por aspectos socioeconômicos e simbólicos, que caracterizam e são caracterizados por subjetividades, consumo, materialidades, midiatização e fãs. Gastaldo (2001) traz uma breve digressão sobre a cultura:

> Vivemos em um mundo de significados. A interpretação que o ser humano faz da "realidade" (no sentido de "mundo exterior" à mente humana) é sempre mediada pela cultura. Se considerarmos a cultura de um dado grupo como os "significados compartilhados" pelos membros deste grupo (de acordo com as concepções de Hall, 1997 e Geertz, 1978), depreendemos que a "noção de realidade" de cada indivíduo é social e culturalmente construída, estando vinculada à significação atribuída a esta realidade pelo grupo ou sociedade em cujo contexto este indivíduo se insere (ver, neste sentido Berger e Luckmann, 1985). Os significados culturais organizam e regulam as práticas sociais, influe nciam a conduta dos sujeitos em um grupo social e, assim, têm efeitos práticos e reais. A produção de sentido/significado é também a produção de cultura, que permeia todas as instâncias de produção, consumo e controle social em qualquer sociedade, simples ou complexa, exprimindo também a produção/reprodução de uma relação de poder, na medida em que atribuir significados implica em "definir a realidade" (GASTALDO, 2001, pp. 1-2).

Futebol, cultura, identidade e questões de pesquisa

O futebol tornou-se popular porque proporcionava diversos tipos de emoções aos espectadores e atraía a atenção das massas, ao contrário dos esportes reconhecidamente aristocráticos, tais como: golfe, tiro esportivo, tiro com arco, esgrima e hipismo:

> Ao se tornar uma lucrativa e promissora indústria de entretenimento passivo para multidões, o futebol passou a aglutinar poderosos interesses comerciais que logo lhe atribuíram sentidos muito distintos daqueles associados a uma pedagogia "*mens sana in corpore sano*". O crescente público espectador (o exigente consumidor deste novo produto) almeja simultaneamente assistir a uma vibrante batalha campal, a uma atuação orquestrada da equipe e a uma exibição de habilidades no manejo da bola, o que somente se adquire com treinamento contínuo (individual e coletivo), e heróico esforço face à necessidade imperiosa de obter vitórias…
>
> …Com o advento do futebol-espetáculo, entra em cena um novo tipo de atleta, adestrado pois se dedica exclusivamente ao futebol, vivendo-o como profissão remunerada e socialmente cobiçada e que, por isso, encara cada partida como uma batalha. Estes novos protagonistas ajudarão a tornar o futebol uma verdadeira paixão popular na Inglaterra no final do século XIX. Algo que Eric Hobsbawn (1991, p. 262) classificou como uma espécie de "religião leiga da classe operária" (MASCARENHAS, 2001, p. 26)[6].

Os termos que destaco em negrito na citação acima envolvem afeto, performance e consumo – conceitos caros à Comunicação e aos Estudos de Fã.

DAMO (1999) entra no aspecto cultural da torcida, que evoca componentes da construção do mito do gaúcho (viril, contestador do poder central injusto e opressor, guerreiro, corajoso, acolhedor, orgulhoso e nacionalista) ou para colocar-se em uma posição de superioridade em relação àqueles que não partilham dos mesmos valores, ou como desculpa para quando o seu time perde.

Em uma breve análise dos valores expressados pelos fãs do Grêmio nas redes sociais digitais, entendo que o antropólogo considera que a especificidade do futebol gaúcho em oposição ao resto do país (sobretudo em relação à megalópole Rio-São Paulo) consiste na manifestação ufanista desses residuais míticos:

> Como linguagem, ele [o futebol] expressa as particularidades de cada estilo e permite, também, veicular mensagens que dizem respeito à esfera mais ampla da sociedade. O futebol não cria fatos novos, a não ser para si próprio. O que faz, enquanto um fórum polêmico e absorvente, habitado pelo êxtase do culto e do xingamento, é permitir que sejam expressos, coletivamente, determinados sentimentos acerca do "eu" e do "outro". Talvez porque não existam outros fóruns apropriados. Ou porque tais sentimentos devam ser expressos de uma maneira que só

6 Nossos grifos dentro da importante citação do autor demonstram uma característica do futebol que tem sido demonstrada pelos jogadores e exigida pelo público até a contemporaneidade, quase um século e meio depois.

> o futebol possibilita, na medida em que faz a “seriedade” passar por “brincadeira” (DAMO, 1999, p. 114).

O resgate antropológico acima apresenta uma identificação mais forte da ambiência futebolística do Rio Grande do Sul (origem do Grêmio) com a cultura, com o tipo de futebol praticado e com a performance dos fãs e dos jogadores platinos. Ela compõe o que JANOTTI JR. conceitua como comunidades de sentido:

> Agregações de indivíduos que compartilham interesses comuns; vivenciam determinados valores, gostos e afetos; privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados (JANOTTI JR., 2003, p.4).

Saliento, novamente, a questão da conversação, da discussão, do debate e do sentimento evocados pelo ato de torcer. A questão do confronto, que rompe o limite das quatro linhas via suporte apaixonado do fã ávido por uma conquista, parte não apenas do estádio, do bar, da sala de aula e do escritório: essa conversação circula pelas redes sociais digitais. Nelas, os gremistas também expressam o seu “eu”, quem somos “nós” e quem são “os outros”.

O futebol “gaúcho” “reproduz, em grande medida, os problemas que atingem outros segmentos “gaúchos”. Segundo o historiador Cesar Guazzelli:

> Genericamente, é possível constatar a presença difusa de um discurso que se articula em torno de uma “crise”, de uma “identidade” e de uma “nostalgia” – elementos discursivos que não são colocados necessariamente nesta ordem, mas que, invariavalmente, se encontram imbricados.
>
> A situação de “crise” é fundamental na conformação de um antagonismo entre o Rio Grande e seus interões longas. locutores. As “crises”, que impedem o bem-estar geral e o aproveitamento integral das potencialidades da terra e dos seus habitantes, são normalmente atribuídas a motivos externos ao Rio Grande, gerados no âmbito dos que se aproveitam dele e não retribuem os benefícios alcançados, o que muitas vezes é diretamente associado ao Estado nacional, controlado por “eles”.
>
> “Eles” são contrapostos a “nós”, o que exige a criação de uma “identidade” entre “nós”, possibilitando que crises específicas de setores localizados sejam vistas como “crises do Rio Grande”. Nesse sentido, foi fundamental a associação de todos os rio-grandenses à imagem do “gaúcho”, com as devidas transformações que sofreu em quase dois séculos. De um significado inicial, em fins do século XVIII, de fora-da-lei e pária social, “gaúcho” passou a identificar os peões da estâncias e, mais tarde, mercê de um longo processo no qual foram fundamentais os intelectuais, praticamente todos os rio-grandenses passam a ser identificados como “gaúchos”. E essa identidade de “nós, gaúchos” é posta em contradição a “eles”, que não são “gaúchos”.

> A “nostalgia” remete a esse passado no qual o Rio Grande fez valer a sua força contra os inimigos fronteiriços e em favor de uma entidade magna, o reino português ou o Império do Brasil, resgatando-se um papel de proa – sempre em referência ao presente de “crise” – como defensor primeiro da própria nacionalidade. À medida em que perde seu reconhecimento motivando a “nostalgia”, esta é usada para mobilizar a “identidade” de todos para o combate da “crise”. E, neste discurso “nostálgico”, ressurgem afirmações passadas da província contra o centro do País, como a guerra dos Farrapos, a Revolução de 30 – os cavalarianos atando os cavalos no obelisco do Rio de Janeiro – ou a Legalidade (GUAZZELLI, 2000, p. 22-23).

Em 2019, a maioria dos jogadores do Grêmio não é nativa do RS nem formada nas categorias de base do clube. Até que ponto isso é relevante para o imaginário do fã do ponto de vista identitário?

Em relação aos fãs que vivem muito longe do RS, qual será o grau de afetação dessa identidade gaúcha para os gremistas de Tangará da Serra/MT, que possuem uma sede própria com churrasqueira, mesas e cadeiras de bar, um *freezer* e uma TV por assinatura, onde 40 pessoas assistem aos jogos do time? Eles são filhos e netos de agricultores gaúchos que migraram para o Centro-Oeste na década de 1970 e que mantiveram os hábitos do chimarrão, do churrasco e a paixão pelo Grêmio numa comunidade de pelo menos 1.500 pessoas dentro dos cerca de 110.000 habitantes dessa cidade do sul do estado do Mato Grosso do Sul, situada a cerca de 2.000 Km a noroeste de Porto Alegre.

Esse fã desterritorializado mantém-se culturalmente ligado a um imaginário da vivência de seus antepassados, cimentado tanto pela tradição gaúcha quanto pelo gremismo. Nesse contexto, a desterritorialização gera um incessante jogo de distanciamento e de aproximação num espaço-tempo que oscila entre o vivenciado e o narrado por terceiros, onde o gremismo compõe uma comunidade de sentido.

Na contemporaneidade, a fragmentação daquele “eu” centrado (o homem moderno) apresenta uma mudança estrutural responsável pelo colapso das identidades modernas (HALL, 2011, p. 9), o gremismo não é uma unidade: ele é multifacetado e, assim, interpretado de forma subjetiva, onde cada fã atribui diferentes graus a uma série de quesitos que acredita comporem esse sentimento. Portanto, não busco encontrar nem definir “um” gremismo mas, sim, agregar diferentes percepções pelas quais cada subjetividade compreende o gremismo.

Como esses fãs de futebol (sujeitos *on/offline* ligados ao culto e à paixão ao Grêmio) definem o que é e quem é o gremista? Até onde esse fã se vê como indivíduo ou como parte de um coletivo? Até onde a tradição importa? Até que ponto o gremismo estimula ritualidades? O que faz esse fã romper com os valores tradicionais (HALL, 2011, p. 9-14)?

Qual o legado dos antepassados que agem como influenciadores do gremismo sobre os fãs da atualidade? Como suas vivências do gremismo são transmitidas adiante? Por que as famílias (e, em muitos casos, figuras patriarcais) constituem um componente social importante na formação do fã de futebol? Como se desenvolve a rivalidade a partir de narrativas individuais e coletivas dos fãs do Grêmio? Além

do gremismo, quais características os gremistas partilham junto aos demais fãs de futebol? Como eles apresentam evidências de outras culturas de fã (p. ex.: de super-heróis de política, de religião, de música, de coleções, de gastronomia, de turismo, de moda, etc.)?

Vinícius Andrade Pereira sobre a materialidade em Gumbrecht considera que "a cultura se caracteriza como uma realidade constituída por objetos e acoplagens entre sistemas (por exemplo, o sistema "humano" e os sistemas tecnológicos)" (FELINTO; ANDRADE PEREIRA, 2005, p. 79).

Metodologia de investigação do gremismo online no Twitter

É necessário entendermos as dinâmicas sociotécnicas e quais características os fãs do Grêmio apresentam em comum. Qual o ambiente possível de observar, salvar e documentar o sentimento desse fã? Sendo a pesquisa voltada às dinâmicas sociotécnicas que buscam encontrar o gremismo, a Comunicação como prática social não se dá somente face a face, nem é apenas mediada por meios massivos: é preciso analisar essas relações no ambiente online, a partir das interações em redes sociais digitais. É a partir desse monitoramento que irei identificar, descrever e justificar a qualificação de personagens cujas histórias de vida estão relacionadas à sua paixão pelo Grêmio para poder entrevistá-los.

Primeiro, irei mapear manifestações compartilhadas pelos fãs em função de fatos que envolvam o Grêmio ocorridos recentemente. Depois, observarei indícios de singularidades fornecidos pela representação identitária de cada gremista investigado acerca da afetação que a sua relação com o clube proporciona à sua vivência.

Para observar as conversações online, é preciso recortar, categorizar e organizar uma rede social digital por onde os gremistas e suas pautas circulam. Observa-se nessa rede a intensidade, a duração e a regularidade das discussões sobre um determinado tópico que envolva o Grêmio.

O Twitter foi escolhido por possibilitar uma leitura rápida de tópicos com um máximo de 256 caracteres e, eventualmente, fotos, GIFs animadas, memes e capturas de tela. A busca de assuntos via *hashtags* permite observar todos os *tweets* dos perfis aos quais sigo publicados na minha *timeline*. No Twitter, a incidência de *tweets* ocultados ou selecionados por um algoritmo mediador é muito menor do que no Facebook (a rede social digital mais utilizada).

Além disso, o Twitter apresenta-se não apenas como suporte ou como continente, mas também como conteúdo (ao qual dá forma e por onde circula): nesse sentido, Simone Pereira de Sá salienta que

> (…)Todo ato de comunicação exige um suporte material que exerce influência sobre a mensagem, e, portanto, o de que os meios de comunicação são elementos constitutivos das estruturas, da articulação e da circulação de sentido, imprimindo-se ainda nas relações que as pessoas mantêm com seus corpos, com sua consciência e com suas ações (PEREIRA DE SÁ, 2016, p. 52).

A condução da repercussão dos fatos, das histórias e dos debates é mais significativa do ponto de vista qualitativo, pois a construção coletiva e as opiniões mais compartilhadas em meio a essa narrativa configuram o conteúdo que circula por ambos os ambientes (digital e presencial).

BAYM (2010) traz um conjunto de pistas metodológicas para analisar a interação mediada por computador a partir das variações entre os diferentes tipos de interações digitais, que servem como pistas para teorizarmos a partir dos resultados obtidos a partir do nosso modelo de pesquisa exploratória:

– INTERATIVIDADE: social, técnica, textual, continuada (ao longo do tempo);

– ESTRUTURA TEMPORAL: síncrona ou assíncrona (de acordo com o uso);

– PISTAS SOCIAIS: informação de contextos, significados das mensagens e as identidades de quem interage. Verbal e não-verbal. Localização geográfica. Contextos relacionais;

– ARMAZENAMENTO: a memória humana para conversação é notoriamente pobre;

– REPLICABILIDADE: capacidade de replicar conteúdo;

– ALCANCE: audiência;

– MOBILIDADE: portabilidade, nomadismo, etc.

RODGERS (2013), por sua vez, cunhou o conceito *Digital Methods*, uma prática de pesquisa que aprenda com os métodos e dispositivos online, readapte-os e busque fundamentar afirmações sobre a mudança cultural em dados *web*, introduzindo o termo "fundamentação em dados online" (*online groundedness*) – em uma nítida apropriação da Teoria Fundamentada.

Ele salienta que a internet deve ser pensada como fonte e não como objeto de pesquisa e pergunta: como a internet nos auxilia a ter *insights* que seriam impossíveis de ser captados sem ela? Simone Pereira de Sá salienta que

> (…)Todo ato de comunicação exige um suporte material que exerce influência sobre a mensagem, e, portanto, o de que os meios de comunicação são elementos constitutivos das estruturas, da articulação e da circulação de sentido, imprimindo-se ainda nas relações que as pessoas mantêm com seus corpos, com sua consciência e com suas ações (PEREIRA DE SÁ, 2016, p. 52).

Na pesquisa de inspiração etnográfica, vários trabalhos passaram a tensionar se – de fato – haveria diferenças significativas para se diferenciar metodologicamente uma etnografia presencial em oposição a uma etnografia digital. Christine Hine, escreveu Digital Ethnography em 2000 e revisou o conceito em 2008. Em 2015, fala em uma etnografia que apresenta técnicas de apreensão mais adaptadas ao ambiente no qual os dados foram coletados, ainda que a pesquisa dificilmente restrinja-se ao online ou ao *offline*. No ano seguinte, *Pink* et al. Sintetizaram um conceito de etnografia inspirado em Hine da seguinte forma:

> A etnografia é um método de pesquisa iterativo-indutivo que vai sendo projetado através daquilo que os movimentos do objeto e da teoria vão trazendo ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Compõe a etnografia a tessitura de uma determinada família de métodos, que reconhece tanto o papel da teoria quanto o papel do próprio pesquisador, onde se enxerga os humanos parte como objetos, parte como sujeitos" (O'REILLY, 2005, *in* PINK et al., 2016, p.3)[7]

> Na etnografia digital, nós estamos em contato frequente com os participantes mais do que na presença direta… Nós devemos estar em conversação com as pessoas em seu cotidiano. Nós devemos observar o que as pessoas fazem digitalmente rastreando-as ou solicitando-lhes para nos convidar para as suas práticas nas mídias sociais. Ouvi-las consiste em lê-las – ou pode envolver senti-las e comunicarmo-nos com elas de outras maneiras. O relato etnográfico (isto é, o diário de campo por escrito) deve ser substituído pelo vídeo, pela fotografia e pelo *blogging* (HINE, 2015, p. 3).

Como referência, VIMIEIRO (2014) menciona as motivações de fãs do Clube Atlético Mineiro relacionadas à sua produtividade digital na construção de narrativas sobre o clube de uma maneira mais aberta, diversificada, emocional e criativa do que as notícias e a opinião jornalística tecnicamente "engessadas". Ela utilizou entrevistas em profundidade junto a blogueiros, YouTubbers e outros fãs.

Entrevista de inspiração etnográfica

Sendo a rede uma fonte e sendo o objeto um conjunto de indícios de valor, de performance e de gosto fornecidos pela fala dos entrevistados, uma observação prévia das conversações online no Twitter conduz a uma outra etapa da pesquisa: a entrevista etnográfica como forma de descrição de histórias de vida permeadas pela afetividade da qual o Grêmio funciona como um eixo importante para a sua constituição como sujeitos.

HALL (2011) legitima abstrações sobre lugares e um conjunto de hábitos comuns a quem compõe (e é composto por) esses lugares. Essa dinâmica social orienta a forma de nos relacionarmos entre nós e com o mundo conforme conseguimos vê-lo e vivenciá-lo a partir de nossas experiências e dos diferentes graus de crença que atribuímos – ou deixamos de atribuir – às referências mediadas sobre o que seria esse mundo e como seriam as pessoas. A identidade nos possibilita categorizar, comparar, relacionar e identificar a nós e aos outros, a partir do reconhecimento da identidade iluminista, da identidade moderna e da identidade pós-moderna, conforme mencionado anteriormente. Mas como método, não como um mero rótulo.

---

7 "Ethnography is: 'iterative–inductive research (that evolves in design through the study), drawing on a family of methods... that acknowledges the role of theory as well as the researcher's own role and that views humans as part object/part subject. In digital ethnography, we are often in mediated contact with participants rather than in direct presence. As the following chapters suggest, we might be in conversation with people throughout their everyday lives. We might be watching what people do by digitally tracking them, or asking them to invite us into their social media practices. Listening may involve reading, or it might involve sensing and communicating in other ways. Ethnographic writing might be replaced by video, photography or blogging." Tradução minha.

GARFINKEL (2011)8 contestou o enquadramento conceitual da ciência de inspiração estruturalista ao ponderar que os indivíduos medeiam e reinterpretam as regras internalizadas em sua sociedade ao invés de seguirem-nas naturalmente. Embora a vertente estruturalista da etnografia considere praticamente obrigatório seguir essas regras culturalmente internalizadas para manter o indivíduo integrado à uma determinada comunidade, Garfinkel entendia que a investigação sobre o senso comum fornece diferentes práticas em função das escolhas individuais acerca de quando e como seguir os cânones da cultura predominante. O senso comum desencaixa-se da normalidade a partir das controvérsias.

As demonstrações de gosto fornecem subsídios para a legitimação e para a graduação dos fãs. A Pragmática do Gosto em Hennion (2011) traz uma matriz metodológica de quatro elementos que pode ajudar a organizar as observações, digitais (observação, catalogação e seleção de manifestações *online* de gremistas como informantes para a entrevista) e presenciais (inspiração para estruturar as entrevistas etnográficas). Ei-los:

– **Objetos**: são entidades a serem provadas, que se revelam no e pelo trabalho do gosto, indissociáveis da atividade coletiva e histórica que faz deles objetos com os quais nos ligamos (p. 265). O objeto (música, futebol, cervejas artesanais, super-heróis...) serve de gancho para a intensa atividade dos amadores (apreciação, crítica, julgamento, classificação, pesquisa, provimento...), respondendo a seu apetite (aumentando-o mais do que satisfazendo-o). São, ao mesmo tempo, suportes e produtos de sua ligação: os objetos da temática amada (ídolo, artista, uniforme, cores, etc.) são inseparáveis da temática em si (música, futebol, o que quer que seja) como objeto de amor (p. 266);

– **Coletivos**: um mediador ou um conjunto de mediadores é determinante para a constituição do gosto de um amador, bem como para a dimensão dos métodos práticos utilizados para desenvolver esse gosto – seja para gostar, seja para desgostar de algo (p. 266). O gosto começa pela confrontação com o gosto dos outros: o coletivo não é verdade oculta do gosto, mas, sim, seu ponto de partida obrigatório. A mediação ou a imitação dos outros é que irá determinar o gosto ao longo do tempo. O gosto é uma história determinada por um passado, mas que também é negociação no presente, com aquele passado que pode e deve ser deixado para trás (p. 267). Por exemplo: a recordação do passado do próprio Grêmio ainda que ridicularizando-o (uma espécie de negação da tradição) quando lembramos dos piores jogadores que já tivemos ou quando rimos da nossa própria desgraça ao mencionarmos derrotas retumbantes ou os rebaixamentos à Série B do Brasileirão em 1991 e em 2004 pode tanto ser uma forma de chiste entre gremistas como uma prática *hater* dos fãs do Sport Club Internacional, o grande rival local.

– **Dispositivos**: eis o questionamento sistemático de todos os meios, suportes, objetos e dispositivos do futebol que determinam o grau de sofisticação, de alcance e de possibilidade de repercussão para um número maior ou menor de fãs. Esses dispositivos são a mídia, o tamanho do estádio, a qualidade do gramado, o alcance geopolítico do campeonato em questão, se a maioria dos fãs presentes utiliza uniformes oficiais ou piratas e assim sucessivamente. Os dispositivos constituem

8 O capítulo 2 do livro de 1996 de Garfinkel onde o autor discute sua visão da etnometodologia foi traduzido em 2011 na revista Teoria e Cultura, editada pela UFJF.

uma imagem do gosto como performance realizada através de uma procissão de mediações. O gosto assim define-se como uma atividade altamente equipada, instrumentalizada, situada e coletiva (p. 268);

– **Corpo**: trata-se da coprodução do corpo que gosta e do objeto cultuado pelo fã através de uma atividade coletiva e instrumentalizada. O corpo também é um desconhecido que precisa surgir-se e revelar-se (p. 268). É preciso vestir a camisa do Grêmio em casa diante da TV e no estádio, pois, uma vez vestido "com as roupas e as armas de Jorge", os meus gestos, o meu nervosismo, o meu envolvimento, os meus gritos de guerra, os meus cânticos, as minhas ofensas, o meu apoio, o meu ritual e o meu consumo farão parte de um coletivo corporificado, entendido como uma força a mais que a torcida dá para o time superar suas próprias adversidades, assim como cada carrinho, cada lançamento, cada drible, cada defesa e cada gol do seu próprio time torna o nosso corpo mais aguerrido, bravo e capaz. No estádio, são as dramatizações, as expressões de euforia e de depressão, a raiva e a esperança, a celebração e a vontade de jogar junto com os jogadores expressada nos cânticos, nas coreografias, no papel picado, nas bandeiras, nas faixas e no pó colorido. Nós treinamos e evoluímos em termos de performance na celebração e na frustração.

A reflexividade sobre um determinado domínio do gosto certamente presume uma observação das tensões que envolvem esse domínio do gosto em direção a uma generalidade, onde os amadores o sustentam e o tensionam por meio de críticas, guias, relatos, prescrições, normas, debates sobre o que deve ou não ser feito e formas diversas de discursos autodescritivos (HENNION, 2011, p. 261): encontro aqui uma pista sobre a observação dos elementos que o fã critica sobre o clube, bem como na formação de consensos e dissensos acerca daquilo que gostaria ou não de ver representado na sua paixão.

Epistemologicamente falando, Hennion busca encontrar uma métrica coerente (independentemente do fato de que esta venha a ser quantitativa ou qualitativa, apesar de ele criticar a ciência que se esconde por trás dos números) nas relações entre os seres povoando o espaço a ser observado. Ainda, salienta que é preciso perguntar, de maneira reflexiva, a partir da experiência dos amadores, sobre como se formam essas relações e sobre o que elas mudam nos seres. Retorna aqui a preocupação de Garfinkel com a autonomia do indivíduo perante as normas sociais.

Em relação às dimensões dos dispositivos e do corpo, os lugares que constituem o Grêmio como materialidades (isto é, como os objetos comunicam-se entre si, para com os outros e como interagem e despertam sentimentos para e nos próprios gremistas) representam – na teoria de GUMBRECHT (2010) – a complementação entre sentido e presença partir da experiência estética, onde cores, objetos e sons presentificam uma determinada condição, sentimento, pessoa e/ou objeto a partir de um determinado conjunto de interações entre pessoas e objetos, atribuindo, transformando e rememorando os significados a partir dessa natureza de interações. Isso posto, entendo que a abordagem das Materialidades na Comunicação em Gumbrecht está relacionada aos suportes, às modalidades e à dimensão do significado. Trata-se de uma abordagem complementar à da significação. Dar atenção ao som como som, ao gesto corporal como gesto corporal. Não concorre com nem

discorda da semiótica e tampouco da análise do discurso. Ela as complementa: o que se pode fazer com uma caneta sem pensar nas palavras que podem ser escritas com ela?

O que são todos aqueles atributos relacionados ao Grêmio senão experiências estéticas? A convergência ao estádio, ao bar, à TV; as superstições, as companhias, o lugar de sentar, o momento específico de beber cerveja, qual camiseta, chapéu, agasalho, manta vestir? Como e por que expressar a sua presença *online*? Como performar a sua forma de torcer? Todas essas observações remetem a uma pesquisa exploratória de inspiração etnográfica. Conforme mencionado por AMARAL; FRAGOSO; RECUERO (2011):

> São muitas as definições de etnografia encontradas na literatura, seja ela como método ou como produto resultante de uma pesquisa (relatório, narrativa). Uma definição que nos dá uma perspectiva didática sobre a etnografia é a de Angrosino (2009): "A etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças" (Angrosino, 2009, p. 30). Compreendemos estudos de inspiração etnográfica como aqueles que não o utilizam como metodologia, mas apenas como narrativa ou que se utilizam de partes dos procedimentos etnográficos de pesquisa mas não chegam a ir a campo, porém, podem incorporar protocolos metodológicos e práticas de narrativa como histórias de vida, biografias ou documentos para compor a análise dos dados (AMARAL; FRAGOSO; RECUERO, 2011, p. 168).

Contudo, assim como já observamos na questão do imaginário gauchesco embutido na forma de ser fã (ou de "torcer") observadas por Damo e por Guazzelli (v. p.), o lado mítico da cultura de fã também exige que trazer para a discussão a vertente inicial da Cultura, que a considera como algo fortemente vinculado à experiência espiritual em seu sentido religioso.

GRUBER (2011) diz que a não-diretividade se baseia no pressuposto de que "aquilo que pertence à ordem do afeto é o que há de mais profundo, mais significativo e mais determinante dos comportamentos do que o comportamento intelectualizado do investigador. (p. 74). Obtém-se, aí, manifestações da ordem da experiência do informante. Assim, o pesquisador conseguirá dar conta do que o entrevistado deseja e consegue expressar, vindos de referenciais de vida tão distintos. Traduzir, captar o sentido e gerar empatia: eis como chegar até o modo de construção de afeto e de memória desse fã. Essa escuta, assim como a etnografia, exige o cuidado de o pesquisador evitar teorizações prévias sobre um observável.

A aplicação desse tipo de método requer do pesquisador o esforço de procurar evitar teorizar de antemão acerca da narrativa do entrevistado, dando a este uma maior liberdade, sem interferências capazes de colocá-lo em uma posição defensiva. Gruber (2011) também advertiu rumo a esse cuidado.

É a partir da observação dos relatos de vida e da observação dos gestos de cada informante (isto é, da performance do fã como expressão e representação desse self) que se estabelece o contato junto ao pesquisador.

Referências bibliográficas

AMARAL, A., FRAGOSO, S. e RECUERO R. *Métodos de Pesquisa Para Internet.* Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

BAYM, Nancy K. *Personal connections in the Digital Age.* Digital Media and Society series. Reino Unido: Polity Press, 2010.

BILL SHANKLY: The top 10 quotes of a Liverpool legend 50 years to the day since he took over. *Mail Online*, 01 dez. 2009. Football. Disponível em: https://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-1232318/Bill-Shankly-The-quotes-Liverpool-legend-50-years-day-took-over.html#ixzz4Pu0pUs6k. Acesso em: 15 fev. 2019.

DAMO, Arlei S. *Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, vol. 13, nº 23, 1999, p. 87-117. GARFINKEL, H. *Estudos dos fundamentos rotineiros das atividades cotidianas*. Tradução: Paulo Cortes Gago e Raul Francisco Magalhães. Juiz de Fora: Teoria e Cultura. v. 6, nºs 1 e 2, pp. 113 a 142, jan./dez/ 2011.

GASTALDO, Edison Luis. *Narrando o Fracasso: a locução esportiva na final da Copa do Mundo de 1998*. In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 2001, Campo Grande. Anais…, Campo Grande: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001.

GRUBER, Rosana. *La Etnografía: método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

GUAZZELLI, Cesar A. B. *500 Anos de Brasil, 100 Anos de Futebol Gaúcho: construção da "província de chuteiras*". *In* Anos 90 – Revista de História da UFRGS, nº 13, jul. 2000. Porto Alegre: EDUFRGS, 20 p. 21-50, 2000.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. cap. 1 (p. 7-22); Cap. 4, 5 e 6 (p. 283-372).

HENNION, Antoine. *Pragmática do Gosto*. In: Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, no 8, jan/jul, 2011. Rio de Janeiro: Desigualdade & Diversidade, 2011 (p. 253-277).

HINE, Christine. *Ethnography for The Internet:embedded, embodied and everyday.* Reino Unido: Bloombury, 2015.

JANOTTI JR, Jeder. *Mídia e Cultura Juvenil: das comunidades de sentido e dos grupamentos urbanos.* In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 12, 2003, Recife. Anais, Recife: Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2003. 1 CD.Rom.

_____. *Cultura Pop: entre o popular e a distinção*. In: Cultura Pop. Simone Pereira de Sá, Rodrigo Carreiro, Rogério Ferraz (Orgs.). Salvador: EDUFBA, 2015. Brasília: COMPÓS, 2015 (p. 46-57).

LACERDA et al. *O Gol, o Jornalismo e os Preceitos da Academia: um casamento regido pela emoção e o incompreensível*. In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 2001, Campo Grande. Anais…, Campo Grande: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. *A Febre do Futebol: gênese e difusão planetária de uma inovação*. In: A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: por uma Geografia do Futebol e de seu Advento no Rio Grande do Sul. Tese de doutorado, USP, 2001, p. 12-52.

PEREIRA DE SÁ, Simone. *Somos Todos Fãs e Haters? Cultura Pop, Afetos e Performance de Gosto nos Sites de Redes Sociais*. In: Revista Eco-Pós, v. 19, n. 3, 2016. Rio de Janeiro: Eco-Pós, 2016. Págs. 50-67.

PINK et al. *Digital Etnography: principles and practice.* Londres, Reino Unido: Sage Publications Ltd., 2016, p.3.

RODGERS, Richard. *Digital Methods*. Estados Unidos: MIT Press, 2013.

VIMIEIRO, Ana Carolina. *A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens*. In: Revista Contracampo, v. 31, n. 1 , ed. dezembro-março ano 2014. Niterói: Contracampo, 2014. Pág: 23-59.

Sobre os organizadores

Ronaldo George Helal

Doutor em Sociologia pela New York University. Desenvolveu estágio pós-doutoral na Universidad de Buenos Aires. Professor Titular do Departamento de Teoria da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Líder do grupo de pesquisa Esporte e Cultura e coordenador do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME). Pesquisador do CNPq.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7688-3925

Leda Maria da Costa

Pós-doutora, doutora em Literatura Comparada e mestre em Letras pela UERJ. Professora visitante do Departamento de Teoria da Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e professora adjunta do Centro Universitário Carioca (Unicarioca). Pesquisadora no Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME).

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8168-3146

Carol Fontenelle

Doutoranda e mestra em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora, com vasta experiência na área de Gestão e na Educação Básica. Possui ainda MBA em Gestão Estratégica e pós-graduação em Marketing. É pesquisadora do LEME - Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte da UERJ.

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1064-9914

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Livro digital

outono 2021